

Artigos

Getúlio Vargas Zauza

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 31/08/1974

Título : Uma absurda discriminação contra os Cursos de Economia Doméstica e Educação para o Lar

Categoria: Artigos

Descrição: Pois esse curso prepara-as para as mais importantes tarefas da vida: ser dona de casa, esposa, e mãe, o que pouca gente sabe fazer hoje em dia.

Uma absurda discriminação contra os Cursos de Economia Doméstica e Educação para o Lar

Há absurdos diante dos quais seria extrema covardia permanecer calado. Um destes é a discriminação contra determinadas profissões.

Existe na ainda hoje no Brasil certa mentalidade extremamente daninha. É a de valorizar apenas as profissões exercidas por aqueles que ostentam os pomposos títulos de "Doutor".

Neste sentido cometeu-se e se continua a cometer uma tremenda injustiça para com outras profissões, as quais em realidade talvez sejam bem mais essenciais que aquelas muito valorizadas.

Ainda há muita gente que se rasga ao meio para conseguir um título de "Doutor", para depois viver o resto da exercendo outra atividade completamente alheia ao seu doutorado". Mas a "necessidade" de "status social" assim o exige.

Até antes de 1960 (ano de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) aqueles jovens que cursavam as escolas Técnicas (Comerciais, Industriais, Agrícolas e Normais) estavam legalmente impedidos de ingressar na Universidade, a menos que se submetessem ao hediondo e discriminatório exame de adaptação.

Reinava ainda uma mentalidade não menos tacanha de preconceitos contra os cursos profissionais. Era dito na época, que tais cursos não serviam para os filhos da "gente bem", que evidentemente almejava para seus rebentos um brilhante anel de "doutor" no dedo, mesmo que esse anel representasse em peso apenas a milésima parte da ignorância hereditária da qual seu portador era depositário.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ficou mais uma vez provado que a lei não consegue degenerar de todo o homem, muito menos consegue endireitar alguma coisa nas cucas vazias dos homens.

Hoje, tantos anos depois da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, continua a mesma mediocridade de antes, com a hedionda e absurda discriminação com relação aos cursos e profissões.

A discriminação contra aqueles que procuravam cursos profissionais não poderia ser mais repugnante a qualquer mente sadia. Pois como entender que aqueles jovens que freqüentavam Escolas Profissionais e que com seus 18 e 20 anos da idade já iriam se incorporar ao contingente de brasileiros que sustentam uma nação com o trabalho de suas inteligências que expressas na ação concreta de suas mãos pudessem ser consideradas de menos valor do que aqueles "doutores" que na grande parte das vezes acabam consumindo seus dias e mesmo sendo consumidos e roídos pelos carunchos de uma repartição pública junto com seus bolorentos papeis.

Existe também o preconceito contra as profissões a que chamamos primarias: as funções exercidas pela mulher no lar por exemplo. Mas façamos a nós mesmo a pergunta: existira função mais importante do que aquela exercida por uma mãe? Quando cuida de seus filhos, embelezando a casa transformando-a em ambiente agradável à vista, à alma e ao espírito?

Na hora de deleitar-se com a comida saborosa e saudável, com as boas guloseimas, de gozar o conforto de um lar tranqüilo e acolhedor, todo mundo gosta, mas em geral, não se pensa fora daí, que para isso foi necessário muito esforço, muita dedicação e um longo aprendizado.

Antes tempo esse aprendizado era realizado pelas meninas e pelas moças ao lado da mãe na realização de tarefas domésticas.

As coisas mudaram e hoje quase não existem mais mães que queiram ou possam dedicar-se aos afazeres do lar e ao ensino das filhas.

O resultado é que as moças muitas vezes não sabem nem fazer bolinhos fritos, quanto mais outras prendas tão agradáveis ou gostosas. Muito menos cuidar de seus filhos, que aliás desde que nascem são entregues as empregadas.

Estou falando de que ainda pode ter empregada, enquanto existem empregadas, por que aqueles que não podem tê-las para se desresponsabilizarem se seus filhos, entregam-nos a própria sorte (ou azar).

Neste mundo de coisas técnicas, e outras absurdidades, pensei que uma vez surgiria um oásis quando criaram os cursos de economia doméstica. Pensei que muita gente que se pensava importante fosse valorizar esse curso de nível médio, agora 2º grau.

Infelizmente me enganei. O que aconteceu foi uma absurda discriminação feita, pelo que se sabe até por “autoridades educacionais”, inclusive quanto a nível salarial no próprio magistério.

As jovens que freqüentam esses cursos de 2º grau se queixam, e com razão, de serem marginalizadas dentro da própria escola, como se elas não estudassem o mesmo currículo básico dos outros cursos.

Por que razão um eletricista, um auxiliar de adubação, um protético ou qualquer outro que seja, deveria ser julgado superior, melhor a alguém que estudou prendas do lar.

Pois olhem, que se há alguém que eu possa considerar superior, insubstituível, seria exatamente a verdadeira dona de casa, a mãe verdadeira, não aquela que pariu os filhos, mas aquela que os gera, cuida, educa, acalenta, da qual nos lembramos e sentimos saudades por toda nossa vida.

Superioridade existe em quem realiza as tarefas mais simples e humildes, porem indispensáveis, como as do lar.

Como ia dizendo antes, o curso que prepara as moças para os afazeres do lar, é no meu entender, aquele curso que as moças, todas deveriam fazer e assim sentirem-se orgulhosas de fazê-lo. Pois esse curso prepara-as para as mais importantes tarefas da vida: ser dona de casa, esposa, e mãe, o que pouca gente sabe fazer hoje em dia.

Sábado dia 11 do corrente, tive o prazer de participar de uma janta preparada pelas interessadas, prestimosas, inteligentes e preparada pelas jovens do Curso de Economia Doméstica do “Cecy Leite Costa” que La estavam assistidas pela incansável professora Gessy.

Fiquei deveras encantado com a competência, a gentileza e amabilidade dessas jovens, que certamente terão sucesso, Deus as ajudará nisso certamente, porque elas se preparam para saber fazer aquilo que todas as moças deveriam saber, antes de mais nada, ser dona de casa, realizar a humilde mas a mais nobre das tarefas.

Devemos ter consciência desse fato: é sobre essas tarefas, simples, humildes, despretensiosas, que se alicerça toda a nossa vida biológica, afetiva e espiritual. Onde falhar o lar, falhará a sociedade, a nação o mundo. É especialmente da competência da mãe que depende o destino da humanidade.

Por conseguinte essas jovens devem sentir-se orgulhosas do que estão fazendo, do que estão aprendendo e do que poderão dar ao mundo.

A humanidade necessita mais de bom e saboroso alimento para o corpo, de carinho e afeto para a alma, do que do produto das mentes intelectuais, pois nenhum feito da ciência poderá substituir um único afago.

Parabéns jovens do Curso de Economia Doméstica, alunas e professoras, vocês um dia ainda receberão o reconhecimento de todos.

Mesmo que vocês venham a formar-se em outros cursos superiores o que poderá ser muito bom, embora não necessário tenho certeza que vocês serão boas esposas e boas mães e que nunca abandonarão seus filhos às empregadas ou babás.

Vocês nunca deixarão de aplicar aquilo que com carinho e dedicação vocês aprenderam.

Vocês levarão para seus futuros lares aquele olhar cheio de meiguice, aquele sorriso aberto e realmente amável, aquela solicitude, aquela gentileza soberanas de quem escolheu ser mulher para ser mulher e boa.

Quero estender as dedicadas professora desse curso e às futuras professoras que estão na Universidade se preparando para dar continuidade a essa nobre missão de ensinar o que é mais importante de tudo: ser dona de casa, mãe, esposa, enfim ser MULHER.

Vocês professoras merecem o nosso mais elevado e profundo respeito e reconhecimento.

Mais uma vez, PARABÊNS por terem escolhido esse curso!

A vocês que além de estudarem tudo aquilo que os outros professores estudam, estudam ainda como satisfazer com arte e ciência as mais importantes das necessidades humanas: alimento para o corpo e para nossa vida de sentimento levamos nossa profunda gratidão.

Data : 28/08/1975

Título : Nossas crianças e nossos jovens são felizes?

Categoria: Artigos

Descrição: Estou falando das lembranças das corridas da piazada, corridas de cancha reta imitando as carreiras dos parreiros

Nossas crianças e nossos jovens são felizes?

Hoje estou fazendo algo que venho pensando há bastante tempo. Estou escrevendo para meus leitores que se não são muitos, tenho a certeza de que serão bons, isto a julgar pelos poucos que tenho a alegria de conhecer.

Sei que são pessoas sensíveis e inteligentes, capazes de ir adiante daquilo que dizemos. É por causa disso que continuo, sempre que tenho um tempinho rabiscando as ideias, que não são somente minhas, pois sempre que dizemos algo certo e que encontra eco na consciência e no coração de quem nos lê ou escuta, é porque esta ideia já estava prestes a desabrochar em sua consciência. Nós apenas abreviamos o processo.

Tenho certeza de que também com isso que vou falar hoje se dá o mesmo. Sei que esta ideia esta quase pronta para desabrochar. Vamos abreviar o processo!

O leitor lembra que era criança (você hoje esta com mais de 30 anos) e depois, de quando era jovem e adolescente? Pode ser que tenha deixado essas lembranças se obscurecem na fumaça da poluição e ensurdecer sob o ruído das maquinas do progresso ou se ocultam atrás das grandes preocupações do homem de negócios, que deseja garantir um bom patrimônio para seus jovens filhos crianças ou adolescentes.

De que lembranças estou falando? Daquelas mais simples. Do brinquedo de “cabra-cega”, das rodas de ciranda nas calçadas ao anoitecer, enquanto nossos pais tomavam chimarrão conversando com os vizinhos, enquanto as ruas eram feitas para a gente andar como gente e não como máquina que vai ser esmagada por outra máquina.

Estou falando das lembranças das corridas da piazada, corridas de cancha reta imitando as carreiras dos parreiros, das peladas nos campinhos e nos terrenos baldios, que naquele tempo nem eram áreas proibidas ou cheias de lixo como hoje. Estou falando das lembranças dos banhos fugidos, a hora da saída da escola, nos riachos e nos açudes que na época ainda não eram águas poluídas, morta, venenosa como agora. Enfim, falo das lembranças das coisas boas, que como piá ou rapazito, o leitor fazia e depois voltava para casa, cansado e cheio de alegria, tendo empregado suas energias em todas essas coisas gostosas e inocentes, exercitando seus músculos, seus pulmões e muitas vezes sua coragem, num aprendizado natural e agradável.

Acredito que agora o leitor, que é pessoa sensível e inteligente, já percebeu onde quero chegar.

É isso mesmo! Estou pensando nos seus filhos, nos seus netos.

Será que eles têm a mesma oportunidade? Será que eles poderão ter lembranças tão gostosas como você?

Penso nas crianças e nos jovens encerrados num apartamento, onde nada podem fazer. Não podem fazer barulho, porque incomoda os mais velhos e os vizinhos. Não podem mexer em nada porque derrubam ou quebram.

É isso. Penso nos seus filhos e netos que não tem calçadas e nem terrenos baldios, nem pátios para brincar, nem ruas para andar sem perigo iminente de ser esmagado por uma máquina.

Eles estão condenados a inércia diante de uma televisão com programas abaixo da crítica.

E pensando nisso tudo eu me pergunto: o que a criança e jovem poderão fazer de sua energia?

Caro leitor! Você já deve estar pensando adiante do que esta lendo. É claro! Você já esta pensando em uma solução. Como não podemos reconstituir as condições do passado. Você já deve estar pensando, por exemplo, que os clubes deveriam oferecer mais do que bailes e piscinas ociosas usadas só para banhar preguiça dos que se dão bem com a água: deveriam oferecer mais do que um ponto de reunião , de conversas e aperitivos para as coroas e essas outras coisitas mais que você conhece melhor que eu.

Estou certo de que você estará pensando que os clubes podem, devem organizar e oferecer um sistema de recreação dirigida, esportes dos mais variados tipos, atividades culturais tais como grupos de teatro, corais, e tanta coisa que manteria esses nossos maravilhosos jovens e crianças que estão a espera de nosso apoio, da nossa orientação, da nossa amizade, do nosso amor, ocupados em atividades que lhe permitam desenvolver mais as suas potencialidades e serem melhores e mais capazes adultos.

Você vai confirmar às crianças e jovens a confiança que eles precisam ter em você não é verdade? Afinal temos toda uma juventude entusiasmada que quer fazer alguma coisa de bom.

Os jovens professores de Educação Física, por exemplo, podem fazer muito mais do que dar aulas nos colégios.

Vamos oferecer algo mais àqueles que dizem serem o futuro do Brasil!

Eles estão a espera do nosso SIM às suas necessidades e aspirações mais legítimas e justas.

Data : 05/09/1975

Título : Por que a Escola para Excepcional?

Categoria: Artigos

Descrição: Queremos falar é dessa criança que não tem condição de aprender: o excepcional infradotado.

Por que a Escola para Excepcional?

Uma criança excepcional é aquela que para educar torna-se necessário recursos especiais, seja por que ela é muito inteligente, seja porque não tem capacidade de aprender como uma criança normal.

Queremos falar é dessa criança que não tem condição de aprender: o excepcional infradotado.

Os pais que se dão conta de que seu filho não é como os outros, geralmente se desesperam, resulta daí duas atitudes:

- 1) uns pais rejeitam o filho e o ignoram.
- 2) outros procuram ignorar a realidade e continuam tendo esperanças que na maioria das vezes não poderão realizar-se.

O primeiro grupo daqueles que rejeitam a criança é extremamente difícil de trabalhar com eles. Eles não atendem aos apelos da escola. Eles fogem não querem enfrentar a realidade.

Esses pais necessitam muito do auxílio das pessoas que lhe ajudem a compreender e adiantar os fatos e que sua criança necessita e merece cuidados, dedicação e amor como as crianças normais.

Nossa dificuldade é trazê-los a escola para conversarem conosco.

Quando eles conseguem vencer essa barreira que parece má vontade, mas que no fundo é desgosto desânimo e falta de compreensão, eles vêm a ser pais amorosos e colaboradores, aceitando o pouco que a criança pode desenvolver-se, de muito bom coração.

O segundo grupo, aquele que ignora a realidade e mantém esperanças sobre a recuperação do filho, é o grupo mais difícil, porque a ansiedade deles contagia os professores e estes também entram em ansiedade. Esses pais como os outros necessitam de orientação.

Esta orientação só pode ser dada pelos professores de excepcionais, pelo psicólogo, pelo assistente social e médico, que se dedicam aos trabalhos com o excepcional na Escola.

A criança pode ter deficiência de vários níveis, desde leve deficiência até graus profundos. O que ela poderá aprender dependerá desse grau de deficiência. Mas por menos que ela possa aprender, sempre alguma coisa se conseguirá com ela.

A escola especial é o local onde ela deve ser atendida, não porque a criança deve ser atendida.

Ela deve aprender tudo o que suas potencialidades permitem, e é na escola especial onde trabalham pessoas com conhecimento ou especializados que a criança especial deve ser atendida.

A criança excepcional deve receber assistência pedagógica e médica. Embora a assistência médica seja absolutamente necessária sozinha não é suficiente, como querem alguns especialistas que orientam mal e as vezes até desorientam os pais.

Há coisas que uma criança precisa aprender que são absolutamente necessárias, como hábito de higiene, disciplina, ordem, colaboração, este que só é possível em uma escola.

Não adianta massacrar uma criança excepcional com exercícios de fisioterapia todos os dias, também não adianta encharcá-la com medicamentos. Tudo isso parece ser aconselhável e útil, mas não deve ser feito só isso. A criança deve ir a Escola Especial.

A Escola Especial é exatamente o recurso que deve ser procurado em primeiro lugar. As professoras de excepcional sabem indicar os recursos adequados, mesmo quando a escola não dispunha de médico é psicólogo.

No caso das Escolas Especiais de Campo Real e Carazinho, contamos com a colaboração desses dois técnicos.

Para finalizar queremos levar nossa mensagem:

AOS PAIS – Vocês tem um filho que não consegue aprender, um filho que sofreu paralisia cerebral, ou que não houve ou que não vê, venham conversar conosco na **ESCOLA ESPECIAL**.

AOS PROFESSORES: vocês conhecem crianças nessas condições? Encaminhem-nas para as escolas especiais, qualquer que seja a idade.

AO POVO: ajudem a ajudar as crianças excepcionais. Visitem, leiam artigos, visitem as escolas, para ver para saber como é feito o trabalho e o que é conseguido com essas crianças.

Visitem e verão como as crianças excepcionais são felizes na escola.

Data : 19/09/1975

Título : Proteção da Natureza e Equilíbrio Emocional

Categoria: Artigos

Descrição: o problema da proteção ou da destruição do meio ambiente não é algo isolado do comportamento neurótico...

Proteção da Natureza e Equilíbrio Emocional

Queremos fazer deste escrito, além de uma informação aos leitores, uma homenagem a D. Pedro II, esse homem que tanto amou e tanto bem fez ao Brasil, agora, quando se prepara a mais justa homenagem pelo transcurso dos 150 anos do seu nascimento.

Por que homenagear D. Pedro II dentro do tema acima proposto? Justamente porque a ele devemos o mais perfeito trabalho de reflorestamento realizado nos morros do Rio de Janeiro, que reconstitui as condições naturais.

Não é sem motivos, portanto, que D. Pedro II tenha sido chamado o “Imperador Sábio”. Ele era realmente um homem bom, equilibrado e dono de uma grande sabedoria, que lhe permitia entender que a vida não se termina conosco e que as gerações futuras merecem a nossa consideração e que devemos proteger os bens que Deus nos deu e a Natureza gera.

Agora o leitor poderá perguntar: que interesse pode ter isso a um Psicólogo Clínico, que passa os seus dias ajudando pessoas a se livrarem de suas dificuldades psicológicas?

A questão é que nos interessa tudo quanto pode exercer influência sobre o comportamento do ser humano e tudo quanto é influência que o ser humano pode exercer sobre a natureza ou seja, sobre o mundo que o cerca. Além disso, o problema da proteção ou da destruição do meio ambiente não é algo isolado do comportamento neurótico. Uma coisa até tem muito a ver com a outra, pois se não é certo afirmar que a desnutrição do meio ambiente é o fator gerador de neuroses, pode-se no entanto afirmar que ela contribui para tal. Mais certo ainda, é afirmar: é em função de um comportamento neurótico que o meio ambiente vem sendo sistematicamente destruído.

É característico do comportamento neurótico, o tratamento inadequado, não objetivo, dos problemas, quer sejam eles, psicológicos, sociais, econômicos, ou outros quaisquer.

Toda a agressividade denota sempre desequilíbrio, seja ela dirigida para outras pessoas, para objetos ou contra si próprio.

Existem raízes psicológicas profundas que explicam todos os atos humanos. Existe explicação com base na vida psíquica, para a atividade destruidora que o homem exerce na natureza.

Destruir a natureza é, por extensão, um processo de auto-destruição. Há um complexo básico que leva o ser humano a esse tipo de comportamento doentio de perpetrar o crime contra a humanidade.

Além destas causas do processo de destruição das condições de vida para a humanidade, devemos saber que não basta evitar que se continue destruindo o meio ambiente, é necessário reconstruir os habitats naturais, para que re-estabeleça as condições de equilíbrio ecológico, pois o mero plantio de qualquer tipo de árvores pode ser útil do ponto de vista econômico imediato e do ponto de vista o regime de chuvas, mas nunca satisfatório do ponto de vista ecológico.

A recriação dos ambientes deve ter em conta a inter-relação e interdependência dos animais silvestres entre si, dos animais e plantas, das plantas e solo, do solo e animais e tudo isto com as condições climáticas, tais como regime de chuvas, umidade do ar, temperatura, etc.

Ora, sabemos que a vida aparentemente simples de um inseto ou de um pássaro, na verdade são fatos complicados e dependentes de uma infinidade de outras condições.

Assim sendo, quando se pensa em reflorestamento como meio de recriar ambientes, tornar-se necessário saber qual era a flora anteriormente existente no local, pois há uma íntima relação das plantas entre si e delas com a fauna, com o tipo de solo e condições climáticas.

Data : 21/11/1975

Título : Futuro: Poesia e Liberdade

Categoria: Artigos

Descrição: A região de consciência em que vive o poeta, será talvez comparável com aquela em que vivem músico a pensador.

Futuro: Poesia e Liberdade

A região de consciência em que vive o poeta, será talvez comparável com aquela em que vivem músico a pensador. Nomes, palavras, sons e símbolos, são apenas instrumentos para indicar aos homens, sobre aquilo que para eles são coisas mais evidentes e reais do que tudo quanto é existente no mundo dos sentidos e do sentimento.

Esta explicação é absolutamente desnecessária para eles. No entanto quando se quer comunicar-se com aqueles que ainda não estão familiarizados com estes domínios, torna-se necessário dar explicações, apesar da dificuldade em isto ser entendido. Cada domínio da vida só se torna compreensível quando nós o vivenciamos.

As pessoas que ainda não desenvolveram o pensar e vivem só na esfera do sentir, podem perceber apenas os seus próprios sentimentos e os projetam sobre os outros e têm a impressão de que tais sentimentos são alheios e não seus.

Todavia, quem julga com o sentimento, na verdade está julgando a si mesmo, sem, no entanto se dar conta disso. É aí que começa o desastre do desentendimento.

Quem pensa, não julga, reconhece. Só aí começa a possibilidade do entendimento entre os homens.

Por isso é que não se poderá ser livre enquanto existirem pessoas que julgam pelo sentimento e elas forem as que determinam as coisas no mundo, pois quem está emaranhado na sua própria vida de representações e sentimentos, não pode tolerar a liberdade dos outros e em tudo vê coisa comprometedoras. Essas pessoas se tornaram verdadeiros Torquemadas da atualidade.

A vida e sentimento, a consciência, é algo a que só o próprio portador tem o direito de acesso, seja lá como for. Só a si mesmo tem ele o dever de dar satisfação. A ninguém é lícito, nem moral, vasculhar o "santuário íntimo" da alma do outro. Seja como for esse interior, temos de nos contentar com aquilo que o outro, de sua livre iniciativa a fora nos quer revelar.

O moralista é sempre uma pessoa perigosa. Ele deseja controlar as consciências alheias, por não poder controlar a sua própria. Por isso ele se torna um opressor.

Sei que virá um tempo em que a fantasia não mais será permitida.

E como poderá não vir a ser assim, no futuro, se hoje já querem interferir em nossas vidas íntimas, bloqueando os potenciais criativos que existem em cada ser humano?

Chegará um tempo em que falar de amor, de estrelas, de brisa, do Sol, da Lua, do sorriso, enfim, viver inspirado, será considerado algo tão feio e tão perigoso, como o é hoje falar em liberdade, em justiça, porque estas coisas são consideradas perigosas e subversivas da ordem e aquelas, ameaçadoras da segurança interior. E neste particular, parece que os países ditos democráticos já têm medo de perder para os que não se dizem democráticos

Quando essas pessoas mandarem realmente no mundo, será proibido dizer:

Eu tenho um jardim/ onde cultivo todas as flores./ Também tu podes nele crescer./
florescer e frutificar/ Ele é imenso e sem fim.

E mesmo que haja trevas/ tu cresceras/ na luz do meu olhar. E se houver frio,/ no meu
coração,/ tu iras te aquecer.

E eu serei para ti/ e tu serás para mim./ Sem ti eu não posso viver./ Sem mim tu não
viverás.

Eu estenderei os meus braços/ e te darei benção infinda/ e se tu és bela./ serás mais
bela ainda.

E quando o Sol renascer/ eu farei muitas auroras/ e miríades de entardecer/ e cantarei
os meus poemas/ para te despertar/ e para te adormecer.

Mas esse tempo passará/ e então ressurgirás de teu sono/ em todo esplendor/ e com
triunfais coros de Anjos/ Ressuscitarás para o amor!

SEXTA FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 1975

Data : 29/11/1975

Título : Psicologia e Psiquiatria: sua importância social

Categoria: Artigos

Descrição: Assim é que a Psicologia Clínica e a Psiquiatria Médica desempenham um papel de elevada valia...

Psicologia e Psiquiatria: sua importância social

Até há alguns anos atrás, quando a Escola ainda não havia incluído em seus currículos um Programa de Saúde, hoje desenvolvido na área de Ciências, em especial dentro das Ciências Biológicas, toda a responsabilidade pelo esclarecimento sobre as doenças, alimentação e higiene era do médico e (era) feito especialmente pelo médico da família que ministrava os necessários conselhos.

Hoje a Escola já se incumba desta parte. Se ela se desincumbe bem ou mal dessa tarefa, não sei, mas é possível que muita coisa boa esteja acontecendo porque, em geral, o pessoal vem recebendo boa formação nas Universidades. De outro lado podemos notar um bom nível de interesse dos jovens pelo conhecimento de como funciona o nosso organismo.

E como andam as coisas no que diz respeito ao funcionamento da nossa vida psíquica? Se nos basearmos em nossa experiência e nos dados estatísticos, não poderemos ser otimistas e dizer que anda tudo bem. As pessoas nervosas: neuróticos e psicóticos aumentam a cada dia.

Analisadas as causas, iremos encontrar muitos fatores que contribuem para a instalação de neuroses e psicoses. Entretanto, pode-se dizer com toda segurança que a responsabilidade central cabe à falta de conhecimento dos processos psicológicos, tanto normais como patológicos.

Conhecer vivencialmente os processos psicológicos é o caminho seguro para evitar as doenças nervosas.

Este conhecimento tem duas formas positivas de ação:

1) conhecendo os processos psicológicos, a pessoa se liberta de tensões, complexos, conflitos, etc. e com isto realiza sua própria cura, ou então evita entrar num processo patológico;

2) livrando-se dos problemas acarretados pelos processos psicopatológicos, a pessoa não criará condições de desequilíbrio para os que com ela convivem.

Assim é que a Psicologia Clínica e a Psiquiatria Médica desempenham um papel de elevada valia para corrigir e prevenir desequilíbrios na sociedade moderna.

Todas as comunidades que contam com estes especialistas deveriam procurar tirar maior proveito de sua existência.

Sociedades culturais, que exercem influência na comunidade, sociedades assistenciais, que contam com o apoio do povo, clubes e escolas, deveriam organizar cursos e palestras para seus membros. Isto como medida inicial.

A segunda medida seria introduzir a Psicologia, em todos os cursos, pelo menos do 2º grau em diante. Porém, o ensino da Psicologia deve ser o mais prático possível, ajudando os jovens a compreenderem o valor do autoconhecimento e iniciando-os, tanto quanto possível, nas técnicas de manejo da vida psicológica.

Data : 09/12/1975

Título : Criar ou educar?

Categoria: Artigos

Descrição: Via de regra a única coisa que se pensa é que o nascimento é algo que oferece algo que oferece algum perigo para a mãe e para o bebe. Pensa-se que fecundação, gestação, nascimento

Criar ou educar?

Gerar filhos é apenas uma função biológica? A primeira vista pode parecer. Muitos homens e mulheres pensarão que sim. E como pensam, agem. No entanto a própria função puramente biológica da procriação, tal como se encontra nos animais, não é algo assim tão simples e destituído de seus mistérios.

A ver cotidiano do ato procriador na natureza e mesmo nos seres humanos, para muito despe-o do seu significado oculto ou transcendente, como dizem os filósofos. Não que a

costumeira visão desvende o seu significado oculto. Ou transcendente como dizem os filósofos. Não que a costumeira visão desvende o segredo! Para a nossa mente menos aguçada e menos sensível, ele se torna rotina e daí parece-nos que já sabemos tudo.essa atitude acontece para quase todos os processos e coisas.

O ato de gerar filhos e criá-los para nós seres humanos tonou-se rotina e por isso chega a parecer para a grande maioria algo destituído de qualquer sentido transcendente. E dessa forma em geral abordamo-la como um fato simples habitual que não necessita preparação maior do que aquela que a mera prática rotineira nos fornece.

Via de regra a única coisa que se pensa é que o nascimento é algo que oferece algo que oferece algum perigo para a mãe e para o bebe.

Pensa-se que fecundação, gestação, nascimento e educação, sejam fato que não exigem preparação e tratamento especiais.

É um lamentável engano, que deve ser erradicado o mais breve possível.

Talvez se possa dizer que a um ou dois séculos atrás, não houvesse ainda tanta necessidade de nos prepararmos para que todos esses atos fossem realizados com plena consciência e acerto. Hoje, no entanto, cada pessoa que não esteja totalmente embotada, percebe que os conhecimentos adquiridos pela tradição não são mais suficientes.

Em geral, os padrões e normas que ainda serviam a dois séculos não conduzem mais uma educação que satisfaça as exigências da consciência moderna.

Urge se faça algo em favor da reformulação das normas que norteiam a educação se é que ela ainda existe como algo em que ainda acreditamos.

A responsabilidade que hoje nos pesa sobre os ombros se não soubermos nos desincumbirmos dela no futuro pesara em nossas consciências.

Data : 06/01/1976

Título : Tenha tempo para seu filho enquanto é tempo

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje estou escrevendo para você. Quero que ao ler estas palavras, imagine que está conversando com um amigo

Tenha tempo para seu filho enquanto é tempo

Caro pai! Cara mãe!

Hoje estou escrevendo para você. Quero que ao ler estas palavras, imagine que está conversando com um amigo, mas um amigo daqueles que sabe ouvir, em cuja presença você se sente totalmente à vontade, descontraído, sabendo-se compreendido no mais fundo de sua alma.

É isso mesmo! Acomode-se melhor possível em sua poltrona! Respire fundo umas três vezes! Feche os olhos um instante agora os abra!

Agora continue lendo! Leia bem devagar, lentamente, como se você estivesse querendo saborear o seu cafezinho feito agora mesmo e servido pela pessoa que você mais ama.

Sim, leia o sentido das palavras fluindo até o fundo do seu ser!

Agora tente lembrar-se de sua infância de sua adolescência!

Eu sei, pode ser que você tenha tido uma infância triste em que não se sentia seguro. Então você sofria e sofre ainda hoje quando se lembra. Pode ser que sua adolescência tenha sido difícil, que você muitas vezes necessitou ter alguém que lhe ouvisse as dúvidas, as queixas, as aflições ou quem sabe o seu desespero e não encontrou.

Sim, não encontrou! Seu pai nunca pensou que você era mais que um corpo que deveria ser alimentado e vestido. Mais que um intelecto que deveria ser instruído e exercitado para os afazeres materiais do mundo.

Ele, certamente nunca pensou que dentro daquele corpinho tenro de criança que você era existia uma alma cheia de necessidades: de ser apreciada, valorizada e amada como alma. Que dentro daquele seu corpinho vivia um espírito em busca do próprio espírito no mundo.

Ele talvez nunca teve tempo para pensar que no jeito desajeitado de você, no tumulto dos sentimentos opostos, das dúvidas, nas teimosias, nas travessuras e nos pequenos erros que você cometia, havia um homem em busca de compreensão, orientação e amor.

Por isso tudo você agora tenha um sentimento de falta, de algo que você mesmo não sabe o que é.

Pois é, caro amigo, cara amiga! Essa sensação de falta de não sei o que, é devido a tudo isso que falamos antes. Foi a falta de tempo de seus pais que gerou isso.

Bem, hoje seu pai e sua mãe estão velhos. A cabecinha deles esta branca e tempo não pode retornar.

Sei Lá, talvez você tenha raiva e ressentimento de seu pai e sua mãe porque eles fizeram de você uma pessoa frustrada. Talvez você não sinta mais, mas sentiu. Mas este sentimento, embora seja compreensível que ele exista ou tenha existido, não leva a remediar sua situação.

Pode ser também que você que me lê agora, tenha vivido uma vivencia plena de alegrias, sentindo-se seguro. Como jovem você se sentiu compreendido, orientado, amado. Então você se lembra de tudo com muita alegria e terá sentimento de amor e ternura para seus pais. Então você gostaria de beijar e abençoar aqueles cabelos brancos, aquelas faces enrugadas.

Meu amigo e minha amiga! Seja você alguém que se sinta feliz ou infeliz, que maldiga ou agradeça a maneira como foi educado, uma coisa é certa: se você não gostou do que recebeu, dê algo diferente, melhor a seus filhos. Seu pai e sua mãe não lhe deram atenção e afeto, de você a seus filhos. Se eles não tiveram tempo para você, tenha tempo você para seu filho. Pense que isso é e será importante para ele.

A vida de seu filho, o mundo dele vai ser melhor do que o seu.

Você começara a sentir agora, ao proporcionar esse amor a seu filho, aquilo que você não sentiu por não ter recebido de seu pai e de sua mãe.

Agora se ao lembra-se de sua infância você sente feliz, lembre-se de oferecer o que você recebeu a seu filho.

Você será mais feliz, ainda hoje, e o será ainda mais no futuro.

Seja pois, um pai ou uma mãe, cujos filhos ao lembrarem de você no futuro, ou ao contemplarem seus cabelos brancos e as rugas que sulcarão o seu rosto sentirão o coração transbordar de alegria e ternura.

Comece neste ano novo a sentir a felicidade de amar e ser amado.

Diga-me pai, amiga, mãe que presente mais almejado existiria para você do que receber de volta o afeto do pai e da mãe, ou mesmo poder receber agora o amor que não recebeu quando criança?

Que presente seu filho gostaria mais de receber, do que o seu afeto, na forma de atenção, de tempo dedicado a estar e brincar e conversar com ele, de sua compreensão e de seu amor?

Pai! Mãe! Dê a seu filho o melhor presente que ele poderia receber! De você mesmo de presente a ele neste ANO NOVO! Mas se dê para sempre. Só então você terá um filho realmente. Então seu filho terá um PAI e uma MÃE verdadeiros. FELIZ ANO NOVO!

Data : 22/01/1976

Título : Diálogo

Categoria: Artigos

Descrição: Faltam idéias sobram palavras. É a conduta típica do político, quando não há POLÍTICA.

Diálogo

De tempos em tempos entram em voga novas expressões, novos maneirismos.

Há ate mesmo pessoas, especialmente ocupantes de cargos de confiança, que se pavoneiam e se refocilam em terminologias.

É um fenômeno relativamente fácil de compreender, este. Quando falta conteúdo abundam recipientes. Faltam idéias sobram palavras. É a conduta típica do político, quando não há POLÍTICA.

Na verdade nunca houve uma época em que o homem fosse mais político, como o é na atual. Em tudo e por tudo há um vazio de tudo.

As palavras perderam completamente o sentido ou os homens perderam o SENSO?

Sinceramente penso que deveríamos parar um pouco, como diz o sambista: "Por que você não para pensar um pouco?/Não vê... Parar para pensar! Eis a questão! Parar para pensar no sentido daquilo que dizemos e fazemos, no sentido da vida.

Não acham que é chegada a hora (ou quem sabe até passada) de acabarmos com a orgia de palavras e cifras, que enchem nossas cabeças e esvaziam nossos corações estômagos e que fazem parte das nossas ilusões e são instrumento para iludir os outros?

Não meus amigos! Não estou falando exatamente do que vocês estão pensando! Não é dos políticos, profissionais ou amadores que falo! Afinal, eles são iguais, ou pelo menos muito parecidos a todos nós, só um pouco mais iludidos ou iludintes do que nós, pois acham que dominarão a erva daninha cortando as folhas.

Estou falando de nós mesmos!

É preciso retomar a razão e o sentido verdadeiros e dar a cada coisa o seu nome certo.

Uma palavra altamente na moda é “DIÁLOGO”. E todo mundo diz que há falta de dialogo e deve haver mesmo. Pois dizem que quanto mais se fala numa coisa é porque ela menos existe.

Nesse sentido, contaram-me uma vez uma anedota de pós-guerra (1915-1918). Finda a guerra russos e alemães participavam de uma reunião. Os alemães famintos com estavam só falavam de comidas. Num dado momento os russos se aborreceram com aquela conversa chata e protestaram: “Afinal, vocês alemães só sabem e gostam de comida?” então um oficial alemão perguntou: “E vocês russos do que gostam de falar?” - Nós falamos de cultura, disse o russo. Certo, disse o alemão, “cada um fala daquilo que não tem. Nós não temos comida”.

Afinal, o que se entende por diálogo?

Muita gente diz que deseja manter um diálogo e que o outro, não aceita.

Analisando a situação quase sempre se trata de alguém cujo desejo é impingir seu ponto de vista ao outro. Como o outro não aceita, o pretendente protesta: Não há condições de diálogo.

O sentido da palavra foi perdido, porque não existe consciência da vida interior. O conhecimento da vida psíquica foi e continua, não só sendo desprezado, mesmo impedido. Por quem? Por todos os responsáveis pela educação, no passado e no presente, pois hoje quase todo o mundo é fruto dessa mentalidade. Estejam onde estejam, sejam professores, pais, planejadores, técnicos em educação, funcionários, com o nome que lhes queira dar, todos entravam o desenvolvimento do homem interior.

Mas, isto é feito com consciência? Quase sempre a inconsciência.

De qualquer forma, os responsáveis maiores são aqueles que no passado impuseram essa mentalidade e que no presente lhe dão continuidade, impondo normas na educação, ao invés de estimular o esforço para romper as amarras que amortecem a alma e aprisionam o espírito.

É do desconhecimento do homem interior que advêm o caos e a desgraça na vida dos homens.

O diálogo (do grego DIA- através + logos= palavra ou espírito) quer dizer, a palavra, a conversa a dois. Conversa em que o espírito, a idéia flui de um ao outro.

A palavra como estímulo visual ou sonoro, desperta a atenção do interlocutor, para que ele procure perceber a idéia contida na consciência de quem fala.

No diálogo, ora fala um, ora fala outro. Enquanto um fala outro apenas escuta, evitando interpretar subjetivamente. Portanto, procurando captar a própria ideia e ambos se empenham em aprofundar a compreensão de algo e não impor um ponto de vista.

Este algo a ser compreendido pode ser um dos interlocutores mesmo.

Interessa no diálogo, acima de tudo, a VERDADE, que se encontra acima de qualquer desejo ou presunção.

Poderia se dizer que, um diálogo se estabelece na consulta psicoterapêutica. Quando cliente e terapeuta procuram juntos a compreensão dos conteúdos anímicos do cliente.

O terapeuta nada quer impor ao cliente. Ela ouve, paciente e atentamente, sem preconceito, sem julgar e sem ansiedade, compreender e indicar ao cliente o modo de compreender a si mesmo e libertar-se dos seus condicionamentos impeditivos do desenvolvimento e do bem estar interior.

Data : 31/01/1976

Título : Frigidez sexual

Categoria: Artigos

Descrição: Até há bem poucos anos este problema, em geral ficava só como conhecimento da própria mulher. O marido quase sempre não tomava conhecimento.

Frigidez sexual

Até há bem poucos anos este problema, em geral ficava só como conhecimento da própria mulher. O marido quase sempre não tomava conhecimento. A esposa nada revelava, em parte por ignorar o que fossem realmente as sensações de prazer que o relacionamento sexual oferece, em parte como receio de revelar uma insuficiência.

Muitas vezes a mulher fingia sentir prazer. Dessa forma ia levando a vida, se conformando com a situação. "Cumpria o seu dever".

Hoje, a situação se apresenta outra.

Apesar da, propalada liberdade da mulher, do se falar em liberdade sexual, a verdade é que, mesmo muitos casais jovens, não conseguem uma adaptação sexual satisfatória. Uma grande porcentagem de mulheres apresenta problemas de frigidez sexual. A situação se complica, porque, não tendo participação com prazer no relacionamento sexual, a frigidez aumenta. E isso acontece por uma série de fatores, entre eles o sentir-se "objeto de uso do homem".

A consciência atual não tolera essa situação.

Esse problema vai se tornando cada vez mais grave e as conseqüências mais amplas e profundas, minando todos os aspectos da vida da família, com séria repercussão na educação dos filhos.

Quando uma mulher nota que algo está acontecendo consigo nesse plano, não deve temer revelar o fato a seu esposo. E ambos devem, esforçar-se para entender e resolver a situação.

É bom que o marido não acuse a esposa como culpada e que a esposa evite colocar o assunto em termos de culpa. Tudo deve ser considerado em termos de co-participação.

A primeira coisa que devem fazer, é procurar o seu médico de confiança, de preferência no seu consultório, onde ele poderá dispensar todo o tempo necessário que o caso exige.

O médico (ginecologista) examinará o caso e equacionará o problema. Se se tratar de alguma insuficiência funcional, ele resolverá o assunto com medicamentos.

Não sendo problema de ordem fisiológica ou anatômica, então resta a hipótese de se tratar de um caso de origem psicológica.

Neste caso o médico aconselhará um tratamento por psicoterapia, que poderá ser realizado por um psicólogo clínico, por médico psicanalista ou psiquiatra de orientação psicoterápica.

A grande maioria dos casos de frigidez sexual feminina é perfeitamente curável desde que tratada adequadamente.

Em face da importância do problema e da relativa facilidade de cura, nenhuma mulher, que viva essa situação e tenha condições econômicas, deveria fugir ao tratamento.

Um homem esclarecido não se chocará ao saber que sua esposa nada sente de prazer nas relações sexuais. Tão pouco se sentirá enganado porque sua esposa manteve tanto tempo o problema só consigo mesma.

A questão é que ela, ou ignorava a realidade, tinha receio ou desejava não magoar o esposo.

Ao invés de aborrecer-se com o fato, o esposo até deve ser grato pela gentileza da sua esposa por desejar poupar-lhe um sofrimento.

Assim é que o esposo deve dar todo o apoio à sua esposa. Isso facilitará bastante a solução do problema.

Dr. Getúlio Vargas Zausa

Psicólogo Clínico

Janeiro de 1976

Data : 13/03/1976

Título : Uma Questão de Sobrevivência: Equilíbrio Biológico Ambiental

Categoria: Artigos

Descrição: O homem de hoje talvez não seja nem melhor, nem pior, nem mais sábio, nem mais estúpido do que seus antepassados.

Uma questão de sobrevivência: EQUILIBRIO BIOLÓGICO AMBIENTAL

Parte I

O homem de hoje talvez não seja nem melhor, nem pior, nem mais sábio, nem mais estúpido do que seus antepassados. Os instrumentos com que opera que são mais potentes e mais rápidos e os seus efeitos, por isso, mais perceptíveis e se processam com maior rapidez.

O homem moderno dispõe desses instrumentos de grande poder modificador, sem conhecer sua natureza e usa-os sem poder prever o alcance de suas conseqüências. Isto acontece em todas as áreas da atividade humana. Há pressa em aplicar, e sempre no sentido econômico, aquilo que mal se conhece. Há precipitação no julgar e daí os erros, muitos deles, quem sabe, irreversíveis.

Temos um exemplo disso quando o descobridor do DDT foi considerado um grande benfeitor da humanidade e por isso recebeu o Prêmio Nobel.

Atualmente luta-se desesperadamente para neutralizar os terríveis efeitos dessa DROGA, cujos prejuízos vão desde o tremendo desequilíbrio ecológico que está produzindo até mutações genéticas, intoxicações agudas e lentas (crônicas), produzindo morte, rápida ou vagorosamente até a esquizofrenia (loucura) como suspeitam cientistas europeus.

Naturalmente, quando se fala a verdade sobre tais “defensivos” (acho que o nome correto seria agressivos agrícolas) se é taxado de alarmistas e mesmo ameaçado como se estivesse cometendo um hediondo crime contra a humanidade; se é chamado de fanático e outras coisas, passa-se a ser considerado um homem perigoso.

Claro que se é um homem perigoso, aos interesses de quem só vê lucro momentâneo, quando se procura levar à luz sobre o assunto.

Felizmente já está havendo uma certa conscientização sobre os perigos das chamadas “tecnologias”. Mas não é suficiente conscientizar-se, é necessário, além disso, partir para uma ação mais profunda e eficaz, como, por exemplo, o ensino organizado e sistemático da ECOLOGIA.

A situação, se bem analisada, já é tão alarmante, que mesmo se introduzíssemos o estudo da ecologia em todos os níveis de ensino, ainda não estaremos seguramente salvos da catástrofe que nos ameaça.

Compreender a biologia de todos os seres vivos e suas relações de interdependência com a terra, mais propriamente com o solo e subsolo e os fenômenos bio-físico-químicos que aí ocorrem, é hoje, não só o que chamaríamos de “um problema de segurança nacional” para qualquer país, mas o “problema da sobrevivência mundial”.

Não será possível progresso verdadeiro se não foram corrigidos os erros e abusos, o crime que vem se cometendo contra a natureza.

Este crime contra a Natureza é mais profundamente o Crime Contra a Natureza Humana contra o Ser Humano contra a Vida mesmo.

Não será possível mais, nem verdadeiros programas de saúde, quando o solo, o ar e os mananciais d'água já estiverem muito poluídos, envenenados.

Não falo só das providências coibitivas, que pusessem fim à desenfreada orgia predatória, embora necessária e com muita urgência. Refiro-me a providências no sentido de introduzir nos currículos dos diversos níveis do ensino a MATÉRIA DA COMPREENSÃO DA NATUREZA, a Ecologia.

Os maiores Ecólogos e Pedagogos brasileiros deveriam ser convocados para estruturarem esta matéria, que deveria ser ensinada, como disse, em todos os níveis de ensino, desde o pré até a universidade em todos os cursos.

Outra medida a ser tomada imediatamente, seria determinar aos Ministérios e Secretarias de Educação, Saúde e Agricultura, a realização de campanhas e cursos de divulgação sobre Problemas Ecológicos no Brasil.

Deveria ser feita uma lei, pela qual todos os órgãos de divulgação deveriam montar programas educativos sobre Ecologia. Tais programas, para emissoras de rádio e televisão deveriam ser transmitidos nos horários de maior audiência e com frequência diária.

A orientação científica dos programas de Ecologia deveria ser orientada por Ecólogos, Biólogos e Sanitaristas. Nos próximos artigos procuraremos dar alguns ideais fundamentais sobre Ecologia.

Parte II

Para compreendermos o que seja Ecologia e sua importância, devemos começar com idéias bem gerais. Precisamos entender as questões referentes às relações de dependência e interdependência entre os reinos da Natureza: 1) Reino Mineral; 2) Reino Vegetal; 3) Reino Animal. (Pessoalmente sou de opinião que ultrapassemos a mera classificação e acrescentássemos um quarto reino, o Reino Humano).

Em primeiro lugar, é preciso que a Natureza se estenda para além da crosta da Terra, para além da atmosfera terrestre. Fizeram parte do Reino Mineral, pelo menos todos os corpos celestes do nosso planetário: o Sol com seus Planetas e estes com seus satélites. Do Reino Vegetal fazem parte todos os organismos vivos, desde as bactérias até as nossas plantas cultivadas. O Reino Animal é constituído por todos aqueles seres, desde os protozoários até os mamíferos superiores como o cavalo e o macaco.

O 4º reino, se assim o admitimos, seria formado pelo homem, exclusivamente. O exame do problema nos interessa do ponto de vista do homem dotado de RAZÃO, não do homem animal ou do homem zoológico.

Em primeiro lugar, como se insere o homem, nesse sistema complexo?

1. O homem necessita de uma atmosfera (ar), constituída de elementos que entram em percentagens, determinadas e que sofram grandes variações. São os principais: Nitrogênio (78%); Oxigênio (20%); Hidrogênio, gás carbônico, e outros completam-no.

Nós necessitamos do oxigênio para a respiração, do nitrogênio e hidrogênio para a formação das proteínas que servem à nossa alimentação e assim por diante.

2. O homem necessita de a luz solar para iluminar, para aquecer e para as plantas realizarem suas funções e produzirem as matérias de que necessitamos e muitas outras coisas importantes a mais, que analisaremos noutras oportunidades.

A luz solar deve chegar à Terra tendo passado pela camada atmosférica. Mudanças consideráveis na atmosfera produzirão modificações nas características da radiação solar que chega até a Terra, podendo haver aquecimento ou resfriamento além dos limites toleráveis, pondo em risco a existência sobre o planeta. Existe, portanto, um limite de tolerância nessas alterações.

3. O homem também só pode viver dentro de determinados limites de pressão atmosférica. E nós sabemos que o aumento do calor faz baixar a pressão atmosférica.

4. A água é uma substância essencial à vida, pois forma em média 68% da matéria do corpo humano. Dependemos, portanto, dos mananciais de água.

5. O homem necessita de alimentos e estes têm sua origem básica nas plantas.

6. Mesmo que não utilizássemos produtos animais para a nossa nutrição, somos sob todo o aspecto dependente dos animais, tanto doméstico, como silvestres, por eles

realizarem muitas funções vitais na natureza, como veremos em outros artigos. Mas por enquanto a realidade é que somos ainda completamente dependentes dos derivados animais para nossa alimentação.

Para que a nossa natureza continue produzindo os bens essenciais à nossa existência, é necessário haver harmonia entre os diversos reinos e dos seres componentes desses reinos entre si e essa harmonia depende exclusivamente do homem. Eis aí a primeira e mãos simples visão do relacionamento entre o Homem e a Natureza.

Parte III

Continuando na apresentação de ideias básicas para compreensão da Ecologia, exporemos hoje os traços fundamentais sobre o Ciclo da Água na natureza, isto é, por quais caminhos a água passa em sua viagem pela Terra.

Em primeiro lugar, onde encontramos água em estado de natureza? A Terra tem seus reservatórios, que nós chamamos mananciais. São os seguintes: 1) mares; 2) rios; 3) lagos (expostos ou subterrâneos); 4) veios d'água; 5) geleiras.

Além de seus reservatórios naturais, temos água sob a forma de vapor na atmosfera e na Líquida, nos seres vivos (plantas e animais) e ainda na composição de alguns minerais.

Para nossa consideração interessam só os citados (1 a 5).

Para melhor compreendermos o nosso assunto, é bom lembrarmos que a atmosfera é mais densa na periferia da crosta terrestre, tornando-se cada vez mais rarefeita na medida em que se afasta da superfície da Terra.

O mesmo devemos lembrar para o calor. Na medida em que nos distanciamos da superfície terrestre, a temperatura vai baixando. Daí, a formação das geleiras no cimo das altas montanhas.

Estes fatos desempenham importante influência sobre o ciclo da água na natureza.

Sabemos da necessidade de chuvas, especialmente para a produção agrícola e, por conseguinte, para a nossa existência. Compreendamos, portanto, o seu processo de formação. Nele entram os seguintes principais fatores: 1) calor de a luz solar; 2) mananciais externos d'água; 3) florestas; 4) correntes aéreas: ascendentes,

descendentes e horizontais; 5) temperatura baixa das camadas mais elevadas da atmosfera.

Comecemos pela parte mais facilmente compreensível. Nós vemos as nuvens se formarem e depois de transformarem em chuva.

De onde vem a água que forma as nuvens? Ela vem dos mananciais: mares, rios, lagos (lagos naturais, lagoas, lagoas, represas, etc.) e ainda do vapor d'água proveniente da transpiração das plantas.

Para se ter uma ideia da importância da transpiração das plantas na formação das nuvens, atentamos só para a quantidade de água transpirada por um único pé de milho durante sua curta existência de mais ou menos 4 meses: 145 litros de água passam através dele.

Por aí podemos imaginar a quantidade de água que as plantas transferem para a atmosfera diariamente e que entra na formação das nuvens e, por conseguinte, no processo da chuva.

Temos aí a primeira etapa do processo.

Uma vez pronta a nuvem, ela será carregada por correntes aéreas horizontais, de uma região a outra.

Onde choverá? Isto acontecerá naqueles locais em que haja uma forte evaporação, isto é, sobre florestas, lagos e mares. Por quê? Porque o vapor forma uma atmosfera estável e com tendência ao resfriamento. Quando as nuvens passam nessa região úmida e resfriada, o vapor d'água que as constitui se condensa, a nuvem fica menor e por isso mais densa que o ar (mais pesada) e ao se tornar líquida cai sob a forma de chuva.

Sabemos ser sobre as zonas de florestas que há a maior umidade relativa, sobre os campos, menor e os desertos, quase nula. Em função disso, formam-se correntes ascendentes de ar que empurram as nuvens que se formam ao redor para longe, impedindo dessa forma a chuva.

A região sobre as florestas oferece as melhores condições para um regime de chuvas equilibrado.

Na Amazônia ainda chove todos os dias em hora certa devido à densidade das florestas que apresentam um alto índice de transpiração e às grandes superfícies líquidas dos rios, as quais proporcionam um elevado índice de evaporação.

A água da chuva caída sobre uma região toma os seguintes caminhos: 1) uma parte fica retida pelo solo; 2) outra penetra no subsolo e vai alimentar os veios d'água; 3) uma terceira parte vai reunir-se nos córregos, daí para os lados e rios e destes para o mar.

Então, recomeça novamente o ciclo.

Devemos lembrar-nos ainda, que as plantas ajudam a reter a água da chuva no solo, com o auxílio das raízes; por meio de suas folhagens, retém água sob a forma de vapor, formando uma camada úmida entre a superfície do solo e as copas das árvores, evitando o ressecamento do solo.

É evidente que se estas plantas forem de grande porte e bem juntas como numa floresta natural, maior será a umidade retida e as condições atmosféricas serão mais propícias ao equilíbrio pluviométrico.

O trabalho das raízes na manutenção da umidade do solo e da atmosfera é muitíssimo importante, pois as raízes mais profundas sugam a água do subsolo, fazendo-a passar para o solo e para as folhas e daí para a atmosfera.

Eis porque o desmatamento é o principal fator responsável pelas secas.

Das considerações acima, já se pode concluir que um plano real e decente, que não vise só o aspecto puramente econômico, aliás, pseudo-econômico, não pode ser feito com base em uma ou duas espécies de plantas e muito menos com Eucaliptus ou Pinnus eliotis, por exemplo, cujas ramagens não têm poder retentor de água. O reflorestamento deve levar em conta tanto quanto possível a vegetação nativa e procurar reconstituí-la.

A nossa região do Planalto, para falarmos em aspecto local, onde a ação destruidora da extração de madeira praticamente acabou com os matos, só não se transformou ainda em semi-deserto, graças às três represas que ainda mantêm o índice de evaporação suficiente para provocar chuvas.

Mas, se prosseguirem nessa sanha predatória, rios e córregos que alimentam as represas irão diminuindo os seus caudais até se transformarem em valas secas. Então as represas passarão a ser apenas pantanais.

Aí teremos chegado ao fim de nossa região.

Data : 25/08/1976

Título : Psicólogo alerta, Trinta por cento...

Categoria: Artigos

Descrição: Para o psicólogo clínico Getúlio Vargas Zauza mais de trinta por cento das crianças em idade de cursarem a primeira série do primeiro grau apresentam um desvio para menos na inteligência.

Psicólogo alerta: 30 por cento das crianças que iniciam nas escolas são mentalmente deficientes

Para o psicólogo clínico Getúlio Vargas Zauza mais de trinta por cento das crianças em idade de cursarem a primeira série do primeiro grau apresentam um desvio para menos na inteligência. Essas crianças são mentalmente deficientes e, no Rio Grande do Sul, o problema se torna mais grave ainda pela ausência de um programa profilático em termos de recuperação e prevenção. Além de formado em Psicologia Clínica Getúlio Zauza é formado em História Natural e desde 1964 trabalha com excepcionais e deficientes mentais, orientando escolas especiais, atualmente em Carazinho, Passo Fundo e Campo Real. Durante muito tempo, atuou no Instituto Santa Luzia em Porto Alegre e participou do movimento para a fundação da Associação Sul Rio Grandense de Professores de Excepcionais. Ao analisar a questão salientou que sem medidas profiláticas com a criação de classes especiais no estabelecimento de ensino, esta questão, só tende a se agravar.

"Em média, mais de trinta por cento daqueles que vão para a escola não conseguem acompanhar um programa escolar. Nesse número temos que excluir todos aqueles que se enquadram dentro do atendimento de uma escola especial, que são os deficientes mentais profundos, os paralisados cerebrais e os cegos e surdos-mudos. Falo dos trinta por cento daqueles que fazem a matrícula em escolas convencionais".

O tema vem sendo discutido há muito tempo por psicólogos e especialistas em educação para deficientes. Unanimemente reclamam da falta de um órgão que trace planos e orientações gerais em termos de recuperação e prevenção.

"A criança que apresenta dificuldade em assimilar todo e qualquer tipo de ensino diz Getúlio Zauza precisa de tratamento pedagógico especializado. Esse fato e mais a incompreensão dos adultos, pais e professores, levará essa criança a se marginalizar e a ser marginalizada. Primeiro ela não vai se integrar na escola e na família. O passo seguinte será a sua não integração na sociedade. O futuro do marginalizado é muito fácil de prever".

CAUSAS

Ele alinha uma série de fatores como responsáveis pela situação vigente. As causas seriam genéticas, congênitas, perinatais, adquiridas, além da subnutrição e a verminose.

Algumas são difíceis de superar pela complexidade de questões que envolvem. Segundo Zauza é difícil estabelecer em termos particulares o nível de ação de cada um desses problemas, apesar das medidas, em termos de causas, poderem ser adotadas individualmente.

Em termos genéticos, será necessário um estudo profundo para constatar o que realmente ocorre. Existem influências no gens que são naturais e outras produzidas por influência da tecnologia. No segundo caso destaca o excesso de radiações (raio X, radioatividade) a que o homem moderno está exposto, a ingestão de substâncias químicas ingeridas em doses excessivas nos medicamentos e na alimentação (além dos enlatados a presença de defensivos que são utilizados na agricultura e na pecuária). As causas genéticas são das mais graves e das mais difíceis de solucionar.

Em segundo lugar Zauza destaca causas congênitas durante o período de gestação. Nesse sentido seria necessário uma orientação dos casais, mostrando com clareza os tipos de doenças que produzem a excepcionalidade e como evitá-las. O caso mais típico é da sífilis. Em terceiro lugar surgem os problemas perinatais em torno do nascimento. Para solucionar isso é preciso uma orientação mais científica para a gestante, aconselhando-se o treinamento psico-profilático. Em quarto lugar surgem causas adquiridas depois do nascimento, tomando-se todos os cuidados diante de qualquer enfermidade, principalmente aquelas que estão acompanhadas de febre. Diante de sintomas de doenças febris a criança deve ser imediatamente levada ao médico, uma vez que febres acima de 39 graus oferecem sérios perigos. Zauza cita ainda a subnutrição, tanto durante a gestação como depois do nascimento. Desde a concepção até o terceiro ano de vida, ocorre o período mais grave, mas a situação de gravidade não diminui até os sete anos, influenciando diretamente na formação do cérebro. Por último há a verminose, entrando aí as péssimas condições de higiene da população.

ATENDIMENTO

A ausência de um programa especial para o atendimento das crianças apresentam um desvio para menos, na inteligência, em nosso Estado, é apontada como fator responsável pelo agravamento da questão. Segundo Getúlio Vargas Zauza o atendimento sócio pedagógico para cegos é relativamente bom. Existe um trabalho organizado por algumas entidades particulares utilizando-se de normais mais atuais. Para o atendimento ao deficiente auditivo, a situação é bem mais deficiente. Os deficientes mentais graves e os paralizados cerebrais vêm recebendo uma assistência relativamente boa, graças aos esforços de pessoas idealistas que se dedicam tanto ao atendimento sócio médico psico-pedagógico como em levantamentos de fundos. Nesse sentido são destacadas as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais que recebem pequenos auxílios do INPS e de outros órgãos oficiais.

Entretanto, segundo Zauza o deficiente mental leve, a criança de aprendizagem lenta, não vem recebendo nada de atendimento que necessita. Até 1974 havia um departamento na Secretaria da Educação e Cultura que orientava todo o trabalho com o excepcional sub-dotado.

Desde então as escolas especiais não tem mais nenhuma orientação, tudo está acéfalo. O deficiente mental leve, que reúne em torno de trinta por cento das crianças que se matriculam na primeira série do primeiro grau, precisa de classes especiais. Ele não poderá ser isolado, tirado da escola comum. O atendimento com classes especiais, sera

feito dentro das escolas convencionais, reunindo no máximo dezesseis alunos, com professores com formação psico-pedagógica especial utilizando-se métodos e materiais (oficinas) especiais.

"Temos - segundo Zauza - recursos técnicos para verificar nível de capacidade de uma criança. Provas e testes são bastante seguros para, tecnicamente detectar se uma criança apresenta deficiências. Além disso, desse total de deficientes, trinta por cento tem condições de se integrarem numa classe comum e continuar seus estudos, desde que orientados seguramente.

Os demais ainda poderão ser úteis a sociedade. Serão pessoas que poderão participar da vida comunitária, prestando trabalhos reconhecidos como normais e indispensáveis, mesmo que primários. O deficiente que não receber atendimento adequado caminhará para a marginalização e para delinquência.

Para o psicólogo clínico Getúlio Zauza, esses trinta por cento significam problemas em dobro amanhã. Serão trinta por cento não produtivos e trinta por cento de consumidores se analisarmos dentro da ótica econômica. "Cremos que o problema é muito grande e que trinta por cento de um contingente populacional é uma parcela apreciável para qualquer país. Para nós essa parcela de gaúchos não pode ser desprezível. É por isso que deveria existir um órgão ativo, eficiente, que além de orientar o atendimento das crianças que hoje apresentam deficiências, tivesse, também, preocupações com um programa profilático, preventivo. Hoje não temos nem um e nem outro no Rio Grande do Sul.

Do Jornal

O Nacional

Quarta-feira, 25 de agosto de 1976

Data : 01/10/1976

Título : Crise de autoridade e a revolta dos jovens

Categoria: Artigos

Descrição: Parece-nos que todo o mal nasce com os filhos e nos filhos, como se fosse um efeito sem causa

Crise de autoridade e a revolta dos jovens

Frequentemente pais nos falam do mau comportamento de seus filhos e, nas considerações ou queixas que fazem excluem completamente a causa do dito mau comportamento.

Parece-nos que todo o mal nasce com os filhos e nos filhos, como se fosse um efeito sem causa, ou se admitem-na, o fazem como se tal causa fosse algo transcendente e fora da

qualquer encadeamento fatural, em cujo acontecer eles mesmos, pais, não fossem pelo menos em parte os determinantes do produto “mau comportamento”.

Em toda a sociedade moderna se nota existir uma consciência alienada da realidade. Os problemas mais sérios são tratados com uma superficialidade espantosa, quando muitas vezes os fatos mais insignificantes são esmiuçados neuroticamente ao exagero. Dir-se-ia tratar-se de uma comportamento neurótico quase coletivo.

A criança e o jovem, por não terem ainda sua personalidade completamente deformada, e estão mais perto da realidade. Mas eles podem ter apenas uma sensação de que as coisas não estão bem. E por não terem condições de transpor o domínio do sancionar, elaborando e expressando o que sentem, de forma conceitual, como pode ser percebido pela razão, ficam emaranhados nos sentimentos: 1) de percepção do erro em modo indefinido; 2) em face da incapacidade de auto-exclarecimento, enfrentam um sentimento de impotência para modificarem aquilo que sentem como errado, tornando-se revoltados.

Poderíamos dizer: instintivamente sentem que os valores estão trocados, mas não tem recursos psicológicos para elaborar tudo, expressar e formular a solução.

De outro lado, a educação, seja ela, familiar, religiosa ou escolar, nada faz para ajudar o jovem a adquirir a capacidade auto própria de discernimento.

Os fatores educacionais (condicionantes) parece quererem exatamente o contrario da capacidade de reconhecer (discernir). E se não querem, pelo menos agem como se quisessem. Tentam fazer exatamente o contrario do que diz o evangelho: “Não deveis guardar vinhos novos em odres velhos”. Só que no caso ocorre algo até certo ponto inverso. Dir-se-ia, misturar ao vinho novo, vinagre, isto é, introduzir velhas formas já deterioradas em consciências novas. Só pode azedar!

O jovem sente isto, sem, no entanto poder compreender o que esta sentindo, sendo não auxiliado ou até impedido de adquirir a faculdade da compreensão mais profunda. Ele consegue apenas se revoltar.

A contestação dos valores corrompidos pelo protesto da revolta vem a ser a única maneira de tentar a auto-afirmação. Realiza isto enquanto é jovem e pode sentir a força da verdade que consegue transpor a massa condicionada que lhe foi impingida pelo mundo adulto, desde o nascimento.

Com o avançar dos anos afasta-se da fonte intocada da verdade e se torna um adulto decrépito, em quase tudo igual ao modelo. Então passa a defender a conservação daquilo que sadiamente, antes sensacionava como algo a ser mudado.

Nesse momento de sua existência, os mais velhos exclamam: Graças a Deus, ei-lo regenerado! E cantam ossanas ao deus da estagnação.

Data : 23/10/1976

Título : Quando procurar um Especialista em Distúrbios Nervosos

Categoria: Artigos

Descrição: Muitas pessoas, médicos, ex clientes, professores e amigos têm solicitado que eu escreva sobre esse tema.

Quando procurar um Especialista em Distúrbios Nervosos

Muitas pessoas, médicos, ex clientes, professores e amigos têm solicitado que eu escreva sobre esse tema. Eu pensei no assunto muitas vezes e sempre desisti, por me parecer auto-promocional.

Como os pedidos se repetissem demais, aceitei fazê-lo por parecer-me de fato ser útil tal orientação.

Sabemos que a psicologia como ciência é nova. Como especialidade terapêutica é mais recente ainda e por isso mesmo ainda mal conhecida e até mesmo desconhecida por aquela parte da população que não tem maior acesso a cultura. Isso é natural.

Penso como diz no Evangelho: “Não se deve esconder as candeias (lâmpadas) sob os aparadores”. É dever de cada um tornar conhecido os recursos de cada ciência, tornar conhecida as conquistas, mormente no campo da arte de curar para que todos aqueles que necessitam possam saber de sua existência.

A Psicoterapia (na Psicologia Clínica) é uma das maiores descobertas da ciência neste século. Ela começou com Freud com a Psicanálise e evoluiu muito, existindo hoje muitas escolas psicoterapêuticas com técnicas muito variadas e de efeito muito mais rápido do que a Psicanálise.

Hoje se sabe que nem todos os casos de distúrbios psicológicos e emocionais (estados neuróticos) necessitam ser tratados analiticamente.

Quando é que se deve procurar um especialista em psicoterapia, seja Psicólogo Clínico, Médico Analista ou Psiquiatra?

Não falaremos do óbvio, do doente mental, sempre e unicamente cliente do Psiquiatra. Queremos falar só sobre os portadores de distúrbios emocionais.

Em primeiro lugar a psicoterapia pode ser realizada com: 1) com crianças, desde o momento em que se note a presença do distúrbio psicológico, a bem dizer independentemente da idade. Neste caso é sempre necessária reorientação dos pais. 2) Com jovens, também exigindo-se a co-participação dos pais. 3) Com adultos. Com estes, é muitas vezes necessária a participação da família, sendo sempre aconselhável a participação do cônjuge, quando casado. 4) Com pessoas idosas é sempre muito útil uma psicoterapia de apoio.

Há duas situações básicas que podem levar uma pessoa a procurar um Psicoterapeuta: 1) Casos em que não existe nenhuma patologia psicológica, mas que a pessoas deseja remover pequenos obstáculos psicológicos que lhe impede um maior desenvolvimento e melhor desempenho em funções; 2) as pessoas nervosas mas que estão em pleno uso de suas faculdade mentais: crianças, jovens ou adultos que apresentam comportamento ou reações inadequadas a si e ao meio em que vivem.

A conduta básica que indica necessidade de consulta com psicoterapeuta é: 1) sempre que os sintomas de nervosismo retornam após algum tempo de haver suspenso e medicação tranqüilizante; 2) quando os sintomas se agravam diante de qualquer frustração, sejam eles nervosismo retornam após algum tempo de haver suspenso a medicação tranqüilizante; 2) quando os sintomas se agravam diante de qualquer frustração, sejam eles de nervosismo ou somáticos; 3) quaisquer que sejam os sintomas, o paciente vive constantemente no médico sem obter cura dos seus males; 4) o paciente vive se queixando de doenças e nunca fez um tratamento até ser considerado curado pelo médico; 5) os sintomas mudam frequentemente; 6) o paciente se torna maníaco por doenças e remédios; o paciente se julga muito doente, mas nunca chega a ficar realmente mal.

Esse paciente em geral consome seus dias de consultório em consultório, trocando de médico constantemente, transformando sua casa em uma verdadeira farmácia.

O médico ao constatar essas situações, sempre que possível deveria encaminhar o paciente a um especialista em psicoterapia. Com isto estaria evitando duas coisas desagradáveis: a continuidade dos problemas do paciente e seu desgaste profissional ao não conseguir resolver o caso.

Ainda deveríamos lembrar outras situações em que se aconselha a consulta ao psicoterapeuta: em todos os casos de ansiedade excessiva, crises mais ou menos freqüentes de depressão, irritabilidade excessiva, agressividade, timidez, medos irracionais, idéias fixas, manias, etc.

Em todos os casos de estados neuróticos ou de inadaptação, em realidade se deveria procurar um psicoterapeuta logo no inicio, quanto mais cedo, melhor, pois mais fácil se torna a solução do problema.

Data : 06/04/1977

Título : O Relacionamento do Adulto com a Criança

Categoria: Artigos

Descrição: Estes temas foram desenvolvidos para educadores escolares apenas.

O Relacionamento do Adulto com a Criança

Hoje trataremos de assunto já varias vezes exposto sob o titulo: “Educação com o Processo Gerador de Neuroses” e “Educação como Processo Terapêutico”.

Estes temas foram desenvolvidos para educadores escolares apenas. Mas seria necessário que os pais tomassem conhecimento do problema. Eu disse os pais tomassem conhecimento do problema. Eu disse aos pais, mas na verdade eu quero incluir também aqueles que irão ser pais.

Por essa razão, penso que os cursos para noivos deveriam chamar-se, Curso de Preparação para Maternidade e para Paternidade, incluindo além dos necessários e úteis conhecimentos do significado do sacramento matrimonial dos fundamentos da vida sexual, relacionamento conjugal e fundamentos de puericultura, deveriam constar também as bases do relacionamento dos pais com os filhos.

Penso que tais cursos deveriam ser ministrados, por elementos especializados e não como vem sendo feito, em geral, por pessoas as vezes bem dotadas e de boa , pois isso não basta.

A educação em todos os níveis não pode mais ser improvisada. Ela hoje deve ser tratada como uma arte, uma ciência e um ato religioso simultaneamente.

Ainda não consegui entender, porque a educação devera ser considerada um ato menos sacramental do que o matrimonio?

Tenho ouvido falar tanto em indissolubilidade do vinculo matrimonial, que deve ser conservado em favor dos filhos. Mas infelizmente não tenho percebido o mesmo cuidado com respeito a educação.

Ora, se pode pensar o casamento como indissolúvel, e seria bom que houvesse as condições psicológicas para a indissolubilidade, devemos pensar que os erros cometidos pelos pais na educação dos filhos, são na verdade talvez mais indissolúveis do que os laços matrimoniais, pois esses findam com a morte de um dos cônjuges, enquanto que os erros que cometemos na educação e os traumas que produzimos nas crianças, certamente não se dissolvem com a morte.

Eu me pergunto, por que tanto zelo tanto zelo pelo casamento e tanto desprezo pela educação? É um tema para todos e em especial para os senhores sacerdotes.

Nos próximos artigos abordaremos as bases da influencia exercida pelo mundo adulto sobre a criança.

Parte 2

No final do ano passado escrevemos um artigo sobre este titulo, prometendo outros como seguimento, mas por excesso dos afazeres e depois por estarmos afastados da cidade não havíamos ainda cumprido a promessa.

Agora, de regresso as atividades, retornamos também a colaboração para O Nacional.

Naquele artigo abordamos o aspecto do adulto com a criança recém nascida e ressaltamos a importância desse fato para uma reavaliação dos nossos conceitos e valores. Dissemos que só por isso já seria justificado um nascimento.

É claro que há muitos outros aspectos, até mais importantes e transcendentais, dos quais não queremos falar agora.

Na prática a verdade é em geral bem dura. O adulto, em regra, não se dá conta de nada, não pensa e muito menos sobre o tema que abordamos. Eis porque fazemo-lo aqui, pois é necessário que se processe uma mudança nesse aspecto. Hoje queremos analisar outro aspecto básico desse relacionamento.

Existe hoje uma gama de conhecimentos sobre a evolução do ser humano como indivíduo em muitas áreas, seja como homem biológico ou psicológico.

A biologia conhece bem todas as fases do desenvolvimento físico. A Psicologia já possui conhecimentos imensos sobre as etapas do desenvolvimento psicológico, tanto nas áreas do intelecto como da vida emocional. Tudo já está pesquisado. Muita coisa já se acha publicada e ao seu alcance do homem de cultura mediana. Muito já se é ensinado na Universidade, especialmente nas Faculdades de Educação. Também nos colégios com habilitação para magistério é ensinado Psicologia Aplicada à Educação.

Decididamente não se lê nada disso que é publicado sobre o assunto! As pessoas preferem perder o seu tempo precioso vendo e ouvindo anúncios comerciais na

TV. Outros que lêem e estudam, parece não assimilarem o conteúdo. Não fazem uso do conhecimento na vida prática.

Neste sentido o saber é apenas um apêndice inútil, algo que é estudado só com vistas a satisfazer as exigências de um currículo, mas que não tem poder modificador nenhum.

Em quase toda a parte, nos lares, ou na escola as etapas evolutivas da criança não são respeitadas, quando é absolutamente necessário que isto seja feito.

Não só as etapas de desenvolvimento são arbitrariamente queimadas, mas a própria natureza do ser agredida.

O resultado disto é simplesmente catastrófico.

Muitas vezes temos a impressão, pelo menos nas atuais condições, que aquilo que deveria ser um processo de amadurecimento e desenvolvimento que levaria ao desabrochar das potencialidades intrínsecas do ser humano, acaba sendo ao contrário, um processo de condicionamento e embotamento, de modificação, ao menos no que diz respeito ao aspecto de humanização.

Vemos muitas vezes aos adultos exigirem da criança e do jovem, atitudes, compreensão e comportamento igual aos deles, adultos.

Esquecem, em primeiro lugar, de considerar a etapa de desenvolvimento da criança ou jovem, que exige explicações e linguagem a altura do seu desenvolvimento. Em segundo lugar, deixam de levar em conta a diferença de idade existente entre ambos, criança ou jovem e seus educadores, pais e professores.

É preciso considerar que a capacidade de um adulto deve ser necessariamente maior do que a da criança e jovem, ressalvadas as diferenças individuais.

É necessário ainda levar em conta o estudo, o exercício e a experiência do adulto, que vai vários anos na frente com relação aos educandos jovens e infantis.

Por conseguinte, um adulto que vive e estuda, digamos durante 20 e 30 anos, não pode pretender e menos exigir que uma criança atinja a mesma capacidade de desempenho em meia dúzia de anos, quando ele, adulto, levou 20 ou mais anos para atingir o ponto em que se encontra.

Isto que estou falando é assunto primário, inteligível mesmo para inteligências não muito privilegiadas. E eu não consigo entender a razão disto não ser compreendido e de não ser respeitada a natureza das coisas.

É necessário que se pense estes assuntos. Afinal o ser humano não pode continuar tratando crianças e jovens com a mesma naturalidade com que os bichos tratam seus filhotes e a mesma irresponsabilidade como só o homem corrompido pode fazer!

O ser humano deve elevar-se a categoria de sua distinção de ser HOMEM, mas isto só pode ser feito com o esforço esclarecido dos educadores: os pais e os professores.

Parte 3

Hoje queremos tecer algumas considerações sobre o modo como o adulto, através de seus atos, pensamentos, sentimentos, imprime impressões na mente infantil, as quais influirão na personalidade do futuro adulto.

Os estudos realizados no campo da Psicologia Clínica, revelam já nos trabalhos de Otto Rank, publicados em língua portuguesa no livro “Cartas a uma Mãe”, que as vivências e sentimentos dos pais, exercem influências sobre a mente da criança que ainda se encontra no ventre materno.

Mesmo que se duvide da objetividade dessa pesquisa, não se pode mais por em dúvida os resultados das pesquisas realizadas através da Psicanálise, o qual tem revelado a fixação de impressões negativas na mente da criança, desde as primeiras horas de vida, constituindo os traumas psicológicos, responsáveis pela maioria dos desajustes e grande parte das doenças mentais.

Como se exerce a influência má? Basicamente, o mecanismo é como o das influências boas. O que varia é qualidade dos sentimentos e dos atos do adulto.

Para compreender o mecanismo da influencia sobre a mente infantil é necessário saber que a mente humana tem três níveis fundamentais de consciência e que os três possuem capacidade de captação de impressões. Consciente, subconsciente e inconsciente, nós captamos tudo o que ocorre ao nosso redor.

É pelo inconsciente que recebemos o maior numero de e são exatamente estas que terão maior importância na vida adulta. Elas determinarão impulsos cuja origem se torna difícilimo identificar.

Muitos desses impulsos são negativos e por isso censurados. Essa censura se realiza predominantemente em níveis subconsciente e inconsciente, criando comportamentos anormais, patológicos, seja alterando a vida emocional (neuroses) ou mental (psicoses).

As impressões aderem e exercem influencia maléfica tão mais forte e profundamente, quanto mais tenra a idade em que elas se realizaram.

Eis porque é necessário que se conheça esses fatos e também que haja grande empenho dos adultos, especialmente dos pais, no sentido de respeitar a criança e de criar um ambiente emocional, mental e social, o mais saudável possível para que a

criança nasça, se desenvolva e se torne adulto, tanto quanto possível sem traumas psicológicos.

Parte 4

No ultimo artigo trocamos algumas considerações sobre o procedimento dos adultos com relação as crianças, sem respeitar a faixa de idade e por conseguinte as capacidades que elas apresentam no momento.

Até ali, falamos no sentido geral. Hoje queremos abordar alguns aspectos do modo como os adultos, em especial, os pais e os professores, tratam a crianças portadoras de dificuldades de aprendizagem com problema de conduta.

Em todas as oportunidades que têm se apresentado para nós, temos procurado esclarecer pais e educadores, sobre as causas da dificuldade para aprender e dos problemas de conduta. Temos dito, com base nos conhecimentos científicos atuais e em nossa experiência que, quando uma criança não aprende ou se comporta mal, sempre existe uma causa alheia a sua vontade, ou a criança sofre de algum problema em seu organismo, embora não possa a rigor ser considerada doente, ou sobre alguma alteração na sua vida psíquica.

Em ambos os casos todas as maneiras de tratar, suportáveis por crianças sem alterações psicológicas, tais como castigos corporais, repressões severas ou privações de regalias justas, são intoleráveis por crianças portadoras de tais alterações.

Crianças com atraso no desenvolvimento mental ou com disfunções cerebrais devem ser tratadas com firme bondade. Nunca com violência de qualquer tipo. Elas necessitam ser valorizadas nas mínimas especialidades que ainda possuem. Precisam ser estimuladas constantemente de modo bondoso.

Sempre que se maltrata uma criança portadora de lesão cerebral, seja uma paralisia ou uma disfunção mínima (disritais), ela sofrerá com isso e tara cada vez mais a lesão agravada.

Por essa razão se faz necessário que os pais e professores da criança com disfunção cerebral se preparem da melhor forma possível para educá-las.

Em nossa experiência de trabalho com essas crianças podemos testemunhar que elas passam a apresentar um comportamento adequadamente medicadas e tratadas pelos adultos de modo correto.

É por isso que trazemos aqui a mensagem, especialmente aos pais: Sempre que seus filhos apresentarem um comportamento escolar, familiar, sociais não aceitáveis, procurem um Psicólogo, um Neurologista ou mesmo o Orientador Educacional de sua escola.

Tanto o Psicólogo como o Neurologista, esta em condições de orientá-los no modo de proceder. O Neurologista lhes informara sobre a existência de comprometimento neurológico e orientara o tratamento do ponto de vista médico e o psicólogo a cerca da maneira mais adequada de conduzir a educação.

E bom lembrar que os processos violentos nunca produziram e nunca produzirão bons resultados nesses casos. Ao contrario, criam apenas revolta e impedem que a criança ame seus educadores, pais e professores.

Data : 31/07/1977

Título : 11.000 km de Brasil: um panorama de desolação

Categoria: Artigos

Descrição: Naquela época ao retornar eu respondia à curiosidade de amigos, dizendo como eu havia visto a realidade nordestina.

11.000 km de Brasil: um panorama de desolação

Eu já conhecia a região litorânea do Brasil até Recife. Por terra até o Espírito Santo. Dali para o norte, somente por haver sobrevoado a região a mais de 2.000m de altitude. Quer dizer na verdade eu nada conhecia, pois quem quiser conhecer o Brasil, deve percorrê-lo por terra, convivendo tanto quanto possível com seus habitantes.

Em 1961 fui a um congresso em Recife. Ainda dessa vez de avião no percurso Rio-Recife.

Terminado o congresso desci até Maceió, em ônibus. Fiquei deveras impressionado com as características econômicas, sociais e ecológicas da região litorânea cuja quase única cultura é a cana-de-açúcar.

Uma vez à Maceió, dirigi-me via terrestre até Paulo Afonso. Havia muito desejava conhecer. Assim pude conhecer na extensão, as zonas litorâneas, do cerrado e caatinga.

Mais impressionado fiquei ainda com as condições geográficas, sociais e econômicas da região do sertão nordestino.

Somente dessa forme pude compreender uma pouco da obra de Graciliano Ramos e ver que não se trata de mero lirismo ou figuras literárias, ou coisa que o valha. É descrição realística da própria condição da terra do homem e sociedade.

Naquela época ao retornar eu respondia à curiosidade de amigos, dizendo como eu havia visto a realidade nordestina.

Falando em miséria e fome eu dizia: "Vocês aqui não conhecem isto. Aqui no sul, em ultima instância, o pobre tem alguma coisa para subtrair mais ou menos impunemente, pois aqui existem bem materiais de consumo em relativa abundancia. Lá, além de quase não existir, se alguém tentar roubar, será severamente castigado pelo dono da terra, pelo coronel". Estou me referindo, naturalmente, aos costumes do sertão!

Passaram-se 16 anos agora no mês de julho, como eu precisava participar de um congresso em Teresina, resolvi fazer viagem por terra.

Apesar dos sacrifícios que representa percorrer 11 000 km em ônibus desconfortável preferi esse meio de transporte ao avião, porque ele me proporcionaria uma visão mais real, embora de passagem, da situação do interior brasileiro nessa faixa de terras.

De fato meus amigos é impressionante a visão desta parte do Brasil. Para inicio de conversa o grande drama brasileiro começa no Estado de São Paulo, e continua até...

O que observamos a partir de São Paulo? Primeiro notamos aí os aspectos da vegetação: apenas morros que foram pelados para plantio de café, com seu solo empobrecido pela erosão e uma vegetação constituída de capim. O solo fértil que existiu ali uma vez deve estar sepultado, formando sedimento no fundo do mar.

A primeira e mais importante riqueza, o solo fértil e a mata, aqueles brasileiros dilapidaram, talvez da mesma forma como o terão feito com o dinheiro mal ganho com a exploração do trabalho escravo. Esses brasileiros se é que assim se pode chamar desenvolveram um tipo de economia predatória, como mais tarde fizeram aqui mesmo em nosso planalto rio-grandense, os inconscientes e inescrupulosos madeireiros. Como estão fazendo hoje em outras partes do Brasil, destruindo criminosamente o resto da floresta brasileira.

Saindo de São Paulo entraremos no Estado do Rio de Janeiro. O panorama é o mesmo, agravado pela miséria em que vive a população rural e suburbana das pequenas cidades interioranas desse Estado.

Entrando em Minas o quadro vai se tornando cada vez mais dramático, tanto do ponto de vista do homem quanto ecológico.

Ao ingressar no Estado da Bahia, Pernambuco e Ceará, o quadro cada vez se agrava mais. O sertão cearense então é um quadro triste, desolador onde se viaja um dia inteiro vendo-se quase só arbustos secos, cabras e alguns jumentos, solo pedroso, ranchos em que uma pessoa mal pode entrar em pé, e uma população de homens, mulheres e crianças ressequidos pela fome, com as barrigas estufadas de vermes, cheios de sarna e muitos aleijados.

Crianças, adultos e velhos, não sei se na verdade o são, aleijados e deficientes mentais, pelas mais variadas causas, são encontrados em quantidades ainda não vista aqui.

Chegamos enfim a Teresina, às 2h30min de sábado, dia 09/07/1977, onde nos esperavam brasileiros amigos APAEANOS, conscientes e dedicados, muito bem organizados e solícitos, com um sorriso franco coração aberto e um abraço amigo, como se nos conhecêssemos e convivêssemos há muito tempo.

Receberam-nos, orientaram e acomodaram tudo na melhor forma.

Teresina é um Oasis no deserto nordestino. Um Oasis de verde e de calor humano.

Lá fomos encontrar jornalistas, médicos, advogados, desembargadores e tanta outra gente culta e representativa, engajada nesse trabalho enorme de oferecer condições adequadas para que um congresso de 1500 pessoas pudesse realizar a contento. Os teresinenses ofereceram o melhor que poderíamos esperar.

Desde o Senhor Governador do Estado Dr. Dirceu Arcoverde até os mais humildes colaboradores, todos participavam com enorme entusiasmo.

Tinha-se a impressão de aquele povo bom de Teresina recebia, preparava e participa desse congresso com uma grande esperança de que ele viesse trazer um impulso, no sentido da compreensão e solução dos inúmeros problemas que aquele estado, e todo nordeste enfrentam com vista assistência social concreta e adequada.

Caros leitores! Quando conhecemos de perto os problemas do nordeste, começamos a conhecer os problemas do Brasil e nos tornamos mais conscientes das nossas responsabilidades para com nossa terra e nosso povo.

Assim, nem podemos entender como possa existir homens que hajam com tal impudícia, tanto falta amor ao próximo e tanta falta de patriotismo, e lancem mãos fraudulentamente daquilo que pertence ao povo. Sinceramente não podemos entender isso.

Uma nação é seu solo, o seu povo e sua índole.

O solo foi e esta sendo corroído pelos exploradores inescrupulosos. O povo esta sendo corrompido na sua índole pelo mau exemplo desses maus brasileiros que fizeram e fazem seu patrimônio, destruindo o solo, a flora, a fauna, o equilíbrio ecológico, as condições de vida das gerações futuras e seus próprios irmãos brasileiros.

Urgem medidas saneadoras que devem ser tomadas pelas autoridades e por todos brasileiros conscientes e responsáveis.

Data : 28/02/1978

Título : Educação e Repressão

Categoria: Artigos

Descrição: Melhor aprende-se aquilo de que se gosta. E melhor ainda quando se gosta do educador.

EDUCAÇÃO E REPRESSÃO

Ao retornarmos às atividade educacionais pensei que seria de bom alvitre refletir um pouco sobre nossa tarefa.

Educar! Ora, como a própria palavra diz em sua etimologia: a letra. E tem sentido de fazer subir, elevar; docere ou ducere. O sentido de educere é conduzir para o alto, para o exterior. Mas conduzir o quê? Sabemos que a vida psíquica do ser humano é constituída de experiências, vivências conscientes, subconscientes e inconscientes, guardadas em algum recanto do psiquismo.

É claro que aí encontramos inclinações, tendências, etc., muitas dais quais se costuma denominar negativas. Evidentemente que não se trata de fazer as tais tendências se tornarem realidades. Então, deve haver no ser humano potencialidades positivas. Muitos grandes pensadores entre eles Sócrates, afirmaram que toda a sabedoria já é jacente no homem, bastando que o docente ofereça condições para que a consciência possa percebê-la.

Pois bem, se realmente é assim como afirma Sócrates, toda a imposição em educação nega o próprio principio socrático ou educativo. O que é necessário então é uma adequação da estimulação para que o saber surja como fruto.

Além do mais, é bom lembrar que o ato de aprender é um ato altamente efetivo. Melhor aprende-se aquilo de que se gosta. E melhor ainda quando se gosta do educador. Daí a importância da efetividade do educador. É claro que essa efetividade do educador deve

ser objetiva equilibrada. É importante gostar do que se vai aprender e de quem ensina. Do contrário, pode-se acabar rejeitando aquilo que se deveria aprender, especialmente na forma escolar. Não são poucos os casos em que isso acontece.

Sempre que somos obrigados a fazer algo, podemos acabar detestando isso, mesmo quando em outras circunstâncias gostaríamos de fazê-lo. A imposição e a repressão como “método” ou recurso sistemático acaba sempre por gerar – revolta. Em psicologia sabemos que quem usa “métodos” autoritários, discriminatórios, ou tem má fé e não acredita no ser humano ou é ignorante.

A verdade é que o ser humano é como um rio: precisa ter livre curso. Com o rio que tem seu curso impedido e um dia acaba por romper violentamente essa barreira, o ser humano quer como indivíduo ou como humanidade, quando reprimido, acaba um dia por romper os diques e joga-se com violência, destruindo tudo que encontra pela frente sem possibilidades de reparos. Como educador, professores ou pais, como homem público, detentor de qualquer grau de autoridade ou responsabilidade, deveríamos meditar muito sobre este assunto, quer seja na educação da criança e do jovem, quer na condução dos assuntos referente ao povo.

Data : 18/04/1978

Título : Repressão: Por quê?

Categoria: Artigos

Descrição: Em um esentoanterior tratamos de um aspecto de repressão no processo educativo e social. Hoje pretendemos analisar o tema, ainda do exclusivo ponto de vista científico psicológico, em outro aspecto.

Repressão: Por quê?

Em um escrito anterior tratamos de um aspecto de repressão no processo educativo e social. Hoje pretendemos analisar o tema, ainda do exclusivo ponto de vista científico psicológico, em outro aspecto. Para tanto pedimos a quem nos ler que o faça sem preconceito tanto quanto lhe seja possível etire as conseqüências totais em extensão e profundidade.

Para início de conversa perguntaremos: 1) o que é repressão? 2) qual a causa da repressão? 3) onde se encontra a causa, no reprimido, ou no repressor?

Antes de continuar lendo, seria bom que o leitor parasse um pouco e meditasse sobre essas perguntas. Mas faça essa meditação procurando observar a si mesmo praticante do ato repressivo.

Tentemos responder as perguntas.

1) A repressão se caracteriza por ser antes, de mais nada, um ato apoiado num forte sentimento que leva o repressor a exercer sua ação nos planos: físico, emocional(anímico) e intelectual, impedindo a livre manifestação do homem em um deles ou em todos ao mesmo tempo, Portanto seu traço característico é o fato de a força causante fazer no interior do repressor ou de seu agente. Assim estamos na pista das respostas às perguntas dois e três, ou seja, qual a causa e onde se encontra. É um sentimento forte demais, muitas vezes inconsciente que impele o indivíduo (o repressor) a exercer o ato de forma irracional. Esse sentimento é fundamentalmente medo.

Medo de que? De qualquer coisa... O que caracteriza essa forma de medo é a irracionalidade e subjetividade da percepção e da reação. Em geral podemos dizer que é medo de que a liberdade de expressão do outro, funcione como desagregador da estrutura psicológica do indivíduo que, como defesa reprime, tentando dessa maneira impedir o surgimento de estímulos perturbadores, que possam abalar a sua estrutura psicológica frágil.

O processo repressivo evidentemente, não se realiza somente sobre o exterior. O indivíduo o experimenta também com relação aos seus conteúdos inconscientes, subconscientes ou mesmo conscientes, - desde que o seu subjetivismo os julgue condenáveis.

Todo o processo repressivo quer seja do indivíduo para consigo mesmo, quer para com outros, evidencia fraqueza psicológica sentimento de culpa, falta de domínio dinâmico do manejo da vida emocional, etc.

Num certo aspecto, o repressor é um inseguro, um medroso, um desconfiado.

A intensificação destes sentimentos, medo, insegurança, desconfiança, leva à caracterização de uma personalidade paranóide, que é o tipo predisposto à repressão.

Como condutora ou estimulador do processo emocional é de suma importância que se dê a máxima atenção a esse processo, pelo qual se chega a ser um repressor, para que se o evite, pois ele leva a prática de ações que embotam a criatividade e bloqueiam a inteligência da criança e do jovem.

Como condutor de povo, se precisa cuidar para que ninguém exerça repressão sobre ninguém, especialmente sobre aqueles que promovem a educação e a cultura.

18/04/1978

Data : 30/08/1978

Título : Educação: Reprimir ou liberar?

Categoria: Artigos

Descrição: Há poucos dias ouvi uma conversa entre duas mães sobre a diferença entre o comportamento das atuais crianças

Educação: Reprimir ou liberar?

Há poucos dias ouvi uma conversa entre duas mães sobre a diferença entre o comportamento das atuais crianças e as de seu tempo e de como seus pais a tratavam.

Falavam dos métodos repressivos usados e seus resultados. Uma dizia: “Pois é, nós apanhávamos, recebíamos castigos, nos revoltávamos, é verdade, mas nunca nos passou pela cabeça a ideia de fazer coisas que os jovens fazem hoje, como usar tóxicos por exemplo.

A isso a outra retrucou que não faziam coisas proibidas por medo e que esta juventude de hoje recorre aos tóxicos e outras coisas, por outro lado os hospitais psiquiátricos estão cheios de pessoas de sua geração reprimida.

Ouvi a conversa e fiquei pensando especialmente em algo que ouvi por ultimo: “Pois é nós estamos perdidas sem saber o que fazer.

Pensei: mas que confusão esta em que estão metidos os educadores, em especial os pais! Bem em todo o caso já existem pessoas que se deram conta de que estavam perdidas.

Parece então que não há alternativa entre repressão e libertação. Se reprimir, cria recalques. Se libertar, cria confusão. Eis um mal entendido que precisa ser desfeito!

Muitas pessoas nesta situação culpam as modernas teorias sobre educação e liberdade.

Modernamente os primeiros a se darem conta dos males da educação repressiva, foram os psicanalistas. Freud foi o primeiro a trazer a lume esta questão.

A psicanálise foi mal entendida já por muitos psicanalistas e demasiadamente pelos não especialistas.

É sabido que a repressão, o recalque dos conteúdos psíquicos afetivos negativos, causa toda sorte de anomalias e prejuízos. Daí concluíram os ingênuos, que o oposto é que deveria ser feito, isto é, sua libertação total.

Essas pessoas não entenderam que a libertação dos conteúdos reprimidos, que são sempre agressivos, deve ser feita em consultório e, portanto sob a orientação e controle do especialista em psicoterapia.

Nenhum psicoterapeuta aconselha seu cliente liberar sua agressividade na vida social. o psicoterapeuta proporciona condição de libertação na sessão psicoterápica, exatamente para que o processo não se realize na vida de relações da pessoa, pois liberar agressividade na convivência é socialmente desaconselhável por ser prejudicial a própria pessoa e aos outros com quem vive.

Parte 2

No artigo anterior focalizamos sinteticamente o mal entendido que houve e ainda esta ocorrendo com relação à Psicanálise, por parte de muitos especialistas e de leigos versados no assunto.

Hoje queremos aprofundar mais um pouco o tema, analisando o que nos parece ser a causa básica desse mal entendido e as principais conseqüências.

Em primeiro lugar é necessário entender o que se passa no íntimo do educador: pai, mãe ou professor e em especial dos pais.

É sabido que o princípio dominante na educação até o advento da Psicanálise foi a repressão e que o móvel da repressão em sentido psicológico é a tentativa de controlar as próprias tendências que se movem no íntimo e desacomodam o indivíduo.

Dessa forma entende-se que o indivíduo que desempenha a função de repressor, acaba por se desgastar, cansar e aumenta sua própria pressão psíquica, aumentando por isso o seu grau de desequilíbrio.

Esse fato é vivenciado como profundamente perturbador. O opressor gostaria de não necessitar exercer essa função molesta. Não porque a julgue incorreta, má para o outro, mas porque incomoda para si mesmo.

O pai ou educador, opressores, ou qualquer outro tipo, não conseguem sair de sua própria rede, seja porque tem necessidade de exercer controle exterior, na tentativa de controlar as tendências inconscientes e , seja porque temem o julgamento dos outros pelo fato de serem fracos, incapazes de realizar uma educação que faça homens julgados bons. Por isso se empenham na tarefa egoística de evitar o aparecimento de elementos perturbadores na sociedade. Egoística porque não visa o bem alheio, mas é por medo à crítica.

Paradoxalmente esses elementos crescem e vem crescendo em número, veja-se, por exemplo, na onda de violência que vem acontecendo em todo o mundo. E quando os indivíduos não conseguem exteriorizar a agressividade em estado de consciência, primeiro eles se auto-agredem, com tóxicos, por exemplo, num processo de autodestruição, agredindo assim os padrões sociais (se é que ainda existem) e muitos no estado de intoxicação conseguem exteriorizar a agressividade. Por isso que sempre que sentem impulso agressivo lançam mão do tóxico, seja ele qual for inclusive o álcool, para inibirem a censura.

Como desempenhar a opressão é tarefa incomoda e realizar um esforço no sentido de encontrar aminhos que atendam os verdadeiros princípios da educação é extremamente difícil e trabalhoso, pois exige muita meditação e conseqüente modificação de mentalidade, os adultos preferiram e em geral preferem comportar-se como atualizados e permitem muitas coisas realmente prejudiciais à criança e ao jovem, como se isso resolvesse o problema.

Pode ser que momentaneamente de a impressão de haver resolvido o problema, preguiça mais tarde devera pagar o preço do comodismo.

Para justificar esse comodismo se apoiará e se apóiam nas afirmações da teoria psicanalítica.

Desse modo, vê-se como pode ser feito mau uso de uma coisa fundamentalmente boa a Psicanálise é usada para justificar o comodismo e desinteresse.

A criança e o jovem ao contrario de se sentirem felizes com essa liberdade dos educadores, em particular dos pais, sentem-se na verdade inseguros. Eles não vivenciam essa liberdade como bondade, mas como fuga e desinteresse. Daí, por não terem segurança afetiva necessária, que emana de uma atitude seria amorosa, compreensiva e firme, porque resultado de profunda e madura meditação, caem num vazio existencial. Falta-lhes base para um objetivo de vida.

Ora se a vida de relações com os educadores, pais e professores é vazia e estéril, o que podem uma criança e um jovem esperançarem e confiar que a vida lhes ofereça?

A criança e o jovem flutuam num emaranhado de preconceitos, sentimentos e representações, em cuja origem e valor o adulto jamais pensou.

Para a criança e para o jovem essa insegurança, essa falta de perspectiva, se afiguram numa barreira insolúvel e intransponível e assume características de duração eternas. E na medida em que isto acontece se estabelece o desânimo, a falta de objetivo, de élan, de entusiasmo, crescendo até o estado de nihilismo e até o desespero.

Data : 19/06/1979

Título : Neurose

Categoria: Artigos

Descrição: Poderiam ser tachados de alienados, egoístas, pois nada que aconteça fora do seu mundo o abalaria.

Neurose: o mal dos nossos dias

Dr. Getúlio Vargas Zauza, psicólogo, há quatro anos residindo em Passo Fundo e participando profissionalmente em diversos, setores relacionados com a psicologia aplicada (inclusive aos excepcionais), inicialmente utilizou-se de uma definição técnica do que seria neurose. Dentro desta conceituação clássica entenderíamos a neurose como perturbações de ordem afetiva. Mas partindo de um ponto de vista mais aberto, o neurótico seria aquele que luta por valores incorretos.

Para Zauza, existe o indiferente aos acontecimentos que surgem ao seu redor, o que não entende estes mesmos acontecimentos e o equilibrado. Os dois primeiros são os que vivem bem, pois não se imiscuem com os dados do mundo, pois criaram uma espécie de sociedade própria familiar se assim se poderia dizer.

Poderiam ser tachados de alienados, egoístas, pois nada que aconteça fora do seu mundo o abalaria.

Mas, em termos, vivem bem e leves. O equilibrado é justamente aquele que não se conforma com os dados do mundo exterior. Mundo exterior a ele, mas ao qual pertence e convive cotidianamente. Indaga, pergunta, tenta melhorar, se- preocupa. Aí entra a diferença, segundo o dr. Zauza, do desequilibrado (ou neurótico). O que está em equilíbrio, continua, pergunta talvez na mesma intensidade com que o desequilibrado usa do voltar-se a si mesmo. Os valores do último é que são incorretos, o que provoca uma utilização neurotizante e improdutiva daquele questionamento.

ORIGENS

A neurose pode ter as mais diversas origens. Citou o uso abusivo do álcool que, segundo -o dr. Zauza, provoca diversos tipos de mudanças no comportamento. O tratamento deveria observar uma certa faixa etária para melhor aproveitamento. Para Zauza, o ideal seria que a pessoa procurasse uma pessoa especializada antes dos 35 anos porque então os tipos de comportamento já se estão solidificando o que tornaria muito difícil uma reversão. Depois dos 50 ou 60 anos, só será possível uma psicoterapia de apoio. Claro que a faixa etária apresentada varia de pessoa para pessoa, dependendo de cada personalidade.

Nas grandes cidades tem-se a neurose como uma companheira comum a quase todas as pessoas. A vida excessivamente agitada e as diversas formas de poluição provocariam uma grande confusão- na escolha dos valores corretos. Mas quanto a este aspecto, o dr. Zauza tem um outro posicionamento, pois considera que em grandes centros existem menos pressões à pessoa do indivíduo. É claro que o fator solidão também manifesta-se como um grande incentivador da neurose.

Nas cidades pequenas as - pressões são muito maiores, afirmou. A pessoa tem impulsos aos quais não pode dar vazão devido ao meio social e então não consegue mais se controlar. A pressão social continuou é muito mais sentida em pequenos centros populacionais.

- Transportando especificamente o problema para Passo Fundo o dr. Zauza afirmou que a incidência de neurose é enorme, principalmente entre os jovens. Existe uma lacuna, porém, porque nem todas as pessoas se posicionam com clareza e procuram tratamento psicológico, justamente pela mesma pressão social. Em termos de progresso, disse. Passo Fundo deu um salto, vindo gente de todos os lados para a cidade, o que acarreta mudanças no comportamento. A corrida pelo curso universitário também contribui para este fator.

O problema maior, segundo o dr. Zauza é que as pessoas não podem ser obrigadas a fazer tratamento psicológico. Existe muita resistência, por fatores que podem mudar de caso para caso. Neste sentido, coloca o seguinte;

- Quando uma pessoa sente a necessidade de procurar um diálogo com uma pessoa mais esclarecida, isto é uma atitude inteligente, o que não representaria, por outro lado uma busca de valores incorretos.

Do Jornal

O Nacional

Passo Fundo 19 de junho de 1978

Data : 23/07/1979

Título : Civilização e Violência

Categoria: Artigos

Descrição: Temos dito que é dever de quem educa ou governa, criar condições para que não haja a revolta justificada

Civilização e Violência

Em diversas oportunidades temos analisado, em artigos palestras e entrevistas, as causas e conseqüências da repressão, do arbítrio e da violência, quer seja na condução do processo educativo escolar e familiar, quer ser na condução dos destinos de um povo pelos governantes.

Temos dito que é dever de quem educa ou governa, criar condições para que não haja a revolta justificada, pois nada cria maior indignação do que a injustiça, indignação essa vivenciada tanto pelo atingido quanto pelas pessoas que tendo senso do que é direito vêem acontecer o contrario.

Vivemos já no limiar do século XXI, quase 2000 anos após o surgimento da doutrina cristã que selou outros antecedentes, como as de Zaratrusta na Pérsia e Buda na India. Mas, todos esses séculos não foram suficientes para que a grande maioria dos seres humanos fizesse o mínimo de progresso no sentido de erradicar a agressividade primitiva ainda oriunda da animalidade nas profundezas do inconsciente.

A responsabilidade dessa não evolução cabe ineludivelmente aos princípios que nortearam a educação e, estes princípios foram em todos os séculos dados por aqueles que se diziam eleitos para conduzir a vida espiritual da humanidade, pois esses condutores estiveram sempre aliados aos ricos, o que equivale dizer aos poderosos.

Quanto aos pobres e desprotegidos, se limitaram a pregar a submissão e a incapacidade para pensar fora das normas dogmáticas. E assim é que do dogma se chega ao autoritarismo e vice versa e destes a arbitrariedade; desta à injustiça e daí à indignação a revolta e a desordem.

Como se vê o problema é complexo e extenso e deriva de infinitas omissões, má fé, ignorância, através dos tempos. Já tenho expressado em consonância com grandes pensadores como Schiler (por exemplo, em sua obra cartas para a educação da humanidade) que é dever do governante, além de outras coisas que não cabe citar aqui, garantir a liberdade dos cidadãos e empenhar-se para que haja justiça em todos os sentidos e propugnar pela educação, de tal modo que os componentes de uma sociedade possam atingir um elevado grau de conhecimento para poderem reconhecer o valor da liberdade e diferenciar entre estas e os impulsos cegos de impor sua vontade aos outros.

É evidente que a violência não é a solução para qualquer problema. Mas quando o Estado não protege o homem, o individuo, criam-se discrepâncias, sociais, culturais e psicológicas em que o individuo ou a comunidade numa reação de desespero, apela para reação violenta.

Para que tal não acontece cabe ao Estado, na pessoa dos governantes, orientarem a vida social e econômica, de modo a não haver discrepâncias que venham a dar motivos à violência popular ou mesmo individual.

É evidente também que nas circunstancias atuais, há necessidade de uma força controladora, a qual deve agir sobre a força da lei para resguardar o homem contra a

ação delinqüente, sendo ação delinqüente toda aquela que for contra os reais interesses e necessidades do ser humano. A lei deve ser criada em função da realidade, da índole do povo e não arbitrariamente. Também a educação individual deve ser desenvolvida com base na realidade concreta e transcendente do ser humano.

Os homens que tem a missão de proteger os direitos dos membros da sociedade devem ser capazes de discernimento. Por isso, a força controladora deveria ser formada por homens selecionados segundo critérios psicológicos e ter condições dignas de trabalho e vida.

Não havendo critérios e condições adequadas, se torna fácil que elementos com desvio de personalidade assumam a missão de proteger, mas depois façam o contrario. Felizmente a regra ainda não é o desvio de personalidade grave.

Agora com relação aos lamentáveis acontecimentos que resultaram no envolvimento da BM com populares em Passo Fundo, pode-se concluir facilmente levando em conta o que foi dito nas linhas antecedentes.

Como conclusão pode-se dizer que houve desequilíbrio psicológico (emocional), de parte daqueles que tem a missão de proteger o cidadão normal contra os atos dos delinqüentes.

A parte da população que reagiu o fez por sentir-se agredida, insegura e também sem confiança nos meios normais da justiça. Deve ser acrescentado ainda, para entender melhor, que o soldado é um homem treinado para ter reflexos de obediência e não pensar. Ele é condicionado. Esse condicionamento vai depender da fonte condicionante principal, o comandante.

Sendo o soldado condicionado agir por reflexo e não por reflexão, pensar, ele vai em regra responder aos estímulos do comando. Tendo um comando capaz de emitir estímulos normais a tendência é ter um comportamento normal. No caso de um comandante sem equilíbrio emocional. Homens que sejam capazes de compreender que eles tem pais, mães, irmãos que pertencem ao povo, como eles mesmos também afinal de contas são mesmo desse mesmo povo, e que portanto, não tenham fobia de povo.

Para verificar se os futuros candidatos ao exercício dessa missão realmente reúnem as condições exigidas, existem os recursos da psicologia, que podem medir com excelente margem de segurança a capacidade ou não para tal. Por fim, seria mesmo aconselhável que tais homens, cuja a missão é proteger e comandar os agentes de proteção, usufríssem dos benefícios da psicologia, realizando uma psicoterapia, não de cura mas de desenvolvimento dos caracteres positivos de suas personalidades e como tal minimizar os efeitos negativos. A comunidade rio-grandense só teria a lucrar com tais medidas, mesmo que elas fossem custeadas pelos cofres públicos. Fica a sugestão a quem de direito e dever.

Data : 30/07/1979

Título : Número de excepcionais aumenta e psicólogo pede adoção de enérgicas medidas preventivas

Categoria: Artigos

Descrição: Para o psicólogo clínico Getúlio Vargas Zauza, é chegado o momento de serem adotadas enérgicas medidas na área da prevenção para conter e amenizar...

Número de excepcionais aumenta e psicólogo pede adoção de enérgicas medidas preventivas

Para o psicólogo clínico Getúlio Vargas Zauza, é chegado o momento de serem adotadas enérgicas medidas na área da prevenção para conter e amenizar o problema dos excepcionais no País, cujo índice vem crescendo além daquilo que seria tolerável. Essa questão foi levantada pelo psicólogo passo-fundense durante o VI Congresso Nacional de Federações das APAEs realizado entre 15 e 19 de julho corrente em Florianópolis, (Santa Catarina). O dr. Getúlio Vargas Zauza vem trabalhando há 14 anos junto a entidades que atuam em favor dos excepcionais e nesse campo há cinco anos realiza atividade em Passo Fundo, inclusive junto a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais local.

Zauza argumenta que "é necessário providência imediata para que se tome visível a verdadeira causa da excepcionalidade e assim se possam tomar providências efetivas com relação à prevenção, pois até o momento as entidades tem concentrado seus esforços na ação terapêutica de um mal que não tem cura". Ele elogia o trabalho que as APAEs vem realizando no Brasil em favor das crianças portadoras de excepcionalidades e disse que o crescimento que se verifica, a cada ano, no número de doentes, merece um tratamento diferenciado, abrangendo, além do esquema terapêutico, que considera de alto nível, uma atuação no campo da prevenção, isto é, para diminuir a quantidade de doentes, já cortando o mal pela raiz.

Preocupado com o número decrescente de pessoas que procuram as APAEs o dr. Getúlio Vargas fez. Um levantamento junto à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Passo Fundo, verificando o conjunto de fatores que cercam a criança doente, desde o mal de que é portadora, até as condições devidas da família. Essas conclusões ele apresentou no recente congresso nacional efetuado em Florianópolis.

Aproximadamente 300 casos de crianças portadoras de excepcionalidade seus diversos graus e níveis foram averiguados pelo dr. Getúlio Vargas Zauza. Nessas averiguações ele pode analisar as causas da doença a partir de fatores 1) orgânicos (de ordem genética); 2) agentes tóxicos, como alcoolismo, tabagismo, excesso de medicamentos, etc; 3) causas sociopsicológicas, como condição econômica da família, nível cultural, estado nutricional, choques emocionais e 4) assistenciais, como pré-nupcial situação dos partos, oxigênio, etc.

Ao contrário do que se esperava o número de crianças portadoras de excepcionalidades a partir de causas orgânicas é bem menor do que se acredita. E os números levantados se tornam significativos quando se passa a verificar que problemas possíveis de serem superados com um trabalho mais amplo estão influenciando para a elevação do número de excepcionais. O quadro geral, onde Zauza sintetiza os fatores que envolvem os doentes vamos encontrar os seguintes números 59,3 por cento de anóxia neo-natal (falta de oxigênio ao nascer) 70,9 por cento das famílias com situação econômica precária; 74,1 por cento de pais com nível cultural inferior; 44,9 por cento com estado emocional

alterado; parto domiciliar 40,7 por cento; parto domiciliar com parteira 31,6 por cento. Sobre isso é o próprio psicólogo quem fala: "ao analisarmos estes dados chegamos à visão de que existem fortes suspeitas de que estes elementos estejam intimamente ligados com fatores econômicos, culturais, e assistenciais".

É diante desse fenômeno que Zauza prega a necessidade de um esquema de ação preventiva. "O trabalho que realizamos deve servir como um primeiro alerta para as verdadeiras causas da deficiência mental, pois notamos que causas patogênicas orgânicas não comparecem como numericamente significativas" - afirma Getúlio Zauza. Isto porque, segundo ele, as APAEs chegarão um momento que estarão abarrotadas de doentes sem que se possa realizar algo com maior profundidade visando minimizar o drama de milhares de famílias.

Do Jornal
O Nacional
30/07/1979

Data : 27/08/1979

Título : Trabalho do psicólogo Getúlio Zauza sobre excepcionais vai para os Anais da Câmara

Categoria: Artigos

Descrição: A vereadora Heloísa Goelzer de Almeida da bancada do MDB no Legislativo local, apresentou requerimento solicitando a inserção...

Trabalho do psicólogo Getúlio Zauza sobre excepcionais vai para os Anais da Câmara

A vereadora Heloísa Goelzer de Almeida da bancada do MDB no Legislativo local, apresentou requerimento solicitando a inserção nos Anais da Câmara Municipal de Passo Fundo de uma entrevista que o psicólogo Getúlio Vargas Zauza concedeu a O NACIONAL no dia 30 de julho último sobre o problema dos excepcionais. A entrevista é uma síntese de um trabalho que apresentou em congresso de nível nacional e vem causando a mais ampla repercussão pelo seu dramático conteúdo.

Na íntegra o requerimento da vereadora Heloísa Almeida é do seguinte teor:

"A Vereadora abaixo-firmada na formado Regimento Interno, solicita, após ouvido o colendo plenário, que seja inserido nos anais da Casa. o artigo descrito na emenda oriundo da palestra proferida pelo eminente psicólogo clínico Getúlio Vargas Zauza

durante o VI Congresso Nacional de Federação das APAEs, realizado entre 15 e 19 de julho de 1979, em Florianópolis.

O psicólogo passofundense vem trabalhando há 14 anos junto a entidades que atuam em favor dos excepcionais e nesse campo realiza atividades em Passo Fundo, inclusive junto à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais locais.

Zauza argumenta que é necessário providência imediata para que se torne visível a verdadeira causa da excepcionalidade assim se possam tornar providências efetivas com relação à prevenção, pois até o momento as entidades tem concentrado seus esforços na ação terapêutica de um mal que não tem cura. Ele elogia o trabalho que as APAEs vem realizando no Brasil, em favor das crianças portadoras de excepcionais, mas disse que o crescimento que se verifica, em cada ano, no número de doentes, merece um tratamento diferenciado, abrangendo, além do esquema que considera de alto nível, uma situação ou atuação no campo da prevenção, isto é para diminuir a quantidade de doentes, já cortando o mal pela raiz.

Preocupado com o número decrescente de pessoas que procuram as APAEs o Dr. Getúlio Vargas fez um levantamento junto à APAE de Passo Fundo, verificando o conjunto de fatores que cercam a criança doente, desde o mal de que é portadora, até as condições de vida da família. Essas conclusões ele apresentou no recente congresso nacional efetuado em Florianópolis.

Aproximadamente 300 casos de crianças portadoras de excepcionalidade seus diversos graus e níveis foram averiguados pelo dr. Getúlio Vargas Zauza. Nessas averiguações ele pode analisar as causas da doença a partir de fatores 1) orgânicos (de ordem genética); 2) agentes tóxicos, como alcoolismo, tabagismos, excesso de medicamentos etc; 3) causas sócio psicológicas, como condição econômica da família, nível cultural, estado nutricional, choques emocionais e 4) assistenciais, como pré-nupcial situação dos partos, oxigênio, etc.

Ao contrário do que se esperava o número de crianças portadoras de excepcionais a partir de causas orgânicas é bem menor do que se acredita. E os números levantados se tornam significativos quando se passa a verificar que problemas possíveis de serem superados com um trabalho mais amplo, estão influenciando para elevação do número de excepcionais. O quadro geral, onde Zauza sintetiza os fatores que envolvem os doentes vamos encontrar os seguintes números 59,3 por cento de anóxia neo-natal (falta de oxigênio ao nascer). 70,9 por cento de pais com nível das famílias em situação econômica, precária; 74,1 por cento de pais com nível cultural inferior; 44,9 por cento com estado emocional alterado: parto domiciliar, com parteira 316 por cento. Sobre isso é o próprio psicólogo quem fala: "ao analisarmos estes dados chegamos à visão de que existem fortes suspeitas de que estes elementos estejam intimamente ligados com fatores econômicos, culturais e assistenciais".

É diante desse fenômeno que Zauza prega a necessidade de um esquema de ação preventiva. "O trabalho que realizamos deve servir como um primeiro alerta para as verdadeiras causas da deficiência mental, pois notamos que causas patogênicas orgânicas não comparecem como numericamente significativas - Afirma Getúlio Zauza. Isto porque, segundo ele as APAEs chegarão um momento que estarão abarrotadas de doentes sem que se possa realizar algo com maior profundidade visando minimizar o drama de milhares de famílias". Sala Fernando Ferrari. 22 de agosto de 1979. Vereadora Heloísa Almeida".

Passo Fundo, 27 de agosto de 1979.

Data : 19/10/1979

Título : I.B.D.F. vai fiscalizar o quê?

Categoria: Artigos

Descrição: Li no Correio do Povo e ouvi posteriormente pelo Rádio que o I.B.D.F...

I.B.D.F. vai fiscalizar o quê?

Dr. Getúlio V. Zauza

Psic. Clínico - Lie. H. Natural

Li no Correio do Povo e ouvi posteriormente pelo Rádio que o I.B.D.F. (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal) vai abrir concurso (ou contratação?) para fiscais da referida Instituição, com fim de coibir a ação destruidora da fauna e flora brasileiras.

Ao ler e ouvir tal notícia não pude evitar de sentir a tristeza que somente quem conhece a situação de norte a sul deste país pode sentir.

O Brasil desde o seu descobrimento foi uma terra em que forças econômicas alienígenas tripudiaram com a conivência dos poderosos, que outro interesse não tinham senão o de engordar suas próprias economias.

É claro que não podem ser negados movimentos patrióticos em defesa daquilo que pertence a todos os brasileiros, mas estes movimentos não conseguiram se firmar como ação constante, duradoura, permanente. Não passaram de movimento sempre combatidos e sufocados, felizmente não mortos, pois eles renascem sempre. E se renascem é por que constituem-se sobre um PRINCÍPIO uma VERDADE: o direito e o dever de um povo defender e preservar aquilo que lhe pertence.

Estes movimentos têm sido obstaculizados por dois tipos de maus brasileiros; os mal intencionados e os ignorantes, sendo que estes são sempre manipulados por aqueles.

Percorrendo o Brasil de sul a norte constatamos que a metade de seu território já se encontra devastado em sua flora e em consequência em sua fauna e solo.

O problema da devastação é fruto de um tipo de mentalidade de economia, predatória, que pensa como máxima, "DEPOIS DE MIM, O DILÚVIO"; de quem não pensa nos direitos das gerações futuras, nos direitos do homem que hoje é criança.

Meus caros leitores! (Será que os tenho?) O que pode fazer um órgão como o I.B.D.F. para evitar a destruição da fauna e flora brasileiras? Será que ele vai fazer agora aquilo

que não teve forças ou competência para fazer antes? Qual a flora e fauna que ele vai proteger? Vai impedir que caem formigas, que cortem barba-de-bode e samambaia? Porque, na verdade, é isto que ainda resta.

Caberia sim, senhores, uma ação energética estribada numa legislação adequada, sobre os que continuam o processo predatório (será que a Lei de Segurança Nacional não poderia ser acionada neste caso?). Pois seria muito bom que pudesse acontecer isto.

O I.B.D.F. se mostrou um órgão inoperante quando ainda havia o que proteger e os interesses econômicos alienígenas eram menos vorazes. Infelizmente, custa-nos acreditar na sua operacionalidade hoje.

Será que o I.B.D.F. terá força necessária para impedir a devastação, na Amazônia? Ou será que a sua ação fiscalizadora vai -se circunscrever às árvores das praças das cidades?

O que fez o I.B.D.F. para evitar o processo de desertificação no Rio Grande do Sul, por exemplo?

Qual a vegetação da reserva florestal do I.B.D.F. aqui em Passo Fundo?

Qual o tipo de vegetação que vem sendo plantado no lugar das essenciais florestas nativas?

Penso que proteção ao meio ambiente natural: Flora, fauna e solo é uma questão de patriotismo, civismo, que deve ser cultivada pelo ensino e pelo exemplo, desde os mais altos mandatários até os prefeitos, professores e adultos em geral.

No Brasil, salvo Brasil Central e Amazônia, quase não há mais o que proteger. É preciso refazer tudo. As florestas têm que ser recompostas, a fauna recriada e o solo recuperado. É um imenso trabalho de reconstrução que só poderá ser realizado se houver um forte sentimento e uma profunda consciência de nacionalidade com os quais possamos resistir ao assédio das ambições desenfreadas, quer sejam elas internas ou externas.

Passo Fundo, 19 de outubro de 1979/6

Data : 22/10/1979

Título : Que é uma criança?

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje queremos pensar a cerca da proposição: Que é uma criança?

Que é uma criança?

Hoje queremos pensar a cerca da proposição: Que é uma criança?

O fato de a criança ser algo tão comum, tão corriqueiro tão natural em nossas vidas, faz com que não nos demos conta de que quase nada saberemos sobre sua natureza, seu modo de ser, suas necessidades e seu destino. Damos o fato como demais conhecido e pronto.

Enquanto a criança não apresenta nada fora do comum, não nos chama a atenção. Em geral só surgem preocupações com coisas tais como doença ou seu comportamento, quando é julgado inconveniente ou incomodativo.

O adulto tem uma incrível tendência como uma miniatura do adulto.

Nada mais incorreto e prejudicial do que isso. A criança é um ser com potencialidades e essas se desenvolverão satisfatoriamente se em cada etapa de sua vida os adultos forem capazes de oferecer as condições para o desenvolvimento.

Para oferecer tais condições de desenvolvimento não basta saber decorado de um livro de

Psicologia Evolutiva, quais são as características de cada fase, embora isso também seja necessário. É preciso antes de mais nada uma preparação do adulto no sentido de poder interiorizar o conhecimento e desenvolver uma capacidade intuitiva de captar a necessidade da criança no momento exato e produzir imediatamente uma forma de comportamento que ofereça o estímulo ou resposta adequada a necessidade da criança.

Não há formas estáticas pois a própria criança é um processo dinâmico, biológica, anímica e espiritualmente.

É preciso que os adultos se perguntem com todas as suas forças de entendimento: Que é uma criança? Não basta, pois, aquilo que nós aprendemos pela percepção descuidada! É preciso que se pense medite sobre a natureza da criança. Deve ser pensando que há uma fundamental diferença entre maternidade e paternidade no mundo animal e no reino humano. No reino animal paternidade e maternidade são fatos naturais que não exigem outra preparação que aquela dada pela experiência filogenética (aprendizado da espécie) determinada pela lei do instinto.

Já no ser humano maternidade e paternidade são acontecimentos transcendentais (fatos em que entra um fator novo: espiritual).

Nenhum homem ou mulher tem condições de exercer funções de paternidade e maternidade dentro dos limites da natureza biológica, isso porque o ser humano vai além do meramente biológico. Ele é social, é anímico e espiritual.

É também um ser cultural. Por isso carece ser socorrido pelo processo educacional.

O processo educacional não é encontrado na natureza, pois os animais adquirem o necessário para viver na forma instintiva, e o homem na forma pedagógica. A forma pedagógica é algo que transcende a natureza em razão da criatividade Voluntária.

Infelizmente os homens de nossa atualidade insistem em querer se orientar pelas formas que só são corretas para o reino animal, pois não querem pensar, são refratários à reflexão, pelo menos no que diz respeito a natureza e educação do homem.

Estou dando ênfase ao aspecto educação. Isto eu faço propositalmente, pois que este é um dos direitos fundamentais da criança: EDUCAÇÃO.

Já nem falamos, da alimentação, agasalho, teto, proteção, por serem estes direitos que ela já tem, pelo simples fato de ser um ente biológico.

A necessidade de educação e afeto é uma evidencia da diferença fundamental entre o ser humano e o animal.

A educação é algo muito diverso daquele processo instintivo de ensino-aprendizagem que ocorre no mundo animal. A educação requer libertação do processo instintivo. Ela é um processo necessariamente criativo, tanto no educador, pais e professores. Quanto no educando. Não basta, portanto repetir o aprendido.

Quando se quer educar os filhos simplesmente como se foi educado esta se rebaixando e rebaixando-os a categoria animal.

Penso que a partir deste Ano Internacional da Criança, uma das coisas que se devera fazer, e talvez a principal é pensar sobre a natureza e as necessidades humanas, biológicas, anímicas e espirituais da criança.

Data : 05/05/1980

Título : Comunismo e Capitalismo

Categoria: Artigos

Descrição: dois aspectos de uma mesma doença

Comunismo e Capitalismo: dois aspectos de uma mesma doença

Quando observamos a Natureza, percebemos que os acontecimentos seguem um determinismo fatalístico, eles ocorrem sem a participação voluntária dos elementos envolvidos no processo.

Já ao estudarmos os acontecimentos históricos, constatamos que o fatalismo não está presente ou pelo menos não tem o rigor dos fenômenos naturais. No entanto, visto o acontecer humano do ponto de vista histórico, percebemos que na verdade não existiram outras alternativas e isto é também verdade do ponto de vista que considera o homem individualmente.

Entretanto, parece que ao homem é reservada a possibilidade de determinar alternativas, evidentemente, a priori (antes dos acontecimentos). Nisto a clarividência, a sabedoria, seriam os fatores determinantes. Sabemos ser possível prever, pelo menos com alguma margem de segurança que se constelarem tais e tais fatores, ocorrerá tal processo. Aí está a nossa possibilidade de liberdade, ou de não permitir a constelação dos fatores, ou de favorecer tal, se assim o pensarmos ser conveniente.

Dessa forma, se formos clarividentes, poderemos determinar os acontecimentos com nossa participação positiva, direcionando os mesmos no sentido de poupar-nos de males evitáveis. Examinando a história da humanidade, enfocando em particular a sua evolução social e espiritual nos últimos dois mil anos, vemos uma série de

transformações que vêm ocorrendo em geral por meio de violentas pressões ou revoluções.

Com o acontecimento Cristo, uma nova doutrina veio à luz. Ela apresenta sob a forma de indicações, aquelas transformações que deveriam ser levadas a efeito pelos homens, isto é que nos deveríamos propor como metas e ideal nos domínios social e espiritual.

No aspecto social; a igualdade no domínio jurídico; a fraternidade no domínio econômico /No aspecto espiritual, a liberdade.

No domínio espiritual (ou cultural, na acepção pura do termo) reside a fonte da qual emanam as forças para os outros dois domínios: jurídico e econômico.

Para tanto é necessário que o homem realize a liberdade interior, de modo a não ser determinado em sua ação por motivos obscuros e obstaculizado por concepções falsas.

Para isto o homem precisaria, e já que não teve, precisará receber ou buscar uma compreensão profunda da vida, seu significado e seu modo de acontecer.

A humanidade não buscou esta compreensão. Os nossos guias não nos ajudaram a procurar e encontrar a necessária liberdade interior e a clarividência necessária para podermos colocar-nos como cooperadores, como correalizadores do processo de evolução. Ao contrário, impuseram o obstáculo para a evolução da consciência. E não se pode apontar apenas o clero cristão como responsável pela paralização da evolução da consciência e, por conseguinte dos acontecimentos históricos, porque também os outros cleros serviram ao mesmo fim: impedir a evolução da consciência a tal ponto que a mensagem espiritual e social do Cristo pudesse encontrar terreno fértil para tornar-se realidade.

No entanto, devemos considerar que o processo evolutivo se realiza com ou sem nossa cooperação. Assim, vemos, por exemplo, no campo social ser feito pela força das armas a tentativa de fazer valer a fraternidade. Mas que maneira exdrúxula, essa! Pois que não se tem conseguido fazer com que todos os homens tenham teto e alimento. Mas o fato é que uma parcela (a maioria) dos homens acaba tentando pela forma violenta, conquistar aquilo que deveria ser conquistado em paz, se houvesse amor.

Assim é que, tantos séculos depois que Cristo nos deu sua mensagem, nós nem nos dispuzemos a atendê-la, quanto mais realizá-la. Vivemos até agora fingindo-nos de cristãos.

Então é assim que, quando, as coisas não são realizadas pela melhor formas acabam sendo tentadas pela pior. A humanidade fingiu piedade, altruísmo, desapego. Houve doutrinação: "deveis ser desapegados, piedosos, etc... E os cristãos adotaram uma máscara dessas qualidades e executaram o contrário.

Em determinado momento histórico surge a doutrina de Karlos Marx e outros pensadores, propondo aquilo que Cristo propôs em termos materiais, mas cuja realização deverá ser feita por outros métodos.

Dessa forma o comunismo materialista e ateu encontrou eco, não por ser materialista e ateu, mas por propor aquilo que está proposto na doutrina cristã, que é a que deveria valer nos próximos milênios. E o comunismo avança e ao avançar aterroriza, terroriza, não por ser materialista e ateu, pois que o capitalismo também é em essência materialista e por consequência ateu, mas porque nos obriga a fazer aquilo que deixamos de realizar e nos obriga a tirarmos a máscara de desapego e de todas as demais virtudes que imaginávamos ser possuídores. E é isso que mais nos aterroriza:

tomar consciência da farsa que vinha sendo vivida. É uma falsa vida espiritual com pseudos valores espirituais.

Assim sendo, podemos pensar que o comunismo materialista e ateu é um sintoma da terrível doença de que a humanidade está acometida. E se os sintomas são terríveis, imagine-se a doença! E como na medicina, também na vida social, é pelos sintomas que se diagnostica a moléstia.

De nada servirá lamentar a existência dos sintomas ou querer ocultá-los. Devemos tratar de anular a doença por meio da terapêutica adequada. Do ponto de vista terapêutico devemos ser gratos aos sintomas que revelam a existência da doença no organismo, antes que ele esteja irremediavelmente arruinado.

Do ponto de vista social, não seria válido o mesmo raciocínio?

Do Jornal

O Nacional

Passo Fundo, 5 de maio de 1980

Data : 19/05/1980

Título : A Centralização de poder a luz da psicologia profunda

Categoria: Artigos

Descrição: Desde que Sigmund Freud revelou ao mundo os resultados de suas pesquisas, tornou-se possível a cada homem pensante, mesmo que não especializado em Psicanálise...

A Centralização de poder a luz da psicologiaprofunda

Desde que Sigmund Freud revelou ao mundo os resultados de suas pesquisas, tornou-se possível a cada homem pensante, mesmo que não especializado em Psicanálise, compreender, pelo menos em parte, os motivos ocultos, que movem o ser humano a determinadas condutas.

Antes das descobertas freudianas, os motivos podiam ser mascarados por atitudes hipócritas, ou inconscientemente motivadas. Hoje, graças (ou para azar de muitos) aos conhecimentos alcançados pela Psicologia Profunda é possível desvendar as intenções ocultas, ou voluntárias ou inconscientes, mas que são as verdadeiras molas impulsoras da conduta humana.

É pois, à luz da Psicologia Profunda que pretendemos analisar brevemente o comportamento de pessoas que se empenham em centralizar o poder político, econômico, social, ou religioso em suas mãos e ou nas de um pequeno grupo com afinidades psicológicas distorcidas e por isso já carregadas de qualidades patológicas.

Dessa forma, podemos ver em todo o autoritarismo, uma evidência de sentimento de fraqueza interior ou incapacidade.

Sempre que um indivíduo é tomado por esse sentimento de fraqueza interior, tenta sua auto-afirmação pelo despotismo e para isso ele precisa servir-se de outros indivíduos possuidores das mesmas características. Daí, formarem grupos hegemônicos, onde uns podem apoiar-se nos outros.

Uma vez assentados no poder, essas pessoas, que são sempre incapazes de se identificar com as necessidades dos demais membros da sociedade, cometem desmandos sobre desmandos, erros, sobre erros, e ficando todos com- prometidos entre si, a necessidade de aliciar mais elementos para fortalecer o grupo. Neste processo de aliciamento se torna necessária a técnica da corrupção, que é uma forma de oferecer vantagens e comprometer os beneficiados moralmente, ficando assim o elemento que conhece o mecanismo impotente para denunciar ou protestar contra os desmandos.

Esses grupos, dessa forma constituídos, sensacionam. Embora confusamente às vezes, outras com certo grau de nitidez, que são desonestos e que estão lesando os demais membros da sociedade, que seja nos bens materiais a que têm direito, ou nos espirituais, como a liberdade. Sentem naturalmente a hostilidade que cresce no seio dos membros lesados e por isso tratam de armar-se dos mais sofisticados instrumentos, políticos jurídicos (?) ou de força, como meio de auto-defesa, pois que no processo paranóide que desenvolvem, vêem inimigos, monstros, dragões e toda a sorte de fantasmas e espectros malignos em cada manifestação de desacordo, tal como o louco assassinado pai de Hamlet.

Assim se compreende o motivo porque dirigentes de certos países, os quais se enquadram nesse processo, têm que procurar centralizar o poder cada vez mais em suas mãos.

Aos homens portadores dessas características, compreende-se não pode interessar a descentralização da administração. A descentralização leva os membros das comunidades. Estados federados. Municípios, cidades, comunidades de bairros, etc, a cada vez mais participarem das iniciativas, das soluções problemas comuns. Este exército se dedica a pensar, procurar compreender, os processos políticos, sociais, econômicos e culturais, faz com que cada homem aumente seu discernimento, sua criatividade e cada vez depende menos de um poder central., e se torne mais crítico, numa palavra, mais capaz de usar sua própria inteligência. Dessa forma as "raposas" da política e da economia deixem de ter ambiente favorável para se desenvolverem e proliferarem.

Mas não é só na política, na economia e na administração que esse nefasto fenômeno ocorre. Por paradoxal que pareça, ele acontece em geral, exatamente lá onde se esperaria não poder e não dever acontecer: NA EDUCAÇÃO. Aliás, não fora isso não haveria condição para que surgissem homens com tendências patológicas opressoras e outros com incapacidade de reação adequada à conquista da liberdade por um processo pacífico.

É pois, na própria família e na escola onde se produz a degeneração da mente humana. E por ser aí, onde é lançada a semente do mal, é por esse ponto que deve começar a revolução: A REVOLUÇÃO NO INTERIOR DO HOMEM.

Há portanto a necessidade de criarmos toda uma nova pedagogia para podermos criar uma sociedade futura constituída por homens de verdade e não por simulacros. Só assim poderemos ter verdadeiros administradores, verdadeiros, políticos e verdadeiros orientadores da evolução social e cultural.

Quanto à descentralização do processo administrativo e econômico, devemos pensar que ele só traria vantagens, pois como sabemos, sempre que atribuímos a alguém, a incumbência de pensar e encontrar solução para alguns problemas, essa incumbência valoriza o homem como individualidade. Podemos pois, aplicar o mesmo princípio no que diz respeito às comunidades. Somente alguém que ignore tal. ou seja mal intencionado pode agir diverso.

A alegação de que há comunidades ou homens incapazes de pensar, não é justificável. Todas as pessoas normais são capazes de pensar em encontrar soluções para seus problemas, enquanto são problemas normais. Além disto, quase todos os Municípios, no nosso caso do Brasil, possuem homens com formação superior na maioria das profissões e estes homens, quando solicitados a participar do estudo e solução dos problemas comunitários, dão sua colaboração, até gratuitamente.

Então não se pode admitir que um poder central tenha que resolver tudo à distância ou nos queira fazer crer nessa necessidade.

Evidentemente, quando os homens de uma comunidade não tenham condições de resolver problemas, por serem muito complexos, e somente nesses casos, caberia a participação, por solicitação da própria comunidade, de técnicos de maior nível de especialização. Mas nesses casos, esses técnicos teriam que estudar os problemas nas próprias comunidades e com a participação de seus membros. Nunca sob uma ótica distorcida pela distância e à revelia dos interesses e necessidades verdadeiros.

Do Jornal

O Nacional

Passo Fundo, 19 de junho de 1980

Data : 01/07/1980

Título : Uma Filosofia para a Educação

Categoria: Artigos

Descrição: Surge então a necessidade de normas norteadoras de o que se deve fazer em termos de trabalho escolar.

Uma Filosofia para a Educação

Hoje um consenso entre os especialistas em educação (é assim que eles são designados). Que toda escola deve ter uma filosofia, um objetivo geral, e ainda uma infinidade de objetos específicos, metas estratégias e uma série infindável de palavrórios, formando assim um cipoal, em que só os “iniciados” (especialistas) são capazes de orientar-se. Pelo menos pensam isso.

Não obstante essa infração de tecnocratas da educação, esta se encontra numa situação de tal forma deplorável, que a rigor ninguém mais sabe o que fazer.

Surge então a necessidade de normas norteadoras de o que se deve fazer em termos de trabalho escolar.

Parece-nos que as coisas mais mezinhas não são mais sabidas, como o que deve fazer uma Instituição Educacional? Deve ensinar? Deve educar? Ou as duas coisas?

No caso de dever ensinar; ensinar o que? Para que? Como?

E se deve educar: como se deve ser a educação? Como deve ser realizada? Qual a natureza do ser sujeito educação

Naturalmente as escolas com suas equipes de técnicos em educação, como especialistas como são designados, acham que devem e podem ditar as normas para os professores, que via de regra não participam das decisões: são meros executores, acomodados? A análise dos acontecimentos nesses últimos 15 a 20 anos talvez traga alguma luz a essa pergunta.

O fato é que os professores não tem mais o direito de pensar autonomamente. Não tem o direito e muitas vezes nem mesmo a capacidade para isso, simplesmente porque não foram estimulados para aprender a pensar, nem mesmo na Universidade que lhes outorgou o título que lhes dá o direito de ser educador.

Esses professores assim formados (ou deformados?), se acomodam diante da pretensa sabedoria dos tecnólogos e tecnocratas da educação, já por não saberem o que dizer ou fazer, ou por pura vergonha de não saberem argumentar contra, omitem-se simplesmente.

Então como existe a necessidade burocrática de as escolas terem uma filosofia, e é somente burocrática, porque se não fosse haveria interesse que todos os professores, participassem efetivamente da elaboração de tal filosofia. Mas isso não ocorre.

Pense o leitor que tal filosofia deveria ser normadora da conduta do professor ante seus alunos, necessitaria fazer parte do organismo anímico-espiritual do professor e não ser uma norma exterior.

Mas como chegar a um consenso comum entre os membros do corpo docente, se uma análise aprofundada da Concepção sobre a natureza da Pessoa Humana?

Esta claro que tal análise não pode ser realizada em uma hora de discussão e muito menos respondendo a questões formuladas por tecnólogos e especialistas. Mas é exatamente assim que se faz e isso quando se faz.

Ora formar um conceito de pessoa humana não me parece caso para um dia, eu penso que talvez, até uma vida não chegue para tanto, no caso da maioria.

Por minha parte, que já tenho meio século de existência, 24 anos dedicados ao estudo da educação e da natureza do ser que deve ser educado, 17 anos de experiência em

clínica psicológica, não me sinto capaz de formular tal concepção como algo válido para todos.

Como educador sempre procurei postar-me junto ao educando como alguém que se encontra diante de um mistério, de um enigma cósmico.

Quando junto aos estudantes ou mesmo em cada momento de minha vida dedicados a compreensão da natureza do ser humano, me ponho na situação de como se estivesse exercendo minha tarefa na época em que Buda, Sócrates, Platão, Aristóteles, João Batista e o próprio Menino Jesus estivessem entregues ao meu cuidado como educador.

Como poderia alguém saber de quem se tratava? Como pretender determinar como o que deverá ser tal criança?

Assim é que eu penso, deveria ser uma atitude adequada de ser tomada pelos educadores.

E se há alguém, ou deva haver alguém designado como autoridade educacional, deveria proporcionar aos que estão se formando para executar o trabalho de educador e aos que já o exercem, oportunidade para análise profunda e tranqüila sobre a natureza do ser que lhe é entregue.

Data : 12/07/1980

Título : Uma política sadia no tratamento do indígena

Categoria: Artigos

Descrição: Em termos relativos podemos aceitar adiantamento da Civilização Européia sobre as outras, nos aspectos assinalados e em termos de pensamento e comportamento ocidental...

Uma política sadia no tratamento do indígena

Partindo do pressuposto de que a Civilização Européia Tosse portadora de um caráter que a distinguisse das demais, como a mais evoluída, ela teria responsabilidades muito serias na abordagem de outros povos e outras civilizações.

É inegável que a Europa desenvolveu uma civilização bem diferenciada das demais, especialmente no que se refere às Artes, Filosofia, Ciência e Técnica. Todavia, uma comparação com outras civilizações não pode ser feita em termos absolutos, pois cada uma tem suas características particulares.

Em termos relativos podemos aceitar adiantamento da Civilização Européia sobre as outras, nos aspectos assinalados e em termos de pensamento e comportamento ocidental é muito grande o número de homens nascidos na Europa e que deram imensa

contribuição ao progresso. Mas nem por isso o grosso do contingente do povo pode ser considerado como tendo o mesmo grau de evolução.

Nos no Brasil somos herdeiros da Civilização Européia como a principal. É claro, recebemos outras influencias.

Agora, analisando o comportamento do europeu com relação aos outros povos, em especial aos povos primitivos, tanto africanos, asiáticos, como americanos, vemos que no geral se revestiu de um barbarismo dantesco. E o pior de tudo e que os descendentes de europeus continuaram evidenciando p mesmo barbarismo.

Em que consiste esse barbarismo? Na forma como os “civilizados abordáramos” civilizações indígenas: o logro, a opressão o esbulho e mesmo o extermínio deliberado, lento ourapido, ou involuntário, não importa.

A verdade e que toda a política desenvolvida para tratar o problema dos indígenas tem sido destruidora, tanto no sentido de dizimar as populações, quanto no de destruir a caracterização do indígena.

Uma política para o indígena se honesta c realizada com inteligência e boa intenção, deveria antes de tudo preservar os valores da Civilização Indígena c ir aos poucos acrescentando os valores reais da Civilização Ocidental.

Em todo o processo pedagógico, ou de transferência de valores de um povo para outro, ou mesmo de uma pessoa para outra, é fundamental que se respeite os valores constituintes da sociedade ou da personalidade.

Mesmo em clinica psicologica, quando sabemos que a personalidade do cliente está alterada, ainda assim, eticamente lemos que respeitar os elementos estruturais da mesma. E isso quando se trata de uma situação doentia.

Tratando-se de uma civilização, é imprescindível o respeito aos valores da mesma.

Como deveria ter sido uma política indigenista inteligente e honesta?

Em primeiro lugar é necessario conhecer as bases da Civilização Indígena e seus costumes. Segundo, essas bases devem ser cultivadas, pois só assim se pode evidenciar consideração e respeito pelo outro, condição essencial para testemunhar que se e realmente civilizado. Terceiro, devem ser procurados os pontos de semelhança, que os há. Quarto, é necessario conhecer a Lingua da Nação, ou Povo. Quinto, deve ser instituído um sistema de ensino em que o idioma do elemento que aborda a civilização se torne conhecido dc povo indígena. Esse sistema de ensino deve ser gradativo c adaptado à realidade do indígena, e que abarque desde o processo de alfabetização aos mais avançados conhecimentos, levando por ultimo a Universidade para a comunidade indígena para que ela possa assimilar a cultura e costumes da civilização abordante, sem que haja pura e simples substituição dos valores da Civilização.

Deve ser sempre um processo dc acréscimo, de enriquecimento, de ampliação e não de substituição, seja forçada ou persuasiva.

O erro, ou má fé nas políticas indigenista está evidenciado pelo estado de miserabilidade em que vivem todos aqueles que uma vez eram senhores da terra onde viviam.

O que se faz com os povossilvículas ou indígenas é um inominável crime contra a humanidade.

Não há forma de reparar os erros do passado, mas podemos evitá-los para o futuro. E se não for feito isto, seremos inevitavelmente julgados no futuro e chamados: de idiotas ou bandidos, porque é isso que se está fazendo, por ação ou por omissão.

Existem muitas formas de genocídio. Ele pode ser como o fez Hitler, exterminando milhões em campos de concentração, como o fez Pinzon, ou lento como vem acontecendo com os indígenas da América em que aos poucos nações indígenas inteiras vão deixando de existir.

E não se pode dizer que os indígenas foram civilizados, que eles estão integrados nas comunidades civilizadas participando da vida econômica, social, política e cultural.

Eles não estão integrados, nem constituem nações autônomas. Eles vivem sob um disfarçado regime policial, sem liberdade de expressão e mesmo de movimento. Ou não é verdade que a FUNAI impediu que um representante indígena viajasse a Puebla para entrevistar-se com o Papa?

Até quando permanecerá esse denegrido estado de coisas?

Passo Fundo, 12 de julho de 1980

Data : 12/07/1980

Título : Uma política sábia no tratamento do indígena

Categoria: Artigos

Descrição: Nos no Brasil somos herdeiros da Civilização Europeia como a principal. E claro, recebemos outras influências.

Uma política sábia no tratamento do indígena

Partindo do pressuposto de que a Civilização Europeia fosse portadora de um caráter que a distinguisse das demais, como mais evoluída, ela teria responsabilidades muito serias na abordagem de outros povos e outras civilizações.

É inegável que a Europa desenvolveu uma civilização bem diferenciada das demais, especialmente no que se refere às Artes, Filosofia, Ciência e Técnica. Todavia, uma comparação com outras civilizações não pode ser feita em termos absolutos, pois cada uma tem suas características particulares.

Em termos relativos podemos aceitar o adiantamento da Civilização Europeia sobre as outras, nos aspectos assinalados e em termos de pensamento e comportamento

ocidental, é muito grande o número de homens nascidos na Europa e que deram imensa contribuição ao progresso. Mas nem por isso o grosso do contingente do povo pode ser considerado como tendo o mesmo grau de evolução.

Nos no Brasil somos herdeiros da Civilização Europeia como a principal. E claro, recebemos outras influencias.

Agora, analisando o comportamento do europeu com relação aos outros povos, em especial aos povos primitivos, tanto alricanos, asiáticos, como americanos, vemos que no geral se revestiu de um barbarismo dantesco. E o pior de tudo é que os descendentes de europeus continuaram evidenciando o mesmo barbarismo.

Em que consiste esse barbarismo? Na forma como os "civilizados" abordaram as civilizações indígenas: o logro, a opressão o esbulho e mesmo o extermínio deliberado, lento ou rápido, ou involuntário, não importa.

A verdade é que toda a política desenvolvida para tratar o problema dos indígenas tem sido destruidora, tanto no sentido de dizimar as populações, quanto no de destruir a caracterização do indígena.

Uma política para o indígena, se honesta e realizada com inteligência e boa intenção, deveria antes de tudo preservar os valores da Civilização Indígena e ir aos poucos acrescentando os valores reais da Civilização Ocidental.

Em todo o processo pedagógico, ou de transierrneia de valores de um povo para outro, ou mesmo de uma pessoa para outra, é Fundamental que se respeite os valores constituintes da sociedade ou da personalidade.

Mesmo em clinica psicológica, quando sabemos que a personalidade do cliente está alterada, ainda assim, eticamente temos que respeitar os elementos estruturais da mesma. E isso quando se trata de uma situação doentia,

Tratando-se de uma civilização, é imprescindível o respeito aos valores da mesma, Como deveria ter sido uma política indigenista inteligente e honesta?

Em primeiro lugar é necessário conhecer as bases da Civilização Indígena e seus costumes. Segundo, essas bases devem ser cultivadas, pois só assim se pode evidenciar consideração e respeito pelo outro, condição essencial para testemunhar que se é realmente civilizado. Terceiro, devem ser procurados os pontos de semelhança, que os há. Quarto é necessário conhecer a Língua da Nação, ou Povo. Quinto deve ser instituído um sistema de ensino em que o idioma do elemento que aborda a civilização se torne conhecido de povo indígena. Esse sistema de ensino deve ser gradativo e adaptado à realidade do indígena, e que abarque desde o processo de alfabetização aos mais avançados conhecimentos, levando por ultimo a Universidade para a comunidade indígena para que ela possa assimilar a cultura e costumes da civilização abordante, sem que haja pura e simples substituição dos valores da Civilização. Deve ser sempre um processo de acréscimo, de enriquecimento, de ampliação e não de substituição, seja forçada ou persuasiva.

O erro, ou má fé nas políticas indigenistas está evidenciado pelo estado de miserabilidade em que vivem todos aqueles que uma vez eram senhores da terra ondem viviam.

O que se faz com os povos silvícolas ou indígenas é um inominável crime contra a humanidade.

Não há forma de reparar os erros do passado, mas podemos evita-los para o futuro. E se não for feito isto, seremos inevitavelmente julgados no futuro e chamados; de idiotas ou bandidos, porque é isso que se está fazendo, por ação ou por omissão.

Existem muitas formas de genocídio. Ele pode ser como o fez Hitler, exterminando milhões em campos de concentração, como o fez Pinzon, ou lento como vem acontecendo com os indígenas da América, em que aos poucos nações indígenas inteiras vão deixando de existir.

E não se pode dizer que os indígenas foram civilizados, que eles estão integrados nas comunidades civilizadas participando da vida econômica, social, política e cultural.

Eles não estão integrados, nem constituem nações autônomas... Eles vivem sob um disfarçado regime policialesco, sem liberdade de expressão e mesmo de movimentação. Ou não é verdade que a FUNAI impediu que um representante indígena viajasse a Puebla para entrevistar-se com o Papa?

Até quando permanecerá esse denegrido estado de coisas ?

Passo Fundo. 12 de Julho de 1980

Data : 02/08/1980

Título : Ideologias x ideologias ou a história dos burrinhos

Categoria: Artigos

Descrição: As pessoas de minha idade conhecem a história dos dois burrinhos dos dois montes de capim, ou então viram as gravuras em que apareciam essas duas simpáticas figuras.

Ideologias x ideologias ou a história dos burrinhos

As pessoas de minha idade conhecem a história dos dois burrinhos dos dois montes de capim, ou então viram as gravuras em que apareciam essas duas simpáticas figuras. Eram dois burrinhos ligados por uma corda amarrada aos respectivos pescoços.

Havia próximo a eles dois montes de capim, mais a distancia entre estes era maior que o comprimento da corda.

Acontece que cada um dos burrinhos famintos queria comer seu capim sozinho. Dessa forma, como os dois tivessem a mesma força, nenhum deles conseguia alcançar o monte de capim, pois cada um puxava para um lado oposto.

Após muito se esforçarem um para vencer o outro, e nenhum conseguindo seu intento, surge um ponto de interrogação no pequeno cérebro de cada um.

Acontecido isto eles "refletem" se não seria melhor examinar o caso e chegar a um acordo sensato, à altura da Inteligência de um burro que se preza. Pois bem, os dois asnos chegaram ao entendimento de que a cooperação era a forma mais inteligente de enfrentar o problema.

Feito isto, ambos dirigiram-se primeiro a um dos montes de capim e após terem-nos saboreado (que burro mastiga e saboreia) em pleno e comum acordo e sempre usando a inteligência que o Bom do Criador deu aos burros, dirigem-se ao outro monte e tal como antes, fraternalmentecomem-no em conjunto.

Assim é a gravura e assim é a moral da história.

Eu, por minha parte acredito piamente na inteligência e no bom senso de todos os burros, mas infelizmente não posso dizer o mesmo em relação a todos os homens, pois a experiência diária não me convence de tal.

Perdoem-me aqueles que por desventura se enquadrarem no caso.

Pois é, os leitores podem pensar que estou gracejando. Mas como poderia eu fazer isso, se o caso é mais para chorar do que para rir. Poderão pensar que estou brincando. Mas não estou. Falo sério mesmo. Duvidam? Então examinem a História. Desde os primórdios, desde quando temos notícia, é sempre a mesma coisa, a mesma repetição. Já até se tornou monótona para uma inteligência e uma sensibilidade medianas.

São judeus x egípcios; gregos x troianos; (depois todos ficaram gregos. Por favor, não confundam com gregues); cristãos x não cristãos; católicos x protestantes; nobres x burgueses; espiritualistas x materialistas; comunistas x capitalistas; e a lista do ISTO x AQUILO não terminaria se quiséssemos citar todos mesmo porque haveriam de inventar outros.

Não compreendo (na verdade eu compreendo) como é que os homens se deixam impressionar, iludir, conduzir por tantas balelas.

Como é que não se dão conta de que em tudo isso que é apresentado como ideologia, seja de direita ou de esquerda (e note-se que parece haver muita gente que se teme é tida por inteligente, mas que não tem lateralidade definida, não sabe bem para onde é esquerda ou direita. Por exemplo, o indivíduo liga a sinaleira do carro para a esquerda e entra à direita. Assim não dá!) se perde de vista a questão principal que a estas alturas já é saber se o homem é um ser viável ou não. É assim que se fala hoje. Mas o que eu queria dizer é que se deixa de lado o tratamento da questão da realidade e valor do ser humano.

O ser humano tem um valor transcendente e absoluto? Teu filho tem para ti um significado, um valor real, absoluto, ou é relativo?

No caso de que afirmes ser relativo, nada existe que se possa fazer com convicção. Tu mesmo serás relativo. Enesse caso não mais cabe pensar em nenhum valor e direito reais. Tudo poderá ser "justificado", tornado "legal", tudo será convencional. Mas se pensares que o ser humano tem um significado real, que cada um é único e pessoal, então seria justificada toda a luta, todo o esforço, todo o sacrifício como o de Sócrates e de Cristo, e de tantos outros. Do contrário...

Deveria importar para nós é dedicar-nos a compreender o mistério que é o homem, o mistério que é cada um de nós, o enigma que é a nossa existência. E o nosso empenho

deveria ser no sentido da cooperação para que juntos pudéssemos desvendar um pouco que fosse mistério que é o ser humano. Deveríamos colaborar uns com os outros para criarmos condições nas quais todos os homens são tivessem a possibilidade de poderem dedicar-se ao estudo de si mesmos, ao auto-conhecimento, o qual levaria ao auto-reconhecimento e ao reconhecimento do outro e de todas as coisas.

Será por ignorância que o homem engana e se deixa enganar?

Será por má fé que o homem engana e explora seu semelhante?

Haverá alguma força, oculta ou evidente que conduz (manipula) a consciência (ou desconsciência) do homem?

Quem poderia ter interesse nesse conflito interminável?

Quem poderia ter interesse em manter a consciência humana nessa falta de discernimento?

Quem tiraria proveito disso?

QUEM???

Passo Fundo, 2 de agosto de 1980

Data : 27/08/1980

Título : Um deputado com idéias paranóides

Categoria: Artigos

Descrição: Há pessoas que, na falta de idéias concretas para realizarem algo útil a si e aos outros, sentem uma necessidade patológica de tecer fantasias.

Um deputado com idéias paranóides

Há pessoas que, na falta de idéias concretas para realizarem algo útil a si e aos outros, sentem uma necessidade patológica de tecer fantasias. E, o pior, quando pretendem transformar essas fantasias patológicas em ação. É o caso de um certo Deputado Federal do PDS, que, talvez, por não ser muito certo, resolveu investir contra as profissões, as quais, não sei por que, passaram a ser chamadas para-médicas, como a Psicologia, a Fonoaudiologia, Odontologia, a Fisioterapia, etc..

Pois esse Deputado, por não saber e não ter mais o que fazer, resolveu legislar sobre matéria já legislada e regulamentada, há muitos anos, com campo de ação bem delimitado, como é o caso da Psicologia e Odontologia, por exemplo.

Esse Deputado, vazio de idéias objetivas, quer se fazer passar por representante de toda a classe medica, a qual certamente ele não honra. Ele pretende que todas as profissões ditas para-médicas devam ficar sob a tutela do médico.

Penso que esse tal Deputado, que se diz médico, deve ser um profissional incompetente frustrado, que não teve êxito na profissão por falta de vocação ou capacidade e por isso, passou-se para a política, onde é mais fácil ficar sem fazer nada e enganar os outros.

A Psicologia Clínica, exercida por Psicólogos, com cinco anos de formação básica e, no mínimo, mais um período de terapia didática, que, em geral, é feita em dois ou mais anos, é um campo da terapeutica não abrangido pelos recursos da medicina somática.

Logo como poderia, em sua consciência, alguém que não teve uma formação específica tutelar um especialista? O mesmo se poderá dizer sobre as outras profissões.

Esse Deputado deveria ter pejo, e pesar que ele, recebe o dinheiro pago pelo trabalho do povo e pela miséria em que vivem milhões de brasileiros, para fazer algo de útil e não para tumultuar e criar inseguranças e animosidades.

Nós, psicólogos, que estamos acostumados a trabalhar em equipe, com médicos de várias especialidades, e que em nossos consultórios colaboramos na solução de casos insolúveis pela Medicina Somática, sabemos da consideração e do respeito que os bons profissionais, os competentes têm pela nossa especialidade.

Certamente não é pensamento nem desejo da classe médica, dessa classe constituída por profissionais de gabarito, querer cercear a liberdade, o direito das profissões agredidas por esse Deputado, cujo nome nem merece ser citado.

Penso que a classe médica que, em sua maioria, é formada de homens competentes, inteligentes e equilibrados, profissionais que não vêem no Psicólogo um concorrente que vai lhes roubar clientes, mas um especialista como outro qualquer, que colabora na solução de casos não solucionáveis por outros meios, não concordarão com o seu malfadado colega.

A pretensão do Deputado em causa não só é inconstitucional por ferir direitos adquiridos, como também fere o direito do doente privando-o de procurar o seu terapeuta, tolhendo a sua liberdade individual.

Por essas e outras razões que não são possíveis de apontar neste espaço, REPUDIAMOS a iniciativa desse Deputado desocupado e apelamos para a inteligência e bom senso dos Senhores Deputados e Senadores que, temos a certeza, tem riqueza de idéias e sensibilidade bastante para entender e rejeitar, totalmente esse absurdo Projeto.

27/08/1980

Data : 02/09/1980

Título : Cultura e Política

Categoria: Artigos

Descrição: ...como pode alguém que está atrelado a um sistema, a uma ideologia, chegar a uma visão verdadeira do assunto?

Cultura e Política

Li, ha poucos dias, em um dos jornais de nosso Estado, um artigo em que era tocado o tema acima e no qual se perguntava se a Cultura, a Arte deveriam ser "engajadas", deveriam servir à política, à ideologia.

O tema suscita polêmica. Tem provocado polêmica, tanto nos países capitalistas como nos socialistas, Mas, como pode alguém que está atrelado a um sistema, a uma ideologia, chegar a uma visão verdadeira do assunto?

É evidente que em todos os regimes totalitários, quer seja no capitalismo ou no socialismo (capitalismo estatal) a Cultura, a Arte ficam na dependência de servir aos interesses dos governantes (se costuma dizer: interesses do Estado), pois, em geral, os governantes confundem o conceito de Estado com as opiniões e interesses do grupo que governa. É a velha postura despótica; "o Estado sou eu". Somente que no caso não é dito mas é pensado: "o Estado somos nós que estamos com o poder na mão". E tal como pensam, agem.

Pois bem, leitor, se você defende qualquer tipo de autoritarismo, de regime de harbítrio, não leia mais, por favor, porque não vai compreender mais nada.

Deveríamos conceituar: "o que é Cultura"; "o que é Arte" e "o que é Política". São três conceitos básicos, que, uma vez elaborados, nos levariam ao conceito de Liberdade. E é por isso que pedi para o leitor com tendências totalitárias não continuasse a ler, pois jamais poderá chegar a entender, muito menos elaborar, o conceito de Liberdade.

Não tratarei desses conceitos aqui. Não há espaço, nem tempo, nem adequação. Direi apenas que Cultura, Arte são manifestações que só podem acontecer como a criação do espírito livre. A Arte é uma manifestação, uma criação do espírito humano livre.

O espírito humano para ser livre precisa ser cultivado e, daí, nasce a Cultura que não é o acervo existente nos livros ou nos museus, mas aquele conteúdo que resulta de próprio esforço do espírito humano em direção da liberdade, e que passa a fazer parte da índole do povo. É, portanto, um conteúdo vivo e, por isso, dinâmico, dotado da força modificadora do "status quo". É o agente promotor da evolução.

O espírito humano mesmo, em seu esforço para a Liberdade cria a Cultura e esta serve de base, de alimento para o seu próprio desenvolvimento.

Quanto mais Cultura o espírito humano cria, mais forte, criador e mais livre ele se torna. Daí, podemos ver, que há uma interdependência entre atividade do espírito humano, Cultura, Arte e Liberdade.

Ora, sendo a Política uma arte, já se torna um não senso querer colocar a Arte atrelada, na dependência da Política, mesmo quando esta seja como deveria ser: a arte de bem

administrar a coisa pública, aquela que pertence a todos, que é criada mantida e deve ser usufruída por todos.

Assim sendo, podemos pensar e afirmar que a Política é um fruto da Cultura e que quanto mais culto é um povo, mais nobilitada será a ação dos políticos. E se hoje os políticos são o que são e a política é o que é, fica claro que o que falta, realmente é Cultura.

Naturalmente, um político culto trabalhará para que a Cultura seja cada vez maior e a ação criadora de Cultura cada vez mais liberta de toda e qualquer injunção.

Somente os homens maus, tacanhos podem ser cerceadores da Cultura e da Liberdade. Só eles podem querer tornar a Cultura e a Arte um instrumento da política e da ideologia, e, neste caso, serão maus políticos e estarão fazendo uma falsa, uma má política, ou melhor, não estarão fazendo Política. Estarão apenas defendendo e promovendo interesses escusos.

Conforme Schiler, em suas "Cartas para a Educação Estética da Humanidade", é dever do governante promover as condições para que o povo adquira uma verdadeira cultura e realize a Liberdade.

Aquele governante que negar ou deixar de realizar o acima dito não merece a consideração nem o respeito do povo porque é uma déspota.

Quem está na posição de governante, de administrador de uma nação, tem o dever ético de ser culto, ser sempre verdadeiro e leal para com o povo. Só assim ele poderá dignificar a função que exerce e tornar-se digno do respeito dos seus concidadãos. Ninguém que se aposse do poder sem ser pela vontade do povo e que se mantenha nele contra a vontade do povo pode tornar-se digno do seu respeito,

Todo qualquer totalitarismo, seja de esquerda ou de direita, ou se quiserem inventar outros: de cima, ou de baixo, etc, tentará sempre atrelar a Cultura, a Arte à ideologia.

Esse procedimento conduz à incapacitação do povo para o discernimento e então os totalitários afirmarão eternamente que o povo não tem maturidade para escolher o regime, o tipo de vida que lhe serve e nem os seus governantes. Dessa forma tentam justificar sua perpetuação no poder como sendo os defensores do que é certo, quando na verdade, só querem manter o estado de coisas e a ideologia. Os socialistas e os capitalistas, conscientes ou não do que fazem, se associam contra o desenvolvimento da Cultura e a realização da Liberdade.

Do Jornal
O Nacional
02/09/1980

Data : 29/09/1980
Título : Uma Profissão Maldita
Categoria: Artigos

Descrição: Nos tempos modernos todos aqueles que se dedicam ao mistério de ensinar, são considerados e tratados como escravos.

Uma Profissão Maldita

Ao fazer considerações sobre a profissão de ensinar e tachá-la de profissão maldita poderá parecer um exagero, uma explosão de revolta milenar. Sim, milenar, porque desde que se tem notícia na história, esta é uma profissão estigmatizada, pois sempre foi exercida por homens que embora portadores da semente da evolução, sempre foram maltratados e mantidos em situação real abaixo de sua importância e dignidade.

Na Grécia, por exemplo, a civilização luminosa, foi exercida por escravos. Nos tempos modernos todos aqueles que se dedicam ao mistério de ensinar, são considerados e tratados como escravos.

O curioso em tudo isso é que se afirma o óbvio que o professor é o homem cuja atividade é a mola impulsora do progresso e da evolução. E realmente todo pai sensato reconhece a necessidade de fazer com que seu filho estude. E, todo o jovem que tem também alguma dose de bom senso reconhece a necessidade de frequentar a escola, e os mais esclarecidos reconhecem o valor do saber.

O saber, o bem e o mal, são sempre comunicados por este operário letrado que é o professor. E assim sendo, todo o progresso material, cultural e espiritual, individual ou coletivo está na dependência do professor.

Dessa forma, o professor em verdade, pode ser comparado ao que tangem ao progresso, à evolução? À vida cultural, como o ar que contém oxigênio, indispensável para manutenção e desenvolvimento da vida. O ar pode não ser o melhor possível, mas garante a existência da vida. O professor pode não ser o melhor possível, mas ele é essencial, sem ele nada pode ser feito.

Pois bem, se isso é assim, porque o professor é marginalizado, oprimido? Por que o professor não é amparado, protegido e estimulado em sua atividade? Se ele é um criador da vida, por que querem estilizá-lo? Se ele deve dar o exemplo da dignidade, da honestidade, da tolerância, da busca das soluções racionais, da altivez da honra de todos os valores morais porque estão a espezinhá-los até que ele se torne como uma fera acuada e dessa forma fazê-lo regredir às reações primitivas? Porque as autoridades querem levar ao desespero homens e mulheres, devotados a construir as bases da sociedade brasileira uma sociedade que pode, pela índole pacífica de seu povo, encontrar caminhos e soluções pacíficas e harmoniosos para seus problemas?

Os senhores que uma vez fostes retirados das trevas da ignorância por esses trabalhadores incansáveis, que muitas vezes sofreram pelos vossos problemas, pelos vossos dramas de infância e adolescência, que vos ajudaram a sobreviver a impasses críticos e graças a cujo empenho vos ajudou a sobreviver a impasses críticos e graças a cujo empenho vos possibilitou chegar a posição atual de onde poder julgar e espezinhar esta sofrida classe. Por que senhores não vos lembram dos benefícios recebidos? São ingratos!

Será que um Deputado, um Senador, mesmo não tendo sido eleito pelo povo (sendo biônico) um Governador mesmo sendo nomeado, um General, ou seja, la quem for que

tenha atingido um grau elevado na sociedade o teria conseguido sem o trabalho humilde do professor?

Pensai nisso senhores, porque um dia poderá faltar-vos oxigênio da cultura, não para vós talvez, mesmo porque pareceis não valorizá-la, mas quem sabe para vossos filhos, vossos netos!

As ameaças que hoje fazeis aos professores certamente amanhã cairão como maldição sobre a cabeça de vossos descendentes. Se tens bons senso, inteligência e amor a eles pensem nisto que vos digo agora!

Data : 07/10/1980

Título : Previdência Social

Categoria: Artigos

Previdencia social

Li em “Trânsito Livre” de Benedito Hespanha no “O Nacional” de 22 de setembro do corrente, algumas críticas a Previdência Social com relação à aposentadoria. Achei-as justas e verdadeiras. Vai daí, que lembrei que de há muito tempo eu vinha pensando em escrever algo sobre o assunto para tentar desmistificá-lo.

O tema que sempre me chamou atenção é o modo como os governantes e no caso específico os responsáveis pela administração da Previdência Social, apresentam a questão para o povo.

Todos os funcionários dos altos escalões do governo sobem no alto púlpito e trovejam sobre as cabeças do próprio povo, que o governo faz isto e mais aquilo, que investe neste e naquele outro e que tem mais recursos... tudo como se fora um chefe de família, que tem que ganhar o pão de cada dia para si e para uma corja de vagabundos que vive do seu suor.

Mas, nós não somos uma corja de malandros e o governo não é nosso pai. Os governantes, parece, querem nos fazer crer que eles fazem um sacrifício imenso, tirando de suas próprias economias, ganhas suadamente, para fazer generosas doações a nós que não merecemos.

Eu gostaria de saber de onde os administradores do estado tiram esta mentalidade! Serão restos arquétipos inconscientes, herdados dos patriarcas, dos faraós, dos reis déspotas, dos senhores feudais? A verdade sobre a origem dessa atitude de tão estranho paternalismo ainda esta para ser pesquisada. É um assunto fascinante para filósofos, psicólogos e sociólogos.

Em todo o caso, pasma o observador, essa atitude esdrúxula. Pois, de onde os governantes tiram os recursos para os investimentos em benefício do povo? Senão me

falha a razão, parece-me que é o próprio povo que trabalha e contribui com impostos os mais variados. Então, como se justifica essa arrogância?

Agora, quanto a Previdência Social, a coisa não é diferente. O Ministro da Previdência, ou seja lá como se o chame, não dá nada ao povo. O que ele faz é administrar o patrimônio que o resultado das contribuições dos empregados e empregadores. E é seu dever administrá-lo bem, pois o ministro é um servidor público e ganha mais do que todos os outros para administrar e zelar pelos interesses dos contribuintes e por isso deve ser mais zeloso e honesto do que todos, exatamente para dar o bom exemplo e para que o contribuinte não se sinta lesado.

A pensão, o benefício, ou a aposentadoria, que o trabalhador recebe quando não pode mais trabalhar, ou atingiu o seu tempo de serviço legal, lhe é paga com seu próprio dinheiro, provindo de desconto de seu salário, muitas vezes minguados, e da contribuição do empregador. Portanto, o administrador não tem o direito de alegar que o governo paga isto ou aquilo, que da assistência médica, hospitalar, etc., como se estivesse desembolsando o seu patrimônio pessoal.

O trabalhador seja de empresa particular, servidor do estado, civil ou militar, como eu já disse, recebe o fruto do seu próprio trabalho, quando esta recebendo qualquer dos benefícios da Previdência social.

Na Previdência Social funcionam os princípios da economia e da fraternidade. Da economia, quando através de dispositivo legal é recolhida uma parcela de seu salário para formar um fundo financeiro e patrimonial para a assistência a si e sua família. Da fraternidade, embora feito obrigatoriamente por lei, quando o empregador contribui para tal e ainda da fraternidade quando os trabalhadores na ativa contribuem para manter e aumentar o fundo previdenciário.

É preciso que se entenda e se explique ao povo que não compreende por si mesmo, que o governo não dá nada, ele apenas faz retornar ao povo, sob a forma de benefício, aquele dinheiro que foi gerado, ganho pelo próprio povo.

Data : 08/11/1980

Título : Restos dos banquetes e os famintos

Categoria: Artigos

Descrição: Quanto vale um ser humano para um cristão atual? Certamente, tanto ou menos que um animal, pois que a animais já não se da restos porque podem contaminá-los.

Restos dos banquetes e os famintos

Não resta dúvida, é meritória a ação de conseguir alimento para os pobres famintos. Inusitada, porém, é origem e natureza desses alimentos: nada mais, nada menos que os restos dos banquetes! Quer dizer, enquanto muitos definham na miséria, poucos continuam esbanjando.

Não deveríamos coroar de vergonha que agora venha a ser prática social-humanitária juntar restos, que antes eram destinados ao lixo ou aos animais, para servir de alimento aos pobres miseráveis? E já não é vergonhoso que chega a haver pobres que tenham de se alimentar de restos? Mas que mundo é este que se proclama cristão?

Quanto vale um ser humano para um cristão atual? Certamente, tanto ou menos que um animal, pois que a animais já não se da restos porque podem contaminá-los.

Decididamente, a que nível chegamos! Vamos oferecer aos nossos irmãos (Caim também era irmão de Abel) aquilo que as modernas regras de higiene animal não permite que seja dado a estes.

O que realmente se pretenderá? Uma boa ação seguramente! E ela anestesiará alguns estômagos por algumas horas. Não mais.

Depois o suco gástrico voltará a acender nas cabeças descerebradas pela fome congênita e crônica a consciência do vazio. Mas essa consciência será ainda do vazio do estômago, porque essas cabeças descerebradas não servem para pensar, para discernir, para decidir que é melhor morrer a míngua ou de qualquer outra forma digna, do que submeter-se ao vexame de ser tratado com menos respeito e consideração do que é dispensado a um animal.

Assim, essas pobres criaturas, vítimas de um terrível egoísmo que explora o ser humano até que ele chegue ao mais baixo nível de aviltamento e por não terem mais consciência de sua própria humanidade, receberão com dentes arreganhados os restos dos festins. E aqueles que os dão pensarão que se trata de sorriso de gratidão. Mas não é. É o sorriso da morte. O sorriso de milhões de futuras caveiras daqueles que pereceram de fome, apesar de terem enchido os estômagos algumas vezes com requintados restos de banquetes. Eles serão os futuros mortos, mais por carência de amor do que por falta de alimento. E os bem postos na vida hoje, os assassinos dolosos ou culposos por negligencia ou covardia.

Do Jornal
O Nacional
08/11/1980

Data : 07/07/1981

Título : A agremiação política e o trabalho cívico

Categoria: Artigos

Descrição: Queremos agora tratar deste último aspecto: os problemas que devem ser estudados entendidos e resolvidos pela própria comunidade, isto é, pelos indivíduos.

A agremiação política e o trabalho cívico

A problemática social de hoje exige três tipos de abordagem: 1) abordagem para solução imediata; 2) a médio prazo; e 3) a longo prazo. Dentro dos três tipos existem problemas que devem ser resolvidos pelo poder público e outros que pela própria comunidade: pelo povo diretamente.

Queremos agora tratar deste último aspecto: os problemas que devem ser estudados entendidos e resolvidos pela própria comunidade, isto é, pelos indivíduos.

O estudo dos problemas e sua compreensão podem ser: 1) superficiais; 2) de médio alcance; 3) de profundo alcance.

Todos os três aspectos devem ser considerados de uma só vez, embora o nível de aprofundamento seja gradativo.

Ora, estudo, seja do que for, exige organização e organização para grupos necessita de coordenação.

Os problemas de uma comunidade podem ser considerados como: 1) culturais (espirituais); 2) sociais; 3) econômicos; 4) políticos, no sentido amplo, e correto da palavra.

O Estado, como todos sabem é uma forma cristalizada do modo de ser e das necessidades dos cidadãos em determinada época e circunstâncias, mas estas se diferenciam no decorrer do tempo, se modificam e o Estado resiste à modificação. Além disso, o Estado na pessoa dos governantes, raramente é a expressão de algo que se fundamente em uma sabedoria, até pelo contrário. Tão pouco é o Estado a expressão das necessidades de evolução de um povo.

Muito frequentemente o Estado é governado por usurpadores e ilusionistas, os quais desviam o rumo da evolução para o lado oposto daquele que constitui a verdadeira necessidade e aspiração mais profundas do povo.

Daí surge a necessidade de que os homens esclarecidos e honestos se organizem e organizem o povo em núcleos. Os homens organizados assim, devem se propor assuntos reais e devem estudá-los com o fito de promover o desenvolvimento de uma capacidade maior de entendimento e ação, que permitam qualificar problemas que possam e devam ter solução imediata, outros que devem ter solução a médio e em fim aqueles que o deverão tê-la a longo prazos.

Estes núcleos não devem ser coordenados por nenhuma pessoa ligada ao grupo governante por meio de algum cargo, porque neste caso, ocorre o sério risco de serem contaminados pelas estagnações e pela força estagnante que o PODER exerce sobre a consciência. Estes núcleos deveriam funcionar somente com a energia e força da consciência dos homens do povo, que nenhum poder tenham em suas mãos, quer seja poder político militar, econômico ou religioso, pois todos eles são coercitivos.

É necessário preservar a consciência de mais limitações do que aquelas que já lhe foram inculcadas. É preciso preservar a força criativa, a espontaneidade da consciência não cingida ao medo. É necessário estimular a força metamorfoseante que ainda existe nas consciências para que elas criem um Estado que seja a expressão da força renovadora.

Sou de parecer que os ditos partidos políticos andariam muito bem em qualquer parte do mundo se procurassem desenvolver esta idéia.

As agremiações políticas infortunadamente chamadas PARTIDOS, poderiam organizar todo o seu potencial de recursos humanos, cultural técnico e desenvolver um colossal plano cívico de educação do povo.

Este plano de educação do povo deveria abranger todas as áreas de atividade, tais como, desde noções básicas de higiene, alfabetização, até a difícil arte de pensar, dando a cada um a oportunidade de alçar-se até onde suas potencialidades o permitam.

Todas as pessoas filiadas às agremiações políticas entrariam em ação para auxiliar os menos favorecidos a conseguirem realizar seus destinos com suas próprias mãos.

Somente desta forma, num verdadeiro mutirão cívico e humanitário, conseguiríamos libertar o povo da ameaça dos usurpadores no futuro. Somente assim se chegaria a soluções verdadeiras para os problemas, porque nascidas da clareza das consciências e do amor à verdade e à humanidade.

Dessa forma talvez se chegue realmente a criar um Estado, com homens livres, cujo valor principal é a LIBERDADE.

Ainda, dessa maneira chegaríamos a varrer de nossa vida pública os parasitas, os sanguessugas, os demagogos, esses vampiros do povo.

E mais, somente pessoas mal intencionadas, que não querem o bem e a liberdade dos homens, podem desejar impedir que se realize isto.

Passo Fundo, 7 de Julho de 1981

Data : 02/08/1981

Título : Nossos gênios da política

Categoria: Artigos

Descrição: Ora, quem fala em necessidade de subsidiar, ou distribuir alimentos gratuitos não sou eu. Está escrito no jornal. Quem diz existem milhões de crianças carentes (entenda-se famintas), não sou eu.

Nossos gênios da política

O "Correio do Povo" de 21/07/81 traz à página (7) sete uma preciosa sugestão de políticos da situação. Um sugere que o Governo subsidie a alimentação para a população, outro discorda disto e sugere que o Governo elabore um programa de distribuição gratuita de alimentos a milhões de crianças carentes.

Ora, quem fala em necessidade de subsidiar, ou distribuir alimentos gratuitos não sou eu. Está escrito no jornal. Quem diz existem milhões de crianças carentes (entenda-se famintas), não sou eu. Está escrito no jornal. Quem afirmou isto, foram um Ministro de Estado e um Deputado Federal.

Então suas excelências o Sr. Ministro e o Sr. Deputado, reconhecem a existência de milhões de crianças carentes e por conseguinte, de milhões de pais que não ganham o suficiente para alimentar seus filhos! Mas que clarividentes que eles são! Mais um pouco e eles acabarão reconhecendo também a causa da existência, desses milhões de chefes de família que não ganham o suficiente para evitar que seus filhos sejam carentes a ponto de necessitarem das esmolas do Governo!

Eu não acredito que o povo brasileiro seja tao privado de inteligência que não entenda esse jogo. Também não acredito que esses milhões de pais que não ganham o suficiente para evitar que seus filhos sejam mendigos enecessitem receber esmolas, sejam tão indolentes, vagabundos, que não trabalhem ou não queiram trabalhar. Não acredito que essa miséria anunciada pelo iluminado Deputado, seja causada por, esses chefes de família por não quererem trabalhar.

Ou esses dois iluminados políticos estão fazendo ironia, ou...

Não se pode crer que alguém que pense sadiamente julgue ser isso uma solução, ou a solução, mesmo porque isso seria um passo na direção do equacionamento dos problemase das soluções lançando mão da doutrina marxista-comunista. E, afinal esses dois políticos integram as hostes do partido que se diz ser o sustentáculo político daqueles que fizeram uma revolução, dizem, para livrar o País daquilo que eles afirmam ser um grande mal: o comunismo.

Penso que esse Deputado ou está blefando ou está defendendo idéias comunistas, ou no mínimo comunizantes. Se estiver blefando, tomemos cuidado com ele. Se o caso e o outro, tomem conta dele, os defensores do regime!

Ora, Sr. Ministro e Sr. Deputado! Os senhores que são tratados de Excelências graças ao dinheiro do povo, dinheiro que ele paga deixando de comprar alimento para seus filhos, tenham a bondade de tratar dos nossos problemas com seriedade e deixem de fazer propostas levianas e humilhantes!

Nenhum homem sadio precisa receber esmolas. Basta que tenha condições de trabalhar e que se lhe pague aquilo que lhe é devido. Parem de humilhar o povo por favor!

02/08/1981

Data : 12/08/1981

Título : Alimentos: distribuir gratuitamente subsidiar ou corrigir distorções?

Categoria: Artigos

Descrição: Infelizmente é necessário ocupar-nos com coisas pueris como a "ideias de certos políticos, quando deveríamos poder tratar de assuntos mais interessantes.

Alimentos: distribuir gratuitamente subsidiar ou corrigir distorções?

Infelizmente é necessário ocupar-nos com coisas pueris como a "ideias de certos políticos, quando deveríamos poder tratar de assuntos mais interessantes. Apareceu no "Correio do Povo" de 26/07/31 à página 49 a notícia sobre a possibilidade de elaborar um programa de subsídio de alimentos à população carente ou então distribuição gratuita às crianças através da Escola.

Já no artigo anterior "Nossos gênios da política" comentei a "idéia" de um Deputado, de distribuir alimentos gratuitos às crianças a partir dos dois anos de idade.

A falta de objetividade das duas medidas é flagrante. E agora quero me referir e possibilidade do programa de distribuição gratuita. Não sei se os políticos em causas sabem que nessa idade os danos sofridos pelo Sistema Nervoso Central são quase totalmente irreparáveis» Se os senhores políticos e administradores se dignassem consultar um médico ou um psicólogo obteriam informações de que um feto se desenvolve normalmente do ponto de vista neurológico se a gestante recebe em sua dieta alimentar todos os elementos nutritivos necessários e entre estes as PROTEÍNAS que são matéria essencial à formação do cérebro.

Sabe-se que o feto se nutre dos alimentos ingeridos pela gestante e sendo assim um programa que realmente quisesse evitar os danos à saúde da criança »teria de começar pelo atendimento das necessidades nutricionais da gestante e não da criança a partir dos dois anos de vida.

O problema nutricional é um dos mais graves, pois sem nutrição adequada não se forma um cérebro normal. Sem cérebro não é possível PENSAR. Sem pensar é impossível aprender. Sem aprender não é possível produzir. Sem produção a fome se potencializa e assim dentro de algumas décadas seremos um País de débeis mentais e dessa forma com toda certeza não passaremos de escravos.

Nutrição é junto com saúde e educação, o problema básico da SEGURANÇA NACIONAL. E não só da própria humanidade.

Volto a dizer que a solução para- esse problema sera encontrada quando tivermos a coragen de corrigir as distorções sociais existentes no mundo todo, não só nas sociedades capitalistas, mas também nas que se dizem comunistas.

12/08/1981

Data : 21/08/1981

Título : Simplórios ou mal intencionados?

Categoria: Artigos

Descrição: Tenho encontrado alguns leitores que embora me dêem razão, dizem que eu critico o pessoal do governo.

Simplórios ou mal intencionados?

Tenho encontrado alguns leitores que embora me dêem razão, dizem que eu critico o pessoal do governo. Não é bem verdade isso. Quase sempre critico declarações ou comportamentos de homens públicos, administradores ou políticos, sem jamais citar nomes. Agora, se eles são da situação, isto é outro assunto.

É evidente que os responsáveis pela gerência dos assuntos públicos ganham para bem gerenciar e tem obrigação de fazê-lo segundo os interesses e bem estar do povo. Se não o fazem, não estão cumprindo o dever assumido. E se não cumprem, ou é por ignorância ou má intenção. No caso de ser por ignorância, a crítica serve para corrigir. Mas se for má intenção, a crítica serve para que saibam que estamos atentos e procurando manter o povo em estado de alerta.

Hoje eu realmente não gostaria de ter de falar sobre políticos da situação. Mas infelizmente os jornais publicam quase todos os dias declarações dos políticos da situação dizendo que se não for feito isto ou aquilo, se não forem atendidas tais ou quais reivindicações o partido de situação perderá as eleições.

Agora mesmo a famigerada reforma da Lei da Previdência Social, está pondo em polvorosa os políticos da situação. Pois é isso! Parece mesmo que esses políticos só se interessam por aquilo que lhes pode carrear votos e não pelo que sejam as verdadeiras necessidades do povo.

O que espanta é a simploriedade como são feitas essas declarações, evidenciando completo desçaso pelo julgamento popular, o que é próprio de quem está acostumado a viver à sombra do poder discricionário. E será de desolar qualquer alma de pedra, se esses homens conseguirem se reeleger. No caso de que isto aconteça é mesmo de desesperar, pois então, já estaremos a tal ponto desmioidos, que não sei se restará

algo a fazer. Então será sinal que os 16anos de arbítrio produziram o desejado efeito. E nesta situação só não diremos "adeus às armas" porque a inteligência pode ser obliterada por algum tempo, mas ela reviverá sempre nas gerações futuras.

Portanto, meu caro leitor, seja qual for tua posição partidária, situação ou oposição, não estarás isento de pensar direito. É possível que mesmo na situação haja outros nomes mais confiáveis e não comprometidos.

É impossível que uma cabeça ainda não completamente descerebrada seja incapaz de perceber tamanha incoerência e continue elegendo gente tão desqualificada como essa, que é tão ingênua a ponto de não perceber o que diz, ou então realmente mal intencionada, ou seriam as duas coisas?

Passo Fundo, 22 de Agosto de 1981

Data : 08/09/1981

Título : Escola em crise

Categoria: Artigos

Descrição: Na escola hoje nos deparamos cada vez mais com problemas tão complexos e profundos

Escola em crise

Desde 1960 venho me dedicando profissionalmente ao magistério, seja como professor do Ensino Superior, onde atuei 10 anos, seja no ensino de 1º e 2º graus. Minha atividade tem sido como professor e psicólogo. São, portanto 21 anos no campo da educação.

Antes, porém, durante minha vida estudantil que iniciou no ano de 1941, quando já havia completado 12 anos, eu vinha registrando na memória impressões sobre comportamento de crianças e jovens e ação dos professores. Posso portanto lembrar-me perfeitamente como as coisas se passavam. Minha experiência estudantil apresenta vivencia em escolas rurais uni docentes, escolas públicas estaduais (Grupo Escolar) urbanas na cidade de Santiago. Até os 15 anos, escola de regime militar em São Paulo (sistema de internato) e escola de 1º e 2º grau do Rio de Janeiro, concluindo com os estudos universitários em

Porto Alegre. De modo que vivenciei diferentes tipos de escolas e diferentes meios.

Em toda essa vivencia estudantil e profissional na qual ingressei como idealista de educação, venho garantindo uma gradativa deterioração da ação escolar.

Na escola hoje nos deparamos cada vez mais com problemas tão complexos e profundos, para cuja compreensão não dispomos de recursos e preparação.

A grande maioria de escolas não dispõe nem de salas de aula em número suficiente. Material didático nem se fala, muitas vezes nem mesmo giz existe. É uma carência de desesperar franciscano descalço.

Como se não bastasse os problemas materiais da escola, vemos afluírem para ela cada dia em número crescente, crianças extremamente carente, subnutridas, comprometidas neurologicamente, perturbadas emocionalmente e até doentes mentais. Crianças provenientes de famílias com desajustamento de todos os tipos e graus. Famílias vivendo as maiores aflições imagináveis e de todos os tipos.

Ora, estas crianças constituem uma clientela completamente fora das condições consideradas como regulares ou ditas normais. Elas constituem um tipo de clientela com exigências especiais, tanto no que diz respeito às condições materiais, quanto às condições de formação psico-pedagógica do professor.

Nosso corpo de magistério recebe ainda atualmente, uma formação que embora procure abranger uma ampla faixa de noções, é realmente insuficiente para permitir um trabalho seguro com a criança não comprometida. Em se tratando da realidade da qual estamos falando, essa formação nem de longe é suficiente.

A realidade sócio econômica está de tal forma caótica que a situação cultural é deveras lastimável. E em consequência a situação psico-afetiva é um verdadeiro desastre.

Assim vemos hoje muitas escolas, em que a clientela é de tal forma comprometida em tantas áreas, que não há absolutamente condições para os professores realizarem um trabalho normal. Necessitaria que essas escolas contassem com verdadeiras equipes de profissionais altamente especializados nos campos da: psico-pedagogia, psicologia, psiquiatria, pediatria, e medicina escolar neurologia, assistência social, odontologia e nutrição para que se pudesse ter condições de trabalho e criar condições de aprendizado e educação. Teriam de ser verdadeiras clínicas.

Nas condições em que se encontram as escolas, como os problemas que apresentam, como falta de recursos de todas a espécie, é compreensível que os professores, especialmente os de 1º grau, desenvolvam tal nível de ansiedade que os levava à atingir estados neuróticos tais, que transformarão toda a vida da instituição escolar num verdadeiro inferno, desencadeando neuroses nos alunos e aumentando o grau de aflição e conflito familiar levando professores, estudantes e pais a um total desespero.

O problema é grave e ninguém tem coragem de abordá-lo com medo de comprometê-lo ou comprometer-se. Mas é necessário que tomemos consciência dessa realidade, tentemos compreendê-la e procuremos soluções. Do contrario podemos atingir o caos total.

O mínimo que se deveria fazer é dotar o ensino com recursos materiais indispensáveis, com serviço de assistência psicológica e assistência médica.

Os municípios, embora contando com poucos recursos necessitam investir mais na educação e na assistência ao educando. Devem procurar montar serviços de psicologia escolar, pelo menos como parte nas equipes de supervisão e assistência. Poderia até mesmo aproveitar elementos de seu próprio quadro de professores que sejam titulados em psicologia, estimular outros a que venham a realizar esses estudos ou solicitar ao próprio estado que não aproveite elementos formados em psicologia ao serviço público que os cedam a rede de ensino municipal. E eu digo, os municípios porque não se ode esperar pelo estado, que como temos visto, vem cada vez mais se omitindo ao cumprimento de suas obrigações previstas na Constituição no referente a educação.

Data : 09/09/1981

Título : Ariano Suassuna: Um Espírito de Povo

Categoria: Artigos

Descrição: Uma grande estrela se apaga voluntária ente no céu tão despovoado e desamado da cultura brasileira. É dolorosa a “Despedida de Ariano Suassuna”.

Ariano Suassuna: Um Espírito de Povo

G.V.ZAUZA

Uma grande estrela se apaga voluntária ente no céu tão despovoado e desamado da cultura brasileira. É dolorosa a “Despedida de Ariano Suassuna”.

O adeus às Letras de Suassuna é uma página de simplicidade, simplicidade de santo. E em sua simplicidade ela nos transporta ao infinito e nos faz sentir a mesma sua Infinda amargura e desencanto." É como um punhal que nos trespassa não o coração, mas a alma. E um, punhal em brasa. E é mesmo um punhal, o mesmo com que foi assassinada a esperança e a luta de uni homem que ama seu povo.

Não foi assassinado um homem. O foi, um Espírito, o que é muito mais; trágico. E agora este povo sem o seu espírito condutor, certamente vagará sem destino, qual fantasma de mula- sem-cabeça.

Mais do que a morte de um corpo, dói e desespera o assassinato de um Espírito de Povo.

Os responsáveis por essa perda que o povo brasileiro, em especial o nordestino, sofre, são de tal forma sem sentimentos, sem sensibilidade, são tão brancos e desonestos, que nem remorsos sentirão pelo ignominioso ato.

O povo, esse que foi tão amado por Suassuna e que sempre o será, esse, embora sufocado na dor da perda e na desesperança de que surjam homens públicos neste Brasil, que sejam capazes de valorizar a cultura como meio de libertação, respeita a decisão dramática de Suassuna, cuja dor é maior do que a de todo o povo junto e agradece tudo o que dele até hoje recebeu.

Do Jornal

O Nacional

09/09/1981

Data : 14/09/1981

Título : Nacionalismo: um princípio natural a ser defendido

Categoria: Artigos

Descrição: Escrever ou falar sobre a idéia do nacionalismo para defende-la, especialmente nestes tempos de internacionalização, não é uma atividade muito bem vista por muitos.

Nacionalismo: um princípio natural a ser defendido

Escrever ou falar sobre a idéia do nacionalismo para defende-la, especialmente nestes tempos de internacionalização, não é uma atividade muito bem vista por muitos. Ainda mais que as duas facções dominantes, uma no mundo comunista, outra no capitalista têm atualmente características nitidamente anti-nacionais. As chamadas "esquerdas" defendem uma ideologia internacionalizante que admite a intervenção de um pois mais forte de mesma ideologia a fim de poder impo-la ao povo . As ditas "direitas" agem da mesma forma.

As esquerdas atuam mais pelo processo politico até atingirem o poder. Uma vez alcançado esse ponto, usam a força e a opressão para imporem uma estrutura social e econômica que não se mantém senão por esse meio. O instrumento mais importante nesse processo é aquele que leva à mutilação do psiquismo humano.

As direitas agem sem uma ideologia propriamente dita, embora muitas vezes também as usem. A coação, a força, o poder econômico, a opressão são utilizados, e tudo mais que permita perverter a consciência dos homens, do mesmo modo que o fazem as esquerdas.

No final das contas, ambas as tendências descambam em um mesmo fim: um grupo se torna detentor do poder econômico e politico e para manter o "status quo", tudo faz para obnubilar a consciência, fazendo do ser humano apenas um "instrumento" para desígnios talvez até nem sabidos ou inconfessáveis.

Dessa forma vemos como ambas tendências subvertem a realidade do ser humano, tentando e até certo ponto impondo uma massificação da consciência, impedindo a realização do processo de individualização do homem.

Ora, todos nós sabemos e sentimos que temos uma profunda necessidade de sermos UM e como tal sermos reconhecidos. Na verdade ninguém quer, nem mesmo suporta ser um número entre tantos outros.

O princípio da individualização é um fato científico inegável. Portanto, tudo quanto o contrarie é contra o ser humano, é contra sua natureza. Tudo que pretenda conduzir à internacionalização é contrário ao princípio da individualização.

Agora, se considerarmos que a individualização é um processo através do qual uma pessoa chega a ser como somente ela é, única, com valores que, embora universais, são realificados na Forma absolutamente individualizada, devemos por extensão entender que os grupos sociais tem também características peculiares e assim chegaremos a que uma Nação é um grupo humano com características, que dão o sentido de unidade. Devemos entender que esta unidade é essencial à manutenção de uma consciência própria nacional. “Assim chegaremos facilmente a entender que a idéia do nacionalismo é coerente com a própria realidade do processo:”formativo da personalidade humana.

Numa visão prática da realidade humana, podemos mais uma vez perceber a verdade da necessidade de realizar primeiro o individuo, para que este possa auxiliar os demais. Primeiro o ser, individual depois a família. Num passo mais complexo: primeiro devemos cuidar da nossa família, da nossa casa, para em seguida nos dedicarmos à ajuda do próximo. Assim atingiremos, nessa seqüência, a comunidade imediata, a Nação toda e por fim, as outras Nações. E ninguém poderá dizer que isto é egoísmo.

Quem for contra a idéia nacionalista, quem julgar que o contrário, o entreguismo é o correto, não deveria usar chaves ou trancas, nem fechar as portas. Não deveria defender seus direitos.

Ora, quem se apodera dos bens do outro, quem não os adquire por esforços próprio, é ladrão, é portanto um criminoso. E os mais antigos preceitos de moral, os quais devem ser a base da Lei, condenam a posse ilícita.

Defender o seu direito individual ao bem estar, defender o bem estar de sua família, defender o bem estar do seu povo constituem direito e dever naturais.

Só depois de havermos cumprido o nosso dever e que podemos dispor-nos a ajudar o outro a cumprir o seu.

A defesa do direito de uma Nação ser uma Nação é um direito natural, tão natural quanto o de defender a identidade de sua própria individualidade.

Portanto, o nacionalismo, desde que não se jaxenófobo (medo ao estranho, ao estrangeiro) é uma idéia e uma prática em perfeita concordância com a própria natureza e escopo, finalidade) do ser humano.

Passo Fundo 14 de Setembro de 1981

Data : 26/09/1981

Título : Ensino e Educação em Decadência

Categoria: Artigos

Descrição: O ensino no Brasil está uma verdadeira droga!

Ensino e Educação em Decadência

O ensino no Brasil está uma verdadeira droga! Esta não é uma afirmação leviana. É muito seria e muito grave. A formação intelectual e cultural da juventude é mais do que uma questão de segurança nacional, é mesmo um problema de sobrevivência da própria humanidade. Desgraçadamente esse problema não é apanágio do Brasil, é um fenômeno mundial.

Em todo o caso, não nos interessa analisar o fato em âmbito mundial e isto por várias razões: primeiro, porque não temos a pretensão de sermos lido e ouvido pelo mundo; segundo/porque este veículo de comunicação que nos acolhe tem vôo curto; terceiro, porque este rabiscador de linhas tortas não tem, certamente, muitos olhos aonde chegar e muitas inteligências que o acolherão, ao menos para uma visita. Mas mesmo com todas essas vicissitudes não deixamos de pensar, falar e escrever. Pensamos ser nosso dever, este mexer com idéias, mesmo quando não sejam novas, e, este dever cumprimo-lo com alegria.

Dissemos que o ensino é uma droga. E o é ele fato. É uma droga no sentido em que se usa a palavra para designar o tóxico e toxicomania.

O ensino como ele é realizado hoje, é um processo anestésico. Ele ao invés de desenvolver a capacidade crítica e criativa do estudante, faz justo o contrário, realiza uma castração, como se diria em linguagem psicanalítica. Gera eunucos culturais.

O processo de ensino e educação apenas recheia as mentes infantis e juvenis e mesmo dos adultos com uma miséria de conteúdos que nada representam, nem em termos de acumulação de conhecimento. Desenvolvimento da capacidade de pensar, nem se fala.

É inacreditável, mas é verdade. Uma criança sadia psicologicamente sente a necessidade e quer aprender e por isso aprende por um processo natural, tanta coisa que até nos abisma, simplesmente vendo, observando e imitando. Isto até o seu sétimo ano.

Atingido o sétimo ano, a criança, em geral anseia por aprender e quer ir à Escola. E, eila na Escola, entusiasmada, enlevada inicialmente. Mas, que ocorre após um ou dois anos? Via de regra todo o seu élan de saber por saber já foi sacrificado, murchoou se não morreu.

Ao fim de dois anos a criança perdeu todo o interesse de saber por saber e passa a ter interesse predominante pelos resultados: no caso a nota de aprovação.

Dos 7 aos 9 anos a Escola consegue fazer o "milagre" (algo parecido com o milagre brasileiro) de conseguir que a criança já tenha introjetado aquilo que é característico de grande parte dos componentes da sociedade adulta, aliás o que parece ser uma aspiração dominante: conseguir os frutos sem realizar o respectivo esforço. E como a criança faz isto? Simplesmente adotando a "instituição da cola", que ela em geral não abandonará mais até realizar o seu curso de pós-graduação (não confundir com Graduação em Pós). E assim o indivíduo continuará pela vida em fora no seu agir cotidiano. Dessa forma a Escola conseguiu romper uma das mais importantes barreiras morais: A HONESTIDADE.

Agora eu pergunto: qual é o qualificativo que se dá à pessoa que se apossa dos bens que normalmente se consegue pelo esforço pessoal, mas que o faz sem esse esforço? A polícia anda constantemente atrás desse tipo de indivíduo. É um ladrão, não é verdade?

Eis o produto final desse tipo de ensino e educação! Evidentemente que não estou falando dos marginais, mas das pessoas consideradas normais, que de alguma forma sempre estão usando o expediente da fraude. Seja o grande industrialista que fraudava a sua escrituração, o comerciante que não paga os impostos, o patrão que não paga o que deveria aos seus empregados, o político que recebe propina para defender interesses que contrariam os da Pátria, o empregado que não executa sua tarefa, o funcionário que não cumpre o seu dever, o general que trai a causa de seu País, etc..

Data : 28/10/1981

Título : Mitologia, Religião, Razão

Categoria: Artigos

Descrição: Este artigo não pretende ser afirmação de carácter dogmático como, aliás, eu nunca faria isso,

Mitologia, Religião, Razão

Este artigo não pretende ser afirmação de carácter dogmático como, aliás, eu nunca faria isso, mas apenas um indicador de alguns aspectos do tema, que sirvam como ponto de partida para maiores reflexões de quem possa interessar-se pela compreensão da consciência e pensamento dos povos antigos.

Para iniciar fazemos a pergunta: quando surgiu a religião? Com esta pergunta não está pretendida a determinação de uma época. O que se quer é fazer uma determinação do momento psicológico, não do momento cronológico.

Assim é que chegamos à intuição de que a religião ou a forma de a consciência se expressar à qual se chama religião surgiu no momento em que a consciência humana perdeu o contato com os Deuses e o relato ou a tradição já haviam perdido a força capaz de preencher as necessidades da alma humana. Quer dizer, uma vez a alma podia perceber os Deuses e sua eficácia. Quando esta possibilidade desapareceu, o relato, por meio da tradição tomou o lugar da vivência direta. Assim chegou um tempo em que a memória dos relatos, que constituía a mitologia, foi enfraquecendo e perdeu a força de impressionar suficientemente a consciência (alma humana), restando somente uma lembrança abstrata.

Tal enfraquecimento da Memória se fazia necessário, pois o homem deveria desenvolver outras capacidades, em especial a de abstração.

Quando uma vez a alma humana atingiu certo grau de capacidade abstracional, começou a surgir uma espécie de saudade e necessidade de revivenciar a convivência com os Deuses, já uma vez existente e então perdida.

É nesse momento psicológico que surgiu a religião, cuja forma mais antiga conhecida parece ser a Yoga, desenvolvida, ao que se pensa Índia antiga (Civilização Arque Indiana).

Para criar artificialmente as condições, pelo menos para alguns (os iniciados), foram estruturadas fórmulas mágicas, ou seja, processos de iniciação, através dos quais o homem conseguia produzir estados de consciência especiais que permitiam recontatar com o domínio espiritual e com os Deuses.

Estes iniciados podiam trazer notícias dos mundos espirituais. E, tal como o viajante ao retornar traz consigo a força da convicção da verdade vista e ao relatar as coisas que viu o faz com a força de quem realmente conviveu com os fatos e transmite esta convicção a quem lhe ouve, assim também o iniciado retorna de seu contato com os Deuses também dotado de uma fortemente extraordinária força. Esta força é capaz de impressionar de tal forma a alma do ouvinte que este pode ter vívida sensação e forte sentimento da verdade.

Tal sensação e tal sentimento podem ocorrer exatamente porque o relato corresponde a fatos já uma vez vivenciados e agora só existentes no Inconsciente da humanidade.

É assim que se pode pensar a Mitologia, ou melhor, os Mitos, não como uma invenção, mas como relato da forma como em certo tempo da evolução da humanidade foi possível ao homem tomar consciência dos elementos que constituem a essência dos fatos (fenômenos). Quer dizer, aquilo que hoje nossa consciência pode vivenciar como idéias, conceitos, pensamentos, representações e sentimentos, era então percebido como Deuses. Em alemão se diria a percepção do Wesen das coisas.

Tais Deuses, tal como as idéias, os conceitos, os pensamentos, etc., a o que chamamos de leis e princípios da Ciência, regem os fenômenos, fatos, acontecimentos, agora, naquela época eram eles, os Deuses, os responsáveis por tudo, até pelo comportamento do homem.

Isto nos leva a entender de uma maneira simples a relação existente entre Mitologia e a Ciência (produto da Razão). Naquela época os elementos causadores (os Wesen) das coisas compareciam para a consciência humana numa forma adequada ao seu desenvolvimento, isto é, a forma concreta, tal como para a criança em determinada etapa etária. (Veja Piaget).

Assim também o homem atual chega a uma faixa etária em que o pensamento abstrato é possível, desde que ele seja normal. De uma forma semelhante, a humanidade toda também evoluiu da percepção na forma concreta à percepção dos Deuses, que nada mais são que idéias, conceitos, pensamentos, representações, mas agora na forma inadequada à atualidade da consciência, isto é, na forma abstrata.

Restam ainda como percepções concretas ou mais ou menos abstratas os sentimentos e impulsos de vontade, todavia não mais como na antiga consciência mitológica. Como indicação sobre estas afirmativas veja-se:

Nesta linha de constatações chegaremos ao entendimento de que os Deuses antigos nada mais são do que as ideias, conceitos, pensamentos e representações atuais.

A religião monoteísta vem a ser, pois uma forma adequada a certo nível de desenvolvimento da consciência, em que ela vem sendo preparada para a percepção da existência, agora, não só de ideias, mas da própria IDEIA, ou seja, Deus na forma pensamental razonial (não confundir com racional), quer dizer, não mais, abstrata, porém agora concreta, isto é, como experiência direta.

Isto representará um quase indizível progresso na evolução da consciência, ou seja, a possibilidade de perceber a UNITARIEDADE do Cosmos. Será talvez o derradeiro passo a ser realizado pela consciência do homem natural.

Data : 05/11/1981

Título : Crise na Educação: alguns fatores causais

Categoria: Artigos

Descrição: Agora a questão é, porque a educação escolar decaiu tanto com a última reforma?

Crise na Educação: alguns fatores causais

Em um dos artigos anteriores falei do meu desencanto com a educação escolar (da outra, não desejo falar agora). Na realidade, muitas vezes tenho me sentido desestimulado, mesmo para falar deste assunto. Mas parece que sou incorrigível nesse aspecto. Tenho sempre que retornar a ele.

Agora a questão é, porque a educação escolar decaiu tanto com a última reforma? Há vários fatores e não pretendo evidenciar todos aqui. Mas somente aqueles que me parecem ser os principais.

Em primeiro lugar está aí como Um fator importante o relativo descaso das autoridades governamentais tanto executivas como legislativas.

O segundo fator é a própria reforma com sua delirante "filosofia" "Profissionalizante", uma tentativa de cópia do sistema norte americano ditado pelo pensamento do pedagogo John Dewes, acusado lá nos Estados Unidos como responsável pela deterioração da inteligência e da vida social daquele País, acusação esta feita pelo Secretário para Assuntos da Educação (corresponde ao Ministro da Educação). Esta acusação foi publicada no "Correio do Povo" na época em que estava sendo implantada a reforma no Brasil, exatamente quando estavam sendo realizadas as "reciclagens" do magistério.

O ensino profissionalizante generalizado; no Brasil foi e é um sonho delirante megalomaniaco. Um País que não tem condições de montar e manter algumas boas escolas técnicas, querer transformar todas para esse gênero!

Pura macaquice ou delírio de grandeza!?

Em terceiro lugar podemos apontar a intenção, talvez até boa, de oferecer escola para todos. sem pensar que uma considerável parcela de crianças não recebia educação escolar, não só porque não houvesse escola, mas por absoluta falta de condições para realizar uma aprendizagem normal por causa de significativos comprometimentos nas áreas neurológicas, por déficit de inteligência, de saúde e ou carências nutricionais.

Pois estas crianças assim carenciadas são postas indiscriminadamente junto com outras bem dotadas, com boas e até excelentes condições. Misturam-se crianças com e sem condições e os professores despreparados e sem orientação e assistência, acabam por não saber o que fazer. Nivelam o ensino por baixo. Não aproveitam, nem estimulam os bem dotados, que acabam por perder qualquer interesse pelo estudo, enquanto isso, os mal dotados, apesar do baixo nível, de ensino, também não conseguem progredir. Talvez conseguissem um pouco se fossem atendidos com técnicas de reeducação psicomotora e assistência neurológica. Mas como nada disso é feito, vão sendo massacrados como é possível, e ano após ano vão sendo empurradas para as séries superiores, para que seja possível livrar-se delas. Cria-se inclusive uma espécie de falsa piedade que se manifesta como um desejo de fazer com que progridam.

Dessa forma, crianças bem dotadas são abafadas no seu desenvolvimento e crianças sub-dotadas são promovidas e acabam ingressando no 2º Grau. Neste nível, sem saber o que fazer ou por não querer por não descoberto o furo do 1º o Grau, vão sendo engolidos os sapos e os professores são obrigados a baixar o nível de ensino, repetindo-se o processo anterior.

Um quarto fator é que indivíduos sem condições de inteligência, acabam, por chegar à Universidade. Lá ingressam e acabam colando grau, tendo naturalmente antes "colado" em todos os trabalhos e exames. É a última colação, esta na Universidade.

. Nota-se ainda que as Universidades, que de universalidade só tem mesmo a universalidade da incongruência da alienação, não fazem a mínima exigência em termos de domínio de conteúdo para o candidato que acaba ingressando, pois muitas nem competição existem porque os cursos têm mais vagas do que pretendentes.

Desgraçadamente. o magistério não chega a ser uma profissão. A procura dos cursos de preparação para essa função é frequentemente menor que o número de vagas, eis porque acabam colando grau, pessoas sem as mínimas condições para o exercício consciente da função de ensinar. No 2º para o magistério obedece aos mesmos critérios, ou melhor: a mesma falta de critérios.

Como o número de incompetentes aumenta cada vez mais, com o passar do tempo ficará mais e mais difícil a execução de um programa de melhoria do ensino.

Para completar este quadro o processo de recrutamento de professores não obedece no mínimo às regras que salvaguardam a qualidade do profissional pretendente à ingresso no magistério.

Somente um período e na antiga Subsecretaria do Ensino Técnico foram adotadas técnicas modernas de seleção de pessoal através de exames psicotécnicos, os quais levam em conta as características de personalidade, inteligência e adequação à função.

Há um quinto fator. É a centralização da produção de normas relativas à educação. Estas são produzidas nos gabinetes da Secretaria de Educação ou Ministério por pessoas que estão desvinculadas da realidade da sala de aula e que freqüentemente dela se afastaram por total incompetência para a função docente. São os chamados "técnicos

em educação". São pessoas geralmente alienadas da realidade sócio-psicológica da vida das comunidades.

Ainda quando as coisas são elaboradas por peso soas da própria comunidade, como é o caso do Ensino Municipal, elas desconhecem a realidade da sala de aula. Desta realidade falei um pouco em artigo anterior a este.

Não quero dizer que os técnicos em educação não possam ser úteis. Penso que poderão ser, mas devem trabalhar juntos com aqueles que viveciam os problemas educacionais no dia a dia. Pois é destes que poderão sair as indicações para a correção das distorções.

Os professores, que exercem a regência se não forem pressionados e amedrontados terão condições de dizer como é a realidade da criança e a sua própria. Daí se poderão estudar quais recursos devem ser providenciados e postos em ação.

Poderão agora argumentar com minhas próprias palavras e dizer que professores despreparados não teriam condições de fazer as próprias normas. Talvez seja assim. Porém, enquanto se evitar que os professores se reúnam constantemente para analisar as dificuldades, as suas também, não se chegará a nenhuma possibilidade de progresso.

Autoridades educacionais (infelizmente elas existem) alienadas, inconscientes ou quiçá mal intencionadas não têm condições para fazer aquilo que lhe competirá: promover estímulos para que os professores analisem exaustivamente todas as dificuldades e pouco a pouco cheguem a ter condições para encontrar as medidas didáticas e pedagógicas capazes de trazer soluções verdadeiras para o problema educação-ensino.

Poder-se-á dizer que as medidas tomadas pelos professores seriam imperfeitas. Isto é verdade! Mas embora imperfeitas, seriam conscientes e os professores se sentiriam responsáveis por aquilo que produziram e, portanto com o dever de corrigir as falhas.

Já na situação atual em que o professor é alijado do processo de criação didático-pedagógico oprimido a executar ordens, ele sente-se amedrontado e não responsável. Os responsáveis são as autoridades educacionais.

Por tudo isto as chamadas autoridades educacionais alimentam seu sentimento de onipotência e vaidade por se sentirem possuidores de um poder sobre os outros. Mas não quero ir adiante neste aspecto porque teria de entrar no campo da psicopatologia para explicar melhor as coisas.

Freqüentemente quando após avaliar crianças com dificuldade de aprendizagem, proponho que se elaborem programas adequados às condições delas tenho ouvido de professores e diretores, que isso não é possível, pois que os escalões superiores não permitem. É preciso dar o programa!

Na realidade fico sem saber- se esses tais escalões superiores realmente não permitem que se trabalhe de acordo com a realidade da criança ou se é pura acomodação.

Custa-me crer que as autoridades educacionais sejam tão alienadas. Por outro lado, também não quero crer que os professores que assumiram um compromisso moral de lutar pela melhora do ensino, estejam agora se escusando do seu dever.

Data : 15/01/1982

Título : O Erro Fundamental em educação

Categoria: Artigos

Descrição: Olhando a História da humanidade percebemos que nenhuma doutrina conseguiu melhorar significativamente os homens.

O Erro Fundamental em educação

Pode parecer insólito pretender falar de um Erro Fundamental em Educação. Na verdade qualquer pessoa que não tenha sua consciência significativamente afetada poderia facilmente perceber tal fato, isto é, existe um erro fundamental, sem cujo reconhecimento e superação não se conseguirá auxiliar o homem no seu desenvolvimento e evolução. E é absolutamente necessário que se fala tal reconhecimento.

Que o processo educacional não vem produzindo frutos saudáveis pelo menos como é desejável, se é que realmente se desejou tal evidência uma apenas superficial contemplação do mundo dos homens.

Olhando a História da humanidade percebemos que nenhuma doutrina conseguiu melhorar significativamente os homens. Nem mesmo o cristianismo o conseguiu.

O fato é que se a doutrina pode ser boa na sua essência ela, é deturpada na prática. E de fato, a doutrina dada pelo Cristo parece ser excelente, mas na prática talvez nunca foram cometidas tantas arbitrariedades e atrocidades como pelos cristãos. Lembre-se a Santa Inquisição por exemplo.

Os homens interpretam e a letra sem esforçarem-se por penetrar no âmago da questão. O mau hábito gerado pela imposição de ideias dogmáticas (religiosas (?) ou científicas (?) impediu e impede ainda que o homem desenvolva suas possibilidades e capacidade de auto discernimento.

Quando se, pode dizer isso das imposições dogmáticas da religião e da ciência (na verdade pseudo religião e pseudo ciência) a primeira se dizendo inspirada ou apoiada na verdade revelada e a segunda na verdade racional, o que restará então para as ideologias políticas e econômicas, a quem não interessa o homem na sua essência mas apenas no quanto ele serve a objetivo arbitrariamente estabelecidos?

O curioso é que nenhuma máquina pode ser tratada sem que se leve em conta sua natureza. Mesmo um simples prego se quisermos que ele desempenhe sua função temos de observar sua realidade. Quer dizer, se queremos que penetre na madeira, devemos colocar a ponta sobre esta e bater com o martelo sobre sua cabeça.

Pois bem quando se relaciona ao homem não se pensa que ele tem uma natureza e que esta deve ser descoberta e respeitada. No entanto podemos ver que todos, que quase sem exceção sejam pais, educadores profissionais, sacerdotes, ou lá o que forem, não se dão ao mínimo empenho de observar e meditar sobre a natureza a essência do ser humano. Tudo é feito com a maior sem cerimônia, em flagrante desconsideração pela realidade do ser.

Não se perscruta não se indaga sobre a natureza do ser humano se ele tem uma razão de ser, se há uma finalidade para sua existência (um escopo) se essa finalidade é imposta de fora por um ser onipotente, dominador ou se pode ou deve ser auto-

determinada. É assim que todos se julgam saber com toda certeza o que é bom saber para o processo de educação. Trata-se de uma fantasia de onipotência, que beira as ruas raiais da loucura.

É assim que em educação se age ao arrepio da natureza do ser humano violentando-a. Dessa forma parece-me que o erro fundamental em educação é a pressuposição de já saber tudo ou que não se pode saber mais sobre o educando, e que se sabe como deve ser e para que serve a educação, o que é verdadeiro e bom para o educando.

Tive a oportunidade de expor em artigo anterior que escrevi há algum tempo, que como o educador sempre se deve colocar-se perante o educando como se estivesse diante do maior enigma mundial: nada sei sobre ele; não sei quem é; não sei qual seu destino, como é realmente verdade.

É preciso imaginar-se sempre, estar diante dos alunos como se estivesse no tempo em que Jesus era um menino e que Ele ou João Batista estivessem ali diante, da gente como alunos em cuja educação e evolução devêssemos participar. E como se poderiam saber quem são Eles, quais suas missões e seus destinos, o que é: realmente bom para a educação desses meninos?

Como dizer a alguém cuja missão é encarnar, o próprio Deus, de que maneira ele deve pensar e o que deve pensar o que é verdade.

Agora, se esta solução parece ser inverossímil, então pensemos ter como nosso aluno um menino chamado Goethe, um Schiller, um Hegel um Jung ou um Freud.

Presunção, de já saber a natureza do educando e o que é e será bom para ele é, pois, o erro fundamental que impede todo e qualquer acerto.

Em educação não pode haver o pressuposto do "já sei o que é" "o bom é isto" não é "nada mais que a verdade é", e assim por diante. Isto apenas desrespeito só possível partindo da Ignorância ou da maldade.

É por isso que nenhum burocrata, por mais inteligente que seja pode prescrever normas em educação e ensino. Tão pouco alguma ideologia poderá oferecer e menos ainda dar diretrizes na educação. É um crime que lesa humanidade, procede como se vem procedendo até agora, na educação das crianças e dos jovens, Este malfadado sistema de educação nada mais tem feito do, que transformar crianças que poderiam ser criativas e amorosas em seres obtusos que se prestam às mais extravagantes e estúpidas atitudes. E se me disserem que há exceções eu concordarei, mas terei de dizer que estas ocorrem apesar da má influência da educação apesar da castração imposta pelas filosofias de educação.

Assim é, pois, que podemos compreender que o Estado não tem condições de ditar as normas em educação, O Estado atual encarna sempre uma ideologia, um sistema os quais sempre são míopes e unilaterais. Além disso, sabemos que as pessoas, que tomam conta dos negócios do Estado não são as mais inteligentes e nem as melhores. Esta afirmação vale tanto para os Estados Comunistas; Socialistas, Capitalistas, Democratas (?) etc.

É neste ponto e tema que os educadores devem aplicar todo seu empenho: compreender e reconhecer a verdadeira natureza do ser humano e auxiliá-lo a realizar a sua própria individualidade, podendo cada um reconhecer se ele tem algum destino a cumprir ou se ele pode ser o de si mesmo, pois, a ninguém se pode permitir o direito de determinar a realidade do outro.

Data : 12/04/1982

Título : Ação da Universidade como um bem ou um mal para o individuo

Categoria: Artigos

Descrição: A elevação do valor da existência da personalidade humana é, todavia, o último fim de toda a e qualquer ciência.

Ação da Universidade como um bem ou um mal para o individuo

A elevação do valor da existência da personalidade humana é, todavia, o último fim de toda a e qualquer ciência. Quem não praticar com esta intenção, trabalha somente porque assim viu seu mestre fazer, pesquisa porque casualmente calhou aprender este ofício. Um Pensador livre não poderá ser ele denominado.

Dr. Rudolf Steiner

O fim precípua da Universidade é promover o aperfeiçoamento da personalidade humana através do exercício da cultura em geral.

No mundo da Cultura encontramos como pedra angular a Ciência. Além disso, a ela pertencem a Arte e aquilo que hoje denominamos Tecnologia. Esta reúne em si todo o instrumental técnico e o "como-saber-fazer".

A Ciência, é o campo do conhecimento dos princípios e leis em todos os domínios do saber, desde as Ciências de Natura até às Ciências de Espírito ou humanísticas.

Partindo do pressuposto que a citação acima seja verdadeira e eu não tenho dúvida quanto a isso, torna-se necessário analisar o comportamento da instituição Universidade, o que vale dizer, analisar os princípios pelos quais se norteiam as pessoas que formam o seu corpo diretor e docente e até que ponto essas pessoas têm consciência da missão da mesma. E se reconhecem tal missão, analisar até onde ela está sendo Cumprida. E se não está por que isso não acontece.

A Universidade deve ser constituída por uma elite cultural a qual deve trabalhar no sentido de criar condições para que a elite da inteligência possa ali exercitar e desenvolver as suas potencialidades intelectuais e aprimorar os seus conhecimentos éticos. Então estas duas elites se tomarão UMA e como tal devem trabalhar no sentido de tornar digna também a existência daqueles que por não possuírem talentos intelectuais não poderão ter acesso à Universidade, mas apenas aos frutos da Ciência e da Cultura.

Devemos notar que esta não acessibilidade deverá ser apenas por falta de talento, nunca por falta de recursos econômicos.

Hoje como fruto de uma concepção distorcida estamos chegando ao caos cultural e este acabará por nos arrastar ao caos psicológico e moral. Interessa-me, aqui, propor apenas o aspecto psicológico para a discussão. Não é meu intento fazer críticas malévolas, tão

pouco propor soluções. Quero tão somente levantar a questão: O rebaixamento do nível de exigência para ingresso na Universidade e a posterior consequência, o também baixo nível de ensino é um bem ou mal para o presente o futuro do Brasil e da humanidade? Ainda, é um bem ou um mal para o indivíduo em si?

No caso de entendermos que é um mal para o indivíduo, em si, teremos que admitir que será um mal para o Brasil e para a humanidade. Se for um bem para o indivíduo, o será também para todos, não assim?

Parte 2

Sabemos que o progresso científico e ético só se faz com permanente esforço, O homem é um ser inacabado, em processo de evolução, No momento em que cessa o esforço, cessa a evolução de neste mesmo momento começa a regressão. Logo, o afrouxamento leva inevitavelmente à degeneração.

Então não será que o rebaixamento do nível de exigência na Universidade poderá contribuir para a derrocada em todos os setores e níveis da existência humana?

Penso que este assunto deva ser do interesse de todas as pessoas que se sentem responsáveis pelo bem estar e progresso seu e de seus semelhantes. Interessa a Administradores, Professores, Estudantes, em fim, a todos que não levam uma vida apenas "vegetativa".

Do ponto de vista psicológico, não será que, ao facultar-se o ingresso de uma pessoa sem condições intelectivas numa Universidade e a sua conseqüente titulação: como Professor. Bacharel, ou seja lá o nome que se lhe dê, pois como sabemos; quem ingressa na Universidade acaba recebendo o "canudo" não, será que se está cometendo um ato prejudicial a essa pessoa?

Pois, se nos basearmos na observação de muitos casos, podemos pensar que ao permitir o ingresso e titular uma pessoa sem condições intelectivas, a Universidade está contribuindo para lança-la num conflito de muito difícil saída.

A pessoa de baixo nível intelectual também terá baixo poder de discernimento e critica e conseqüentemente de auto-conhecimento. Por si mesma ela não terá condições de constatar e menos de aceitar sua incapacidade. Ela ainda usará consciente ou inconscientemente, o argumento de que se a Universidade a titulo é então porque ela satisfaz as exigências fundamentais para o exercício da profissão.

Na prática não conseguirá um nível de eficiência que justifique o seu título. Como não consegue reconhecer a que as limitações estão em si mesmas, passará a projeta-las sobre os outros, que a essa altura passam a ser considerados como impedidores do seu êxito.

Essa pessoa, que, se bem orientada poderia ser um técnico ou um operário eficiente e por esse meio alcançar uma vida equilibrada e um bom nível de auto-realização, vem a ser, ao invés disso, um neurótico, um desajustado em si mesmo e com seus conviventes.

Ora, caros leitores, ilustres responsáveis pela educação e ensino. já existem suficientes motivos para se perder o equilíbrio emocional em nossa sociedade, não se faz necessário que a Universidade venha somar-se a ele como mais um forte gerador, ou desencadeador de neurose.

Para o bem da humanidade, para o bem do Brasil, para o bem dos nossos irmãos, vamos encarar os fatos com coragem e honestidade. Reconheçamos verdade e ela nos

libertará. Pois, não é este o lema da Campanha da Fraternidade? E como se pode ser fraterno sem verdade? Afinal, numa Universidade que é uma casa de Cultura não pode ser diferente do que na casa de CULTO, quanto a intenção honestidade e verdade. Isto é para aqueles que crêem nestas duas casas.

Data : 09/07/1982

Título : Valor psicológico da propriedade

Categoria: Artigos

Descrição: Então, quando se falar o direito a propriedade, deve ser pensado que tal direito é universal.

Valor psicológico da propriedade

Analisar o valor da propriedade do ponto de vista psicológico, talvez seja uma novidade, todavia um trabalho oportuno, ainda mais que é um assunto extremamente explosivo. Tem motivado lutas, mortes, prisões, condenações, etc. por isso é tema que merece ser examinado de todos os pontos de vista e por todos para que seja bem compreendido.

Eu pretendo dar uma pequena contribuição, fazendo uma breve análise do seu valor do ponto de vista do psiquismo humano.

Deveria ser analisado também nos aspectos filosóficos, social econômico, político, jurídico e religioso ou espiritual.

Do ponto de vista psicológico devemos considerar que no estágio atual de desenvolvimento da humanidade, a quase totalidade, dos seres humanos, só tem condições de manter a consciência vigil se tiver concreto antes o seu sentido. Não havendo objetos concretos para servir de estímulo, a consciência vigil desaparece o individuo mergulha em sono, ou seja, na inconsciência. Há, portanto, a necessidade de estar recebendo estímulo dos objetos concretos constantemente.

Outro aspecto a ser observado é que o individuo só consegue manter sua identidade através de representações e sentimentos ganhos por intermédio dos sentidos, portanto, na dependência dos objetos concretos. Há assim, necessidade de uma base material para formar e garantir a integridade de personalidade. Afastando o mundo dos sentidos, dá-se a perda da relação EU-MUNDO. O sentimento do EU tende a desaparecer.

Outra questão é que, a humanidade se encontra numa fase evolutiva que até certo ponto corresponde ao desenvolvimento de uma criança de três anos, ainda não tendo atingido a etapa de EU-IDENTIFICAÇÃO. Como a criança a humanidade ainda está na fase do MEU, isto é, na etapa possessiva. A afirmação de si mesma é feita pela posse. E como sabemos muitas pessoas suicidam-se ao perderem ou mesmo na iminência de perderem a posse, sejam os bens materiais ou afetivos. Isto é, perdendo a posse material ou afetiva

e não tendo a do espiritual, sentem-se anulados ou ameaçados de anulação, inexistentes. Daí se vê quanto o ser humano depende ainda da posse.

Não podendo aqui analisar toda a patologia que se desenvolve em torno disso, limito-me a expor os aspectos considerados ainda dentro da faixa da normalidade.

Para reforçar a observação devemos ainda lembrar o comportamento da pessoa humana com relação ao bem de sua propriedade e com um que pertença a outra pessoa ou um bem público. Evidentemente, a pessoa cuida com mais interesse um bem de sua propriedade do que se pertencer a outro ou se for público. Está é a regra.

Este fato não pode ser considerado simplesmente como uma maldade ou falta de civismo. É um fato psicológico de profunda significação e como tal deve ser considerado e levado em conta. É que a pessoa se liga afetivamente com SUA propriedade. E se liga porque essa ligação lhe dá mais consciência de SER. Quer dizer, o TER nesta etapa da evolução da consciência dá a impressão de SER MAIS.

Tratasse, portanto, de uma NECESSIDADE psicológica fundamental da grande maioria dos seres humanos atuais. E aqui é que está o problema. O direito a propriedade é um direito por ser uma necessidade psicológica e como tal deve ser satisfeito e garantido pelo Estado Jurídico.

Então, quando se falar o direito a propriedade, deve ser pensado que tal direito é universal, existe para todas as pessoas e que é um direito exatamente por ser uma NECESSIDADE.

Embora o desejável, seja que o ser humano atinja um grau de evolução em que sua identidade e auto-afirmação se realizem pelo SER e não pelo TER, a realidade do presente deve ser respeitada, ainda que a necessidade na verdade represente a existência de uma consciência não evoluída. Enquanto a necessidade persistir em um ser humano que seja não deve ser tentado extirpá-la pela força. Mas o Estado Jurídico deve usar a força do Direito para garantir a satisfação da necessidade de todos mesmo quando isso possa gerar descontentamento naqueles que possuem tanto, que essa possa tornar-se obstáculo para que a necessidade do outro seja satisfeita.

Cabe por outro lado à Pedagogia (educação) ajudar o homem a que se torne capaz de não necessitar da posse como elemento de auto-identidade e auto-afirmação e que venha a possuir a capacidade de realizar auto-identidade e auto-afirmação pelo SER.

Enquanto um grande número de seres humanos não for capaz de realizar a auto-identidade e auto-afirmação pelo SER, constituirá CRIME DE LESA CONSCIÊNCIA impedir a posse mínima necessária à manutenção de consciência de si mesmo e auto-afirmação.

É bom também que se pense que a concentração de posse e de poder na mão de poucos só poderá levar à acentuação da CONSCIÊNCIA DE FALTA, naqueles que nada tem e nada podem. E a consciência de falta é como a fome, como a sede. Como a falta de ar. Pode mobilizar forças arraigadas nas profundezas do ser, as quais poderão elevar-se e percorrer a Terra com força e o furor dos mais terríveis dos furacões, provocando destruição indiscriminada, pois que essa força por ser profunda e tão fora do poder da reflexão e de qualquer controle.

Data : 12/07/1983

Título : Locais de recreação uma necessidade vital

Categoria: Artigos

Descrição: Todos os seres vivos necessitam, após um período de atividades, de um período de repouso.

Locais de recreação uma necessidade vital

Todo ser vivo funciona segundo um processo pendular, ou melhor, realiza movimentos aos quais poderíamos chamar de sístole ou diástole. A sístole é o momento de maior esforço, contração. A diástole é a distensão, momento em que se realiza a relaxação, o repouso.

Este movimento alternante ocorre também com relação à Terra com o Sol: dia e noite.

Todos os seres vivos necessitam, após um período de atividades, de um período de repouso.

Esse repouso, no entanto não é absoluto. Assim é, que enquanto dormimos nosso organismo continua com a sua atividade fundamental, as funções vegetais.

Agora, o homem é um ser com vários níveis de existência e de atividade. Existe uma diferença fundamental entre o homem e os demais seres vivos e essa diferença o torna necessitado de outros fatores em sua vida...

O homem possui uma vida afetiva consciente, isto é, ele tem consciência de suas necessidades, tanto biológicas como as afetivas. E mais, o próprio fato de possuir uma consciência de si mesmo (auto-consciência) faz com que suas necessidades sejam outras. Além das necessidades biológicas e afetivas, o homem tem necessidades intelectivas, isto é, de saber. Tem necessidades éticas, ou seja, de vida normada por princípios éticos (morais) que devem ser desenvolvidos e que uma vez realificados lhe proporcionam satisfação. Tem ainda necessidades estéticas, ou digamos de beleza. E para completar devemos constatar as necessidades espirituais. Necessita de uma resposta para sua própria existência e para sua relação com a fonte da qual, pelo menos presume que provenha e ainda se tem ou não uma destinação.

Todas essas necessidades não encontradas em outros níveis de existência demonstram a extraordinária diferenciação do homem com relação ao restante do mundo.

Uma das necessidades mais gritantes do ser humano é a de sentir alegria, satisfação, prazer.

Quando o homem vivia em ambiente natural como ser primitivo, não preso a convenções, normas sociais e uma atividade sistemática, podia encontrar satisfação na própria atitude natural.

Hoje quase não há mais um canto do mundo civilizado em que o homem possa viver ao natural. Ele está preso a sua atividade de trabalho ou estudo desde tenra idade durante horas e horas. Durante a sua existência.

Ocorre que para grande maioria das pessoas a atividade que elas realizam não lhes traz nenhuma gratificação. Ou é porque não gostam realmente do que fazem, ou das condições em que trabalham, ou ainda da retribuição salarial que recebem.

A conseqüência disso é que o desgaste de energia nervosa e psíquica é muito grande. Este desgaste conduz ao esgotamento, irritação e descontentamento, levando a estados perturbados e perturbadores.

Como não é fácil mudar o sistema de vida da sociedade para que cada um possa exercer uma atividade que ao mesmo tempo em que é trabalho, meio de vida, seja também fonte de satisfação, torna-se imperioso que todas as comunidades possam oferecer muitas alternativas de recreação para que as pessoas possam dispor de fontes de prazer que sejam capazes de proporcionar alegria e ainda contribuam para conservação e melhoria da saúde física e emocional, sendo também educativas e tornem o homem um ser mais sociável.

Muitos governos, inclusive no Brasil, já estão reconhecendo a importância da recreação como atenuador de tensões psíquicas e sociais e estão investindo, embora ainda de forma modesta, para criar condições de recreação para grandes contingentes humanos.

Naturalmente, o poder público, seja como governo central, estadual ou municipal, devem estar atentos para este problema quer tomando iniciativas, construindo centros de recreação, quer dando apoio a iniciativa privada que queira investir nessa área.

Parte 2

No artigo anterior sobre alguns fatores que formam as bases da necessidade do ser humano ter condições de realizar ou participar de atividades recreativas. Indicamos sobre a recreação uma atividade que atinge o homem em todos os níveis de sua existência, corporal, psíquica e cultural, todas elas de forma integrada, uma repercutindo sobre as outras e vice-versa.

Temos empregado a palavra recreação em lugar de lazer, porque a primeira palavra fala melhor da realidade dos processos que se realizam no ser humano em atividade recreativa, eis que a de verdade uma recriação das energias consumidas e até mesmo uma incrementação das mesmas.

Devemos ainda acentuar que nas atividades recreativas a sempre algo de aprimoramento da interioridade do ser humano, não se tratando, portanto de mero prazer e descanso.

Nós sabemos que o ser humano necessita de recreação. A vida humana sempre teve três atividades fundamentais: trabalho, descanso, recreação. Nos primórdios da civilização o trabalho consistia mais em buscar os elementos necessários para subsistência na natureza, que os entregava, por assim dizer, prontos. Nestas condições o homem não tinha necessidade de horas e mais horas, dias meses e anos a fio preso a uma atividade monótona como na atualidade. Em tempos mais primitivos até os perigos enfrentados ante as feras e as incertezas do amanhã eram suficientes para fazer o homem vibrar de emoção, fossem de medo ou de alegria. A própria vida de sentimentos era mais variada e as situações emocionantes ocorriam com muita variabilidade.

Além daquilo que foi apontado antes devemos considerar que em tempos pretéritos a consciência era mais ingênua e a humanidade ainda não havia atingido o nível de desenvolvimento da função intelectual. Isto é, o homem era mais sentimento do que pensar intelectual, como é hoje por isso ele vibrava mais do que hoje.

Atualmente por vários motivos, que não são possíveis de serem examinados aqui, o homem vive uma espécie de isolamento da vida efetiva. Poderíamos dizer que sentimentos e emoções, especialmente saudáveis são cada vez mais raros.

Quase tudo que se faz hoje é vivenciado como monótono. Naturalmente que a monotonia não é um fato que tem sua razão de ser exclusivamente no mundo exterior. Talvez o sentimento de monotonia seja mais algo que tem sua razão de ser no íntimo do ser humano.

Seja como for, esse sentimento de monotonia é algo muito perigoso do ponto de vista do equilíbrio emocional e mental. E não é sem importância para uma vida saudável, que haja um bom nível de equilíbrio emocional nas pessoas. Podemos até afirmar que é fundamental esse equilíbrio.

Ora um fato que não pode ser ignorado é que a esmagadora maioria das populações urbanas trabalha em atividades pouco gratificantes do ponto de vista psicológico. Isso para não falar do aspecto econômico. Temos aí dois fatores geradores de tensão psicológica. Esta tensão acaba por explodir inexoravelmente nos domínios tanto individuais, gerando neuroses ou agravando-as até chegar a níveis insuportáveis levando até a eclosão de estados psicóticos trazendo suas trágicas conseqüências nas áreas familiares e sociais.

Outro aspecto muito importante é aquele que se refere a condição de recreação para crianças e jovens. Em todas as cidades nota-se cada vez mais a febre de construção de edifícios, de apartamentos. As crianças e jovens não têm onde fazer recreação. Elas são obrigadas a permanecer confinadas em apartamentos, como passarinhos em gaiolas, não só durante os dias de semana como também nos dias de descanso. Isso faz com que permaneçam muito tempo sem ter o que fazer a não ser assistir televisão.

Não que eu seja contra a TV, mas é preciso reconhecer que o abuso dela traz sérios problemas no desenvolvimento psicológico das crianças, especialmente em relação a criatividade e trocas afetivas, tanto na família como na vida social, sendo levada a um grau muito perigoso de isolamento afetivo.

Como trabalhador da área da saúde mental e emocional tenho em várias oportunidades manifestado o parecer sobre o perigo que é a falta de condições de recreação tanto para as crianças e jovens como para os adultos. Aqui mesmo em Passo Fundo, já tratei desse assunto muitas vezes, quer seja em palestras para grupos de pessoas, quer em artigos escritos para este jornal (O Nacional).

Eu tenho dito reiteradas vezes que criar condições de recreação em comunidades urbanas é um assunto de todas as pessoas que se sentem tendo uma parcela de responsabilidade para com a sociedade em que vivem, quer sejam elas particulares ou administradores públicos.

É realmente um assunto prioritário ao qual todos nós devemos dedicar nossa atenção e empenho é necessário que atentemos seriamente para esse problema antes que seja tarde demais. Devemos apoiar e participar de todas as formas possíveis prestigiando, contribuindo, exigindo ou participando de todas as iniciativas sadias.

Para concluir, quero destacar a importância das áreas verdes com bosques e águas em superfícies grandes com atrativos diversos que possibilitem passeios onde os pais possam levar os filhos estabelecendo uma convivência saudável entre os membros da família, onde se possa encontrar amigos e conversar. As crianças de hoje se puderem ter alegria junto à natureza, elas amarão a natureza, pois elas associam alegria com

natureza. Então no futuro teremos homens que saberão por que é importante respeitar a natureza e defende-la. A criança aprenderá a conhecer a natureza e por isso aprenderá também a amá-la. Pois que ninguém pode amar algo que não conhece.

Data : 25/07/1983

Título : Infância e juventude futuro do País

Categoria: Artigos

Descrição: Tenho ouvido frases demagógicas durante minha vida, mas esta é uma das mais descaradas de todas: a infância e a juventude são o futuro da Pátria.

Infância e juventude futuro do País

Tenho ouvido frases demagógicas durante minha vida, mas esta é uma das mais descaradas de todas: a infância e a juventude são o futuro da Pátria. Realmente fico sem saber a que futuro querem referir-se e a que Pátria. Um país com cento e vinte milhões de habitantes em que os órgãos oficiais afirmam haver vinte milhões de menores carentes entre abandonados e famintos é algo de fato espantoso. E espantosíssimo é que neste país ainda se use e abuse desse chavão.

Ora, se um órgão oficial afirma existir tal monstruosa cifra, então temos que dar crédito á afirmação, porque ele não iria afirmar algo contra o próprio governo. E mais, se existe tal número de menores nessa situação e como esses menores não são produto de geração espontânea, pois desde as experiências de Luis Pasteur que está provado que “vivo ex vivo”, eles devem ter pelo menos mais um terço de adultos em condições de sub-vida.

Portanto o problema parece de compreensão meridiana. Há adultos em número exageradamente em condições sub-humanas de vida gerando crianças para as quais eles não tem condições de gerar alimento. Mas porque um pai não tem condições de gerar alimento para dois ou mais filhos? Poderão dizer que é por incapacidade, preguiça ou qualquer outra coisa. Mas porque um homem chega a esse estado deplorável? Naturalmente que o problema é histórico, não foi gerado hoje. Mas por outro lado não percebemos atitudes adequadas por parte de ninguém no sentido de solucionar está questão, nem dos governos, nem dos cidadãos.

Os governantes, com raras exceções, ignoram a realidade, mesmo a mais comezinha. Os homens que se guindam ao poder ou são guindados a ele, são em geral destituídos de ideais concretos, não tem e não estão interessados em ter uma compreensão do ser humano e sua dignidade. Defendem postulados ideológicos que alinham o homem como produto da economia.

Dentro desse caos aflora uma terrível aberração. As instituições para recolher os menores carentes. Nada mais absurdo e diabólico do que este tipo de ação. Primeiro os governos desleixam na proteção dos menos favorecidos, permitem que o capital

espoliativo leve contingentes imensos de homens a mais negra miséria, que gerem filhos nessas condições, nas quais não podem oferecer nem o mínimo para o seu desenvolvimento físico, quanto mais para o emocional. E por cima de todo esse absurdo o governo ainda se faz passar por benemérito porque oferece, com dinheiro do povo naturalmente, esses antros geradores de delinquentes, que são as instituições de menores.

Como se pode admitir tal absurdidade? Por acaso não estão todos cansados de saber que uma criança só pode desenvolver-se sadiamente, tanto do ponto de vista físico como emocional se estiver cercada de bens materiais indispensáveis e do amor, que somente dentro da família pode existir. Esta verdade é tão transparente que mesmo nos países comunistas ela é respeitada.

Naturalmente temos que socorrer que está faminto, de alguma forma, mas a solução do problema é fundamentalmente política. Faz-se necessário que promovamos uma mudança política e conseqüentemente econômica. Devemos trabalhar por uma mudança. É um trabalho cívico e político. É preciso mudar a mentalidade e mudar os homens, para mudar as condições sociais. Precisamos de um regime social que respeite a pessoa humana em todas as suas dimensões, que respeite simultaneamente o individual e o social ou coletivo.

É um imperativo de humanidade trabalhar pelo estabelecimento de um regime social que nos tire deste caos gerador de miséria, doença corrupção e delinquência. É para aqueles que não podem ver a questão de um ponto de vista ético e humanitário, resta vê-los ao menos pelo ângulo da conveniência: ou se criam condições dignas para as populações desfavorecidas, ou se criarão monstros humanos que virão arrancar das mãos dos favorecidos o alimento que lhes foi negado.

Em todo o caso devemos compreender que estes monstros não nasceram do nada. Eles são produtos de outras monstruosidades: a desumanidade, a ignorância, a exploração, a opressão e a falta de amor.

Data : 09/09/1983

Título : Seitas e Ideologias

Categoria: Artigos

Descrição: Nos últimos tempos temos visto a imprensa noticiar, comentar, criticar e mesmo combater certos movimentos ditos religiosos

Seitas e Ideologias

Nos últimos tempos temos visto a imprensa noticiar, comentar, criticar e mesmo combater certos movimentos ditos religiosos de grande aceitação em diversas partes do mundo.

O problema do surgimento de novas seitas e seus métodos de ação não é novo. A bem dizer os métodos são os mesmos desde que se tem notícias acerca dos movimentos sectaristas.

Sejam quais forem esses movimentos, dirigem-se a um contingente de seres humanos desamparados, carentes, seja no aspecto material, afetivo ou espiritual. São as presas fáceis de promessas redentoras.

É necessário que se diga que, mesmo os mais puros movimentos espirituais acabaram infiltrados por elementos que tem interesse em que a humanidade não evolua No sentido da criação de uma consciência livre. O espírito escravizador sempre encontra adeptos, seja entre os componentes dos cleros, sejam dos políticos. E é o que tem acontecido com todas as religiões. Elas são desvirtuadas e transformadas em seitas e como tal, todas usam métodos de condicionamento mental. Não há uma que não faça isso. Primeiro na formação de seu clero; depois na doutrinação dos povos.

A diferença entre elas esta em que, umas já nascem mal intencionadas, outras são desvirtuadas no decorrer do tempo. Nem mesmo aquele movimento que se originou dos ensinamentos do Cristo escapou desse processo deturpador.

Dessa maneira parece-me, simplesmente combater este ou aquele movimento sectarista não é a maneira mais inteligente de tratar a questão, se é que alguém tem interesse em atitudes inteligente, porque afinal se teria que combater todos os movimentos sectaristas, por serem maléficos ao desenvolvimento da consciência humana. E mais, quem estaria tão isento, que teria condições morais, espirituais e psicológicas para dar combate? Haverá alguém tão puro, que esteja em condições de agir isentamente? Acho difícil que haja. E se houver alguém com essas condições, é certo que esse seria um espírito tão magnânimo e compreensivo que não iria combater ninguém. Pois ele saberia que não se vence o mal pela força, mas pela sabedoria e pela bondade.

As pessoas que se entregam aos desmandos e desonestidade desses ditos guias, são mais dignas de compaixão e não de serem atacadas. São mais necessitadas de serem compreendidas do que combatidas.

É claro que num primeiro momento caberá ao Estado protegê-las da dominação e exploração, coibindo o abuso dos exploradores. Mas além do estado, cabe a todos os homens, esclarecidos trabalharem para que a parte da humanidade que vive na quase total escuridão da ignorância possa libertar-se da mesma.

Claro que esta que não pode doutriná-los para uma concepção qualquer, mesmo porque eles no momento não teriam condições de assimilar uma filosofia de liberdade, pela incultura em que vivem, seja até mesmo por não terem condições físicas básicas, como saúde, educação, alimentação e moradia de acordo com as exigências mínimas para a vida humana.

Penso que combater os ilusionistas não é suficiente. É preciso oferecer condições de libertação para que esses contingentes humanos que se tornam presas fáceis de promessas salvadoras. O que digo com relação às seitas vale também para as ideologias.

Data : 02/02/1984

Título : Divã Psicanalítico e Confessionário

Categoria: Artigos

Descrição: Os Psicoterapeutas São Procurados Quase Sempre Depois Que Foram Tentados Todos Os Recursos, Científicos Ou Não, Desde A Medicina Oficial Até Curandeiros, Benzedores,Etc

Divã Psicanalítico e Confessionário

Há algum tempo os jornais noticiaram uma declaração atribuída a Sua Santidade o Papa João Paulo II, na qual era externada sua preocupação relativa ao fato de que os fiéis católicos estariam trocando o confessionário pelo divã dos psicanalistas.

A ser verdade aquilo que estampavam os jornais, não podemos deixar de ficar seriamente apreensivos. Ou Sua Santidade estaria desinformado sobre a situação da Psicanálise hoje e sobre os variados avanços nas técnicas psicoterápicas, que vão desde a Psicológica Analítica de Karl Gustav Jung, uma das correntes mais espirituais dentro da Psicologia, passando pelo Behaviorismo, Psicologia da Gestalt, Skainnerismo, etc. Até a sugestão hipnótica (pouco recomendável) e técnicas de regressão, estas duas últimas em geral muito usadas por clérigos e ex-clérigos católicos, com amplo apoio das entidades católicas.

Esta hipótese, a da desinformação, nós não podemos aceitar numa pessoa da estatura espiritual e social de Sua Santidade.

Uma segunda hipótese que só citaremos por constituir-se numa outra alternativa, nos causa arrepios de horror só em imaginar: má-fé. Nem de longe poderíamos admitir isso.

Agora, restaria uma terceira alternativa: o jornalista teria inventado isso. Preferimos admitir esta hipótese.

Em todo o caso, se analisarmos a fundamentação da Psicanálise pura em si, somos levados a ter que reconhecer a sua orientação materialística. Ela seria como que a contraparte da teoria evolucionista de Darwin, naturalmente quando interpretada unilateralmente, pois que muito daquilo que se diz de teoria de Darwin não foi dito e creio nem pensado por ele.

Agora, do ponto de vista funcional, Sua Santidade nem precisaria preocupar-se com isso. A terapia psicanalítica, conquanto seja muito eficiente em muitos casos, que talvez nenhum outro recurso surta efeito, não é aplicável para todo e qualquer tipo de paciente. Além disso, se constitui num tipo de tratamento que exige, em geral, de três a cinco consultas por semana. Considerando que cada hora-consulta custa atualmente Cr\$

25.000,00 a Cr\$ 30.000,00 (vinte e cinco mil e trinta mil cruzeiros) o paciente terá uma despesa mensal entre Cr\$ 500.000,00 a Cr\$ 600.000,00 (quinhentos a seiscentos mil cruzeiros) mensais. Ainda mais se considerarmos que um tratamento psicanalítico nunca dura menos de 24 meses, indo até 8 a 10 anos de duração, vê-se que somente uma mínima parcela da humanidade teria condições de usufruir desse perigo para a religião.

Devemos considerar ainda que, mesmo a Psicanálise não interfere nas crenças dos pacientes. Apenas os liberta dos traumas, complexos, crendices e superstições.

Quanto às demais Escolas psicoterapêuticas, cujos tratamentos são bem mais em conta, pois custam aproximadamente quatro a cinco vezes menos e duram raramente mais de dois anos, também não exercem a mínima influência no sentido de diminuir a fé dos crentes, pois que uma das exigências do Código de Ética dos Psicólogos é não interferir nos aspectos de crenças ou convicções filosóficas ou ideológicas dos pacientes.

Podemos dizer com segurança que todo o bom psicoterapeuta não influi o mínimo nas crenças ou fé dos pacientes. Apenas, como dissemos, o paciente se liberta de crendices, superstições, traumas, conflitos, preconceitos, etc. Com isso se torna capaz de vivenciar e avaliar na luz correta, aquilo que a religião oferece de sadio.

Nos nossos vinte anos de exercício de psicoterapia, só temos confirmado que os pacientes além de se libertarem dos traumas, tem sua fé robustecida. E é bom que se saiba disto porque uma fé verdadeira e esclarecida é aquilo que deve de fato interessar, primeiro à pessoa e depois à religião ou igreja da qual participa.

Ainda há um outro aspecto muito importante, o qual tranquilizaria Sua Santidade e todos os cléricos e crentes: OS PSICOTERAPEUTAS SÃO PROCURADOS QUASE SEMPRE DEPOIS QUE FORAM TENTADOS TODOS OS RECURSOS, CIENTÍFICOS OU NÃO, DESDE A MEDICINA OFICIAL ATÉ CURANDEIROS, BENZEDORES, FETICHISTAS, MILAGREIROS, PARAPSIÓLOGOS, etc.

O Psicoterapeuta é quase sempre o último e desesperado recurso e não nos parece humano, nem piedoso desaconselhar alguém que talvez tenha na psicoterapia a sua última chance, não procurá-la por medo de sanções espirituais.

Nós mesmos temos tratado de casos que se não atendidos por meio da psicoterapia teriam resultado em invalidez, morte, assassinato ou suicídio, deixado crianças muitas vezes ainda muito pequenas e que portanto ainda necessitadas do carinho, do amor e da proteção dos pais, com o triste legado da orfandade e talvez o abandono com o secto de consequências funestas.

GOSTARÍAMOS QUE SUA SANTIDADE RECONSIDERASSE AS SUAS DECLARAÇÕES OU AS DESMENTISSE SE FOI INVENÇÃO DE ALGUM IRRESPONSÁVEL.

Data : 24/03/1984

Título : Política e Ética

Categoria: Artigos

Descrição: Sem querer definir, diremos que Política é a Arte de conduzir a evolução de um Povo através da administração de suas necessidades e satisfação...

Política e Ética

Sem querer definir, diremos que Política é a Arte de conduzir a evolução de um Povo através da administração de suas necessidades e satisfação de seus anseios e suas aspirações mais profundas, no sentido de um desenvolvimento material e espiritual.

Sendo uma arte a Política deve ter suas leis, embora estas não devam ser rígidas nem no espaço, nem no tempo. E se há leis, devem ser observadas. Já a Ética pode ser encartada como uma força normativa do comportamento do homem perante o outro e dentro da sociedade humana. A Ética é sempre normativa, mas sua fonte pode ser diversa. O homem pode pautar seu comportamento segundo regras que lhe advém de fora como um mandamento e neste caso ele é um não livre homem, ou pode fazer no seu próprio íntimo, sendo fruto do seu reconhecer próprio. Neste caso o homem age segundo princípios morais que ele recebeu ou é obrigado a seguir, mas que ele mesmo reconhece e por sabê-los éticos, age de acordo com eles. Somente então ele é um homem livre.

Tornar-se um homem reconhecentemente ético deveria ser o ideal de cada um. Então teríamos um Individualismo ético.

Feita esta pequena digressão para que se entenda o que queremos dizer com Política e Ética, passemos à consideração do comportamento do nosso homem político atual.

Meditemos sobre algumas perguntas. Nossos políticos atuais serão homens éticos? Se o forem deverá ser possível reconhecer os seus atos como pautados pelas leis éticas. Mas estarão eles se comportando segundo as mais elevadas aspirações do Povo? Estarão eles atentos ou interessados em promover as condições favoráveis para que o Povo passa realificar seus anseios e aspirações? Estarão eles promovendo a administração das necessidades do Povo?

Este povo está recebendo a atenção devida dos homens que detém o poder? Estão sendo atendidas as necessidades fundamentais do povo? Os governantes estão trabalhando para oferecer condições dignas de vida ao povo? Nosso povo pode alimentar-se adequadamente? Há uma ação segura no campo da produção e circulação

de alimentos? Como está a ação dos governantes e políticos com relação à saúde do povo? Estão eles conscientes de que sem alimentação e condições sanitárias adequadas não pode haver saúde e estão eles agindo de modo a superar estas dificuldades?

E como está a ação do governo e dos políticos em geral com relação à educação? Aquilo que está sendo feito serve à promoção da evolução do povo? Serve à satisfação de seus anseios e aspirações? Sabem por ventura, que uma criança não terá saúde nem condições de educação se ela não tiver uma nutrição adequada desde a gestação? E se sabem querem promover as condições corretas?

Estas são questões muito pragmáticas que se não for possível respondê-las afirmativamente é porque a ação dos políticos (administradores da vida pública) não está se pautando por princípios éticos (morais).

É necessário que haja responsabilidade e sanções: para a inoperância, a substituição; para a má fé, punição. Só assim poderemos chegar a ser uma civilização.

09/03/1984

Do jornal

O Nacional

Política e Ética

II

Dissemos no artigo anterior que Política é arte. Mas enquanto as leis da Arte são estéticas (leis do belo) as leis da Política são éticas (leis da moralidade, do bom). Quando o político age fora da legalidade, procede de forma imoral, deixa de merecer a confiança dos representados.

Na administração da coisa pública todas as ações devem estar dirigidas para o povo na sua totalidade, como foi dito no artigo anterior, deve atender às necessidades, aos anseios e aspirações do povo.

Um político deve ser pessoa que, além das condições morais precisa ter uma sensibilidade que lhe permita poder auscultar as necessidades mais profundas do povo e ter a visão de como encaminhar os acontecimentos no sentido de tornar possível o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade harmonicamente.

Como poucos homens já têm a possibilidade de reconhecer por si só as leis da conduta, tornam-se necessário a existência de uma norma. Esta norma no sentido mais geral é a Carta Constitucional, que deve ser formada segundo a realidade da índole do povo. Nada deve ser inventado. Naturalmente que, a Constituição não pode ser uma norma cristalizada. Ela deve ser dinâmica, isto é, deve poder ser mudada naqueles pontos em que não corresponde mais à índole do povo.

A razão e honestidade mandam que se processem mudanças na Constituição e, por conseguinte no sistema político, sempre que isso se torne uma exigência das necessidades sociais. Aliás, este deve ser o comportamento com relação às leis

ordinárias, com a diferença que elas têm o caráter de transitoriedade mais acentuado, enquanto a Carta Magna, por ser mais genérica tem valor de permanência maior.

Não é ético mudar a Constituição pela força das armas (a não ser que o Povo exija contra regimes discricionários), como também não é ético impedir a mudança pela força das armas.

Quando uma Constituição foi estatuída pela decisão do Povo, mas não serve mais, o político deve apresentar outro projeto para que o Povo decida pela mudança ou não. Afinal, uma Constituição sendo feita pelo Povo, é feita para servi-lo e regê-lo e não para garantir interesses particulares de grupos, mesmo que tais grupos sejam os Partidos.

Fico sempre me perguntando se os políticos têm alguma ética quando dizem que uma Constituição não pode ser ou não deve ser mudada, que o Partido não deve abrir mão do poder, porque ele o conquistou uma vez.

Um partido político que se instala no poder, embora pelo sufrágio democrático, não o conquista para si e seus membros, mas para realizar as aspirações do Povo. Além disso, cumprido o mandato, o poder deve ser devolvido ao Povo para que ele julgue se os atuais detentores devem continuar administrando a Nação ou devem vir outros.

Quando os políticos agem fora de tais modos é porque não são honestos, não são sinceros e não estão trabalhando para o Povo, pelo Povo e com o Povo. Quando contrariam tais princípios, eles estão contra o Povo e devem ser neutralizados. E a forma mais ética de fazer isso é através da manifestação do Povo nas urnas e de maneira direta, sem intermediários e sem escalas.

Passo Fundo 31 de março de 1984

Do jornal

O Nacional

Política e Ética

V

Quando fazemos nossa preparação para o exercício de uma profissão, seja de nível médio ou superior em geral somos orientados, pelo menos quanto a determinados aspectos do comportamento ético, além da necessária ênfase dada ao aprendizado do conteúdo propriamente dito.

No entanto há alguns ramos da atividade humana em que nenhuma preparação sistemática existe. Por exemplo, para ser pai, mãe, esposo, esposa, nada há que se possa identificar como uma preparação condizente com os encargos decorrentes desse estatuto. E, no entanto, quantos males foram causados e continuam sendo para as gerações do presente e do futuro por pais: que não tem a mínima competência para assumir e desempenhar esse papel?!

Os educadores, os psiquiatras e psicólogos sabem sobejamente os problemas que se criam em virtude de comportamentos inadequados dos pais. A Psicanálise desnudou as maselas e mostrou as seqüelas de despreparo dos pais como conseqüências em seus filhos. Ela demonstrou a importância de um saber vivência para o satisfatório

desempenho da função parental. E haverá coisa mais importante do que ter uma estrutura psíquica que permita viver sem conflitos patológicos?

Ha ainda outro campo da atividade humana, cuja importância e responsabilidade são da maior transcendência, porque os atos praticados são de imensurável repercussão, pois afetam grandes comunidades humanas, E a atividade política.

No entanto e inacreditável o despreparo dos homens que fazem da Política o seu campo de atividade. Em pleno final do Século XX, os homens que geram os destinos da humanidade ainda são pessoas despreparadas e muitíssimas vezes primitivas, quando não doentes emocionais (neuróticos).

A atividade do político não tem sido encarado como um serviço que deve ser prestado ao povo, que tem como objetivo ajudar a encaminhar os acontecimentos de tal forma, que sejam criadas as condições básicas que permitam o desenvolvimento do ser humano como individualidade em harmonia com o social.

O aprendizado político não tem incluído cultura e muito menos Ética. Ainda vivemos uma condição de aprendizado empírico e do modo de ação do "raposismo" político. E a política do engodo, do logro, da traição, do "passar pra trás", seja o adversário ou o próprio correligionário.

Os políticos e também o próprio povo, porque já este corrompido pelo mau exemplo daqueles, encaram a Política como atividade partidária, da mesma forma como se fosse um clube de futebol. Quando na verdade, mesmo o esporte deveria ser considerado de modo bem diverso do como o é. Mas em todo o caso, no futebol sempre haverá um grupo perdedor e outro ganhador, quanto ao número de pontos.

Agora, o que deveria mesmo interessar e o resultado que se obtém com o esporte: espetáculos de beleza, habilidade e energia e o estímulo ao povo, especialmente a juventude para que também se interessasse por ter corpo sã e forte conseguido através da dedicação ao esporte.

Dessa forma, ganhasse quem ganhasse, perdesse quem perdesse, o resultado final seria bom. Ambos os contendores, na verdade não estariam lutando um contra o outro, mas consigo mesmos para serem melhores do que já conseguiram. Com isso quem ganhasse seria o povo como totalidade e não os torcedores de um dos clubes.

Algo semelhante deveria acontecer na Política. Os políticos, embora pertencentes a agremiações diversas orientados por idéias diferentes, deveriam esforçar-se para superar a si mesmos para poderem oferecer o melhor de si ao seu povo. O que deveria importar é o resultado final: o povo estimulado pela ação, pelo comportamento ético de seus líderes e representantes, seguiria o bom exemplo. Cada homem procuraria tornar-se melhor, pois o ser bom é que seria o valor reconhecido, apreciado, valorizado e exaltado. Hoje em dia, infelizmente vive-se a inversão quase total dos valores, quando o desonesto, o velho, por não ter consciência moral e saber enganar e seduzir, é quem ocupa o lugar de liderança. Dessa forma, da o mau exemplo, desestimula o esforço de querer ser melhor, porque vê os piores, os maus, os velhos, os "espertos" serem bem sucedidos, deterem o poder e se imporem aos demais e serem respeitados e temidos. Os honestos são considerados os "trouxas" são até ridicularizados.

Que educação pode ser realizada nessas condições?

O que se pode esperar do povo, como esforço para levar o País a um nível de desenvolvimento e dignidade como são necessários?

Que sacrifícios se pode pedir ao povo?

Como se pode esperar que esse povo aceite entrega seu sangue aos vampiros para ser sugado até que xague?

Não! Assim não é possível! É necessário que haja uma mudança nesse deplorável estado de coisas. É preciso que os homens que ainda representam e reserva trará¹ e de inteligência lúcida deste País se ergam e digam um BASTA! ao descalabro em que estamos metidos. É necessário que se tomem medidas sadias e inteligentes enquanto o tempo, antes que o processo se torne irreversível.

Eu não tenho soluções para a questão, mesmo porque soluções prontas não existem.

Os problemas humanos são dinâmicos, as exigências mudam de dia para dia e as soluções têm de ser de acordo com a natureza dos problemas. Mas uma coisa me parece ser certa... Sem a formação de uma mentalidade ética jamais chegaremos a uma situação satisfatória.

Penso que o problema: central é a falta de uma mentalidade ética e que a primeira providência e a moralização da vida pública, para que se possa esperar que o povo acredite que esse é o caminho certo e decida caminhá-lo.

26/03/1984

Do Jornal

O Nacional

Política e Ética

VI

Num artigo anterior citei algumas atividades que o homem realiza sem que para tanto tenha se preparado, ou mesmo pensando ser necessário uma preparação. Entre elas citei a Política e ainda disse da sua importância para a vida e para a comunidade humana em geral.

Outro campo da atividade de importância inavaliável é a educação, tanto a recebida no lar como a que recebemos na escola ao mesmo tempo em que se desenvolve o processo de instrução.

A educação é sem dúvida o fundamento da nossa vida. Dela dependo a nossa própria existência e a dos demais.

É evidente que a consciência moral que rege os atos do ser humano está na dependência direta de valores interiorizados através da educação. Daí ser necessário dar-se o melhor tratamento possível às coisas da educação. Naturalmente este melhor tratamento deve começar pelo trabalho realizado em si mesmo por todo aquele que vai desempenhar tal missão.

Quando falo em missão de educar não quero referir-me somente à atividade sistematizada na escola. Refiro-me também no mesmo grau de importância ao preparo para a paternidade.

Agora, quando se vem a ser pai ou mãe, se exercera uma influencia, embora importante, mas de certa forma limitada, por se atingir diretamente so umas poucas pessoas. Já quando alguém se decide pela atividade politica e a exerce, ele passa a ter uma influencia direta e indireta sobre uma imensidão de pessoas. Ele influi sobre comunidades inteiras. Seja qual for o âmbito da ação direta, municipal, estadual ou nacional, a questão não fica diferente e as exigências não são menores neste ou naquele caso. Seja o vereador, o prefeito, o governador, o deputado estadual, o federal, o senador, o ministro ou o presidente, todos devem ter a mesma capacidade moral.

Comonão podemos ficar esperando que as crianças de hoje cresçam ate se tornarem homens éticos, pois precisamos de ação modificadora de emergência, penso que deveríamos tomar providencias imediatas.

Eu falei que o aprendizado político e empírico e ainda baseado em comportamentos anti-éticos, no rapozismo, na falta de critérios de honestidade, de seriedade e de sentimentos de amor a Patria. É isso que esta levando o Pais ao caos e o povo a total descrença nas autoridades.

Além do mais, existe uma espantosa falta de cultura politica. Isto para não falar em cultura geral. Vemos nossos jovens basbacando diante de ideologias extremistas, sejam de esquerda ou de direita, como se o mundo não tivesse alternativa além de esquerda, direita ou centro.

Nos precisamos sair desse impasse em que nos encontramos como o Peru no círculo de carvão. E preciso que se crie um local, uma Livre Escola para Estudos Políticos Superiores. Uma escola onde qualquer um que deseje entender do assunto possa ingressar. Teria que ser uma Escola de Nível Superior não atrelada a orientação unilateral. Ali se deveria poder examinar todas as doutrinas políticas e sociais dentro do contexto histórico, geográfico, racial e cultural em que surgiram e em que foram postas em execução.

Então seria possível ter algum entendimento do assunto e seria possível também exercitar a criatividade que permitiria, compreendendo também a realidade, as necessidades e aspirações do povo, encontrar encaminhamentos adequados.

Trago pois a sugestão para que os homens lúcidos desta cidade se manifestem e se julgarem justa e necessaria, criemos uma instituição livre, onde todas as doutrinas possam ser livremente examinadas.

Uma tal escola não se destinaria a fornecer diplomas, mas a exercitar inteligências. Penso que seria um grande serviço prestado ao Brasil, a humanidade e em especial a nossa cidade, que ainda se tornaria a pioneira nessa iniciativa.

Entrego a idéia e me ponho a disposição daqueles que a aprovarem, para ser um trabalhador entre outros.

24/03/1984

Do Jornal

O Nacional

Data : 29/03/1984

Título : Educação: Algumas exigências básicas

Categoria: Artigos

Descrição: No processo educativo a muitos fatores a serem considerados. No entanto, peso que dois são capitais

Educação: Algumas exigências básicas

No processo educativo a muitos fatores a serem considerados. No entanto, peso que dois são capitais: 1) O exemplo dado pelo educador; 2) o trabalho desenvolvido pelo educador para auxiliar o educando a desenvolver suas potencialidades.

Ambos os fatores são importantes, mas o exemplo é fundamental, porque como alguém já disse, “o exemplo arrasta”, o exemplo é o modelo introjetado pelo educando e tem depois força propulsora determinando o comportamento do homem. Daí se conclui que o educador precisa ser um homem comprometido com o bom senso, com a verdade e com o futuro, pois é para o futuro que ele trabalha no presente.

Bom senso, retidão, compreensão e tolerância, são alguns elementos e atributos do educador.

Uma pessoa que não possua tais atributos jamais deveria penetrar em um educandário, quer como professor quer como diretor e muito especialmente como diretor.

Um diretor despreparado, intolerante, truculento e despótico é como um CÂNCER num organismo educacional. Em pouco tempo consegue obstruir e destruir tudo. Nenhum professor conseguira ter a tranqüilidade necessária para desempenhar suas tarefas e os educandos serão os atingidos maiores pelos desmandos de um diretor incompetente.

Um educandário é um lugar que se ensina acima de tudo pelo exemplo, como o homem desenvolve suas anímicas e espirituais de modo a se tornar capaz de criar a sua própria liberdade a qual permitira respeitar a liberdade dos demais. Todo educandário deve ser um centro gerador e irradiador.

Pessoas que agem com autoritarismo, o fazem porque não tem com nenhum compromisso com os fatores fundamentais da educação. Essas pessoas jamais chegariam ao cargo de diretor da escola em um país que vivesse em regime democrático, em regime de responsabilidade, de compromisso com o bem do povo e da humanidade.

É altamente comprometedor para a autoridade educacional que indicou nomeia para o cargo de direção, pessoas sem o mínimo de competência.

Quando um diretor age de maneira discriminatória, revelando falta de controle, ofendendo professores, aluno ou pais destes, faz-se necessário e urgente que as autoridades educacionais restabeleçam a credibilidade, dando satisfação cabível, aos membros do magistério e a comunidade, tomando medidas justas e repondo as coisas nos seus devidos lugares . Afinal de contas, não é correto que os professores passem por vexames que os desmoralizam perante seus alunos e a comunidade, pois isto os colocaria na falta de condições morais para prosseguirem na realização de suas

missões. Os professores têm obrigações funcionais e morais na educação e não podem ficar a mercê da truculência de um ditador.

Agora se a direção de uma escola fosse escolhida diretamente pelos professores e a comunidade de pais e educandos (estes últimos, sempre que suas maturidades o permitissem), certamente fatos tão lamentáveis e desagradáveis como os acima falados não aconteceriam. E se acontecessem que a comunidade escolar e de pais pudesse vetar a permanência de uma presença tão funesta na direção dos destinos de nossos filhos.

Urge que no plano escolar as atribuições relativas administração escolar sejam entregues a aqueles que são responsáveis pela educação: comunidade escolar e de pais, porque dessa forma eles se sentirão valorizados e ao mesmo tempo responsáveis pelos acertos e erros, podendo alegrar-se com vitórias e podendo assumir a necessidade de corrigir os erros.

Tal como numa escola, deve ser numa Nação. Quem vai dirigir deve ser escolhido por quem vai ser dirigido, pois que, ninguém pode se arvorar em guia iluminado, com direitos sobre atos de vidas dos outros.

Somente a lei, quando ela nasce da índole e necessidade do povo, é instrumento hábil para corrigir distorções. O arbítrio não cabe a nós, não podemos aceitá-lo, simplesmente porque é imoral e impedidor do desenvolvimento de uma consciência, ética-moral, digna da condição humana.

Data : 18/07/1984

Título : Ensino: Do caos à moralização

Categoria: Artigos

Descrição: A educação e ensino no Brasil nunca foram algo que se possa elogiar,

Ensino: Do caos à moralização

A educação e ensino no Brasil nunca foram algo que se possa elogiar, mas em todo caso nunca atingiram um nível tão baixo como nestes últimos 20 anos. Hoje, as escolas, sejam elas públicas ou particulares, vivem um estado católico, que atingiram as raias da imoralidade. E quando falo de escolas, estou me referindo a todos os graus, do Primeiro até aos cursos de Pós-Graduação.

As pessoas que se auto que se autorgam o poder, ou ignoram certos princípios e valores, ou têm intenções ocultas? O fato é que nada fazem para pôr ordem nesse infelicitante estado de coisas, que levará o povo às condições em que se encontravam a China e Cuba pré-evolução. A nação apodrece na miséria da incultura, da ausência de civismo, para não falar da fome que assola o País e que produz milhões de homens desacertados, incapazes para pensar e aprender. Será isto, que tu leitor queres?

A desesperança toma conta de todos em razão da falta de credibilidade dos responsáveis pela gestão do País. E é neste caldo de cultura que crescem como vermes nossas crianças e nossos jovens. Qual será o futuro deles?

O povo deveria poder contar com o bom exemplo vindo da ação honrada e esclarecida dos governantes. E o que vemos?

As crianças e os jovens deveriam poder contar com seus pais como modelos de honradez, de clareza, de entendimento e coragem ante aos fatos deprimentes que asfixiam a nação. E o que vemos? Vemos homens e mulheres que se deixam enganar, por falta de capacidade de discernimento; que se deixam seduzido e corromper, por falta de fibra e honradez. É um comodismo assustador que nos faz lembrar a china imersa, afogada no vício toxicômano do ópio imposto pela velha prostituta, a Inglaterra que nos faz lembrar do estado em que vivia Cuba do degenerado Fulgêncio Batista.

E agora lembremos uma coisa: nesses dois países foi necessário que houvesse revoluções sangrentas para que a ordem e a dignidade fossem recriadas. E eu pergunto se nós aqui no Brasil teremos que deixar as coisas acontecerem também pela violência ou se teremos a inteligência de agir modificadamente, criando condições necessárias para as urgentes, mais que urgentes soluções das questões sociais?

Tu leitor, o que estas fazendo para auxiliar a evitar a catástrofe que abatera também sobre tua cabeça? a crise na educação e no ensino é algo intimamente entrelaçado com a crise moral. Nossa própria crise econômica é também uma consequência de nossa própria crise moral.

Penso que somente a educação poderá salvar nosso país, pois é através dela que se desenvolve uma criança, que é o adulto do futuro, o amor à verdade, que o fará honrado; o amor à bondade que lhe permitira ser humano e fraterno; o amor à beleza que o dará sensibilidade e delicadeza de espírito para perceber a realidade e desejar um mundo onde todos possam viver dignamente.

Eis ai o grande impasse, que é a tragédia nacional! Quando pensamos que poderíamos ao menos pensar que a escola poderia ser o berço onde fossem lançadas as três sementes: do amor à verdade, do amor à bondade e do amor à beleza no solo ainda não contaminado das almas infantis e juvenis, eis que, é exatamente ali onde reinam os anti-valores. É ali onde reinam plêiades de acomodados, acovardados e incompetentes.

É horrível ter que dizer isto! Pois que durante mais de vinte anos também fui professor e lutei por um ideal, mas fui frustrado pela força da máquina anti-cultura, que quer anular qualquer poder criador nas crianças e nos jovens.

É horrível, mas é verdade. O magistério hoje é um ninho de parasitas a serviço da ignorância, a serviço de uma ideologia antinacional, anti-humana e anti-povo.

É claro que existem grandes exceções. Mas eles são sufocados pelos parasitas que se arrastam cheios de preguiça como lesmas transmissoras de miasmas.

Hoje um grande número de componentes do magistério público faz cursos de pós graduação só para conseguir titulação, que lhes permite ganhar alguns cruzeiros a mais. Cursos que as Universidades ministram sem qualquer responsabilidade com a cultura, talvez para faturar mais alguns míseros cruzeiros, tentando dessa maneira sobrevivência nesse país assolado a vinte anos por governantes alienados da realidade nacional, das necessidades culturais e sociais do povo.

E que fazem esses professores com seus cursos de pós graduação? Grande parte deles serão encontrados em função que poderiam ser exercidas por pessoas com apenas Primeiro Grau, tais como vigias de corredores, funcionários de secretarias lançando notas de alunos, datilógrafos responsáveis pelo bar da escola e tantas outras barbaridades mais, que não vale a pena citar.

É verdade que um professor ganha pouco! Mas se o professor ganha pouco, por outro lado é grande o numero daqueles que fazem menos do que ganham. Há toda uma infinidade de irregularidades ignoradas e até mesmo acobertadas num protecionismo deslavado.

As Direções das escolas são frequentemente exercidas por pessoas incompetentes, comprometidas politicamente e que por isso não tem condições morais para defenderem a educação e o ensino contra o burocratismo do Estado personificado nas pessoas dos governadores, secretários e delegados de ensino.

A educação vive hoje mais que um imobilismo, uma degradação galopante que se agrava assustadoramente a cada dia que passa.

Como os governantes não tem interesse em que a educação seja moralizada, é necessário que os professores tomem a iniciativa de moralizar o ensino.

No caso de que os professores queiram protestar contra o que estou dizendo, não venha fazê-lo a mim, que não sou o responsável. Eu apenas denuncio esse descalabro. O único protesto válido é mostrarem que ainda se pode confiar na honestidade, no ideal, na não acomodação da classe, no espírito de luta, na inteligência e na capacidade de buscar a necessária competência profissional dos professores.

Ao CPERS está reservado um desafio: mostrar que não tem medo e de coração aberto abrir essa ferida, sangrá-la para drenar o pus e curar. É preciso que a identidade de classe não seja apenas reivindicatória, mesmo quando reivindica mais verbas para educação e melhores condições de ensino. É preciso que os dirigentes não adotem o mesmo sistema dessa política sem ética, onde prevalecem os arranjos e conchavos para favorecer grupos e ocultar irregularidades que são verdadeiros crimes contra a nacionalidade e mesmo contra a humanidade.

É preciso fazer algo para sacudir a consciência dos professores, única classe de trabalhadores que dispõem de instrumentos capazes de despertar esta Nação e conduzi-la na direção do progresso cultural e social sem violência.

Data : 24/09/1984

Título : Como evitar a luta de classes?

Categoria: Artigos

Descrição: Houve erros e exageros e os haverá muitos ainda.

Como evitar a luta de classes?

Li há dias atrás o documento mandado publicar pela Diocese, o qual tratava da Teologia da Libertação. E, determinado ponto, era abordada a questão não desejada pela igreja, dando a entender que os exploradores e oprimidos devem esperar pela Divina Providência e não se revoltarem contra os poderosos e opressores.

Em primeiro lugar quero dizer que, embora eu ainda veja com certa simpatia esta opção pelos pobres, por parte da Igreja (ou será por parte do clero?) eu não acredito nisso. E digo que não acredito porque o clero de todas as religiões em todas as épocas nunca se separou dos ricos e poderosos. Custa-me dizer que hoje ele já possa proclamar-se livre dessa aliança. O que parece-me em verdade, é que a Igreja como instituição, ao perceber que a humanidade, embora com muito sofrimento vai se libertando de seu jugo terrível (veja-se a santa Inquisição), por não poder mais suportar as aberrações feitas na Doutrina do Cristo, vislumbrou a nova direção da consciência moderna, que é científica, filosófica, social e política, achou assim que poderia explorar este novo filão e por tal arte continuar exercendo o domínio da consciência.

Queira Deus que eu esteja enganado!

De outra parte, os pobres e oprimidos do mundo todo, cansados de serem consolados com promessas de que o reino dos céus a eles pertencia, já resolveram produzir a sua libertação com as próprias mãos e conquista para todos, o reino da Terra que produz alimentos e boas dádivas, que Cristo nunca disse serem dispensáveis.

Houve erros e exageros e os haverá muitos ainda. Mas enquanto os poderosos literalmente tiravam a pele e o sangue, e mesmo a vida dos oprimidos, que fazia o clero da Igreja que se diz de Cristo?

Agora acusam os oprimidos de criarem a luta de classes. Mas, que classes e que lutas? Os pobres e explorados oprimidos? Não! Quem criou a classe dos pobres foram os poderosos, que tanto abusaram, que os oprimidos não suportaram mais.

Não foram os pobres que criaram as classes. Menos as lutas. Os oprimidos, estão apenas lançando mão de seus poucos recursos para se libertarem da sanha egoística dos poderosos, que sempre os oprimiram e que querem garantir o direito de continuar a fazer o mesmo a te a consumação dos séculos.

A bandeira da libertação já foi desfraldada, a consciência já despertou agora os oprimidos e pobres já conhecem seus objetivos e seus caminhos e não precisam de guias que poderão querere conduzi-los pelo deserto sem levá-los a lugar nenhum.

A bandeira da libertação, que não é apenas econômica, e política, mas também espiritual, não tem donos, ela pertence ao espírito da humanidade. Não é de Marx, não é de ninguém.

O ideal da Liberdade, Igualdade, Fraternidade transcende os tempos. Ele nasceu junto com o homem na face da terra.

Agora, se foz necessário que os homens considerados ateus se lancem junto com os oprimidos em busca do resgate do mínimo indispensável para assegurar as condições dignas para manter apenas a vida biológica, é porque essa civilização que se diz portadora da Doutrina de Cristo Fracassou. Mas não foi a Doutrina que fracassou, foram os seus seguidores (melhor seria dizer: seus perseguidores). Mas não basta a conquista do essencial, para manter a vida biológica no grau de respeito que ela merece. O homem

não é só biológico. É preciso conquistar o direito de o espírito habitar nos homens. É preciso conquistar também a liberdade.

Há algo mais importante e urgente para o clero fazer do que pretender dirigir o movimento de libertação dos oprimidos. Este movimento está deflagrado e é sem retorno. Ele não é mais só um ideal. É um estado de consciência da humanidade. O clero poderia, era tentar mostrar aos poderosos que se rebelião existe, é porque eles forçaram os oprimidos a tanto, pois se não houvesse antes os opressores, não haveria oprimidos para se libertarem.

O clero que trate de despertar aqueles a quem sempre estiveram aliados, para que entendam que estão cavando a fossa colossal em que seremos todos engolfados, caso não haja mudança de atitude.

A doutrina comunista na pratica nega as condições para a conquista da liberdade espiritual, é verdade. Mas ela só surgiu em função do cego egoísmo daqueles que querem tudo para si e nada para os outros. Mas justiça seja feita. Foi a revolução comunista que tirou o povo russo da escravidão. Foi ela que tirou o povo cubano da prostituição e miséria. Foi também ela que arrancou o milenar povo chinês da podridão do vício do ópio. Ela esta oferecendo as condições mínimas que os outros não ofereceram: um organismo sadio, um cérebro inteiro que permite pensar e aprender a reconhecer o direito do homem de viver com dignidade e finalmente que o espírito possa viver no ser humano para que o homem possa criar liberdade.

Acaba a exploração e opressão não haverá luta de classes.

Data : 17/10/1984

Título : O Educador e o Destino da Humanidade

Categoria: Artigos

Descrição: A missão do educador é tão importante que somente pessoas altissimamente vocacionadas e qualificadas deveriam aspirar a ela entregar-se.

O Educador e o Destino da Humanidade

O Dia do Professor deveria ser não apenas uma folga como outra qualquer, para fazer nada. Penso que deveria ser uma oportunidade para uma muito séria meditação sobre vários temas, como por exemplo: Qual a natureza do ser com que o professor trabalha? Qual o significado, do ser humano e como o professor pode auxiliar o educando a encontrar o seu próprio significado? Qual a missão do professor? Como portar-se ante a missão auto-atribuída?

Penso que sem ter uma visão mais ou menos clara sobre as questões significativas relativas ao ser humano, o professor apenas realizará um trabalho mecânico, no qual,

quando muito ensinará, conteúdos cuja significação como verdade científica é transitória, pois que os conteúdos devem ser tratados mais como instrumentos para desenvolver as faculdades humanas, do que como verdades a serem aprendidas e guardadas ou mesmo aplicadas.

Naturalmente que, o educando deve poder dominar os conteúdos, como qualquer trabalhador necessita dominar o uso dos seus instrumentos de trabalho, por mais singelos que eles sejam, para que produza o maior e melhor efeito possível.

O professor deve tomar consciência da sua importância social e espiritual, Ele não poderá impor-se de forma arbitrária; porém pelo grau de consciência que tem e pela qualidade do trabalho que realiza, pois nada é mais importante para a humanidade do que o fruto da educação.

Podemos afirmar sem sombra de dúvida que a sociedade humana será aquilo que os educadores fizerem com seus educandos.

A missão do educador é tão importante que somente pessoas altissimamente vocacionadas e qualificadas deveriam aspirar a ela entregar-se.

As Universidades, como retoras da vida cultural, que também poderíamos dizer espiritual, dos povos, precisam ter o máximo critério, de exigência para o ingresso e titulação de educadores. Na verdade, somente os melhores deveriam ser aceitos.

Penso que as Universidades são portadoras de grande parte da responsabilidade pela qualidade do ensino e educação, em todos os níveis.

Nunca deveriam precisar preencher vagas dos cursos de formação de professores por quaisquer motivos que não fossem vocação, capacidade intelectual e cienteza moral.

Tenho a mais iluminada certeza; que se o Magistério fosse constituído por pessoas com as três características a cima, não haveria crises na educação, não haveria políticos e governos que impedissem o desenvolvimento do povo. Não seriam necessários os conflitos fratricidas para garantir uma sobrevivência, que no final se torna uma ilusão, porque gera apenas luta, insegurança, miséria, e infelicidade.

Quero por último, lançar um apelo a todos, mas muito especialmente aos mestres, para que meditem esta verdade: “O destino da humanidade está na mão dos educadores. Deles depende se a humanidade se autodestruirá ou criará um mundo de respeito e amor entre os homens, pois que tudo o mais é quimera”.

Data : 31/01/1985

Título : Saúde Mental, Problema se agravou em 1984

Categoria: Artigos

Descrição: Segundo o professor Getúlio Vargas Zauza, torna-se difícil e até incontrolável, o problema de neurose ou psicose, quando o paciente que se apresenta...

Problema se agravou em 1984

Segundo o professor Getúlio Vargas Zauza, torna-se difícil e até incontrolável, o problema de neurose ou psicose, quando o paciente que se apresenta para tratamento, carrega deficiências orgânicas oriundas no próprio parto. Considera de suma importância as constatações, feitas cientificamente a respeito do que definiu como questão orgânica, ou seja, aspectos nutricionais que influenciam na constituição da criança desde a gestação até os primeiros anos de vida. É aí que se forma e ficam definidas as condições da estrutura nervosa da pessoa. Outro aspecto é a orientação da gestante e atendimento no parto, e difusões cerebrais em decorrência da anoxia -falta de oxigênio no período perinatal ou pela falta de atendimento médico, hospitalar, etc...- que favorecem a instalação de neurose e como decorrência a própria psicose. Os índices de conflito dentro da família, podem aumentar com a falta de assistência, segurança, gerando desequilíbrio psicológico.

Ao ser interrogado sobre os possíveis males no aspecto psíquico, lembrou que a situação econômica deficiente leva ao processo de rejeição da gravidez e à própria criança."A carência econômica traz seqüelas físicas e psicológicas irreversíveis, pois a maturidade do sistema nervoso é precoce e os traumas têm repercussão bem maior, jamais será restituído o equilíbrio perfeito se o psiquismo for traumatizado neste período de formação."

AUMENTOU PROCURA AOS CONSULTÓRIOS

Verificando diversos indicadores do movimento de pacientes no ano de 1984, o psicólogo Getúlio V Zauza chega à conclusão de que os conflitos foram mais graves e freqüentes que nos anos anteriores. Zauza pondera que a busca de soluções para os problemas psíquicos se tenham verificado com maior freqüência, eventualmente também por uma maior consciência da população.

Mesmo assim, tendo por base que a clientela é de uma classe privilegiada cultural e economicamente, considera significativo o crescimento de problemas desta ordem, durante o ano de 1984. Concretamente ele cita a grande procura nos consultórios, ao ponto de os profissionais desta área não poderem mais aceitar consultas, mesmo tendo surgido ponderável número de novos psicólogos em Passo Fundo.

COMO SERÁ O FUTURO?

O agravamento desta situação, basicamente a ansiedade e insegurança diante da ameaça do desemprego, suscita os instintos de conservação. O equilíbrio existe somente quando as fontes de vida não são ameaçadas. A iminência de se perder o básico para a vida, que é o alimento, leva à instabilidade

Concluiu Zauza que as conseqüências para o futuro, certamente serão melancólicas para a próxima geração que começa a surgir dentro de 15 anos. Aí, a situação vai ficar mais grave, pois os fatores que debilitam a saúde mental são os agentes de hoje.

No seu entendimento, a sociedade brasileira não está formando consciência sobre este problema. A estancagem fica, então muito difícil. Medidas precisam ser tomadas com urgência, e deve-se tomar decisões profundas. Zauza chama a atenção das elites empresariais e culturais, para que se deixe o egoísmo de lado.

O professor Zauza vê saída na modificação da política brasileira, de maneira a que permita uma discussão, sem que o medo reprima as pessoas, para que se conheça a verdadeira causa destes males. Diz que as pessoas com coragem evisão de realidade, normalmente são tachadas de subversivos.

"Será "que subversivo", é só aquele que vê? Os demais, então, não. percebem?". Retomando as mais graves causas de problemas na saúde mental, o professor Zauza enfatiza que problema fundamental é a falta de alimentação e condições de vida para o povo.

Janeiro de 1985

Data : 22/03/1985

Título : A Organização Social como Fator Determinante do Equilíbrio Psíquico do homem

Categoria: Artigos

Descrição: Examinando a história percebemos que todos os movimentos sociais da humanidade foram motivados por ideais.

Organização Social como Fator Determinante do Equilíbrio Psíquico do homem

(1ª Parte)

Examinando a história percebemos que todos os movimentos sociais da humanidade foram motivados por ideais. Os pensadores comunicaram as idéias viventes em suas consciências os demais homens foram assimilando-as através da reflexão, ou absorvendo-as por meio da cultura tradicionalizada.

Podemos então dizer que, a humanidade como um todo, se move para sempre no processo evolutivo impulsionada pela força das idéias.

No entanto devemos reconhecer que a idéia em si como um produto do espírito humano, passada de homem para homem através da palavra, ou gesto no processo educacional, não é um ente abstrato, nem absolutamente genérico. A idéia como ente puro no homem liga-se a sua vida afetiva através dos sentimentos, tornando-se um matiz personal. É esse colorido particular que faz com que a ação decorrente do impulso não seja algo abstrato ou independente do sujeito agente. Dito de outra maneira: a ação sempre trás a marca da individualidade ou individuo que a produz.

Como a ação não é decorrente do impulso da idéia pura, mas da idéia impregnada de sentimento, torna-se da maior importância a qualidade da vida afetiva do homem.

Embora, para efeito de visão histórica consideremos os movimentos sociais como o resultado de ação em conjunto, devemos reconhecer que esse conjunto humanidade não é um ente em si, mas um somatório de entes individuais, ou seja, de cada ser humano. É pois, do somatório da combinação de todas as influencias individuais que teremos o resultante.

É necessário ainda entendermos, que a resultante, que é em função dos fatores individuais, não é um modulo fixo. Ao contrario o modo dessa resultante é extremamente variável, exatamente porque os fatores determinantes variam, com grande dinamismo.

Um dos grandes males dos sistemas sócio-políticos econômicos, jurídicos e religioso é não levar em conta suficientemente a extrema mobilidade dos fatores determinantes do movimento social e por isso tornam-se fixos, dogmáticos.

Naturalmente esse fixismo dos sistemas não é um fenômeno que ocorra independentemente do individuo. Na verdade ele só acontece porque em cada ser humano e existe essa tendência a fixar normas comportamentais e dar a elas o caráter de permanência.

Existem de fato, no ser humano, duas tendências opostas bem definidas: de um lado a inclinação para desenvolver uma mentalidade conservadora, que na linguagem mitológica chamaríamos de epimêtica; de outra parte uma tendência renovadora, que também em linguagem dos mitos, poderemos chamar de promotêica. Isto tem ver com

a linguagem do Prometeu e de seu irmão Epimeteu, a qual nos dá uma visão bem clara quando à vemos expressada no drama “A Pandora de Goethe”.

As duas tendências acima ditas são existentes em cada individuo em que pode haver predominância de uma ou outra, seja em estado permanente ou temporário. Trata-se, portanto de algo inerente a própria organização anímico-espiritual do ser humano.

Por outro lado a psicologia científica tem demonstrado sobejamente, que as ações humanas, mesmo aquelas que pensamos ser as mais conscientes e elaboradas, tem seu impulso básico em motivações inconscientes muito profundas. Somos movidos por representações mentais fortemente impregnadas de força afetiva.

Na condição atual de consciência humana, mesmo quando o homem age mediante um plano meticulosamente elaborado, ainda assim desconhece os gerundos, (as bases) profundas da motivação. O motús é o grande incógnito, quer dizer, a intenção profunda é desconhecida.

Sendo desconhecidos pelo próprio agente, os motivos profundos do comportamento, cresce de importância a qualidade das forças motivantes do agir humano.

(2ª parte)

Nós que estudamos e trabalhamos com o psiquismo e comportamento humano aprendemos e constatamos todos os dias, que o conteúdo da psique humana, no que concerne aos níveis atingíveis pela ciência psicológica e que, portanto, é só previsível pela observação científica. É predominantemente adquirido mediante as impressões recebidas do ambiente, seja dos objetivos ou das pessoas que participam do nosso viver de cada dia, inclusive da chamada educação sistemática.

Os conteúdos representacionais (representações mentais) mesmo aquelas consideradas abstratas aderem a nossa vida psíquica somente porque de alguma forma e por algum motivo provocam algum sentimento ou sensação, ou estão associados a eles por contigüidade. De tal forma, se constitui nossa matéria psíquica. Há entre essas matérias registros de vivências boas ou más e cada uma, constituída de imagem e sentimento.

No caso do sentimento ocorrido por ocasião da vivencia ser bom, o material psíquico será promotivo de impulsos saudáveis. Em caso contrario as impressões estando formadas por matéria ruim, gerarão impulsos patológicos, que levam a produção de ações da mesma natureza.

Sabendo-se que a matéria psíquica adquirida na convivência com as pessoas, seres vivos em geral, objetos e fatos, portanto, convivendo na vida social, na sociedade,

podemos reconhecer a necessidade de que a vida social seja tanto quanto possível uma vida saudável, para poder gerar matéria psíquica produtora de impulsos saudáveis.

Uma sociedade injusta, que é evidentemente criada por homens injustos, não poderá jamais proporcionar condições salútares para o desenvolvimento de uma vida anímico-espírita saudável.

A fome, a miséria ou qualquer outro tipo de carência, não favorecem, evidentemente, o desenvolvimento de uma vida anímica saudável. Pelo contrário, as carências só podem levar ao agravamento da situação patológica do homem, conduzindo-o cada vez a um maior desequilíbrio individual e conseqüentemente maior desequilíbrio social.

Precisamos romper o círculo vicioso da sociedade desequilibrada que cria homens desequilibrados e homens desequilibrados gerando uma sociedade mais injusta.

Para rompermos esse jogo vicioso temos duas alternativas. Elas não são novas como idéia, mas nas formas como foram tentadas, não produziram e não produzirão a renovação necessária.

De um lado temos o ideal cristão de liberdade e fraternidade. E, não se pense que a revolução francesa o tenha criado. Ela apenas o tomou da Doutrina do Cristo. Essa Doutrina não surgiu só com ele. Ela sempre existiu naturalmente como idéia ou princípio embora ainda não corporificada, como aparece com Jesus de Nazaré. Ela não conseguiu desenvolver-se e, parte porque o clero dominante em todos os tempos desvirtuou-a.

Do ponto de vista da Doutrina do Cristo, a transformação social deveria ocorrer partindo da libertação interior do homem, das peias que aprisionam sua consciência. E ainda é assim e sempre o será, que a transformação da vida social só se dará a partir da transformação do homem interior, pois que exige um trabalho para a vida da alma com grande aprofundamento. Assim, na medida em que o homem aprofunde o seu saber vivencial sobre si mesmo, ele vai se transformando e pela ação desse homem transformando, vai sendo renovada a vida social em todos os seus aspectos. Como disse, o clero dominante e dominado pelos restos de doutrinas anticristãs, criou um fixismo desastroso, prendendo as consciências em formas de ser antigas. Retardaram assim a evolução do homem enquanto indivíduo e da humanidade como um todo.

Em função desse retardamento na solução das questões sociais, poderíamos dizer, que o espírito da humanidade não suportou a dominação e não encontrando via de acesso ao futuro, na maneira adequada, isto é, evoluindo progressivamente, explodiu e explodirá de tempos em tempos, conquistando pela força e de assalto, aquilo que deveria ser conquistado de forma suave e inteligente.

Não podemos negar, se examinarmos a história, que o clero sempre exerceu uma ação dominadora, mesmo sobre os governantes. Quando esta ação foi boa, deu frutos

saudáveis. Acontece que a formação de consciência do povo sempre teve suas raízes nos ensinamentos transmitidos pelo clero.

(3ª parte)

Como os governantes saem mesmo é do povo (a nobreza quando existia também e era povo) eles não vêm de outro planeta, só podem ter suas cabeças feitas segundo o modelo apresentado pela educação. E esta sempre tem sua origem, recebe a orientação das classes eclesiais.

Dessa forma, clero e governos formaram sempre uma unidade, que em geral sempre uma unidade, que em geral sempre agiu de forma restritiva ou opressora. Embora às vezes pareçam estar em oposição uma à outra. Na essência, ambas têm agido castradoramente sobre as consciências.

Vimos que, de um lado existe a doutrina cristã, que pretende conduzir a evolução da consciência ao ponto em que o homem seja capaz de encontrar soluções justas para a questão social. Do outro lado temos duas doutrinas que não podem ser consideradas sociais, por serem fundamentalmente doutrinadas econômicas e materialistas. Estas duas doutrinas querem desconhecer o aspecto espiritual do homem. Elas querem determinar toda a vida social reduzindo a humanidade a um fato econômico. Elas são as doutrinas capitalistas e comunistas (marxista).

Estas duas doutrinas ditam normas para o comportamento global do homem, se imiscuem como FATOR determinante, não só no domínio econômico, mas também no jurídico e espiritual. (cultural).

Não queremos falar aqui das doutrinas sociais anteriores, porque elas só têm significação pelo que foram e produziram. Interessa-nos considerar apenas as duas existentes na atualidade, exatamente porque seus defensores pretendem fazê-las passar como se fossem as únicas formas possíveis de existência. A própria história das doutrinas sociais mostra que essa não é uma posição inteligente ou ignorante, ou mal intencionada.

Parece estar claro para quem quiser pensar com um pouco de objetividade que nenhuma das doutrinas tem conseguido criar condições sociais adequadas para o desenvolvimento de uma vida social saudável.

O comunismo trata o ser humano como se ele só tivesse aparelho digestivo, só necessitasse de coisas materiais. O capitalismo considera o homem como se não tivesse necessidades fundamentais. Só leva em conta que devem estar sempre cheios e cada vez mais cheios, para lhes proporcionar mais poder.

Nenhuma das doutrinas cria as condições para uma vida social sadia, em que cada homem possa encontrar o caminho para sua realização como individualidade, que é capaz de conviver com o todo de modo livre, porém harmônico.

A abastança apenas não é suficiente para criar uma sociedade justa e de homens equilibrados psicologicamente. Mas não resta dúvida que, é fundamental ter satisfeitas as necessidades básicas, para que possam desenvolver-se as faculdades humanas que permitem a evolução e o progresso de toda a humanidade.

O homem necessita de segurança material e afetiva para poder realizar-se como individualidade. Ninguém consegue pensar, aprender a ser bom quando sente fome, frio, insegurança, falta de afeto, etc..

É necessário criar as condições adequadas para que o ser humano se desenvolva. Daí a necessidade de estatuirmos um regime social que considere o significado transcendente da vida humana e que crie gradativamente as condições que levam à possibilidade e necessidade da existência da liberdade para a vida cultural (espiritual), da igualdade no domínio jurídico e da fraternidade no campo econômico.

As mudanças sociais se dão segundo à dois fatores fundamentais: 1º premência da necessidade; 2º mudança da mentalidade.

Quando uma mudança social se faz pela premência da necessidade, sem ter simultaneamente apoio na mudança da mentalidade, os fatos passam a ocorrer sem controle. É o caso das revoluções em que o povo oprimido e explorado, resolve atacar o problema pela violência. A violência e os antagonismos não têm mais fim. Nestes casos o saldo positivo é muito pequeno e há muito sacrifício, descambando quase sempre para regimes discricionários.

Agora, se a mudança social se faz mediante evolução de mentalidade, o estágio alcançado é estável e não gera antagonismos e violência. Mas uma mudança de mentalidade só se processa pela educação. E neste caso a educação deve estar a serviço do desenvolvimento do ser humano e não de uma ideologia.

Vê-se, portanto, que seria dever dos governantes empenharem-se em criar as condições para uma educação condizentes a objetivos elevados em tudo o que fosse feito com o sentimento de promover a evolução.

(4º parte)

Quando jovem, desde os meus vinte anos, eu já percebia a incoerência existente nesses domínios. Eu já aspirava por uma sociedade onde houvesse lugar para todos. Eu não podia não entender como era possível que a sociedade fosse estruturada de tal forma, que o humano, as necessidades do ser humano não ocupassem o primeiríssimo

lugar em importância. Eu não podia compreender que houvesse outras razões mais importantes do que a existência e a realização do ser humano. Nunca consegui entender que pudesse haver falta de trabalho para quem deseja ou precisa trabalhar.

Ainda hoje não consigo aceitar que possa haver outros valores maiores, mais importantes além de o próprio homem e sua evolução. Não aceito que possam haver interesses de estado que se sobreponham aos interesses de evolução do homem e do povo em geral de uma Nação.

Nenhuma ideologia pode ser mais importante que a humanidade.

Na época eu pensava que a organização social deveria ser de tal forma que tudo fosse feito com objetivo de criar as condições adequadas para o maior desenvolvimento humano possível. Pensava que, em tal sociedade deveria ser dada capital importância a educação e que ela não termina com a conclusão dos trabalhos escolares em qualquer grau. Ela deveria continuar pela vida em fora, até a morte. Saído da escola a educação continuaria como processo de autoconhecimento e auto-educação.

Eu pensava que pelo autoconhecimento os homens poderiam chegar a um grau de desenvolvimento com o qual haveria também o entendimento entre eles.

Ainda hoje, cada vez mais eu venho reconhecendo que sem um sério trabalho de autoconhecimento profundo a humanidade não terá condições de sobreviver ao impasse das contradições e conflitos sociais. Sem isso as explosões continuarão a ocorrer na tentativa de conquistar pela força, aquilo que deveria ser e poderia ser feito pela sabedoria. Sem tal se poderá chegar a catástrofe total.

Hoje em dia, por estar ainda a maioria da humanidade mergulhada na treva da ignorância de si mesma se tornou possível que cada vez mais indivíduos inescrupulosos e insensatos se apoderem dos governos dos estados e com poder de destruição disponível em toda a parte, dominam a humanidade o bastante para escravizá-la e até para, quem sabe, destruí-la totalmente, ao menos na feição em que se apresenta atualmente.

Em verdade, ocorreremos um seriíssimo risco, o qual tento expressar no seguinte poema:

E Ninguém percebe....

Estamos todos embarcados
nesta cósmica e imensa nave.
Ela segue o percurso já traçado
em movimento seguro, suave.

Há leis que regem seu deslocamento.

Não são leis feitas por humanos.
Serena se move sob o firmamento
sem cessar, anos após anos.

Os passageiros desta Terra-Nave.
Uns estão despertos, vigilantes,
Com alma alegre, mas semblante grave.
Outros dormem sono de inconsciente infante
Enquanto a nave faz seu trajeto,
Suavemente deslizando no espaço eterno,
um grupo de insanos elabora um projeto,
que pode transformar a Nave num inferno.

Não são muitos são uns poucos,
são malvados inconscientes,
ou são um bando de insabidos loucos,
em cujas mãos, terrível poder se encerra
e ninguém percebe, eles são dementes
e num gesto tresloucado
podem destruir a amada terra.

Durante muitos pensei em uma forma de organização social, que fosse tão dinâmica que se ajustasse às medidas da natureza humana mais profunda.

Foi há 15 anos que fiz contato com uma obra, a qual é portadora do gérmen de uma resposta as minhas aspirações e da solução para os problemas gerados pela questão social. Trata-se da obra do sábio europeu Dr. Rudolf Steiner, os pontos-Cerne da Questão Social, nas necessidades de vida do presente e do futuro, edição alemão de 1920.

Nos pontos-Cerne da Questão Social, me convenci, estão lançadas as idéias gerundiais, das quais se pode partir para a criação da nova sociedade.

(5° parte)

Quem examinar desafetadamente perceberá que tudo no mundo se encontre em permanente transformação, mesmo o mundo mineral. Os seres vivos, então, podem dizer que, em termos absolutos, jamais são exatamente a mesma coisa que foram em momentos anteriores. Quando se trata do ser humano, as mutações são mais evidentes,

mais extensas, e mais profundas a cada momento. Isto é assim devido a sua complexidade e dinamismo. Por ser portador de uma organização psíquica além da biológica, seu campo de influencia é consideravelmente maior, tanto no que diz respeito à receptividade como à irradiação.

Cada ser humano se transforma de momento a momento. Essa transformação se processa tanto de maneira não-auto-determinada, como auto-determinada, isto é através do ato voluntário da auto-educação (autoconhecimento).

Ora, a sociedade humana é um organismo, é complexo, e constituído de organismos individuais, que são cada ser humano. Daí podermos considerá-la como um ser vivo, ao qual chamamos social. E, por ser um organismo, portanto vivo, é que ele esta em constante mutação.

A humanidade como um todo esta em constante mutação, que se faz sentir em todos os domínios da vida humana. Ela como organismo em mutação vem apresentando cada vez novas exigências, novas necessidades, as quais devem poder ser satisfeitas, sob pena de haver um represamento da energia que impele a evolução e por conseqüência irrupções violentas, pois que nada pode deter realmente esse processo.

É, sem dúvida, mais inteligente aprender o curso da mutação, e ao invés de tentar impedi-lo, esforçar-se por favorecê-lo o quanto for possível.

Naturalmente que ser um promotor da evolução do organismo social exige reconhecer a necessidade da mesma. E para tal é preciso que cada homem seja capaz de fazê-lo, pelo menos de uma forma instintiva, pois o organismo social é o somatório de todos, isto é, o somatório dos modos de conceber a vida e de agir.

Para que se chegue a conquistas a capacidade de reconhecer a necessidade de agir no sentido de tornar a mente humana mais hábil é necessária dedicação pensante. Portanto, o ser humano precisa aprender a pensar conscientemente e não estar possuído por hábitos de pensar automáticos, pois que o homem atual, em regra ainda pensa como representações (conceitos, ou pré-conceitos), cujo teor de verdade lhe escapa ao domínio de um saber conscientemente elaborado. O ser humano é ainda dominado por impulsos, inconscientes motivados pelas vivencias e condicionamentos. Para que o homem se torne consciente dos seus motivos é necessário que se dedique a um processo de autoconhecimento, ou seja, auto-educação.

A auto-educação é o processo pelo qual o homem pode alçar-se acima daquele nível ao qual ele chega impulsionado apenas pelas forças da Natura. A educação tem duas fases. Na primeira o homem recebe o conteúdo sob formas de impressões, passa a elaborá-las, ou seja, começa o processo reflexivo, que inclui análise e síntese, podendo dessa forma compreender os seus próprios motivos e atos.

Esta segunda fase, em que as duas formas se desenvolvem simultaneamente, é o período ao qual podemos denominar de auto-educação, autoconhecimento, que deverá levar à auto-reconhecimento. O homem aprende a pensar e aplicar o pensar para reconhecer o mundo e a si mesmo.

Nenhuma tentativa de mudança social consciente deveria esquecer que a educação é o elemento basilar de todo o poder de mudança. E para que o homem adquira a necessária mobilidade interior, que permite ser um impulsionador da evolução social é necessária uma educação que deixe de lado o processo condicionado e desenvolva-se com um método que estimule a criatividade, a qual dará autoconfiança na capacidade de encontrar soluções novas para problemas que vem à existência nos tempos novos.

(6° parte)

O ser humano é a um tempo determinado e determinante. Num primeiro plano ele é determinado por fatores biológicos e físicos ambientais. Em um segundo plano o é por fatores psico-culturais, e econômicos. Todos esses fatores o homem encontra ao nascer, e sofre o determinismo biológico, e a influência do meio psico-cultural. É desse meio que advirão as impressões as quais continuarão o seu material psico-afetivo adquirido. E este material constituirá o modo de suas ações e seu comportamento.

Quanto a origem e forma como as impressões chegam à organização psíquica do homem, podemos constatar que: 1) elas provêm da origem familiar e social; 2) da vida escolar. Quanto a forma podemos classificar como: 1) assistemática (familiar e social); 2) sistemática (escolar).

Até o momento presente as duas formas de influência são eminentemente condicionadoras, isto é, não atentam para o desenvolvimento integral do ser humano. Quer dizer: não procuram desenvolver a criatividade em todos os planos e talvez mesmo evitem que isso aconteça. É uma educação castradora que diz o que se deve pensar. Por conseguinte, é uma educação que ensina preconceitos e não como elaborar conceitos.

Um tal tipo de educação se desenvolve sobre uma das tendências do ser humano, a conservadora, e como consequência o homem fica estacionado no conhecido porque isso aparentemente lhe dá segurança.

Por outro lado, pertencente também a natureza do ser humano é que ele não se satisfaça com tal estado fixista, de uma maneira ou de outra, não conscientemente, quer promover mudanças. E por ser este querer inconsciente, as mudanças se processam desordenadamente gerando muitos conflitos não só no indivíduo como também na organização social.

Ocorre ainda que, uns são mais presos ao princípio conservador e temem mudanças e por isso passam a usar processos violentos para impedi-las. Outros estão mais dotados do princípio transformador, mas como não tem um querer consciente, agem cegamente pretendendo mudar a força. Daí o conflito entre essas duas facções da humanidade, o qual resulta em conflito social.

O conflito social, como qualquer conflito em que uma parte pretende dominar a outra, é um desperdício de energia e tempo preciosos. Aplicada essa energia para a compreensão do processo, produziria efeitos insuspeitados em benefício da evolução e bem estar da humanidade.

Mudar a sociedade sem que o homem mude a si, é uma imensa quimera. Portanto todo o processo de mudança social deve levar na máxima conta a transformação pessoal, embora possa parecer e até mesmo muito difícil realizar isto.

Para que se processem mudanças na organização social é necessário em primeiro lugar que se reconheça como necessárias e que as queira. É preciso que este reconhecimento se de tanto por parte dos educadores, como por parte dos pais dos educandos.

É preciso que não se queira inculcar esta ou aquela ideologia, tenha ela caráter de materialismo ou espiritualismo, pois mesmo o espiritual quando apresentado na forma de ideologia perde seu conteúdo.

O importante é que a educação seja um processo dinâmico, que ajude o educando a descobrir em si a faculdade de pensar livremente que existe em si e que a exercite e a

desenvolva, e se torne capaz de chegar ao entendimento direto dos fatos e processos e não seja, portanto um mero repetidor.

Como se pode ver, cabe a educação escolar (sistemática), essa tarefa de ajudar o educando a entender a si mesmo, de aprender a pensar, a confiar na sua capacidade potencial, desenvolvê-la e chegar a reconhecer a verdade por si mesmo, escapando da prisão do condicionamento milenar em que esta encerrado. O homem precisa tornar-se livre interiormente para poder reconhecer a verdade.

Vemos assim, a extrema importância da educação escolar no destino da humanidade. E dessa importância se infere a responsabilidade do educador. Não esta permitida ao educador ser alguém que exerce tal atividade de modo inconsciente de sua significação. Não deve contentar-se com apenas conhecimentos técnicos ou científicos. O educador deve ser uma pessoa que, antes de tudo, tem consciência de seu papel como impulsionador da evolução do homem e da vida social. Ele precisa ter consciência que a matéria com que trabalha não é barro ao qual pode dar uma forma arbitrária qualquer. Cada ser humano é uma individualidade, tem sua natureza peculiar a ser realificada, não pode ser conduzida em uma direção qualquer. É como uma planta que quer ir em direção da luz, que é seu destino.

O destino do ser humano é a iluminação. E a educação é o caminho. Ela deve oferecer os elementos necessários para que a individualidade cresça.

(7° parte)

A educação deve ser considerada como a chave que abre as portas da evolução da sociedade humana.

No artigo número VI falamos da importância de a educação não ficar atrelada a nenhuma ideologia, seja ela materialista ou dita espiritualista e acentuamos a necessidade que o educador pode assumir seu papel com plena consciência da natureza do seu trabalho e da matéria sobre a qual age, o ser humano enquanto organização corpóreo-anímica-espiritual.

A vida mesmo nos ensina todos os dias que precisamos ter novas formas de abordar problemas que vêm ao nosso encontro constantemente por isso é preciso que aprendamos a nos livrar da malfadada tendência de adotarmos fórmulas fixas para resolver os problemas. Cada homem precisa desenvolver em sua capacidade de um pensar plástico e dinâmico, que possibilite uma abordagem nova para problemas novos, isto porque ainda que os problemas pareçam ser os mesmo, na realidade não são, pois que as exigências da consciência moderna são outras do que as da antiga consciência.

Uma tal plasticidade e dinamidade do pensar só se obtém quando por um lado a educação sistemática (escolar), estimular o exercício do livre pensar e por outro, quando na via pratica se esteja permitido de experimentá-lo. É preciso, pois, que se acredite possível um tal fato.

Por outra parte é preciso que se reconheça que só o exercício prático confere a segurança na capacidade. Evitar que os ser experimente pensar e agir sem fórmulas pré-fixadas porque está sujeito a erros e imperfeições, é o mesmo que colocá-lo numa forma para que não se mova. Naturalmente não se consegue fazer isso na totalidade, mas tem conseguido aprisionar a consciência a ponto de impedir seu desenvolvimento até ao nível que seria possível caso não obstruíssemos os caminhos.

A educação deve ser livre para poder ser libertadora. E para que se processe livremente, ela não deve estar sujeita nem ao estado nem a grupos ideológicos. A educação deve ser comunitária e sem orientação unilateral, como espiritualista, anti espiritualista, materialista ou qualquer outra coisa. A educação deve ser livre, baseada apenas em conceitos universais. No devido tempo o educando vai tomando conhecimento de tudo quanto existe, tanto no que diz respeito ao conhecimento científico, quanto as aspecções filosóficas e concepções religiosas, pois como produtos do espírito humano esses fatores não podem ser desconsiderados, não importando, em principio qual sua natureza e origem, se meramente psicológicas ou espirituais.

O educador deve ter em vista que nenhuma tendência, de pensamento ou aspecção filosófica encerra em si toda a verdade. A verdade não parcial também não é a soma de todas as aspecções de pensamento. A verdade é síntese apreendida pelo pensar livre de preconceitos.

Em uma escola onde os educandos devam auxiliados a se tornarem livres, os educadores devem ser livres, devendo-se entender a liberdade, primeiro como fato interior do homem, que é capaz de pensar livre das injunções do condicionamento imposto pelo meio social, injunções estas que estão no inconsciente de cada um, segundo, como ausência de entraves impostos pela burocracia estatal dominada por ideologias das mais diferentes espécies.

(8 ° parte)

A organização social que se institui numa Nação é sempre fruto da mentalidade dos seus cidadãos. Quanto mais evoluída for essa mentalidade, mais harmônica vem a ser a vida social. Esta é uma verdade indiscutível.

Como não interessa a homens com tendências totalitárias que o povo seja esclarecido, os governos ditatoriais tanto de direita como de esquerda, se esforçam ao Maximo para impedir o desenvolvimento cultural e em especial capacidade de pensar, pois assim fica mais fácil de enganar o povo.

Um governante que tenha um pouco de cultura, honestidade e bom serviço procurarão fazer com que seu povo evolua, favoreça todos os empenhos para melhorar o nível cultural do povo. Pois ele sabe que quanto mais culto for um povo mais fácil se processarão as mudanças sociais necessárias.

A educação escolar é, e tem de ser o principal incentivador do crescimento cultural.

Por essa razão é necessário investir todo o esforço em educação. Mas como o professor é o principal agente incentivador do processo de crescimento cultural é necessário que se invista nele para que ele se torne apto para o desempenho de sua missão.

Quando digo que é necessário investir no educador, não estou me referindo apenas ao aspecto salarial. é preciso que se entenda que, tão ou mais importante que o investimento salarial é o investimento de depositar confiança no professor e deixar que ele assuma plenamente as responsabilidades que lhe são inerentes como educador.

Eu já tive oportunidade de dizer que quando não se permite que educador decida sobre administração do ensino, quando se lhe proíbe de fazê-lo quando se lhe impõe normas e formas de ação que pessoas postadas fora da ação educativa escolar ditam tudo só pode só pode ser alienado e alienante, agindo assim que atrofia e tira a capacidade criativa do professor e tira-lhe a responsabilidade pelo desacerto. Pessoas alienadas do

processo educativo vivo, que se desenrola na escola, que vivem em gabinetes excogitando teorias educacionais, que são transformadas em dogmas impostos a professores despreparados e medrosos só produzem no resultado paralisia da capacidade criadora, por medo de errar. Conduzem o professor à irresponsabilidade, pois o homem só se sente inteiramente responsável quando tem o poder de participar das decisões e da ação produtiva.

É necessário que os professores venham a ser responsáveis pelas decisões. O Estado na pessoa dos administradores da Nação deve cada vez mais contribuir para libertar a educação do autoritarismo e do centralismo das decisões, sejam elas provindas do próprio estado ou de grupos não estatais, sectários ou religiosos.

Uma vez foi útil, quando na Idade Média avocou a si a regência da educação, porque deveria vir a ser um direito de todos e não um privilégio das elites dominantes. Ai se tratava de garantir um direito geral dos homens. Com o tempo essa pratica veio se tornando pernicioso em virtude do surgimento dos estados totalitários sejam de direita ou de esquerda, nos quais os governos começaram a usá-la como forma de impor suas ideologias.

Nas condições atuais a educação e ensino devem ser objeto de ação comunitária. Como as comunidades não estão organizadas de tal forma que isso seja possível, cabe ao Governo, desde que já bem esclarecido e bem intencionado, fazer com que o Estado se encarregue de prover os recursos materiais necessários, mas que atribua aos próprios educadores o direito e o dever de decidir e praticar junto com a comunidade todos os atos necessários a administração e desenvolvimento da educação e ensino, pois só assim será possível ações que estejam em acordo com a realidade e necessidades do ser humano e das comunidades.

Naturalmente que um tal tipo de administração encontraria inicialmente dificuldades e muitos enganos poderiam ser cometidos. Mas por outro lado se tornaria possível aos professores identificarem os erros, e corrigi-los por si mesmos, tornado-se, portanto, responsáveis tanto pelos erros quanto pelos acertos, desenvolvendo capacidade critica e criatividade, o que já seria um exemplo excelente aos educandos.

(9º parte)

A questão social do movimento proletário não tem sido examinada na globalidade dos fatores que lhe são intrínsecos. Ela tem sido considerada, ela tem sido considerada, tanto pela parte proletária como pelos dirigentes, apenas como uma questão que se restringe ao âmbito da vida econômica. Ambas as classes vem lutando entre si pelo único domínio da vida de economia, considerando apenas o aspecto material da questão. O proletário imaginando que, conseguindo melhores remunerações atingirá a satisfatura de seus anseios de realização como pessoa. Do outro lado a classe dirigente também imagina que conquistará sua realização e segurança aumentando seu patrimônio, mesmo que isto seja às custas da exploração do trabalhador.

A realidade que constatamos é que, o trabalhador ganhando cada vez menos, vê cada vez mais aumentadas suas carências materiais, pois não conseguindo suprir suas necessidade básicas, cada vez mais tem a impressão de que seus anseios de realização como pessoa são dependentes exclusivamente dos recursos materiais. Dessa forma, toda a sociedade humana concentra todo seu esforço para tentar resolver o problema humano na vida de economia. A economia passa a ser o centro ao redor do qual tudo gira. E nesse processo o homem como tal deixa de ser considerado o importante. E

quando digo que homem deixa de ser considerado o importante, estou me referindo ao homem que existe em cada um de nós, refiro-me ao ser interior, à realidade anímico-espiritual, à necessidade de conhecer esse aspecto do ser humano, sua constituição, natureza e necessidades.

Hoje constatamos como profissional da saúde emocional e mental, o expressivo aumento da eclosão de distúrbios e crises nesse domínio. Isto nos mostra que o ser humano não está conseguindo suportar esta situação, em que o ser interior é ignorado ou esmagado em detrimento do aspecto material, econômico da vida. Essa inconformidade e as explosões anímicas são os indicadores de que a alma humana está desolando, porque o homem não lhe está ouvindo, não lhe está dedicando a necessária atenção.

A alma humana comporta-se como a própria pessoa: quando ignorada, rejeitada, reprimida, revoltasse e explode de alguma forma.

Naturalmente que a forma como a alma vem sendo tratada, tanto pela psicologia, como pelas religiões não satisfaz. Ela vem sendo considerada, ora como algo abstrato, ora como transcendente, ora como um epifenômeno. Mas nenhuma pessoa suporta ser considerada dessa forma, pois a pessoa quer ser considerada e tratada como um ser concreto e a pessoa é alma.

Além de ter considerado a alma de uma forma abstrata, também se tem considerado o espírito como coisa abstrata ou epifenômeno. Mas pensemos: se negarmos ao espírito e a alma e a consciência de um ser real, concreto, o que resta de significativo no homem? Um monte de substâncias minerais, o cadáver, não é verdade? E o que pode e para que serve um cadáver?

É preciso parar com essa alienação de negar a realidade da alma e espíritos como entes reais, concretos, que tem existência por si mesmos, independentes do corpo material. Essa negação acabara por levar a humanidade inteira a loucura.

O ser humano não pode viver saudavelmente se perder o contato com sua realidade, seja a realidade psicológica, suas expervivências pessoais, sejam suas raízes raciais e culturais, sejam suas origens anímico-espirituais, sob pena de acontecer um processo de despersonalização. Ele precisa reencontrar-se consigo mesmo. Mas esta retomada de contato consigo mesmo tem que ser realizada de forma concreta expervivencial. Ela não pode ser pretendida através de um mero esforço intelectual como se faz com a adoção de uma ideologia. Isto não serve. Pois foi por isso mesmo porque a religião passou a ter forma de ideologia, quer dizer, coisa abstrata, que o homem vem perdendo contato com o sentido real da religião, porque ela mesma se tornou ideologia. E toda a ideologia é apenas um fantasma, é vazia, não tem conteúdo espiritual e, portanto não é humana e por não ser da mesma natureza do ser humano não serve de alimento para alma e para o espírito, que são entes reais. É semelhante como no caso do corpo, que necessita de alimentos que contenham substâncias da mesma natureza daquelas que o constituem. Uma aparência não serve. É como a sede que só pode ser saciada com água e nunca com qualquer outro líquido, que tenha outra natureza que não aquela da água com a qual o corpo esta constituído.

Essa é uma questão fundamental a ser respeccionada por quem quiser pensar corretamente sobre a questão social. E uma pergunta que tem que ser arvorada é quais outras necessidades o humano tem elem das necessidades materiais?

Somente quando as reais necessidades anímicas, espirituais e materiais do homem forem reconhecidas devidamente é que se poderá dar um tratamento concernente à

realidade da questão social, que é uma questão de necessidades humanas intrínsecas, inerente a própria natureza do ser humano e não coisa exterior como defesa das instituições, do estado, da ideologia, do partido e outras baboseiras que tais. Pois que a única realidade, a única coisa real é o ser humano. Tudo mais tem que estar a serviço da realificação da individualidade humana.

(10º parte)

Em cada época da sua história a humanidade teve, tem e terá uma forma especial de expressão. Assim a cada tempo a maneira dos homens relacionarem-se entre si foi assumido modos diferentes, tanto no aspecto psicológico, religioso, político, como econômico. A organização social modificou-se de acordo com as exigências da consciência da época. Uma forma de organização social pode ter sido adequada a uma determinada época e, no entanto será completamente obsoleta numa época seguinte.

Apesar da inexorável marcha das mudanças sociais que se dão em função das novas exigências da consciência atual, existe uma tendência conservadora, que quer não somente conservar, mas desejaria fazer as coisas permanecerem como estão enquanto são vantajosas para os portadores de tal tendência. Estas duas forças entram em conflito especialmente quando se defrontam as classes dirigentes e proletárias, surgindo o conflito social, frequentemente violento. A humanidade desgastasse em violência ao invés de empregar sua energia e inteligência para compreender o processo evolutivo e colaborar entre si, pois que em verdade não existe um ponto de vista que seja o único e definitivamente o certo.

Quanto aos regimes sociais e econômicos, para nosso entendimento da questão, basta-nos apenas analisar alguns aspectos dos regimes pré-capitalistas, pré-industrialização, capitalista e comunista nas suas formas mais abruptas, em sua relação com pessoa humana.

Vejamos por exemplo as relações de trabalho de homem para homem no período pré-capitalista, isto é, antes da industrialização. Nesta condição, o existente era o artesão. E no artesanato a relação era de pessoa para pessoa. Alguém encomendava um trabalho a uma determinada pessoa. Isto fazia com que existisse uma relação de pessoa para pessoa, do artesão para com o encomendador. Num trabalho artesanal a própria individualidade do artesão se expressa na obra realizada. Há um processo de criatividade. Além disso há uma consciência clara do destino da obra: uma determinada pessoa realiza uma obra para uma pessoa determinada. Tudo é perfeitamente individualizado. Este fato permite que o produtor da obra reflete sua alma de satisfação. Quer dizer ele não trabalhava não só para ganhar um salário, mas para ter uma satisfação, tanto no ato de criação, como na continuidade da existência da obra em um lugar determinado, mantendo-se dessa forma uma ligação anímica entre o produtor e sua obra ao encomendador. Com isto o produtor pode experimentar sua plena significação, como pessoa em relacionamento direto com outra pessoa, que é o encomendador de trabalho.

Já na era da industrialização - capitalista ou comunista-, não vem ao caso, o homem vem sendo gradativamente inserido no contexto das máquinas e passa a ser considerado como tal, a ponto de mais moderadamente vir sendo substituído pela máquina.

Inserido entre máquinas, considerado até certo ponto como máquina, o trabalhador vai perdendo gradativamente o seu sentido de individualidade, de ser que tem uma significação especial dentro do organismo social. Sua própria consciência da sua

humanidade vai se deteriorando. Forma-se um vazio impreenchível. A própria religião, esvaziada de significação espiritual, torna-se ideologia e não trazem mais satisfatura as necessidades anímicas e espirituais da classe proletária. O proletário, utilizado como máquina, não toma parte no processo decisório, e criativo não sabe por que, e para quem esta produzindo. Não tem outro conteúdo de relação, se não o salarial, vai se alienando da sua própria realidade social. Isto é a maquinização do homem. É o mais terrível pesadelo que podemos imaginar. É a própria destruição da humanidade do homem. É uma verdadeira fábrica de loucos.

Naturalmente não estou advogando para defender um ponto de vista de retorno à sociedade medieval. Tão pouco pretendo condenar a tecnologia como tal. O que é preciso, é que se crie uma organização social em que não só se possa aproveitá-la como mais ainda, se faça evoluir mais a tecnologia e se a use de fato em benefício da evolução do homem.

A organização social deve poder propiciar ao proletariado, condições para que mesmo dentro da mais avançada tecnologia favoreça não só a manutenção da consciência da sua individualidade, mas que estimule a incrementação dessa autoconsciência e da sua relação com o organismo social, de modo que ele possa perceber-se e reconhecer-se como um impulsionador da evolução do organismo social e não permanecer nesta condição atual em que o proletário vai se despersonalizando e sendo cada vez mais esmagado pelo poder econômico e pelos dogmas, tanto do capitalismo, como do comunismo.

Nós precisamos trabalhar nossas mentes de tal forma que se torne possível sairmos dessa dicotomia entre bem e mal quer dizer, entre capitalismo e comunismo, ou vice-versa, de acordo com o lado em que estamos colocados.

Uma organização social que pretende atender a realidade do homem deve basear-se em três princípios: 1º- Liberdade para a vida do espírito, vida cultural; 2º -Igualdade do domínio político-jurídico; 3º Fraternidade no domínio da vida material e econômica.

Data : 15/07/1985

Título : Uma Nova Proposta de Organização Social

Categoria: Artigos

Descrição: Nesta segunda parte procuraremos trazer para a consciência do público brasileiro as linhas gerundiais do pensamento Steineriano

Uma Nova Proposta de Organização Social

Para as considerações que se seguirão serão seguidas em suas linhas gerais as idéias básicas lançadas na obra do pensador europeu Dr. Rudolf Steiner, Pontos Cerne da Questão Social, em tradução não publicada, por Frederico Mueller.

Muito gostaríamos que esta obra pudesse chegar hoje as mãos do povo brasileiro, exatamente no momento em que após os negros anos de obscurantismo político e retrocesso social e cultural, o povo vê reascender-se em sua consciência a flama da aspiração por mudanças sociais que venham, propor um caminho que conduza a sociedade brasileira a um processo de desenvolvimento espiritual, cultural, político e econômico de acordo com a dignidade da natureza do ser humano. Um processo de desenvolvimento orgânico estruturado sem bloqueios e sem retrocessos.

Como não é possível editar a obra “Os Pontos Cerne da Questão social” e para não deixar o público brasileiro privado de tão importante conhecimento, resolvemos realizar um trabalho em que pelo menos se tenha uma notícia da possibilidade de uma nova organização social, que não seja nem variante do comunismo, nem do capitalismo, exploradores e castradores. Por que ambos os sistemas são violentos, castradores e portanto destruidores do ser humano em sua realidade total.

Na primeira parte deste trabalho, procuramos fundamentar a relação entre equilíbrio psíquico e organização social, e apresentar algumas idéias sobre as necessidades básicas, como as referentes administração escolar e continuidade como processo de auto-educação, para que o homem possa perceber e discernir as suas reais necessidades e ter condições de promover a evolução social sem conflitos e sobressaltos.

Nessas considerações servimo-nos dos nossos próprios conhecimentos adquiridos como educador e psicoterapeuta durante trinta anos.

Nesta segunda parte procuraremos trazer para a consciência do público brasileiro as linhas gerundiais do pensamento Steineriano no que se refere à organização social, segundo sua obra “Os Pontos Cerne da Questão social. aqui apresentaremos segundo a nossa própria interpretação as linhas gerais da proposta do Trimembramento do Organismo social.

Na obra citada Dr. Rudolf Steiner nos apresenta uma analogia entre o organismo humano e o organismo social. Mas adverte-nos sobre o perigo de tomarmos analogia por descrição de realidade, pois que uma coisa não é igual a outra. A analogia ou exemplo são recursos usados para criar uma representação que se aproxima da idéia que se quer transmitir, mas nunca se igualam. A analogia é, por conseguinte, apenas um termo de comparação em que se toma um processo que pode ser facilmente compreendido, para fazer com que se possa formar uma representação do processo que se quer fazer compreender. No caso as considerações sobre o organismo humano, se retém sobre o processo conhecido. O organismo social e a forma como ele deve funcionar, constituem o processo novo e desconhecido. Esta analogia serve apenas para tentarmos compreender como deve ser a inter-relação, independência e interdependência dos sistemas no organismo humano e dos domínios no organismo social.

Dr. Steiner refere que no organismo humano encontramos um sistema que inclui tudo que diz respeito a vida de nervos e vida de sentidos e denomina-o de organismo cabeça. Um segundo membro ele denomina de sistema rítmico. É tudo isso que consiste de respiração e circulação de sangue, tudo que se exprime em processos rítmicos do humano organismo. Finalmente o terceiro sistema, constituído por todos os órgãos que realizam as atividades do metabolismo propriamente. Devemos entender que o membramento acima não é necessariamente quanto aos órgãos propriamente, mas às suas funções. Compreende-se, portanto, a trimembricidade do organismo humano.

Podemos compreender que no organismo humano conjunto existe uma harmonia entre os três membros, em que todos, como diríamos, em total colaboração mantêm o funcionamento do todo, realizando cada um a sua função com plena independência, isto é, cada um não quer intervir no domínio do outro. É um sistema de inter-relação e independência autônoma. Não há centralização.

A ciência da Natureza, a Biologia já chegou a reconhecer a trimembração estrutural e funcional do organismo humano. Mas esmo esta reconhecença ainda é de domínio de relativamente poucos homens. Em todo caso isso não traz grandes conseqüências. Entretanto, as consciências sociais ainda não chegaram a reconhecer a reconhecença de que o organismo social também deve funcionar trimembradamente. E aí é que esta a gravidade da questão, por que no âmbito das ciências sociais e políticas não basta apenas que um mais ou menos reduzido número de homens tenha a capacidade e chegue a tal reconhecença da verdade do trimembramento do organismo social. é preciso mais muito mais.

É preciso que pelo menos a grande maioria dos homens de uma nação, sejam capazes de apresentar tal reconhecença perante suas almas, mesmo que o seja de uma forma instintiva, mas que possam discernir essa verdade, se é que se quer que o organismo social seja sadio.

E aqui dito nada tem a ver com quaisquer outros pontos de vista fantasiosos expressos por outros autores. Não se trata de querer transferir para o domínio social as leis do domínio das ciências naturais. Não seria sensato querer transferir o constado no organismo humano para o organismo social. Não se trata, portanto de uma teoria que queira edificar o organismo social sobre as bases da Ciência da Natureza. Trata-se de criar uma imagem que possibilite ao homem, ao menos uma reconhecença instintiva, que lhe permita entender que tal qual como no organismo humano, trabalham independente e harmonicamente os três sistemas. Também no organismo social existem três membros, que podem trabalhar de forma independente e harmônica, desde que, os homens assim o reconheçam e assim o queiram.

(parte 2)

A consciência do homem de épocas primevas era diferente da consciência do homem moderno, assim como a consciência se transforma no decurso da diferentes fazes da vida individual, nas quais o homem vai tendo as suas formas de perceber e entender o mundo modificada. De modo semelhante a humanidade como um todo vai tendo sua. E segundo o grau de transformação de consciência, a compreensão do mundo vai se tornando mais ampla e mais profunda. E assim as exigências sociais vão se tornando cada vez maiores.

Num tempo primordial as exigências ou necessidades do homem eram primitivas e mais simples. Não eram apenas exigidos grandes esforços mentais para viver. Mas os tempos foram passando, a sociedade humano foi se transformando segundo as necessidades e exigências da consciência de cada época.

Há um momento histórico em que acontece algo novo. O homem começa a deixar de ser apenas um ser natural em que só a Natureza realiza o trabalho de desenvolvimento, para torna-se um ser que acrescenta algo sobre o dado pela natureza. Começa então o processo de educação. Quer dizer o homem começa a constituir seu destino com suas próprias mãos. A educação é uma intervenção consciente do homem, com um objetivo determinado, que é promover o desenvolvimento, a realificação das potencialidades do

ser humano. Quer dizer o homem intervém no processo da criação para que esta se complete.

A organização social até certo ponto era constituída, podemos dizer por um processo de adaptação instintiva. Mas o homem, em virtude da intervenção do processo educativo, vem perdendo cada vez mais a capacidade de adaptação instintiva a uma organização também instintiva a cada mais vem a ser necessitado determinar conscientemente a sua forma de ação ou de viver. O que ele perde em instintividade deve produzir em racionalidade. Cada vez mais, os atos humanos, devem ser um produto da razão. Todavia, devemos reconhecer que a razão não é um órgão natural. O homem é dotado da potencialidade da razão, a qual deve ser desenvolvida por meio da razão.

Podemos facilmente reconhecer que cada vez mais, a vida do homem depende dos atos racionais. Basta vermos o que se refere a alimentação, saúde, recreação e mesmo o que se refere alimentação saúde, recreação e mesmo o equilíbrio psíquico, como cada vez mais dependem de serem produzidos racionalmente.

A organização social instintiva não pode mais sobreviver, simplesmente porque o instintivo no ser humano está reduzido e se reduzirá cada vez mais, até o ponto em que no homem tudo terá que ser auto-sustentado ou não existirá. Daí decorre que a organização social terá que ser cada vez mais, um produto do trabalho da razão. Então há necessidade que se crie, por meio de educação, a capacidade em cada homem, de reconhecer o que é sadio de ser constituído em termos de organização social. Aqui vemos o papel que a escola deverá desempenhar na formação de uma consciência que crie as condições que levem o homem ao reconhecimento da melhor forma de organização social para o momento presente e para o futuro. Esta consciência deve ser tal que queira colaborar conscientemente, voluntariamente, para a constituição de formas de organização social adequadas a cada momento da história de um povo.

As exigências do nosso tempo são da criação de uma organização social em que três domínios da vida social possam coexistir, virtuosamente independente, mas harmonicamente em benefício da formação de uma sociedade em que os atos sejam praticados em consonância com a realidade corpóreo-anímico-espiritual de cada ser humano, para que cada um possa querer e ser um colaborador da evolução da humanidade conjunta. De tal forma, devemos poder reconhecer a trimembralidade do organismo social, assim expressa: um primeiro membro do organismo social é o domínio econômico; o segundo membro é o domínio jurídico; e um terceiro membro é o domínio da vida espiritual-cultural.

Os três membros da organização social acima citados devem virtuar na sociedade de tal forma que sejam independentes, mas ao mesmo tempo harmônicos.

Os homens devem poder virtuar dentro desses três domínios de tal maneira que um não interfira prejudicialmente sobre o outro. Pois que, a hipertrofia de importância e poder de um, resultará inevitavelmente em prejuízo do conjunto organismo social.

A cada um dos três domínios ou membros do organismo social corresponde uma qualidade. No domínio econômico deve reinar a fraternidade; no domínio jurídico e o princípio reinante é a igualdade; e no domínio da vida espiritual-cultural o princípio virtuante é a liberdade.

(parte 3)

A sociedade humana não pode ser considerada, nem comparada com outros agrupamentos de seres, por mais semelhantes que se possa ou queira ver entre eles.

A característica fundamental diferenciativa da sociedade humana reside no fato de ela ser formada por seres que são individualidades-homens- quais são portadoras da faculdade de pensar, de intencionalidade e aspirações.

A intencionalidade individual cria uma finalidade social, assim a sociedade humana existe e se desenvolve para um fim determinado, que é criar e manter as condições para a evolução da sociedade humana como um todo.

Assentado esse pressuposto básico, compreende-se a necessidade de criar um organismo social em que todos os seres humanos tenham as condições básicas para se desenvolverem cada um segundo suas potencialidades. Quer dizer oportunidade iguais e satisfatórios para todos.

As condições materiais de vida são essenciais, desde que somos seres dotados de uma corporalidade material, para que tenhamos uma boa estrutura e bom funcionamento corporal, pois estes são pressupostos básicos para o desenvolvimento, tanto da vida de afetos quanto das funções do espírito, como pensar, por exemplo. Assim, alimentação, saúde se constituem nas primeiríssimas exigências a serem satisfeitas num organismo social que queira ser sadio.

Entretanto, como o homem não é um ser apenas corporoso, ela tem outras necessidades a serem satisfeitas. Essas são necessidades afetivas-animicas e espirituais-culturais.

Não podemos descartar o corpo e suas necessidades. Amas na verdade atender só as necessidades corpóreas seria um lamentável erro, pois que o corpo como todo o material, existe para que o anímico-espiritual homem possa expressar-se, isto é, requalificar. Por isso é que além de criar as condições materiais adequadas, é necessário também que se crie as condições para o desenvolvimento cultural- espiritual pleno do ser humano. E esse desenvolvimento só se pode realizar quando a realidade é a um tempo o meio com o qual se trabalha e o alvo máximo que se aspira alcançar.

Uma sociedade em que não estejam em seu gerúndio os Três princípios da organização social: fraternidade na vida econômica, igualdade no domínio do direito e liberdade no campo espiritual, terá que ser uma sociedade eternamente em conflito.

Para afastarmos o conflito da vida social, faz-se necessário que se chegue a uma forma de relacionamento na qual deixe de existir o jogo de opressor e oprimido. Naturalmente que o simples decretamento de uma equalização econômica entre os homens pelo Estado não será suficiente para acabar com esse estado de coisas. Há necessidade de desenvolver-se um processo educacional ideológico, doutrinário, mas que consiga ajudar o homem a poder reconhecer a necessidade e viabilidade de uma sociedade organizada segundo o modelo de timbramento social e que também possa desenvolver um querer e agir no sentido de que uma tal organização social possa vir a ser existente.

Não será bastante que por meio desse movimento de massa ou armas, sectários, se crie um Estado socialista ou comunista, como o foi na Rússia, China, Cuba, etc. é imprescindível que a transformação social seja emergente de uma profunda compreensão da realidade humana. Nesses países, talvez tenha sido necessário esse processo pelo qual a sociedade veio a ser transformada, mas para os demais países já não se faz necessário e é bom que não se deixe as coisas chegarem ao ponto de a transformação ter que se processar violentamente. É uma questão de usarmos a razão e servimo-nos dos ensinamentos históricos. E a história nos ensina que aquilo que não

fazemos sob o império das forças conscientes da razão, acaba acontecendo sob o impulso de forças inconscientes da passionalidade.

A nossa era é aquela que cada vez mais se faz necessário o uso da razão. Os perigos que rondam a humanidade são de tal magnitude que qualquer descuido e a nossa própria existência corre o risco de ser eliminada.

Não nos podemos continuar sendo despedaçados por essas duas forças antagônicas, que são o capitalismo destruidor da dita iniciativa privada e o totalitarismo burocrático de regimes ditos comunistas. Precisamos criar uma terceira opção. Esta poderá ser o trimembramento do organismo social, na qual são co-existentes a livre iniciativa com fim social a liberdade individual no plano cultural e a igualdade no domínio dos direitos.

A sociedade criada segundo os princípios do trimembramento do organismo social será uma sociedade que existirá para estar ao serviço do desenvolvimento do homem e não uma sociedade em que o homem é apenas uma engrenagem a serviço de uma ideologia, seja dita espiritualista ou materialista. Não será uma sociedade de massificação, de coletivização, de moldagem de consciência segundo os ditames de uma ideologia qualquer, regida por um estado totalitário. Ela será uma sociedade em que o respeito à individualidade estará na mesma altura ao respeito ao social. Uma sociedade que deverá chegar a reger-se segundo o princípio do Individualismo ético.

Individualismo ético é aquela postura, mental em que o homem reconhece o primado da individualidade, reconhece a legismetria dos verdadeiros princípios morais, desenvolve uma cienteza moral e age segundo o primado da razão pessoal, não necessitando estar sobre o julgo da norma moral imposta de fora por quem quer que seja.

Data : 12/08/1985

Título : Herança e deterioração moral

Categoria: Artigos

Descrição: É da natureza do ser humano aperfeiçoar o mundo, seja o mundo exterior, seja o mundo interior.

Herança e deterioração

Desde há muitos anos que eu venho observando um fato curioso com as crianças. Eu notara que elas, via de regra, apresentam uma forte tendência a desmontar ou mesmo destruir os seus brinquedos. A principio acreditei que isso fosse devido à agressividade reprimida em níveis patológicos. Mas havia nos casos observados outros dados, que por não fecharem com aquela tendência destrutiva observada, tornaram os fatos mais intrigantes. Primeiro era constatado que em outros aspectos as crianças se apresentavam calmas, afetivas e colaboradoras, não se notando sinais de

desajustamento no relacionamento familiar e escolar. Eram crianças de lares de bom nível de harmonia.

Outro dado era que com brinquedos simples, os quais elas podiam transformar partindo de suas próprias criatividade, o comportamento das crianças se apresentava o oposto. Elas conservavam o brinquedo por um tempo incomparavelmente maior, se apegavam a ele e frequentemente aperfeiçoavam-no.

A observação desses fatos me ocupou longamente. Um dia encontrei um referencia ao assunto quando conversava com a euritmista que trabalhava comigo em minha clínica. Disse-me a sra. Sigrid Rascherb Moldenhauer que o dr. Rudolf Steiner, o criador do movimento antroposófico e da pedagogia Waldorf –antroposófica- e de tantos outros avanços culturais, havia ensinado que se deve dar brinquedos simples as crianças, como bonecas de pano em que só os traços humanos fundamentais devem aparecer. A razão disto é que estes brinquedos simples permitem a criança desde muito tenra idade ativar sua imaginação, sua criatividade, fantasiando transformações até mesmo sem modificar o objeto. Por exemplo, numa boneca que só apresenta os traços fundamentais como cabelos, olhos, nariz, boca, sobrancelhas, apenas indicados, a criança pode completar essa fisionomia acrescentando imaginariamente as características fisionômicas de todos os seus familiares e conhecidos sem ferir a integridade da boneca.

Ao contrario do brinquedo complexo e bem acabado, com os mínimos detalhes, age sobre a alma infantil de maneira arrasadora. A criança sente-se impotente diante da perfeição, é esmagada em sua criatividade por não poder acrescentar nada ao objeto. A única coisa possível é desmontar, isto é, destruir. E por ser a coisa muito perfeita, não consegue reconstruí-la, levando isto a um duplo sentimento de impotência e frustração. Em linguagem psicanalítica, dizemos que o objeto age castradoramente sobre o psiquismo infantil.

É da natureza do ser humano aperfeiçoar o mundo, seja o mundo exterior, seja o interior. Nem o mundo, nem o homem estão prontos. Sempre a necessidade de promover evolução. O homem tem a necessidade de construir. E a construção é tanto exterior quanto interior, isto é autoconstrução. Mas o que vemos? Vemos o homem envolvido apenas com o mundo material, agindo como a criança. Quando o mundo chega a um certo grau de desenvolvimento, o homem sente o desejo incoercível –inconsciente é claro- de destruí-lo e para isso cria engenhos tenebrosos e faz guerras.

O homem tem potencialmente uma infinita capacidade de criação e colaboração, mas a forma como vem sendo educado o material que se lhe oferece quando criança e jovem não tem ajudado a desenvolver essas duas belas qualidades a criatividade e a colaboração.

Partindo dessas observações, cheguei a outro domínio da vida e ai constatei outro fato bastante interessante. É o caso das pessoas que recebem heranças de significativos patrimônios. Raramente essas pessoas conseguem mesmo conservar o patrimônio herdado. Em regra elas o dilapidam, usando-os para a própria destruição e para a destruição dos outros com quem convivem.

Pensando nesses casos, cheguei a uma analogia com os fatos relacionados com as crianças e os brinquedos, aos quais elas nada podem acrescentar sem destruir.

Entendo que a posse de bens, que o individuo mesmo não criou, age impedindo que a pessoa desenvolva o impulso construtivo. A pessoa que recebe um patrimônio, que não ajudou a construir, como herança, em geral não sabe valorizá-lo, e não sabe o que fazer com ele, a não ser gastá-lo.

Ora, é sabido por todos que, a necessidade é a mola mestra do impulso produtivo e do próprio impulso colaborador, seja a necessidade material, seja a necessidade anímica ou espiritual. Uma pessoa que não tenha que fazer esforço, que não tenha que trabalhar para obter a satisfação de suas precisões materiais, que nunca precisou fazer esforço porque sempre recebeu tudo pronto, é alguém que vive parasitariamente e com isso atrofia suas faculdades.

Há uma necessidade fundamental em cada ser humano. É a coisa mais importante para cada um de nós. Nós queremos ser de significação para os outros. E nós adultos somos importantes para os outros só na medida em que participamos na solução dos problemas comuns. O espírito de colaboração e a própria colaboração, são fatores que justificam a existência da pessoa adulta.

Entendo que a transmissão da posse de bens através da herança é um fator de impedimento para o pleno desenvolvimento das potencialidades do ser humano. Penso que se faz um grande mal quando se cultiva esse sistema, pois que o trabalho é o melhor, e mais importante elemento para a formação de mentalidades éticas e o ócio permanente o mais forte determinante da decomposição moral do ser humano.

Acredito que no dia em que os homens possam criar uma organização social em que a fraternidade exista no domínio econômico, a igualdade no domínio do direito e a liberdade, na vida de espírito, a humanidade poderá pensar em felicidade. Enquanto existir pessoas necessitadas, desrespeitadas e oprimidas, isso será possível.

Quando os bens criados por todos e cada um forem postos a serviço do bem comum, por compreensão e não por opressão criando as condições adequadas para eu todos tenham iguais oportunidades para desenvolverem suas potencialidades, dedicando-se ao desenvolvimento do homem interior a ao mesmo tempo em que age sobre o mundo exterior, transformando-o para que ofereça as melhores condições possíveis para a vida humana, então teremos chegado a uma sociedade que poderá afirmar que começou a viver segundo os princípios da doutrina cristã.

O homem só se identifica com aquilo que ele cria. Não importa se pessoal ou coletivamente, mas ele precisa poder dizer: Ali eu participei da criação, aquilo é parte de mim e assim eu criei, eu fruo do bem criado, eu zelo para que esse bem dure o maior tempo possível e sirva a todos. Esta é uma verdade que não pode ser negada.

Uma sociedade em que os bens criados não fiquem de posse de quem não os criou, se tornará com o decorrer do tempo tão rica que todos poderão: ter o suficiente para poderem dedicar-se ao auto-aperfeiçoamento anímico espiritual, pois não precisam gastar todas as forças energias trabalhando para ainda assim não conseguir o necessário para a sobrevivência biológica, como é o caso na sociedade atual.

Quem recebe a posse de bens por herança especialmente de grandes patrimônios, via de regra, não tem noção de valor muito menos do valor social dos bens. Dessa forma pode tornar-se um ser alienado da realidade humana e social e mais ainda, um fator alienante, vindo a ser assim nocivo a si mesmo e aos que o cercam.

Numa sociedade justa, e uma sociedade cuja organização seja segundo os princípios do trimembramento social, será uma sociedade que perenemente estará criando justiça nesta sociedade não será correto alimentar e manter um sistema que se constitui e fator impeditivo do desenvolvimento integral do ser humano.

Pode ser que até hoje certos procedimentos tenham existido e, se foram necessários, não vem ao caso. O fato é que precisamos reconhecer as coisas que, se foram úteis ou

inevitáveis no passado, se foram úteis ou inevitáveis no passado, se tornaram prejudiciais no presente e uma vez reconhecido isto, devemos esforçar-nos para que elas sejam removidas e substituídas por formas novas e adequadas as necessidades da humanidade do presente e do futuro.

Data : 30/08/1985

Título : Modelo econômico e problemas psicológicos do homem rural

Categoria: Artigos

Descrição: Aqui queremos traçar apenas as linhas fundamentais do ambiente e do homem rural brasileiro.

Modelo econômico e problemas psicológicos do homem rural

Para a formação da personalidade de uma pessoa, vários fatores são determinantes. Primeiro devemos considerar os fatores genéticos. Em segundo lugar vêm os congênitos. Em terceiro lugar vêm os fatores ambientais. Entre estes encontramos as condições psico-sociais da família e do meio social em que o novo ser irá se desenvolver. Mas além dos fatores humanos é importante também e muito, o ambiente físico geográfico, a paisagem, e o tipo de atividade desenvolvida no meio em que se desenvolve o ser humano.

Aqui queremos traçar apenas as linhas fundamentais do ambiente e do homem rural brasileiro.

Devemos primeiro levar em conta o ritmo das atividades. Na vida rural os acontecimentos são lentos. Se levamos em conta o desenvolvimento de um animal qualquer, uma galinha, por exemplo, que leva uns vinte dias para a postura dos ovos para uma ninhada, mais vinte e um dias para a incubação. Isso sem considerar o tempo que a galinha leva para ficar "choca". Acrescentamos mais 180 dias para que ela atinja o tamanho adulto. Contamos todos os dias teremos no final que o ciclo de produção de uma galinha adulta é de aproximadamente um ano.

Já com relação às plantas de ciclo anual, entre preparação da terra, plantio, crescimento, maturação e colheita temos cerca de 6 a 8 meses. Isto para citar só dois exemplos. No mais tudo é lento nas atividades rurais, mesmo quando se usa a máquina.

A lentidão dos processos, que não podem ser acelerados, cria um ritmo interior no homem. Este ritmo vai ser determinante do seu modo de pensar, falar e agir. Pode-se dizer que na constituição do caráter de um homem rural não há pressa. Não adianta ter pressa, porque a semente não germina antes do tempo, a vaca não dá cria antes da hora.

O homem rural em razão do seu isolamento social é um solitário, isto é, é um homem habituado a viver consigo mesmo, com seu próprio mundo psíquico menos complexo do

que o do homem urbano. Por isso tem menor necessidade de contato social e desenvolve menos habilidade para tanto.

E via de regra, sente-se diminuído socialmente. Suas maneiras simples de ser e seu desajeitamento para lidar com coisas mais delicadas, acostumado que está com uma vida mais rude.

Na verdade não teria que sentir-se inferior, se ele tivesse consciência de sua realidade e de sua importância social. Mas sua mente é simples como a vida que leva junto as coisas simples da natureza. Seus pensamentos são simples.

Outro aspecto a ser considerado é a relativa auto-suficiência do homem rural. Em função do próprio isolamento social, político e comercial. O homem rural aprendeu a produzir maior parte de seus bens de consumo, desde os alimentos até os objetos de uso caseiro em suas atividades de labor.

Tal capacidade traz consigo uma considerável independência, o que não deixa de ser uma superioridade em relação ao homem urbano, que depende praticamente de tudo e de todos.

Uma vida com independência, a tal ponto que mesmo com relação à saúde, são conhecidos recursos e tratamentos terapêuticos de hidro e fitoterapia, gera certo orgulho saudável.

Do ponto de vista econômico o homem rural sempre viveu uma economia relativamente estável, enquanto não entrou no engodo da monocultura, mesmo quando a sociedade urbana industrializada entrou em crise. Necessitando pouco do dinheiro, por serem suas necessidades muito simples em geral não sentiam os fatores da crise, pois sua mesa sempre continuava farta. Mas eis, que quase de repente entra um novo modelo econômico em que a terra não mais é cultivada, mas explorada, passando agricultura a receber um tratamento que mais se assemelha a indústria extrativa. Esse modelo imposto por homens desconhecedores do mínimo relativo a realidade do homem rural trouxe o caos a sua vida.

O modelo foi imposto entrou em voga a monocultura, uso de insumos adquiridos a multinacionais, que jogam com os preços a seu bel prazer, a utilização indiscriminada de venenos, comercialização dos produtos, controladas pelas ditas multinacionais, que visam apenas o lucro espoliativo, pois que seus donos não têm ligações nem com nossa terra, nem com nosso povo.

Isso tudo levou pequenos e médios agricultores a adotar a monocultura, uso de insumos adquiridos as multinacionais, que jogam com os preços, a tomar empréstimos bancários. Enquanto o dinheiro era subsidiado e o foi somente para servir de engodo, até que nossa agricultura de subsistência foi destruída e o, povo passasse a não ter o que comer, não aparecerem os efeitos maléficos desse embuste tecnológico, repentinamente quando já se havia se tornado conveniente as regras do jogo foram mudadas. O dinheiro não mais foi subsidiado. Os prazos correm. O tempo decorre mal porque ou não chove na época certa ou chove quando não deveria chover. Aumentam os riscos de perda. O nervosismo preocupação começa a tomar conta, o sono é perdido, e nesse quadro vai aumentando até levar o homem ao desespero.

No quadro de mudanças vertiginosas, de ameaças de grandes prejuízos, de prazos curtos, do medo de não poder atender os compromissos, como o homem rural estava acostumado a poder cumpri-los, como uma questão de honra e agora estava tudo em

risco, forma-se o caldo da cultura propicio para o desencadeamento do desequilíbrio psíquico para a loucura e para o suicídio.

Numa sociedade organizada com fins sociais, o homem rural tem que ser compreendido e tratado com o devido respeito à sua realidade, sua importância e suas condições psicológicas peculiares. Não se poderia não se pode e nunca se poderá exigir do homem rural o mesmo desempenho e flexibilidade psicológica que o homem urbano pode apresentar.

Os embusteiros que implantaram esse modelo de economia agrícola a partir do golpe militar de 1964 são as grandes responsáveis pela situação de desequilíbrio social e psicológico em que encontra o nosso homem rural atualmente.

É preciso que se implante uma política agrícola que tome em conta as características psicológicas do homem rural e a sua fundamental importância social.

Data : 01/12/1985

Título : Espiritualidade: via de acesso à saúde anímica

Categoria: Artigos

Descrição: A consciência antiga era regida pelo sentimento, a moderna consciência o é pelo pensar intelectual ou analítico.

Espiritualidade: via de acesso à saúde anímica

Falar em espiritualidade em nossa época é algo que transpira o ranço de doutrinas dogmáticas e lembra comportamentos fanáticos, pois parece ser essa a imagem que se formou na consciência científica moderna. Não obstante, queiramos ou não aceitar a necessidade religiosa como verdadeira, o fato inegável é que a humanidade sempre andou em busca da religiosidade. Então, pelo menos do ponto de vista psicológico a necessidade de religião tem que ser aceita como significativa, mesmo pela consciência científica, Ainda que de início tal idéia possa causar repugnância.

Tal ojeriza pela religião desenvolvida na consciência científica moderna é compreensível, desde que se constatarem os desmandos e o obscurantismo criados por aqueles que deveriam dar testemunho de que o espírito religioso não impede a libertação da consciência das peias da ignorância.

Diante desta constatação, a consciência científica incipiente como ainda é não podia comportar-se diferentemente do que atribuir à religião o que na verdade é culpa do clero. E desta forma combater a religião ou negá-la, atribuindo-lhe o mal, quando este se radica nos homens que a administram é um indicio de imaturidade e falta de conhecimento.

Desde que a religião deixou de ser exotérica para ser uma instituição exotérica, pública, com a conseqüente estruturação de uma hierarquia clerical, começou um processo de

distorções que teve como ponto culminante as atrocidades da “Santa Inquisição”. Isto para a civilização ocidental dita cristã.

São as coisas de tal gênero que criam uma imagem que repugna a consciência que quer ser livre, tanto no que diz respeito às doutrinas que se dizem socialista. Mas é preciso entender que, despidas das imperfeições humanas, tanto a doutrina cristã, quanto a doutrina social são corretas na sua fonte e objetivos.

Por outro lado é necessário reconhecer que o ser humano não pode viver sem ter confiança num futuro, pois ele é capaz de suportar provocações e sacrifícios incríveis desde que haja confiança que tudo aquilo que faz não se esvai, com sua morte. A ausência de uma fé pode levar ao desespero ante situações que o conhecimento científico ainda não conseguiu dominar.

Quando falo de conhecimento científico não me refiro a aquele que só é posse de alguns homens, mas daquele grau de capacidade de pensar e reconhecer a essência dos fatos, seja da ciência da natureza, seja da ciência psicológica.

Espiritualidade não é a mesma coisa que crença. A espiritualidade é uma espécie de confiança que pode ser instintiva ou elaborada por meio do pensar desenvolvido metodicamente, o qual é capaz de reconhecer a essência dos fenômenos, sejam naturais ou não, é pensar racional, que faz o ser ser o que é.

A consciência antiga era regida pelo sentimento, a moderna consciência o é pelo pensar intelectual ou analítico. O pensar intelectual, apesar de sua imensa capacidade. Só consegue perceber as partes numa visão analítica e nunca ter uma visão sintetizadora.

Desta forma, tal qual o mundo é visto, a alma é vista, assim ela se percebe a si mesma, isto é fragmentada.

A visão sintetizadora é uma faculdade do pensar racional – pensar da razão, enquanto a visão analítica pertence ao pensar analítico-racional, produzido pelo intelecto.

O pensar intelectual foi capaz de proporcionar satisfaturas das necessidades anímicas, porém, como ele está chegando ao ápice do seu desenvolvimento, a alma não encontra mais satisfatura. Para a alma o produto do pensar analítico é árido. Daí a necessidade de a consciência evoluir num estágio acima, ou seja, chegar até a altura de poder reconhecer a essência do ser, o que equivale a dizer poder reconhecer o espiritual dentro do fenômeno.

É claro reconhecendo todo o aparente como fenômeno –o dado- e a essência –o wesen-, oculta como o espiritual, percebemos que podendo reconhecer o espiritual no fenômeno homem estaremos recuperando a espiritualidade da humanidade.

Quando o homem começar a reconhecer-se como um ser espiritual na aparência material, estaremos dando o primeiro passo no sentido de encontrar acesso à saúde anímica. E só quando começarmos esse processo terapêutico poderemos pensar em erradicação da violência em todos os gêneros e níveis. Somente quando o homem se torna capaz de reconhecer o espírito em si mesmo é que ele consegue respeitar-se a si mesmo e ao seu semelhante.

Data : 25/01/1986

Título : Sexualidade em discussão

Categoria: Artigos

Descrição: Procurei mostrar-lhe que o primeiro passo na direção do certo é a busca do conhecimento científico, isto é, primeiro a teoria, depois a prática.

SEXUALIDADE EM DISCUSSÃO

Dia desses ao adquirir um livro sobre sexologia, mais precisamente sobre o orgasmo feminino, a balconista inqueriu-me sobre o valor de ler obras de tal gênero, se adiantava alguma coisa. Procurei mostrar-lhe que o primeiro passo na direção do certo é a busca do conhecimento científico, isto é, primeiro a teoria, depois a prática.

As teorias, embora não nos deem a verdade, é o instrumento absolutamente necessário para rompermos o marasmo estabelecido pelo dogmatismo, seja dito "científico," religioso, ou da tradição. As teorias fazem os assuntos serem polêmicos e isto mexe com as ideias, com as emoções e com os preconceitos, e isto é muito bom:

É evidente que não devemos admitir a teoria como se ela fosse a própria verdade. Devemos polemiza-las, discuti-las, experimentá-las. Só quando reconhecemos que elas coincidem com os fatos concretos é que podemos admiti-las como verdade.

Hoje, em pleno fim do século XX, se polemiza menos que há 40 anos atrás. Isto deve ser em grande parte por causa dos 20 anos de ditadura e obscurantismo emposto pelo regime militar. Aprendi em meu tempo de caserna que militar não pensa. Militar cumpre.

Pois bem. Entre as grandes causas de distúrbios da vida afetiva estão sem dúvidas as desarmonias da vida sexual. Não só da sexualidade genital, mas do aspecto afetivo da sexualidade. E isto preocupa-nos e muito, porque o próprio amor aos filhos vai depender do quanto o relacionamento da mulher com seu companheiro é gratificante tanto no aspecto sexual, quanto no afetivo.

Freud e seus seguidores podem não ter razão total quando pretendem explicar tudo, tanto da personalidade doente, quanto sadia, inclusive a espiritualidade e a arte, partindo da sexualidade, mas não há dúvidas quanto a importância da sexualidade na vida humana. Isso é verdade sem sombra de dúvida.

Sexo foi o tabú dos tabus até o advento da Psicanálise. Hoje, cento e tantos anos após sexo só não é tabu para os especialistas. Para o povo em geral, continua sendo, apesar de já se falar um pouco mais sobre o assunto,

Mas é curioso, que nos livros didáticos não se encontra uma gravura que permita uma compreensão clara do aparelho genital. Só esquemas.

Atualmente fala-se em liberação sexual da mulher. E de fato a mulher em muitos casos passou a sentir o direito de ter uma vida sexual própria. Mas tudo não passa de admitir seu direito ao fruimento do prazer proporcionado pelo sexo. O mais importante, que é o conhecimento, a reflexão, tanto sobre as questões biológicas, como sobre as

psicológicas da sexualidade, isto ainda se encontra fora das cogitações da maioria das pessoas.

Podemos afirmar com base na experiência clínica, que a propalada liberação sexual da mulher é somente no aspecto físico, quanto ao ato sexual em si. No aspecto psicológico e nas repercursões, no social, a mulher ainda está presa aos preconceitos quase como há duzentos anos atrás, podendo-se dizer a mesma coisa com relação aos homens. Aliás, como este é um assunto que diz respeito a homens e mulheres, é então necessário que ambos despertem e comecem a conversar sobre o assunto com seriedade e honestidade, embora eu ache difícil que os homens se disponham a fazê-lo.

É sabido através de estatísticas da especialidade de ginecologia, que cerca de 70% das mulheres tem problemas na área da realização orgásmica. Estes vão desde dificuldades não muito graves até à anorgasmia, levando a situações neuróticas gravíssimas, com repercussão em todos os níveis da vida individual familiar, social, e profissional.

As consequências do despreparo quanto à vida sexual por parte de homens e mulheres são tão graves, que chegam a ser; responsáveis por grande parte das causas das doenças mentais nas mulheres. Mas mesmo que não cheguem a tanto em nível individual, as repercussões no relacionamento familiar são gravíssimas.

Num espaço curto como este, não é possível falar mais ampla e profundamente, o que poderá ser feito em outras oportunidades, Em todo o caso já existe uma extensa literatura sobre o assunto, que poderá ser encontrado nas boas casas de livros científicos.

25/01/1986

Data : 05/02/1986

Título : Ambição de poder pessoal é doença

Categoria: Artigos

Descrição: Este artigo tem apenas a intenção de chamar a atenção para o assunto e para o perigo que representa o poder pessoal.

Ambição de poder pessoal é doença

A afirmação do título pode parecer extrema e provavelmente muita gente discordará. Mas é possível demonstrar sua veracidade para todo aquele que se dignar a abrir mão de uma atitude preconceituosa de defesa embora só seja possível em um artigo jornalístico apenas alinhar alguns pontos evidenciadores da anomalia psíquica que significa a ambição de poder pessoal.

Este artigo tem apenas a intenção de chamar a atenção para o assunto e para o perigo que representa o poder pessoal, tanto para o indivíduo, que é possuído por essa

ambição, , quando ele conquista o poder, quanto para uma sociedade que se deixa seduzir e dominar por ideologias ditatoriais.

Exemplos disso não faltam, bastariam os vinte anos de bestialidades que vivemos no Brasil com a famigerada ditadura militar sustentada pelos políticos marionetes.

A necessidade de poder pessoal é uma grave anomalia da vida afetiva do ser humano e se desenvolve por uma distorção grave de uma necessidade natural e sadia que é a de ser amado, de ter significação e importância para os outros.

O ambicionamento de poder pessoal, sua conquista e manutenção é uma forma distorcida de preencher uma lacuna na vida afetiva, gerada por insuficiência do amor dos pais, ou mesmo pela ausência do amor.

O ambicionamento de poder pessoal é acima de tudo uma personalidade doente. E nem precisa ser especialista em saúde mental para saber disso, pois a história, essa preenche de exemplos de grandes e pequenos ditadores, cujas personalidades sofrem de graves distúrbios percebidos por qualquer um que não seja muito ingênuo ou deficiente mental.

Muito frequentemente pessoas que tudo fazem para continuarem detentores do poder, o fazem com a finalidade de compensar suas insuficiências sexuais e até mesmo a impotência.

Muitas vezes por trás da ambição de poder pessoal se aninham fortes impulsos homossexuais latentes.

Alfred Adler um dos grandes esteios do Movimento da Psicologia científica e da Psicanálise, junto com Sigmund Freud e Carl Gustav Jung foi quem desenvolveu a teoria de Vontade de Poder como sendo geradora dos complexos e das neuroses.

Adler ficou pouco conhecido mesmo nos meios psicológicos, mas talvez a sua teoria seja aquela que aponta para os fatores fundamentais que inclusive tornam possível o surgimento das neuroses provocadas pelos distúrbios psíquicos relativos à sexualidade.

Chamada a atenção para alguns aspectos da patologia da ambição de poder pessoal, passemos a examinar o problema nos âmbitos familiar, educacional, social e político.

Dentro do ambiente familiar as conseqüências são calamitosas na medida em que o individuo exerce uma ação repressiva e castradora sobre os filhos, de tal forma que inibe o desenvolvimento, tanto afetivo, quanto da capacidade de criatividade, iniciativa e liberdade.

No ambiente educacional escolar o mal causado por um professor autoritário é também desastroso, seja porque a escola deixa de proporcionar condições para o desenvolvimento integral, seja porque ainda inibe, bloqueia e ainda porque o professor exerce essa influencia maléfica sobre muitas crianças e jovens por um tempo muito grande. Sendo a escola uma necessidade, o educando acaba por ter que submeter-se à opressão ou enfrentá-la, passando a ser considerado como mau elemento, como perturbador.

É por tal forma que se cria uma atitude de oposição irracional e revolta contra tudo o que significa ordem ou disciplina, mesmo normal. Em suma torna-se uma pessoa inadaptada socialmente, agressiva. Essa atitude se espraia para o campo social, onde este indivíduo não poderá desenvolver uma conduta colaboradora. Muito provavelmente esta pessoa não terá capacidade de auxiliar a criar um clima social de cooperação e liberdade em lugar nenhum, no qual tenha posição de direção ou chefia. Terá tendência a ser autocrático.

Agora no acampo político em que é necessário ter compreensão, ampla tolerância para com as diferentes posturas ideológicas, o individuo autocrático, que usa o poder para satisfação de suas necessidades patológicas pessoais, é pior que câncer, é pior que AIDS, porque sua ação destrói a capacidade de iniciativa das comunidades, fazendo tudo depender de um poder centralizador e doentio.

Em política não pode haver projetos pessoais. Uma política sadia, feita por homens sadios, deve ser isenta da ambição de poder pessoal. O político deve trabalhar no sentido de realizar as sadias aspirações do povo, criando condições para que ele, o povo, se torne cada vez mais consciente, mais independente, mais livre.

Quanto mais os indivíduos se tornarem capazes de auto-administrarem, quanto mais as comunidades, municípios, cidades, distritos, bairros forem capazes de encontrarem as soluções para seus problemas por si mesmas, melhor será para a nação e para a humanidade.

É, pois dever ético do político abrir mão da ambição de poder pessoal. Ele deve trabalhar para que os projetos políticos e sociais possam nascer das consciências de todas as pessoas aptas, isto é, que estejam no gozo da normalidade de suas faculdades psíquicas.

A ação política deve ser impulsionada por idéias e as idéias básicas devem ser aquelas que tornam possível o florescimento dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, tais como são entendidas na doutrina de trimembramento social.

O projeto político e social deve ser da comunidade, mesmo quando a ideia tenha nascido da consciência de um único homem, pois ninguém, por mais sábio ou iluminado que seja, tem o direito de querer impor uma ideia, pois mais pura e sabia que seja.

Quando alguém tiver uma ideia genial, que possa melhorar a vida de uma comunidade é preciso que essa comunidade queira realizar essa ideia. Ela não pode ser imposta, sob pena de perder a sua força. Na verdade uma ideia só tem força quando os homens podem reconhecê-la como verdadeira e desejam realizá-la. Então o que o autor ou seus seguidores devem fazer e podem, é levar essa ideia para os homens do povo para que eles examinem criteriosamente e decidam em liberdade se querem realizá-la ou não. Nem mesmo persuasão deve ser usada. Tudo quanto é eticamente permitido é persuadir as pessoas a examinar a ideia com maior rigor critico possível.

Uma ideia só se torna realmente vitoriosa e tem condição de se tornar realização duradoura quando assimilada e tenha passado a fazer parte da índole do povo.

Só em tais condições o político adquire a confiança, admiração e o respeito do povo.

Data : 17/04/1986

Título : Dia de paralisação do magistério

Categoria: Artigos

Descrição: Várias foram as razões apresentadas e todas elas justas: mais verbas para a educação, melhores salários

Dia de paralisação do magistério

Várias paralisações greves já foram deflagradas pelo magistério. Várias foram as razões apresentadas e todas elas justas: mais verbas para a educação, melhores salários, melhoria do ensino, eleição de direção das escolas, etc. No entanto é possível afirmar que o ensino tenha melhorado? Pelo que temos percebido não houve a melhora pretendida(?). E por que não melhorou?

Há poucos dias lemos notícias em que a Universidade de Passo Fundo afirmava considerar-se também responsável pela deficiência do ensino, uma vez que reconhecia estar preparando muitos professores. Concordo com isso. Pois é sabido o baixo nível de exigência já para o ingresso na Universidade pelo tipo de exame vestibular que é realizado, no qual não é exigido nem um desempenho mínimo de 50% de domínio de conteúdo daquilo que deveria ser o programa do currículo do 2º Grau. Por outro lado é preciso que se lembre que não é só a Universidade que prepara professores. Temos as escolas, com os cursos de formação de magistério para o atendimento das séries de currículo por atividade. Estes professores são responsáveis pela base no processo de ensino aprendizagem. No caso de o seu trabalho não ser bem feito, ninguém mais conseguirá realizar um ensino correto daí para diante, porque, mal formado os alicerces não será mais possível construir um edifício sólido.

A questão do ensino-aprendizagem também não é só um problema de competência do professor (embora esta seja indispensável). Além de problemas de metodologia, vocação e competência, há outros problemas muito sérios, que exigem atenção. As condições ambientais são de extrema importância. Uma sala de aula em que não haja condições de silêncio, não oferecerá condições da criança se concentrar. Portanto é um absurdo que se tenha que dar aulas de educação física em frente às salas onde estão as crianças recebendo aulas que exigem concentração. É mais que sabido que nas melhores condições, uma criança pode concentrar a atenção no máximo por cinco minutos. Além disso, há um número imensamente grande de crianças com distúrbios de atenção provocados por disfunções neurológicas, distúrbios emocionais, deficiências nutricionais crônicas, fome aguda, frio por falta de agasalho ou calor, por falta de condições adequadas nas construções das salas de aula.

Todo esse quadro calamitoso agravado pelo despreparo, dos professores, não tem sido avaliado e recebido a devida atenção; quer seja das autoridades administrativas ou educacionais. Portanto penso ser mais que hora de tanto os educadores, quanto os mais interessados na educação que são os pais, comecem a discutir com interesse, honestidade e sinceridade essa realidade infelicificante.

Penso que os professores poderiam, eles mesmos se rebelarem contra essa desorganização que a falta de professores em certas escolas e o excesso em outras, contra essa situação de existirem professores cumprindo carga horária incompleta, fenômeno esse que é crônico em nosso meio.

Há muitas questões que deveriam poder ser analisadas aqui, mas que o espaço não permite. Essas questões deveriam ser analisadas, pilos professores nos períodos em que; ficam nas escolas sem ter o que fazer. Seria perfeitamente possível, por exemplo: que os professores utilizassem o tempo vago, no qual deveriam ,estar trabalhando com alunos, mas que não estão, para organizarem sessões de estudos de questões metodológicas, aspectos psicológicos da educação aspectos sociais e também para auxiliá-la mútuo, estudarem os próprios conteúdos programáticos, enfim, melhorar o nível de cultura.

A educação que um ser humano é talvez a mais difícil tarefa a que o homem pode propor-se. E entre outras coisas exige-se do educador que ele seja culto e ainda que seja vocacionado. Sem dúvida uma das desgraças da atual ação educativa e de ensino é o fato de o professor estar mal preparado em todos os sentidos, não estar vocacionado para essa profissão e ainda em um número imenso de casos não estar dotado das condições exigidas em termos quociente intelectual (inteligência).Esta última situação provocada pelo fato de não haver uma exigência de desempenho mínimo para ingresso nos cursos de,preparação ao magistério e ainda pelo sistema per missiva da famigerada "cola" e dos trabalhos em grupo.

Sei que muita gente não vai gostar do que estou dizendo; pois da outra vez que falei certas verdades a esse respeito recebi cartas anônimas ofensivas e ameaçadoras, que eu gostaria imensamente que não, tivesse sido obra de professor.

Data : 09/05/1986

Título : O trabalho é um direito fundamental do ser humano

Categoria: Artigos

Descrição: Sendo o trabalho o único meio através do qual o ser humano se realiza.

O trabalho é um direito fundamental do ser humano

Várias vezes já tratei em artigos a questão do significado e valor do trabalho, tanto no sentido econômico como ético.

Defini o trabalho como uma atividade humana consciente, determinada, organizada, sistemática e com objetivo de produzir bens que satisfaçam as necessidades humanas, tanto os materiais quanto as anímico-espirituais, proporcionando ao trabalhador a possibilidade de sentir-se útil e de realizar-se como personalidade.

De todos objetivos penso que aquele que permite realização da personalidade como um ser ético é o mais importante por encerrar em si um fim ultimo, que exige todos os outros objetivos como pré-supostos essenciais.

Compreende-se, portanto, que, sendo o trabalho a condição fundamental para o desenvolvimento do ser humano como ser biológico e ético, ele, o trabalho tem que ser algo que sob hipótese alguma pode faltar ao ser humano, porque repito o trabalho é o único meio que permite o desenvolvimento do homem como individualidade. Daí se infere que trabalhar não é apenas um dever, mas muito mais um direito fundamental de todo o ser humano. E que negar ou cercear esse direito, é um dos maiores pecados que podem ser cometidos por alguém, porque sem isso o ser humano fica impedido de promover sua evolução.

Sendo o trabalho o único meio através do qual o ser humano se realiza, pode ser considerado não apenas como um instrumento de produção, um instrumento de economia. Mais ainda, não pode ser considerado como mercadoria, portanto não pode ser vendido nem comprado. Quando se trata a folha de trabalho como mercadoria se avilta o ser humano, porque força de trabalho é aptidão e aptidões são bens espirituais e estes não podem ser tratados como mercadoria. Como força de trabalho é aptidão espiritual só pode ser utilizada corretamente se posta a serviço do desenvolvimento integral do ser humano, em particular do desenvolvimento anímico espiritual.

Quando o trabalhador é considerado como mercadoria, isto é, quando o trabalhador é obrigado a vender sua força de trabalho se torna, seja no capitalismo ou no socialismo estatal nunca se criam as condições pra um desenvolvimento harmônico de todos os seres humanos e a própria organização anímico-espiritual é consumida impedindo a evolução do homem. É uma espécie de vampirismo o que ocorre.

Pensamos que se os homens conseguirem reconhecer as afirmações acima em sua verdade poderemos encontrar uma saída para o impasse Capitalismo x Socialismo estatal.

A saída se encontra na possibilidade de a sociedade organizar-se de tal modo que as empresas de produção de mercadorias não pertençam nem ao Estado, nem a um indivíduo, ou indivíduos em particular. Mas que pertençam a aqueles que delas se beneficiam, ou seja, a todos os membros das comunidades sociais.

Como uma sociedade organizada, todos serão de certa forma produtores e consumidores poderão organizar-se, sociedades de produtores e sociedades de consumidores. Estes em conjunto determinariam o que e quanto é necessário produzir, bem, como o valor justo dos diversos produtos. Assim as empresas produziriam para satisfazer as necessidades dos membros das comunidades sociais e não para simplesmente satisfazer a ganância de alguns com obtenção de lucros sem respeitar as reais necessidades dos homens.

Data : 25/06/1986

Título : Socialismo sem traumas

Categoria: Artigos

Descrição: A transformação social segue dois caminhos: um é o da transformação através das idéias...

Socialismo sem traumas

Quando se fala em construir um regime social que oferece condições de vida digna e de desenvolvimento para todos, há uma grande porção a sociedade que se assusta com essa possibilidade porque isto é socialismo. Acontece que essa doutrina social, que desde muito vem sendo uma aspiração de uma considerável parte de pensadores sociais e filósofos, acabou tendo que ser imposta através de um processo revolucionário violento, mas a violência não é inerente do processo de transformação social. Ela só acontece porque aqueles que a todo custo querem impedir a transformação da sociedade e o fazem usando todas as formas de violências contra aqueles que não têm o poder do dinheiro e o das armas, o povo obreiro o proletariado.

A transformação social segue dois caminhos: um é o da transformação através das idéias, que pode ser realizado através da análise da realidade social pelo mundo adulto que compreende e reconhece que a sociedade é viva e não pode e não deve ser detida em seu movimento em direção à criação de um regime social que ofereça as mesmas oportunidades para todos os seres humanos, permitindo a cada um desenvolver-se segundo suas potencialidades, respeitando as diferenças individuais, e ou através da educação das crianças e jovens de modo que ao se tornarem adultos sejam capazes de reconhecer a realidade do processo de evolução social e dessa forma virem a ser colaboradores para o desenvolvimento e não indivíduos medrosos e reacionários pois que todo o reacionarismo tem como causa o medo do novo. O segundo caminho, que não dispensa as idéias impulsoras, é o da revolução, o qual exige a ação energética para poder remover a violência do poder econômico aliado ao poder das armas. Naturalmente que a ação revolucionária não é a melhor, seja porque leva a muita destruição tanto de bens como de preciosas vidas, e ainda porque os resíduos reacionários são sempre muitos, os quais determinam reações revanchistas e ainda por não ter sido transformado a mentalidade criando uma compreensão para o processo de transformação social, mesmo as classes beneficiadas, mas que ainda estão impregnadas da mentalidade burguesa capitalista, terão sempre a tendência e reconstruir o sistema antiquado.

Em virtude disso tudo, penso que devemos adotar uma estratégia política que se valha do caminho das idéias e da educação. Assim é que, deveriam criar cada vez mais centros de educação que prestassem toda a assistência necessária as crianças na idade escolar dos sete aos quatorze anos. Mas como os problemas não se criam nessa fase, e sim nas anteriores, se deverá criar centros de assistência integral às crianças de zero a sete anos, quando elas passariam as escolas de primeiro grau. Mas a assistência a classe proletária precisa começar bem antes. Ela deve ter início com uma ação seria de assistência a gestante, ação esta que não se restringirá a um mero acompanhamento médico por melhor que ele seja.

A assistência à gestante deverá atender tanto o aspecto médico pré-natal, ao atendimento à parturiente e neonatal, incluindo a satisfação das necessidades nutricionais para a própria gestante, pois é sabido que sem um regime alimentar especialmente rico em proteínas o cérebro da criança não terá uma formação e desenvolvimento adequados que permitam o indivíduo ter condições de aprendizagem escolar e vital necessário para que se tenha uma população capaz de pensar e discernir o que é certo e bom para o indivíduo e para a coletividade.

É bom que se diga e que se saiba que todas as pessoas, que se opõem a uma ação deste gênero estão contribuindo para que se crie um estado de coisas a qual conduzirá, a uma situação de tensão, em que a parte oprimida do povo, não mais podendo suportar a miséria acabara tendo que realizar o avanço social pela força. E é bom ainda que se tenha consciência de que isto que estou dizendo não é nenhuma fantasia, pois a história no-lo demonstra que as coisas tem se processado assim e que assim se processarão no futuro próximo. E não adianta querer opor-se a transformação social, porque ela é um processo inexorável, ninguém a poderá deter. A questão é decidirmos se queremos que as coisas se realizem de uma forma inteligente e pacífica, ou se queremos ser burros e dessa maneira, legarmos o caos e a violência para nossos descendentes.

Data : 17/09/1987

Título : Vida confinada e áreas verdes

Categoria: Artigos

Descrição: Desde que cheguei a Passo Fundo dei-me conta a 13 anos atrás que essa cidade iria crescer como as outras, no sentido vertical,

Vida confinada e áreas verdes

Desde que cheguei a Passo Fundo dei-me conta a 13 anos atrás que essa cidade iria crescer como as outras, no sentido vertical, trazendo consigo todas as consequências que derivam deste fato. Escrevi vários artigos sobre o título: Grandes concentrações residenciais geram neurose.

Em uma série de outros artigos eu procurei a comunidade e as autoridades administrativas para a necessidade de áreas verdes e áreas de recreação, especialmente para crianças e jovens. Felizmente já tem sido feito muitas coisas para entidades particulares. Mas esses locais servem apenas a uma população restrita, que é a que possui um poder aquisitivo razoavelmente bom. E as populações pobres como é que ficam? O poder público nada fez no sentido de dotar a cidade com áreas verdes, pelo menos.

Nossa cidade é pelo seu porte e população uma das menos desprovidas de condições de recreação pública. A população pobre simplesmente não tem o que fazer nos dias de descanso a não ser talvez meter-se num boteco qualquer e encharcar-se de cachaça.

Realmente os nossos homens públicos não entendem nada do que significa o valor da recreação como fator de recriação de energia e boa disposição para a vida familiar e ainda melhor rendimento no trabalho. Nossos administradores parecem que ainda vivem na Idade Média.

É urgente que se tome consciência que o ser humano necessita somente de um local para abrigar-se, roupa e comida, coisas essenciais, que também estão faltando na mesa

das populações pobres, mas que necessita também de condições para recreação. Quem sabe quanto mal, quanto desvio de conduta seriam evitados, se as populações desfavorecidas tivessem locais para recreação organizada e sadia? Uma pessoa que tenha participado de um passeio, de uma competição esportiva, ou outra forma qualquer de recreação terá menos necessidade de buscar satisfação na bebida ou em qualquer outra atividade destrutiva.

É por essa razão e também porque a cidade de Passo Fundo cresce no sentido vertical concentrando e ao mesmo tempo isolando as pessoas particularmente as crianças de apartamento, que é preciso pensar muitas vezes antes de tomar uma decisão como essa de instalar um posto de abastecimento de combustível na antiga gare da Viação Férrea, coisa que completamente desnecessária viria desconfigurar a paisagem do Parque da Gare.

Conquanto se tenha que reconhecer a capacidade de trabalho do Prefeito Carrion e sua boa administração, temos que dizer que é realmente uma ideia muito infeliz. E mais, que sua administração esteve completamente alienada no que diz respeito ao atendimento de necessidades que não beneficiem direta e principalmente as classes mais favorecidas. É verdade que calçamento de ruas por onde trafeguem veículos de transporte coletivo trazem benefícios a todos, mas principalmente a aqueles que prestam esses serviços. Além disso todo mundo sabe que existe um programa federal de verbas para melhoria dos transportes urbanos. E mais, que o montante apurado como desconfiguração da área da Gare não resolveria o problema.

Senhor Prefeito, peço que pense melhor no assunto, porque talvez o senhor seja aplaudido por aqueles que não estão entendendo bem a questão, mas será severamente censurado no futuro, quando a população se der conta de que se enganou.

Senhor Prefeito pode ser que o senhor não de muita importância para os aspectos que eu assinei, mas é bom pensar e não esquecer que recreação é necessária para o ser humano e que beleza é fundamental para educação de um povo. Se beleza não fosse importante para modelar a alma humana a Igreja Católica e outras religiões não teriam investido tanto em beleza.

Se o senhor ler ou tomar conhecimento deste artigo, fico-lhe grato pela atenção, e de consciência tranqüila por tê-lo advertido, pois é tudo que posso fazer.

Data : 21/07/1988

Título : O Senhor general e a máquina do tempo

Categoria: Artigos

Descrição: Contou-me um velho soldado: "Certa feita, eu era ordenança do Sr. general."

O Sr. general e a máquina do tempo

Contou-me um velho soldado:

“Certa feita, eu era ordenança do Sr. general.”

O Sr. general passava os dias atrás de uma mesa muito bonita, que deveria ser muito cara, fazendo NADA.

Um dia o Sr. general estava cansado, cansado de nada fazer (mas que pode um general fazer em tempo de paz?). Eu limpava os cinzeiros, tirava o pó de cima dos móveis, abria e fechava as janelas colocando mais luz ou mais penumbra dentro do gabinete de S. Excia. E servia café para o senhor general ficar acordado, talvez para viver melhor o seu tédio.

Um certo dia o Sr. general perguntou-me se era possível para o tempo. Eu lhe disse que consta na História Sagrada que Deus uma vez fez parar o Sol para quem um general seu protegido ganhasse uma batalha. Mas eu cá por mim acho que se deus quisesse fazer algo no gênero, teria parado a Terra em seu giro e não o Sol, que já está parado. E disse-lhe ainda que já haviam inventado uma máquina que não fazia parar o tempo, mas o fazia andar bem lentamente.

Então o sr. general encarregou-me de conseguir a tal máquina, pois que se um dia tivesse que travar uma batalha, não tendo a certeza de ser o protegido de Deus, como o general da História sagrada, e se Ele iria parar o Sol, sempre seria bom poder retardar o anoitecer.

Eu como todo o bom soldado, não discuti a ordem e tratei de consegui a dita máquina. Foi assim que fiz trazerem-lhe um enorme relógio de parede, desses que fazem tic-tac-tic-tac enervante. Eu disse-lhe: eis a máquina que retarda o tempo!

-Mas isso é um relógio, soldado!

Eu sei. Mas como o sr. não tem nada que fazer, fique olhando esse relógio o dia inteiro. O sr. vai ver como os minutos parecerão horas. S horas parecerão séculos. O seu dia parecerá infinito.

O senhor general, que não era um general truculento (a truculência em geral vai de cabo até coronel) achou interessante e aceitou a minha sugestão. E como nada tivesse, fez o que lhe sugeri.

Ao cabo de algumas horas não agüentava mais. Tinha a impressão de que iria enlouquecer. Pediu-me então que conseguisse uma maquina que fizesse o tempo passar bem de pressa. Então eu disse-lhe; senhor general, com todo o respeito que sua patente merece, essa máquina não existe. A única coisa que faz o tempo passar depressa é TRABALHAR. Aí ele retrucou que então estava perdido, porque nunca fora ensinado a fazer isso.

Aqui acaba o relato do velho soldado ordenança. Não sei se isso é verdade. Não me responsabilizo se alguém sentir-se ofendido. Eu apenas transcrevi o que o velho soldado me contou há muitos séculos. Agora, que não ter o que fazer torna as horas intermináveis, isso torna. E mais, que fazer algo útil faz o tempo voar, isso faz.

Data : 05/11/1999

Título : A crise na educação e ensino

Categoria: Artigos

Descrição: A crise e a degradação da educação e ensino no Brasil, e especialmente no RS teve seu início a partir do golpe e instauração do regime (ditadura) militar de 1964.

A crise na educação e ensino

A crise e a degradação da educação e ensino no Brasil, e especialmente no RS teve seu início a partir do golpe e instauração do regime (ditadura) militar de 1964.

Até 1964 a escola e o sistema educacional públicos no RS eram reconhecidos, sem sombra de dúvida, os melhores de todo o país.

O Estado tratava os profissionais da educação com dignidade e lhes proporcionava uma remuneração que lhes permitia viver dignamente, satisfazendo as necessidades fundamentais de moradia condizente, alimentação, saúde, vestuário, recreação e educação de seus filhos até o nível universitário.

A profissão de educador era respeitada e os professores desfrutavam de um “status” social elevado.

Os cursos de formação de Magistério eram disputados e procurados por jovens vocacionados e bem dotados intelectualmente (alto nível de inteligência).

Com o golpe de 1964 e a instauração da cultura militar (travestida de democracia) foi dado início ao desmantelamento do sistema educacional. De modo que essa profissão deixou de ser atrativa, ocasionando que os jovens bem dotados intelectualmente e até vocacionados para o trabalho em educação, foram desestimulados a procurarem os cursos das Faculdades de Educação.

Como eram bem dotados passaram a procurar outros cursos, cujo exercício da profissão lhes proporcionaria melhores condições de realização pessoal e profissional, melhor “status” econômico e social.

A partir daí os cursos de formação de professores passaram a ser procurados em geral, por aqueles jovens menos dotados intelectualmente, os quais não tinham condições de disputar vagas nos cursos que ofereciam maiores perspectivas de realização econômica pessoal e social.

Em razão do acima exposto, as próprias faculdades rebaixaram o nível de exigência para ingresso e desempenho escolar para obtenção do grau universitário do educador. Daí resultou profissionais menos vocacionados e menos competentes, salvo honrosas exceções.

Na época antecedente ao golpe e a ditadura militar, para o acesso a universidade, era exigido um desempenho e domínio mínimo dos conhecimentos ministrados até o ensino de 2º grau de 50%. Somente a partir daí, o aspirante a um curso universitário passava a ter condições para disputar a vaga para qualquer curso. Essa exigência foi eliminada, possibilitando o acesso aos cursos universitários, a bem dizer com qualquer nível de desempenho, especialmente nos cursos para formação de professores, os quais frequentemente o número de vagas é superior ao número de candidatos.

Após a “restauração” da democracia, o comportamento do poder público continuou sendo o mesmo que o estabelecido e exercido durante o regime militar, seja qual for a ideologia no poder.

Outro fator que influenciou e influencia na baixa qualidade do ensino público é a pretensa “filosofia” da “democratização” da escola pública.

Através dessa “filosofia”, passou a serem colocadas na mesma sala de aula, crianças e jovens bem dotados intelectualmente e menos dotados até mesmo limítrofes e infra dotados. (deficientes mentais).

É evidente que além dos fatores antes citados os professores, mesmo aqueles vocacionados e competentes não podem realizar um ensino de bom nível, porque tem que nivelar o ensino por baixo, impedindo assim o desenvolvimento das potencialidades dos bem dotados intelectualmente e não podendo dar um atendimento adequado aos limítrofes (baixo nível intelectual).

Enquanto isso a escola particular, que antes do regime militar era de alta qualidade inferior a escola pública melhorou o nível do ensino e elitizou a educação, pois ela (a escola particular) só admite educandos oriundos de famílias melhores estruturadas e de alto nível econômico e social.

Dessa forma percebemos que está havendo cada vez mais uma elitização da sociedade, determinando a ascensão dos afortunados sobre a classe dos menos abonados, os pobres, os operários, privando-os do acesso às classes mais elevadas, condenando-os à opressão e submissão aos poderosos.

Acredito que das breves considerações acima, seja possível a todos que ainda têm algum poder de discernimento, reconhecer a origem da crise que vem se abatendo sobre

o ensino público e também aos governantes é possível reconhecer tal constatado de fatos, pelo menos aos que conscientemente não são adeptos da “filosofia” vigente, instituída pela ditadura militar. Daí é possível partir para uma reflexão mais profunda e encontrar a solução para essa situação escabrosa.

O regime ditatorial foi formalmente abolido, mas o seu ranço talvez tenha contaminado até mesmo aqueles que se dizem defensores da ideias sociais. Na prática continuaram a proceder da mesma forma.

Data : 17/11/2000

Título : É preciso agir antes que o caos social tome conta do Brasil

Categoria: Artigos

Descrição: Nos últimos tempos a sociedade brasileira se encontra apavorada com a onda de violência e tem tomado algumas iniciativas...

É preciso agir antes que o caos social tome conta do Brasil

Finalmente surge uma mente e uma voz esclarecida: O Juiz do trabalho, Dr. Francisco Rossal de Araújo. Presidente da Associação de Magistrados do Trabalho (Amatra, expõe em seu artigo “Desemprego e violência” (O Nacional, de 10/11/00) em clarividentes palavras a relação entre falta de trabalho e remuneração digna e violência.

No meu entender, deveríamos acrescentar a deficiência e a falta de um sistema educacional público em que crianças e jovens fossem eficientemente preparados para a vida, tanto no sentido de uma formação sólida para o desempenho das funções de trabalho como cultural de valores éticos.

Em artigo “A crise na educação e ensino” (O Nacional, de 05/11/99), procurei mostrar como a ditadura militar imposta ao povo brasileiro pelas armas a partir do golpe de estado de 1964, a crise de degradação do ensino público começou e não cessou mais de se aprofundar, tendo como fator de grande influência o aviltamento salarial do professor, fazendo com que jovens bem dotados de inteligência, passassem a procurar cursos que oferecessem melhores chances de realização e , os cursos de formação de professores fossem procurados pelos menos dotados uma vez que não havia mais concorrência.

O referido golpe de Estado havia sido tentado em 11 de novembro de 1954, tendo sido abortado. Naquela época eu ainda era militar da Força Aérea Brasileira e éramos doutrinados a apoiar o movimento que, segundo eles, se destinava a mudar a política econômica nacionalista para permitir a entrada de capital estrangeiro, diga-se de passagem, norte-americano.

Esse movimento era liderado por oficiais ligados a União Democrática Nacional (UDN). A Diretoria das Rotas Aéreas, hoje Diretoria Eletrônica era, por assim dizer, o Quartel General dos golpistas, onde frequentemente comparecia o Jornalista Carlos Lacerda, um dos líderes para reuniões.

A UDN e os partidos que dele derivaram, bem como o Partido Social Democrático (PSD), são defensores de uma ideologia eu quer impedir que as classes trabalhadoras se tornem esclarecidas e questionem os “status quo” que sejam capazes de tomar seu destino nas próprias mãos. Querem que tudo fique como esta, ou pior se for possível. A única coisa que lhes interessa é que quando não for possível substituir o operário pela máquina, que ele seja eficiente, produtivo para geral mais lucro. A fome, a miséria, o atraso do povo não tem nenhum significado para essa gente.

Nos últimos tempos a sociedade brasileira se encontra apavorada com a onda de violência e tem tomado algumas iniciativas, que apesar da repercussão não passam de românticas: pessoas com faixas brancas clamando por paz, mesmo que essa paz seja conseguida com mais polícia nas ruas, providencia que seria inútil, já que a própria policias não tem mais segurança e vive com medo dos delinqüentes. Cometem o equívoco de pensar que a questão social pode ser tratada como um caso de polícia, transferindo o problema para a jurisdição.

Infelizmente as pessoas, a sociedade em geral, as elites econômicas e intelectuais, das quais se esperaria serem pensantes, estão alienadas e tanto quanto possível enclausuradas atrás de grades, protegidas por cães ferozes e toda parafernália dos recursos mais sofisticados de proteção. E enquanto isso, o caos toma conta do Brasil. E isso, infelizmente, é só o começo da desgraça.

Uma criança e um jovem sem alimento, sem escola com ensino eficaz, sem condições de confiar no futuro, têm todas as chances de se tornarem um delinqüente, pois, o que pode esperar da vida nessas condições? Qual o caminho a seguir, se não há caminho?

No Brasil não existem estatísticas, mas podemos presumir, à grosso modo, que em toda a população delinqüente, incluindo desde o “ladrão de galinhas” até o “ladrão de colarinho branco” – e como os há! Não chegará a 10% o contingente de sociopatas (psicopatas). O restante é constituído por pessoas que não tiveram oportunidade de estudo e trabalho, habitação, saúde, lazer e remuneração digna.

Enquanto a sociedade como um todo não tomar consciência dessa realidade, a situação só piorará. É necessário que as entidades que tem contato e ascendência sobre a sociedade como as religiosas, parem com o discurso de que fizeram a opção pelos pobres e se dediquem a esclarecer a seus fieis e o povo em geral: que os partidos políticos que defendem idéias sociais, mudem do discurso vazio para a ação concreta durante todo o tempo, levando ao povo as informações e orientações de como organizar e agir na defesa dos seus direitos como seres humanos. Não é só em época de eleição que devem chegar até o povo.

Se as entidades que dizem se interessar pelo destino do povo não agirem rapidamente, ajudando-os a distinguir entre um cordeiro e um “lobo vestido com pele de cordeiro”, elegendo indivíduos que se apresentam com discursos de idéias sociais e tão logo assumem o cargo “viram a casaca”, vendem-se ao opressor.

É preciso dar um basta a essa situação antes que o caos tome conta do Brasil!

Data : 31/01/2001

Título : O capitalismo é o que sobrou?

Categoria: Artigos

Descrição: Eu estava pensando durante algum tempo em que teria ele se baseado para fazer tal afirmação alegórica. Não encontrei outra razão que não fosse o fato da tentativa frustrada de imposição do regime comunista totalitário.

O capitalismo é o que sobrou?

Dr. Getúlio Vargas Zauza – Psicólogo Clínico

Pelo menos é essa a opinião externada pelo meu amigo Jornalista Ivaldino Tasca, há algum tempo neste jornal.

Eu estava pensando durante algum tempo em que teria ele se baseado para fazer tal afirmação alegórica. Não encontrei outra razão que não fosse o fato da tentativa frustrada de imposição do regime comunista totalitário.

Para meu entendimento o pecado fatal do comunismo foi exatamente o de ser totalitário, dogmático, embora ele tenha nascido de ideias de igualdade nos planos econômico e jurídico, falhou terrivelmente por ter cercado a criatividade e a liberdade cultural e espiritual.

Por outro lado, não considerou um fator essencial, que é o estágio de evolução da consciência humana, apesar de na época da revolução comunista já ser mais do que sabido, desde que a Psicanálise desenvolveu alguns segredos do psiquismo humano, por não aceitar as descobertas de Freud, considerando a Psicanálise uma invenção burguesa. Ignorou portanto que o comportamento humano depende dos conteúdos do inconsciente. Nós que trabalhamos na área dos fenômenos emocionais e mentais, nunca exigimos ou propomos ao paciente que mude seu comportamento enquanto não tiver processado a mudança no inconsciente, a qual unicamente possibilita a sustentação da nova conduta, pois por mais que a pessoa se esforce e consegue viver segundo determinações legais, morais, religiosas ou propósitos, porque os impulsos partem sempre do inconsciente.

No entanto, o ideal de liberdade igualdade e fraternidade esta em perfeita harmonia com a doutrina crista e por conseguinte com a natureza do ser humano.

Esses três princípios devem ser entendidos: a) liberdade no domínio da vida cultural e espiritual; b) igualdade, no jurídico; c) fraternidade, no econômico.

Quanto ao principio Liberdade, como assim dito, deve ser exercido somente no seu devido domínio. Deve-se saber que ninguém pode julgar-se com liberdade para impor qualquer coisa a outrem em qualquer dos três domínios. Portanto ninguém é livre para privar alguém dos direitos do ser humano.

O comunismo proporcionou até certo ponto, em função da evolução dos dirigentes e do povo, a satisfação das necessidades materiais, facultou o acesso ao ensino em todos os níveis, mas do direito a liberdade nos domínios da cultura e da

espiritualidade. Esse foi o seu grande erro e também por acreditar ser possível realizar uma transformação social pela força.

Examinando a ação do capitalismo, o que constatamos, pelo menos nos países que se intitulam democráticos, é uma relativa liberdade nos domínios político, cultural e de crenças religiosas. Mas apesar de ser afirmado em suas Constituições a igualdade entre os homens, na prática o que se constata é a desigualdade.

Quanto a fraternidade (domínio econômico) nem é necessário comentar. A pobreza e a miséria entram até pelos olhos de quem não quer ver. Um imenso contingente de seres humanos não tem as mínimas necessidades satisfeitas, tais como moradia, alimentação, educação e saúde. O ensino público gratuito na constituição brasileira, por exemplo, como um direito fundamental, quando existe, é de péssima qualidade e os trabalhadores do ensino (deveria ser educação) constituem uma categoria desprestigiada, desvalorizada, quase marginalizada em função dos aviltantes salários. E diga-se de passagem, que todo o progresso de uma nação e da humanidade e da pessoa tem que passar pela educação.

Os políticos, quase todos, em seus discursos não se cansam de afirmar que educação é prioridade de suas futuras ou atuais ações administrativas ou legislativas, mas agem fazendo exatamente o contrario.

É pensável que na verdade eles nem saibam o conceito que o termo “educação” significa. Esse termo, segundo sua etimologia, deriva do Latim “educate” que por sua vez deriva de “ducere”, conduzir, acrescentando do prefixo “e”, conduzir para cima, quer dizer conduzir para cima as faculdades potenciais, promover o desenvolvimento do ser humano.

Uma semente antes de ser lançada ao solo e receber as condições adequadas para a germinação e crescimento é apenas uma potencialidade, quer dizer, ela tem a possibilidade de vir a ser uma planta, ou seja, vir a ser um feito e atingir a meta mais elevada.

Todo ser humano ao nascer é uma potencialidade. Ele necessita de condições adequadas para desenvolver-se e tornar-se uma realidade, isto é, capaz de produzir frutos segundo suas potencialidades desenvolvidas. Mas será que os responsáveis pelos destinos dos povos, em especial no Brasil, sabem quais são as potencialidades do ser humano?

Naturalmente nem todos os seres humanos tem possibilidade de desenvolver suas potencialidades no mesmo ritmo e na mesma época evolutiva. Nós, seres humanos, temos uma constituição orgânica e psíquicas muito complexas. Podemos citar simplificadamente: constituição genética, que até certo ponto depende das condições físicas ambientais para seu desenvolvimento; potencialidades psíquicas afetivas (anímicas), intelectuais (inteligência e aptidões) e espirituais.

Outra questão fundamental em educação é a concepção que se tem da natureza do ser humano, ser materialista ou espiritual. O educador deveria pelo menos considerar esse aspecto, porque conforme se concebe a natureza do homem, assim se conduz o resultado será diferente em cada caso, não só quanto a individualidade, mas também a sociedade.

Ora, nem o comunismo que nega a origem espiritual do homem, nem o capitalismo que só visa o lucro a qualquer custo, oferecem condições para o desenvolvimento integral do ser humano. Alias, o comunismo quer o homem a serviço

do Estado e o capitalismo que a serviço do capital (econômico). Na realidade todas, ou quase todas as instituições, inclusive as religiosas, querem o homem a seu serviço. Nenhuma existe e trabalha para o homem ou pelo homem, nem pela humanidade.

Do Jornal
O Nacional
Janeiro de 2001

Parte Dois

Na primeira parte deste artigo analisamos sinteticamente a causa de porque que não deu e nem poderia dar certo, apesar de que em sua origem o ideal seria criar uma sociedade justa, o regime comunista. Citamos ainda os princípios que deverão ser as três colunas mestras de uma organização social do futuro, quando a humanidade tiver levado sua consciência a uma altura evolutiva capaz de reconhecer a essência dos princípios da doutrina do Cristo.

Poderá estar distante esse futuro, mas a humanidade um dia chegara lá.

Quanto a opinião de muitos, que o capitalismo é o que sobrou, o que devemos pensar? Será que com isso querem dizer que não há mais alternativa? O regime comunista não deu certo? Se isso que vemos ai como capitalismo é o certo, então como entender e aceitar a exploração, a miséria que se alastra no mundo todo, pois mesmo em países ricos existe esse problema? Se quem afirma que o capitalismo é o que sobrou dentro do processo de evolução da sociedade humana estiver certo, estaremos com toda certeza condenados ao caos social absoluto. E isso já esta acontecendo, em particular em nosso país, onde a delinquência põe medo até em quem tem a missão de cuidar de nossa segurança.

Para bem da verdade dever ser dito (embora não haja estatística sobre o assunto) que entre a população delinquente, fichados ou não policia ou aprisionados, os anti-sociais (psicopatas) não passam de dez por cento (10%). Os noventa por cento (90%) recaíram na delinquência e no crime como consequência, por pura falta de perspectiva na vida, falta de escolaridade, preparação profissional e oportunidade de trabalho. Esse é o fruto do regime afirmado com o que sobrou.

Quem apenas tenha transido Historia sabe que a humanidade passou por varia transformações no decurso de sua evolução até a época presente, em particular quanto a organização econômica. Na organização da sociedade tribal a vida econômica é concebida de tal forma que todos os bens são pertencentes a todos os membros da comunidade segundo as necessidades e cada um. Na sociedade feudal, com suas classes sociais e respectivos direitos, primeiro a nobreza, em segundo lugar os proprietários e a nascente burguesa e finalmente o resto do povo que vivia na dependência dos senhores das terras sendo considerados quase como escravos. Na sociedade burguesa o poder passou para as mãos do dono do capital e o trabalhador continuou praticamente na mesma situação anterior, nascendo dai o atual capitalismo, que como o próprio nome indica é o primado do capital sobre o trabalho, quando é esse que gera a riqueza, pois que dinheiro sem trabalho não produz bens para satisfazer as necessidades humanas.

A sobrevisão das formas de organização antes citadas, basta para quem tem um mínimo de capacidade de análise de História entender que a sociedade humana e sua forma de organização social e por conseguinte, econômica, depende da evolução da consciência humana e que esta tem alcançado em cada época evolutiva da humanidade graus crescentes de capacidade de análise crítica e de reconhecer os erros, os defeitos e formas ultrapassadas, obsoletas de concepção, bem como descobrir e adotar novas formas adequadas com a época evolutiva. A opinião de que o capitalismo é a derradeira forma de organização econômica e que, portanto nada mais há a fazer é completamente ilusória, contrária as leis da evolução, não só da humanidade, mas também de todo o universo.

Como em épocas passadas as formas de organização submetidas a análise crítica e daí resultam novas formas, é auto-compreensível que as atuais também o sejam e surjam novas, que sejam coerentes como estágio de desenvolvimento da consciência humana.

Alias não é só no âmbito da organização social que os paradigmas sofrem mudanças, também quanto às concepções filosóficas, cosmológicas, científicas e religiosas. Sempre foi assim e assim será até o fim dos tempos, se isso existir. Por tanto, é um contra-senso afirmar que qualquer sistema é o que sobrou, como se estivéssemos decretando o estancamento da evolução da consciência humana e por consequência a social.

A nova proposta de organização social deverá não só respeitar, mas educar e estimular o respeito ao seus três princípios: Liberdade no domínio da vida espiritual; igualdade no jurídico; Fraternidade, no econômico.

Uma organização social que realmente queria ser a expressão da humanidade e pautar-se pelos fundamentos da Doutrina do Cristo tem que atender a esses três princípios.

Dentro dessa concepção, tudo tem que ser realizado visando o desenvolvimento integral do ser humano com ênfase para sua espiritualidade, mas também para o cultural e científico, bem como para o econômico, pois que ele é essencial para a vida material, enfim, de todas as suas potencialidades.

A vida econômica, segundo a nova proposta não se fundamentara no princípio do lucro como no capitalismo. O lucro poderá existir, mas será obtido mediante a racionalização dos meios de produção e pela eliminação do desperdício. A produção de bens (mercadorias) visa tão somente satisfazer plenamente as necessidades humanas e não aumentar o lucro e o capital. A liberdade, criatividade e iniciativa são totalmente livres desde que destinadas ao bem do ser humano, portanto não quando o homem interiormente livre pretenda fazer algo que seja prejudicial ao seu semelhante, inclusive quando gera danificação ao meio ambiente como é a prática do regime econômico em voga, que já chega a inviabilizar a vida em certos lugares e que em alguns séculos atingirá todo o planeta.

Naturalmente uma tal proposta só será exequível quando a humanidade tiver desenvolvido uma consciência ética bem mais elevada do que a atual, pela maioria da humanidade.

Para que se desenvolva uma tal consciência ética (cienteza moral) é necessário que primeiro seja capaz de reconhecer que as concepções que regem a conduta atualmente devem ser analisadas e submetidas ao juízo crítico e introduzir a nova concepção no processo educacional para que os jovens se desenvolvam com mais

capacidade de pensar, analisar, criticar e descobrir novas formas de conceber e organizar a vida social numa feição que seja coerente o estudo evolutivo da consciência e ainda serem capazes de adotar e sustentar uma postura a um só tempo enérgica e dinâmica, capaz de se auto-transformar.

Do Jornal

O Nacional

Janeiro de 2002

Data : 25/01/2002

Título : Profecias de Nostradamus e Indução de Catástrofe

Categoria: Artigos

Descrição: Como expressões desse tipo sempre vêm carregadas de energia de um afeto negativo e ameaçador, essa energia fica gravada no inconsciente

Profecias de Nostradamus e Indução de Catástrofe

Antes de entrar na exposição do tema devo adiantar que o mesmo será fundamentado em dados científicos, no que se refere ao aspecto psicológico, como no-lo prova a investigação psicanalítica. Em segundo lugar em conhecimentos bíblicos e em conhecimento transmitidos pelas doutrinas esotéricas.

Devo ainda informar o leitor que o autor do presente artigo. Além de sua formação científica como psicólogo, tem formação de ciências da natureza (História Natural) e estudou e coordenou grupos de estudo sobre a teoria do conhecimento (modernamente Teoria da Reconhecimento) durante (12) anos, atividade que ainda realiza.

Dito isso, passemos a análise do tema.

Na prática da psicologia analítica a trinta e oito (38) anos, tenho encontrado e tratado pacientes, em especial médicos inteligentes e vocacionados, que apresentam entre outros problemas, dificuldade de progredir na atividade profissional, tendo é claro, como consequência não êxito, tanto na profissão como no plano econômico.

A análise desses pacientes revelou que apesar de terem sido crianças e jovens inteligentes, apresentavam rendimento baixo nas atividades escolares, desinteresse pelos estudos e descumprimento as tarefas propostas e dos deveres. Um tal comportamento levava seus pais a preocupação com o futuro do filho e à irritação.

Diante da conduta resistente e “irresponsável” os pais, perdendo o controle e não sabendo como agir, passavam as representações, ameaças, xingamentos, acompanhados da conhecida frase: “Tu nunca vais ser nada na vida”, ou, “vai ser um fracassado”, e daí por diante.

Esses pacientes apesar de serem inteligentes e desejarem ter sucesso nos diversos domínios de suas vidas, não o conseguiam. E porque não conseguiam? A investigação psicanalítica descobriu que, quando os pais ou educadores fazem afirmações do gênero acima citado, a criança introjeta (interioriza) interioriza a afirmação negativista e grava no inconsciente.

Como expressões desse tipo sempre vêm carregadas de energia de um afeto negativo e ameaçador, essa energia fica gravada no inconsciente associada a imagem do agente e do cenário onde o fato ocorre.

Em razão do que os pais representam para a criança em termos de poder autoridade e saber, ela admite e acredita que tudo o que os pais dizem é verdadeiro e tem que ser cumprido, sob pena de estar sujeito a castigo, caso não cumpram o que é determinado, mesmo que no momento desobedeça. Esse processo é vivenciado como necessidade de que se cumpra a predição, ou seja, a “profecia” e ele fará tudo, inconscientemente para que se cumpra a “profecia”, no futuro. Pois se para o inconsciente é profecia então deve ser cumprida, sob pena de se não o fizer, ter que sofrer as conseqüências.

Mas de onde vem a compulsão de cumprir a “profecia”? A história é muito longa e vem de tempos muito remotos. Nós conhecemos as profecias relatadas na bíblia, feitas pelos profetas. Mas quem eram os profetas? Como tinham eles o dom de saber o que iria acontecer no futuro?

Na verdade, desde tempos muito remotos na humanidade, sempre existiram homem de diferentes níveis de conhecimento anímico-espiritual. Houve os pouco evoluídos e os altamente evoluídos. Dentro os últimos destacaram-se aqueles que nas esculturas sagradas: bíblia judaico cristã, Bhagavad Gita e os Vedas, são designados como os grandes Profetas e os Grandes Mestres. Eles eram homens que tinham desenvolvido suas vidas anímico-espirituais e suas consciências por meio de exercícios especiais, que lhes facultavam o acesso a certos Mistérios espirituais, e assim poderem ter conhecimento daquilo que iria acontecer em tempo futuro para o bem da humanidade. Eles eram os iniciados (Ensagrados). O principal destes mistérios profetizado é o do acontecimento CRISTO, no qual era revelado que Ele seria o Messias, que iria viver numa organização plexial (corpo-alma) humana num tempo futuro.

De forma não consciente todas as almas d’ homem (seres humanos) “sabiam” da definitiva importância do Mistério da Gólgota para a evolução e destino da humanidade.

Naturalmente que tais acontecimentos futuros, em especial o acontecimento Cristo, que é o maior e determinante na evolução da humanidade, viriam ao encontro das aspirações mais caras e profundas da alma humana. Como nas religiões antigas a relação da consciência humana, com o mundo espiritual e com a idéia de Deus era de temor em especial na concepção judaica sobre o Deus Jeovah, por um lado a alma sentia-se na obrigação de crer e proceder de tal forma que sua ação contribuísse para que a Profecia se cumprisse, pelo medo da desobediência de uma determinação divina. No entanto não se tratava de determinação, mas de promessa de ajuda para a evolução da humanidade. por outro lado, a alma, por sua própria natureza, e necessidade, aspirava fortemente a realização da profecia, porque ela era a promessa de libertação, harmonia, paz e felicidade, enfim, salvação.

Por causa dos dois fatores acima e de como a criança vivencia sua relação com os pais: “Eles sabem e podem tudo, são como Deus”, tudo o que eles dizem que a criança vai ser soa para sua alma como uma profecia e tem que ser cumprida. Logo, no futuro, ela terá que agir de modo que a “profecia” se cumpra, senão ela estará cometendo um grave

pecado. E assim porque a “profecia” dos pais foi introjetada e gravada no inconsciente. Como no memento da firmação dos pais: “Tu vais ser um fracassado”, a criança sofre uma forte emoção (afeto) negativa, a energia do afeto vivenciado adere às imagens verbais e visuais, que ficam gravadas no inconsciente, essa energia negativa irradiará no futuro, gerando impulso inconsciente, determinando que a pessoa, inconscientemente se esforce para que a profecia se cumpra.

A profecia seja ela no sentido esotérico (do Mistério), ou no psicológico, age nos dois aspectos simultaneamente. De um lado ela impele a pessoa a cumprir, partindo do impulso do inconsciente, quer dizer do passado, e “virtude” da introjeção, seja da promessa ou da ameaça. De outro lado, como se trata de uma predileção para o futuro, ela age como um fator de atração. Gerando um empuxo. É como se a alma fosse atraída na direção do futuro pela ideia do que deve acontecer.

No que diz respeito às profecias de Nostradamus o processo é o mesmo descrito anteriormente. E o trágico nessa história é que essas predições são todas catastróficas e, mesmo que uma pessoa não tome conhecimento delas diretamente, elas produzirão efeitos negativos da mesma forma antes descrita, porque já fazem parte do inconsciente coletivo e, por conseguinte têm o poder de induzir o inconsciente individual e irradiar impulsos que fazem as pessoas desejarem inconscientemente que as predições aconteçam. Tudo fica ainda pior quando é divulgado seu conteúdo através da mídia e livros.

É interessante notar que alguém que se dedica a “estudar” e interpretar as ditas profecias esta de fato seguindo um impulso catastrofista e desejando que os fatos confirmem sua interpretação, porque é seu prestígio que está em jogo. E ainda que grande parte da humanidade, apesar do temor, se excita diante da probabilidade de acontecer uma desgraça, no fundo alimentando uma expectativa doentia de desejo que aconteça a predição e até mesmo diante do acontecido. Essas profecias caem sobre uma constituição doentia da alma humana induzindo-a a desejá-las.

É bom ainda que se pense seriamente que a História é feita de acontecimentos, que são o resultado de idéias (pensamentos) e sentimentos de personalidades significativas, os condutores (líderes) as quais encontram ressonância nas almas dos homens do povo e que tais idéias e sentimentos frequentemente são perniciosos.

Data : 25/01/2002

Título : Violência, causas e formas

Categoria: Artigos

Descrição: O homem nasce mau ou nasce bom e a sociedade é que o corrompe, o torna mau?

Violência, causas e formas

O tema do presente trabalho será desenvolvido em duas linhas de pensamento. A primeira será aquela que a comunidade científica considerada como podendo apresentar fatos comprovados, no “laboratório”, seja no campo da ciência de natureza, ou na ciência psicológica e social, o que permitirá certa facilidade à reflexão do leitor, mesmo não a feito ao fazer da investigação segundo a metodologia o paradigma do presente. A segunda linha de pensamento é aquela que se apóia antes de tudo numa rigorosa escolagem do pensar, numa profunda investigação nos conteúdos patológicos do inconsciente, de modo a eliminar a energia dos afetos negativos, determinantes da mentalidade e condutas distorcidas, como com a própria natureza e ciência.

Uma vez conseguida a tranqüilização da alma (cura dos estados neuróticos) o investigador pode dar seguimento ao seu desenvolvimento através de rigorosos exercícios de meditação, os quais levam o desenvolvimento de qualidades que permitem o acesso a registros não documentais da história da evolução da humanidade e do planeta. Tais conhecimentos são denominados esotéricos e o nível atingido pela consciência é comumente denominado “consciência modificada”, utilizado por alguns cientistas, especialmente no campo da Física, como é o caso de Fritjo Capra, mas que segundo a metodologia de desenvolvimento atual, é designada como Iniciação ou Ensagração.

Do ponto de vista do que é considerado como verdade científica atualmente, podem ser citadas algumas causas:

- 1)Alcoolismo, hoje já considerado como uma predisposição genética.
- 2)Certas mal formações cerebrais.
- 3)Tumores cerebrais, como cita o Dr. Daniel Amen em seu livro “Transforme seu Cérebro Transforme sua vida”.
- 4)Sífilis, congênita ou adquirida.
- 5)Uso de drogas que alteram a personalidade.
- 6)Psicose paranóica.
- 7)Certas alterações na fisiologia cerebral causadas por processo de anorexia Perinatal.
- 8)Personalidade psicopata (anti-social)
- 9)Traumas afetivos (morais), etc..

É naturalmente compreensível que os fatores predispostos acima citados são consideravelmente afetados pelas condições socioeconômicas, políticas, psicológicas e educacionais, e até mesmo pelas influencias de concepções filosóficas e “religiosas” (seitarístas), como se está exausto de constatar no mundo, em que o fanatismo de todas as cores e tons, tem gerado tragédias, genocídios, guerras, revoluções e, tudo em nome de Deus, ou de uma ideologia, mas na verdade em busca do poder de dominação.

A algum tempo o jornalista Ivaldino Tasca em um de seus artigos no jornal O Nacional colocou em questão as suas teses sobre se o homem nasce mau ou nasce bom e a sociedade é que o corrompe, o torna mau.

Quanto a primeira tese: o homem já nasce mau, pode-se dizer que muitos homens já nascem com predisposição para a violência, ou para o mau, como se pode deduzir de alguns fatores enumerados anteriormente.

Com relação à segunda tese: o homem nasce bom, a sociedade é que o corrompe, torna-se mau. Pelo que está afirmado acima se constata que a sociedade gera fatores não só

que agravam as condições predisponentes, mas na verdade, mesmo que aqueles com predisposições para desencadear a formação de uma personalidade violenta (má) podem, devido às condições nas quais nascem e se desenvolvem, tornar-se violentos (maus).

Pode-se pensar que a grande maioria dos seres humanos já ao nascer é portadora de algum tipo de inclinação para o mal. E, portanto, a sociedade, especialmente aqueles que educam as crianças e o jovens, muito comumente, agem de tal forma que geram sofrimentos desnecessários, produzindo traumas psicológicos, gerando ressentimentos magoas, raiva e ódio, que levam ao desenvolvimento de uma personalidade patológica.

A formação de uma personalidade patologicamente violenta, má, é freqüentemente atribuída às más condições sociais econômicas. No entanto, constatam-se todos os dias que jovens de classe média ou rica tornam-se delinqüentes cometendo toda sorte de delitos. Jovens que tem tudo o que desejam no aspecto material, estudam no que é considerado como os melhores colégios, inclusive colégios e universidades “religiosos”, confessionais, cometem toda sorte de ações maléficas e perversas. Adultos que receberam todos os benefícios materiais na infância e na juventude cometem todo tipo de atrocidades, e quando se tornam adultos exploram os trabalhadores, agem de forma a levar milhares de seres humanos às mais indignas e miseráveis condições de vida. Homens detentores de poder econômico e político, corrompem, matam por diversas formas e, muito frequentemente, ocultam seus crimes servindo-se de psicopatas (pistoleiros de aluguel) ou de algum pobre miserável, muitas vezes portador de predisposições para violência, mas que nunca aceitaria uma tarefa dessas se não tivesse chegado à total desilusão e desespero. Eles não mancham suas mãos diretamente com sangue da vítima, porém, as de seus prepostos. Eles continuam como se fossem cidadãos acima de qualquer suspeita e, muitas vezes, quando morrem, são aceitos na história, recebem homenagens, seus nomes serão nomes de logradouros públicos e de instituições públicas ou sociais. São considerados beneméritos.

Do anteriormente exposto já se pode compreender que, em termos de violência, nem tudo advém por causa dos problemas sociais, embora não se possa negar que eles são se não a única causa, um fator da mais significativa importância. É evidente que quem nasce e se cria num ambiente familiar em que inexistem as mínimas condições de dignidade humana, onde o chefe da família vive na insegurança de se vai poder conseguir atendimento médico e medicamentos para os filhos doentes, onde tem que amargar muitas vezes a falta de trabalho, porque o trabalho nunca visa dar condições de dignidade, mas apenas para atender as ambições de lucro e poder do detentor do capital, onde não existem condições de salubridade, não existe espaço e tranqüilidade para a criança estudar, onde os pais já não foram beneficiados, não receberam educação, sendo analfabetos, onde existe todo um ambiente que conduz ao desespero, aos graves conflitos emocionais.

Como se pode imaginar que se fossem imprimir princípios éticos, humanitários, amor, na alma das crianças que nascem, crescem e vivem numa situação de ausência de qualquer esperança de um dia ter pelo menos o essencial para viver com dignidade e algum conforto e segurança?...

Como se poderia pensar que seria possível fazer com que brotasse algo de consciência, de religiosidade, de espiritualidade, de fé na existência de um Deus bom e justo, quando tudo quanto vê é injustiça?

A verdade é que sem revolver a questão social, a questão da miserabilidade em que vive a maioria da população, enquanto não houver alimento, saúde, educação, moradia,

trabalho digno e seguro para todos, o problema violência se agravará. É presumível, segundo se observa pelo ritmo da marcha dos acontecimentos, que dentro de no máximo 50 anos será estabelecido o caos social total.

Por outro lado, também não seria a solução resolver somente os problemas antes mencionados (problemas materiais), até porque não será possível, sem que simultaneamente se trate de reconhecer que toda essa situação tem uma única fonte. É do íntimo do ser humano que se origina o bom e o mau na vida social. Vale dizer, na alma humana que reside a origem do problema da violência. E não existe maior violência do que negar ao ser humano as condições para que ele desenvolva suas potencialidades, especialmente éticas, intelectuais e espirituais.

Concluindo, é pelo fato de não proporcionar as condições de desenvolvimento destas potencialidades que nos encontramos neste beco, aparentemente sem saída. A saída para livrarmo-nos da realidade que nos assombra e ameaça com catástrofe social é uma única e passa por um esforço gigantesco de caminhada através de nossa alma, onde encontraremos as causas dos problemas, e a partir daí, as soluções verdadeiras.

Data : 10/05/2003

Título : Transgênicos: soluções ou problemas

Categoria: Artigos

Descrição: O fato é que pouco a pouco a nova concepção foi conquistando espaço, graças a evolução da consciência humana, que em cada época da cultura apresenta um avanço.

Transgênicos: soluções ou problemas

Até o advento da metodologia de pesquisa experimental introduzida primeiramente no campo da física por Isaac Newton e outros investigadores na Idade Média, a “verdade científica” era determinada pela igreja, tanto quanto o que está pretendido como verdade religiosa. A igreja se atribuía esse direito de forma dogmática, resultando daí perseguições e condenações de pensadores, que divergissem dela. Mas o espírito humano não se intimida. O medo é uma qualidade da alma. Ao espírito pode ser impostos obstáculos, porém jamais barreiras intransponíveis

O fato é que pouco a pouco a nova concepção foi conquistando espaço, graças a evolução da consciência humana, que em cada época da cultura apresenta um avanço.

Um fato interessante do comportamento humano, do qual nem os cientistas e os filósofos estão livres, é o apego as conquistas alcançadas. Uma vez atingindo um determinado nível de conhecimentos novos, têm à tendência de se fixarem nesse ponto e terem dificuldade em renunciar ao desejo de terem atingido a última verdade.

É dessa condição da alma humana, de apegar-se ao conhecido que nasceu o novo dogmatismo, ou seja, o dogma da ciência. É verdade que, hoje não se queima na

fogueira da inquisição, nem se usa torturar fisicamente aqueles que têm a coragem de lançar novas hipóteses, ou teorias, que contrariem o dogma da ciência, mas quase se excomunga da comunidade científica, que se considera como a portadora da verdade única, tornando difícil e as vezes impossível a alguns cientistas desenvolverem suas ideias.

E se não bastasse essa característica no meio científico, temos mais o fato que, hoje a quase totalidade dos projetos de pesquisa não tem como finalidade a busca da verdade científica, mas o que predomina esmagadoramente é o interesse econômico. E nesse caso, muito frequentemente são feitas afirmações inverdadeiras por má fé e precipitação, visando vantagem material, em função da fala de ética.

Há tantos exemplos de afirmações feitas como verdades científicas indiscutíveis que, em não muito tempo se revelaram falsas através dos seus efeitos maléficos. Citaremos apenas duas não muito antigas: uma foi o caso da famigerada TALIDOMIDA que gerou infinidade de má formação em fetos; outra é a substância DIETHYLSIBESTROL (DES), uma forma sintética de hormônio estrógeno, usada em mulheres grávidas para evitar o aborto na década de 1950, que provocou alterações na função cognitiva das crianças (citado no livro cérebro direito, pag.254, 1993).

No momento atual a polemica é sobre, os organismos geneticamente modificados (OMG), os transgênicos.

Em primeiro lugar deve ser entendido que há uma diferença entre os conceitos geneticamente modificados e transgênicos. É certo que os transgênicos são geneticamente modificados, mas nesse caso a modificação é feita pela introdução de um gene de outro organismo, que pode ser de espécie completamente diferente, inclusive de outro ramo (de um organismo unicelular num pluricelular), que tem características e propriedades totalmente diferentes, inclusive patogênicas.

Em segundo lugar, o conceito geneticamente modificado comporta outras formas de promover modificações genéticas, como por meio de radiação e de certas substâncias químicas, processos que acontecem espontaneamente na natureza ou artificialmente no laboratório.

Em qualquer dos casos não a comprovação definitiva que mesmo modificações que não fazem transposição de genes, ou na transgenia, não sejam gerados organismos com capacidades patológicas.

Pelo que se ouve e lê nos meios de comunicação de massa, nossos comunicadores devem estar mal informados, ou estão tendenciosamente levados a passar informações incorretas.

Penso que pesquisadores da área biológica, particularmente geneticistas e agrônomos, que tem projeção na comunidade científica e pautam suas condutas segundo princípios éticos verdadeiros, não fariam afirmações taxativas sobre assuntos científicos, que ainda não se tivesse certeza de possíveis efeitos que poderiam ser danosos a meio ambiente e a saúde humana, como no caso das substância anteriormente citadas.

Certo que alimentos são importantes, pois sem ela a vida não teria condições de existir, porem na verdade, alimentos existem para todos. É só pensar nos milhões de toneladas que apodrecem no depósitos; nos milhões de toneladas desperdiçadas no transporte; nos que são desperdiçados nas casas, nos restaurantes, e isso sem contar com o excesso ingerido pelas pessoas e que geram problemas sérios de saúde.

Se pensarmos com honestidade, teremos que reconhecer que não existe falta, existe é falta de sensibilidade, de amor pelo outro, que resulta nesse caso dantesco de injustiça social, de fome. O que há é egoísmo em excesso e escassez de amor, especialmente nas classes abastadas.

Por ultimo, penso que pesquisadores reconhecidos na comunidade científica e com voz que seriam ouvidos, tem o dever ético de desmitificar essa farsa, de que qualquer coisa é valida, desde que se afirme que é para produzir alimentos para a humanidade, sem considerar que certos produtos e substancias podem danificar a saúde e produzir alterações maléficas irreversíveis.

Data : 30/04/2004

Título : A Torre de Babel: seu simbolismo

Categoria: Artigos

Descrição: Para que o leitor fique tranqüilo, devo começar este artigo declarando que não pertenço a nenhuma confissão religiosa, a nenhuma ideologia política

A Torre de Babel: seu simbolismo

Para que o leitor fique tranqüilo, devo começar este artigo declarando que não pertenço a nenhuma confissão religiosa, a nenhuma ideologia política, e a nenhuma corrente filosófica ou mesmo escola psicológica.

Quanto às questões éticas, não me conduzo por normas que venham de fora. Não aceito nenhum jugo, mesmo que cuja origem seja meu inconsciente. Em relação às influências adquiridas pela internalização das impressões dos ambientes onde vivi e com quem convivi, no lar, na sociedade, no trabalho, na educação formal, a partir dos 21 anos iniciei um muito enérgico trabalho de autoconhecimento, primeiramente por meio da Psicanálise e posteriormente, por outros recursos. Por conseguinte a ética pela qual norteio meu proceder em todos os domínios, eu busco diretamente na fonte, por meio de profundo e amplo exame, utilizando minhas próprias forças espirituais, desenvolvidas com árduo, sistemático e perseverante trabalho diário.

Pelo acima exposto considero-me insuspeito para falar sobre certos assuntos, que desde há muito são objetos de meu mais profundo interesse e amor pela verdade, inclusive e talvez principalmente pelas que dizem respeito à espiritualidade, que sempre foi e é fonte dos mais danosos enganões, para o progresso humano.

A questão Torre de Babel, como quase tudo o mais que se encontra na Bíblia, não pode ser interpretada como uma verdade, ao pé da letra, da palavra dita ou escrita.

Tanto no Velho Testamento, quanto no Novo Testamento, muitas coisas, se não a maior parte, ou é uma Profecia, ou uma Parábola. Num como no outro caso, trata-se sempre da revelação de um Mistério, ou seja, é sempre um assunto espiritual (esotérico) e quem não tiver as condições de ultrapassar os limites do pensar habitual, mesmo que seja um grande erudito permanecerá preso à equivocidade da palavra, e, mais ainda, sempre estará sujeito a atribuir ao relato, sentidos subjetivos, isto é, segundo os condicionamentos e preconceitos (pré-conceitos, uma suposição, ou poderíamos dizer, colorir a explicação com o teor dos seus sentimentos), não podendo chegar à verdade pura e límpida.

Segundo minha investigação do assunto, como fiz também no artigo do nº 0 (zero, ano 1) da Revista da Academia Passo-Fundense de Letras sobre o tema, A Cruz e seu simbolismo, o que se encontra escrito no Velho Testamento Genesis 11, trata-se de uma Profecia, sob forma de Parábola. Profecia sobre o que?

Sigamos a largos passos o andamento do pensar nas grandes etapas da história do seu desenvolvimento. Quando procuramos na História, quando o Homem começou a esforçar-se para encontrar explicação sobre o Mundo, Vida, nossa origem e destinação, apoiando-se na capacidade de pensar, vamos encontrar o primeiro registro histórico no sexto século a.C, com Pherekydes de Syros (Tiro). Todavia ainda seu modo de falar sobre as "Aspecções de Mundo e Vida" é semelhante às narrativas míticas. Ele apenas procura vazá-las na forma conceitual. Até essa época as narrativas míticas eram produto de experiências reais obtidas por meios de clarividência obtida por certas personalidades, que haviam desenvolvido faculdades que lhes possibilitavam ter acesso a certos segredos do Mundo espiritual.

Poderíamos citar como exemplo de faculdade de percepção de coisas ocultas, certos acontecimentos na vida da pessoa, os quais são traumáticos e geradores das doenças da alma (neuroses). Até não muito tempo, a única forma de termos acesso aos conteúdos patogênicos jacentes no inconsciente, era através das técnicas psicanalíticas, interpretação dos Sonhos e livre associação de idéias, ou hipnose. Hoje as técnicas de regressão, apesar de não serem muito seguras quanto aos efeitos que podem ser danosos e até mesmo ilusórios, são de qualquer forma um instrumento de acesso direto aos conteúdos do inconsciente. De mais atualidade e segurança quanto aos efeitos benéficos e clareza com relação à autenticidade das percepções, existe uma nova metodologia de acesso direto aos conteúdos registrados no inconsciente, em que os mesmos comparecem na consciência com toda a nitidez, tanto no que diz respeito à cena como às emoções, sensações e sentimentos experimentados no momento em que o fato aconteceu. A esta metodologia por mim desenvolvida, dei a denominação de Psicoterapia Analítica por Expansão da Consciência. Ela permite com segurança evitar os equívocos que ocorrem nas interpretações psicanalíticas e os perigos das técnicas de regressão ou hipnose.

Voltando ao núcleo do tema em questão, elevemos afirmar que ela se refere realmente a uma espécie de Profecia sobre o que iria acontecer com a Humanidade no futuro, está acontecendo e deveria mesmo acontecer, o desenvolvimento de uma "Aspecção de mundo e Vida" materialista.

Com o surgimento da capacidade de pensar analiticamente o Homem voltou sua atenção e interesse para o mundo dos sentidos, quer dizer os fenômenos da Natureza, tanto inorgânica, quanto orgânica. Criou uma metodologia para a investigação dos fenômenos inorgânicos, Física e Química, que enquanto diz respeito aos fatos observáveis através dos sentidos, seja diretamente ou por meio de seus efeitos em instrumentos, e consegue

até certo ponto bom nível de exatidão e verdade. Em função disso, os cientistas de outras áreas, como das ciências orgânicas (Biológicas) e mesmo das ciências espirituais (Psicologia, História, Sociologia, Antropologia, Teologia) adotaram a mesma metodologia, que, evidentemente não é adequada para esses ramos da investigação.

A coisa chegou ao ponto de que determinados investigadores, dito espiritualistas, se esforçam em provar a existência do Espírito e de um Mundo espiritual, tentando fazer com que o espírito se materialize.

Acontece que a diversidade de percepções que o mundo físico oferece - itou na consciência humana a necessidade de descobrir a explicação das as e significado dos fenômenos. Na falta de uma linguagem com palavras específicas para cada coisa, são usadas as mesmas palavras para designar coisas diferentes. Como em nossa vida nossas impressões ficam gravadas mo representação e afeto (energia) cada palavra ouvida toma uma espécie colorido, conotação particular, conforme tenha causado uma determinada sensação ou sentimento, formando um registro todo especial cada vez que ouvimos a mesma. Como são incontáveis as vezes que a ouvimos e tão ariadadas as circunstâncias, que para a mesma palavra temos infundáveis notações subjetivas. E quando alguém quer comunicar algo a outro está sempre diante da condição de ser interpretado subjetivamente. Daí é que nasce a grande confusão em que de fato muito dificilmente alguém entende realmente o sentido daquilo que seu interlocutor quer revelar. Cada um "vê ou ouve" a coisa segundo o colorido que o afeto aderido à palavra dá à percepção, ou então, segundo as distorções do "vidro" através do qual "olha".

Como toda a interpretação está sujeita a esse processo, torna-se muito difícil chegar a uma explicação verdadeira dos fenômenos. Mas, como na metodologia de pesquisa da Física e da Mecânica pode-se ter exatidão, enquanto se permanece na descrição do fenômeno, os investigadores das outras ciências foram seduzidos pela mesma.

As questões relativas à existência ou não do Espírito como uma realidade em si de um Mundo espiritual e da existência antes do nascimento e após a morte sempre intrigou o ser humano e, podemos mesmo dizer, o angustiou, muitos pesquisadores querem alcançar a resposta a tão fremente questão através da Ciência fundamentada na Aspecção materialista, que enquanto permanece 11a contemplação e descrição dos fatos no laboratório oferece segurança. Mas não ficam parados aí. Vão além, fazem cogitações inferências, hipóteses, etc. Quer dizer, querem explicar os fenômenos por meios que não estão revelados pelo mundo dos sentidos. Lançam mãos de recursos subjetivos, tirados do mundo material, cuja certeza não existe.

É nisso que reside o sentido da confusão das línguas e não na diversificação dos idiomas.

Encontrar o significado oculto dos fatos, as verdadeiras causas, significam reconhecer a verdade sobre os mesmos por meio do pensar. E como o pensar é uína atividade do espírito, aquilo que o espírito percebe só pode ser espiritual. Reconhecer algo espiritual só pode acontecer quando se entra, no caso, com o pensar no mundo espiritual. No Livro Gênese, céu quer dizer aquele domínio onde se entra em um primeiro momento por meio do pensar. A Torre significa a construção de uma "Aspecção de Mundo e Vida" baseada nos conhecimentos hauridos no mundo material, ou seja, nos fenômenos da Natura.

No aspecto da vida diária, nos relacionamentos interpessoais, além das dificuldades geradas pelas distorções dos sentimentos deformados, ainda temos que levar em conta que, muitas vezes as pessoas nem sabem bem o sentido daquilo que estão falando, e

que elas mesmas têm uma noção deformada das suas percepções e de seus sentimentos. E para agravar ainda mais a realidade, usam as palavras para dizer o que na verdade não pensam e não sentem o que querem fazer acreditar.

O tema poderia e deveria ser tratado com maior profundidade e extensão, mas no momento é feito apenas o possível para as circunstâncias e espaço.

Da revista

Água da Fonte nº 01

Data : 31/07/2005

Título : O simbolismo da lenda do Santo Graal

Categoria: Artigos

Descrição: Na atividade farmacêutica ainda se usa o graal, ou cadinho, para triturar ou misturar substâncias medicamentosas.

O simbolismo da lenda do Santo Graal

GETULIO VARGAS ZAUZA

Em artigo por mim escrito, e publicado no número zero (edição de lançamento) da Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, sobre o Simbolismo da Cruz, eu declarei que, desde muito cedo, despertou em mim um grande interesse por assuntos espirituais, doutrinas esotéricas muito antigas, como as indianas, e mitologias de diversos povos. Meu interesse de conhecimento sempre teve uma abrangência universal, se fundamentou na evolução do pensamento nas diversas épocas, ou seja, em como os filósofos e poetas e expressaram suas concepções sobre Mundo e Vida. Portanto, nunca me atrelei a nenhuma corrente filosófica ou seita religiosa, porque sempre intuí que não existe nada estanque no cosmos. Tudo é um fluxo perene, uma metamorfose em que um novo sempre nasce de um precedente. Em cada época de cultura, a compreensão de Mundo e Vida tem sua forma característica, concernente ao estado evolutivo da consciência humana, semelhante à evolução de um ser humano no decorrer de uma vida. Por isso, sempre considerei absurda essa rivalidade ideológica entre concepções, sejam políticas, filosóficas ou religiosas, como se fosse possível parar o mundo.

Na década de sessenta, interessei-me pelo assunto da Lenda do Santo Graal. Nessa época, encontrei, numa livraria de livros usados, um exemplar, que se dizia tratar-se de uma cópia do original da lenda, escrita em letra de imprensa e fac símile manuscrita, em

português arcaico, narrando as peregrinações dos cavaleiros na busca do objeto sagrado.

A partir daí, muito meditei, procurando descobrir qual o significado da lenda e qual seria esse sagrado objeto.

Após muitos anos de meditação, cheguei, pelo menos assim penso, a um provável entendimento da relação mística existente entre o Homem (ser humano) e a cruz. Primeiro, pela própria forma do seu corpo, quando estende seus braços horizontalmente. Segundo, pela forma como encontramos sua representação dentro de um círculo, no qual, se unirmos os pontos onde mãos, pés e cabeça tocam a circunferência teremos um pentágono perfeito, que esotericamente representa o ápice da perfeição. Não necessariamente só do corpo humano, mas da totalidade da máxima expressão da grandiosidade, do coroamento da obra do Criador, o HOMEM, na sua organização tetramembrada: um corpo formado por substâncias de origem inorgânica; uma força plasmadora, que organiza essas substâncias, formando um ser vivo; outra força que torna possível que tenhamos uma organização com a qual podemos ter sensações e sentimentos, uma Alma; e, ainda uma quarta força, que nos dá a faculdade do entendimento, do pensar, e uma autoconsciência, ou seja, uma consciência de nós mesmos como uma individualidade entre outras individualidades, humanas e espirituais.

No artigo sobre a cruz falei do seu significado, dos braços horizontais simbolizando a Alma. E da coluna vertical, que simboliza o Espírito, o qual designamos em nosso idioma com a palavra EU.

É necessário que se pense qual a missão do nosso EU em nossa existência. Na verdade, é ele que procura ordenar o caos da nossa vida de sentimentos, e também ordenar o mundo exterior para fazer possível a existência de uma certa harmonia entre nós e o mundo.

É interessante observarmos que, na vida profana, foi criado um objeto em forma de taça, às vezes designado como pilão, e usado para preparar cereais para o cozimento e posterior alimentação. Ele é formado por uma parte em forma de taça, que recebe o cereal, ou seja o alimento, e uma outra parte, uma espécie de bastão, chamada mão-de-pilão, a qual age sobre os grãos, tornando-os cozinháveis e assim comíveis.

Na atividade farmacêutica ainda se usa o graal, ou cadinho, para triturar ou misturar substâncias medicamentosas. O objeto, que torna possível a utilização das substâncias para cura das doenças, é o mesmo bastão que prepara os grãos de cereais para servirem de alimento. Mas não é só a matéria física que alimenta, e também não é só O corpo que é alimentado. A alma também é alimentada quando assimilamos as substâncias. Não é somente matéria física que existe no alimento. Ouçamos o que disse o místico alemão, Ângelo Silésicos: "No pão que comemos, não é o pão que nos alimenta, mas o Espírito que nele habita".

Em tempos primitivos, quando ainda não havia moinhos, era o bastão que metamorfoseava os grãos para fazer o pão.

Em psicoterapia, não é o psicoterapeuta que realiza a cura da Alma doente. É o próprio EU do paciente que, auxiliado pelo terapeuta, realiza todo o trabalho que conduz à cura.

Em nossa vida espiritual, é o EU (espírito em nós) que promove a purificação e a evolução da Alma, a sua metamorfose.

Na língua grega, a Alma é designada com a palavra Psique, cuja sílaba inicial é Psi, e que tem a forma de uma taça transpassada por uma coluna vertical (y) onde a taça representa a Alma, os mesmos braços horizontais da cruz, e a coluna, o Espírito, o EU.

No ritual da missa, temos o cálice que representa a Alma, contendo o vinho simbolizando o sangue, mas não somente do Cristus-Jesus, porém de todos nós. Pois o sangue, como sabe qualquer conhecedor das doutrinas esotéricas, é o veículo portador do EU para todo o nosso corpo, ou seja, do elemento propriamente Espírito, em nossa organização como seres humanos.

Em todos esses objetos, temos sempre a taça com sua concavidade voltada para cima, simbolizando a receptividade, ou melhor, a aspiração de receber o Espírito, esse fator que é o único capaz de promover o reencontro do HOMEM com o mundo espiritual, com Cristo. O único que tem o poder de libertar a Alma da teia das ilusões e alçá-la às alturas.

Temos ainda um outro objeto em forma de taça, o sino. Mas aqui a concavidade está voltada para baixo. É o mesmo símbolo da Alma com o bastão em seu interior. Neste caso, o significado é que Alma e Espírito (EU) se voltam para o mundo dos sentidos, para aquilo que pertence à natureza. Alma e Espírito devem voltar-se para ela com amor e aí reconhecer o Espírito Criador de todas as coisas, DEUS.

Pois não é sem sentido que o bastão (coluna, badalo) acionado pela vontade do homem faz vibrar a taça, produzindo o som maravilhoso que desperta nas almas sentimentos místicos, chamando-as para o ato ritual preparador do encontro com a Santíssima Trindade e toda a corte celestial, num futuro prometido para a Humanidade, mas que depende da inteligência, da vontade e da ação de cada um de nós.

A humanidade perdeu, gradativamente, o sentido do quarto elemento da organização tetramembrada do HOMEM, desde o Concílio de Constantinopla, quando a Igreja decretou o dogma de que o Homem é constituído apenas de corpo e alma, tornando herético acreditar-se na existência do Espírito na constituição do ser humano. Dessa forma, quase igualou-o ao animal que, afinal, também é animado, naturalmente não possuindo uma alma individual.

É evidente que o que é narrado na lenda como uma busca de um objeto que seria o Santo Graal, é uma alegoria, para expressar uma devoção ao mistério Cristo-Jesus. ELE, o ESPÍRITO-CRISTO, O DEUS-CRISTO, o EU CÓSMICO, que habitou uma Alma inserida em um corpo humano, uma cruz, ou a taça sagrada, durante três anos, ELE é o SANTO GRAAL, que nos mostra a missão do nosso Espírito, nosso EU, que é promover a purificação e a espiritualização da Alma.

Quem quiser encontrar o Santo Graal terá que procurá-lo somente em dois lugares: o primeiro é o seu próprio coração espiritual, pela purificação da Alma, e o desenvolvimento do Amor universal incondicional, dedicado tanto ao mundo espiritual, quanto aos seres humanos, à natureza, de cuja saúde depende nossa existência. Dessa forma prepara-se o caminho que conduz ao segundo domínio, onde o Cristo pode ser encontrado. Isto é, no próprio mundo espiritual.

O SANTO GRAAL é o próprio CRISTO, modelo do que temos que fazer com nós mesmos.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2006

Título : A inteligência das elites

Categoria: Artigos

Descrição: Na linguagem corrente e, principalmente, nos meios eruditos, o termo elite é utilizado para designar a pequena parcela da humanidade que detém o conhecimento...

A inteligência das elites

GETULIO VARGAS ZAUZA

Na linguagem corrente e, principalmente, nos meios eruditos, o termo elite é utilizado para designar a pequena parcela da humanidade que detém o conhecimento (a cultura) e ou o poder econômico, em oposição ao povo trabalhador e inculto. Em suma, a elite seria constituída por aqueles que são considerados, ou se consideram, competentes para administrar, orientar, educar e dirigir os destinos da humanidade, ou seja, os que saberiam conduzir as questões relativas ao Bem da humanidade.

Pelo acima dito, pressupõe-se que seriam as pessoas INTELIGENTES, a Flor da Humanidade. Aliás, com outras palavras, os dicionários dizem o mesmo, pois, consultando dicionários etimológicos, encontramos o vocábulo inteligência como originado do Latim (*intelligentia*), faculdade de compreender. Ora, quando se compreende algo, isso significa que o significado desse algo se revelou para a consciência daquele que o contempla (ouve, lê, investiga, etc...), o que também possibilita apreender (reconhecer) a natureza da coisa. E quem tem faculdade de reconhecer a NATUREZA de algo tem também a aptidão de antever quais efeitos ou conseqüências da ação baseada em tal algo podem advir no futuro ou mesmo imediatamente, ou então, pelo menos, ser cauteloso quanto a fazer uso de coisas de cujas conseqüências não tem certeza.

O dicionário Etymologico, Prosódico e Orthográphico da língua portuguesa (é assim mesmo que está escrito) de J. T. da Silva Bastos, edição de 1928, nos dá a palavra ELITE como de origem do francês, significando o melhor, o escol. No entanto, o vocábulo tem sua origem na língua grega e refere-se explicitamente à parcela da sociedade

(humanidade erudita, ou culta), inteligente. Enfim, trata-se, de qualquer modo, do mesmo significado: entender aquilo que os sentidos físicos, visão, audição, tacto, olfato e paladar não estão aptos a fazer, quer dizer, o que somente a faculdade de pensar faz.

Considerando como verdadeiro o anteriormente dito, da classe dirigente (elite), devemos supô-la inteligente, tanto nos domínios político, econômico e cultural, como religioso e educacional. Enfim, todos aqueles que, de alguma forma, influem significativamente no acontecer dos fatos da sociedade humana, e portanto, na vida de cada um de nós, deveriam reconhecer que a maneira como têm agido vem conduzindo a humanidade para o caos social, espiritual e mesmo biológico, e a catástrofe se mostra iminente.

Vejamos alguns fatos que desabam à vista de qualquer um que se considere não estar dormindo ou sonhando. Por exemplo, fatos históricos inegáveis dos últimos séculos. Começemos pela assim chamada "Santa Inquisição". Quando se lê os Evangelhos, mesmo que não se possa reconhecer o sentido oculto (esotérico) neles contido, qualquer um que se considere realmente alfabetizado pode reconhecer o báratro existente na relação do homem com Deus expressa no Velho e no Novo Testamentos. Percebe-se claramente de que forma essa relação é proposta pelos guias espirituais da humanidade. Em ambos os testamentos, é levado em conta o estado de evolução da consciência humana no passado, antes do acontecimento do Gólgota e após, e como deveria vir a ser no futuro.

Enquanto no passado (época A. C.) a relação do homem com o Deus Jeovah era, e assim precisava ser, de obediência incondicional ao Mandamento, na mensagem do Cristus-Jesus é de libertação e amor a Deus.

A partir do acontecimento do Gólgota, a humanidade, que há aproximadamente seiscentos anos A. C. havia começado a desenvolver a faculdade de pensar e, por conseguinte, de reconhecer a verdade, por empenho e esforço pessoal, pois já Pherekides (de Siros ou Tiros) havia lançado os primeiros germes do que veio a ser a Filosofia (arte de pensar), também a partir desse tempo se iniciara a interiorização do Eu (um Eu pessoal). Em razão do nível de desenvolvimento da consciência e da faculdade de pensar, a humanidade viria a poder reconhecer e aceitar a doutrina do Cristus pela compreensão, pelo amor à verdade e ao Criador. Mas aqueles que deveriam agir segundo a doutrina dos Cristus encontrada nos Evangelhos, seguiram, talvez propositalmente, ou por não tê-la entendido, um caminho que, por assim dizer, era e ainda é um prolongamento da acepção javística. Cultivaram o medo a Deus, embora na palavra falassem em amor. Essa forma de propagar a religião até certo ponto conseguiu impedir a evolução da consciência e, como conseqüência, obliterar a construção da liberdade interior, a qual certamente facilitaria o nascimento do amor entre as pessoas, a liberdade espiritual, a igualdade nos direitos sociais e a fraternidade.

Quando se volta o olhar despírito para o domínio sócio- econômico-cultural, percebemos que as assim chamadas elites fazem tudo o que podem para manter as classes não privilegiadas na mais abjeta das penúrias.

A classe dirigente, detentora do poder econômico, político e intelectual, com raras exceções, é conservadora e até mesmo retrógrada, e se esforça ao máximo para nada conceder que permita a ascensão dos desfavorecidos. Somente quando sente sua vida terrivelmente ameaçada, e não tem mais como se proteger, é que concede migalhas, tentando assim amainar a pressão, afugentar o perigo iminente e evitar por algum tempo que o pior lhe aconteça. A não ser premida pelo medo, nada concede, só o fazendo quando nem mesmo o poder da repressão policial consegue estancar a avalanche. E assim na situação atual de nosso país. As pessoas que desfrutam de uma condição

sócio-econômica confortável clamam por paz, fazem passeatas, reivindicam a proteção do Estado, querem mais policiais nas ruas. Enfim, criam e transformam um sério problema de humanidade, social, econômico, espiritual, que seria resolvido pela fraternidade, em um caso de polícia.

E espantoso o estado de alienação das pessoas abastadas e das que detêm o poder!

Há exemplos sem conta na história da humanidade, em que, pela inépcia e alienação dos dirigentes de todos os domínios e tempos, o povo teve que apelar para a violência, como a única forma de conseguir algum avanço, na conquista de direitos que deveriam ser reconhecidos e não só concedidos, mas favorecidos por aqueles que detinham o poder para tal. Quantas trágicas conseqüências teriam sido evitadas! Quanto sofrimento! Quanta dor! Quanto atraso no desenvolvimento do ser humano por causa da insensatez das "elites"!

Uma das trágicas conseqüências da inépcia e insensatez foi a restrição até mesmo da liberdade de pensar. Tal como fez o comunismo e fizeram certas igrejas de várias confissões, ao determinar o que poderia ou não ser lido, prática que, embora muitas vezes veladamente, outras abertamente, fazem determinadas seitas. Ainda hoje há seitas que determinam como seus seguidores devem vestir-se, quais medicamentos não podem tomar, quais procedimentos terapêuticos não lhes são permitidos, etc...

Considere-se ainda o que o poder econômico está fazendo com o meio ambiente. Ou seja, lançar produtos sabidamente tóxicos no ar, no solo e nos mananciais hídricos; ou ainda pôr no mercado produtos designados como medicamentos, os quais não foram suficientemente pesquisados para se ter certeza de que não são danosos ao organismo humano, tais como a Talidomida, a Lipobay, o Vioxx, etc... que geraram mal-formações em fetos, ou mataram seres humanos, quando deveriam curá-los. Há ainda o caso de cientistas subornados para falsificarem, inventarem dados não pesquisados, ocultarem efeitos prejudiciais, tanto diretamente à saúde humana, como indiretamente, pela ação destruidora do meio ambiente.

É evidente que a maioria dos pesquisadores são corretos e querem proceder corretamente. No entanto, grande parte das pesquisas, especialmente as referentes às biociências, são patrocinadas por grandes empresas, cujo maior interesse é o econômico - aquela economia que não visa o progresso de todos, o bem do ser humano, mas apenas satisfazer o egoísmo pessoal, a posse, o poder a qualquer custo.

O pesquisador, na sua generalidade, é honesto. Porém, porque é apto e quer seguir sua vocação, se sujeita às pressões das organizações, tanto privadas como dos governos, para poder trabalhar naquilo que sabe e ama fazer.

Penso que qualquer pessoa de mediano nível de bom senso, nem precisa ser inteligente, poderá compreender que a chamada elite é imediatista, e quer apenas as vantagens egoístas, pessoais, do momento, ignorando que assim procedendo está cavando a sua própria ruína e de toda humanidade. E se não tem a mínima consideração com os seus descendentes, quanto menos terá com as futuras gerações. E uma mentalidade que se rege pela "moral" expressa na sentença: "Depois de mim, o dilúvio".

Os detentores do poder, em todos os domínios da ação, não se dão conta de que criaram e estão alimentando o monstro da violência em todas as suas formas. Do alto do pedestal da soberba se crêem inteligentes. Mas agora não sabem o que fazer com a criatura que ameaça devorá-los. E acreditam que somente respondendo com a mesma violência que usaram para criá-la, conseguirão destruí-la.

Ledo engano! O caos está aí não só batendo à porta da "inteligente elite", mas já pondo-a abaixo.

E agora, senhores inteligentes, como saireis dessa?!

Dorme! Sonha! Sonambula!

Dorme! Dorme o teu sono descuidado.

Dorme o sono do insciente alienado.

Sonha! Sonha o teu sonho acordado.

Sonha como se nada fosse acontecer.

Sonha o teu sonho de fortuna e poder.

Sonambula! Sonambula,

age como inconsciente.

Sonambula, continua,

age pior que um demente.

Pratica quanto podes todo o mal,

Aos outros e a ti mesmo.

Continua na inconsciência

agindo a esmo.

Cego, não vês que corres

para o abismo,

Que te espera com sua escancarada

boca infernal,

Até que sejas devorado

por teu próprio egoísmo.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte n° 4

Data : 30/06/2007

Título : O professor e o menino burrinho

Categoria: Artigos

Descrição: Lá pelo ano de 1963, eu trabalhava como psicólogo escolar no Ginásio de Iniciação Agrícola, de regime de internato. Nessa época, não havia lá um Serviço de Orientação Educacional.

O professor e o menino burrinho

GETULIO VARGAS ZAUZA

Lá pelo ano de 1963, eu trabalhava como psicólogo escolar no Ginásio de Iniciação Agrícola, de regime de internato. Nessa época, não havia lá um Serviço de Orientação Educacional. Como psicólogo, me competia atender os problemas psicológicos dos alunos, referentes a dificuldades de aprendizagem, a problemas disciplinares e dar alguma orientação metodológica aos professores que necessitassem esolicitassem.

Além das funções citadas, ainda coordenava uma equipe de professores que atuavam na área disciplinar. Todos eram formados técnicos agrícolas. Uns cursavam Agronomia, outros Veterinária e ainda outros. Administração de Empresas.

Como não houvesse grandes problemas disciplinares, pois os educandos provinham quase só do interior do Estado, meus auxiliares ocupavam a maior parte do tempo com alunos necessitados de reforço, na aprendizagem de certas matérias.

Aconteceu, em certo momento, tantos eram os que procuravam auxílio, que quase tínhamos uma segunda escola funcionando dentro do ginásio. Como, naquela época, era muito difícil analisar com o professor questões pedagógicas, especialmente no domínio da metodologia de ensino, a situação era preocupante, e eu não via uma solução para o problema.

Como que providencialmente, surgiu um problema significativo, o qual me obrigou a refletir sobre o caso: nas duas turmas do segundo ano ginásial, na primeira sabatina (era assim que se chamava cada prova mensal), oitenta por cento(80%) dos educandos alcançaram nota inferior à exigida para aprovação na disciplina de Ciências Naturais. O professor era competente na matéria e muito exigente.

Aconteceu uma avalanche de educandos apavorados pedindo ajuda. A equipe não tinha condições, nem de tempo nem de espaço de ajudar tantos.

Diante de tal situação, prometi-lhes que estudaria uma solução durante o fim de semana. E assim o fiz. Eu era licenciado em História Natural, além de pós-graduado em Psicologia. Refleti sobre o assunto. Pensei em como a ciência progrediu por degraus. Como um conhecimento adquirido apoia a descoberta de outro conhecimento, etc. Pensei também que o processo de aprendizagem baseia-se no mesmo princípio do avanço do conhecimento. É uma espécie de recapitulação, em que se percorre o mesmo caminho, apenas abreviado em tempo e conteúdo. A aquisição de um conhecimento

sólido é como a construção de uma escada, que tem de ser sólida. Seu apoio não pode ter lacunas nem podem faltar degraus. Assim é o estudo, tem que ser metódico, sistemático e consistente.

Eu, apesar de já ser pós-graduado, durante tantos anos de estudo, ninguém me havia ensinado como estudar. Refletindo sobre essa falha, ocorreu-me que, quando preenchemos uma ficha em que é solicitada nossa profissão, se só estudamos, declaramos como profissão: "estudante". Esta é, no entanto, a única profissão que exercemos sem havê-la aprendido, nunca nos ensinaram como exercê-la. Isso me soou como uma coisa absurda, porque a maioria das profissões, para exercê-las devemos antes aprendê-las e para tanto, estudá-las.

Para criar um roteiro fácil de ser compreendido pelos alunos, imaginei-me como um pesquisador de Botânica Sistemática (eu mesmo era professor de Fisiologia Vegetal na PUC/RS), com a missão de estudar toda a flora de uma região limitada.

Naturalmente, um botânico sistemático já conhece muitas das plantas da área a ser pesquisada, já teve contato com aquela vegetação, mas muitas plantas lhe são desconhecidas. Portanto, se faz necessário percorrer minuciosamente todo o território em causa, colher as plantas e etiquetá-las para posterior estudo e classificação, e descrevê-las, formando finalmente um texto completo.

Assim entendi como deveria ser um método de estudo, no caso, elaborado para estudantes dos níveis ginasial e colegial, como a seguir se expõe.

Método de estudo

A palavra "método" deriva do idioma grego: meta, alvo ou objetivo que se quer alcançar, mais odos (meta + odos), caminho que deve ser percorrido. Em todo processo de estudo devem ser seguidas as seguintes etapas:

I - Contato com a matéria objeto do estudo. Normalmente, isso se faz assistindo à exposição do professor, ou então ante um texto, do qual se faz uma leitura para tomada de conhecimento.

II - Leitura do texto para levantamento das dificuldades de compreensão, sublinhando e numerando os vocábulos cujo sentido não sabemos, ou não temos certeza do seu significado, ou ainda sublinhando parágrafos cujo conceito deve ser investigado.

III - No caso de vocábulos desconhecidos, ou malconhecidos, fazer um vocabulário com o sentido específico que eles têm na área do conhecimento sobre a qual está se tratando; quando se tratar de dúvida conceitual de um parágrafo, analisar profundamente o mesmo até tê-lo compreendido bem (reconhecido).

IV - Leitura de todo o texto para sua compreensão total.

V - Sintetizar o texto para poder fixar o conteúdo essencial e não memorizar todo o texto simplesmente.

VI - Realizar a fixação do conteúdo essencial, pelos diversos recursos de fixação da aprendizagem, visual, motoreauditivo.

VII - Utilização do conhecimento adquirido. No caso dos estudantes, os exames. A seguir reuni os alunos, em grupos de três e expliquei-lhes como o sistema deveria ser utilizado, para que a aprendizagem acontecesse no menor tempo possível, com o maior

rendimento e duração do conhecimento do conteúdo em causa, tendo eles prometido fazer tudo como fora estabelecido.

Não comuniquei nada ao professor para evitar interferência nos resultados, pois se tratava de uma experiência pedagógica. O resultado foi surpreendente. Os alunos orientados alcançaram notas superiores aos outros que haviam obtido notas de aprovação.

Aconteceu que alunos de outras séries e matérias passaram a procurar o método que havia dado tão bom resultado para os colegas. Entre os novos demandantes, procurei-me um jovem que não conseguia aprender matemática e sempre tirava notas baixas.

Eu havia elaborado um método inicialmente destinado ao estudo de Ciências Naturais, mas que tinha dado certo para outros ramos do conhecimento. Pensei então que também deveria funcionar para matemática.

Pedi ao aluno que aguardasse a segunda-feira, para que no fim de semana (era sexta-feira) eu pudesse pensar em como fazer para aplicá-lo nessa matéria. Na segunda-feira, chamei-o a meu gabinete e propuz-lhe a seguinte história imaginária: "Digamos que tu moras no alto de uma montanha e necessites de ir à vila adquirir materiais necessários para realizar determinados objetivos teus. De tua casa até a vila existe somente um caminho, e como é longe, não podes ir a pé. De um dos lados da estrada, o terreno é íngreme, e do outro, além de ser íngreme, há muitos precipícios, não há como passar por outro lugar.

Digamos que lá pelo primeiro terço do caminho encontres um obstáculo intransponível, uma grande árvore caída sobre a estrada. Como farias para ir adiante? "Passaria por cima", respondeu ele. Eu disse-lhe: "Mas tu vais com uma condução, como farias para tanto?" - "Eu removeria a árvore" - disse-me, empurrando-a para o lado,

- Com que força?— perguntei

- E, então eu teria que voltar e buscar ferramentas para cortá-la.

- Sim, mas não procuradas verificar se as ferramentas estão em boas condições, bem afiadas?

- Claro, isso seria necessário.

- Então com ferramentas adequadas seria possível remover o obstáculo e seguir viagem, podendo assim realizar o teu objetivo?

-Sim.

Como podes compreender, sempre na vida surgirão dificuldades, que teremos que enfrentar e esforçar-nos para resolvermos. Os obstáculos devem ser encarados como desafios para nossa inteligência, nossa força de vontade e persistência. Diante deles devemos parar, refletir e procurar o melhor meio de removê-los. Se não houver desafios, não haverá nada novo e nada a aprender. Assim, nós teríamos que permanecer naquilo que já conhecemos e não haveria progresso.

Agora, a tua dificuldade para aprender Matemática será resolvida se tu aplicares o mesmo raciocínio utilizado na história da árvore caída no caminho. Tu querias passar por cima. Pois é assim que muitos estudantes fazem, exatamente como tu fizeste. É claro que a culpa não é tua, mas dos professores que não ensinam como estudar. Como tornaste conhecimento através dos teus colegas, há um método simples e eficaz para estudar, ganhando tempo e aprendendo mais. Eles já te informaram sobre o método de estudo.

Suponhamos que tu tenhas que resolver uma questão sobre frações ordinárias, em que entram as quatro operações. Tu deves saber todas as regras e operações para a soma, subtração, multiplicação e divisão. Caso tu não saibas as regras para a soma, ficarás empacado e não adianta só saber as seguintes regras e operações. Se assim for é sinal que tu passaste por cima do pré-requisito.

A Matemática pode ser considerada, para efeito de compreensão do que estamos analisando, a um mecanismo, digamos, em que hajam sete engrenagens. Se faltar um dente ou mesmo houver um defeito num dente da quarta engrenagem, o mecanismo não funcionará. É necessário conhecer todas as regras, e a significação de cada palavra. Basta não saber o sentido de apenas uma palavra para não poder ir adiante. Aliás, isso é válido para todas as matérias em qualquer nível de estudo. Assim sendo, penso que compreendeste que deves fazer um exame rigoroso do teu conhecimento e encontrar as lacunas. Deves rever toda a matéria antecedente e, lá onde houver falhas, deves reestudar essas operações, pois necessitarás delas até o mais alto nível de estudo. Não se pode passar por cima de nada.

No caso de ter dúvidas sobre como deves proceder podes procurar –me sempre que necessitares. O método de estudo é o mesmo dado aos teus colegas. No mais é fazer como foi explicado.

Após essa conversa, o menino agradeceu e prometeu seguir a orientação. No dia seguinte, conversei com o professor de Matemática e informei-lhe que havia orientado o jovem quanto a um método de estudo geral e aplicado à sua matéria, e que pedia que não houvesse nenhuma facilitação, porque eu desejava testar o método com a Matemática e o seu empenho. O professor falou-me com as seguintes palavras: "Dr. Zauza, esse aluno é um menino muito bonzinho, mas é muito burrinho."

Eu respondi-lhe que estava tudo bem que o menino fosse burrinho, mas assim mesmo eu queria fazer a experiência.

No fim do mês vieram as sabatinas e o resultado é que o menino alcançou a nota oito. Nos meses seguintes obteve notas maiores. O professor não me falou nada. Ficou tudo como se nada houvesse sido feito e falado.

No ano seguinte, fui cedido para o Instituto Sta. Luzia, escola em regime de internato para deficientes visuais e não tive mais contato com o jovem, embora tenha voltado ao Ginásio de Iniciação Agrícola para realizar um treinamento para um grupo de professores.

Passados alguns anos, não lembro quantos, um dia, quando eu passava em frente à Faculdade de Arquitetura da UFRGS, encontrei meu ex-orientado. Eu quis saber o que ele havia feito nesses anos. Foi então que me contou estar cursando Matemática na Faculdade de Filosofia e ao mesmo tempo Engenharia na mesma Universidade e que já estava se encaminhando para, tão logo concluísse a graduação nas duas Faculdades, especializar-se em Cálculo.

Foi nosso último encontro, mas senti-me feliz por ter conseguido ajudar um menino muito bonzinho, porém muito burrinho vir, a ser matemático e engenheiro.

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007

Título : O humano feminino: evolução e degeneração

Categoria: Artigos

Descrição: O tema deste artigo, estou quase seguro, desagradará a "gregos e troianos".

O humano feminino: evolução e degeneração

GETULIO VARGAS ZAUZA

O tema deste artigo, estou quase seguro, desagradará a "gregos e troianos".

Inicialmente devo justificar porque a expressão "o humano feminino". Partindo de reconhecenças sobre a história oculta (esotérica), sabe-se que o Criador gerou inicialmente o HOMEM. Falando sobre o assunto dessa natureza, ou seja, de acontecimentos espirituais, só podemos fazê-lo com a única forma de linguagem existente, com palavras criadas por consciências, cuja constituição está limitada espaço-temporalmente, e ainda com a concepção de tempo determinada pela percepção do movimento do planeta Terra em relação a outros corpos celestes.

Eu gostaria de pelo menos poder ter duas palavras que designassem Homem masculino e Homem feminino, sem confundir com a questão da homossexualidade. Mas não existem, a não ser "andro" para masculino e "giné" para feminino, e isso causaria dificuldade de entendimento.

Tenho certa relutância em utilizar os termos "homem" para o masculino e "mulher" para o feminino, simplesmente porque a interpretação que a "religião" deu à passagem, no livro Gênese, do Velho Testamento, quanto à geração dos dois gêneros de HOMEM, é horivelmente depreciativa do gênero feminino. E essa interpretação, que na Bíblia é representada pela passagem da serpente que seduz Eva, que depois seduz Adão, é, na realidade, um dos poderes postos no caminho evolutivo da humanidade. Lúcifer, o qual teria uma missão junto a ela, isto é, a responsabilidade pela formação da absurda e até mesmo suspeita mentalidade masculina com relação ao gênero feminino.

Pessoas da minha idade ainda lembram que aos seminaristas era dito para não se aproximarem das mulheres, porque elas representavam a tentação do diabo. Ora, qualquer pessoa que não fosse um beócio ou condicionado pelo medo do castigo de Deus, poderia pensar no absurdo que é afirmar que toda a humanidade descende de um único casal. Ou os responsáveis pela "religião" não sabem, ou ocultam a verdade sobre o assunto. É necessário que se saiba quem é Eva e quem é Adão. O que estes dois

nomes significam na revelação da gênese da humanidade. Mas isto seria assunto para outra oportunidade.

O fato é que ao longo de séculos e séculos a mulher vem sendo depreciada, e sofrendo toda sorte de discriminação e opressão. E isto com o apoio das "religiões".

Apenas no século XX o ser feminino começou a despertar e lutar pela igualdade de direitos entre os dois gêneros de homens, e isso representa, sob certo ponto de vista, uma evolução da consciência feminina, que reivindica os mesmos direitos de que o gênero masculino se apossou.

No entanto, se a questão for considerada de um ponto de vista objetivo, há muito a lamentar. E talvez o mais lamentável é terem sido tomados como modelo a mentalidade e o comportamento masculinos, no que diz respeito aos aspectos mais vulgares. E, neste sentido, pode-se lamentar profundamente, porque isso significa não uma evolução, uma aquisição de maior dignidade, muito pelo contrário, é um rebaixamento, uma degeneração, porque assim, ao invés de desenvolver as suas potencialidades superiores, adota o que de mais abjeto é existente no masculino, a vulgaridade.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 30/06/2007

Título : A educação do sentimento

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje pela manhã fiz algo que não costumo fazer. Após o café, resolvi deitar-me um pouco.

A educação do sentimento

GETULIO VARGAS ZAUZA

Hoje pela manhã fiz algo que não costumo fazer. Após o café, resolvi deitar-me um pouco. Enquanto relaxava, veio-me à consciência o terna acima. Então lembrei-me do meu amigo. Dr. Aventino Agostini, e de seu livro Para Além dos Répteis.

O Dr. Aventino é um eminente patologista e, como todo médico, recebeu uma formação orientada segundo a aspecção filosófica de mundo materialista. Por conseqüência, sua concepção evolucionista e em especial do ser humano é materialista, a qual faz tudo depender de constituição anatômica e de correspondentes processos bio-físico-químicos. Mas o mais interessante e paradoxal em sua personalidade e concepção é que ele é um idealista, mas não no sentido da filosofia idealista, mas sim no de que vive um ideal de realização que diz respeito à necessidade de educar a vida de sentimento no seu aspecto supremo, o AMOR. Portanto, empenha-se com o valor mais elevado da alma humana. E aí está o paradoxal de sua personalidade: um materialista que se ocupa com as questões da alma. E assim sendo acaba caindo na dicotomia corpo-alma, ou matéria-espírito, ou seja, no idealismo.

O Dr. Aventino e eu temos, portanto, dois aspectos em comum. Ele tem formação de ciência de natureza e se interessa por questões da alma. Eu tenho a mesma formação básica biológica, tendo exercido por dez anos a docência de Fisiologia Vegetal na PUC/RS. e formação psicológica, com 42 anos de exercício da psicoterapia analítica, portanto, lidando sempre com a alma, sendo que, desde meus 22 anos, estou em contato com a Psicanálise, tendo já nessa época aplicado suas técnicas como auto-análise.

Uma diferença, no entanto, existe entre nós. É que, apesar de eu nunca ter adotado qualquer orientação religiosa, creio que ele também, seguiu por autodeterminação um caminho eclético, ou talvez, melhor dito, um que me possibilitasse uma visão universal, que valorizasse tanto o conhecimento da ciência de natureza com sua objetividade da experiência facultada pelos sentidos físicos, como a mesma objetividade que um pensar plenamente desenvolvido faculta, tanto às ciências da Alma, do Espírito, e ainda a segurança na emissão dos juízos que realmente correspondam à verdade das conexões dos fenômenos entre si. Assim tornei-me um pensador que busca sobre tudo a objetividade nas questões do Espírito, a partir do próprio Pensar.

Como psicólogo clínico, trabalhando com a vida de sentimentos, percebi o quanto a pessoa pode estar sujeita a graves enganos, a respeito dos juízos que faz sobre os seus próprios e dos demais. Dessa percepção afora reconheci a necessidade da participação do Pensar na reconhecença do acerto ou equívoco, tanto do juízo a respeito de si mesmo, bem como dos outros, e mesmo de qualquer coisa. Então, por não ter encontrado estudo que descrevesse como se processa o nosso modo de pensar, resolvi, a partir de auto-observação, isto é, da experimentação na própria consciência, descrever o seu processo, resultando num trabalho intitulado A Fenomenologia do atual hábito de pensar (Revista Água da Fonte, ano 1, n.º 2, da Academia Passo-Fundense de Letras, 2004), no qual é mostrado, passo a passo, o processo mental e ainda, na forma socrática, a falibilidade do mesmo, porque ele está contaminado pela subjetividade dos sentimentos, quando a psicoterapia, para ser realmente eficaz, necessita do máximo possível de objetividade, uma vez que se trata de que o paciente realize não só a libertação dos conflitos, mas também desenvolva, pelo menos até certo ponto, a capacidade de reconhecer verdades e transformar hábitos doentios.

Até aqui o leitor poderá estar acreditando que estou julgando o sentimento em si como algo mau que não devêssemos possuir. É evidente que não é o caso. Nossa vida da alma está dotada de três faculdades fundamentais: 1) O Querer ou Vontade, ou seja, a força que necessitamos mobilizar para a prática de qualquer ato deliberado e consciente, inclusive pensar; 2) O Sentir, faculdade sobre a qual temos apenas o poder de direcionar, executar ou não certos impulsos, ou atenuar a força de certos sentimentos, mas nunca de produzir um sentimento; 3) O Pensar, que podemos exercer ou não se assim o desejamos, ou seja, se expervivemos, sentimos a necessitada para tal. Aqui fica evidente

a importância da vida de sentimentos, pois é por ela que podemos entrar numa relação subjetiva, pessoal, com o mundo, inclusive conosco mesmos, enquanto somos uma parte dele, tanto quanto qualquer outro objeto.

É, por conseguinte, pelo sentimento, percebido pelo nosso EU (Pensar) como necessidade, desejo, aspiração, que chegamos à formação de um ideal nobre. É assim que, através da vida do sentimento (Sentir), surge o desejo, o Eu (Pensar) percebe-o e ativa a força (O Querer ou Vontade) que permite a realização do ato voluntário.

Compreende-se facilmente, do acima exposto, a necessidade da educação do sentimento, para que o ser humano desenvolva sentimentos cada vez mais sublimes e deseje elevar-se cada vez mais cultural e espiritualmente. Assim sendo, é necessário que todos aqueles que participam da educação, professores e pais particularmente, mas também toda a sociedade, primem pelos valores estéticos, considerando estético aquilo que contém reunidas no mesmo ser, as qualidades do Belo, do Bom e da Verdade.

Um esforço deveria ser feito por todos, primeiramente pelos adultos, no sentido da auto-educação, buscando arrancar-se da mesmice da escória dita cultural, por exemplo da televisão, do cinema e do rádio, sem qualquer conteúdo edificante. E preciso desenvolver o gosto pela boa leitura; que a família conviva realmente, converse sobre valores humanos; que cada um desenvolva a capacidade perdida de ouvir o outro, procurando compreender o que se processa em sua alma, quais sentimentos, quais dramas íntimos está vivendo.

Não será por meio de sermões ou pregação que se conseguirá despertar sentimentos nobres e sublimes nas crianças e nos jovens. Somente pela prática da convivência amorosa cotidiana as almas serão impregnadas e estimuladas a desenvolverem as qualidades necessárias para uma vida digna da condição, destinação e missão da humanidade: a participação na obra do Criador. E absolutamente imprescindível que se comece a reversão da desgraça que vem acontecendo: a humanidade, ao invés de estar aprimorando a sua sensibilidade, a acuidade perceptiva, tornando-se capaz de fruir prazeres gerados por estímulos mais sutis, delicados, está se tornando cada vez mais insensível, tanto nos sentimentos como nas sensações, precisando de estímulos cada vez mais intensos, grosseiros e vulgares para alcançar alguma sensação de prazer. As pessoas estão se tornando cada vez mais rudes, insensíveis e desrespeitosas com relação a tudo e a todos. As famílias não convivem mais, ninguém ouve ninguém. Quando muito ficam amontoadas em frente a um televisor. O virtual passou a ser considerado mais importante que o real. Quando uma criança quer revelar algo de sua alma ou pedir uma explicação, os adultos mandam calar a boca, porque está atrapalhando a atenção ao que se passa na tela.

Ninguém se dá conta de que talvez aquela pergunta, ou a revelação daquela alma infantil, poderá ser algo determinante da direção que aquela vida tomará no futuro, decidindo sobre a sua felicidade ou infelicidade, pois aquele momento é único e nunca mais acontecerá.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 07/08/2007

Título : Complexo Roselândia

Categoria: Artigos

Descrição: Falar sobre a importância do Complexo Roselândia exige breve consideração sobre as origens da área que abriga esse empreendimento e também sobre seu idealizador, Iradi Laimer.

Getulio Vargas Zauza (*)

Falar sobre a importância do Complexo Roselândia exige breve consideração sobre as origens da área que abriga esse empreendimento e também sobre seu idealizador, Iradi Laimer. Eu o conheci quando ambos aguardávamos nossa vez na fila interminável do Banrisul. Passou a falar-me sobre o ideal de transformar a área num empreendimento de lazer, turismo e cultura. Eu via em seu projeto uma bela alternativa para oferecer meios de recreação para crianças e jovens principalmente, mas também para adultos de todas as idades. Isso tudo tendo em vista o crescimento vertical da cidade onde todos ficam confinados em gaiolas. Inclusive, escrevi uma série de artigos no O Nacional relacionando a vida nesse tipo de residência com o surgimento de doenças do sistema nervoso (perturbações da vida afetiva) conhecidas também como neuroses.

Na época, já se podia prever o aumento populacional, particularmente devido ao êxodo rural, trazendo como consequência a necessidade de geração de emprego e mais, que a falta de emprego acarretaria o aumento da pobreza e daí à miséria, à delinquência, à insegurança e intranquilidade.

Quanto à origem da área em questão, primeiramente pertenceu desde 1871 ao bisavô de Iradi, Antônio Bento de Souza, depois a Eugênio Laimer, casado com Francisca Bento de Souza, filha de Antônio Bento de Souza. Parte da área original pertenceu ao pai de Iradi, Eduardo Laimer. Iradi recebeu como herança uma porção de terra com 15 hectares e, posteriormente, adquiriu mais 90 hectares.

Em 1969, em visita a São Paulo, conheceu a Roselândia daquele Estado. Ficou encantado.

Na revista O Cruzeiro tomou conhecimento da existência de grandes parques temáticos mundiais.

A beleza topográfica da área e o fato de ser o início da bacia hidrográfica do Guaíba exerceu um importante influência na decisão de lutar pela criação de um pólo turístico em Passo Fundo, pois além de preservar os mananciais hídricos proporcionaria um desenvolvimento econômico, social, cultural e oportunidades de trabalho para as

gerações futuras, contribuindo dessa forma para erradicar o caos de miséria e insegurança que já está instalado nesta cidade.

O ideal pelo qual o Iradi, bem como de outras pessoas que reconheceram o valor do projeto e estão lutando pelo mesmo ainda não se realizou, mas está em andamento. Prova é o número de instituições que já estão em pleno funcionamento na região oferecendo trabalho e lazer a uma parcela da população passo-fundense, tais como:

1) Roselândia Parque Clube, com 1.200 sócios; 2) Clube Recreativo Juvenil, com 13.500 sócios e 35 funcionários; 3) Associação dos Engenheiros Agrônomos, com 148 sócios e um funcionário; 4) CTG Lalau Miranda; 5) Associação dos Funcionários da Caixa Econômica Federal; 6) Kartódromo Clube de Passo Fundo; 7) Associação de Engenheiros e Arquitetos de Passo Fundo, com 200 sócios e um funcionário; 8) Acomac, com 100 sócios e um funcionário; 9) Área do Rodeio Crioulo Internacional; 10) Sindicato dos Comerciários, com 5.000 sócios e seis funcionários; 11) Clube Recreativo Industrial, com 6 mil sócios e 10 funcionários; 12) Associação dos Funcionários INSS, com 120 sócios; 13) Clube dos Advogados; 14) Paradel Clube; 15) Liga Passofundense de Futebol; 16) Centro Hípico Irineu Ghelen; 17) Centro Hípico Motez-Toaza; 18) Canil Job laione; 19) Canil do Aguirre; 20) Zanotto Roselândia (produção de rosas); 21) Clube Recanto IPAI; 22) Panela Preta Cavaleiros do Planalto; 23) Funzotur; 24) Arcon.

Portanto, hoje, o Complexo Roselândia já conta com 24 entidades, 26.268 sócios que desfrutam os benefícios do empreendimento e aproximadamente 60 funcionários permanentes, sendo que periodicamente acolhe mais de 100 mil pessoas para usufruírem o prazer das mais diversas atividades culturais, sociais e esportivas oferecidas nessas entidades.

Data : 07/08/2007

Título : O início da Psicologia

Categoria: Artigos

Descrição: O primeiro psicólogo radicado em Passo Fundo foi o dr. Pe. Patalon, o que em 1974, já fazia alguns atendimentos na área de psicoterapia;

Getulio Vargas Zauza (*)

O primeiro psicólogo radicado em Passo Fundo foi o dr. Pe. Patalon, o que em 1974, já fazia alguns atendimentos na área de psicoterapia; dava assistência aos alunos da Escola Especial O Sorriso de Amanhã, mas sua atividade principal era realizar o exame psicotécnico em candidatos à obtenção da licença para conduzir veículos automotores.

O fato de trabalhar na supervisão escolar oportunizou-me fazer contato com as comunidades vizinhas: Carazinho, Não-Me-toque e Vitor Graeff. Nas duas primeiras, dei assistência às respectivas escolas especiais, atendendo aos alunos, orientando os

professores, organizando e coordenando a equipe científica. Na APAE de Passo Fundo, também realizei as mesmas tarefas, organizando e coordenando a equipe científica multiprofissional durante nove anos até o momento da aposentadoria em 1982.

Na 7ª Delegacia de Educação, fundei, sob a supervisão do Departamento de Educação Especial da SEC, o Núcleo de Assistência psicológica (NAP), ao qual competia orientar os professores relativamente à avaliação do nível de maturidade das crianças ingressantes na 1ª série do 1º grau. Ainda era competência do NAP avaliar psicologicamente os educandos dessa série caso apresentassem dificuldades de aprendizagem, diagnosticando as causas, indicando todos os procedimentos necessários para resolver as dificuldades, e ainda, inicialmente, ensinando recursos psicopedagógicos às professoras. Após algum tempo, a DE disponibilizou a formação de duas psicopedagogas para dar atendimento aos educandos e orientação na área aos professores.

Ao mesmo tempo em que realizava centenas de avaliações e diagnósticos, fiz palestras em instituições das comunidades, ora a pedido das mesmas, ora cumprindo o programa da 7ª DE. Nessas palestras, explicava o que é a Psicologia e os benefícios que se pode obter com seu emprego, tanto na clínica psicoterápica, como auxiliante no processo educacional, bem como no setor empresarial.

Assim, em pouco tempo abriu-se campo para vários outros psicólogos. A população entendeu rapidamente os benefícios que se pode obter com a Psicologia, especialmente ante a resolução de tantos casos que antes nem sonhavam que pudessem ter solução. Também foi se preparando o terreno para a profissão de psicopedagogo, que tantos benefícios tem trazido para crianças, que sem esse recurso estariam condenadas ao analfabetismo.

Ainda, outro grande avanço deu-se com a colaboração dos psicólogos, psicopedagogos e neurologistas realizando um trabalho integrado em benefício das crianças com distúrbios nas áreas indicadas.

Para citar apenas mais uma das muitas conseqüências benéficas da vinda da Psicologia para Passo Fundo, tem-se a criação do Curso de Psicologia na Universidade de Passo Fundo. E, neste sentido, não pode deixar de mencionar ser o denodado esforço, interesse e sacrifício do professor Agostinho Both, que deve ser reconhecido como o “pai” do referido curso. É a ele que a comunidade de Passo Fundo e de toda a região norte do Rio Grande do Sul deve agradecer.

Quanto ao meu trabalho pessoal, posso citar ainda que nestes 32 anos que vivo e trabalho aqui, considerando a longa duração de uma psicoterapia, já tratei um número considerável de pessoas, pois contando os que se encontram em tratamento, são 670 (seiscentos e setenta) os pacientes de consultório. Agora, se fosse levar em conta diagnósticos de crianças e orientação individual aos pais, sem contar os pacientes da clínica, devo estimar cerca de 10 mil atendimentos extra clínica particular.

Ainda quero citar como hipótese de outras conseqüências importantes e benéficas foi uma conversa que tivemos a professora Tânia Rösing e eu há muitos anos por solicitação sua sobre a importância que teria o ler ou contar histórias infantis às crianças para o seu desenvolvimento psicológico (da alma e espírito) saudável. Nessa conversa amical, afirmei que é após a demonstração à criança do amor que se tem por ela, uma das melhores coisas que se pode e deve fazer, especialmente os Contos de Grimm os quais contêm um profundo sentido espiritual.

Hoje, ao escrever este relato me ocorre a (talvez vã) idéia de que nessa amical e despretensiosa conversa não esteve ocultamente o gérmen do que a professora Tânia veio a criar: a fantasticamente importante Jornada Nacional de Literatura Brasileira, reconhecida por lei federal.

Ainda quanto à Psicologia em Passo Fundo, coube a mim ser o primeiro psicólogo clínico radicado aqui. Se isso foi o gérmen para o desencadeamento do que veio após, não sei. O que posso afirmar com absoluta segurança é que ela trouxe progresso científico e cultural para a comunidade, além de todos os demais benefícios para as profissões já citadas, para crianças, pais e professores, especialmente das primeiras séries. Ao dr. Patalon e a mim coube a menor parte nesse processo.

Data : 31/12/2008

Título : O Professor de desenho e o menino -aleijadinho-

Categoria: Artigos

Descrição: Esta é mais uma história ocorrida na mesma escola onde aconteceu o caso do professor e o menino burrinho.

O Professor de desenho e o menino “aleijadinho”

Esta é mais uma história ocorrida na mesma escola onde aconteceu o caso do professor e o menino burrinho.

Certo dia, o diretor do Ginásio procurou-me para pedir-me opinião sobre o que poderia ser feito para resolver uma situação um tanto complicada.

A questão era que o Ginásio era uma instituição destinada a jovens de constituição física normal, por ter como objetivo despertar a vocação para as atividades agrícolas. Portanto, eles deveriam estar aptos fisicamente para o manejo dos instrumentos necessários para as referidas atividades. Mas por uma questão puramente humanitária, foi admitido um jovem do interior e de família muito pobre.

Esse jovem era portador de uma insuficiência física grave, pois todo seu lado direito era defeituoso, a ponto de não poder manusear instrumentos utilizados para as tarefas de desenho geométrico, bem como para as agrícolas. Quando chegou o momento em que a disciplina de Desenho passou a fazer parte do currículo, ele não tinha condições de realizá-la. Ele teria que ser reprovado, e conseqüentemente, desligado da escola. E, evidentemente não poderia freqüentar outra. Ficaria sem poder estudar. O que seria de sua vida? Ele era um jovem inteligente.

Aprová-lo sem cumprir a disciplina não era possível legalmente, e pedagogicamente seria incorreto. Então conversei com o professor e sugeri uma atividade alternativa: trabalhos com tinta guache e lápis de cera. Mas o professor não aceitou.

Ante esse impasse, no fim-de-semana seguinte dediquei-me a imaginar uma forma de solucionar a questão, de uma maneira que satisfizesse as exigências legais e pedagógicas. Como eu conhecia bem que tipo de desenhos teriam que ser realizados e os respectivos recursos necessários para tal, pus-me a meditar, primeiramente sem tentar formar uma representação. Apenas coloquei o problema ante a consciência. Pouco a pouco, foi-se configurando uma imagem da situação. Formou-se ante minha “visão” interna uma espécie de prancheta, na qual poderiam ser fixados os instrumentos necessários para a realização dos traçados, com a mobilidade e firmeza adequadas. Mentalmente, fui fixando os instrumentos e fazendo os devidos desenhos. Feito isso, fiz um desenho esquemático da prancheta. Mas então surgiu outro problema: como construí-la? Eu não possuía as ferramentas, nem o material e menos ainda a habilidade. Fui dormir.

No dia seguinte pela manhã, segunda-feira, fui para a escola. No caminho, lembrei-me que havia lá um professor de Geografia que talvez resolvesse a questão. Logo encontrei o professor Ilo Frediani, que dominava várias atividades, tais como ourivesaria, pintura, restauração de obras de arte, etc... Falei com ele, expus o problema e apresentei-lhe o projeto, que ele logo aprovou e comprometeu-se a executá-lo. Pediu-me uma semana de prazo.

Na semana seguinte, estava pronta a prancheta. Testamo-la na prática. Funcionou. Ato seguinte, convidamos o aluno a receber o treinamento sobre como utilizar todos os seus recursos.

Enquanto tudo isso acontecia, já havia decorrido mais de um mês e meio de aula. Em uma semana, o jovem atualizou os desenhos das aulas anteriores e, ao mesmo tempo, acompanhava regularmente as atuais. Problema resolvido, o jovem feliz, e nós, o diretor, o professor Frediani e eu, também. Nenhum comentário do professor de Desenho...

Em 1964, fui requisitado e cedido ao Instituto Santa Luzia, para trabalhar como psicólogo. Lá permaneci até o fim do ano de 1973 (9 anos). Em 1974, transferi-me para Passo Fundo.

Alguns anos depois, encontrei-me casualmente com o professor Iran Ardenghi, que era o diretor na época dos referidos acontecimentos e havia retornado a assumir a direção do Ginásio Agrícola. Conversa daqui, conversa dali, lembranças daqueles tempos. De repente, ele perguntou-me se eu lembrava daquele aluno. – Claro! – Tu podes imaginar qual a profissão dele? – Nem por sonho! – Pois não vais acreditar! – Por que não? – Por que ele é desenhista de projetos, aprovado em concurso público.

Se há conclusão a tirar desse fato, tire você, leitor, particularmente se fores professor.
da revista Água da Fonte n° 06

Data : 31/12/2008

Título : A obra de arte: quando está viva e quando está morta

Categoria: Artigos

Descrição: Para as considerações que se seguem, farei uma comparação entre as duas categorias de homens...

A obra de arte: quando está viva e quando está morta

Para as considerações que se seguem, farei uma comparação entre as duas categorias de homens que têm acesso ao mundo das idéias, o filósofo e o artista.

Há semelhança entre eles, quanto ao fato que ambos partem do mesmo ponto para o seu realizar. Partem da idéia, mas a forma como ela entra na consciência de cada um é que se diferencia, bem como a feição da obra de cada um.

O filósofo ascende ao mundo da idéias por meio de rigoroso esforço de escolagem do pensar superior. O artista, tendo desenvolvido habilidades através de uma também rigorosa escolagem estética, recebe o influxo da idéia pela intuição.

O filósofo, após haver apreendido a idéia, a elabora na forma de conceitos bem contornados, expressa-os como pensamentos lógicos e os cristaliza na palavra escrita.

O artista é como que tomado pela força da idéia, expervive-a como emoção estética, plasma-a na forma da beleza, segundo o seu talento.

Enquanto filósofo e artista criam a sua obra, a idéia que lhe deu origem vive em suas almas e consciências. Uma vez pronta a obra, e entregue ao mundo dos sentidos, a idéia se retrai para seu mundo e então a obra de arte está morta. Mas ela foi feita para viver, porém isto só é possível se, no decurso de sua existência, houver pessoas capazes de afinar suas almas e as cordas da lira de que a idéia vibrava nos criadores da obra. Só então tem o poder de realizar o milagre da ressurreição.

Quando o contemplador consegue realizar esse milagre, ele é agraciado com as mais belas e gratificantes emoções estéticas.

É um bem-aventurado, e o mundo das idéias (mundo espiritual superior) agradece. A realização de uma obra de arte é um ato sacrificial. O mesmo acontece com a obra filosófica, quando se consegue reconhecer as verdades elaboradas pelo filósofo, cujas reconhecenças nos são por ele reveladas, mas neste caso expervive-se a emoção ética, que é tão gratificante quanto a emoção ética.

É isso que o poema “Palavra Morta”, a seguir transcrito, quis me dizer.

da revista Água da Fonte n° 06

Do livro inédito:

Solidão e Dor

Data : 31/12/2008

Título : Autoconhecimento e Auto-reconhecença

Categoria: Artigos

Descrição: Autoconhecimento pressupõe a existência do eu fortalecido.

Autoconhecimento e Auto-reconhecença

Haverá alguma diferença de sentido entre essas duas palavras? De certa forma, existe. Conhecer significa um saber relativamente pouco profundo. Nós topamos com algo pela primeira vez, conhecemos esse algo. Quando, nas próximas vezes, nos defrontamos com a mesma coisa, temos consciência de que já sabíamos de sua existência. Então reconhecemos o objeto em causa e podemos examiná-lo mais detida e profundamente.

A palavra “auto”, no caso, significa “si mesmo”. Neste caso, conhecimento de si mesmo.

Há um momento, na evolução pessoal, em que a criança se refere a si na terceira pessoa. Ela diz, por exemplo: o Joãozinho, em vez de eu, pois antes do seu terceiro ano de vida ainda não interiorizou o eu, e não tem uma autoconsciência.

Assim como para o individuo existe um momento para auto-designar-se como um eu, há também um momento, na historia da humanidade, no qual o ser humano passou a ter um eu e ter consciência disso, quer dizer, consciência de si mesmo, ou, autoconsciência.

Contemplando mesmo superficialmente, percebemos que o ser humano normal é constituído de quatro membros, ou seja: 1) o corpo físico; 2) determinado gênero de forças que permitem que esse corpo físico seja vivo; 3) a capacidade de ter sensações e sentimentos (alma, ou como se diz na Psicologia oficial, psique); 4) o quarto membro, o eu (espírito), o qual nos dá a capacidade de pensar e com isso discernir e organizar tanto a vida exterior, quanto a interior

(vida emocional).

O autoconhecimento, no sentido hogeno, se refere ao conhecimento dos processos psicológicos (vida emocional), normais, mas principalmente os patológicos, objeto da Psicoterapia e da Psiquiatria.

Quanto à auto-reconhecença, o saber é mais profundo e extenso. Ele abrange os processos inerentes ao eu (espírito).

Para tanto, se faz necessária uma consciência muito mais enérgica. O eu é um membro da organização de cada indivíduo, que o define como homem (ser humano). Se nós não tivéssemos um eu, não seríamos realmente um ser humano.

Atualmente, para a maioria dos seres humanos, o eu significa apenas o pronome da primeira pessoa do singular, que serve para designar a si mesmo. É considerado apenas como uma categoria gramatical. No entanto, ele é a força mais significativa, a que torna possível ao homem ser pensante e, em conseqüência, alçar-se acima do meramente natural, e ser um criador de cultura e tecnologia.

Essa ignorância a respeito do eu (espírito) deve-se ao dogma decretado no Concílio de Constantinopla, o qual determinou como heresia crer que o homem era formado de corpo, alma e espírito e sim somente corpo e alma, dessa forma rebaixando-o ao nível do animal, que não possui um eu, mas apenas a força que o torna capaz de ter sensações e mesmo sentimentos, como é o caso dos animais superiores.

Duramente, nos quarenta e quatro anos como psicoterapeuta, tendo tratado em consultório cerca de mil pacientes, não houve um só que tivesse consciência que o eu é o membro que coordena os nossos atos.

Em função do desconhecimento da importância desse membro e mesmo da não-consciência de que ele é o responsável pela ordenação da vida emocional e da vida exterior, de todos os nossos atos, criei o exercício de autoconcentração, cuja finalidade é tornar possível ao paciente e a qualquer um que o faça, perceber a enorme diferença existente em pronunciar a palavra eu, com ou sem a consciência de sua força.

Autoconhecimento pressupõe a existência do eu fortalecido. Pois, como seria possível a contemplação dos processos anímicos, uma vez que é exigência para tal um bom nível de autoconcentração, em virtude da fluidez com que acontecem?

A auto-reconhecimento exige como premissa o autoconhecimento. Ela é um degrau superior de desenvolvimento da consciência, pois que trata não só do conhecimento dos processos anímicos, mas do homem total, ou seja, daquilo que ele é e do que ainda virá a ser.

No nível da auto-reconhecimento, o homem deverá paulatinamente vir a ser capaz de reconhecer os quatro membros atuais, bem como as forças que virtuem na formação da sua individualidade, a sua forma de ação e a sua natureza e origem. Disso depende a evolução da humanidade.

Os INICIADOS da antiga Grécia já sabiam disso. É tal a importância do autoconhecimento, numa primeira etapa, e da auto-reconhecimento, numa segunda, que no frontispício do mais importante templo de iniciação (Templo de Apolo), estava escrita a frase “Nosce te ipsum”

(expressão latina).

É quase incompreensível que, vários séculos antes do acontecimento Christus, já fosse reconhecida a importância do conhecimento de si mesmo para a vida humana, e que, na nossa época, a prática do autoconhecimento não faça parte da educação.

A ausência do autoconhecimento leva a pessoa a tomar o falso pelo certo, incorrendo em sérias ilusões. Leva-a descaminhos na vida, a enganar e sofrer, que poderiam ser evitados, e também a causar sofrimentos aos outros.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 22/09/2009

Título : 02 Conceito de energia

Categoria: Artigos

Descrição: Antes de entrarmos nas considerações sobre o ponto de vista de Jung relativo à natureza energética da psique humana, vejamos o conceito clássico de energia da Física mecanicística, segundo Rankine (1852)...

Conceito de energia

Antes de entrarmos nas considerações sobre o ponto de vista de Jung relativo à natureza energética da psique humana, vejamos o conceito clássico de energia da Física mecanicística, segundo Rankine (1852): "Energia é a capacidade de produzir trabalho". Este conceito é expresso matematicamente pela equação: $T = F \times e$ (T=Trabalho; F=Força; e=espaço, na verdade uma determinada distância percorrida pelo corpo impulsionado por uma força que é uma certa quantidade de energia).

Como se pode perceber, a natureza da energia não é expressa, mas apenas a sua capacidade de produzir um determinado efeito, ou seja, produzir trabalho, portanto não temos o conceito.

Do ponto de vista atual, além de não esclarecer a natureza da energia, não considera situações em que o espaço (e) não está presente ou, pelo menos, não é apreensível. Suponhamos que apliquemos uma determinada quantidade de energia (F) sobre um corpo fixo. Se a quantidade de energia não for suficiente para romper ou remover o

mesmo, houve ou não houve trabalho? Pois o corpo não percorre nenhum espaço, ficou imóvel. Mas a força foi aplicada!

Qual a origem da força? É possível produzir força sem energia? Se produzir força sem energia for impossível, então teremos que admitir a limitação da afirmação de Ranquine, que é ensinada até nossos dias, desde o Ensino Fundamental até às Universidades. Essa "conceituação" é, naturalmente, útil quando se trabalha com máquinas.

Para ser aceita uma tal conceituação, teremos que admitir que a teoria sobre a estrutura da matéria e, conseqüentemente, do átomo, seja realmente verdadeira. Em tal caso, toda a matéria sólida, líquida e gasosa teria seus componentes, moléculas, átomos, elétrons, etc. em perene movimento. Assim, quando um corpo fixo receber uma certa quantidade de energia, produzirá uma alteração no estado de movimento das partículas do corpo, a qual será traduzida como trabalho realizado.

Como a teoria sobre a estrutura do átomo é uma extrapolação que admitida como possível, pode-se construir raciocínios lógicos a partir da premissa de sua probabilidade, serve para construir inferências, hipóteses e explicações para forças físicas, orgânicas (biológicas) psíquicas e espirituais, o princípio que tudo move, transforma, cria determinados fenômenos da Física e da Química e ainda, por extensão, para a Bioquímica e Biologia. Mas o átomo não é uma entidade que pode ser observada em si mesma, não é um dado ao alcance dos sentidos, nem mesmo com extensão da visão através dos mais potentes instrumentos de ampliação da capacidade de percepção visual.

Talvez se poderia conceber o átomo como uma entidade numa forma ainda não condensada, imaterial, num estado energético que seria a transição do estado de energia para a matéria. Mas poderíamos pensar a energia como sendo algo que possui a capacidade não só de promover deslocamento de um corpo qualquer (matéria), mas também alterar seus estados de movimento, repouso, bem como físicos (sólido, líquido, gasoso e térmico).

De qualquer forma, não estaríamos conceituando a natureza da energia, porém apenas declarando aquilo do que ela é capaz de produzir. Poderíamos, talvez, dizer que a energia é uma entidade imaterial capaz de metamorfosear-se, manifestar-se sob todas as feições (formas) infinitamente possíveis, desde a matéria física/inorgânica, forças físicas (inorgânicas), orgânicas (biológicas, psíquicas e espirituais), o PRINCÍPIO que tudo move, transforma, cria.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 03 A energia psíquica

Categoria: Artigos

Descrição: Vários autores citados por Jung, já antes dele, trataram da questão da energia sob diversos pontos de vista, inclusive relativamente à energia psíquica, porém, nenhum com a extensão e profundidade com que ele desenvolveu o tema.

A energia psíquica

Vários autores citados por Jung, já antes dele, trataram da questão da energia sob diversos pontos de vista, inclusive relativamente à energia psíquica, porém, nenhum com a extensão e profundidade com que ele desenvolveu o tema.

Jung trata extensivamente da questão e desenvolve farta argumentação, particularmente em seu livro "A Energia Psíquica", mas não oferece nenhum tipo de experimentação psicológica que permita demonstrar a veracidade de sua afirmação e transfere para os físicos a tarefa de demonstrar experimentalmente a sua veracidade no futuro.

Acontece que os físicos não trabalham com o psiquismo. E mesmo que viessem a fazer isso, não fariam diretamente com o ser humano, mas através de instrumentos, não sendo, portanto, o resultado de uma experiência vivencial pessoal. Tão pouco os pesquisadores da psico-neuro-fisiologia. Eles também fazem as suas constatações por meio de instrumentos e, portanto, só têm uma percepção indireta do processo. Aquilo que se processa realmente no interior do ser humano não é percebido, só o efeito sobre o instrumento.

A determinação, tanto qualitativa quanto quantitativa é naturalmente muito útil, mas deve ser resultado da experimentação com os conteúdos armazenados no inconsciente e presencializados na consciência da pessoa que se encontra sob experimentação, e cujos efeitos psicológicos e orgânicos sejam constatados e relatados por ela.

O pesquisador condicionado pelo hábito de pensar mecanicistamaterialista não investiga a essência do fenômeno, nem a natureza do fator que determina as reações fisiológicas e emocionais (psicológicas) do ser humano, uma vez que o considera, bem como os pensamentos, como originados somente pelos processos bioquímicos do sistema nervoso, como se as emoções, sentimentos e pensamentos fossem apenas um epifenômeno do cérebro causados por secreção de substâncias químicas e fatores físicos. Quando, na verdade, a geração de tais substâncias é efeito de energia psíquica,

embora também seja verdade que a administração de substâncias desencadeia reação bioquímica e efeitos psicológicos. É preciso que se diga que a constatação de um efeito por meio de um instrumento não nos diz nada sobre a natureza do fenômeno, ou seja, o que ele é ou sobre a causa primeira do mesmo.

Para que se possa ter uma constatação real de que o psiquismo é energético e que os processos psíquicos e as conseqüentes alterações fisiológicas são causadas pela ativação da energia da psique, a experimentação deve ser pessoal, percebida e observada pela consciência do próprio experimentador, isto é, deve ser subjetiva, ou seja, acontecer no seu íntimo, e os estímulos devem proceder do seu inconsciente para evitar estímulos externos que desencadeariam processos físico-químicos nos órgãos dos sentidos, o que contaminaria o experimento e não deixaria clara a origem da energia.

Nada impede, no entanto, que sejam tomadas medidas dos efeitos das emoções, sentimentos e pensamentos sobre o organismo e que sejam, quantificados e tratados estatisticamente. Todavia, se deve ter clareza de que tais dados não esclarecem sobre a natureza do fenômeno.

É fato consabido, que as emoções produzem alterações nos processos fisiológicos do organismo motivando modificações bioquímicas. Também é conhecido o fato de que é possível alterar a sensibilidade de uma pessoa sob efeito de hipnose. E aqui vem a pergunta: como o operador de hipnose pode, por sugestão, influir no sistema nervoso do paciente a ponto de alterar sua sensibilidade, invertendo o efeito de um estímulo físico? É compreensível que a alteração não se processa apenas nos sistema nervoso (cérebro e nervos), mas também no "órgão" percebedor, a alma. Então é aí que se processa a alteração perceptiva.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 05 Fatores que contribuem para a mobilização das energias psíquicas

Categoria: Artigos

Descrição: Existem situações em que, devido a certos estímulos, os conteúdos (registros) do inconsciente são ativados, provocando o deslocamento da energia dos afetos...

Fatores que contribuem para a mobilização das energias psíquicas

Existem situações em que, devido a certos estímulos, os conteúdos (registros) do inconsciente são ativados, provocando o deslocamento da energia dos afetos, traumáticos, ou não, para a consciência, sem que a imagem do agente causador do afeto necessariamente compareça no nível consciente, ou mesmo que a pessoa tome conhecimento de alguns sentimentos vivenciados em algum momento de sua existência, ainda que seja uma vivência traumática.

De um modo geral, o acesso dos conteúdos do inconsciente ao nível consciente, ou de seus efeitos sobre o modo de ser e de nossas reações ante os estímulos, obedecem às três Leis da Lembrança descobertas pelo filósofo grego Aristóteles, que são as seguintes:

1. Lei da Semelhança:

Vejamos o seguinte exemplo: Quando alguém sofre uma vivência traumática, o seu psiquismo registra a imagem do agente traumatizador, sua fisionomia e cenário onde o fato aconteceu. Esse registro vai para o esquecimento (inconsciente) e lá fica. Um belo dia a pessoa que vivenciou o sofrimento encontra uma pessoa desconhecida e instantaneamente sente antipatia por ela. Como se explicaria isso, se não há nenhum motivo objetivo atual para tal reação?

O que acontece no caso acima é que, ao visualizar a fisionomia da pessoa desconhecida, subconscientemente capta alguma semelhança, algum traço fisionômico na pessoa percebida, com a fisionomia do agente traumatizador. Esse traço atinge o registro da vivência traumática e mobiliza a energia do afeto (do trauma) e em função de semelhança, a energia é dirigida inconscientemente para o desconhecido. O fato traumático e a imagem do agente traumatizador não comparecem de imediato na consciência, mas somente o afeto, sem que seja identificada a sua origem. Daí não ser feita a conexão com o agente traumatizador.

2. Lei da Contigüidade:

Esta lei apresenta-se em dois aspectos: a) contigüidade espacial - toda e qualquer vivência acontece dentro de um cenário. Todos os objetos que formam o cenário produzem impressões no psiquismo, as quais formam representações (imagens mentais), que são impregnadas pela energia do afeto vivenciado. Ao perceber um objeto semelhante, ou o mesmo, é produzido um estímulo no inconsciente que mobiliza a energia impregnada na imagem registrada, que fez parte do cenário. Da mesma forma que no caso anterior, somente a energia atinge imediatamente a consciência, provocando alteração emocional e ou orgânica. b) contigüidade temporal - todos os acontecimentos ocorrem num determinado momento, uma certa hora do dia, ou numa época do ano. Esse momento também fica gravado.

Um exemplo esclarece isso. Na atividade diária na clínica tenho encontrado pacientes que se queixam de sentirem-se deprimidos ou apreensivos toda a vez que vai entardecendo e se aproximando a noite. A investigação das ocorrências do passado, particularmente na infância, revelou freqüentemente que esses pacientes tiveram um pai que sofria de dependência alcoólica, cujo efeito provocava comportamento agressivo, violento, e que quando chegava em casa, à noite, agredia os familiares, gritava, espancava e os expulsava de casa. Esta situação traumatizante se repetia, reforçando cada vez mais o medo, de modo que, a criança passava a vivenciar um estado mais ou menos permanente de tensão e mal estar sempre que o entardecer anunciava a chegada da noite, quando o pai iria chegar embriagado.

A criança cresceu e tornou-se adulto, afastou-se da casa do pai, ou o pai morreu, mas o mal estar continuou sempre ao entardecer.

A visualização da cena de espera pela chegada do pai em casa e da sua atitude quando chegava, permitiu que o paciente revivenciasse toda a situação de sofrimento e assim identificasse, como nos casos anteriores, a origem do sentimento de mal estar ou de antipatia pela pessoa desconhecida.

3. Lei do Contraste:

Uma cena atual, oposta à vivenciada no passado, pode mobilizar a energia de afetos vivenciados geradores de trauma. Por exemplo, a pessoa vivenciou na infância uma situação de desamor, falta de carinho, afago dos pais: isso gera um profundo sentimento de tristeza e vazio. Formou então uma espécie de imagem vazia. Quando um dia no futuro vê uma mãe ou um pai com uma criança no colo, brincando, afagando-a, ao invés de vivenciar um sentimento de alegria diante da bela cena, sentirá uma profunda tristeza.

São essas três situações que mobilizam a energia psíquica acumulada e retida no inconsciente. Naturalmente, as situações que proporcionaram gratificação, alegria, cuja energia do afeto ficou registrada, também são revivenciadas como gratificantes e são mobilizados segundo as leis 1, 2 e 3, menos as vivências de alegria que não apresentam a situação de contraste.

Acreditamos que dessa forma ficará demonstrada a natureza energética do psiquismo, se o leitor se dispuser a realizar o experimento em si mesmo e raciocinar com os dados da própria Física mecanicista, bem como da Fisiologia, pois se sabe: nenhuma modificação no estado físico, químico, bioquímico, fisiológico, de repouso ou de movimento de um objeto qualquer pode acontecer sem a ação de energia.

Ora, se os afetos, emoções e sentimentos podem produzir alterações de diversos tipos no corpo humano, essas alterações somente podem ser produzidas por ação de energia. E essa energia só pode ter origem no psiquismo. Portanto, não há necessidade de depender de pesquisas pela Física para comprovar a natureza energética do psiquismo,

ou se quiser, da alma. Até mesmo porque na Física energética tudo é estudado de forma indireta, ou seja, por meio de instrumentos, enquanto a observação por introspecção permite a percepção de forma direta. O experimentador percebe o fenômeno (o dado) e ao mesmo tempo o fator gerador do mesmo.

Naturalmente que não é desprezível a pesquisa com o uso de instrumentos que evidenciem o fenômeno e possibilitem a sua quantificação e também a localização das áreas cerebrais onde são desencadeados os processos bioquímicos, como no caso dos neurotransmissores. Por outro lado a constatação instrumental seja química, física ou fisiológica, deixa oculta a causa dos efeitos produzidos sobre o organismo e psiquismo humanos.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 06 Condições para o exercício de psicoterapeuta

Categoria: Artigos

Descrição: Para exercer a psicoterapia analítica é necessário que o profissional tenha antes passado pela experiência de paciente, pois do contrário não terá conhecimento objetivo dos processos psicológicos pelos quais passarão os seus pacientes.

Condições para o exercício de psicoterapeuta

Nenhuma afirmação do psicoterapeuta
deve ser aceita pelo paciente como verdade
antes que possa ser reconhecida como verdadeira.

G.V. Zauza

Para exercer a psicoterapia analítica é necessário que o profissional tenha antes passado pela experiência de paciente, pois do contrário não terá conhecimento objetivo dos processos psicológicos pelos quais passarão os seus pacientes.

Além das exigências anteriormente mencionadas, o psicoterapeuta deve ser capaz de manter neutralidade, ou seja, não confundir as suas emoções com as do paciente, isto é, envolver-se nas emoções do paciente por identificação, projeção e outros processos. Deve ser capaz de objetividade nas interpretações. E estas devem ser o máximo possível fundamentadas numa percepção direta do significado real dos conteúdos revelados e, o menos possível baseadas numa fundamentação teórica, embora o psicoterapeuta deva obviamente dominar a teoria.

Uma condição ideal é que, o psicoterapeuta pudesse ouvir e observar o paciente com o máximo de idioisenção.

Idioisenção significa observar o dado (paciente e seus conteúdos revelados), quer dizer, o fenômeno, ou processo que ocorre sem nossa participação, isto é, sem ser produzido por nós. Assim como os fenômenos espontâneos da Natureza e nossos sentimentos. Apenas nossos pensamentos e nossos atos são produzidos por nós mesmos e assim mesmo pode acontecer que pratiquemos certos atos cuja causa nos é desconhecida. A idioisenção só se torna possível quando conseguimos fazer cessar completamente o fluxo de sentimentos e representações mentais na consciência e de atribuir ao outro (projeção) conteúdos subjetivos nossos.

Para conseguir isso é necessário criarmos artificialmente um estado de consciência denominado EXPERIÊNCIA PURA. Este estado de consciência nunca aconteceu e acontecerá naturalmente (espontaneamente).

Olhando para a história da evolução da humanidade, constatamos em todos os domínios que o homem chegou até certo ponto como um ser natural, vivendo segundo as leis da Natureza. Em determinado momento da evolução, não lhe foi mais possível satisfazer suas necessidades, tanto materiais como psicológicas (melhor, anímico - espirituais), dependendo e dispondo somente dos recursos que a Natureza lhe ofertava. Desse ponto em diante teve que criar condições que extrapolaram as naturais. Teve que inventar e para tanto foi necessário mobilizar uma faculdade até então, conscientemente não usada, a inteligência (A faculdade de Pensar).

Criou instrumentos de trabalho, a produção de alimentos, organização social, normas de convivência, a educação formal, as artes, a filosofia, as ciências e a tecnologia etc.

Tudo foi sendo desenvolvido segundo o homem foi tomando consciência de necessidades antes não percebidas.

Se o homem seguisse totalmente determinado unicamente pelas leis da Natureza (naturalmente), a educação formal, ciência, filosofia, arte e cultura não existiriam. Esses fatos existem graças à intervenção da faculdade do pensar (inteligência) e da vontade (querer) humanos. É nesse sentido que usamos o termo artificial, não no de que seria algo não verdadeiro. Todos os produtos de atividade humana voluntária que têm sua

origem no pensar são artificiais, pois que a Natura por si e de si mesma afora não os produziria.

A atividade pensamental desenvolveu-se gradativa e espontaneamente na humanidade e assim o é no desenvolvimento do ser individual até determinado momento, tanto na evolução geral como na individual, a partir do qual o indivíduo e a própria humanidade tomam o desenvolvimento em suas próprias mãos. Neste sentido, a Filosofia é o primeiro produto da atividade pensamental desenvolvido sistematicamente, mas ainda segundo a natureza do próprio pensar espontâneo, o qual labora com os conteúdos absorvidos pela experiência pessoal, os quais formam o nosso material subjetivo. O que pode ser considerado como atividade de pensar, Filosofia, se inicia com Pherekydes de Tyros (Syros) no sexto século a.C. Um tal conteúdo, como vimos no capítulo anterior, é constituído de representações mentais, as quais podem ser apreendidas através das percepções do mundo exterior por meio dos nossos sentidos físicos e do nosso mundo interior.

Normalmente, por mais objetivo que o investigador queira ser, seja filósofo ou cientista, ele não pode evitar totalmente atribuir ao fenômeno (dado) uma significação impregnada de subjetivismo, tornando impossível o reconhecer da verdade com segurança absoluta. O próprio Emanuel Kant, o mais eminente pensador sobre a teoria do conhecimento antes de Rudolf Steiner (*Grundliniemeiner erkenntnistheorie der Goetheschen Weltanschauung*), em sua crítica da Razão Pura faz essa constatação.

Devido a esse fato é que se torna muito delicada a técnica de interpretação psicanalítica. Para haver mais segurança o psicoterapeuta deverá abster-se de introduzir conteúdos e significados do seu próprio subjetivismo (inconsciente) projetados no dado exposto pelo paciente. Assim compreende-se que a técnica da interpretação psicanalítica apresenta certo risco, uma vez que é feita por comparação, ou pior, por projeção. E como na técnica psicanalítica, nem o paciente nem o psicoterapeuta (analista) têm acesso direto ao inconsciente e o "insight" do paciente dá-se como uma percepção conseguida durante o tempo de um relâmpago numa noite escura, fica muito incerto formar um juízo seguro sobre o significado do percebido, seja com relação aos processos psicológicos ou mesmo fisiológicos, a representação em imagens mentais do cenário do trauma e a verbalização dos respectivos aspectos e as repercussões sobre a vida emocional e a orgânica.

Resulta disso tudo que o psicoterapeuta deveria ser capaz de criar artificialmente um estado de consciência em que o fluxo mental, a projeção e a comparação fossem evitadas. Isso só é possível com rigorosa escolagem do Pensar e meditação, e deve ser feito segundo a Teoria de reconhecença de Rudolf Steiner e meditação na forma dada pelo mesmo autor, que é adequada ao atual nível de desenvolvimento da consciência ocidental de tal modo que a consciência fique isenta de qualquer outra coisa que não seja aquilo que o paciente está revelando: sensações, emoções e sentimentos vivenciados no momento e o cenário em que o evento ocorreu (considero o Pensar como substantivo, não apenas como verbo, ação, por isso é escrito com P maiúsculo inicial).

Na condição normal (de rotina) quando a consciência (o eu) contempla um fenômeno qualquer, imediatamente sentimos a precisão de transpregar o mesmo com nosso intelecto indagador (pensar racional), raciocinando para descobrir a sua causa ou interações e produzir um juízo (conceito). Isso nós fazemos com auxílio do conteúdo psíquico (conhecimento) adquirido, em geral por comparação. Aí, freqüentemente, nós vemos os acontecimentos e os julgamos através de representações previamente concebidas (preconceitos) adquiridos na vida quotidiana, na "educação escolar, religiosa", no lar e no convívio social.

Até 1886, abril, quando foi publicada a primeira edição da obra filosófica do Dr. Rudolf Steiner, sob o título em língua alemã *Grundlinien Einer Erkenntnistheorie der goetheschen Weltanschoung* traduzido para o idioma português, pelo pensador Frederico Mueller sob a denominação "O Methodo Scientifico de Goethe" a Filosofia errou por caminhos incertos e tortuosos em relação à Teoria do conhecimento, aqui denominado Teoria da Reconhecença.

O "Methodo Scientifico de Goethe" é uma obra que não parte e não se baseia em quaisquer pressupostos. Ela descreve objetivamente o processo de pensar (verbo) realizando a observação do mesmo pelo próprio Pensar (substantivo).

Cada fenômeno é determinado por um fator que é preexistente ao aparecimento da percepção (objeto da investigação, o dado), ou seja, o determinante, a natureza, a essência, que no idioma alemão é expresso pelo vocábulo *WESEN*.

Quando a consciência contempla o dado com idioisenção (sem pré-conceito), e evita atribuir-lhe significação (explicação, interpretação), usando conteúdos adquiridos, a essência (o *wesen*) do fenômeno (dado) comparece nela para o Pensar (espírito) e então é possível ter certeza a respeito do juízo formado. Podemos então ter o verdadeiro conceito. No entanto o respectivo juízo (conceito) deve ainda ser pós pensado e posto à prova experimentalmente servindo-se da técnica apropriada ao caso.

Uma terceira condição, absolutamente necessária para que o paciente atinja nível satisfatório de saúde anímica no menor tempo possível, é que o psicoterapeuta tenha a condição de devotar um amor incondicional ao mesmo e o máximo possível de isenção de qualquer forma de egoísmo e desejo de recompensa.

Não é demais voltar a frisar a importância do amor do terapeuta ao paciente não só de tratamento das doenças anímicas como também das orgânicas.

De particular importância é a capacidade do terapeuta permanecer durante todo o tempo da sessão completamente concentrado naquilo que o paciente está se esforçando para descobrir e revelar. Durante esse período nada que não seja relativo ao paciente deve ocupar a atenção do terapeuta. Tal concentração é da máxima importância, pois, de um modo geral o paciente nunca em toda sua vida teve alguém que lhe ouvisse com toda a

atenção e consideração, com total vontade de entender seus sofrimentos. É preciso estar ali inteiramente, exclusivamente para a pessoa.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 07 O registro das impressões vivenciais

Categoria: Artigos

Descrição: É verdade que tais processos bioquímicos ocorrem e, aliás, em todas as células do corpo e que determinadas funções se processam em determinadas áreas do cérebro.

O registro das impressões vivenciais

As teorias atuais resultantes das pesquisas da psiconeurofisiologia procuram explicar os processos psíquicos como resultantes da ação de reações bioquímicas das substâncias que compõem as células, as quais promoveriam a fisiologia e esta por consequência produziria toda a sequência de sensações, sentimentos (afeto), pensamentos etc., tudo provocado pelos neurotransmissores, gerados nos neurônios.

É verdade que tais processos bioquímicos ocorrem e, aliás, em todas as células do corpo e que determinadas funções se processam em determinadas áreas do cérebro. Mas parece-me que há um equívoco em atribuir ao neurônio a produção, origem e registros dos fenômenos psíquicos tais como, memória, lembrança, sentimento e pensamento. Segundo essa concepção, os registros das impressões sensoriais vivenciais afetivas e pensamentais fariam uma impressão sobre o neurônio, designada engrama (uma marca).

Ora, um experimento introspectivo muito simples pode pelo menos levantar sérias dúvidas sobre a verdade da teoria psiconeurofisiológica a respeito do engrama formado no neurônio.

Tal experimento consiste no seguinte: a pessoa se concentra e num ato voluntário chama para a consciência um acontecimento significativo da sua vida. Pode ser um fato que

tenha produzido um afeto de intensidade média ou forte, agradável ou que tenha gerado sofrimento (traumático). Uma vez surgida a lembrança no nível consciente, a cena aparecerá integralmente como uma representação mental. Nessa cena estarão representados todos os seres, pessoas, objetos, etc. mais o agente traumatizador e o sujeito traumatizado (se for um fato causador de sofrimento). O mesmo acontecerá com vivências agradáveis. O experimentador "verá" mentalmente tudo que estava presente naquele momento. E o que talvez seja o mais curioso, "verá" a si mesmo como era naquele momento e perceberá tudo de todos os ângulos, menos de baixo para cima, ou seja, a parte que se encontra sobre o chão ou contra uma parede. Imaginar a cena colocada à sua frente e contemplá-la como se estivesse observando a cena material. Observará detalhadamente e ao mesmo tempo deverá prestar atenção ao que acontece no seu íntimo e a repercussão no corpo, que sentimento provoca e se há alteração nos ritmos cardíaco e respiratório, sensação de angústia, aperto na garganta, opressão no peito, lágrimas, ansiedade, medo, etc. Durante a observação o experimentador deverá comparar esse efeitos vivenciais atuais com aqueles vivenciados no momento do acontecimento. Então perceberá que são as mesmas vivências podendo ter a mesma intensidade, serem menos ou mais intensas.

Vale ressaltar algo mencionado acima, ou seja, a imagem mental (representação) é plástica. Os objetos e as pessoas, tudo que for "tridimensional" será percebido como se o sujeito que vivenciou o fato o tivesse feito de todos os lados-frente, costas, direita, esquerda e de cima, inclusive a si mesmo. Apenas não perceberá o lado de trás daquilo que estiver encostado na parede e sobre o chão. Esta particularidade de perceber a imagem mental "tridimensionalmente" conforme descrito antes, lança uma série de dúvidas sobre a cientificidade da teoria anteriormente mencionada, do engrama neuronal (marca produzida na estrutura do neurônio).

Como seria explicável que o sentido da visão pudesse proporcionar uma percepção volumétrica (tridimensional) se na realidade ele só permite perceber nitidamente a face frontal dos objetos? E ainda, como perceber e formar uma imagem, mental (representação) "tridimensional" de si mesmo, se o sentido da visão consegue perceber sem muita nitidez apenas a nossa face ventral? Como um neurônio, ou um grupo de neurônios poderia formar e reproduzir para a consciência uma imagem com tais características e detalhes se o olho não tem condições de perceber algo dessa forma?

Em virtude do acima exposto, somos levados a pensar que a percepção e o seu respectivo registro, talvez não se processem apenas em nível anatomofisiológico. É possível pensar que os sentidos e o cérebro desempenhem a função de conduzir até a consciência e esta seria constituída de algo de natureza diversa da matéria (energética). As impressões (percepções) afetariam os órgãos dos sentidos. Estes através dos nervos levariam os estímulos até os neurônios, os quais por meio de alterações físico-químicas desencadeariam processos energéticos, cuja energia físico-química provocaria no sistema energético psíquico total, no qual se processaria o registro tanto na imagem do objeto como dos afetos, sensações, emoções, sentimentos e pensamentos. Tal registro seria feito, não na matéria do neurônio, mas na energia psíquica, ou seja, na própria alma (psique) que é uma entidade energética autônoma, distinta e não dependente da matéria e, pré-existente à matéria e ao próprio organismo. Lançamos mão do termo

energia, emprestado da Física, porque no momento não dispomos de outro para dizer de que coisa a alma é constituída (psique).

Que há registros de determinados fatos, que não foram percebidos pelos sentidos físicos (visão, por exemplo) parece ser evidenciado por certas experiências relatadas por pacientes cirúrgicos submetidos a anestesia geral, que revelam detalhes dos acontecimentos (movimentação do cirurgião) durante a cirurgia, bem como o que foi falado pela equipe. Tais experiências confirmadas pelos próprios cirurgiões, profissionais formados na mais rigorosa concepção mecanicista-materialística como é a vigente na medicina. Eu mesmo nos meus trinta e nove (39) anos como psicoterapeuta de orientação analítica tenho obtido relatos de pacientes de terem percepções do seguinte gênero, ao realizarem determinado exercício destinado a incrementar a consciência do EU: o paciente sentado na poltrona com o maior nível possível de concentração, em estado perfeitamente de consciência vigil, percebe a si mesmo junto ao teto e simultaneamente percebe-se sentado na poltrona como se estivesse observando-se lá de cima.

Esses fatos nos levam a supor que a consciência poder ser algo que não depende exclusivamente dos órgãos dos sentidos físicos e do cérebro e que poderia haver "órgãos" não físicos (energéticos) capazes de perceber os fatos do mundo físico, talvez não na sua feição material (sólida), mas na sua constituição energética, pois como seria possível registrar as percepções do mundo físico na forma que se apresentam, se o sentido da visão não está funcionando?

Isso também nos induz a supor que a consciência é um órgão não físico e que não se encontra necessariamente dentro do cérebro, e que pode ter uma existência independentemente dele, embora, para certas funções, necessite dele para estabelecer relacionamento com o mundo dos objetos e seres materiais.

Dessa forma os órgãos dos sentidos físicos captariam as impressões do mundo exterior, e os estímulos físicos e químicos desencadeariam processos energéticos, os quais chegariam ao cérebro, onde seriam produzidos outros processos físico-químicos e bioquímicos que por sua vez desencadeariam outros processos energéticos que atingiriam a organização energética da alma (psique), onde de fato se processariam as sensações, emoções e sentimentos.

Outra questão é a relacionada com os conteúdos gerados no intermundo, na própria alma. A coisa se processaria, talvez assim: um registro (imagem), representação mental, impregnado com a energia do afeto vivenciado em uma experiência qualquer, é por algum motivo mobilizado, voluntária ou espontaneamente; o registro ingressa inteiro na consciência, ou só a sua energia penetra nela. Essa energia mobilizaria a energia anímica. A psique (alma) transfere a sua energia mobilizada para a energia do cérebro (neurônios) aí é mobilizada a energia bioquímica do neurônio (cérebro), este descarrega essa energia nos órgãos, músculos, por exemplo, através dos nervos. Os músculos (em suas células) sofrem alterações bioquímicas, estas produzem alterações na contratilidade dos mesmos e as contrações deles mais as substâncias bioquímicas

desencadeadas agem sobre as terminações nervosas dos nervos eferentes e aí provocam novas alterações bioquímicas, que desencadeiam alterações energéticas, as quais fluem para o cérebro produzindo outras alterações bioquímicas, que por sua vez fazem surgir novas alterações energéticas que atingem a energia da alma (psique), onde está a consciência. Aí se geram as sensações como contração da garganta, sensação de angústia, alteração dos ritmos cardíaco e respiratório, do peristaltismo, sudorese, etc. Ou seja, todas as alterações somáticas.

Outra evidência do energismo psíquico humano é a sugestão, em especial no estado hipnótico, que faz possível toda sorte de inversão das sensações. E mesmo a Psicanálise concebe que nós captamos inconscientemente aquilo que se processa no inconsciente do outro e denomina esse processo "música de fundo", na relação paciente analista.

E ainda há casos de pessoas altamente sugestionáveis, que por sugestão de outro, ou mesmo por auto-sugestão podem passar a sofrer graves distúrbios e até mesmo virem a morrer. E mais ainda, os sonhos onde as imagens podem estar carregadas de tal intensidade da energia dos afetos, que podem produzir graves preocupações e intensos sofrimentos, tanto durante, como após, no estado vigil.

Não é nossa pretensão que com estas modestas explanações tenhamos produzido uma prova, mas nos daremos por satisfeito se nossas ponderações servirem para estimular a geração de uma nova atitude nos profissionais e pesquisadores das áreas psicológicas e fisiológicas, para que possa ser rompida a cadeia (prisão) mental gerada pela concepção mecanicista-materialista, que é justificável para a metodologia de pesquisa na Física e na Química, mas que foi estendida indevidamente para a Biologia e seus derivados, bem como para a Psicologia, que é uma ciência da alma e ainda para outras ciências, como a Sociologia, a Antropologia, a História, a Filosofia e até mesmo a Teologia, que se apóia na concepção e metodologia utilizadas nas ciências inorgânicas, cujo paradigma é "contar, medir e pesar". Isto chegou a ponto de que se uma pesquisa em qualquer área do conhecimento não se basear no paradigma mecanicista-materialista não merece ter crédito no fórum científico. Pensar, nas suas formas, racional (intelecto) e razional (razão) não tem credibilidade científica, apesar de ninguém poder realizar qualquer pesquisa e obter resultados válidos sem servir-se da faculdade de pensar.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 10 Esboço de uma teoria sobre a Gênese do Eu

Categoria: Artigos

Descrição: Antes de tecer comentário sobre a proposta freudiana da gênese do Ego (Eu), devemos considerar que a psicanálise é a primeira tentativa de trazer à luz do saber algo sobre a constituição e dinâmica da alma humana...

Esboço de uma teoria sobre a Gênese do Eu

A gênese do Eu

Antes de tecer comentário sobre a proposta freudiana da gênese do Ego (Eu), devemos considerar que a psicanálise é a primeira tentativa de trazer à luz do saber algo sobre a constituição e dinâmica da alma humana e tem prestado grandes e importantes benefícios ao ser humano. Por outro lado devemos colocar sob crítica a hipótese sobre a gênese do Ego. Embora também devamos reconhecer que na mesma há alguns acertos. Por exemplo: que há certos caracteres psíquicos que já estão presentes até mesmo antes do nascimento e que são herdados dos ancestrais. No entanto admitir que o Ego (Eu) seja oriundo de uma energia indefinida (Id) que se transforma no Ego por influência do mundo exterior, a partir de uma camada cortical, é no mínimo, uma suposição equivocada.

Parte I: A mente e o seu funcionamento:

O aparelho Psíquico segundo Sigmund Freud

"A psicanálise faz uma suposição básica, cuja discussão se reserva ao pensamento filosófico, mas a justificação da qual reside em seus resultados. Conhecemos duas espécies de coisas sobre o que chamamos nossa psique (ou vida mental): em primeiro lugar, seu órgão corporal e cena de ação, o cérebro (ou o sistema nervoso) e, por outro lado, nossos atos de consciência, que são dados imediatos e não podem ser mais explicados por nenhum tipo de descrição. Tudo o que jaz entre eles é nos desconhecido, e os dados não incluem nenhuma relação direta entre estes dois pontos terminais de nosso conhecimento. Se existisse, no máximo permitir-nos-ia uma localização exata dos processos da consciência e não nos forneceria auxílio no sentido de compreendê-los.

Nossas duas hipóteses partem desses fins ou inícios de nosso conhecimento. A primeira delas está relacionada com a localização. Presumimos que a vida mental é a função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído por diversas partes - ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero. Não obstante algumas tentativas

anteriores no mesmo sentido, a elaboração sistemática de uma concepção como esta constitui uma novidade científica.

Chegamos ao nosso conhecimento deste aparelho psíquico pelo estudo do desenvolvimento individual dos seres humanos. A mais antiga destas localidades ou áreas de ação psíquica damos o nome de id. Ele contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está assente na constituição-acima de tudo, portanto, os instintos, que se originam da organização somática e que aqui [no id] encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que são desconhecidas.

Sob a influencia do mundo externo que nos cerca, uma porção do id sofreu um desenvolvimento especial. Do que era originalmente uma camada cortical, equipada com órgãos para receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos, surgiu uma organização especial, que desde então, atua como intermediária entre id e o mundo externo. A esta região da nossa mente demos o nome de ego.

São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos externos, desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante a fuga), lidando com os estímulos moderados (através da adaptação) e finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos internos, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações. É dirigido, em sua atividade, pela consideração das tensões produzidas pelos estímulos, estejam essas tensões nele presentes ou sejam nele introduzidas. A elevação dessas tensões é, em geral, sentida como desprazer, e o seu abaixamento, como prazer. É provável, contudo, que aquilo que é sentido como prazer ou desprazer não seja a altura absoluta dessa tensão, mas sim algo no ritmo das suas modificações. O ego se esforça pelo prazer e busca evitar o desprazer. Um aumento de desprazer esperado e previsto é enfrentado por um sinal de ansiedade; a ocasião de tal aumento quer ele ameace de fora ou de dentro, é conhecida como um perigo. De tempos em tempos, o ego abandona sua conexão com um mundo externo e se retira para o estado do sono, no qual efetua alterações de grande alcance em sua organização. É de inferir-se do estado de sono que essa organização consiste numa distribuição específica de energia mental.

O longo período da infância, durante o qual o ser humano em crescimento vive na dependência dos pais, deixa atrás de si, como um precipitado, a formação do ego, de um agente especial no qual se prolonga a influência parental. Ele recebeu o nome de superego. Na medida em que este superego se diferencia do ego ou se lhe apõe, constitui uma terceira força que o ego tem de levar em conta.

Uma ação por parte do ego é como deve ser se ela satisfaz simultaneamente as exigências do id, do super ego e da realidade.

- o que equivale a dizer: se é capaz de conciliar as suas exigências umas com as outras. Os pormenores da relação entre o ego e o superego tornam-se completamente inteligíveis quando são remontados à atitude da criança para com os pais. Esta influência parental, naturalmente, inclui em sua operação não somente a personalidade dos próprios pais, mas também a família, as tradições raciais e nacionais por eles transmitidas, bem como as exigências do milieu social imediato que representam. Da mesma maneira, o superego, ao longo do desenvolvimento de um indivíduo, recebe contribuições de sucessores e substitutos posteriores aos pais, tais como professores e modelos, na vida pública de ideais sociais admirados. Observar-se-á que, com toda a sua diferença fundamental, o id e o superego possuem algo em comum: ambos representam, as influências do passado - o id, a influência da hereditariedade; o superego, a influência, essencialmente, do que é retirado de outras pessoas, enquanto que o ego é principalmente determinado pela própria experiência do indivíduo, isto é, por eventos acidentais e contemporâneos.

Pode-se supor que este quadro esquemático geral de um aparelho psíquico aplica-se também aos animais superiores que se assemelham mentalmente ao homem."

(Sigmund Freud)

Parte II:

Embora haja elementos inegáveis, quando se considera o funcionamento da vida psíquica (alma), é inevitável para quem ultrapassou os limites dos hábitos de pensar condicionados pela aspecção materialista de vida e mundo, reconhecer a falta de base genética na hipótese freudiana.

Na sua formulação fica absolutamente transparente que Freud estava condicionado pela interpretação distorcida da Teoria Evolucionista de Darwin.

Para quem possui uma visão menos limitada que a aspecção materialista de Mundo permite, tanto a hipótese da Gênese do Homem e dos demais seres vivos, bem como a da formação do "aparelho" psíquico, se apresenta como um edifício construído sobre areias movediças. Não apresenta a mínima consistência.

Por mais preparado, iniciado no assunto, que o pensador esteja, é totalmente impossível encontrar fundamentos sólidos nas respectivas suposições (hipóteses?). Trata-se, no geral, de suposições arranjadas para tornar possível uma explicação para a fenomenologia psíquica, que em todo o caso se torna útil para aqueles que não alcançaram ainda um

nível de desenvolvimento pensamental e espiritual, que permite ter uma percepção direta e objetiva da natureza do Eu e sua gênese.

Não é minha pretensão que esta exposição seja aceita como verdade, pois que em qualquer domínio do conhecimento, sabemos ser impossível provar a quem não desenvolveu as necessárias faculdades, qualquer fato ou processo que não possa ser percebido pelos sentidos físicos. Quando se trata de questões que extrapolam o domínio das coisas do mundo físico, como qualquer operação que envolva a faculdade do pensar, somente aqueles que a desenvolveram e que estão iniciados no assunto são capazes de reconhecer uma verdade exposta por outra pessoa que já tenha reconhecido.

Alguém que não esteja iniciado no conhecimento da Matemática não terá condição de reconhecer que o resultado encontrado pelo matemático esteja certo. E nesse caso, como em todos os demais, ele só poderá ter as seguintes atitudes:

- a) Negar que aquele seja o resultado certo.
- b) Não fazer nenhum juízo e procurar desenvolver a capacidade matemática.
- c) Aceitar como verdadeiro por confiar na capacidade do matemático e que o mesmo não tem um motivo para enganá-lo.

Por conseguinte, quase tudo que "sabem", não passa de crença, pois elas acreditam naquilo que o pesquisador afirma. E mesmo graduados em nível superior, em Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, em muitos aspectos apenas acreditam como sendo verdade afirmações sem comprovação, tanto laboratoriais como pensamentais, desde que satisfaçam suas tendências filosóficas, ideológicas ou "religiosas".

Na condição de humanos estamos sempre na possibilidade de engano ou erro. No entanto, para aquele que perfaz uma rigorosa escolagem do Pensar, a margem de erro pode ser consideravelmente reduzida, aumentando por conseguinte a de acerto.

Uma escolagem do Pensar exige um exame despreconceituoso do próprio processo de pensar, quer dizer, pensar o Pensar. Um tal exame permite constatar a sua evolução através da observação do seu desenvolvimento no indivíduo desde os primórdios de sua infância até à idade madura, quando atinge um alto grau de evolução, como, por exemplo, com os pesquisadores, quer das ciências de Natureza ou das Ciências de Espírito, como Psicologia, Filosofia, etc.

Sumariamente podemos descrever o processo assim: numa primeira etapa a criança recebe as impressões do mundo exterior, as quais vão sendo registradas, conforme pode ser constatados nos capítulos IV e VII formando o seu conteúdo de representações (imagens mentais). Nesta fase se processa apenas um acúmulo de imagens e vivências, sem que a criança tenha capacidade de elaborar os conteúdos vivenciais armazenados. É como se ela fosse um receptáculo.

Numa fase seguinte da evolução, vai se desenvolvendo a capacidade de realizar conexões entre os conteúdos armazenados, desenvolvendo raciocínios e chegando a certas conclusões, a partir dos conteúdos adquiridos, seja espontaneamente ou através do aprendizado sistemático (estudo).

Seguindo o processo do desenvolvimento mental, surge a capacidade de buscar a explicação para os acontecimentos (fenômenos), quer dizer, ultrapassar o limite da mera percepção e encontrar a causa do fenômeno, seja ele de que natureza for.

Neste último estágio do desenvolvimento é que opera o pesquisador. Mas seguindo condicionado pelo hábito de pensar desenvolvido, em parte pela influência do meio onde vive, da época de cultura e da predominante aspecção de mundo do momento histórico, em termos gerais, baseia-se quase sempre nos paradigmas ditados pelas concepções filosóficas, religiosas e pela comunidade científica, que para nossa época cultural é materialista. Assim é que, apesar do imenso progresso científico e do quase infinito número de dados descobertos, os pesquisadores de todos os domínios da Ciência ficam paralisados sem terem meios de realizar a conexão entre achados na pesquisa e formar uma unidade que permita ganhar uma visão unitária e harmônica do mundo.

Essa dificuldade existe porque a humanidade ainda não superou o hábito de pensar comparando o achado (dado) com os conteúdos armazenados e aceitos como verdade, como se fossem a última palavra sobre o assunto. Assim é, que a comunidade científica desempenha hoje, em grande, parte o mesmo papel que a Igreja desempenhou no passado, criando dogmas e impondo a todos que se propõem a atividade de pesquisa uma "camisa de força": "ou tu te submetes aos nossos ditames, ou nós te queimamos!" Quer dizer, não terás lugar nem oportunidade em nosso "seleto" meio.

Fica meridianamente claro que, quando se impõe limites dessa natureza, se está prestando um desserviço à ciência e à evolução da humanidade. Isso foi feito e continua sendo, pelas "religiões" e agora pela própria comunidade científica. No entanto bastaria que os responsáveis por esses domínios, ciência e religião, apenas lessem e refletissem um pouco sobre a história do pensamento humano, sobre Filosofia e Ciência, enfim, sobre as diferentes aspecções de vida e mundo nas diversas épocas de cultura, para reconhecerem que qualquer dogmatismo constitui um terrível obstáculo ao desenvolvimento. Conheceriam também que a capacidade de pensar da humanidade vem se transformando através dos tempos, tornando possível um aprofundamento e ampliação do poder de reconhecença (conhecimento) em todos os domínios.

Bastaria aos dogmáticos considerar, por exemplo, o que aconteceu com o filósofo grego Sócrates, condenado à morte pela ingestão de cicuta por ser considerado um corruptor da juventude, quando séculos depois e ainda hoje é, e sempre será, considerado um dos maiores impulsionadores do desenvolvimento da faculdade de pensar. Considere-se ainda como era concebida a relação da Terra com o Sol antes de Copérnico. Não fosse existente sua faculdade mais desenvolvida de pensar, talvez estaríamos até hoje acreditando que o Sol é que se move ao redor da Terra, alias como existe ainda até hoje quem assim acredite.

Como ficou demonstrado no capítulo III, aquilo que antes só era uma suposição de Jung, a questão do energismo psíquico e do acesso aos conteúdos do inconsciente só ser possível por meio da análise de sonhos e livre associação de "idéias", hoje é perfeitamente possível ter acesso direto, "visualizando" as cenas, tanto traumáticas, de sofrimento, como as de alegrias, inclusive revivenciando os sentimentos vivenciados no momento do acontecimento, tal como foi, inclusive, percebendo a imagem de tudo o que fazia parte da cena e de si mesmo naquela idade e tamanho na época.

Do anteriormente exposto, experimentado e comprovado por centenas de pacientes, fica mais que demonstrado que o "aparelho" psíquico, a alma, grava todos os acontecimentos de nossa vida. Algo da máxima significação é: as imagens registradas são percebidas como se as olhássemos de todos os lados ao mesmo tempo, é uma percepção volumétrica, coisa completamente impossível para o sentido da visão física, que só pode focalizar o lado que está voltado para o observador. E, mais interessante ainda é o fato de se poder perceber a sua própria imagem por todos os lados ao mesmo tempo, quando na percepção física mal conseguimos perceber nossa barriga.

Tal constatação nos conduz, obrigatoriamente, a pelo menos supor a existência de uma capacidade de percepção extra-sensorial e, por conseguinte, que, o registro das imagens de uma cena se processa em um corpo não sensorial, ou seja, energético que podemos denominar psique ou alma, embora haja neste sentido uma grande dificuldade. É que a Psicologia, na concepção moderna, é materialista e concebe os fenômenos psíquicos, vontade, sentimentos e pensamentos como um epifenômeno da matéria e como tal, sem existência independente dela. Mas não é este o momento para um exame filosófico aprofundado do tema. O fato é que a Psicologia é uma ciência da alma, que não concebe a existência dela.

A quase totalidade dos pesquisadores dos mais variados campos de investigação científica está profundamente condicionada pelos paradigmas materialistas e nem se dispõe a pensar se haveria uma outra possibilidade de considerar os fenômenos, ou então, em foro íntimo, até sabe da existência de outros recursos de investigação e até mesmo conhece realidades que não são percebidas pelos sentidos físicos e acessíveis pelos hábitos de pensar aprovados pela comunidade dos pesquisadores e tem medo de se expor e ser julgada como místicos alienados, o que na verdade também existe. Mas muitos que foram assim considerados, às vezes longos tempos após, tiveram suas idéias reconhecidas como verdadeiras e inclusive provadas por métodos experimentais em laboratório, como é o caso das diluições homeopáticas cujos efeitos foram rigorosamente provados pelas pesquisas experimentais da Dra. Lily Kolisko com plantas, realizadas no Instituto Fisiológico e Biológico em Stuttgart, publicados sob o título *Physiologischer und physikalischer Nachweis Kleinster Entitäten* (Demonstração fisiológica e física da atuação de substâncias mínimas). Tais experimentos, feitos com germes de trigo demonstraram que as diluições na 21^a, 29^a e 30^a potencias produziam efeitos sobre o crescimento da planta. Foram obtidos efeitos com diluições, que correspondem à proporção de 1 para 1 trilhão, quer dizer, uma parte da substância para um trilhão de partes do veículo (diluente).

Em nossa atual época de cultura, mais do que em todas as anteriores, é necessário romper com paradigmas, que entravam a evolução da consciência e por conseqüência o desenvolvimento espiritual da humanidade, sob pena de a sociedade humana ingressar no caos total e sossobrar. É por isso que se faz necessário ter coragem de abrir mão de convicções, que nos têm conduzido à situação de impasse quanto aos problemas da humanidade, pois que quando se supõe ter encontrado uma solução, na verdade o que se conseguiu foi acrescentar mais um fator complicador, como é o caso dos agrotóxicos que estão destruindo o meio ambiente e envenenando as pessoas.

A aspecção materialista em voga atualmente está fazendo com que a humanidade venha cada vez mais perdendo o sentido de uma espiritualidade autêntica, a ponto de que uma ciência que trata das questões da alma negue a existência da mesma, bem como do espírito.

É necessário e com urgência, considerar que, em épocas mais antigas sempre houve homens, os quais tinham acesso a um saber das coisas espirituais, somente que, em torno do ano 333 d.C. (IV Século d.C.) a Igreja passou a considerá-lo herético, proibindo-o. Mas mesmo assim, houve homens que continuaram a cultivar os meios de iniciação espiritual em sociedades e locais secretos, usando inclusive uma espécie de linguagem secreta na qual expressavam conhecimentos espirituais em obras que tomaram a designação de alquímica.

No século XIX alguns estudiosos do chamado ocultismo trouxeram do oriente, Índia principalmente, conhecimentos sobre questões espirituais e processos de meditação para desenvolver capacidades cognitivas ultra-sensuais, ou seja, esotéricas. Esses interessados nesse assunto criaram o movimento teosófico (Sociedade Teosófica), mas tais processos de meditação para a formação de iniciados foram mantidos como exclusividade para membros da dita sociedade. Acontece que além dessa restrição de não tornar público os meios de desenvolvimento de órgãos de reconhecimento espirituais, os respectivos processos não eram mais adequados para a atual época de cultura e nível de desenvolvimento da consciência humana.

Foi, portanto no século XIX que o ocidente tomou conhecimento de processos de meditação que desenvolvem faculdades de percepção para realidades não percebíveis pelos sentidos físicos e de um saber sobre fatos espirituais revelados pelas antigas doutrinas ensinadas pelos grandes Mestres da Humanidade.

Foi através dessas doutrinas esotéricas que o ocidente ficou sabendo da existência do registro de todos os acontecimentos ocorridos pelo nosso sistema planetário, com o nosso planeta Terra e com a própria humanidade. A esse registro, que pode ser designado como nossa História oculta, se denomina a Kronica Akascha.

Quando Carl Jung divulgou sua descoberta sobre o Inconsciente coletivo, feito através dos sonhos de alguns pacientes ele fez apenas a certificação da dita Crônica. É muito possível que Jung já tivesse conhecimento das Doutrinas indianas e apenas não teve a

coragem de mencionar a fonte de informação, porque ele já conhecia muito do pensamento oriental chinês e com certeza do indiano, mas não queria ser considerado alguém que se baseasse em misticismo, um charlatão. Além disso, Jung tinha ojeriza (aversão) às concepções religiosas em virtude de uma forte oposição à influência autoritária de seu pai que era Pastor protestante e ainda porque percebia a contradição entre aquilo que era pregado na Igreja e o comportamento no mundo real, o que percebia como falsidade.

Outro fato é que ele conhecia as obras filosóficas e antroposóficas do Dr. Rudolf Steiner, citadas a seguir.

O Dr. Rudolf Steiner era graduado em Engenharia e Doutor em Filosofia e produziu as mais significativas e fundamentais obras filosóficas e outras mais de diferentes domínios do conhecimento. Em 1886 produziu a obra que em tradução para o nosso idioma pelo Sr. Frederico Muller, tomou o título de "O Methodo Scientifico de Goethe", cujo título em língua alemã é Grundlinien einer erkenntnis theorie der goetheschen Weltanschauung, que é uma Teoria do Conhecimento (Reconhecença) sem pressuposição. Em 1891 publicou Verdade e Sciencia (prelúdio de uma "Filosofia da Liverdade"). Em 1918 publicou a Filosofia da Liberdade, e em 1914 foi dada a público a revelação dos processos de meditação adequados para a nossa época de cultura e nível de desenvolvimento da consciência, para tornar possível a investigação nos registros ultra-sensuais (espirituais) da evolução do planeta Terra e Humanidade além da reconhecença da natureza evolução e origem espiritual da Humanidade e do planeta Terra, e as faculdades para tal, que a bem dizer, podem ser desenvolvidas por todos aqueles que tenham interesse, disposição e perseverança para seguir as instruções RECOMENDADAS. São de fundamentalíssima importância para tanto, rigorosa escolagem do pensar, e uma considerável libertação dos efeitos das vivências, tanto das causadoras do sofrimento, quanto das de alegria.

Como por meio do método empregado por nós é plenamente constatado que os acontecimentos de nossa vida são registrados, cenas e energias (afetos), e que podem ser mentalmente visualizados e revivenciados até em detalhes, é possível que toda nossa História, pessoal, da Humanidade e do próprio planeta, também estejam registrados em algum domínio, talvez, como inconsciente coletivo, (Kronica Akascha) e sejam acessíveis a uma consciência mais desenvolvida do que a comum. Pois é isso que se torna possível para quem desenvolve órgãos de percepção para fatos não percebíveis pelos sentidos físicos.

O Dr. Rudolf Steiner revelou através de suas pesquisas ultra-sensuais, no chamado mundo oculto, que a Humanidade e o planeta Terra, já perfizeram três grandes etapas da evolução, sendo que atualmente estamos perfazendo a grande quarta etapa, e que somente num determinado "momento" desta é que o Eu foi introduzido na organização do ser humano, quando este adotou a postura ereta, por entidades espirituais, que na Esotérica Cristã pertencem a hierarquia designada como Espíritos da Forma.

Uma tal revelação pode ser constatada por quem tenha desenvolvido órgãos espirituais através dos referidos requisitos anteriormente mencionados, tal como cada um que tenha feito os nossos exercícios de autoconcentração pode perceber os registros dos acontecimentos de sua atual vida sem nenhuma dificuldade e sem utilização das técnicas de regressão. E muitos de tais registros podem ser comprovados pelo testemunho dos pais ou outras pessoas que tenham participado ou estavam presentes, isso sem contar com a constatação da própria pessoa que pode lembrar que tal fato aconteceu realmente quando se trata de acontecimentos mais recentes.

Muito ao contrário daquilo que pensam os investigadores da evolução do homem, ele não descende de um organismo unicelular primitivo.

O Homem sempre existiu como homem desde o início, porém só adquiriu a sua constituição física e espiritual (psíquica) tetramembrada na atual etapa de evolução do planeta e da humanidade.

Aquilo que se poderia designar como o Arche-homem (Arche-homem) ou a Idéia-homem, já na sua origem continha todos os membros, que vieram gradativamente sendo ajuntados, porém apenas como idéia (energia) forma ainda espiritual, o corpo físico que mais tarde vem a ser constituído por substâncias minerais; as forças plasmadoras, as quais fazem possível a formação de um ser vivo (vivente), comuns com os vegetais; as forças que dão origem à nossa organização de sensações e sentimentos, comuns com os animais superiores; finalmente já em alto grau de desenvolvimento o quarto membro o Eu, que é nosso espírito propriamente dito, o qual nos dá a faculdade de pensar, e a autoconsciência (consciência de si mesmo) e a atual consciência. Além disso, ainda sempre existiu em germe e já em desenvolvimento mais três órgãos espirituais que uma vez desenvolvidos nos permitem alçar-nos a três níveis de consciência superiores, o que possibilita reconhecenças no mundo espiritual das coisas ditas ocultas tal como se pode ter acesso aos registros dos acontecimentos de nossa presente vida, que se encontram gravados no que se convencionou designar como Inconsciente individual.

É ainda necessário dizer que o quarto membro da organização do HOMEM o EU foi inoculado nos três anteriores somente na Quarta Grande Etapa da Evolução, a que atualmente estamos percorrendo.

Considerando os nove níveis de Hierarquias Celestiais a partir da mais alta:

1. Tronos ou Espíritos de Vontade;
2. Kereotetetes ou Dominações, Espíritos da Sabedoria;
3. Dynameis ou Espíritos do Movimento, Virtudes;
4. Exusiai, Potestates ou Espírito da Forma;
5. Arqueus ou Principados, Espíritos da Personalidade;
6. Arcanjos ou Espíritos do Fogo;

7. Serafins ou Espíritos do Amor;
8. Anjos ou Anjos, Filhos do Dilúculo;
9. Querubins ou Espíritos da Harmonia;

Foram os Exusiai, ou seja, da quarta hierarquia os que introduziram o Eu nos três membros anteriores no momento evolutivo quando o HOMEM adotou a postura ereta.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 04 Demonstrando a energia psíquica

Categoria: Artigos

Descrição: Uma experiência muito simples que sempre pedimos que os pacientes façam para poderem entender como vai funcionar...

Demonstrando a energia psíquica

Uma experiência muito simples que sempre pedimos que os pacientes façam para poderem entender como vai funcionar a psicoterapia e confirmar que não vamos conduzi-los através de uma nebulosa em que nem o terapeuta sabe por onde vão caminhar e onde vão chegar, que há um campo conhecido e um caminho seguro e que há grande probabilidade de conseguir a cura.

Essa experimentação consiste no seguinte: primeiro, explicamos ao candidato à psicoterapia, através de esquemas, como adquirimos os conteúdos do nosso psiquismo a partir do nascimento. Depois solicitamos que ele mesmo constate como as experiências estão registradas e como funcionam.

Primeiramente apresentamos o seguinte esquema:

Na figura 1 ao lado, o círculo maior representa a criança ao nascer. Os círculos menores representam tudo aquilo que a cerca (a constelação), em especial os pais e outros familiares. Todos os elementos constelares produzem impressões sobre seus sentidos, formando imagens mentais representadas no esquema pela letra X. São representações mentais. São como uma fotografia do cenário e do agente produtor do afeto.

Destacamos a significação das impressões visuais por serem as mais evidentes para a experimentação e posteriormente para o processo terapêutico.

Os traços que cortam a letra X representam as emoções (energia) vivenciadas durante a impressão causada pelo acontecimento.

Não somente os atos dirigidos à criança, mas também os referentes ao relacionamento entre as pessoas que convivem com ela, em especial entre os pais, ficam gravados no seu psiquismo. Naturalmente as impressões podem ser de agrado ou causadoras de sofrimento (traumáticas).

Na figura 2 ao lado temos uma representação esquemática dos níveis do psiquismo humano: C - nível consciente (consciência de vigília); Sc – subconsciente (consciência subliminar); INi - inconsciente individual; INc - inconsciente coletivo; a linha pontilhada Sd - sistema de defesa, o qual, até certo ponto, impede que o conteúdo do inconsciente rejeitado ou censurado invada o nível consciente (registros patogênicos).

Nosso psiquismo registra todas as impressões, tanto as captadas através do nível consciente como subconsciente e inconsciente.

As impressões do mundo exterior são captadas pelos cinco sentidos. As mais fáceis de serem percebidas quando se acessa o nível inconsciente são as visuais, pois a cena fica registrada.

Todas as impressões são esquecidas, temporária ou definitivamente, mas ficam gravadas no inconsciente.

Ainda na figura 2, a linha pontilhada Sd, eu denomino sistema de defesa. Ele funciona evitando que imagens mentais (lembranças) de situações traumáticas penetrem na consciência vigil (nível consciente), mas, às vezes, ele falha e uma lembrança, um sentimento ou um pensamento incômodo ou censurado consegue entrar. Quando isso acontece, procuramos livrar-nos dele, substituindo-o por outro ou desviando a atenção para algo exterior. Então ele volta para o inconsciente e lá permanece até que algum estímulo provoque o seu aparecimento de novo, e a operação é repetida. Dá-se então a repressão.

Qualquer pessoa "normal" que se disponha à experimentação pode facilmente constatar que, quando temos uma lembrança agradável ou desagradável, ela comparece na consciência vigil constituída de dois componentes: 1) a cena em que aconteceu a vivência representada na figura 1 por um X, comparece como uma imagem mental (representação plástica) tal qual como era no momento dos acontecimentos; 2) como toda a experiência vivencial, agradável ou traumática, provoca uma emoção com variado grau de intensidade, desde a mais branda até à produtora da mais intensa alegria ou do sofrimento mais arrasador, essa emoção (linhas horizontais na figura 1) também fica registrada no inconsciente aderida à imagem da cena.

Quando o conteúdo do inconsciente é evocado, ou surge espontaneamente na consciência, provoca um abalo de intensidade mais ou menos forte e a pessoa revivencia o sentimento (afeto) experimentado no momento do acontecimento. Esse sentimento ou emoção (afeto) é da mesma natureza daquele que foi vivenciado durante o acontecimento. Conforme a intensidade com que foi vivenciado, pode produzir alterações psicológicas que repercutem no organismo, provocando aceleração do ritmo cardíaco, da respiração, contraturas musculares, aumento do ritmo peristáltico, náuseas, dor de cabeça, sudorese, diurese, etc. Enfim, uma infinidade de somatizações

produzidas pela carga de energia do afeto (psíquica) desencadeada no momento da situação vivenciada no passado.

A energia do afeto permanece no inconsciente aderida à imagem mental (da cena) e nós a representamos pelas linhas tracejadas sobre a letra X. Mesmo que a imagem, impregnada pela energia do afeto vivenciado, não compareça na consciência vigil, a energia que está impregnada nela permanece sempre irradiando e é em grande parte a causa das alterações do humor e dos sintomas e doenças psicossomáticas devido à descarga da energia sobre determinados órgãos.

Na figura 3 estão representados os níveis normalmente considerados como existentes no ser humano.

A seta que parte do nível INi indica o fluxo permanente de energia do afeto, que invade o nível consciente gerando a sintomatologia psíquica.

A linha pontilhada Sd evita, até certo ponto, a invasão do nível consciente pelas imagens dos registros das cenas, mas em determinadas situações elas o invadem. O mais comum é que a cena não seja percebida, porém só a lembrança, ou então, um certo sentimento ou impulso para fazer algo. Quando o sentimento ou o impulso (desejo) é perturbador, o sistema de defesa (Sd), (superego, da Psicanálise) reprime-os e por formas diversas o faz retornar ao inconsciente (esquecimento).

Todo sentimento, impulso ou desejo patogênico reprimido aumenta seu poder gerador de patologia, apresentado-se sob as mais variadas formas sintomatológicas. Sempre procuro evidenciar esse poder destruidor, que pode levar a uma explosão comportamental, ou à constituição de uma patologia somática, através da imagem de uma mola espiral. Se a tomarmos na mão e não a comprimirmos, ela não causará nenhum dano em nossa mão. Mas se a formos comprimindo, assumirá cada vez mais força, até produzir uma tal pressão que acabará por ferir nossa mão e saltar fora em movimento e trajetória descontrolada, podendo atingir qualquer coisa e causar algum estrago. Esse é o processo de repressão dos afetos patogênicos para o inconsciente.

A energia do afeto reprimido tanto pode manifestar seu efeito funesto através de sintomas emocionais, mentais e somáticos, gerando transtornos ou, lesões em algum órgão portador de predisposição para tal.

Esse processo da alma humana foi primeiramente descoberto por Joseph Breuer e Sigmund Freud e divulgado pelo último através de sua teoria psicanalítica.

Como naquela época a humanidade vivia um estado de repressão e total desconhecimento dos processos anímicos e uma influência arrasadora da Igreja com relação à sexualidade humana é autocompreensível que grande parte das psicopatologias fosse gerada por traumas anímicos relacionados ao sexo. Daí, que toda a Teoria Psicanalítica fosse desenvolvida a partir, praticamente, de uma única causa: a sexualidade.

Posteriormente, surgem os outros grandes pilares da compreensão da alma humana: Carl Gustavo Jung e Alfred Adler.

Esses três gigantes da Psicologia trataram a questão de pontos de vista um tanto diferentes, embora tenham utilizado, praticamente, a mesma metodologia terapêutica.

Até aí tudo bem. Foi descoberto que a causa das patologias psíquicas, especialmente as neuróticas, era devida ao processo de repressão e que a cura podia ser alcançada pela liberação do conteúdo reprimido, trazendo-o para o nível consciente.

Acontece que houve um equívoco quanto ao entendimento do efeito de repressão e da liberação do complexo por parte de muitos psicanalistas que passaram para o público leigo que não se deveria reprimir nada para não gerar doença. Daí que muitos leigos passaram a adotar uma conduta completamente equivocada na "educação" de suas crianças: não reprimiam e ainda, hoje, não reprimem nada. A partir de então começou a surgir uma geração de "monstrinhos", crianças mal educadas, que simplesmente davam e dão vazão a todos os seus maus impulsos, a ponto de agredirem os adultos com pontapés nas pernas, crianças anti-sociais que passaram e passam a ser rejeitadas, agravando dessa forma a sua vida afetiva (da criança) com conseqüências imprevisíveis para o seu futuro.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 08 Técnica de acesso direto aos conteúdos inconscientes

Categoria: Artigos

Descrição: A técnica da expansão da consciência não deve em hipótese alguma ser auto-aplicável por leigos e mesmo por psicólogos e psiquiatras que não tenham realizado psicoterapia de orientação analítica, freudiana ou iunguiana.

Técnica de acesso direto aos conteúdos inconscientes com plena consciência vigil: expansão da consciência.

A expansão da consciência

Advertência

A técnica da expansão da consciência não deve em hipótese alguma ser auto-aplicável por leigos e mesmo por psicólogos e psiquiatras que não tenham realizado psicoterapia de orientação analítica, freudiana ou iunguiana. Porque o acesso a registros de vivências profundamente traumáticas pode causar abalos psicológicos extremamente intensos, capazes de desestruturar a personalidade, que de si mesma pode já possuir um equilíbrio muito frágil, sendo muito difícil restabelecê-lo. Portanto o leigo só deve ser

tratado com esta técnica, bem como as de regressão, por profissionais oficialmente habilitados, psicólogos, psiquiatras ou médicos com formação na área de psicoterapia, que tenham realizado psicoterapia das orientações acima mencionadas, sendo melhor que quando queiram trabalhar com estas técnicas, sejam treinados por um profissional habilitado e que tenha passado pela experiência de paciente tratado com elas, pois somente assim poderão compreender e avaliar o que se passará na vida psíquica dos seus futuros pacientes. Aliás, para a utilização de qualquer técnica que trabalhe com conteúdos do inconsciente.

Como na aplicação da técnica de expansão da consciência o paciente vai contactar conteúdos traumáticos vivenciados, tanto como imagem, como com suas respectivas cargas energéticas afetivas muito intensas e devido ao tempo que em geral vai permanecer contemplando as imagens da cena e revivenciando as emoções, sentimentos e sensações que vivenciou no momento do acontecimento traumatizador, é necessário que antes de iniciar a aplicação da técnica mencionada, seja realizado um período de fortalecimento do Eu, para que possa suportar sem dano, os sentimentos, emoções e sensações muitas vezes revivenciados com extrema intensidade, causadoras de grande sofrimento.

Para o fim acima mencionado serão indicados exercícios especiais além do processo normal das terapias que operam com conteúdos do inconsciente.

A primeira coisa que devemos fazer é ouvir atenta e exaustivamente a queixa do candidato à psicoterapia, estimulando-o a expor tudo que lhe for possível.

No caso de ser possível, já na primeira consulta devemos explicar sucintamente por meio dos esquemas das figuras 1 e 2, como adquirimos os conteúdos que formam nosso patrimônio psíquico, as imagens e a energia dos afetos vivenciados no momento em que as experiências de vida ocorreram, solicitando que realize o experimento, procurando chamar à consciência (nível consciente), lembrando um fato qualquer, mas que não seja algo que já se encontre no nível consciente. Pode ser algo que goste de lembrar uma experiência positiva (+), ou não goste, negativa (-) ou ainda as duas, uma de cada vez.

A seguir pedimos que se represente mentalmente a cena como se ela estivesse na sua frente e contemple-a durante algum tempo, tanto quanto seja necessário para poder perceber o que se passa em seu íntimo: sentimento, emoção e sensação corporal. Depois se pede que relate a cena, se for possível e não cause constrangimento e relate a reação afetiva e corporal se houve.

Nesse ponto estamos, psicoterapeuta e candidato a psicoterapia em condições de entender o que foi mostrado nos esquemas das figuras 1 e 2: que há um registro da cena, uma imagem mental (memória) realmente impregnada da energia do afeto vivenciado.

Em seguida mostramos com auxílio da figura 2 como podemos representar graficamente a estrutura do psiquismo humano e por quais vias as impressões penetram em nossa vida psíquica e onde ficam registradas e em geral esquecidas, e, que esse "local" onde as impressões ficam registradas, esquecidas, mas existentes, "zona do esquecimento", é o inconsciente.

Permanentes no inconsciente, as impressões em geral não são lembradas, não entram no nível consciente e, quando o fazem, burlando o sistema de defesa (Sd) e são perturbadoras, procuramos afastá-las de diversas maneiras, empurrando-as de volta para o inconsciente. A isso chamamos repressão. Reprimir uma lembrança incômoda, é

semelhante a comprimir uma mola espiral. Quanto mais se a comprime, tanto mais força ela adquire. Assim é com a impressão perturbadora reprimida.

Na verdade o que se reprime é a energia (afeto) causadora da perturbação. Essa energia nunca é impedida de fluir e entrar no nível consciente causando toda uma sintomatologia psíquica e somática, sendo a causa dos estados afetivos patológicos e das doenças psicossomáticas, e, segundo hipóteses modernas, de muitas doenças somáticas, em especial no caso das infecto-contagiosas pela diminuição da imunidade do organismo e ainda de muitos acidentes.

Após essas explanações e tendo constatado os fatos, indicamos ao paciente como é possível remover as energias afetivas negativas por meio do processo psicoterápico. Para tal servimo-nos dos esquemas abaixo (figuras 4 e 5).

Na figura 4 representamos a imagem visual da cena vivenciada com a letra X e a energia do afeto pelas linhas horizontais. As setas indicam (1) a imagem da cena (representação mental) impressa no inconsciente; (2) a energia do afeto vivenciado no momento do ato traumatizador, os quais devem ser constatados pelo paciente que constatou a unidade do complexo, que é formada pelos dois fatores; imagem e energia.

Uma vez feito o acima exposto, explicamos ao paciente que, no processo psicoterápico, à medida que vão sendo visualizadas as cenas e vivenciados os afetos, sendo expressos e verbalizados ou ambos os fatores, a energia patogênica vai sendo dissipada (catarsis) até a sua total eliminação.

Após esse trabalho, que pode ser necessário realizar várias vezes, a imagem da cena pode comparecer na consciência sem causar a menor perturbação, livrando-se o paciente dos sintomas produzidos por aquele trauma.

A figura acima (5) mostra em esquema como fica a imagem do registro, onde as linhas horizontais cortadas por linhas oblíquas indicam sobre o processo catártico, ou seja, a dissipação da energia patogênica, produzida pela visualização, revivência do afeto, verbalização e expressão por meio de gestos e às vezes por somatização momentânea da descarga da energia do afeto, restando apenas a imagem visual (mental) e a lembrança neutra de que uma vez houve um sofrimento. As linhas pontilhadas cortando a letra X indicam que a lembrança do sofrimento está esvaziada do conteúdo energético causador dos distúrbios afetivos e psicossomáticos. O paciente deverá, a partir daí, poder contemplar a lembrança (cena e afeto que existiu) como se aquilo tivesse acontecido com outra pessoa, não consigo.

À medida que os traumas vão sendo trabalhados, a sintomatologia geral vai sendo atenuada. Estas explicações darão ao paciente a perspectiva de que há um caminho seguro que lhe permitirá curar-se. Em seguida explicamos que durante um período de tempo não determinado, ele fará uma espécie de treinamento, que constará de entrevistas, nas quais irá relatando tudo quanto conseguir lembrar e tiver condições de revelar ao terapeuta e receberá explicações sobre o significado e influência das experiências negativas sobre sua vida atual.

Devemos também explicar que no decorrer do tratamento realizará alguns exercícios, uns essenciais ao processo da psicoterapia e outros complementares e ainda que, sempre que julgar necessário, pode interrompernos, para falar algo de que se lembrou, ou de alguma observação, ou perguntar algo que deseja saber.

O esquema da figura 6 pode ser utilizado, na primeira entrevista, ou numa seguinte para maiores esclarecimentos.

Na figura acima, em A representamos o estado mental comum nas pessoas antes do trabalho de psicoterapia. A pessoa não tem consciência clara dos conteúdos mentais. Mesmo dos que atingem a consciência vigil. É como se fosse um emaranhado mais ou menos confuso de representações e sentimentos. O Eu se encontra no centro desse emaranhado. Como é ele quem dirige nossa vida consciente, por assim dizer, procura e até certo ponto consegue coordenar a vida de sentimentos, representações (imagens mentais), impulsos e nossas decisões e atos, e como estabelecer relações entre os diversos conteúdos é muito difícil, tomar decisões e praticar atos acertados é problemático.

Como as representações, imagens de origem visual, são energizadas e, por conseguinte dotadas de forte dinamismo, se "movimentam" quase sempre com grande rapidez, tornam muito difícil a sua identificação e nítida percepção. Além do mais nossa alma é dotada de sentimentos antagônicos, como saber por qual deles decidir? Qual deles eu sinto? Na verdade, os dois são existentes e sente-se ambos com relação ao mesmo objeto.

Pelas razões acima expostas, para que se possa ter uma percepção clara de nossas motivações e do significado dos sintomas, faz-se necessário uma espécie de "afastamento", distanciamento do Eu, do emaranhado de representações e sentimentos.

Na figura 6A, representamos graficamente o distanciamento subjetivo naturalmente, para que o Eu possa ter uma percepção mais nítida dos conteúdos psíquicos, podendo desse modo realizar uma avaliação mais objetiva, ou menos subjetiva dos mesmos.

Durante o processo psicoterápico, além do clareamento na percepção dos conteúdos psíquicos, o paciente vai retificando valores aprendidos como certos ou errados e confirmando outros. Representamos com o sinal de (+) positivo para o aprendido como certo ou retificado e com (-) negativo o aprendido como errado ou refiticado, na nova valoração.

Uma vez esclarecidos esses aspectos, pedimos ao candidato à psicoterapia que, se julgar necessário, terá um tempo para pensar se quer realmente realizá-la segundo o método exposto e ainda informamos que a psicoterapia em geral é um processo longo, que deve obedecer a um ritmo e que, uma vez iniciada não deve ser interrompida, e ainda que, em caso de força maior é necessário elaborar previamente com o psicoterapeuta a interrupção para que não fiquem aspectos significativos sem definição.

No primeiro capítulo apresentamos uma descrição sintética da fenomenologia do atual hábito de pensar, encontrado tanto em pessoas sem preparo para atividades que exigem um certo treinamento acadêmico como nos pensadores e cientistas.

Exercícios indispensáveis e complementares

Exercício número 1: Autoconcentração e experiência da realidade do Eu como entidade auto-existente e sua força transformadora na alma.

Este exercício é absolutamente necessário, sem cuja prática não é possível aplicar este método de tratamento dos distúrbios emocionais, sendo de grande ajuda em outras técnicas.

A teoria freudiana da gênese de Eu (ego, na psicanálise) é apenas parcialmente verdadeira. Sobre a realidade do Eu e sua Gênese será falado num Capítulo final deste trabalho, sob o título "Esboço de uma teoria sobre a gênese do Eu, do ponto de vista da Ciência do Espírito".

1. Pede-se ao paciente que procure contrair e relaxar os músculos da testa como nas figuras 7 e 8 no sentido das setas até sentir nitidamente a diferença entre o estado de contração e de relaxação dos músculos e tenha uma forte sensação dessa região, assinalada por um ponto.

2. Após ter conseguido tomar consciência da região indicada, pede-se que sem contrair os músculos, faça a concentração de energia no ponto central indicado nas figuras 6 e 7 e procure sentir a mesma sensação de quando fazia contração deles ou semelhante. Conseguida a sensação de tensão, mentalizar a eliminação de tensão sem fazer o mínimo esforço muscular. Repetir essa parte até que fique bem nítida a sensação de energia gerando tensão na região, propriamente no ponto central e um pouco acima da linha das sobrancelhas. Em seguida pedir ao paciente que concentre sua atenção e energia no referido ponto das figuras 7 e 8 e mentalize, ou imagine que está contemplando algo belo que lhe proporcione alegria (pode ser uma rosa vermelha desabrochada, uma bela borboleta voejando de flor em flor num jardim) e sem mover qualquer músculo da face imagine que está sentindo uma suave sensação de alegria e que está prestes a esboçar um leve sorriso de satisfação, alegria.

3. Explicar que vai pedir que se concentre naquele ponto (figura 7 e 8) imaginando que está concentrando energia muito intensa nesse local (sua força de vontade), mantendo a concentração e que vamos indicar uma palavra que ele deverá pronunciar em voz alta uma única vez. A seguir deverá permanecer concentrado e dirigindo sua observação só sobre si mesmo, procurando observar as sensações corporais, sentimentos, alterações no estado emocional, pensamentos que lhe ocorram. Eu vou avisar quando for para interromper a observação. Dizer: Pronuncie em voz alta a palavra "EU" e permaneça se auto-observando! Fique todo o tempo com os olhos abertos! No caso de não conseguir a concentração pode fechar os olhos.

Anotar o tempo de início e fim, que deve ser de mais ou menos três minutos. Durante esse tempo, observar e anotar quaisquer alterações que observe no seu estado e postura.

O paciente deve ter, antes da concentração, adotado uma postura com a coluna vertebral na posição vertical e a cabeça alinhada com a coluna (não deve ficar inclinada nem para direita, esquerda, para trás ou para frente). Observar a direção dos olhos. Logo que for interrompida a concentração do paciente, pedir que relate tudo que conseguiu observar em si mesmo e anotar. É importante observar e anotar a intensidade da voz com que o paciente pronunciou a palavra "EU". Atribuir um valor numa escala de Zero a Dez (Não dizer ao paciente).

4. Agora vou pedir para repetires o exercício, mas vais pronunciar a palavra "EU" mentalmente (só pensada) e fazer tudo mais como no exercício anterior. Podes fazer! No tempo exato eu pedirei para que interrompas o exercício.

5. O psicoterapeuta anota tudo quanto observado no paciente. Pedir que ele relate tudo quanto percebeu em si mesmo durante sua experiência. Anotar o tempo de início e fim do exercício, que também deve ser de mais ou menos três minutos.

6. Analisar com o paciente tudo que ele percebeu em si, tudo que sentiu e pensou ou lembrou. Investigar se ele percebeu alguma diferença sobre o significado ou importância da palavra "EU" como foi pronunciada no exercício em estado de concentração (maior atenção) e no seu uso corrente todos os dias. Anotar o que o paciente disser. Explicar que o "EU" não é uma mera palavra, mas que é uma entidade psíquica (ou espiritual, se esta for a concepção do psicoterapeuta), o que na verdade é, embora a Psicologia oficial não admita tal, porque ela se diz uma ciência da psique (alma em grego), mas não entende a psique como uma realidade que tem existência por si mesma da mesma forma que o "EU" (espírito) é uma entidade existente por si mesma. Perguntar qual a sensação de tempo em que permaneceu concentrado durante os exercícios auto-observando-se e anotar tudo.

Eu sempre explico aos pacientes que em minha concepção o ser humano é constituído por quatro elementos: 1. Corpo físico - constituído por substâncias físicas (inorgânicas); 2. Forças Plasmadoras, que organizam as substâncias minerais criando o organismo (ser vivo); 3. Forças de outra natureza, que dão ao ser vivo a capacidade de ter sensações e sentimentos (psique); 4. Uma força de natureza superior, a qual dá a faculdade de pensar, o Eu e, por conseguinte a consciência de si mesmo (autoconsciência).

Dos quatro elementos, o Eu é o coordenador de nossa vida interior (sentimentos) e da vida exterior (conduta, atos). E ainda, que ao Eu cabe a missão de realizar o trabalho de cura da alma. Por isso é que a conscientização da força do eu é fundamental no processo psicoterapêutico.

Trata-se de constituição tetramembrada do Homem e que o "EU" é uma entidade de natureza espiritual (propriamente é o espírito e que tem sua origem numa fonte que é divina e que existe o Eu pessoal, também denominado

Eu inferior e o Eu superior o qual é puramente espírito, pois que Eu pessoal tem, além do princípio superior, qualidades anímicas, naturalmente até certo ponto metamorfoseadas, quer dizer, espiritualizadas, mas que ainda podem apresentar qualidades tais como o egoísmo.

7. Perguntar se o paciente tem algum acontecimento que não goste de lembrar. Se tiver, pedir que realize a concentração como no exercício número um (1) item três (3) e que presencialize na consciência a cena como se ela estivesse na sua frente, contemplando-a e observando-a em detalhes, bem como a repercussão: sensações corporais, emoções e sentimentos. Em seguida, após dois a três minutos pedir para interromper e descrever a cena, se isso não gerar constrangimento. No entanto deve relatar a repercussão (o que sentiu) e qual a intensidade, se a revivência foi igual como quando aconteceu, mais forte, ou menos intensa. Pedir que avalie numa escala de Zero a Dez, qual a intensidade da repercussão psíquica e corporal.

8. Após um pequeno intervalo para que o paciente relaxe um pouco e desligue da experiência anterior, pedir que repita a mesma. Investigar se na segunda experiência da contemplação da mesma cena houve alguma diferença, se foi a mesma intensidade da

anterior, mais fraca ou mais forte, o que não é comum, mas que eventualmente pode acontecer. Normalmente na segunda experiência da contemplação da mesma cena traumatizadora há uma sensível atenuação na repercussão e às vezes a energia do afeto negativo é totalmente dissipada já nessa operação. Solicitar ao paciente que avalie essa segunda vivência dando uma nota na escala de Zero a Dez. No caso de que a intensidade da energia do afeto tenha diminuído ou totalmente dissipada explicar que é assim que acontecerá durante o processo da psicoterapia, a intensidade das energias dos afetos traumáticos irá diminuindo até desaparecer totalmente, tendo como resultado a erradicação dos sintomas, tanto os psicológicos como os psicossomáticos (orgânicos de causa psicológica), como foi indicado na figura número 5. Após a realização deste exercício a terapia deverá processar-se por meio de entrevistas em que o paciente vai relatando fatos ou problemas dos quais tenha a possibilidade de lembrar espontaneamente, pelo tempo que o psicoterapeuta considerar suficiente.

9. Deve ser solicitado ao paciente que faça o exercício de autoconcentração pelo menos uma vez ao dia. Se fizer mais, será melhor. Inicialmente não deve contemplar cenas de situações que tenham produzido sofrimento. Isso só será feito com a assistência do psicoterapeuta. Poderá, no entanto presencializar na consciência cenas que tenham causado alegria, ou então, mentalizar um objeto belo, como por exemplo, uma rosa desabrochadora. Isso ajudará a manter a concentração por maior tempo, sem permitir o ingresso de qualquer outra impressão na consciência.

Uma vez realizado o exercício e tendo-se a certeza que o paciente compreendeu tudo, passa-se ao processo psicoterápico.

Durante algum tempo o psicoterapeuta baseado em sua experiência deverá avaliar quanto será necessário, até que o paciente tenha atingido um grau de fortalecimento do EU através da análise de fatos de fácil lembrança e que não tenham produzido muito sofrimento.

O psicoterapeuta evitará começar a aplicação da técnica da expansão da consciência enquanto o paciente não tiver atingido um grau adequado de fortalecimento do EU, de modo que possa suportar o abalo da revivência das situações traumatizantes.

Tendo o paciente atingido o grau necessário de fortalecimento do EU, podemos iniciar a realização da expansão da consciência, inicialmente trabalhando com material que ele já tem como lembrança espontânea, procedendo da seguinte forma:

1. Pede-se ao paciente que realize a auto-concentração como no exercício.
2. Mentalize a expansão da consciência para a época do acontecimento.
3. Focalize a cena procurando ter o máximo de clareza "visual".
4. Não pense, não interprete, evite explicar, justificar, etc. apenas contemple.
5. Permanecer unicamente contemplando até que brotem as vivências, sensações, emoções, sentimentos, procurando observar os movimentos da alma nos sentidos de bloqueio, dificuldade de aprofundamento das vivências, fugas, medo, etc. Quando acontecer dificuldade de aprofundar as vivências, o paciente deve comunicar ao psicoterapeuta que pode auxiliá-lo a prosseguir. Porém nunca se deve forçar o aprofundamento, deixando para o paciente, que está hiperconsciente o controle e a decisão de até que ponto a vivência é suportável sem grande sofrimento, deixando para aprofundar em outra oportunidade.

6. Deve ser dito ao paciente que ele fique sempre hiperconcentrado e que, ele tem o domínio da situação e a liberdade de determinar até que nível quer levar a observação da cena e das vivências.
7. O paciente pode, se assim o quiser, relatar a cena e as vivências durante o processo de expansão da consciência, desde que não perca a concentração e a objetividade da descrição, ou após retornar ao estado rotineiro de consciência.
8. No caso, de surgirem novas cenas, ou imagens simbólicas, o paciente deve relatá-las. O psicoterapeuta anota-as para interpreta-las posteriormente, se conhecer simbologia e metodologia, devendo trabalhá-las sempre na condição de expansão da consciência.
9. Após haver trabalhado as lembranças que surgem espontaneamente, pode-se passar à investigação de registros traumáticos mais profundos, que o esforço normal de lembrar não consegue trazê-lo ao nível consciente.
10. Para a investigação referente aos registros mencionados no número 03, pedir ao paciente que faça a autoconcentração e mentalize a expansão da consciência para o passado até a infância e focalize um acontecimento traumático de qualquer época da vida e que uma vez encontrado contemple-o com toda a atenção e proceda da mesma maneira que no caso das lembranças fáceis de localizar, evitando interpretar, pensar, justificar, etc. apenas contemple e deixar as vivências se processarem livremente, descrevendo-as durante o processo ou após.
11. Quando o paciente considerar que já atingiu um ponto suficiente, deve avisar o psicoterapeuta, que lhe dirá para retornar ao estado de consciência de rotina.
12. Havendo ainda tempo, pode-se analisar o material trabalhado durante a expansão da consciência. Também pode ser continuada a análise na próxima sessão terapêutica.
13. Normalmente não convém realizar essa técnica em sessões seguidas, devendo-se pelo menos alternar. Em todo o caso é sempre aconselhável seguir a disposição do paciente de trabalhar dessa forma nas próximas sessões.

Observações

- Quanto à postura do paciente, pode ser aplicada essa técnica tanto com o paciente deitado em um divã em decúbito dorsal, com os olhos fechados e com fraca iluminação, ou também sentado em poltrona com espaldar alto, tronco e cabeça recostados, olhos fechados. Os olhos fechados facilitam a concentração em virtude da ausência de estímulos visuais.
- Antes de realizar a autoconcentração o paciente deve fazer algumas respirações completas (três a cinco) a mentalizar a relaxação de todo o corpo.
- O psicoterapeuta deve evitar qualquer tipo de sugestão, nem mesmo pensar o que o paciente pode estar sentindo, para não influir no inconsciente dele.
- Eventualmente o psicoterapeuta pode estimular o paciente a aprofundar as vivências, mas tendo o cuidado de não forçá-lo a vivenciar sofrimentos muito intensos, muito difíceis de suportar.

Exercício número 2: Respiração, relaxamento, sugestão prospectiva.

A quase totalidade das pessoas que procuraram a psicoterapia é muito tensa, tanto emocional, quanto corporal e apresentam um processo respiratório defeituoso.

Devido às tensões emocionais vividas desde a infância, passam a descarregar as energias dos afetos negativos no sistema neurovegetativo, afetando o movimento do

diafragma, resultando que seu movimento de contração e expansão fica alterado, tenso, impedindo o livre movimento dos músculos da região abdominal, diminuindo a amplitude da sua expansão. Em virtude desse fato, diminui a quantidade de ar (oxigênio) inspirada, baixando dessa forma a oxigenação do sangue e por conseqüência, de todo o corpo e em particular do cérebro, alterando todas as funções fisiológicas, em especial as do cérebro, aumentando o nível de ansiedade e, acaba por prejudicar as funções psíquicas.

É interessante notar se com a alteração do movimento do diafragma e dos músculos abdominais, a pessoa passa a respirar movimentando a caixa torácica, que exige um esforço maior e reduz a quantidade de ar inspirado.

Esse problema da respiração torna as coisas mais complicadas em pessoas que sofreram da anóxia perinatal. Por isso é fundamental que se investigue esse aspecto e ainda se não existem alterações nas vias respiratórias superiores, caso em que se deve recomendar a consulta com especialista em otorrinolaringologia. É ainda conveniente indagar sobre outros sintomas orgânicos e hábitos de vida, que uma vez orientados e corrigidos, quando o paciente, pode fazê-lo, ajudam no progresso do tratamento.

O exercício a seguir descrito se baseia na técnica de relaxação desenvolvida pelo Professor J. H. Schultz, publicada em seu livro *Treinamento Autógeno*, primeira edição em Português, 1967, Editora Mestre Jou, com algumas modificações introduzidas por mim.

Passos do exercício

1. O paciente deitado em decúbito dorsal, com os braços estendidos ao longo do corpo, cotovelos levemente flectidos com ângulo aberto para o lado do corpo e as mãos espalmadas, realizará várias respirações profundas. O instrutor pede ao paciente que coloque sua mão dominante sobre o abdômen logo acima do umbigo e que contraia o diafragma expulsando o ar do pulmão e em seguida inspire profundamente pelo nariz, dilatando o abdômen, se possível sem movimentar o tórax, complete a inspiração, agora dilatando-o, segure o ar por mais ou menos três (03) segundos e expire pelo nariz lentamente emitindo o som huuuummm... tão fortemente e prolongado quanto possível, procurando observar as suas sensações. Fazer sete (07) vezes essa respiração. No caso de o paciente apresentar respiração torácica, recomendar que treine em casa a respiração abdominal. Para facilitar o exercício de casa, pode usar um saquinho com areia de 500 gramas a 1000 gramas sobre o abdome.

2. Dizer ao paciente que ele não vai adormecer devendo permanecer consciente o tempo todo; eu vou repetir seguidamente a frase: vais permanecer consciente durante todo o tempo do exercício. Talvez sintas alguma alteração no estado de consciência (estado alfa) e tenhas algumas sensações um pouco estranhas, mas não tenhas preocupação porque isso é normal e não causará nada de mal. Eu vou apenas ser o guia do exercício quem vai comandar és tu. A cada indicação que eu der, tu vais mentalizar uma ordem para aquela parte do corpo. Não debes fazer nenhum esforço ou movimento voluntário, nem movimentar a parte indicada do corpo.

3. Concentra tua atenção no braço (direito ou esquerdo, conforme for à dominância); mentaliza a ordem de relaxá-lo. Relaxa o braço... vai relaxando profundamente! Solta os músculos! Bem soltos... Repetir sete vezes sempre dizendo: profundamente.

4. Agora mentaliza que vais sentindo uma forte sensação de peso no braço. Vais sentindo o braço profundamente pesado... muito pesado. Repetir sete (07) vezes.

5. Agora mentaliza que vais sentir no braço uma suave sensação de calor. Vais sentir uma suave sensação de calor no braço. Repetir sete (07) vezes.
6. Vais permanecer sempre consciente! Concentra tua atenção na perna (dominante)! Mentaliza uma ordem de relaxar a perna. A perna vai relaxando, relaxando... profundamente, profundamente... relaxa os dedos do pé... relaxa todo o pé... Toda a perna relaxada. Repetir a ordem sete (07) vezes.
7. Vais permanecer consciente! Concentra tua atenção em tua perna (ED). Mentaliza a ordem de relaxar tua perna. A perna vai relaxando, relaxando... Profundamente, profundamente... Repetir sete (07) vezes.
8. Vais permanecer consciente! Concentra firmemente a atenção no braço (D-E). Mentaliza a ordem de relaxar o braço. O braço vai relaxando, relaxando... Profundamente, profundamente... Repetir sete (07) vezes.
9. Vais permanecer sempre consciente! Concentra a tua atenção nos músculos dos ombros. Mentaliza a ordem de relaxar os músculos dos ombros. Os ombros vão relaxando... Profundamente, profundamente... Repetir sete (07) vezes.
10. Permanece sempre consciente! Concentra tua atenção sobre todo o tronco. Mentaliza a ordem do relaxar os músculos. Os músculos vão relaxando, relaxando... Profundamente... profundamente... Repetir sete (07) vezes.
11. Vais permanecer consciente! Concentra tua atenção sobre os músculos do abdômen. Mentaliza a ordem de relaxar os músculos. "Os músculos do abdômen vão relaxando, relaxando... Profundamente, profundamente..." Repetir sete (07) vezes.
12. Vais permanecer consciente! Concentra tua atenção sobre os músculos do peito. Mentaliza a ordem de relaxar os músculos. "Os músculos vão relaxando, relaxando... Profundamente, profundamente..." Repetir sete (07) vezes.
13. Permanecendo sempre bem consciente! Concentra tua atenção sobre o pescoço. Mentaliza a ordem do relaxar seus músculos. "Eles vão relaxando, relaxando... Profundamente... profundamente..." Repetir sete (07) vezes.
14. Vais permanecer consciente! Concentra tua atenção sobre os músculos do abdômen. Mentaliza a ordem de relaxar os músculos. "Os músculos do abdômen vão relaxando, relaxando... Profundamente, profundamente..." Repetir sete (07) vezes.
15. Repetir o exercício para ombros, costas, peito e cervical.
16. Permanecendo sempre bem consciente! Concentra tua atenção sobre toda a cabeça. Mentaliza a ordem do relaxar seus músculos. "Eles vão relaxando, relaxando... Profundamente... profundamente..." Repetir sete (07) vezes.
17. Repetir o mesmo exercício para todas as partes da cabeça: superior e dos lados e nuca.
18. Permanecendo sempre bem consciente! Concentra tua atenção nos músculos da testa. Mentaliza a ordem do relaxar seus músculos. Profundamente... profundamente..." Repetir sete (07) vezes.
19. Fazer o mesmo exercício para todas as partes do rosto: faces, pálpebras, nariz, lábios, queixo.
20. Permanecendo com todo corpo relaxado e bem consciente, mentaliza que vais sentir em todo o corpo uma profunda sensação de descanso e bem-estar. Repetir sete (07) vezes.

21. Agora mentaliza que essa sensação de descanso e bem-estar se aprofunda e toma conta das pernas. Vais sentindo profundamente... profundamente. Repetir cinco (05) vezes.

22. Repetir o exercício para os braços. Agora, vais sentir nos braços essa sensação de descanso e bem-estar. Profundamente... profundamente... Repetir cinco(05) vezes.

23. Repetir o exercício para o peito. Agora vais sentir a sensação de descanso e bem-estar dentro do peito, no coração, no pulmão. Vais sentir a sensação de descanso, bem estar, paz, tranquilidade, dentro do peito, profundamente, profundamente. Repetir cinco (05) vezes.

24. Repetir o exercício para a cabeça. Vais sentir a sensação de paz, tranquilidade, dentro da cabeça, profundamente. Repetir cinco(05) vezes.

25. Agora vai fazer a auto-sugestão prospectiva. Eu vou apenas guiar, tu vais comandá-la. A cada série de sugestões eu vou contar... UM... DOIS... TRÊS. Quando eu contar TRÊS tu vais abrir os olhos. Eu vou comandar tua saída da relaxação.

26. Vais te sentir cada vez melhor, mais calmo (a), mais tranquilo (a) , com mais paz, mais autoconfiança, mais capacidade de compreender a ti mesmo (a), mais entusiasmo, mais capacidade de compreender os outros... Vais te sentir cada vez melhor. UM - repetir e contar DOIS, repetir e contar TRÊS. Abre os olhos; respira fundo, mexe levemente os dedos das mãos, gira os braços para fora, volta à posição anterior. Mexe os dedos dos pés, gira as pernas fazendo os dedos grandes se tocarem, volta à posição anterior. Respira fundo. Eleva os braços lentamente fazendo só o esforço para levá-los até acima da cabeça sem contrair os músculos. Volta lentamente à posição anterior. Agora encolhe as pernas lentamente raspando os calcanhares no divã. Agora volta lentamente à posição anterior. Respira fundo.

27. Agora vais aprender a fazer relaxação instantânea.

a) Com os olhos fechados. Concentra a atenção fortemente no braço (DE). Mentaliza a ordem de relaxar o braço... Agora mentaliza a passagem da relaxação do braço para todo o corpo.

b) Com os olhos fechados faz o exercício sem minha ajuda.

c) Com os olhos abertos. Mentalizar a ordem de relaxar o braço (D-E). Agora mentaliza a passagem da relaxação para todo o corpo.

d) Agora com os olhos abertos faz o exercício sem minha ajuda.

Recomendações

Após o término do exercício devemos sugerir ao paciente que, pelo menos por um tempo realize a relaxação todas as noites antes de dormir. Também é conveniente advertí-lo de que é aconselhável não dormir na relaxação.

No caso em que deseje dormir a partir da relaxação, isso deve ser determinado antes de começá-la.

O exercício de relaxação não deve ser realizado por meio de gravação de qualquer tipo, pois se trata de obter, além do relaxamento muscular e tranquilização, desenvolver domínio sobre o sistema muscular, respiratório, e ritmo cardíaco, também disciplina mental e emocional, por força da concentração da vontade pessoal e não de submissão a outrem ou de uma máquina.

□ É ainda de grande importância para manter o equilíbrio, a tranquilidade e a saúde física (orgânica) emocional e mental que, a pessoa pratique tantas vezes quantas forem possíveis por dia, mesmo quando em trabalho, a relaxação momentânea e a respiração profunda (completa).

O ATO VOLUNTÁRIO

Exercício número 4

Exercício para a conscientização e mobilização da energia da Vontade e aumento da sensibilidade dos cinco sentidos. Para fundamentação teórica do presente exercício teceremos breve consideração sobre três faculdades da alma, as quais são:

- a) Vontade (querer)
- b) Sentir (vida afetiva, sentimentos)
- c) Pensar

Consideramos essas três faculdades como sendo três forças (energias) espirituais cada uma de natureza diferente da outra.

1. O Querer

Consideradas quanto à seqüência temporal do desenvolvimento dessas forças, podemos afirmar que a primeira é o Querer (vontade) tanto no aspecto filogenético, quanto ontogenético, porém apesar de ser mais antiga, é a que virtua no ser humano da maneira menos consciente (quase inconscientemente). Não é possível provar que é a primeira a comparecer e agir na organização do ser humano, mas observando o desenvolvimento de uma criança, facilmente reconhecemos que, desde o nascimento, ela manifesta a existência de uma energia que faz com que ela movimente seus membros (pernas e braços) embora de maneira ainda caótica, mas que pouco a pouco vai se transformando em movimentos organizados e harmônicos. E como, hipoteticamente, podemos supor que o indivíduo recapitula de certa forma o processo filogenético, é lícito supor que o ser humano percorreu o mesmo caminho ao longo de sua evolução até chegar à situação atual. É muito interessante observar essa evolução na criança desde seus movimentos desordenados, passando pela coordenação deles ao pegar, engatinhar, assumir a postura ereta, orientando-se no espaço com relação a Terra e mesmo ao Cosmos e ainda com que alegria ela vivencia seus primeiros passos. Podemos até supor que essa seja talvez a maior das aventuras que um ser humano possa vivenciar em cada existência terrena.

2. O Sentir

A vida de sentimentos (afetiva) é a segunda faculdade da alma que se desenvolve tanto ontológica como filogeneticamente. Mas também é uma função sobre a qual temos muito pouca influência, pois não temos a capacidade de produzir os nossos sentimentos; eles surgem por si mesmos e, de um modo geral, as pessoas têm pouquíssima clareza sobre eles. Para a consciência do homem comum a vida de sentimentos é um emaranhado inextricável, associado às imagens (representações) e lembranças. E em geral temos, no máximo, a possibilidade de controlar nossas ações motivadas pelos sentimentos, evitando-as ou atenuando-as. Também é possível intensificar certos sentimentos e mesmo "apagar" aqueles gerados por traumas psicológicos através dos recursos da psicoterapia, de modo que a cena de uma vivência traumática pode ser contemplada como se tivesse acontecido com outra pessoa e não consigo. E ainda é possível que

mesmo acontecimentos de alegria não nos produzam arrebatamento ao serem contemplados da mesma forma que as vivências traumatizantes.

3. O Pensar

A faculdade do Pensar é a última a desenvolver-se, também tanto onto como filogeneticamente. No entanto, apesar disso, é a mais desenvolvida e sobre a qual temos o maior domínio, pois podemos produzir nossos próprios pensamentos e combiná-los uns com os outros, entender os pensamentos dos nossos interlocutores, tudo isso com bastante clareza, enquanto que com os sentimentos, sejam os nossos ou dos outros, a dificuldade de entendimento é imensa devido à sua extrema subjetividade.

Podemos representar graficamente a ordem do surgimento das três faculdades da alma com o esquema (Figura 9), bem como suas relações com o Amor, Sabedoria e Verdade.

O Ato Voluntário

O ato voluntário é aquele que a pessoa pratica consciente e determinadamente, quer dizer, ela tem a "idéia", melhor, a representação daquilo que vai fazer. Ela se representa o que quer fazer e em seguida executa o ato. Assim, à primeira vista, tem-se a impressão que o ato voluntário é realizado em dois momentos.

1º momento: representa-se o que quer fazer, por exemplo, estando sentada, por-se em pé.

2º momento: executar o ato de por-se em pé. Na verdade o Ato voluntário acontece em quatro momentos, sendo dois deles intermediários entre o representar-se o que se quer fazer e ação propriamente dita; se processam em nível inconsciente. Todo o processo acontece assim:

1º momento: representa-se o que se quer fazer (nível consciente);

2º momento: neste segundo momento (nível inconsciente para o comum das pessoas), acontece, sem que a pessoa se dê conta, uma concentração de energia no centro nervoso (cérebro);

3º momento: também sem que a pessoa tome consciência, a energia é conduzida para os outros membros que serão utilizados para praticar o ato;

4º momento: este consiste na ação propriamente dita, isto é, a execução do ato representado.

O Exercício

Uma vez dadas às explicações anteriormente mencionadas ao paciente, pedir a ele que execute as instruções seguintes:

A - Eu vou pedir para executares as instruções a seguir:

1. Permanecendo sentado (a) pensa em levantar-te
2. Imagina (mentaliza) que estás concentrando energia no teu cérebro, que ele está intensamente energizado.
3. Imagina (mentaliza) agora, que conduzes essa energia para os membros que vão ser utilizados para ficares em pé. Quando os sentires energizados executa o ato.
4. Agora com o máximo de consciência do corpo, em especial das pernas ergue-las lentamente prestando bem atenção a como as sentes.

Muito bem!

Agora vou te pedir que executes o mesmo procedimento para sentar-te. Podes executar o ato de sentar seguindo os mesmos passos do exercício anterior.

Muito bem!

Bem, agora eu gostaria de ouvir teu comentário sobre as impressões que tiveste ao realizar o exercício.

Aumentando a sensibilidade perceptiva dos cinco sentidos

O presente exercício é uma continuidade do anterior e se destina a desenvolver além da sensibilidade perceptiva dos sentidos, a capacidade de conduzir a energia para as diversas partes do corpo e criar ou intensificar a consciência corporal, pois há um grande número de pessoas que não a tem suficientemente desenvolvida e, por conseqüência, tem dificuldade quanto à orientação no espaço nos dois sentidos direcionais: Direita e Esquerda.

1. Sentido do tacto

Pede-se ao paciente que siga as seguintes instruções executandoas com toda a consciência possível.

a) Com a tua mão dominante (E ou D) procura sentir com o tacto a textura do tecido de tua roupa, prestando bem atenção sobre a pressão com que tocas com as pontas dos dedos no tecido.

b) Procura perceber bem a intensidade da sensação.

c) Agora eleva tua mão com o braço dobrado com a mão e os dedos relaxados e a palma para cima, conforme a figura 10.

d) Concentra a atenção na cabeça e mentaliza a energização do cérebro.

e) Agora conduz a energia para a ponta dos dedos.

f) Mantém a energia aí.

g) Observa como está sentindo a ponta dos dedos.

h) Agora, conservando a energia aí, toca o mesmo tecido com a mesma pressão anterior.

i) Compara a intensidade da sensação táctil de agora com a anterior sem energização.

j) Há diferença?

k) Sentes que tens consciência na mão?

2. Sentido do gosto

Para este item o paciente seguirá as mesmas indicações do item anterior.

a) Concentração da atenção na cabeça.

b) Energização do cérebro.

c) Condução da energia para a boca.

d) Tocar as costas da mão com a ponta da língua sem tocá-la com os lábios. Muito bem!

e) Como estás sentindo tua boca?

f) Percebes se tens mais consciência da tua boca?

3. Sentido do olfato

Seguir as mesmas indicações do item dois e:

- a) Conduzir a energia para o nariz.
- b) Aspirar suavemente o odor de qualquer objeto, pode ser da própria mão sem tocá-la com o nariz.
- c) Como sentes o nariz? Muito Bem!
- d) Percebes que tens mais consciência no nariz?

4. Sentido da audição

Seguir as mesmas indicações dos itens anteriores:

- a) Conduzir a energia para os ouvidos.
- b) Procurar captar todos os sons possíveis.
- c) Prestar atenção ao funcionamento dos ouvidos.
- d) Percebes se houve mudança na sensibilidade e acuidade auditiva?
- e) Houve mudança na relação com o som?
- f) Notaste se houve a seguinte impressão:
 - Antes do exercício tinhas impressão de que o som batia no ouvido?
 - Agora durante o exercício tiveste a impressão de que o ouvido ia ao encontro do som?

5. Sentido da visão

Seguir as mesmas indicações dos exercícios anteriores:

- a) Conduzir a energia para os olhos.
- b) Observar a própria mão em todos os seus detalhes.
- c) Como sentiste teus olhos?
- d) Tiveste a impressão de que eles são mais fortes?
- e) Houve aumento da acuidade visual?
- f) Tiveste a impressão de como se uma energia fluísse dos olhos para a mão?

Observação: Para cada sentido se deve dar o tempo que o paciente necessitar para perceber nitidamente a diferença de antes e após o exercício.

Agora eu gostaria de ouvir tua opinião sobre o que achas desse exercício.

Conscientização, sensibilização e harmonização da vida psíquica com o corpo, o ambiente e os Cosmos.

Este exercício deve ser realizado pelo paciente sentado confortavelmente em uma poltrona com espaldar alto que possa recostar-se com a cabeça apoiada, braços e pernas na posição que ele sentir ser mais confortável com os olhos fechados.

Dizer ao paciente: agora vamos fazer um exercício para conscientização, sensibilização e harmonização da psique com o corpo, o ambiente e o Cosmos. Eu vou apenas indicando o que tu vais fazer, mas tu mesmo(a) vais comandar, mentalizando aquilo que vai sendo indicado.

- a) Respira fundo três vezes pelo nariz.

- b) Visualiza mentalmente todo o teu corpo (da cabeça aos pés).
- c) Mentaliza uma ordem para todo o corpo relaxar.
- d) Relaxa profundamente.
- e) Concentra tua atenção nos dedos dos pés.
- f) Sente os dedos dos pés.
- g) Concentra a atenção em todo o pé, (os dois) sente os pés.
- h) Concentra a atenção nos tornozelos.
- i) Sente os tornozelos.
- j) Concentra tua atenção nas pernas (dos tornozelos aos joelhos).
- k) Sente as pernas.
- l) Concentra a atenção nos joelhos.
- m) Sente os joelhos.
- n) Concentra a atenção nas coxas.
- o) Sente as coxas.
- p) Concentra a atenção na região pélvica.
- q) Sente a região pélvica.
- r) Concentra a atenção no tronco (dos ombros à região pélvica).
- s) Sente o tronco.
- t) Concentra a atenção na cabeça.
- u) Sente a cabeça.
- v) Concentra a atenção em todo o corpo.
- w) Sente todo o corpo.

Observação: Entre cada uma das partes e a outra se deve dar um lapso de tempo para que o paciente possa tomar consciência daquela parte e senti-la.

Harmonização

- a) Mentaliza que tua psique (alma e o eu) entra em harmonia com o corpo.
- b) Alma e o eu (eu = espírito) penetram no corpo e tomam consciência corporal.
- c) Mentaliza que estás em harmonia com teu corpo.
- d) Mentaliza que te sentes em harmonia com tua própria alma.
- e) Mentaliza que te sentes em plena harmonia com este ambiente.
- f) Mentaliza que tua consciência se expande lá para fora em toda a cidade e te sentes em plena harmonia com o ambiente exterior.
- g) Mentaliza que tua consciência se expande para todo o Cosmos, até além das estrelas e te sentes em plena harmonia com o Cosmos.
- h) Agora permanece por algum tempo com os olhos ainda fechados e sentindo- te em plena harmonia contigo mesmo(a), com o ambiente aqui dentro, com a cidade e com o Cosmos.

i) Quando sentires que é suficiente, mentaliza que tu te recolhes em ti e abres os olhos.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 09 Exercício de metamorfose das figuras geométricas Fundamentação teórica

Categoria: Artigos

Descrição: Para entendermos a importância deste exercício para o processo psicoterápico devemos analisar os processos mentais da nossa vida de pensamento, sentimento e formação das representações (imagens mentais).

Exercício de metamorfose das figuras geométricas Fundamentação teórica

Para entendermos a importância deste exercício para o processo psicoterápico devemos analisar os processos mentais da nossa vida de pensamento, sentimento e formação das representações (imagens mentais).

Já vimos no capítulo III, IV, VII, VIII que todas as vivências de nossa vida ficam registradas (cenas, sensação, emoção, sentimento) normalmente no inconsciente. Na experiência visual podemos "rever" mentalmente a cena; na auditiva podemos recordar os sons e no caso da música, reproduzi-la. É nossa memória. É por isso que podemos identificar os objetos e pessoas e reproduzir textos, músicas e dar os nomes de cada coisa. É uma característica das representações serem imutáveis, rígidas. Talvez se poderia dizer que elas são a coisa mais rígida, inflexível que existe.

Observando agora a nossa vida pensamental, constatamos que ela é extraordinariamente plástica. Nós podemos movimentar-nos com liberdade no mundo dos pensamentos. Podemos jogar com os pensamentos, a bem dizer, a nosso bel prazer, podemos produzir os nossos pensamentos, pensar ou não pensar se quisermos. Convém não confundir o processo voluntário de pensar para encontrar a solução de um problema qualquer, com o processo involuntário de perpassar de imagens, lembranças pela consciência, que é uma invasão da consciência pelos conteúdos do inconsciente.

O homem normal vive em dois mundos, no mundo dos processos da Natureza e no da vida psíquica, ou espiritual, se assim entendermos. Desses dois chegam à sua consciência os dados com os quais o pensar trabalha. Como vimos no capítulo I Fenomenologia do

atual hábito de pensar; o Eu (o pensar) trabalha com dados oriundos dos registros dos acontecimentos e aprendizados fazendo combinações com os mesmos, isto como processo predominante, conscientemente. Ele toma representações (eventualmente conceitos) isoladas, contemplando-as mentalmente e como que magicamente percebe a conexão entre elas. Neste caso as representações têm origem no sujeito, a conexão nas representações ou conceitos. A conexão não se encontra no sujeito e sim fora dele. A própria conexão a ser percebida (na consciência) é imediatamente transformada numa representação (palavra, frase, teoria ou imagem).

Dessa forma a conexão que era dotada de plasticidade, pois poderia ser representada de diversas maneiras assume uma feição rígida e assim é "arquivada" formando parte da memória.

Agora se entendermos que existe, objetivamente aquilo que Platão denominou e Goethe constatou, o mundo das idéias, podemos, pelo menos hipoteticamente, pensar que nosso Eu (ou espírito ou o Pensar) poderia com a necessária escolagem, penetrar nele, captar a idéia sob a forma de pensamento (conceito) e este comparecer para o pensar (Eu) na consciência, como percepção pensamental, assumindo imediatamente a feição de uma representação, a qual é registrada formando parte do conjunto de fatores que constituem a memória. Nossa vida de sentimentos ainda é relativamente plástica. Nós não podemos produzir sentimento. Ele se impõe a nós. Comparece em nossa consciência tendo sua origem na própria alma, portanto não são como os pensamentos, que podem ter duas origens: do mundo das idéias e do nosso "arquivo" da memória.

Tanto as impressões oriundas do mundo exterior (dos sentidos), como os pensamentos captados pelo Eu (o Pensar), bem como os sentimentos, ao passarem pela consciência assumem a condição de representações e, por conseguinte são formações mentais rígidas. Tudo que passa pela consciência é registrado e permanece para sempre com a mesma forma. Tudo que podemos fazer com um sentimento ou um impulso é, segundo a potência do Eu, evitar ou moderar a intensidade do ato. Isto nas condições consideradas normais. Já com relação a uma condição artificial (especial) que é a psicoterapia, é possível esvaziar o poder de um afeto produzir efeitos sobre a consciência, o corpo, o ambiente, e os seres humanos.

Normalmente o Eu trabalha com as representações, se expressa, ativa os impulsos transformando-os em atos. As próprias energias dos afetos se manifestam com o caráter das representações, daí resulta que o comportamento humano tende para formas fixas, rígidas. É como se as energias que em si são plásticas, fossem contaminadas pela característica das representações. Assim, formam-se os hábitos, as idiosincrasias, manias, preconceitos, tabus, etc. E, em muitos casos, a rigidez afetiva. Naturalmente que certas alterações orgânicas podem também gerar alterações comportamentais patológicas, mas não constituem assunto para ser tratado no presente trabalho.

A psicoterapia, como é do conhecimento geral, destina a remover as causas geradoras dos distúrbios da afetividade causadas pelas vivências traumatizantes, através da eliminação das energias negativas existentes no inconsciente, como já vimos nos capítulos anteriores. Eu considero que a ação terapêutica tem duas vias que devem seguir paralelas e simultaneamente exercidas. A primeira, que é a clássica, é através da descoberta e elaboração dos acontecimentos geradores de sofrimento (traumáticos); a segunda é pela ação consciente e voluntária em que o paciente gradativamente põe em prática aquilo que reconheceu como verdade e se empenha racionalmente para promover mudança comportamental não esperando só pelo resultado das mudanças no inconsciente. Pode-se mesmo afirmar que é necessário agir dessa forma porque assim

se obtém resultados mais significativos mais rapidamente, o que é bom de dois pontos de vista: a qualidade de vida do paciente e eficiência no agir melhorarão em menos tempo; o custo do investimento será menor, aspecto que deve ser considerado importante, tanto pelo paciente, quanto pelo psicoterapeuta, uma vez que em geral o paciente obtém os seus recursos monetários a duras penas, muitas vezes tendo que suportar situações de pressão ou pelo menos desagradáveis.

Pelos motivos acima expostos criei a série de exercícios e recomendações inseridas neste trabalho.

Os exercícios de metamorfose de figuras geométricas prestam-se de maneira especial como meio de movimentação das representações. Artificialmente se consegue momentaneamente plasticidade a uma entidade em si rígida, imutável. É verdade que a representação como tal, seja dos objetos do mundo dos sentidos, dos processos da vida de sentimento ou de pensamento, sempre terão na memória (registro) a mesma feição adquirida no momento em que aconteceram. O que importa é que o Eu adquira o poder de evitar ser dominado pelas energias das vivências estratificadas. Dessa forma a mudança de hábitos negativos, tendências, preconceitos e tabus vão sendo anulados mais rapidamente e muitos atos prejudiciais à saúde emocional, mental e orgânica deixam de acontecer, evitando a criação de mais complicações na vida do paciente e daqueles que com ele convivem. Podemos dizer que a cura, além de se processar em menos tempo, atinge maior profundidade.

a) Considerando primeiramente as impressões oriundas do cosmo físico constatamos que elas tocam nossos sentidos físicos (sistema de nervos), produzem o efeito na alma (palco da consciência) onde serão percebidas pelo Eu e imediatamente são registradas na memória sob a forma de representação (uma imagem) do objeto ou processo. As percepções de processos originados no corpo são consideradas como as oriundas do cosmo físico.

b) Quanto aos pensamentos originais o processo acontece simultaneamente na Alma e no Eu sem impressionar o sistema de nervos (sentidos físicos). É autocompreensível a simultaneidade, pois que a Alma e o Eu em condições normais constituem uma unidade, que, aliás, é condição necessária para a atividade pensamental, uma vez que a percepção com parece no campo da consciência. Como um pensamento original, quer dizer, que nós ainda não havíamos pensado, ainda não tem uma forma, nós precisamos fixá-lo em uma, a qual poderá ser representada como imagem com forma fixa, sonora, em palavras, etc. Para realizarmos essa operação precisamos "vestir" o pensamento com uma feição tomada do mundo dos sentidos. No caso mais freqüente expressamos o pensamento em palavras, quer dizer, utilizamos o recurso da nossa linguagem. Como a nossa linguagem é formada a partir das experiências relacionadas ao mundo físico, nossas representações estão limitadas às experiências relacionadas a ele, onde tudo é percebido e registrado na feição do momento.

FONTES DE ORIGEM DOS FATORES PARA REGISTROS MENTAIS (REPRESENTAÇÕES) E PERCURSO DOS PROCESSOS.

1. Cosmos energético (Espiritual, mundo das idéias de Platão, pensamentos, conceitos).
 1. EU = Pensar = Espírito
2. Cosmos Físico (exterior)

1. Alma = organização das sensações e sentimentos. Palco da consciência onde comparecem as percepções contempladas pelo EU.

2. Sistema de nervos (cinco sentidos)

Na figura 11 estão representados os três níveis através dos quais se realizam os processos de percepção, formação das representações e influência de cada nível sobre os outros no ser humano, indicado pelas setas que partem de cada um deles.

Com relação ao sentimento, que tem sua origem na Alma, ele comparece na consciência repercute no corpo, é percebido pelo Eu e imediatamente é transformado numa representação e nessa forma é fixado, assumindo a rigidez característica de representação e causa rigidez afetiva.

Os exercícios com figuras geométricas são muito simples e seus efeitos são bastante significativos porque além de melhorar a plasticidade dos sentimentos estratificados, funciona como um recurso para melhorar a concentração e disciplina mental e como consequência a autodisciplina em geral.

Exercício

O psicoterapeuta apresenta a seqüência dos quatro triângulos iniciando por um ponto (.) desenhando o triângulo eqüilátero. Partindo dele aplica força imaginária nos pontos indicados na seqüência das figuras 12 e 13.

Para a realização do exercício, pedir ao paciente que represente um ponto no ar à sua frente; procure observar qual a cor do ponto; se for da cor da tinta que ele está habituado a fazer, pedir que continue observando para ver se muda de cor. Normalmente após algum tempo o ponto assume uma luminosidade parecendo com a das lâmpadas a gás. Tendo conseguido ou não essa cor do ponto, pedir que trace mentalmente no ar um triângulo eqüilátero. Em seguida, que imagine uma força aplicada no vértice de baixo para cima alongando os dois lados formando o triângulo isósceles. Uma vez formado esse triângulo, deve ser sustentada sua forma durante um minuto. A seguir aplicar mentalmente uma força no seu vértice da esquerda para a direita até formar o triângulo retângulo. Sustentar a sua forma por um minuto. Agora aplicar a força sobre seu vértice, também esquerda para a direita transformando-o no triângulo escaleno. Sustentar sua forma por um minuto. A seguir realizar a operação inversa até chegar ao triângulo eqüilátero. Então aplicar a força sobre o seu vértice de cima para baixo até que os lados se encolham e confundam-se com a base formando um segmento de reta. Sustentar essa forma por um minuto. A seguir aplicar duas forças opostas nas extremidades da reta até formar novamente o ponto.

O ponto representado no ar dará a impressão de ser tridimensional. O exercício poderá ter prosseguimento, embora não seja necessário, sendo possível formar a partir dele todas as figuras geométricas regulares ou não, e mesmo figuras não geométricas. Isso poderá proporcionar a quem realiza este exercício uma expervivência significativa sobre a natureza do ponto e o seu poder gerador de todas as coisas e de metamorfor-sear-se em todas as formas.

Ainda é possível realizar a seguinte experiência com o ponto: Fazer a autoconcentração pronunciando mentalmente a palavra EU com toda a energia possível sustentando a autoconsciência durante todo o tempo, com os olhos fechados.

Fazer o ponto expandir-se esfericamente, sentindo-se no seu centro, até que a esfera atinja o ilimitado, perca o contorno, mantendo-se firme na sua autoconsciência. Quando a esfera tiver se dissolvido na infinitude, sustentar essa situação por no máximo um minuto.

Após isso, usando a sua própria força mental, a partir do seu limite, trazer as forças do infinito fazendo-as concentrarem-se novamente no ponto.

Assim será concluído o exercício. Figuras 14 e 15.

Do Livro

Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva

Data : 22/09/2009

Título : 01 A fenomenologia do atual hábito de pensar de ENERGIA PSÍQUICA

Categoria: Artigos

Descrição: Antes de desenvolver o tema deste capítulo, penso que devo indicar as razões que me impulsionaram a interessar-me...

A fenomenologia do atual hábito de pensar

GETÚLIO VARGAS ZAUZA

Antes de desenvolver o tema deste capítulo, penso que devo indicar as razões que me impulsionaram a interessar-me por ele, por considerar que é importante para o trabalho que o paciente terá que realizar, na compreensão dos processos psicopatológicos geradores de sua sintomatologia, bem como para a cura e para ter mais segurança na reorientação de sua vida.

Aos 20 anos, ao retornar de São Paulo, onde realizei o curso de eletrônica na antiga Escola Técnica de Aviação, para a cidade do Rio de Janeiro, recomecei meus estudos, que haviam sido paralisados no 5º ano do curso primário. Ao mesmo tempo, interessei-me pela leitura filosófica, religiosa e esotérica, talvez por conviver com pessoas de elevado nível cultural e um tanto ecléticas.

Comecei pela leitura das obras de Platão; em primeiro lugar, a Apologia de Sócrates. Fiquei impressionado pelo seu amor à verdade. Esse fato caiu em minha alma e tornou-se quase uma obsessão. Nunca mais consegui deixá-lo, nem mesmo colocá-lo num segundo plano em minha vida.

Outra força que passou a atormentar-me foi, e é, a idéia da liberdade. Minha leitura sobre o assunto religioso começou com o Novo Testamento. Eis que aí encontrei, na palavra de Jesus Cristo, a frase "A verdade vos tornará livres".

Como se não bastasse a impressão causada por Sócrates, agora me abordava uma doutrina transcendente, que afirmava que a verdade nos tornará livres.

Com muita falta de modéstia, elegi para meus modelos de vida, Sócrates e Jesus, como homem, ainda não como Deus, que habitou no corpo de Jesus, pois, apesar de ter convivido durante três anos, dos 13 aos 15, com um excelente e muito culto padre, fazendo parte de um grupo de jovens católicos, nunca adotei essa, nem outra doutrina religiosa, durante toda a minha vida, embora tivesse sempre vivenciado certa espiritualidade. Isso devo muito à cultura e ao espírito não dogmáticos de meu eterno amigo, o padre Assis.

Mas o fato dramático, que se propunha a minha alma jovem e inculta, era: O que é a verdade? Como se chega à verdade? Durante anos lutei com essas questões, pois pensava a verdade no sentido absoluto, a verdade última.

Daquilo que era apenas leitura, passei ao trato do assunto com mais seriedade, como estudo. Aos 22 anos, quando cursava o científico, em função do meu interesse pela disciplina de Filosofia e minha participação ativa nas aulas dessa matéria, o professor Ney, que também era psicólogo e tinha realizado esses cursos na Sorbonne, em Paris, mostrou-se interessado pela minha humilde pessoa, a ponto de inúmeras vezes permanecer no pátio do colégio, a "Moderna Associação Brasileira de Ensino", conversando comigo sobre Filosofia e filósofos. Foi através dele que tomei conhecimento da Psicanálise, de Freud, Adler e Jung. Indicou-me algumas obras de Freud e de um dos primeiros psicanalistas brasileiros, o Dr. Gastão Pereira da Silva. Dessas obras, que eram três, recordo-me apenas de um livro, o qual ensinava como aplicar a técnica psicanalítica na forma de auto-análise. Fiquei fascinado pelo assunto e em especial pela possibilidade de poder entender certos processos psíquicos. Daí em diante passei a fazer auto-análise quase diariamente.

A prática da auto-análise permitiu-me descobrir algumas verdades ocultas no inconsciente e encontrar solução para muitas dúvidas, que nem eram conflitos neuróticos, mas questões existenciais que, de qualquer forma, me angustiavam. Foi então que entendi que não se tratava de chegar à revelação da verdade última, mas que sempre que se chega a uma verdade qualquer, esse fato tem um efeito libertador.

No entanto, a questão em si não ficou resolvida. Quando ingressei na universidade para realizar o curso de História Natural, ao deparar-me com tantos pontos de vista, "teorias", contraditórios sobre o mesmo assunto, interessei-me por fazer uma incursão sobre a história da ciência, constatando que, de tempos em tempos, e cada vez em tempos menores, aquilo que era uma vez afirmado e aceito como verdade científica, era anulado por novas afirmações ("provas"). Percebi que, mesmo nos meios científicos ou filosóficos mais seletos, os cientistas e os filósofos estavam se movendo numa penumbra. Além dos fatos concretos captados pelos sentidos físicos normais ou instrumentais, quando entravam no âmbito do pensar, quando chegava o momento de interpretar os fatos pensamentalmente, começava a insegurança e a confusão. Enquanto se tratava de

observar e descrever, tudo ia bem. Além disso, falei de insegurança e equívocos, para não dizer erros crassos.

Trata-se, na verdade, de julgamentos, afirmações, sem provas materiais, por que, no campo do puro pensamento, quando se trabalha com abstrações, é impossível provar o que quer que seja, se o nosso interlocutor não possui o mesmo nível de iniciação no assunto em questão. Por exemplo, de que maneira provar, a um não-iniciado em Matemática superior, que, numa equação de cálculo diferencial, o resultado que obtivemos corresponde à verdade matemática? Para todo aquele que não for iniciado num determinado assunto, qualquer afirmação que lhe seja feita, se ele aceitar como verdade, não passará de crença. Ele talvez acredite, porque considera que o afirma me sabe de experiência própria, ou não tem motivo para enganá-lo. E assim é que mesmo os cientistas aceitam como verdadeiras as afirmações que eles não têm como comprovar, e as utilizam em seus raciocínios e conclusões.

Encontrando-me ante essa situação, lembrei-me que, durante o curso na Escola Técnica de Aviação, tínhamos como último estágio um módulo no qual estudávamos todos os instrumentos utilizados para a medição de valores de energia, condutibilidade, indutância, capacitância, etc, nos campos da eletricidade e eletrônica. Tal módulo de estudo tinha a finalidade de consertar e dar certeza de que os valores lidos nos instrumentos correspondiam à realidade, quer dizer, dava segurança quanto aos valores.

Nessa altura das minhas cogitações, ocorreu-me a pergunta: Qual instrumento utilizamos para procurar a verdade sobre qualquer fato, fenômeno, quando os nossos sentidos físicos não são mais capazes de resolver a questão, quando temos que nos servir dos pensamentos? A resposta era mais que óbvia. Como os sentidos físicos se mostram limitados, só nos resta recorrer aos pensamentos. Mas, quem produz e onde são produzidos os pensamentos com os quais efetuamos juízos de qualquer natureza, sejam científicos ou de outra ordem? Os pensamentos, no meu entender, são produzidos pelo que, na época, eu denominei a nossa mente, e compareciam para nossa percepção nela mesma.

Ora, se quem produz em nós os pensamentos para efetuarmos os juízos é a nossa mente, e é também nela que eles comparecem para nossa percepção, então, para termos segurança quanto à capacidade da mente humana em fazer julgamentos verdadeiros, deveríamos estudá-los, especialmente no que se refere a essa função, uma vez que é dela que necessitamos para tanto. Ela, a mente, seria o instrumento com o qual operamos para podermos fazer julgamentos verdadeiros. Como ter certeza de que aquilo que afirmamos é verdade, se não podemos saber se nosso instrumento nos permite ter segurança quanto àquilo que afirmamos? Da mesma forma não teríamos segurança quanto aos valores obtidos nas medições, se não pudéssemos confiar em que o instrumento está dando o valor correto. Mas isso só é possível se o conhecermos perfeitamente. Daí cheguei a conceber a idéia da necessidade de conhecer como funciona a mente humana, no que se refere à produção de pensamentos e julgamentos.

Essas constatações conduziram-me à necessidade de observar, detida e profundamente, o processo da formação dos pensamentos e, conseqüentemente, da emissão dos julgamentos.

Dessa forma é que cheguei à idéia de realizar um estudo da fenomenologia do atual hábito de pensar, por meio de observação direta do processo pensamental, habitual, isto é, como todo mundo faz para pensar, produzir pensamentos e com eles o julgamento; como se obtém explicação, solução sobre os desafios e enigmas que a vida nos oferece, seja no domínio das ciências ou da vida cotidiana.

Além da observação do processo mental em geral e da produção dos pensamentos e julgamentos, comecei a ler teorias do conhecimento, sendo os principais autores, Hegel, Kant, Steiner e tantos outros ao meu alcance.

Como não encontrei literatura que descrevesse o processo na sua forma habitual, tive que realizar observação direta, tomando como objeto o meu próprio processo. Portanto, desdobrei-me em dois: o objeto a ser observado, minha consciência como "palco" onde comparecem imagens, representações, lembranças, sentimentos, impulsos e pensamentos; e o sujeito observador, que contempla as percepções.

Para início das minhas observações, pedi a um amigo sua casa de campo, situada no alto de um morro, distante de todo e qualquer ruído que pudesse funcionar como estímulo e distrair minha atenção, até mesmo sem caseiro e vizinhança. Não levei nada para ler ou fazer, além de alguns alimentos simples. Durante sete dias, permaneci em silêncio e sem iluminação durante as noites.

A primeira coisa que observei foi a existência de um processo de passagem, pela consciência, de lembranças, representações mentais (imagens), cenas de acontecimentos, sentimentos e impulsos, muitas vezes contraditórios, trechos de conversas, impressão de ouvir vozes de pessoas com quem conversei, discussões, afirmações, negações, justificações, tais como: eu disse isto porque tu disseste aquilo; eu fiz isto porque ele fez tal coisa; e assim por diante. Um verdadeiro tagarelar contínuo e caótico, que não conduzia a lugar algum e a conclusão nenhuma.

Passada essa fase inicial da observação, com alguma dificuldade, procurei concentrar-me em determinadas questões que eram de vital importância para mim. Uma delas era um problema ético (moral) e dizia respeito ao comportamento masculino em relação à mulher, envolvendo toda a problemática, desde a sua valorização, ou melhor, desvalorização pelo homem, até as questões de liberdade e sexualidade. Não se tratava de um conflito emocional (neurótico), era uma questão filosófica, existencial, até porque eu tinha minha concepção pessoal sobre o assunto, que mais tarde vim a confirmar como correta. Todavia, como diferia da maneira corrente de pensar do elemento masculino, tornou-se uma questão a ser examinada, pois como poderia ser eu o único de passo certo dentro do batalhão?

Agora eu tinha dois problemas: uma era buscar solução para uma questão ética e descobrir como as coisas se processam na consciência, quando pretendemos encontrar solução para o caso. E o outro um problema científico. O fato é que só era, e é, possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Para observar o processo na consciência é necessário ter um problema (um enigma) para o qual se quer encontrar uma solução (a verdade sobre a questão em causa).

No caso de tratar-se de um fato (fenômeno) do mundo dos sentidos, seria suficiente concentrar-se no processo ou objeto exterior, observá-lo minuciosamente e descrevê-lo. Permanecendo na mera descrição, não há dificuldade. Esta surge quando o fato (objeto) não pertence ao mundo das coisas concretas (físicas), quando temos que recorrer à faculdade de pensar.

Então eu necessitava pensar. Como o que mais me interessava no momento não era a verdade ética, pois com ela eu estava em harmonia, e sim o processo de como se faz para pensar em um fenômeno qualquer, cuja verdade (solução) se quer encontrar, percebi que, para descobrir a explicação de um fenômeno qualquer, é necessário buscar elementos, determinados conceitos, ou representações adrede acumuladas na memória, através de diversos processos de aprendizado, quer seja nas experiências da

vida cotidiana, quer no aprendizado formal, isto é, pelo estudo sistematizado oferecido pela escola.

Observei também que, quanto mais rico é nosso mundo de representação, nosso conhecimento, menos difícil vem a ser a possibilidade de entendimento e explicação do fenômeno. Sem registros na memória é impossível pensar.

Tomei como exemplo a Matemática, por ser uma ciência totalmente abstrata. Aliás, do primeiro grau da abstração, na qual se pensa sem relacionar regras, conceitos, etc, com qualquer fator do mundo dos sentidos.

De um modo geral, pensa-se matematicamente, ou mesmo em outro domínio da ciência, e sobre os problemas cotidianos, porque se aprendeu a pensar sem prestar atenção ao processo de pensar. Pensa-se simplesmente, automaticamente, como se aprendeu a pensar.

Procurei na literatura sobre Ciência, Filosofia e Psicologia algo que explicasse a fenomenologia do processo habitual de pensar. Nada encontrei que o descrevesse. Então resolvi observar e descrever o mesmo, e ainda analisar o grau de segurança e de verdade que os julgamentos emitidos por esse modo de pensar podem oferecer, quando eles não se apoiam exclusivamente no sistema de pesar, medir e contar, em outras palavras, em dados estatísticos quantitativos.

Constatee que, quando extrapolamos os dados tomados da realidade, através dos nossos sentidos, quando saímos do campo das quantidades, temos que sempre recorrer aos conteúdos armazenados na memória (inconsciente). Procuramos no "arquivo", representações (correntemente designadas como conceitos), aquelas que mais satisfazem nossa precisão de explicar o fenômeno ou fato. Em geral, é essa a primeira providência que tomamos. No caso de não encontrarmos, nos nossos próprios registros, os elementos que, na nossa opinião, resolvem o enigma, passamos a buscá-los outras pessoas. Se esta não nos oferecem a idéia (conceito ou representação) satisfatória, vamos procurá-la em livros (hoje na Internet), que é a mesma coisa.

Quando encontramos, em um desses três domínios, uma representação que nos satisfaça, consideramos a questão resolvida. Portanto, estamos de posse da verdade com relação ao problema em causa.

Acontece que os conteúdos registrados no "arquivo" da memória, que consideramos como julgamentos verdadeiros, cientificamente certos, são pressupostos que nos foram passados por outras pessoas. Assim sendo, não foram elaborados por nós mesmos, não são reconhecenças obtidas pela nossa própria atividade investigatória, quer experimental (no laboratório) quer pensamental. Nós simplesmente aceitamos tais informações como verdadeiras, baseados na boa fé, porque acreditamos que o outro não tem um motivo para querer enganar-nos, ou então porque somos obrigados a aceitá-las como verdadeiras, pelo princípio da autoridade, que pode ser da Ciência ou da Religião. Neste último caso, em função do medo. Dessa forma, a maior parte daquilo que julgamos ser nosso saber (conhecimento verdadeiro) é nada mais, nada menos do que uma crença. Nós simplesmente acreditamos ter a posse de uma verdade científica.

De quase tudo aquilo que temos como verdade, se seguirmos o caminho retro-verso, constataremos que se trata de uma cadeia infinita de informações passadas de geração a geração, que o ensinante (professor) mesmo não tem como experiência própria. Ele simplesmente vai passando adiante a crença que supõe ser verdade e que recebeu de outro no passado, como verdade.

Eu costumo dizer, em tom jocoso, que: o cientista pesquisa e descobre certas verdades (quando se trata mesmo de uma verdade científica, muito freqüentemente é uma afirmação equivocada, como se constata lendo a história dos equívocos da Ciência); o professor memoriza, repete para o aluno, exige que este repita suas afirmações e jure de joelhos e mãos postas que aquilo que o professor disse é verdade, se não... Afinal ele tem que obter a nota de aprovação. Um dos males do nosso sistema de ensino, em todos os níveis, é que ele se baseia quase exclusivamente no acúmulo de informações, muito na memorização, pouco no entendimento dos conteúdos, e quase nada no desenvolvimento da capacidade de pensar, ou seja, de utilizar os conceitos ou representações acumulados para raciocínios, tanto analíticos como de síntese. E o princípio do "Magister dicet" (o mestre disse, então é verdade). Além do mais, ele tem que passar no vestibular da universidade.

Assim é que, no processo habitual de pensar, quando a pessoa tem um problema para ser resolvido, busca na maioria das vezes os recursos, as "idéias", num "arquivo", que tanto faz ser o seu próprio, o de outra pessoa, ou em trabalhos escritos. Assim sendo, recai sempre na mesma situação: alguém recebeu de outro e assim por diante. O fato é que não há segurança que a informação utilizada seja fidedigna. E, portanto, a conclusão pode ser um equívoco. De qualquer maneira, não há certeza se aquilo que é aceito como verdade "o é" realmente. Além disso, fica claro que as "idéias" usadas para explicar o fenômeno, não sendo uma reconhecença própria, mesmo que a afirmação final corresponda aos fatos, não dá a posse da verdade, porque os pressupostos usados para a conclusão baseiam-se em algo que não pertence à experiência pessoal de quem fez a afirmação, e se apoiam em algo que o indivíduo apenas acredita ser verdadeiro.

Como se não bastassem todas essas dificuldades que fazem parte do atual hábito de pensar, devemos compreender ainda que as inferências introduzidas nos raciocínios são, na maioria das vezes, imposições que o pesquisador faz ao problema, as quais, quando se harmonizam com o enigma e apontam para uma solução verdadeira, não deixam de ser uma espécie de "colagem", um jogo de cabra-cega, uma tentativa de erro - acerto.

Uma outra grande dificuldade que se nos apresenta, quando queremos chegar a julgamentos verdadeiros, é a interferência da nossa vida emocional. É muito difícil evitar que ela interfira em nossa percepção dos fatos, para que os percebamos tais como eles são, com objetividade. A emotividade dos sentimentos, emoções e sensações se coloca entre o sujeito observador e o objeto observado, dando a este um colorido que não lhe pertence, como se fosse um vidro colorido ou translúcido, que pode funcionar como uma lente de aumento ou diminuição da dimensão do objeto, ou ainda como se fosse um vidro com superfície ondulada. Em todos os casos, as possibilidades de equívocos são múltiplas.

Então, diante dessas dificuldades todas, pensei que deveria haver a possibilidade de um método de pensar, de modo que não fosse a forma antes descrita a única utilizável, evitando assim o processo de "colagem" de solução, imposto de fora ao problema, para que o próprio problema revelasse para o nosso pensar a sua verdade (seu significado). Esse método eu o encontrei nas obras filosóficas do Dr. Rudolf Steiner, mais adiante citadas. Mas não é este o momento de dissertar sobre a Teoria da Reconhecença (conhecimento).

Na minha prática clínica como psicoterapeuta, considerei ser importante informar aos pacientes sobre os riscos de aceitar verdades prontas, sejam elas vindas do terapeuta ou do seu próprio conteúdo mental, pelas razões acima expostas. Para tanto incluí como

parte da metodologia do trabalho que desenvolvi, um exercício em que o próprio paciente descobre o processo pelo qual ele está habituado a fazer os seus julgamentos, ou seja, a fenomenologia do seu atual hábito de pensar e a insegurança que ele oferece, quanto ao acerto nos julgamentos das questões abordadas na psicoterapia, na vida cotidiana e na pesquisa.

Como auxiliar o paciente a investigar o processo de pensar

Tendo em vista a fenomenologia do hábito de pensar, darei um exemplo de exercício para observação desse processo mental. Trata-se de um diálogo no estilo socrático (maiêutico), através do qual o próprio paciente vai descobrindo, por meio de auto-observação, como ele procede quando pensa, a fim de resolver um problema qualquer. Tomarei como base duas situações, ou seja, os diálogos desenvolvidos com dois pacientes que apresentaram as maiores dificuldades em perceber o como e a ordem em que o processo é realizado. Não se trata, portanto, da descrição de um diálogo real, mas de uma síntese de muitos. É importante lembrar que, muitas vezes, se faz necessário ajudar o paciente a encontrar o caminho e a seqüência das operações mentais (pensamentais). Está claro que, para realizar o exercício, para descobrir como o processo de pensar é realizado, é necessário ativar o pensar. E então um ato de pensar o pensar. Como, para pensar, é necessário que haja um problema (objeto) a ser resolvido, no nosso caso, o tema (objeto) em exame é: "como é realizado o ato de pensar?". Trata-se, portanto, de observar o próprio pensar, pensando. Esse é o problema. Mas também se pode sugerir ao paciente que tome uma questão do seu próprio trabalho, ou de sua vida em geral.

Exercício de perguntas e respostas

Psicólogo - Como funciona tua consciência, quando não estás ocupado (com alguma questão que pretendes resolver), quando não estás recebendo estímulos do mundo exterior? Fecha os olhos e fica em silêncio, até que possas perceber o que acontece em tua consciência.

Paciente - Percebo um fluxo ininterrupto de lembranças, cenas de acontecimentos, sentimentos, impulsos, pensamentos, fantasias, um tagarelar de discussões, com acusações e defesas, justificativas, etc... Tudo muito confuso, caótico.

Psicólogo - Muitas pessoas acreditam que, quando ocorre isso, estão pensando. Muitas vezes o paciente está em silêncio, e eu pergunto: o que estás fazendo? Ele responde: estou pensando. Então peço que descreva o processo. Tu consideras que isso seja pensar?

Paciente - Sempre considerei que fosse. Acho que a maioria das pessoas também considera assim.

Psicólogo - Esse processo que observaste em tua consciência não é pensar. Para realizar o ato de pensar, em primeiro lugar, é necessária a existência de um problema para o qual se queira encontrar solução. Num segundo momento, a pessoa tem de fazer um esforço e concentrar a atenção sobre o problema, para analisá-lo e encontrar os fatores geradores do mesmo. Trata-se, por conseguinte, de um ato voluntário, enquanto

que, no caso anterior, o processo é espontâneo, independente da nossa vontade. Os conteúdos invadem a consciência. Concordas que é assim?

Paciente - É, observando bem, constato que é realmente assim.

Psicólogo - Bem, agora que constataste ser necessário concentrar a atenção sobre o problema, observá-lo e analisá-lo, e uma vez encontrados os fatores que o determinam, qual o passo seguinte?

Paciente - Ah! Isso eu não sei.

Psicólogo - Essa é uma resposta que não serve para quem está investigando algo e quer encontrar uma solução.

Paciente - E, mas eu não sei.

Psicólogo - E claro! Se tu já soubesses a resposta, não seria necessário estarmos investigando. A expressão "não sei", no caso, é um fator paralisante, devido ao medo de não ser capaz de chegar à resposta certa, de ser considerado "burro" e perder o bom conceito de inteligente. É uma fuga.

Paciente - Mas eu não sei mesmo.

Psicólogo - A expressão "não sei" é importante para o investigador, mas no sentido de que há algo desconhecido que o instiga a procurar a resposta. Sem reconhecermos que não sabemos a verdade sobre algo, permaneceríamos eternamente na ignorância. Felizmente, estamos dotados da precisão de encontrar respostas para os fatos desconhecidos. Não fora essa precisão, a humanidade não teria nem chegado à Idade da Pedra Lascada.

Paciente - Concordo, mas o que eu faço?

Psicólogo - Como é que fazes quando tens um problema que não consegues resolver?

Paciente - Eu pergunto para outra pessoa.

Psicólogo - Isso não é comodismo? Ou o que poderíamos chamar de preguiça mental, por não querer fazer esforço?

Paciente - Acho que é. É mais fácil.

Psicólogo - A dificuldade não deve ser considerada como um obstáculo à investigação. Pelo contrário, ela é apenas um ponto de resistência que nos proporciona a possibilidade de fazermos esforço, exercitarmos nossa inteligência e desenvolvermos a nossa capacidade de pensar e nossa vontade. Vamos fazer bom uso delas.

Paciente - E bastante difícil, mas estou de acordo.

Psicólogo - Ainda há pouco disseste que, quando necessitas de solucionar algum problema, perguntas para outra pessoa. Então me responde, que utilidade tem todo o conteúdo de conhecimento que obtiveste no estudo e na prática de vida? Não seria mais razoável procurares os elementos para solucionar o problema, no teu conhecimento acumulado durante anos de estudo e de vida?

Paciente - E, pensando bem, é assim que deveria ser.

Psicólogo - Pois bem, esse deve ser o primeiro passo. Mas se não encontrares em ti mesmo os elementos que facultariam achar a resposta, qual será o segundo passo?

Paciente - Bem, agora me parece que seria apropriado recorrer a outra pessoa.

Psicólogo - Sim, é isso que normalmente as pessoas fazem. Mas, se a outra pessoa não souber, o que terás que fazer?

Paciente - Agora já estou pegando a seqüência dos fatos. E curioso que eu nunca tenha me dado conta disso. Nesse caso, posso recorrer a livros sobre o assunto, ou então à Internet, que afinal é a mesma coisa que o livro, porém mais rápido para encontrar os elementos que servem para formular a solução.

Psicólogo - É, de fato percebo que estás utilizando melhor tua faculdade de pensar. Parabéns! Vimos que há três alternativas para encontrarmos os elementos necessários para resolver o problema em causa: 1) no "arquivo" da memória pessoal; 2) perguntando a outra pessoa; 3) procurando em publicações sobre o assunto (livros, trabalhos, internet). No primeiro caso, o material armazenado tem, em geral, origem em informações oriundas de outras pessoas (o professor, por exemplo). No segundo, trata-se de buscar diretamente noutra pessoa, quer dizer, no "arquivo" da memória do outro. No terceiro, em publicações que também foram produzidas ou repetidas por outra pessoa. Concordas então que, nos três casos, tudo recai na mesma condição: As informações quase sempre têm origem fora da nossa própria elaboração, não são produtos nem da nossa experiência laboratorial nem pensamental? E que ainda devemos considerar que aqueles que nos passam a informação estão se utilizando de conteúdos, alguns produzidos por eles mesmos e outros tomados de outras pessoas? Percebes que, considerando a coisa retroversamente, estamos na dependência de uma cadeia "infinita" de informações passadas de geração a geração, e aceitas como sendo verdades, das quais não podemos ter segurança se são mesmo? Percebes que, em sentido geral, aquilo que temos como nosso saber não passa de crença? Nós acreditamos naquilo que nos dizem como sendo verdade.

Paciente - Pois é, agora me dou conta, tanto das operações mentais realizadas quando pensamos, para encontrar a solução de um problema, como da insegurança quanto a ser verdadeiro aquilo que admitimos como verdade. Mas, diga-me uma coisa: Nossa forma de pensar não nos oferece segurança quanto a podermos chegar a soluções verdadeiras?

Psicólogo - E uma ótima pergunta. No que tange às questões práticas da vida, nos assuntos técnicos, nos afazeres diários, podemos utilizar-nos dos conhecimentos armazenados, com boa margem de segurança de acertarmos. O problema surge quando se trata de pensar sobre questões não tão palpáveis como as técnicas.

Paciente - Em que tipo de problemas essa insegurança se torna uma questão grave?

Psicólogo - Em todos os problemas que não sejam técnicos. Na ciência de um modo geral, especialmente na Biologia, Psicologia, Sociologia, Filosofia; em qualquer ramo de conhecimento normativo, como na Ética, no Direito, etc... Na Filosofia, por exemplo, temos uma questão dramática, que é a Ética, a questão dos valores éticos. Na Psicologia, temos a grave questão que é a concepção de uma ciência da alma, que não considera a sua existência como uma realidade, mas apenas como um processo, um epifenômeno da matéria. A teoria evolucionista que, quanto à evolução em si, é verdadeira, perde o rumo quando afirma que a vida orgânica e, como conseqüência, tudo mais que é vivo, inclusive o ser humano e suas faculdades, surgiram a partir de um fator aleatório pertencente às forças da natureza inorgânica, quando apenas uma observação despreconceituosa permite perceber, com mediana clareza, que as suas forças atuam constantemente no sentido de destruir o organismo. Logo, aquilo cuja natureza é destruir, não pode construir, nem mesmo manter. Nem é necessário considerarmos o que ocorre

com os seres orgânicos, pois mesmo os objetos constituídos de matéria inorgânica são decompostos pelas forças da natureza, mesmo que demore um tempo imensurável.

Paciente - Quer dizer que não podemos ter segurança quanto a tudo que nos é ensinado como verdade, tanto no domínio da ciência da natureza como nas outras, tais como a Filosofia, a Psicologia, etc? E mesmo o que nos é apresentado como Religião?

Psicólogo - A questão é sempre a mesma. Todo conhecimento que adquirimos através de informações nos é transmitido por meio de palavras. As palavras têm um sentido equívoco, quer dizer, a mesma palavra pode ter vários sentidos, de acordo com o campo do conhecimento de que se está tratando. Além disso, como já foi falado anteriormente, elas assumem conotações muito particulares, conforme o teor afetivo com que são pronunciadas. E como esse teor afetivo fica gravado em nosso inconsciente (memória) e é muito variado, a cada vez que o ouvimos, isso acontece milhares de vezes na nossa vida, então a palavra estará impregnada de milhares de conotações afetivas e, cada vez que a ouvirmos, todas as conotações estarão associadas a ela e interferirão na nossa compreensão, seja do texto que lemos ou da verbalização de quem nos fala. Daí a grande dificuldade para termos uma percepção objetiva.

Devemos ainda levar em conta as dificuldades que se apresentam na arte da tradução. Pois aí há pelo menos duas situações. Uma é fazer uma tradução literária, isto é, considerar mais importante a estética do que a fidelidade ao pensamento e estilo do autor. A outra é considerar a fidelidade ao conteúdo, ao pensamento e estilo do autor. Nesse caso, trata-se de uma tradução conceitual.

Há ainda uma terceira e uma quarta razão. Traduções de línguas muito antigas são muito difíceis, porque a consciência da humanidade, em épocas remotas, era bastante diferente da atual, e a maneira de entender os fatos e expressá-los também era diferente da nossa. A outra razão é que pode haver interesses ocultos de certas organizações em distorcer o sentido ou omitir partes do texto original, e ainda, que as frases não digam a verdade, apenas sirvam como seus indicadores. Para chegarmos à verdade, temos que chegar ao conceito, que é vivo, diferente, pois, da representação, que é morta, e apenas um esqueleto de conceito.

Paciente - E como é que o pesquisador faz, após haver observado o fenômeno e encontrado, por meio de análise, os fatores determinantes do mesmo?

Psicólogos - Bem, uma vez encontrados os dados pela análise, eles ficam registrados na memória como representações, através das quais o pesquisador vai procurar perceber as relações existentes entre eles, para chegar à elaboração da conclusão. Mas esse procedimento é realizado por uma minoria. A grande maioria dos pesquisadores baseia-se apenas em valores estatísticos. Quando a totalidade dos experimentos ou uma porcentagem deles é considerada significativa, concluem que em todos os demais casos tudo ocorrerá assim, e desse modo generalizam e consideram como verdade científica. Mas as evidências, muitas vezes, muitas mesmo, demonstram equívocos, até fatais, como no caso de certos medicamentos (?) que, em vez de curar, têm causado a morte dos pacientes.

Paciente - Mas, como deveria ser o procedimento do pesquisador em qualquer domínio da investigação científica?

Psicólogo - A resposta para essa questão é bastante complexa e difícil. Em primeiro lugar, seria necessário aquilo que procuramos fazer nas considerações anteriores, ou seja, descobrir a seqüência de passos que estamos habituados a dar para solucionar um problema qualquer. Segundo, reconhecer a falibilidade do atual hábito de pensar.

Terceiro, estudar a teoria da reconhecença, que aborda o processo de pensar, investigando o próprio pensar, como experiência, ou seja, pela contemplação do pensar, pensando, sem partir de qualquer pressuposição. Isso quer dizer, não abordar o pensar pela forma de pensar habitual, na qual, como se constatou, sempre se impõem ao dado ou objeto que se quer entender, fórmulas armazenadas no nosso "arquivo" mental, o que na verdade é uma violência contra o objeto (fenômeno). Quarto, é necessário um significativo grau de libertação dos conteúdos afetivos (subjetivos) que distorcem a percepção da realidade. Mas isso não é assunto para este trabalho, e sim para um estudo da mais moderna Teoria da Reconhecença, do Dr. Rudolf Steiner, dada à luz nas obras: *Methodo Científico de Goethe, Verdade e Ciência e Philosophia da Liberdade*, tradução de Frederico Mueller, que constituem uma abordagem da questão do pensar e da reconhecença, sem apoiar-se em pressuposições, mas apenas e somente na observação direta do processo de pensar e do próprio pensar.

Isto é o que pode ser expresso neste trabalho.

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo e professor, é membro titular da cadeira 15 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono Augusto dos Anjos.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 31/05/2011

Título : O Poder e a Ética

Categoria: Artigos

Descrição: Na verdade, eu gostaria de dissertar sobre o tema, de uma forma mais ampla e profunda: O Poder, sua gênese e a Ética.

O Poder e a Ética

GETÚLIO VARGAS ZAUZA

Na verdade, eu gostaria de dissertar sobre o tema, de uma forma mais ampla e profunda: O Poder, sua gênese e a Ética. Todavia, nem o espaço nem o tempo permitem que o faça neste momento. Assim sendo, restringir-me-ei ao tenia-título.

Nessa condição, me compete primeiro citar o entendimento do dicionarista, no dicionário Michaelis –Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Melhoramentos/1998. No verbete Poderl (lat. vulgar potere).

1. Ter a faculdade de:...cita a seguir mais 11 exemplos de situações de exercícios da faculdade.

No segundo verbete. Poder2 s.in. (de poder).

1: Faculdade, possibilidade e mais 11 significados.

Do acima exposto, vemos que a palavra Poder é substantivo masculino e também verbo: eu posso, tu podes etc.

Na condição de substantivo, pressupõe possuir realidade, substância, não no sentido material, mas como energia, força, o que nos permite pensá-lo como algo que nos torna capazes de produzir atos.

A realização de atos depende da existência de outras três faculdades da psique humana (alma). Considerando o processo de desenvolvimento do ser humano, do ponto de vista antológico, a primeira das três faculdades que entra em ação é o Querer (ou vontade) que não se deve confundir com cobiça ou desejo, que corresponde à segunda faculdade que se desenvolve, o Sentir, do qual surge a capacidade de sensação e sentimento, basicamente agrado, desagrado e cobiça (desejo). Por último se desenvolve a faculdade do Pensar que, como todos sabem, permite-nos formar pensamentos, raciocínios, apanágio do ser humano normal e na faixa etária correspondente.

Quando se considera a história da evolução humana, do ponto de vista filogenético, até onde registros históricos permitem, constata-se que a faculdade de pensar é realmente a última que comparece, aliás, há aproximadamente seiscentos anos antes de Cristo (600 anos a.C.) - Pensar como hoje fazemos, só se tornou possível mais ou menos 300 anos a.C.

Em vista de tal constatação, podemos supor que o Querer e o Sentir também tenham-se desenvolvido lentamente na sequência acima indicada. E é interessante considerai* que a faculdade de pensar só se desenvolve num ser humano, em que tenha sido interiorizado o Eu e, conseqüentemente, tenha desenvolvido a autoconsciência.

A faculdade do Querer é a mais inconsciente das três e é essencialmente dela que depende o Poder e, em segundo lugar, do Sentir (é necessário o desejo de exercer o poder). Em terceiro lugar depende do Pensar, que elabora a maneira como o poder vai ser exercido para a consecução dos fins almejados.

As três faculdades antes citadas, bem como a força do poder, em si mesmas não são portadoras do princípio ético, não são boas nem más. A qualidade ética do ato depende do grau evolutivo que o indivíduo tenha alcançado, de tendências e da educação que recebeu, especialmente do exemplo recebido do ambiente em que se desenvolveu, sendo de inestimável importância a mentalidade e conduta dos pais.

Em princípio, todo ser humano considerado normal (sadio, orgânico e mentalmente) exerce conscientemente alguma forma de poder com variável intensidade.

É sabido que há várias condições de vida que, uma vez conquistadas, dotam o ser humano de poder maior, situação em que se evidencia a questão do seu exercício ético.

São condições mais evidentes que nos tomam possuidores de poder:

1) Talvez uma das maiores fontes de poder seja o conhecimento, a cultura, pois que constituem não só a chave, mas também o caminho para a evolução, tanto individual quanto como para toda a humanidade. O esforço para a aquisição do conhecimento, quanto mais intenso, amplo e profundo for, maior efeito tem sobre o desenvolvimento mental (capacidade pensamental) e ativação das funções cerebrais.

2) Partindo da base do conhecimento se chega a uma segunda condição, qual seja, a posse de bens materiais, o que confere o chamado econômico que, como se sabe, lida com elementos dos quais cada um de nós depende, seja pela necessidade de consumo, de uso ou de trabalho, visto que a organização social como é, coloca o trabalhador na dependência do empreendedor, embora este também necessite da mão-de-obra, mas a experiência mostra que via de regra há mais falta de trabalho do que de trabalhadores.

3) Uma terceira forma de posse e exercício de poder ocorre na política, com exceção de acontecimentos espúrios, como o ocorrido na elevação de um analfabeto à condição de representante do povo no Parlamento, o qual levou na garupa uma turma de companheiros de partido e quem sabe também de analfabetismo. Esse fato talvez nunca encontre uma explicação. Ou os eleitores quiseram fazer um protesto e escolheram a maneira menos inteligente possível, ou foi por absoluta falta de inteligência mesmo, o que deporia negativamente sobre os paulistas.

4) Uma quarta condição para o exercício do poder se dá através da religião, que é uma atividade que lida com forças incrivelmente poderosas e inconscientes na alma, ou se quiser, na psique.

Nas quatro condições citadas, os detentores de poder exercem poderosas influências nos nossos destinos, podendo conduzir-nos, ou para um caminho do bem-estar físico e espiritual, para a construção da verdadeira liberdade, da igualdade no domínio jurídico e da fraternidade no aspecto econômico ou então como demonstra a História, através de grandes convulsões sociais, quando a inconformidade com o "status quo" rompe todas as barreiras repressivas contentoras.

Penso ser necessário que, particularmente aqueles que exercem o poder na sociedade, façam uma parada para a reflexão, a fim de tomarem consciência se estão exercendo o poder baseados no princípio ético, se estão agindo em benefício da evolução do ser humano, ou em seu próprio, ou de instituições.

No meu modo de entender, o poder deve ser usado para promover o ser humano, para auxiliá-lo a se tomar livre dos jugos internos e não necessitar de jugos externos para viver uma conduta harmônica, social e ambientalmente, pois somente assim poderá ser modificado o hábito de só conceder, à classe operária, benefícios que são direitos humanos sob pressão, ou ameaça, ou violência.

(Getulio Vargas Zauza é membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/07/2011

Título : Missão pedagógica da Medicina e da Psicologia

Categoria: Artigos

Descrição: Terapia do corpo e terapia da alma, artes de curar. Ambas apoiadas em conhecimentos científicos.

Missão pedagógica da Medicina e da Psicologia

GETULIO VARGAS ZAUZA

Terapia do corpo e terapia da alma, artes de curar. Ambas apoiadas em conhecimentos científicos. Mas o que significa curar? Será apenas aliviar a dor, o sofrimento, do corpo ou da alma? E, conseguido isso, devolver o paciente aos seus antigos hábitos de vida, quase sempre incorretos, para que ele, agora sentindo-se bem, retome à prática dos mesmos atos que o enfermaram e, por sentir-se bem, aumente a carga e intensidade dos mesmos?

Desde há muito tempo se vem praticando uma terapêutica predominantemente de "curar", tanto somática, quanto psíquica, sem atentar para as verdadeiras causas da doença, sendo tudo atribuído aos agentes patogênicos de natureza biológica, quer seja no sistema de saúde público ou privado, de consultório particular.

Os políticos falam muito sobre saúde, mas fazem pouco e ainda de péssima qualidade. Em geral fazem muita demagogia. Falam até mesmo em medicina preventiva. E até tem sido feita alguma coisa, embora somente na área de erradicação de doenças endêmicas ou de epidêmicas, mas sempre usando como fundamento para tais medidas o problema econômico e quase nunca visando o bem do ser humano. Tudo pode ser resumido em vacinação em massa, o que é realmente bom, e em algumas providências tímidas no que diz respeito à Engenharia e Medicina sanitárias.

Acontece que a questão saúde do ser humano está relacionada e depende de muito fatores que se localizam em outras áreas da atividade humana, como por exemplo: como se concebe o que seja qualidade das substâncias ingeridas como alimento; as tecnologias de produção, os processamentos industriais das referidas substâncias, etc ... ; tudo envolvendo a mentalidade dos profissionais e empresários que produzem ou orientam os sistemas de produção agrícola e pecuária, e mais os que atuam nas atividades extrativas e processadores industriais dos alimentos.

É fato consabido pela comunidade científica e por uma pequena parcela de leigos, em ciências biológicas e químicas, desde a publicação da obra, em 1962, da bióloga e escritora Rachei Carson, traduzida para a língua portuguesa com o título de "Primavera Silenciosa", e denunciando ao mundo a contaminação do lençol freático, que as nascentes hídricas nas montanhas apresentam altos índices de substâncias tóxicas utilizadas na agricultura e indústria.

Recentemente, foi lançada no Brasil uma tradução de um livro escrito pelos cientistas norte americanos Theo Caibam, Diane Dumanoski e John Peterson Myers, cujo título é "O Futuro roubado", no qual é apresentada a situação estarrecidora em que se encontra o Sistema Ecológico mundial. E por incrível que possa parecer, nenhum cientista se pronunciou publicamente sobre a situação ameaçadora para o futuro humanidade, denunciada no livro em questão, denúncia essa fundamentada em dados rigorosamente científicos, sendo inconcebível que eles não tenham conhecimento de tal situação.

Além dos altos índices de poluição tóxica dos mananciais hídricos superficiais - lagos, rios, mares e o próprio lençol freático- existem muitos outros fatores que afetam a saúde humana, tais como a desnutrição por falta de ingestão de alimentos realmente nutritivos ou em quantidade insuficiente, a dieta desequilibrada, o excesso de alimentos, os hábitos de vida incorretos, os desequilíbrios emocionais, a falta de habitação ou as moradias inadequadas e os ambientes insalubres, etc ...

Penso que a Medicina e a Psicologia, se consideradas, quer como ciências quer como artes de curar, deveriam ser fundamentadas numa reconhecença da verdadeira constituição e organização do ser humano, a qual concebe-o em sua integralidade, ou seja, formado por quatro membros:

- 1) - um, percebível pela visão e tacto, constituído de substâncias inorgânicas, o corpo físico;
- 2) - outro, de uma energia ou forças não encontráveis nas substâncias físicas, que têm a capacidade de organizá-las de tal forma que adquirem a qualidade de ser vivo;
- 3) - um terceiro fator, que possibilita o ser vivo ter sensações e até mesmo sentimentos, como é o caso dos animais superiores e do ser humano, que possui uma organização psíquica individual (psique, alma);
- 4) - por último, uma faculdade superior: uma autoconsciência, consciência de si mesmo e de pensar. É o único ser capaz de designar a si mesmo com a palavra EU, a partir de mais ou menos o terceiro ano de vida (nascimento), e no qual cada um dos quatro membros tem uma natureza diferente, embora todos se originem da mesma força criadora, que se metamorfoseia comparecendo, para nossas faculdades percebedoras (órgãos dos sentidos e espirituais, como a faculdade de pensar) em feições diferenciadas e especializadas para as funções inerentes à condição humana.

As duas ciências deveriam e deverão no futuro desempenhar, além e até antes mesmo da missão de curar, a de educar o homem a, tanto quanto possível, evitar doenças.

O médico deveria ser um educador e não se limitar ao diagnóstico e à prescrição do medicamento. Deveria explicar ao paciente como seus hábitos de vida incorretos são, em grande parte, os responsáveis pela criação das condições favoráveis à instalação e desenvolvimento de muitas patologias adquiridas e desencadeadoras de tendências genéticas a determinadas doenças.

A atual prática, no ensino da Medicina e posteriormente na prática do profissional, é tal que presta pouco benefício ao paciente e satisfaz altamente os interesses da indústria e do comércio de remédios. É dirigida por uma mentalidade que leva pouco em conta o sentimento de fraternidade e a própria dignidade humana. Ainda quanto à prática da Medicina e da Psicologia, devemos dizer que ambas tratam o ser humano como se fosse uma máquina. Basta vermos como Freud designou a organização psíquica, com o título de "aparelho psíquico" e, na medicina, se fala da máquina humana.

Quanto ao ensino e prática da Psicologia, o que diferencia o psicoterapeuta do médico é que ele não prescreve medicamento, não analisa com o paciente a etiologia dos seus distúrbios emocionais e muito menos a absoluta necessidade de empenhar-se na mudança de certos comportamentos, que acabam por levá-lo ao estado alterado, quer seja de sua vida afetiva ou somática, no caso das doenças consideradas como de origem na vida emocional, as psicossomáticas. Ele também se limita ao alívio dos sintomas de sofrimento.

Nos dois casos, a maneira de pensar e agir e a "filosofia" do ensino são as mesmas: SUPERFICIAIS e IRRESPONSÁVEIS.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 15/09/2011

Título : A Solidão e a Dor de um Iluminado

Categoria: Artigos

Descrição: Era uma planície extensa coberta de uma vegetação rasteira de cor verde claro como se tivesse sido castigada pelo sol e pela longa estiagem.

A Solidão e a Dor de um Iluminado

Era uma planície extensa coberta de uma vegetação rasteira de cor verde claro como se tivesse sido castigada pelo sol e pela longa estiagem. Na direção Oeste-Leste se estendia uma estreita estrada poeirenta que a vista parecia perder-se no abismo de um horizonte infinito.

Fazia uma noite morna iluminada por uma luz pálida da lua-cheia que nesse momento se encontrava a mais ou menos (45) quarenta e cinco graus entre o Horizonte e o Zênite.

Pela estrada caminhava um homem vestindo uma espécie de túnica bege escuro e uma calça marrom desbotada calçando sandálias. Pelo seu porte aparentava ter talvez trinta e poucos anos.

Ele dirigia-se no sentido Oeste para Leste.

Esse homem tinha uma história um tanto curiosa. Não tinha familiares e nada sabia sobre sua origem. Nem os membros da família onde fora criado tinham conhecimento. Só era sabido que certo dia ele surgiu como por encanto e que aparentava a idade de uns quatro a cinco anos.

Desde que chegou manifestou ser uma criança afável porém bastante reservada. Cresceu ali e trabalhou durante todo o tempo que permaneceu com eles.

À medida que crescia e avançava em idade foi revelando temperamento, conduta e interesses que o diferenciavam significativamente dos demais, cujos comportamentos, interesses e gostos eram muito primitivos. Ele preferia nos momentos de folga contemplar a Natureza, o céu estrelado, a chuva, sentir a brisa ou mesmo o vento transportando as nuvens que se formavam e se transformavam numa metamorfose interminável.

Esse hábito de contemplar a Natureza e observar os seres humanos levou-o aos poucos a observar a si mesmo e a desenvolver a capacidade de buscar o autoconhecimento e com isso cada vez mais o poder de concentração ao ponto de ser possível parar completamente o processo mental, permanecendo com a consciência vazia.

Assim descobriu que podia contemplar os objetos e processos sem emitir julgamentos deixando que o próprio fato revelasse seu significado. Tinha descoberto a exigência básica para o processo de meditação. E mais, que essa postura anímica permitia que os próprios registros psíquicos quando carregados com as energias dos afetos negativos podiam ser neutralizados evitando as suas consequências patogênicas, desde que fossem contemplados sem julgamento.

Foi através da meditação praticada sistematicamente que certa vez teve uma iluminação. E a partir daí sentiu um premente desejo e impulso de comunicar às pessoas o que havia se revelado para ele. Mas sempre que procurava transmitir aquilo que considerava como o portal para uma nova compreensão da vida, a qual poderia conduzir a uma também nova maneira de viver, não encontrava nenhuma receptividade entre aqueles com quem convivia.

Em razão de tal rejeição resolveu buscar outras localidades. Mas onde quer que chegasse encontrava sempre a mesma atitude, por parte das pessoas. Não desistiu. Passou a ter uma vida nômade, um peregrino, em busca de alguém que se dispusesse

a ouvi-lo. Por isso decidi dirigir-se para uma aldeia distante. Tomou o caminho que seguia na direção antes mencionada no início do presente relato. Seguiu no sentido Leste.

Naquele momento sentiu sua alma ser inundada por uma intensa tristeza, solidão e dor tão profundas que o pranto verteu com tal força que durou tanto que o fez perder a noção do tempo. Chorou, chorou tanto como nunca alguém havia chorado nem viria a chorar.

A quanto a solidão, a tristeza e desesperança de que a Humanidade venha a ser disposta a ouvir com interesse de compreender e assimilar uma mensagem renovadora podem levar!

Este relato foi feito por um Senhor que me foi apresentado por um amigo com quem mantive longos diálogos filosóficos e esotéricos quando residia no Rio de Janeiro, em 1953.

A personagem que contou essa história tinha a convicção que o narrado tinha acontecido com ele na sua encarnação (100) cem anos antes da Iluminação do Buda, portanto duas encarnações antes daquela em que o conheci.

Durante a nossa visita ele falou sobre seu desenvolvimento espiritual na presente vida por meio de exercícios sistemáticos de uma determinada forma de meditação a qual proporcionou-lhe a faculdade da clarividência que lhe possibilitava ter acesso ao mundo ultra-sensual. Então relatou-nos alguns fatos que podem ser observados nesse domínio. Mas teve o cuidado de alertar-nos que em nada daquilo que nos revelou deveríamos aceitar como crença pois tais coisas mais cedo ou mais tarde toda a humanidade viria a saber e que quem quisesse despertar a mesma faculdade poderia através dos exercícios adequados consegui-la.

Foi então que relatou o acontecimento daquela sua encarnação. Quando havia relatado sua história até aquele ponto já a tarde se aproximava ao seu fim. Meu amigo consultou o relógio e viu que faltava pouco para a hora em que o ônibus no qual tínhamos de retornar a cidade passar. Despedimo-nos às pressas do nosso anfitrião e saímos correndo para chegarmos a tempo de tomar o ônibus.

Quando já havíamos nos distanciado um pouco nosso anfitrião ainda gritou dizendo: “voltem tão logo puderem que então contarei como minha história continuou”.

No Domingo seguinte, eu e outro amigo que sempre participava das nossas conversas filosóficas fomos à casa do amigo que havia me apresentado ao cidadão desta história. Assim que havíamos chegado e cumprimentado a todos o Humberto nos comunicou que o Marcos havia transposto, serenamente o Umbral da Morte na Sexta-feira quando a tarde ia caindo na hora do Por-do-Sol.

No tempo seguinte passei a pensar e a imaginar o que mais haveria acontecido com Marcos e também com tantos outros que tiveram uma iluminação e desejaram transmitir a seus semelhantes e não encontraram ouvidos. Com certeza experviveram a mesma solidão, a mesma dor. Porém mesmo que seus desejos não tenham se realizado nunca sentira magoa, somente a mesma tristeza de perceber que a humanidade estava adormecida. Pensei também na solidão do Cristo que por amor à Humanidade se expôs ao sacrifício de viver na condição humana para trazer a mensagem de salvação, mas só foi reconhecido e só até certo ponto compreendido por uns poucos. Sabendo que no futuro muitos iriam distorcer seu Ensino. Iriam inventar instrumentos de tortura, iriam matar e lançar os homens uns contra os outros em guerras fratricidas, inclusive entre aqueles que diziam ser seus seguidores. Sabia ainda que por muitos séculos no futuro todo tipo de enganos e atrocidades seriam perpetrados em Seu Nome.

Do Livro
Solidão e Dor

Data : 14/02/2012

Título : ONDE ESTAVAM OS FELIZES?

Categoria: Artigos

Descrição: A quem ler este artigo quero fazer uma pergunta. Tu, leitor acreditas em predestinação? Se crês deves também admitir a existência do Destino. Isso leva a outra questão.

ONDE ESTAVAM OS FELIZES?

por Getúlio Vargas Zauza (*)

A quem ler este artigo quero fazer uma pergunta. Tu, leitor acreditas em predestinação? Se crês deves também admitir a existência do Destino. Isso leva a outra questão. Quem determinaria o Destino da pessoa? Examinando a questão do ponto de vista do materialismo seria a genética, os genes. [i] [1]Do ponto de vista do espiritualismo, religioso, ou esotérico, poderíamos considerar duas hipóteses. Uma seria a de que vivendo uma só vida, Deus é que determina nosso destino. Do ponto de vista esotérico (reencarnacionista) nós mesmos é que o determinamos segundo nosso Karma, que é a consequência de como foram nossas vidas passadas.

A primeira concepção, Deus é o determinador, nos coloca numa situação contraditória. Se vivermos uma única vida, porque uns vivem essa vida cheia de privilégios, tudo lhes

é favorecido e outros vivem sob o peso de infindáveis privações, tanto materiais como afetivas. Ainda outra questão é porque uns conseguem ser bons, praticar bons atos e outros praticam tantos atos maus? Os privilegiados com um destino bom iriam para o Paraíso quando morrem e os outros, os pecadores iriam para o Inferno. Por que uns podem ser bons e outros tem que ser maus? Isso nos levaria a questionar: se Deus é Amor, é justo, determina os destinos dessa forma? A esse questionamento poderia ser dito que mesmo tendo praticado tanto mal durante a vida, Deus o perdoaria se se arrependesse, mesmo que fosse na hora da morte. Assim tanto faria ter sido bom, ter praticado bons atos, ou mau e ter causado tanto mal aos outros. Me parece que isso seria uma incoerência.

Agora, a hipóteses de muitas vidas com a possibilidade de melhorar seu proceder em cada vida me parece coerente. Ora, se nós humanos que somos, portadores de tantas imperfeições somos capazes de dar novas oportunidades de reabilitação mesmo a aqueles que cometeram crimes horríveis como, um Ser que é perfeito não dá oportunidades de reparação? Afinal a maior parte da humanidade professa outras crenças e não tem a possibilidade do perdão pela absolvição dos pecados (ou crimes) por não ter alguém que é considerado como tendo o poder de absolver. E os que morrem durante uma batalha numa guerra que não queriam estar? E os que morrem num acidente?

Eu não pretendo convencer ninguém de que a concepção reencarnacionista seja verdadeira, nem de que a de uma única vida não seja verdadeira, até mesmo porque não há possibilidade de prova para nenhuma delas, nem para a concepção materialista de que com a morte tudo se desfaz ao nada, nem para qualquer concepção da existência de uma vida após a morte.

A reflexão acima se destina a servir como introdução ao relato a seguir. Trata-se de um experiência de vida, pessoal.

Esta história começou cedo em minha vida. Foi lá pelos sete anos que comecei a prestar atenção nos sentimentos e conduta das pessoas adultas. Talvez tenha sido porque eu preferia conviver com elas. Eu não gostava de conviver com crianças, porque as considerava imaturas.

Meu senso de observação foi se incrementando, como é natural, à medida em que ia aumentando a idade.

Eu nasci e vivi na colônia até os doze anos, quando decidi ir para a cidade fazer o curso Primário. Daí até os quinze anos passava somente as férias na casa dos pais.

O que eu sempre percebi é que os adultos viviam sempre atormentados, preocupados com tudo, especialmente com relação à produção. Qualquer possibilidade de haver alguma perda, ou não conseguir a produção desejada era motivos de apreensão e sofrimento, isso para não considerar outros fatores.

Um comportamento diferente eu percebia na minha família. Mesmo em situações adversas havia uma conduta tranquila. Nunca os vi se lamentarem ou se tornarem apreensivos, mesmo quando houve uma perda significativa de gado ou quando os gafanhotos dizimaram a plantação. Talvez venha daí a minha conduta tranquila em situações de perdas ou com relação ao futuro.

Com dezesseis anos meu pai me emancipou e fui para o Rio de Janeiro com meu irmão Tito que era tenente do Exército e havia retornado da Itália, onde participou da Segunda

Guerra Mundial. Morei com ele durante quatro meses, quando ingressei na Força Aérea Brasileira como soldado.

Naquela época (1946) era regra permanecer quatro meses recluso no quartel sem nenhuma comunicação com exterior. Assim sendo é natural que as relações entre os jovens se tornem íntimas e se formem muitas amizades e se converse muito. Nessas conversas acontecem muitas confidências.

Eu sempre fui um bom ouvinte e talvez por isso sempre fui procurado para ouvir muitas queixas e lamentações dos colegas. Muitos me procuravam para desabafar seus sofrimentos e suas preocupações. Durante esse período de convivência nunca alguém tenha me contado vivências de ter se sentido feliz.

No ano de 1948, como havia sido aprovado na seleção para ingressar na Escola Técnica de Aviação como aluno, onde permaneci durante dois anos em regime de internato, vivi uma situação semelhante. Nós éramos oriundos, quase todos de outros Estados, bem poucos de São Paulo.

Na E. T. Av. as condições de internato também propiciavam a formação de muitas amizades. E aí também muitos colegas se aproximavam de mim para contar suas penas. E eu como sempre os escutava. Eram lamentações por saudade de casa, preocupações de onde iriam servir e tantas outras que nem me lembro. Em suma, ali também ninguém falou de se sentir feliz ou de ter se sentido alguma vez.

Em 1950, tendo concluído o curso fui classificado no Rio de Janeiro. Fui trabalhar no Laboratório de Pesquisa e Padronização de equipamentos eletrônicos para Força aérea Brasileira.

Aí também fiz muitas amizades e aconteceu a mesma coisa como nos outros lugares. Nas conversas comigo sempre predominou assuntos relacionados a dificuldades, problemas de toda ordem para os quais eu nada podia fazer a não ser ouvir e ser um bom ouvinte, coisa que já naquela época não era muito encontrável.

Em 1956, fui transferido para Porto Alegre. No ano seguinte ingressei no Curso de História Natural na P.U.C. R.G.S. como no meu trabalho eu era o único que estudava fazendo um curso superior, os colegas frequentemente me procuravam para falar de seus problemas. Na vida militar se está sempre sujeito a uma rígida disciplina e a constantes transferências. No caso da nossa especialidade não permanecíamos na mesma região por mais de cinco anos. Imagine o leitor uma pessoa casada, com filhos tendo que a cada cinco anos mudar-se de Porto Alegre por exemplo para Belém do Pará. Por esses e outros motivos se vive sempre sob certa tensão.

Como se vê não faltavam motivos de preocupações. Talvez por ser estudante de curso superior eu era sempre procurado para ouvir lamentações.

Na Universidade também fui muito procurado pelos colegas. Aí eram vários problemas, desde preocupação com notas e possibilidade de reprovação. Enfim, em vez de manifestarem satisfação por estarem realizando o curso que desejavam, viviam tensos sofrendo, a meu ver sem necessidade.

Concluindo o Curso de História Natural ingressei no curso de Psicologia.

Esse foi o tempo em que os colegas quase não apresentavam conflitos e preocupações.

Uma vez concluído o curso de Psicologia, tendo deixado a Força Aérea ingressei no serviço público estadual e fui trabalhar como psicólogo numa escola agrícola que recebia alunos em regime de internato. Aí a gama de problemas era enorme. Também na mesma

época fui trabalhar como voluntário no Instituto Santa Luzia, colégio para deficientes visuais em regime de internato. É inimaginável a gama de problemas existentes na Instituição. Foram nove anos de vida e trabalho ali.

A partir de 1964 instalei consultório na especialidade de psicoterapia.

Não é necessário dizer as razões pelas quais alguém procura um psicoterapeuta, por sentir feliz é que não pode ser.

Foram quarenta e quatro anos de exercício como psicólogo clínico, sendo dez anos em Porto Alegre e trinta e quatro em Passo Fundo, tendo ao todo tratado mais de 1000 pacientes.

Em Passo Fundo dei assistência psicológica durante nove anos a crianças e seus pais. Atendi centenas de crianças com dificuldade de aprendizagem e orientando os pais.

Como o leitor pode perceber, no curso de minha vida tive contato predominantemente com pessoas que não tinham motivo para dizerem que eram ou foram felizes alguma vez. Daí dá para entender porque eu pergunto: “onde estavam os felizes?”

Agora, se o leitor perguntar se eu sou ou fui feliz, eu direi que o desejo de ser feliz nunca foi escrito na minha agenda de vida. Por outro lado eu pergunto se é possível alguém ser feliz vendo tanta dor e tanto sofrimento?

(*) Psicólogo Clínico

[1] * e o meio onde e como foi criado e educado a influencia da sociedade incluindo evidentemente a escola.

Data : 30/04/2012

Título : Estrutura e dinâmica psíquica da crítica nas relações interpessoais

Categoria: Artigos

Descrição: No o moderno dicionário da Língua Portuguesa, Ed. Melhoramentos, 1998, (Michaelis) encontramos no verbete “Crítica, s.f. (de crítico)

GETULIO VARGAS ZAUZA

No o moderno dicionário da Língua Portuguesa, Ed. Melhoramentos, 1998, (Michaelis) encontramos no verbete “Crítica, s.f. (de crítico) 1. Apreciação minuciosa; 2. Apreciação desfavorável; 3. Censura, maledicência; 4. Discussão para elucidar fatos e textos; 5. Exame de valor de documentos; 6. Arte ou faculdade de julgar o mérito das obras científicas, literárias e artísticas; 7. Juízo fundamentado acerca de obra científica, literária ou artística; 8. Filósofo. parte da Filosofia que estuda os critérios; 9. Conjunto dos críticos; sua opinião C. pessoal: a em que se trata mais do autor que da obra”.

Já esclarecidos os diversos sentidos nos quais o termo é aplicado, vamos passar às considerações sobre o tema acima proposto. Como estrutura da crítica, considero os elementos necessários para que haja a realização do processo crítico.

Tais elementos são, fundamentalmente, três: 1. O objeto da crítica, que pode ser: a) uma obra; b) um ato; c) uma conduta; d) um pensamento; e) um sentimento, os quais pressupõem um autor. 2. O autor do objeto, que pode se tornar o objeto da crítica e, neste caso, é o criticado. 3. O terceiro elemento é aquele que realiza o processo da crítica. É o criticante. Representando esqueliticamente: Quando o autor é o próprio objeto da crítica então se está tratando de crítica pessoal, caso em que pode estar atingida toda a individualidade e ser um julgamento radical, absoluto. Mas nem sempre é assim.

A crítica pessoal, mais frequentemente, é dirigida a manifestações episódicas, quer dizer, não se refere a uma condição permanente, no entanto pode ser. Esse tipo de crítica é mais comum nas relações interpessoais, isto é, entre aquelas pessoas que convivem diuturnamente, e são causa de muitos dissabores que podem percorrer uma escala de intensidade desde mágoa, ressentimento, raiva e ódio. E não adianta tentar argumentar, pois a pessoa que critica acredita sempre que está com a razão.

A consequência desse tipo de crítica é a desintegração do relacionamento. E mesmo que as pessoas não se afastem uma da outra, cria-se uma situação que talvez seja a pior de todas perder o prazer de viver, ir morrendo intimamente, lentamente, sem que isso seja percebido pelos que o cercam e pela própria pessoa.

Nesse tipo de crítica, sempre está inserido um interesse pessoal de que o outro se modifique em favor do criticante, de modo a satisfazer suas necessidades e desejos de benefício.

É importante saber que esse tipo de atitude costuma gerar no criticado comportamento exatamente oposto ao desejado, fato que acontece muitas vezes, quando o criticado se comporta em oposição, sem fazê-lo intencionalmente.

Além disso, é bom saber que, mesmo quando a pessoa procura ajuda terapêutica e se empenha seriamente para mudar seus hábitos indesejados, encontra dificuldades enormes para libertar-se deles. Daí que o psicoterapeuta, sabedor dessa realidade, jamais faz qualquer crítica ao paciente, pois isso seria o maior obstáculo ao sucesso do trabalho e evidenciaria o total despreparo do profissional. Outro caso de relação interpessoal é aquele que ocorre, quando uma pessoa está se esforçando para desenvolver uma capacidade ou habilidade como é no processo de aprendizagem, numa

oficina de qualquer atividade artística, ou no trabalho escolar. É a maneira de ajudar no artístico sugerir formas diversas de melhorar a obra, e na situação escolar explicar a forma certa, não criticar o erro ou a inabilidade para fazer melhor.

Outra situação é o caso do crítico profissional. Sobre esses, os criadores de Arte dizem que o crítico é uma pessoa que, como não tem talento para criar, ou por inveja de quem tem, se torna um crítico.

Deixando de parte a opinião acima e analisando a realidade, constatamos que a opinião do crítico profissional não tem função que a justifique, pois que, no final, o que vai determinar a aceitação e valorização da obra de arte, é o gosto estético (?) do contemplador.

Penso que o máximo que se pode dizer, se é que queremos ou podemos ser coerentes e sensatos é: gosto, ou não gosto. Assim sendo, me parecem inúteis o esforço e o tempo desperdiçado, que bem poderiam ser aplicados na realização de algo que fosse realmente benéfico, para si e, de sobra, para os outros.

Quem sabe o autoconhecimento?!

(Getulio Vargas Zauza é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : A lenta e dolorosa construção da liberdade

Categoria: Artigos

Descrição: Creio que a maioria dos seres humanos adultos, normais, não desconhece o fato de que durante nossas vidas, estamos sujeitos a duas forças.

GETULIO VARGAS ZAUZA

Creio que a maioria dos seres humanos adultos, normais, não desconhece o fato de que durante nossas vidas, estamos sujeitos a duas forças. Uma que nos constrange de fora e nos obriga a agir segundo determinadas normas. São as leis, costumes e regulamentos. Estas são de relativa dificuldade de serem acatadas e cumpridas.

As outras forças, que exercem jugo sobre nós, são aquelas que têm sua origem imediata em nosso interior.

As forças que exercem seu jugo, a partir da nossa vida interior, podem ser puramente fisiológicas ou associadas a forças psíquicas inconscientes. No caso das últimas, podem ser oriundas da própria natureza da alma ou adquiridas durante séculos ou milênios, e já pertencem ao inconsciente coletivo.

Portanto, fogem da possibilidade corrente de controle imediato. Elas agem como se fossem da própria natureza do ser humano.

Como vemos, são duas as origens das forças que exercem jugo sobre nós. Podemos dizer que são de origem opostas ou então que são complementares.

O fato é que na verdade não podemos afirmar, em termos absolutos, que somos livres. E então podemos afirmar que a liberdade é possível? Até onde podemos ser livres, se a liberdade for possível? É liberdade poder escolher entre duas alternativas? Penso que para a maioria dos seres humanos, quando as pulsões fisiológicas, sejam elas puramente psicológicas, é possível temporariamente evitar o ato acionando a razão e a força do querer. Agora, com as pulsões mistas, nas quais há o comportamento afetivo, o sentimento, já é difícil discernir quando a decisão é da pura racionalidade, é livre, ou provém de um condicionamento, quando o que determina a decisão, é a norma.

A mesma questão se apresenta para decisões relativas a pulsões puramente psíquicas, porque aí também a influência do conteúdo psíquico, de natureza normal ou religiosa, provém do inconsciente.

Portanto, até esse ponto não podemos ainda falar em liberdade num sentido pleno, porque estaremos sempre agindo segundo impulsos que não proveem de uma verdadeira reconhecença realizada pelo exercício da razão, mas influenciada por uma crença, pelo medo, ou pelo desejo de aprovação, seja de outros homens, da autoridade ou de Deus.

No caso de serem verdadeiras as afirmações acima, o leitor poderá supor que estou negando a possibilidade da liberdade. Não é isso que quero afirmar.

Eu quis somente mostrar como é difícil termos segurança com relação a uma das questões mais importantes para a humanidade.

É fato inegável que todo ser humano considerado normal, já na tenra infância, manifesta, mesmo inconscientemente, o impulso para a liberdade. Por exemplo, quando a criança se desprende da mão do adulto e sai a passos cambaleantes.

Ela expressa alegria por esse ato, resistindo energicamente quando tentamos barrar-lhe o caminho.

Quando consideramos essa questão em relação à humanidade, até o tempo da história cientificamente pesquisada e documentada (história oficial) encontramos o homem agindo, uns no sentido da dominação do outro, e outros na defesa do direito a ser livre, não ser escravo, fato esse que ainda ocorre em quase todos os seres humanos, conscientemente ou não, simultaneamente.

Não cabe aqui, por tratar-se meramente de uma reflexão, documentar as afirmações. Mas mesmo sendo apenas matéria destinada à reflexão, vale dizer que o empenho para a construção da liberdade exige, como primeiro passo, um ato de rebeldia, que tem como consequência a quebra de um paradigma.

Embora a Bíblia Sagrada, não seja aceita como documento com valor histórico, ela nos relata o primeiro ato de desobediência pelo homem, talvez do primeiro paradigma, quando ele rompe com a ordem divina de não comer o fruto do conhecimento, o que constitui o chamado pecado original, o qual foi interpretado como sendo referente à conjunção sexual (Gênesis, 9-9, 17 e Gen. 4-4,5) na época evolutiva chamada Paraíso ou Hiperbórea.

No Novo Testamento, encontramos (João, 8-32) “e conhecereis a verdade e a verdade vos livrará”. Na frase, a essência se encontra na dependência do conhecimento. Para o grau de desenvolvimento da consciência na época em que foi proferida, a faculdade racional de pensar já estava desenvolvida, a ponto de a forma de obter conhecimento não ser mais a antecedente, por meio de processo iniciatório. Desde Aristóteles, o meio de obter conhecimento passou a ser através do pensar racional analítico e do raciocínio, tanto indutivo quanto dedutivo.

A fé não precisava ser ilimitada. Pelo contrário, deveria ser mantida, mas a crença dogmática cega e imposta à força do medo, essa sim deveria ceder lugar ao desenvolvimento da faculdade de pensar e mais, deveria ser missão daqueles que se designam seguidores dos ensinamentos do Cristo Jesus, tudo fazer para que o homem desenvolva cada vez mais o pensar de tal forma que passa, de si afora, chegar ao conhecimento da verdade, e assim ao estado de liberdade, tanto da externa como do interior.

No entanto, o que se viu e se vê, ainda hoje, em muitas religiões que se dizem cristãs, é a proibição do acesso livre a determinados conhecimentos, como é o caso nos Estados Unidos da América, onde nas escolas correspondentes ao segundo grau, é proibido ensinar a Teoria Evolucionista Darwiniana.

Penso não ser necessário falar sobre o longo período de trevas dominado pelo que é denominado Santa Inquisição (vejam só: “Santa”), em que se tornou heresia pensar como pensou Santo Agostinho que o homem era constituído de três elementos: corpo, alma e espírito de natureza diferentes. Pensem no fato de, uma pessoa que pensa diferente do permitido pela religião, ser submetida às mais terríveis torturas para, ao fim e ao cabo, ser posta viva sobre a fogueira, até sucumbir aos poucos. E pensar que até o século XIX, ainda havia o famigerado “Índex”, no qual estavam incluídos os livros não aprovados, que tivessem a determinação “Imprimatur” determinada por uma autoridade eclesiástica.

Quantos foram torturados, sofreram toda sorte de martírios, por defenderem a livre forma de pensar, e morreram lutando, tendo como única arma a razão e a palavra como meio de expressão, em favor da construção da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que não são outra coisa senão o ideal do ensinamento cristão. Mas, para realizar esse ideal, é necessário que nossa capacidade de pensar seja cultivada, e que, sem unilateralidade, seja desprovida de qualquer preconceito, sem dogmatismos. Pois só através de um pensar livre de qualquer sujeição nós poderemos tornar-nos capazes de reconhecer a verdade, sobre o que é realidade nos domínios da matéria e do espírito. Dessa forma, chegaremos à reconhecença do mundo e do homem.

É por meio do autoconhecimento que saberemos que, na essência todos somos iguais. Estaremos de posse dessa verdade. E, de posse dela, somos livres e assim entenderemos que o outro também é livre e tem que ser respeitado. Portanto, tem os mesmos direitos fundamentais como eu quero para mim.

Então se pode reconhecer essa verdade e assim tornar possível realizar o verdadeiro ideal cristão: Liberdade no domínio da expressão do espírito; Igualdade nos direitos (campo jurídico); Fraternidade no domínio da vida econômica.

(Getulio Vargas Zauza é membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Um boi chamado Coração

Categoria: Artigos

Descrição: Na verdade ele não era um boi. Era um reprodutor. Mas, ao mesmo tempo, um trabalhador.

GETULIO VARGAS ZAUZA

Na verdade ele não era um boi. Era um reprodutor. Mas, ao mesmo tempo, um trabalhador. Era boi de canga e arado. Por esse motivo passou a ser considerado boi.

“Coração” era seu nome, porque na parte frontal da cabeça, entre as aspás, havia uma mancha branca com a silhueta de um coração real. Essa mancha era realçada pela cor grafite claro de sua pelagem total. Seu porte era robusto, não muito alto, mas encorpado, e possuía uma força fenomenal. Sua força e disposição eram tais que, muitas vezes, era necessário atar um tomoero na ponta da canga do seu lado e, na primeira travessa da carreta, que é encaixada na longarina, para que seu companheiro não fosse empurrado para trás, contra o coice da carreta.

Era extremamente manso e obediente, que eu, apenas com sete anos o conduzia tranquilamente para qualquer lugar, em geral ao rio, para beber água.

Uma das coisas de que eu mais gostava era quando, ao entardecer, ele vinha junto com os outros bois de trabalho, na porta do galpão, e eu alcançava, na boca de cada um, restolhos de espigas de milho. Ele era o que parecia deliciar-se com isso.

A casa de meus pais estava localizada a uma distância de mais ou menos oitocentos metros, da margem do Rio Jaguarizinho, em Santiago, à beira da mata ciliar. Sua frente estava voltada para o poente. O terreno era inclinado e ia subindo, inicialmente, num ângulo de aproximadamente trinta graus, até mais ou menos setecentos metros, onde terminava a área de grama, e passava à inclinação de seus quarenta e cinco graus, onde começava o chapadão.

Nessa área de grama ficavam todos os animais: porcos, galinhas, cabritos, cavalos, bois, etc., separados de uma área de plantação, por uma cerca (taipa) de pedras que percorria alguns quilômetros.

Essa taipa formava um arco que começava na margem do rio, passava por dentro do mato e desembocava na beira do barranco, de modo que os animais, particularmente os porcos, circulavam em toda a extensão.

Na época de clima quente ou temperado, eu gostava de sentar-me, ao entardecer, na escada na frente da casa, a fim de contemplar o espetáculo do lento por-do-sol.

Certa vez (eu tinha nove anos), estava sentado na escada, esperando que o sol se escondesse atrás do cerro, para assistir ao crepúsculo, com suas infinitas nuances de cores, no céu ainda azul.

Quando ainda havia uma meia hora de sol, o coração veio, lentamente, se aproximando da área de grama. Tendo avançado uns trinta metros, parou! E como se também quisesse contemplar o anoitecer, levantou a cabeça, ficou alguns segundos nessa posição, depois dobrou os membros anteriores, ajoelhou-se, para em seguida dobrar os posteriores. A seguir, tombou para o lado e ficou sem se mexer.

Estranhei essa conduta, fui até onde ele estava, toquei-o, mas ele não reagiu. Assustado e angustiado, quase chorando, corri para a cozinha onde estavam os adultos, a fim de avisá-los. Todos foram para fora ver o que havia acontecido, para eu estar tão agitado, uma vez que, normalmente, era calmo.

O coração estava morto. Foi uma grande tristeza para mim e para todos, pois ele era um ente querido por todos nós.

Resolveram examinar e encontrar a causa de sua morte. Abriram-no e constataram que seu coração havia dilatado e essa seria a causa da morte.

A constatação causou mais tristeza em todos nós e um certo sentimento de culpa, pois talvez fosse devido ao esforço despendido no trabalho.

Resolvi contar essa história, nesta revista, porque, sempre que me vem esta lembrança, tenho vontade de chorar. Nunca mais pude alcançar em sua boca as tão apreciadas espiguinhas de milho!...

Adeus, coração!

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo clínico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Email para contato: aiesazauza@hotmail.com.)

Data : 30/11/2012

Título : Ainda sobre a construção da liberdade

Categoria: Artigos

Descrição: No número dez da revista “Água da Fonte”, tratei de maneira sintética o tema acima. Vimos, baseados no que se encontra na “Sagrada Escritura” ...

GETULIO VARGAS ZAUZA

No número dez da revista “Água da Fonte”, tratei de maneira sintética o tema acima. Vimos, baseados no que se encontra na “Sagrada Escritura” (Bíblia), que o primeiro ato humano de desobediência à lei divina foi induzido por Lúcifer.

Ora, não se pode supor que esse ato não estivesse já determinado, digamos, no projeto da criação. Admitido isso, o ser humano estaria predestinado a ser livre. Depois, ainda encontramos no Evangelho (Jo, 8-32) a frase: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos livrará”. É o próprio Jesus Cristo que proclama a liberdade indicadora de que o Homem, realmente, poderia vir a ser livre. A partir desse momento, ficou estatuída a ideia da liberdade.

Sob certos aspectos, nós hoje gozamos um tanto de liberdade. E esse fato cria a possibilidade do erro, como também as consequências advindas dele, pois, evidentemente, não se trata de um castigo imposto por um criador, uma vez que somente o homem pode castigar, já que castigo envolve sentimento de vingança.

Ora, não se diga agora que, quando alguém comete uma falta, merece castigo. Merece, sim, ser auxiliado a realizar um processo de correção da sua conduta, uma vez que a educação propriamente não foi realizada. E ainda, muito menos deve ser castigada uma criança. Ela deve ser orientada adequadamente. Para tanto, é necessário que sejam investigadas as causas do comportamento considerado incorreto, as quais muitas vezes se encontram nos adultos e suas condutas.

Um comportamento realmente inadequado, quer numa criança, quer num adulto, pode ser motivado por uma doença ou anomalia, de ordem genética ou congênita, ou ainda por anóxia perinatal, devida ao mau atendimento no parto. E até por uma fatalidade, quando o feto aspira líquido amniótico, ao nascer por meio de cesariana.

Citei, levemente, algumas das situações, que podem levar uma criança ou um adulto a não ter condições de fruir o grau de liberdade ao qual já chegamos, com imensos esforços e sacrifícios.

Por muito que já tenhamos conseguido, tudo não passa, praticamente, de uma liberdade mais direcionada aos aspectos da vida, e da relação com o outro, seja este outro o mundo físico ou o ser humano. Essa liberdade, já, é ofertada quase gratuitamente àquelas que vêm nascendo depois de nós. Inclusive este, que está escrevendo o presente texto, desfruta neste momento do que foi construído pelos que lutaram antes.

Na relação com o outro, a liberdade já está construída, embora não totalmente, pois ainda há uma tendência, remanescente em muitos, de exercer domínio sobre seu semelhante. E é bom que se reflita seriamente, porque vivemos uma época crítica, de transição, em que as formas e os meios, de exercer domínio sobre as consciências, são as mais demoniacamente sofisticadas e a tal ponto, que se tornou difícil discernir e reconhecer as grandes ilusões.

Embora elas estejam em toda parte. Praticamente, não existe uma atividade ou instituição, seja qual for o seu nome, onde o engano, a ilusão e a mentira não estejam infiltrados.

O problema é de tal monta, que à primeira vista, parece não ter solução. Mas isso só aparentemente. A solução existe, embora não seja fácil. Pois há uma exigência que poucos estão dispostos a atender. Ela se compõe basicamente de dois fatores, os quais precisam ser tratados em ação simultânea.

São eles: autoconhecimento e escolagem do pensar dois instrumentos absolutamente indispensáveis, sem os quais não se consegue sair da teia do nosso condicionamento. Com o hábito de pensar ainda vigente não se consegue enxergar além do próprio umbigo. E o dramático, neste caso, é que mesmo os cientistas, os teólogos e os que se

consideram filósofos pensam do mesmo modo, sempre baseados nessa forma de pensar adquirida pelo hábito.

Não existe uma escola onde se aprenda a pensar!

Nos próximos passos, a fim de não permanecer no lugar comum de teorizar sobre o que e como já foi escrito e dito pelos autores, passarei a relatar, sumariamente, minha trajetória pessoal, no que diz respeito à construção da liberdade.

Nasci e vivi minha infância e parte da adolescência, numa família de agricultores. Tive todo o espaço físico livre para crescer, entre muitas coisas que ofereciam perigo como as serpentes venenosas. Circulava entre diversos tipos de animais que viviam soltos. Desde pequeno, andava pelos matos, capoeiras, e campos. Sofri quedas de árvores, de cavalos e tantas coisas mais. Nunca fui advertido, muito menos repreendido.

Eu era uma criança disposta a colaborar e mesmo a realizar tarefas, sem que alguém precisasse dar-me ordem. Nunca recebi ordens de ninguém. Nem recebi recomendações sobre como deveria comportar-me, e o que devia fazer ou não.

Se isso era liberdade ou outra coisa semelhante, nunca me interessou. O fato é que sempre me senti livre e sem precisar dar explicações sobre o que havia feito. Ordenação e disciplina só vim a conhecer com doze anos de idade, quando fui para a cidade estudar no curso primário, que foi realizado em três anos. Foi o primeiro impacto.

Durante esse período, minha família inventou que eu deveria ser crismado, não sei por que razão, uma vez que não havia recebido nenhuma orientação religiosa. Para tanto, seria necessário uma preparação, e foi assim que fui parar na igreja e tive que aprender o catecismo. Só então fiquei sabendo que havia coisas que eram consideradas pecados.

Foi nessas condições que entrei pela primeira vez numa igreja, e conheci o Pe. Assis, um cearense alegre, simpático e culto, de quem me tornei amigo. Quando chegou a hora do Crisma, eu deveria confessar os meus pecados. No confessionário, eu simplesmente disse: “Pe. Assis, eu não tenho pecados para confessar!” Ele riu e respondeu: “Está bem, podes ir!”.

Durante os três anos em que frequentei regularmente as missas dominicais, não porque a religião me interessasse, mas pela beleza dos vitrais, das estátuas dos santos, pela sonoridade das palavras em latim, pela música sacra cantada e acompanhada pelo som do harmônio, e, particularmente, pelo ritual todo da missa! Na parte da tarde, havia uma reunião com a participação de outros jovens (meninos), quando o padre contava histórias bonitas da bíblia, e explicava o sentido do texto que ele lera durante a missa.

Interessava-me por tudo que ali acontecia, sobretudo no aspecto estético e cultural, pois que, na cidade, a única pessoa culta e disponível era o Pe. Assis, embora naquela idade eu não soubesse conceituar isso.

Um segundo momento significativo, e relacionado com liberdade, aconteceu quando ingressei na vida militar como recruta, na Força Aérea brasileira, com apenas dezesseis anos, tendo que permanecer quatro meses confinado no recinto da Escola de Aeronáutica. Foi no campo dos Afonsos, bairro Marechal Hermes/Rio de Janeiro. Fui para lá, quando meu irmão era Segundo Tenente do Exército, havendo retornado da Itália, onde participara como voluntário, Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Fui incorporado em junho de 1946, exatamente no dia três. No dia seguinte, recebemos todos os pertences regulamentares, incluídos dois livros com as instruções que deveríamos conhecer a risca, e cujos conteúdos levavam os títulos: “Regulamento

Interno de Serviços Gerais (RISG)” e “Regulamento Disciplinar da Aeronáutica (RDAER)”.

Eu ingressei na Força Aérea Brasileira, primeiro, por que me aceitaram com dezesseis anos, e segundo, por ser o único caminho viável para atingir meu objetivo, que era estudar. Enquanto os colegas de turma reclamavam, por terem de permanecer quatro meses reclusos, sem comunicação com os familiares, e ainda sujeitando-se a uma disciplina rigorosa, como estava expressa nos livros eu, não sei explicar como, resolvi estudar o conteúdo aqueles livros, chegando ao entendimento de que não precisaria considerar aquelas exigências todas, que constituíam um absurdo, um jugo externo exercido sobre mim. Além disso, as exigências atigiam todos nós, desde os recrutas até os mais graduados, uma vez que todos os seres humanos estão sujeitos a leis, que transcendem sua vontade e até mesmo o entendimento comum.

Foi dessa maneira que consegui superar a ideia de jugo e inferioridade, pois não existe ninguém soberano e absoluto, e só há uma maneira de se alcançar a liberdade: conhecer os princípios e agir em harmonia com eles. Minha relação com a questão da liberdade estava resolvida, no tocante ao jugo, de origem externa.

Em 1948, ingressei na Escola Técnica de Aviação em São Paulo. Lá permaneci até o fim de 1949 (em regime de internato, com saídas nos fins de semana), quando concluí o curso de Sargento Especialista em eletrônica. Como obtive o primeiro lugar, recebi a oportunidade de escolher, para trabalhar, uma das cinco capitais onde havia sede de um comando aéreo (na época se chamava “zona aérea”). Escolhi o Rio de Janeiro, onde cheguei em 1950.

Durante os meses de janeiro e fevereiro, dediquei-me apenas ao trabalho (das 12 às 18 horas) bem como ao lazer e à leitura. A partir de março, organizei minha vida, com horários destinados a determinadas atividades: trabalho, estudo, lazer, leituras e reflexão.

Como minha instrução se restringisse ao ensino do primário, realizei o curso ginásial em um ano, pelo Artigo 91. Uma vez concluída essa etapa, ingressei no curso científico que, na época, ministrava a disciplina de Filosofia.

Eu já havia feito contato com esse assunto durante o ano anterior. Meu primeiro autor foi Platão (A Apologia de Sócrates). Fiquei fascinado por sua personalidade. Já nesse tempo havia tomado conhecimento de outros autores, e conheci, por meio de uma amiga, a obra de Krisnamurti. Passei a frequentar reuniões de estudo desse autor. Dessas reuniões participavam pessoas de toda orientação de pensamento, possuidoras de formação universitária, e vários com concepções esotéricas, como a Teosofia, por exemplo. Também fiz amizade com um arquiteto, que participava de outra entidade, em que iniciava estudos e exercícios para desenvolvimento psíquico, concentração e meditação. Esse amigo me ensinou vários exercícios que me foram muito úteis no futuro.

Ao mesmo tempo, interessei-me pela psicanálise, graças a indicações que me foram dadas pelo professor Ney, Doutor em Filosofia e Psicologia, pela Universidade de Sorbone, em Paris. Através de suas explicações, fui tomando contato com esse ramo do conhecimento. Como encontrei um livro sobre Psicanálise, escrito por um dos primeiros psicanalistas do Brasil, o qual ensinava como aplicar as técnicas num processo de auto análise, passei a realizar a auto aplicação das referidas técnicas, mais os exercícios, anteriormente mencionados. E fui descobrindo os segredos da minha psique.

A essa altura, eu estava apto para ingressar no terceiro estágio da construção da liberdade. Agora se tratava não de uma liberdade com relação ao mundo exterior, pois ia enfrentar o encontro comigo mesmo.

Este estágio é compreensivelmente o mais difícil, muito poucos se dispõem a realizá-lo. Trata-se de entrar numa relação com as pulsões internas, que quase sempre se impõem a nós como um jugo interno indomável. São as coisas relativas à vida dos sentimentos e das sensações, dos desejos e das cobiças, etc. Foi então que descobri a forma de relacionar-se com esses impulsos, sem luta, sem violentar-se, para evitar a consecução do impulso.

A questão é que tudo o que acontece no mundo físico está sujeito à lei da temporalidade e, por conseguinte, tem um ciclo de existência. Tem um vir a ser, um estágio de ser e, finalmente, o que deve ser, ou fenecer, quando se conclui e desaparece.

A partir daí, desenvolvi a técnica de construção da liberdade interior e, mais tarde, apliquei esse conhecimento como método de psicoterapia, o qual se encontra no meu livro “Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva”. Ainda escrevi um poema que descreve, em linhas gerais, como se processa a libertação dos impulsos retidos no inconsciente. É um trabalho de autoconhecimento, cujo título é: Nosce te Ipson (conhece-te a ti mesmo). Esse poema também faz parte do livro “Divã, Lágrimas e Libertação”.

(Getulio Vargas Zauza, psicólogo clínico, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Email para contato:aiesazauza@hotmail.com.)

Data : 30/09/2013

Título : Os 07 Passos do Método de Estudo

Categoria: Artigos

Descrição: Contato com o assunto a ser estudado.

I – Contato com o assunto a ser estudado.

II – Leitura para identificar palavras cujo sentido não é conhecido ou o é vagamente, sublinhando-as e colocando um número em ordem no fim das palavras acima da última letra. Não deve ter a preocupação imediata de entender o texto.

III – Elaborar um vocabulário na ordem enumerada segundo o sentido específico no texto.

IV – Leitura do texto para entendimento do mesmo.

V – Síntese (resumo) do conteúdo.

VI- Estudo para fixação do conteúdo por meio de exercícios, leitura silenciosa e em voz alta, esquemas ilustrativos, chaves, discussão com mais dois colegas se for possível.

VII – Utilização do conhecimento.

I – O Contato

Normalmente o contato com o assunto a ser estudado, nos primeiros anos escolares, acontece em sala de aula quando o professor faz a exposição, escreve no quadro, ou dita e o aluno copia em seu caderno, faz perguntas, o professor explica e faz exercícios, etc.

Além de tudo isso propõe questões que os educandos procuram resolver com ou sem ajuda do professor que ao final normalmente, junto com os estudantes verificam acertos e erros.

Os alunos dispõem ainda de livro texto no qual podem completar o contato com a matéria.

II – Leitura para levantamento de palavras desconhecidas ou cujo sentido não se tenha certeza e conceitos que devem ser elaborados.

Neste passo a leitura deve ser realizada sem a preocupação de ser assimilado ou decorado como em geral é hábito. Cada palavra que não se saiba ou não se tenha certeza do seu significado no texto deve ser sublinhada e numerada na ordem em que aparece no texto. Aliás, esse procedimento deveria ser feito em qualquer leitura, pois ajudaria a ampliar o domínio do vocabulário, tanto o ativo como o passivo.

Quando se tratar de estudos avançados como Graduação, Especialização, Mestrado ou Doutorado, além do vocabulário específico o estudante deve marcar trechos do texto cujo sentido não seja perfeitamente dominado e a seguir trabalhar para elaborar o conceito em questão, pois muitas vezes esse conceito é a chave para todo capítulo, pois não pode passar por cima dele sob pena de não conseguir assimilar o conteúdo de toda uma obra.

III – Elaboração do vocabulário das palavras numeradas com seu sentido específico no texto

Para a realização deste passo o estudante deve ser orientado no sentido de como manusear o Dicionário, primeiro, que as palavras não são unívocas, não são empregadas num único sentido, mas em mais de um. Deve ser mostrado a ele que no início, nas primeiras páginas há uma lista de abreviaturas que explicam o significado de cada uma que sempre se encontra antes de cada palavra em cada verbete. Com essas explicações e um exercício prático o estudante estará apto para realizar o vocabulário com o sentido de cada palavra numerada, que deve ser feito na ordem em que foram marcadas.

Quando o texto consistir das anotações feitas pelo aluno o vocabulário poderá ser feito na página seguinte. Quando os vocábulos forem marcados, de preferência a lápis, o glossário será feito numa folha adicional, a qual será presa entre as duas páginas seguintes. Dessa forma quando o educando for fazer a leitura para o entendimento e aprendizado do conteúdo, não precisará realizar a busca no Dicionário, o que seria um grande desperdício de tempo e energia. E nesse caso em geral predominaria a influência da preguiça.

Tendo o glossário pronto o estudante faria a consulta uma única vez, o que representa enorme economia de tempo, energia e o sentido com que o termo é aplicado no texto está ali ao alcance da mão e dos olhos sem interromper a sequência da leitura. Em estudos avançados, se faz como no estudo fundamental com o vocabulário e deve ser feito e com os conceitos.

IV – Leitura para entendimento do conteúdo do texto

Nesta etapa do estudo é feita a leitura do texto com toda a concentração possível. É de extrema importância que o estudante forme uma relação íntima com o conteúdo como se estivesse degustando uma saborosa iguaria, permitindo que o sentido inundasse sua faculdade gustativa, de modo que sua inteligência, sua alma e espírito fossem profundamente impregnados. O ideal é que todo nosso ser fosse profundamente entranhado pelo conhecimento que fosse um casamento por amor e insolúvel, quando verdadeiro. Isso tornaria fácil a VI etapa, a fixação na memória, facilitando a lembrança na hora de sua utilização.

Neste passo devem ser elaborados todos os conceitos e em especial conceitos-chave.

V- Síntese (ou resumo) do conteúdo

Conforme aumenta o nível do estudo, aumenta proporcionalmente a extensão dos textos e conseqüentemente dos conteúdos.

Na verdade qualquer que seja o quanto de extensão e de conteúdo a síntese é sempre útil e mesmo necessária porque ela facilita o passo VI que consiste na fixação do conteúdo a partir do qual o estudante ou mesmo o profissional fará a respectiva utilização do mesmo.

Tratando-se dos estudos avançados seria impossível e mesmo absurdo pretender decorar uma obra inteira. É necessário dominar os conceitos para a partir deles poder dissertar ou utilizar em qualquer caso o conhecimento.

A síntese deve ser feita na mesma ordem em que o texto é apresentado, utilizando-se as diversas formas, as quais não é necessário citá-las aqui.

VI – Fixação do conteúdo do texto ou da obra toda

Neste passo a indicação de como fazê-lo está exposta abreviadamente no título Os 7 Passos número VI

Aqui eu só acrescento a recomendação que se deve lançar mão dos três meios de fixação, ou seja leitura silenciosa (visual) ou em voz alta (auditiva e motora) reproduzindo ou dissertando sobre o tema e fazendo esquemas que também é visual. Assim acionam as três veias de aprendizagem: 1) visual; 2) auditivas; 3) Motora.

VII – Utilização do conhecimento

A situação mais comum é para o estudante e consiste na realização de exames, que tanto pode ser escrito na forma de dissertação ou múltipla escolha. Também pode ser prova oral. Em todos os casos o domínio do vocabulário como dos conceitos é absolutamente fundamental.

Embora o examinando deva sempre ater-se à terminologia da ciência ou assunto em questão, o domínio vocabular e conceitual lhe permite uma grande liberdade no modo de expressão.

Data : 30/09/2013

Título : Porque e em que circunstancias foi elaborado este roteiro de Estudo

Categoria: Artigos

Descrição: Eu trabalhava em um ginásio agrícola que funcionava em regime de internato, como Psicólogo, mas desempenhava também a função de orientação educacional.

Eu trabalhava em um ginásio agrícola que funcionava em regime de internato, como Psicólogo, mas desempenhava também a função de orientação educacional. Tinha ainda sob minha orientação um grupo de jovens egressos de uma Escola Técnica de Agricultura que desempenhava o papel de auxiliar de disciplina. Todos estudavam. Uns cursavam Agronomia e outros Administração de Empresa e Veterinária.

A Escola não apresentava grandes problemas disciplinares de modo que a maior parte do tempo do expediente eles utilizavam ajudando os alunos que apresentavam dificuldades em algumas matérias, num sistema extra oficial de reforço escolar. Talvez por esse motivo e por ser a maioria dos alunos oriundos do interior o relacionamento deles com meus auxiliares era muito cordial e cooperativo.

Aconteceu que de repente duas turmas da 2ª série apresentaram uma enorme queda de aproveitamento sendo que mais ou menos 80% dos alunos alcançaram notas muito abaixo do índice de aprovação na primeira sabatina do primeiro semestre. Isso era demais para meus auxiliares ajudarem. Isso só na matéria de ciências.

No mesmo dia que receberam o resultado um aluno me procurou no meu gabinete de trabalho pedindo socorro. Foi numa sexta-feira. Eu disse que naquele momento não

sabia uma solução para o caso, mas que durante o fim de semana iria pensar e encontraria um jeito de resolver a questão e que na segunda-feira ele viesse ao meu gabinete acompanhado de mais dois colegas de aula que estivessem na mesma situação e desejassem ajuda.

Conforme prometi, fiz. Mas acontece que mesmo eu tendo realizado dois cursos superiores, História Natural e Psicologia, nunca nenhum professor me ensinou como estudar. Eu também não sabia se existia um método de estudo. O que eu sempre fiz desde o curso primário foi procurar entender os conteúdos. Nunca tentei decorar nada e era um viciado em dicionário, inclusive etimológico. Isso me permitiu ter um relativamente bom domínio vocabular, que facilitava o entendimento do texto, de modo que nunca tive dificuldade de aprendizagem. Eu lia muito e nunca passava por cima de uma palavra sem saber o seu sentido. daí eu compreendi a importância de saber o que uma palavra significa para o estudo. Uma palavra cujo significado não é conhecido é como se fosse de outro idioma desconhecido.

Outro fato que também deve ter me ajudado é que nunca recebi brinquedos quando criança. Eu mesmo os fazia. Primeiro os imaginava, depois construía. As maneiras de brincar também eu as inventava.

Por outro lado, talvez por um “defeito de fabricação” ou por efeito de febres altas, pois tive todas as doenças infantis e mais ainda a varíola com mais ou menos três anos, ou mesmo um problema no parto, tinha sofrido alguma lesão no cérebro, eu tinha e tenho grande dificuldade para decorar. Então isso obrigou-me a aplicar toda a energia para o entendimento e o raciocínio.

Vou narrar outra situação em que me encontrei sob a pressão de criar soluções de problemas para os quais eu não havia sido preparado no curso de sargento especialista em eletrônica na Escola Técnica de Aviação em São Paulo durante os anos 1948 e 1949.

Concluído o curso fui classificado para trabalhar na antiga Diretoria de Rotas Aéreas e designado para trabalhar no Laboratório de Pesquisa e Padronização do material eletrônico para a FAB.

Nesse laboratório se desenvolviam projetos que eram montados e após remetidos para a indústria, onde era feita a compactação segundo as especificações. Feito isso retornavam para o Laboratório, onde eram submetidos a testes, uma vez que a indústria de montagem não dispunha de tecnologia para testar.

Até hoje não consegui decifrar porque eu o mais novo em idade e há pouco tempo saído da Escola com apenas 20 anos e havendo tantos outros mais antigos e experientes na profissão, fui o “escolhido” para essa atividade quando nem o Laboratório possuía equipagem específica para essa função.

Analisando as condições políticas da época encontrei alguns elementos que me permitem supor que apesar da cordialidade com que sempre fui tratado pelo chefe e outros oficiais, eu não era nada simpático a eles. Meu nome, minha relação de parentesco com o Presidente da República, pois estava no centro do ninho das serpentes. Ali no DRA se estabeleceu o Q.G. da preparação para a tentativa de golpe militar que só pode ser consumado em 1964. Talvez tenha sido uma discreta perseguição.

Agora, mesmo que tenha sido perseguição, o fato é que isso acabou me proporcionando uma oportunidade para desenvolver um pouco de criatividade, melhorar a capacidade de raciocínio e coragem para enfrentar situações novas para mim, o que me veio a ser

de proveito no exercício tanto na profissão de psicoterapeuta, como de ensino de alunos normais do ginásio, do ensino superior e de deficientes visuais.

Citei esses acontecimentos para demonstrar a quem se dignar ler este trabalho veja como se pode tirar proveito mesmo das situações adversas. Dificuldades não são só obstáculos, são também desafios para nosso crescimento, muitas vezes mais auxiliares do que as facilidades.

Retornando à promessa que havia feito ao aluno após essa digressão, dediquei o fim de semana todo a procurar descobrir uma maneira de resolver o problema de como o aluno poderia superar a situação e dispor de um instrumento que lhe servisse para todos os estudos em níveis avançados, inclusive em grau superior.

Inicialmente não tinha a mínima ideia de por onde começar. Como durante o curso de Psicologia eu havia criado um pequeno grupo para estudar o processo do Pensar, isto é, como funciona nossa mente quando produz pensamentos, eu sabia naturalmente que a existência de um cérebro sadio era o instrumento necessário para tal, mas para minha concepção filosófica cérebro por si mesmo não pensa, ele é um órgão fundamental, mas o elaborador dos pensamentos é o espírito, representado aqui pelo nosso EU.

Nesses estudos que eu coordenava nós procurávamos obter o mais alto nível que nos era possível de concentração evitando lançar mão de qualquer explicação que tivéssemos tomado conhecimento. Fazíamos um trabalho de pura observação. Era experimental, rigorosamente experimental.

Durante o fim de semana isolei-me várias vezes em minha sala de trabalho, acomodei-me o melhor que pude numa poltrona, concentrei-me tanto quanto me foi possível, interrompi todo o fluxo mental, evitei procurar na memória elementos com os quais pudesse construir algo artificial e abstratamente. Nesse estado de consciência vazia, simplesmente coloquei o problema na mais rigorosa contemplação e permaneci aguardando que a realidade mesma apresentasse a indicação, isto é, que os elementos para a solução nascessem da própria realidade afora.

Essa técnica eu havia aprendido com um amigo que também participava das reuniões do grupo que estava estudando a obra do pensador indiano J. Krishnamurti. Eu a havia associado a outras formas de exercícios de outra origem do que aquela da qual ele havia aprendido inclusive a técnica psicanalítica de auto análise que eu havia encontrado num livro escrito por um dos primeiros médicos psicanalistas no Brasil.

Em pouco tempo surgiu na minha consciência como se fora uma espécie de imagem na qual podia perceber o caminho e a sequência lógica dos passos que um naturalista botânico deveria percorrer para realizar o estudo da classificação sistemática da vegetação de uma área de floresta. Então eu pensei que um sistema de estudo também deveria ser feito seguindo passos sequentes e lógicos. Foi a partir dessa percepção que elaborei o Método de Estudo constituído dos sete passos apresentados e explicados na primeira parte deste trabalho.

Eu estava, agora, convicto que quem seguisse rigorosamente aqueles passos com toda a certeza teria sucesso no resto da vida, nos estudos de todos os graus, desde que adaptado a cada caso e nível do mesmo.

Escrevi a sequência. As explicações seriam adaptadas na hora de acordo com cada trio de jovens que estivesse orientando.

Na segunda-feira compareceram três na hora marcada. Antes de iniciar as explicações perguntei como eles faziam para estudar aquela matéria e as outras. Os três deram a

mesma resposta. Recebida a matéria na aula eles faziam as anotações que o professor mandava fazer e depois liam e procuravam memorizar tudo, repetindo... repetindo até saber decor.

Feito isso passei às explicações do sistema que havia elaborado para eles. Perguntei a cada um se havia compreendido e no caso de não ter entendido eu explicaria quantas vezes fosse necessário. A seguir garanti a eles que se seguissem a orientação rigorosamente eles teriam sucesso e que o sistema valia para todas as matérias com pequenas adaptações para cada uma segundo suas características.

Como eu dispunha 1 hora por semana para conversar com os alunos, fui de sala em sala e comuniquei a novidade. Nas duas turmas afetadas pela dificuldade ordenei que se organizassem em grupos de 3 e fossem ao meu gabinete para marcar a hora.

Orientei todos os educandos e a todos disse que não havia outra alternativa eficaz e segura para garantir a aprovação, condição para permanecer na Escola, que funcionava em regime de internato e talvez fosse a única oportunidade na vida deles para estudar. Praticamente todos os alunos das 4 séries procuraram e seguiram a orientação acabando com a necessidade do auxílio de reforço que meus auxiliares davam, o que não era oficial nem função deles.

Após ter concluído o trabalho de orientação procurei o Professor dos alunos com baixo rendimento (Ciências) e comuniquei-lhe pessoalmente o que havia feito. Como uma percentagem tão alta de reprovação repercutiu mal no conceito do professor eu receava que ele facilitasse as exigências nas próximas sabatinas, pedi que mantivesse o nível porque eu queria testar 2 aspectos da questão: a) a eficácia do sistema; b) o empenho dos alunos. Em outro dia no horário de intervalo fiz a comunicação a todos os professores.

Isso tudo foi no início do 2º mês de aula. Na próxima sabatina nenhum dos alunos com nota de reprovação apresentou rendimento inferior a nota oito (08) ou (80) oitenta na escala zero a cem (0-100).

Minha única decepção foi o professor não fazer a mínima referência ao fato de os alunos apresentarem tão significativa melhora na aprendizagem em tão pouco tempo.

Data : 30/09/2013

Título : Jovens inteligentes e estudiosos que não tinham sucesso no vestibular

Categoria: Artigos

Descrição: São na verdade dez (10) histórias ocorridas durante meus quarenta e quatro (44) anos de exercício de atividade como psicoterapeuta, que neste caderno sintetizarei em apenas uma.

São na verdade dez (10) histórias ocorridas durante meus quarenta e quatro (44) anos de exercício de atividade como psicoterapeuta, que neste caderno sintetizarei em apenas uma. Mas antes disso procurarei explicar em que me fundamentei para conduzir a orientação dos jovens, a qual consiste em última análise, em fazer como entenderem a necessidade de o estudo seguir um sistema metódico, lógico por conseguinte.

É autocompreensível que siga de início as normas de qualquer entrevista que vise investigar as dificuldades de cunho afetivo, para na medida do possível, na exiguidade do tempo disponível para um trabalho dessa ordem. No entanto muitas vezes foi necessário utilizar recursos encontrados no meu livro *Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva* para encontrar ou pelo menos atenuar o efeito da energia de afetos traumáticos, sem o que não seria possível remover os fatores que geravam o insucesso. Eu sempre usava um recurso que pode ser considerado como banal e prosaico. Para facilitar o entendimento de um ponto de vista que considero importante na postura relacionada com o estudo que proponha o seguinte experimento:

No encontro seguinte aplicava um teste de raciocínio abstrato sem referir que era teste. Assim eu podia concluir a possibilidade de não ser um baixo nível de inteligência para esse tipo de raciocínio pelo menos um dos fatores da dificuldade.

Em todos os casos atendidos os jovens apresentaram rendimento em número de pontos superior à faixa etária. Desse ponto em diante passava às questões específicas e explicação do método preconizado, procurando sempre pensar a forma que melhor se adaptasse a cada caso e situação.

Eu gosto de biscoitos de manteiga, por isso sempre os tinha no consultório para no intervalo feito para descanso e um breve lanche costumava degustar alguns acompanhados com chá preto (chá da Índia).

Para explicar de uma maneira simples o que deveria acontecer em nosso íntimo com relação ao conteúdo daquilo que desejamos aprender eu pegava um biscoito sem dizer que iríamos realizar um experimento. Então partia um biscoito ao meio e solicitava que o comesse. Todos simplesmente davam duas ou três mordidas e o engoliam.

Fazia uma pausa de (3) três a (5) cinco minutos durante a qual falávamos sobre qualquer coisa que o jovem propusesse. Após esse intervalo eu proponha que agora ele comesse o outro pedaço, porém lentamente procurando degustá-lo, sensacionando o máximo possível prestando toda a atenção que pudesse nas aparentemente mais insignificantes sensações gustativas e psíquicas. Quando tivesse concluído me comunicasse como havia vivenciado o efeito do biscoito em toda sua organização física e psíquica e se notou alguma diferença no grau de prazer e satisfação. Todos ficavam admirados pela diferença, para melhor na segunda vez e tinham a impressão de que não era do mesmo biscoito.

Então eu lhes dizia que com o estudo também deveria ser assim, o conteúdo deveria ser saboreado e a sensação de a substância ser integrada à nossa organização física e psíquica, deveria causar prazer.

Para ter chegado a essa compreensão eu necessitei realizar esse e outros experimentos em mim mesmo. Mas eu havia partido de uma concepção de que toda e qualquer matéria, fosse ela um composto ou uma substância pura, cada qual é portadora de um quantum de energia e que era essa energia que tinha o poder de interagir com a existente em nossa organização.

Eu havia concebido também que quando se realiza um experimento científico e se o descreve nós estamos impregnando o escrito com a energia com que o fizemos e que no texto esta energia é acrescida a aquela que já é existente na ideia ou conceito da verdade revelada e assim também o é com toda e qualquer obra de arte. O autor está presente na sua obra e virtua[1] sobre o contemplador através de sua energia.

É por esse motivo que devemos adotar também no estudo uma mentalidade aberta e amorosa com relação ao conteúdo para que nos apossamos do conhecimento e o conhecimento se apossa de nós. No entanto não devemos cristalizar num ponto como se ele fosse a última palavra ou mesmo a última forma. É bom aceitar as ideias novas ou antigas para reflexão mas não como ideologia, crença ou dogma, pois o futuro é infinito e é dele que vem ao nosso encontro a evolução da Humanidade.

O Homem está aí com a missão de construir a Liberdade, mas como sua consequência desenvolver também o principio da responsabilidade, aceitando e arcando com as consequências de seus atos, tanto daqueles cuja prática tem origem no universo exterior como interior. A Liberdade plena depende tanto do que provém do íntimo como do exterior, que não deve submeter a qualquer tipo de jugo e para tanto é necessário um conhecimento e trabalho exaustivo sobre as forças provindas das profundezas do inconsciente o que começa pelo autoconhecimento que é realizado descobrindo as influências do exercício sobre nossa alma pelo mundo que nos cerca e continuado e aprofundado pelo reconhecimento da parte que nós mesmos somos responsáveis, quer dizer qual a nossa participação pessoal na formação da nossa personalidade e mentalidade.

Após essa etapa segue uma outra um pouco mais exigente que é a autorreconhecença, quando passamos a investigar as forças gerundas que constituem os princípios ou fatores que formam a nossa natureza primordial ou como se diz numa palavra adaptada do idioma Alemão, o qual é aquele que do qual tudo deriva (o Wesen) do ser ou fenômeno. O Wesen (natureza ou essência) é aquilo que faz o ser ser o que é.

Sobre esse campo não será dissertado neste trabalho.

Um ponto importante que deve ser investigado é saber se o jovem quer realizar o curso de medicina, que era o caso ao qual estou me referindo, se é uma aspiração sua livre da influência dos pais, porque muitos desses jovens eram filhos de médicos e outros porque os seus pais desejavam ter um médico na família ou ainda por ser uma profissão em geral rendosa.

Ainda dentro da situação que estamos comentando é necessário levar em conta a existência de duas vontades, a consciente que quer e a inconsciente que por algum tipo de conflito familiar não quer ser aprovado, não quer satisfazer as expectativas dos pais. É preciso remover essa força de oposição.

[1] Virtuar: agir eficazmente sobre a formação ou produção de algo.

Data : 30/09/2013

Título : Um livro com mais de (900) novecentas páginas para ensinar como estudar e as condições ideais para tal

Categoria: Artigos

Descrição: Faz aproximadamente uns (10) dez anos chegou às minhas mãos um livro que tratava minuciosamente das condições ideais para e como estudar.

Faz aproximadamente uns (10) dez anos chegou às minhas mãos um livro que tratava minuciosamente das condições ideais para e como estudar. O seu conteúdo era exposto em mais de (900) novecentas páginas.

Eu que já havia percorrido um longo caminho, tendo realizado (2) dois cursos de graduação, Licenciatura em História Natural e de Psicólogo e mais o resto da vida para manter-me atualizado, fiquei exultante, pois afinal alguém havia se disposto a ensinar como estudar.

Sinceramente, li as mais de novecentas páginas palavra por palavra, para acabar na decepção de não ter encontrado uma página que expusesse de forma simples e lógica a sequência dos passos que deveriam ser seguidos por estudante de qual nível.

Hoje, aos (83) oitenta e três anos continuo estudando por simples prazer, sempre na expectativa de encontrar algo novo, com mente e coração abertos para o futuro.

Confesso que não consigo entender o motivo ou razão, se é que existe alguma, de com tantos doutores nos mais variados aspectos da Pedagogia, não existe nada referente a um método de estudo que sirva para qualquer nível e área de estudo. E eu me pergunto: para quem foi escrito aquele livro?

Data : 30/09/2013

Título : De onde não se espera pode surgir algo novo

Categoria: Artigos

Descrição: Esta é a última história deste caderno. Havia uma opinião generalizada entre o pessoal que trabalhava no setor da SE (Secretaria de Educação – RS)

Esta é a última história deste caderno. Havia uma opinião generalizada entre o pessoal que trabalhava no setor da SE (Secretaria de Educação – RS) que os professores das Escolas Técnicas de Agricultura eram refratários a mudanças pedagógicas.

Meu primeiro trabalho no serviço público estadual foi exatamente num ginásio agrícola que como de regra funcionava em regime internato, o que exigia um tanto de firmeza no aspecto disciplinar.

O corpo docente era constituído de professores com formação pedagógica oriundos das Faculdades de Filosofia e de outros, os da área técnica que eram agrônomos e veterinários e alguns que eram técnicos agrícolas.

As aulas de técnicas na parte prática eram realizadas para a turma toda em conjunto. Isso tornava muito difícil aos professores fazerem uma avaliação individual do desempenho de cada aluno para atribuir a nota. Essa dificuldade foi apresentada ao Diretor que por sua vez levou-a ao respectivo setor técnico-pedagógico da Secretaria de Educação ao qual eu também estava ligado. Como eu trabalhava no referido ginásio fui encarregado da elaboração de teste para avaliar a vocação para a profissão em causa, pois em geral os egressos desses ginásios se destinavam à Escola Técnica de Agricultura.

Mesmo que tal teste fosse elaborado, isso levaria tempo e o problema era atual. Portanto exigia uma solução urgente. Para o caso seria inviável.

Pensei no assunto durante um fim de semana e propus ao Diretor uma experiência. Eu proporia aos professores uma maneira que poderia dar certo e na pior das hipóteses não alteraria a dificuldade apresentada por eles.

A forma do experimento seria os alunos trabalharem por projetos. Mas como se faria isso? Os alunos simulariam uma empresa formada por grupos de três que eles escolheriam entre si como sócios por afinidades entre eles e seriam orientados quanto à organização da empresa.

O professor os orientaria quanto à organização e determinaria qual seria a planta a ser cultivada.

Resumindo: tudo deveria ser calculado, como quantidade e valor de insumos, custo de mão-de-obra, enfim, todas as despesas, valor dos produtos no mercado, etc... custo e lucro.

Feito tudo isso, então mãos-à-obra. Os alunos se organizaram e cada grupo teria um canteiro só para ele.

O resultado não demorou a aparecer. Ficou claro o interesse de cada grupo na rapidez, dedicação, capricho no canteiro e no cuidado com as plantas e no entusiasmo com que se aplicavam ao trabalho. Foi tal o sucesso do experimento que até os alunos que apresentavam pouco interesse pela agricultura vendo o progresso dos colegas mais avançados apresentaram rendimento satisfatório.

Numa reunião de avaliação dos resultados com a participação do Diretor perguntaram como é que eu não tendo estudado administração de empresas nem agricultura havia formulado aquele sistema de trabalho que tornava tão evidente quem tinha possibilidade de dedicar-se a essa profissão.

Eu respondi que as coisas todas para dar certo tinham que seguir uma lógica natural e que eu deixei meu pensamento seguir essa lógica imposta pela coisa mesmo e evitei introduzir coisas artificiais tiradas da minha cabeça abstratamente.

Data : 30/11/2013

Título : Há um limite de tempo e aprofundamento da psicoterapia?

Categoria: Artigos

Descrição: Uma pergunta semelhante foi feita para um psicanalista, não me lembro se teria sido para Freud ou Jung. Sei que a resposta foi que a análise deveria ser feita durante toda a vida.

GETULIO VARGAS ZAUZA

Uma pergunta semelhante foi feita para um psicanalista, não me lembro se teria sido para Freud ou Jung. Sei que a resposta foi que a análise deveria ser feita durante toda a vida. Isso não nos levaria a supor que nosso inconsciente é extremamente profundo. Jung, por meio de análise de sonhos de pacientes e pesquisas históricas chegou a hipótese da existência do inconsciente coletivo e dos denominados arquétipos. Esse inconsciente coletivo conteria gravados em algum tipo de substrato que seria comum a todos os seres humanos. Essa ideia não era nova, pois nas doutrinas esotéricas ela é denominada crônica acacha (akasha), onde se encontra registrada toda a história da humanidade e conseqüentemente do Planeta Terra.

Trazendo o assunto para a experiência pessoal minha opinião é que do ponto de vista psicanalítico isso seria inviável. E porque? Ora, a técnica psicanalítica é demorada já por si e cara, pois exige uma frequência de três, quatro ou até cinco consultas semanais. Quanto custaria isso? Quem teria condição de pagar? Não seria restrita a uma elite reduzida?

Sem dúvida a psicanálise permite aprofundamento muito grande. Mas existe a questão: há pacientes analisáveis e os não analisáveis. O que fazer com estes?

O problema do custo e da frequência às consultas de certa forma foi contornado com novas formas de abordagens tendo sempre como base a psicanálise. São as psicoterapias de orientação psicanalítica mas com prejuízo do aprofundamento no inconsciente, mas apesar disso têm proporcionado grandes benefícios.

Na época que realizei o curso de Psicologia havia a exigência de ser graduado em algum curso superior em cujo currículo constasse alguma disciplina de Psicologia. Assim que só me foi possível ingressar nele após a licenciatura em História Natural. Mas a Psicologia, a Filosofia e a Psicanálise já eram conhecidas por mim. A Filosofia comecei a conhecer lendo a Apologia de Sócrates escrita por Platão e em seguida entrei em contato com a Psicologia através de um pequeno livro cujo título é Princípios de psicologia, do qual não lembro o seu autor. Com a Psicanálise fiz o primeiro contato quando estava realizando o curso Científico (2º grau). Havia a disciplina de Filosofia. O professor dessa matéria era doutor em Filosofia e Psicologia pela Universidade Sorbone de Paris. Talvez pelo meu interesse e participação nas aulas ele passou a dedicar alguns períodos de recreio para conversarmos. Foi durante essas conversas que ele me falou sobre a Psicanálise e seu autor, Freud. Me interessei e pedi indicação de alguma

bibliografia. Durante as procuras encontrei também livros de um dos primeiros psicanalistas brasileiros, entre os quais um ensinava como fazer auto-análise. Então comecei um processo auto-analítico sistemático. Daí que quando comecei o curso de Psicologia em 1961 eu já dominava os conteúdos da Psicanálise na teoria e na prática.

Como eu queria ter a experiência de paciente analítico fiz dois anos de análise, com o próprio professor da matéria.

Concluindo o curso em 1963, no ano seguinte comecei a clinicar. Mas já d início por força das circunstâncias tive que quebrar uma das regras da Psicanálise. Fui procurado por uma amiga que fora minha contemporânea na Faculdade e que se formara no mesmo ano que eu. Ela estava vivendo uma séria crise e já havia passado por vários psicoterapeutas, inclusive psiquiatras e psicanalistas e segundo ela, não conseguiam diagnosticar o seu problema. Disse que eu seria o último a quem ela consultaria, que se não conseguisse resolver a situação ela iria se suicidar entrando no Guaíba levando suas duas filhas. Para agravar minha situação ela morava a uns 500 metros do rio.

Tive o cuidado de informá-la sobre a regra de não tratar pacientes que fossem das nossas relações, mas que eu iria quebrar essa regra e aceitá-la como paciente.

Talvez por uma questão de sorte minha e dela conseguimos equacionar o problema, encontrar a causa e por fim resolver a problemática.

Dois anos antes da formatura no curso de Psicologia eu havia formado um grupo para estudar experimentalmente o processo mental de pensar. Eu tinha a necessidade de conhecer realmente como se processava esse processo pois eu percebia a fragilidade dos juízos pois via a existência de tantos julgamentos e teorias com relação à verdade. Eu desejava ter segurança nessa relação.

Para conseguir saber como se processa o pensar. Para tanto eu achava que era necessário abrir mão de tudo que se havia aprendido em relação ao assunto e começar pela observação direta. Para realizar essa observação percebemos a necessidade de um forte nível de concentração que permitisse paralisar o fluxo mental tanto o comum caótico, bem como a tendência de buscar o que já se conhecia como afirmações feitas pelos teóricos do conhecimento.

Após mais ou menos um ano de exercícios havia conseguido um bom nível de autoconcentração. A partir daí fui descobrindo uma série de processos mentais, entre outros a capacidade de acessar diretamente os conteúdos do inconsciente, como está descrito em meu livro Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva.

Esse livro é fruto de dez anos de experimentos pessoais. E somente após ter certeza da eficácia do método comecei a aplicá-lo e o fiz com sucesso durante 34 anos em cerca de 600 pacientes e quase todos eles facilmente dominaram o processo sem dificuldade.

Uma das vantagens do método é a facilidade de acesso ao inconsciente e a localização da cena do ato traumático, outra é a objetividade e a desenergização da cena eliminando os sintomas, conforme está detalhado tudo no livro Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva de minha autoria.

Quando o paciente já trabalhou os seus traumas suficientemente e se sente curado e capaz de levar uma vida normal tem alta e está capacitado a continuar aprofundando o processo. Então ele é informado que até esse ponto ele só elaborou a influência do mundo exterior na constituição de sua personalidade, o que era culpa do efeito produzido pelos atos dos outros sobre ele. Mas ainda há a possibilidade de examinar qual foi a sua contribuição do seu esforço para sua formação. Esse é o momento em que ele deverá

abstrair do que os outros fizeram e colocar-se frente a frente consigo mesmo com o máximo de idiosincrasia. Então agora a conversa é consigo mesmo.

Pois bem, nenhum dos pacientes aceitou realizar esse trabalho, o que é lamentável, porque é um sinal de fuga de assumir a responsabilidade integral pelos seus próprios atos durante o passado, o presente e o futuro.

(Getulio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : Um rato foi meu Mestre

Categoria: Artigos

Descrição: O título desta história pode parecer estranho ou uma brincadeira, mas não é. É o relato de algo que aconteceu comigo.

GETULIO VARGAS ZAUZA

O título desta história pode parecer estranho ou uma brincadeira, mas não é. É o relato de algo que aconteceu comigo.

O motivo do título e a razão de porque resolvi conta-la, o leitor com certeza entenderá no decorrer da narração. Mas para um melhor entendimento, antes apresentarei alguns lances mais significativos de minha vida.

Sou o último de (10) dez filhos de pais agricultores. O irmão nascido antes de mim é (3) três anos e meio mais velho e o anterior a ele é (2) dois anos, de modo que eles faziam uma parceria harmoniosa e eu estava excluído da companhia deles, de modo que fui uma criança solitária e além disso recebi dos pais um tratamento que comumente é dado aos netos e pelos irmãos mais velhos, com exceção dos dois referidos, como se fosse sobrinho, aliás, coisa que percebia claramente porque era frequente a permanência prolongada de sobrinhos lá em casa.

Minha infância foi vivida com toda liberdade, num grande espaço com área de campo, de mato e um rio com uma bela e grande praia coberta de seixos rolados de variados tamanhos e no verão uma água cristalina que cobria o fundo formado também se seixos como os da praia.

Como traços de personalidade eu era uma criança que apresentava algumas características que talvez possam ser expressas assim: possuía um estado em geral nostálgico. Era ativa e gostava de participar de qualquer tarefa eu permitisse a uma criança nas respectivas fases etárias. Estava sempre disponível.

Eu me sentia bem em atividade. Quando não estava fazendo alguma coisa gostava de ficar em silêncio. Nesses momentos eu combinava um estado reflexivo e contemplativo tanto para o exterior como para eu interior. Eu fazia isso naturalmente, pois nessa fase da vida uma criança não teria condições de fazê-lo planejado.

No que concerne à sociabilidade eu gostava quando meu pai ou mãe recebiam visitas dos vizinhos e ficavam sentados à sombra, quando o clima facultava, proseando e tomando chimarrão. Se eu estava por perto vinha cumprimenta-los e desaparecia para fazer aquilo que me desse vontade.

Lá pelos oito ou nove anos costumava me embrenhar na mata, em geral na costa do rio e ficava muito tempo sentado num tronco caído ou em uma pedra observando plantas e aves. Uma coisa que me encantava era escutar a voz dos pássaros. Eu tinha a impressão de que eles se comunicavam entre si e desejava poder entender a linguagem deles, pois eu achava que eles teriam uma.

Eu não gostava de brincar com outras crianças, eles pareciam para mim que eram “lobos”. Então eu mesmo construía meus brinquedos e brincava sozinho. Sempre que possível e não me parecesse inconveniente a minha presença eu gostava de conviver com pessoas mais velhas que tivessem causos interessantes para contar. Tinha um prazer especial quando algum visitante contava histórias de fantasmas e assombração, nas noites após a janta quando todos íamos sentar-nos à roda de fogo de chão.

Quanto às características de personalidade referidas antes, em verdade não mudei muito, apenas as desenvolvi em proveito do meu próprio desenvolvimento, estudos e trabalho.

Com relação ao fato de ter atrasado meus estudos, vou omitir a razão porque somente com doze anos decidi ir morar com uma irmã que residia na cidade. Só direi que com sete anos, após um semestre de aula resolvi não voltar para a escola. Mas sem que ninguém percebesse realizei minha auto-alfabetização até atingir e dominar os conteúdos de leitura, aritmética e caligrafia. Quando fui realizar a matrícula me aplicaram uma prova de sondagem e me matricularam no segundo ano. No exame do meio do ano eu e mais um colega e uma menina obtivemos as melhores notas e fomos promovidos para o terceiro ano. Assim é que realizei o curso primário em três anos.

Naquela época não havia ginásial em Santiago. Então era voltar para roça. Acontece que um irmão mais velho havia ido para o Rio de Janeiro por ter sido transferido para servir lá. Ele era cabo do Exército. Lá ele deixou o Exército e foi trabalhar em outra coisa. Na nova ocupação ele dispunha da possibilidade de estudar e realizar o ginásial em um ano. Logo a seguir ingressou no segundo grau e simultaneamente realizava o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Ato contínuo ingressou no Exército para realizar o estágio. Nesse momento o Brasil entrou na guerra. Ele se candidatou para a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Na volta quando terminou a guerra permaneceu na ativa. Veio ao Rio Grande do Sul em férias e então fui com ele para o Rio em busca de uma oportunidade para estudar, mas nem lá havia ginásial noturno público ou mesmo privado. Eu ainda não havia feito 16 anos, mas meu pai me emancipou. Então agora eu podia movimentar-me livremente.

A saída seria o estudo pago para obtenção do certificado em um ano. Não havia como. Então surgiu a possibilidade de ingressar na FAB com 16 anos. Daí fiz um preparatório em seis meses, pois o exame constava de matéria de 3ª e 4ª série do ginásio para ingresso na Escola Técnica de Aviação em São Paulo. Fui aprovado e matriculado no início do ano de 1948. Lá permaneci dois anos fazendo o curso de Sargento especialista

em eletrônica. Devido à minha boa colocação, primeiro lugar numa turma de (12) doze alunos, tive o direito de escolher em qual das 5 capitais sedes de Comando Aéreo eu desejava servir. Voltei para o Rio e fui lotado no Laboratório de Pesquisa e Padronização de equipamentos eletrônicos para a FAB.

Após os cinco dias dados como tempo para conseguir onde morar, comecei a trabalhar fazendo um expediente das doze (12) horas às (18) dezoito horas, de segunda a sexta-feira. Enquanto não começava as aulas no Curso de Madureza, que preparava para os exames do ginásial aproveitei o tempo para descansar e ler.

Como durante o curso em São Paulo eu lera muitos romances, em geral traduções, pois a Escola que havia sido organizada pelos americanos na época da IIª Guerra Mundial, era dotada de uma grande e rica biblioteca com obras técnicas e literatura a qual funcionava das 8 às 22 horas, inclusive nos finais de semana e feriados.

Agora, de volta ao Rio meu interesse foi pela Filosofia. Então dedicava parte do tempo das manhãs para a leitura (as primeiras horas) e três a quatro vezes para a praia, pois eu estava alojado numa pensão no Catete a apenas duas quadras. Nessa pensão já estavam alojados vários colegas contemporâneos de Escola em São Paulo. Eles já haviam feito amizade com as meninas do bairro, então foi fácil me integrar ao grupo.

Em março começaram as aulas no curso. A partir daí minha vida mudou. As aulas eram no turno da noite. Então me organizei com horário determinado para todas as atividades, inclusive para lazer e vida social e segui esse regime rigorosamente durante quase toda minha existência, exceto agora nos últimos quatro anos a partir dos (79) setenta e nove anos, quando deixei de trabalhar.

Enquanto me preparava para os exames do ginásial, continuei lendo Filosofia, sendo que o primeiro autor foi Platão com o livrinho Apologia de Sócrates que relata seus diálogos maiêuticos com seus discípulos enquanto esperava pela morte, a que havia sido condenado, pela ingestão de cicuta. Essa leitura causou-me tal impressão, pela sua concepção que fiquei realmente seduzido pela envergadura de sua personalidade e pelo seu método de abordagem dos temas.

Embora tenha me tornado amante da Filosofia eu nunca desejei tê-la como profissão. Eu queria exercer uma profissão que trabalhasse com pessoas e para pessoas. Essas eram, Medicina, que estava fora das minhas possibilidades devido à incompatibilidade de horário, e a outra seria ser professor.

Como dentre os diversos cursos destinados à formação de professores o que mais me agradava era História Natural, um curso que abrangia conhecimentos relativos a todos os seres vivos e Geologia, Petrografia e Mineralogia, optei por ele.

Quando conclui esse curso tomei conhecimento da existência do curso de Psicologia em nível de pós-graduação com duração de três anos, aberto para graduados em qualquer curso em cujo currículo constasse uma disciplina de Psicologia, pois já havia tomado conhecimento da existência da Psicanálise através de conversas, com o professor de Filosofia durante o curso científico. Me interessei pelo assunto e vi uma possibilidade de vir a tê-la como profissão. Desde então comecei a estudá-la e a fazer autoanálise, pois havia encontrado um livro de autoria de um dos primeiros psicanalistas no Brasil que ensinava como fazer.

Eu já havia tomado conhecimento de outras técnicas de autoconhecimento através de um amigo que estudava as teorias esotéricas e também participava de reuniões de um

grupo de estudiosos da obra do pensador Krisnamurti. Foi através desse pessoal que fui tomando conhecimento da cultura indiana.

Combinei as técnicas esotéricas com as sessões de auto-análise, o que me possibilitou algum progresso no conhecimento de minha vida interior.

As pessoas que estudavam a obra de Krisnamurt se reuniam na sede da editora Instituição Cultural Krisnamurti que ficava na Avenida Rio Branco aos sábados das 14 horas às 16 horas.

Eu havia saído de uma reunião, cruzei a avenida e segui por uma rua paralela à rua do Ouvidor. Na Rua Gonçalves Dias dobrei à direita e segui pelo leito da rua que era melhor que pela calçada. Quando me aproximava da frente da Confeitaria Colombo vi um rato um pouco maior que um camundongo se deslocando no sentido contrário ao meu, costeando o meio-fio. Foi então que tive um impulso destruidor. Parei ao lado da calçada e coloquei meu pé esquerdo na posição de obstáculo apoiado no calcanhar e a planta levantada com a intenção de esmagá-lo.

Foi aí que ocorreu o fato inusitado. O rato continuou andando até parar diante de mim, bem ao alcance do meu pé e ficou sentado com a cabeça levantada como se estivesse me observando. Diante de tão insólita situação, me senti como se estivesse paralisado e concentrado no rato. Assim permanecemos não sei por quanto tempo. Ele simplesmente não se mexia. Nesse processo não lembrei mais do que pretendia fazer e minha percepção ficou uma parte sobre o rato e outra voltada para minha vida interior. Foi então que mergulhei até os confins de minha vida psíquica e pude perceber que lá nas profundidades mais recônditas existe uma “zona” de energia primordial praticamente intocada de onde podem aflorar os impulsos que do ponto de vista ético verdadeiro podem ser os mais hediondos inimagináveis.

Foi um choque terrível para mim que me imaginava ter alcançado um nível considerável de evolução.

Caso fosse possível expressar em cor, o vermelho seria a cor adequada. A energia que vivenciei é em princípio a mesma existente também nos animais, mas em si mesma ela não é boa nem má, porém no ser humano ela se torna suscetível de incorporar a violência. Nos animais ela é a responsável pela luta pela sobrevivência da espécie. Já no ser humano quando a ela se adere a violência, que é uma das variantes dos sentimentos negativos. Quando vivenciei esse fato senti subir para meu nível consciente uma sensação de raiva, não para o rato que continuava ali parado na minha frente, mas contra tudo no mundo.

Permaneci não sei quanto tempo, uma eternidade, vivenciando esse sentimento sem nada fazer para estancá-la, somente contemplando-o. Dessa forma, fui percebendo seu fenecimento lento, até desaparecer.

Logo a seguir comecei a perceber um outro sentimento que foi crescendo até tomar conta do meu ser interior, ao qual eu designaria de sentimento de compaixão que de início se dirigia ao rato e logo foi se expandindo como se envolvesse o mundo todo e em particular a humanidade. Nesse ponto do acontecimento retornei ao estado de consciência comum. Então contemplei o rato mais uma vez e afastei-me deixando livre o espaço para que ele seguisse seu caminho.

A seguir me dirigi ao Largo de São Francisco onde tomaria o bonde para a Central do Brasil, sentindo um forte sentimento de gratidão.

No tempo seguinte e pelo resto de minha vida até este momento continuei a investigar possibilidades e recursos psíquicos, ou espirituais que permitissem a aqueles que o desejassem pudessem ter acesso ao sei íntimo de uma maneira mais simples em plena consciência vigil e bem objetiva. Consegui avanços muito significativos, muitos dos quais estão expressos em meu livro Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva.

Há uma série de recursos que em função do alcance e profundidade de acesso no íntimo de outra pessoa e do manejo de forças psíquicas julguei não ser conveniente a revelação porque seria uma invasão na intimidade do outro que seria justificada em casos de extrema necessidade e com a solicitação do próprio paciente.

Eis a razão do título deste artigo, pois foi a partir desse acontecimento que resolvi investigar a constituição global do ser humano no que concerne às energias ou se quisermos às forças físicas e espirituais que participam da organização do nosso ser integral.

(Getulio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 26/02/2016

Título : Esquerda – Centro – Direita

Categoria: Artigos

Descrição: Há certos dias que sinto uma inclinação a refletir acerca do sentido das palavras.

Há certos dias que sinto uma inclinação a refletir acerca do sentido das palavras. Procuo saber o significado original e os que foram tomando no decorrer do tempo e no contexto em que são aplicadas.

Hoje dia 8 de Maio de 2014 me ocorreu refletir sobre as três palavras acima: Esquerda – Centro – Direita. A primeira coisa que me ocorreu foi a posição e o nome dos braços e suas respectivas mãos de cada lado do corpo tendo o centro o coração. Pensei, a designação de esquerda e direita não tem lógica, ou então eu é que não a descobri. Se não se basearem numa realidade serão denominações convencionais, aleitárias, pois que no universo não existe de fato.

Já em relação a em cima, embaixo, em frente e outras denominações tem uma referência. Visto que estamos sujeitos à força da gravidade e temos os pés colados sobre a superfície do planeta, aquilo que se encontra sob nossos pés está embaixo. Mas uma posição que realmente se define por si mesma é o CENTRO, insto tanto na Geometria terrena quanto na cósmica. Por exemplo, nosso sistema solar tem como centro o SOL. Na nossa Geometria temos o ponto central que é equidistante de todos os pontos que formam a periferia no círculo. Já no aspecto anatômico temos no ser humano o CORAÇÃO colocado no centro do tórax.

Extrapolando o nosso tema para Sabedoria oriental encontramos a expressão clássica “A virtude está no meio”. É como na balança que simboliza a justiça, em que o ponto de apoio dos braços se encontra no meio e os pratos devem estar com o mesmo peso em ambos, o que é constatado pela posição do ponteiro chamado “fiel da balança”, significando equilíbrio.

Desloquemo-nos agora para o campo social, em partículas à política. Que significado tem esses três vocábulos objetos destas reflexões?

Começemos a análise do que dizem as pessoas que se situam ideologicamente na chamada DIREITA. Elas dizem que são do “bem”. Tem posição definida, porém seus interesses são aqueles que garantem sua segurança, seu bem estar e somente cedem algo que seja direitos humanos forçados pela lei que em geral é conquistada pela ameaça dos não bem equivocados. Exemplo? Em todo o mundo a conquista, muitas vezes à custa do próprio sangue, dos direitos trabalhistas e outros que não se faz necessário citar. Eles amaldiçoam aqueles que agem ou falam sobre a necessidade de proporcionar aos necessitados os direitos que todo ser humano tem. Estes se situam no campo designado como ESQUERDA que para os da direita são os do “mal”.

Dia desses alguém que não se situa em posição nenhuma, mas que sabe reconhecer o que é justo e o que não o é, me disse o seguinte: quando se houve as pessoas que querem o que é bom só para si, se tem a impressão que só existe inteligência e bom senso nos que se situam na esquerda, porque somente eles reconhecem a necessidade de se proporcionar as condições que possibilitam a evolução pessoal, o verdadeiro progresso da nação e a paz social”. Dessa maneira quando alguém excomunga os da ESQUERDA porque lutam, reivindicam e conseguem fazer, como é por exemplo o caso das quotas para universidades e os direitos dos trabalhadores domésticos, estão na verdade elogiando, sem querer naturalmente, aqueles que desejam depreciar.

Agora vamos aos do CENTRO. Na verdade há pouco a dizer. É uma gente que funciona como o “fiel” da balança. Vai para o lado do prato que pesa mais. É o grupo do leilão. Simplesmente gritei: “quem dá mais?!!!... e está resolvido o problema. Deles é claro!

Retornando à polêmica das quotas para afrodescendentes, índios e estudante de escolas públicas cheguei ao entendimento de qual a classe que era contra. Ora, analisando a realidade nas classes A, B e C percebi o seguinte: a classe A que é a dos ricos nunca precisaria tomar posição contrária à concessão pois seus filhos tendo todas as melhores condições como a boa alimentação, as melhores condições de ambiente para estudar, tinham as melhores chances de ingressar na universidade e curso que desejassem. Portanto não teriam que preocupar-se com as quotas.

A classe C portanto que seria a beneficiada, seria o cúmulo da igualdade e da ignorância ser contra. Por conseguinte a não concessão desse direito aos estudantes provenientes de famílias pobres só poderia interessar aos oriundos da classe B ou seja classe media alta que assim não teriam que competir, agora com os da classe A e C.

Não conceder esse direito aos estudantes de escolas públicas convinha a eles que vêm de uma classe a quem interessava que nada fosse feito que pudesse mexer na sua acomodação. Seu pensamento é quer as coisas permanecessem como estavam, bom para eles. Os outros que se danassem! Portanto conclui, (certo ou errado?) que a classe B é maior ou única inimiga do progresso social o qual por sua vez é a principal

alavanca do progresso econômico do País, fato que os empresários mais inteligentes estão percebendo.

Data : 26/02/2016

Título : Este é o ano de 1954

Categoria: Artigos

Descrição: Este é o ano de 1954 (Sec. XX), nasci em 1901 minha profissão arquiteto meu nome... bem o nome não interessa pelo menos para o assunto que vou relatar...

Este é o ano de 1954 (Sec. XX), nasci em 1901 minha profissão arquiteto meu nome... bem o nome não interessa pelo menos para o assunto que vou relatar / nome não é nada essencial é apenas um rotulo que nada tem com a realidade do ser humano pois cada individualidade recebe um em cada nova encarnação / como vê sou reencarnacionista não por crença mas por reconhecença constatação investigação pelos meios apropriados que desenvolvi através de determinados exercícios que me proporcionaram a capacidade de investigação nesse domínio ou seja no mundo dos seres não visíveis nem audíveis com os sentidos físicos / além da arquitetura como profissão tendo interesses especiais como percebes pela filosofia e conhecimentos das doutrinas esotéricas / no momento como sabes estou interessado no pensamento do pensador indiano J. Krisnamurti que foi educado na Inglaterra e participado do grupo de estudos do qual também participou em certa ocasião há pouco tempo em falaste sobre teu interesse e investigações psicológicas sobre o medo da morte que as pessoas em geral sentem e que apesar de nunca teres sentido procuras preservar a vida porque não vêes motivos de expor-se a situações de riscos sem ser necessário / falaste também sobre a crença mais ou menos generalizada que as pessoas tem de que existe uma entidade espiritual que tem o poder de vir buscar as almas, quer dizer causar a morte das pessoas / que passou a ser representada por uma caveira vestida com uma capa e chapéus pretos portando uma ceifadeira / essa conversa contigo despertou-me o interesse de investigar se de fato existe uma entidade espiritual que pratique tais atos / como tu também já sabes existem exercícios que praticados sistematicamente permitem desenvolver a facilidade de comunicar-se com seres que existem no domínio dito mundo espiritual / mas há um detalhe que é preciso que eu cite trata-se de que nesse domínio não existe uma linguagem como a nossa de seres humanos vivos / existem três níveis de comunicação dos quais só mencionarei dois / no primeiro nível as revelações se dão de uma forma que eu só posso comparar com imagens e cores suas não imagens ne cores como nós conhecemos então é necessário poder reconhecer o que ela comunicam e posteriormente transpor para a linguagem humana / no segundo nível é de uma forma que mais se assemelharia a sons / mas nem as imagens nem os sons tem qualquer semelhança com o que nossos sentidos percebem, sobre o terceiro nível nem falarei em razão da dificuldade de encontrar uma maneira de comparar / antes de relatar o que vens a seguir devo dizer que para poder ter o máximo de segurança possível antes de

começar os exercícios de desenvolvimento é necessário que tenha desenvolvido uma segura capacidade de reconhecimento fundamental para poder saber se o nosso entendimento é verdadeiro / no dia que destinei para essa investigação me preparei adequadamente de forma que a consciência estivesse plenamente aberta e ativa, então expressei minha intenção o que queria saber / passando um lapso de tempo relativamente pequeno começam a aparecer as comunicações as quais vou tentar relatar o mais exatamente possível, “sou o anjo da morte com quem queres te comunicar / sou conhecido por vários nomes mais os verdadeiros são arrimam e também mefistofeles ou simplesmente mefisto, não existe uma entidade responsável pela morte das pessoas / não tenho o mínimo interesse por almas de falecidos / meu interesse pela alma é só enquanto ela habita um corpo de um ser humano em especial se ele é inteligente e gosta de criar e lidar com coisas mecânicas / minha participação no assunto morte é somente o seguinte como tu sabes seres constituídos só de energia ou espírito como quiseses são imortais eles não conheciam a morte e ocorreu que os humanos até determinado tempo da evolução da humanidade também não tinham consciência da morte, naturalmente eles nasciam viviam e morriam mas não havia mudança no seu estado de consciência / os deuses não sabiam como fazer para que os humanos sobre a terra tomassem consciência da morte, porque isso era fundamental para a evolução da humanidade foi então que havia um anjo numa das facções da rebelião que conhecia o segredo da morte o arrimam / assim é que com permissão do criador me deram poder para executar essa missão fazer com que os humanos tomassem consciência da morte através da mudança da consciência para / fazer isso era preciso entrar em suas almas / acontece que gostei de poder fazer isso exercer poder sobre os humanos / comecei a inspirá-los a se ligarem cada vez mais ao mundo material / eles foram gostando cada vez mais do prazer que as coisas matérias proporcionavam inclusive o prazer objetivo pelo conhecimento / como não foi posto limite para meu poder passei a desejar criar o meu próprio reino sobre a terra / para isso foi necessário exercer tal influencia que os cientistas chegassem a conceber o ser humano como uma máquina a máquina mais perfeita do mundo e divulgaram essa concepção a todos os seres humanos inclusive incluíram-se nos programas de ensino em todos os níveis / a partir daí passei a influencia-los não só a conceber mais a criar mecanismos cada vez mais perfeitos / esses objetos poderiam ser de grande utilidade para a evolução do homem livrando-o de grandes esforços físicos sobrando tempo para reflexão convívio e lazer, mas distorce o caminho e orientei-os para usos destrutivos de maneira que eles se ocupassem cada vez mais e não lhes sobrasse tempo para mais nada / agora quero revelar-te o que planejo para o futuro aquilo que era possível usar para o progresso será utilizado para uma espécie de regressão / os cientistas usarão os conhecimentos para criar utensílios e na verdade eles não serão mais cientistas serão engenheiros e tecnólogos / criarão máquinas que ainda são inimagináveis / essas máquinas cada vez mais substituirão as faculdades mentais e afirmarão que elas possuem uma “inteligencia artificial” e convencerão a todos que é desnecessário desenvolver certas habilidades mentais como pensar, raciocinar e também outras habilidades motoras tais como fazer coisas com as mãos como escrever e ainda mais como por exemplo ler textos manuscritos / essas maquininhas cada vez mais perfeitas executarão tarefas de complexidade extraordinária em que o homem não precisa nem pensar / elas serão tão sedutoras que ninguém desejará “perder tempo” para desenvolver suas potencialidades / elas se tornarão um vício do que será quase impossível se libertar ou até mesmo impossível e isso irá num crescendo incontrolável até que os seres humanos dificilmente conseguirão se desligar delas / muitos sentirão uma necessidade tão forte de tê-las junto de si até quando estão dormindo / num futuro longínquo ou até nem tanto a humanidade não saberá mais pensar então ela funciona /

será operada por uma “pessoa” comandada por mim e meus companheiros da facção / agora quero te dizer que não adiantará nada tu divulgares este relato que te faço porque não tenho o poder de mentir para ti mas ninguém acreditará em ti / como quando estas coisas estiverem acontecendo tu não estarás mais aqui então passa para uma pessoa em quem tu confies e essa pessoas que seja agora jovem e interessada nesses assuntos e se tiver condições então que divulguem todavia sei que também lá nesse tempo ninguém acreditará e isso será melhor que pode acontecer para mim e meus companheiros de facção / então chegará o tempo em que poderei criar meu reino sobre a terra toda / que te faz esta revelação é aquele que também é chamado “O Anti-Cristo”.

Aqui termina o relato que ousei o máximo de concentração e atenção para poder reproduzi-lo se me fosse possível. Não interrompi o relator que o fez a bem dizer de um folego só. Devo esclarecer que o texto não obedece nenhuma segura gramatical, foi todo escrito sem pontuação, sem acentuação das palavras, pois não sei como o relator o faria se o houvesse escrito. O fato é que ele desejava que o mesmo não fosse encontrado antes do tempo. Confio que o leitor inteligente saberá entender o seu conteúdo.

Concordar ou discordar da sua veracidade é assunto de cada um. Quanto a o que eu penso sobre isso é que pelos conhecimentos que adquiri por meios pessoais diretamente e experimentalmente e ainda mais pelo que contato diariamente, concordo plenamente com o assunto revelado.

O que o leitor pensar sobre mim não é coisa do meu interesse, mas sugiro que sobre o tema acima revelado é que ele merece sê-lo com seriedade.

Data : 01/01/1975

Título : Superconcentrações humanas residenciais e de trabalho geram neuroses

Categoria: Artigos

Descrição: Ao chegar em Passo Fundo para aqui radicar-me, residencial e profissionalmente, me senti desde logo como responsável pelo destino desta comunidade e, portanto, desejoso de contribuir com minha parcela para o progresso o solução dos seus problemas.

Superconcentrações humanas residenciais e de trabalho geram neuroses

Parte I

Justificativa

Ao chegar em Passo Fundo para aqui radicar-me, residencial e profissionalmente, me senti desde logo como responsável pelo destino desta comunidade e, portanto, desejoso de contribuir com minha parcela para o progresso e solução dos seus problemas.

Passo Fundo vive a euforia do progresso e por isso terá a tendência de enveredar pelos mesmos caminhos de outras cidades maiores caminhos que levaram a problemas hoje de difícil solução.

Sem falar no aspecto predatório que dominou a economia da região e da poluição aparentemente inevitável pelo uso de pesticidas e outros venenos utilizados na lavoura, nota-se no aspecto urbanístico uma tendência muito perigosa.

Não pretendo ser palmatória do mundo, mas penso que devo dar ao menos um alerta inicial às autoridades; e à população em geral, especialmente aqueles que têm em suas mãos o poder de realizar e que podem portanto evitar que as futuras gerações (seus filhos) recebam uma triste herança. Daí escrever sobre o tema

SUPERCONCENTRAÇÕES HUMANAS DE RESIDÊNCIA E DE TRABALHO GERAM NEUROSES

Indicações científicas

Uma das características muito significativas do ser humano é sua extraordinária capacidade de adaptação às mais diferentes situações, quer físico-ambientais quer sócio ou psico-ambientais. É tão grande esta capacidade que nós nos esquecemos quase totalmente de ao menos perguntarmo-nos, se ela tem ou não um limite.

Estamos acostumados a ver o homem adaptar-se às condições mais estranhas e inimagináveis, e esse fato nos faz talvez subconscientemente julgar tal capacidade ilimitada.

Todavia, já de saída é cometido um engano que conduz a erros já perigosos e que serão muito mais ainda no futuro para nossa sobrevivência. O primeiro engano é confundir adaptação com acomodação.

A adaptação é um processo que não contraria nada na natureza do ser humano, permitindo-lhe encontrar novas formas de comportamento, formas estas concordantes com as exigências da nova condição. Mas esta condição, frisemos, é nada, nada arbitrária, não contraria as leis internas do ser humano, nem as fisiológicas, nem as psicológicas. Ao contrário, a nova condição funciona apenas como uma estimulação que solicita do ser humano um esforço, dentro dos limites de sua natureza e capacidade, que uma vez realizado lhe permite, galgar um degrau no processo evolutivo.

Já o processo de acomodação é algo que o ser humano realiza em seu próprio prejuízo, porque é uma reação a um fator contrário à sua natureza e às leis acima indicadas.

Ora, tudo aquilo que é discordante da natureza do ser humano, é destruidor dessa mesma natureza.

A acomodação é um processo que força o organismo e a vida psicoemocional a uma tensão. E esta se muito freqüente e de muita duração e intensidade, acaba por levar o organismo — sistema nervoso em especial — a exaustão e como conseqüência, ao

chamado esgotamento nervoso e, a vida emocional a uma saturação e desequilíbrio a que denominamos neurose.

Como o sistema nervoso é a base física para o funcionamento, de nossa vida psicoemocional esta não terá condições, de realizar-se com a necessária plenitude quando saturado. Daí surgirem discrepâncias entre os estímulos e as respostas o entre as exigências da vida psicoemocional e as condições de incapacidade da base orgânico-fisiológica.

Superconcentrações humanas residenciais e de trabalho geram neuroses

Parte II

QUANDO OS SENTIDOS NÃO PERCEBEM CORRETAMENTE

As pesquisas da Psico-Física demonstraram que os sentidos têm limite de capacidade para perceber estímulos e dar respostas corretas. Além desses limites a percepção fica prejudicada e as respostas não correspondem ao estímulo.

Para os fins deste artigo podemos considerar dois aspectos:

- 1) Duração do estímulo
- 2) Intensidade do estímulo

Quando os estímulos têm grande duração acabam por levar o órgão à exaustão. Também os estímulos de menor duração, porém de grande intensidade provocam o abaixamento da capacidade de percepção.

O que acontece nas zonas de superconcentração demográfica, é uma elevação da quantidade e intensidade de ruído (estímulo auditivo, isto é, maior duração do período de ruído e maior intensidade).

A exaustão provoca distorção nas percepções, tanto de quantidade quanto de qualidade e conseqüentemente inadequação das respostas.

A superconcentração demográfica urbana pode ser de dois tipos:

- a — Permanente
- b — Temporária; ambas sempre ocasionadas pelo chamado crescimento vertical das cidades.

A permanente e a residencial. A temporária é aquela motivada pela localização dos locais de trabalho. Ela pode ser constituída por elementos fixos no local e por elementos móveis. Ambos são grandes produtores de ruído.

No interesse agora examinar as conseqüências da superconcentração demográfica urbana.

Examinemos primeiramente essas conseqüências no aspecto da infância e juventude, para depois passarmos ao adulto e à velhice.

Propomos primeiro uma pergunta: Terá a Natureza ou o Criador, criado algum; ser vivo para viver em conformidade numa gaiola, ou terá sido uma arbitrariedade do homem?

Mesmo uma planta quando submetida a confinamento, quando não recebe calor, luz, água e ar em quantidades adequadas, não se desenvolve normalmente. Isso é uma planta, que é um ser cuja energia não necessita do movimento.

O que se poderá dizer do animal, que este dotado do dom o da necessidade do movimento para desenvolver-se normalmente? Ele necessita tanto de movimentar-se! Portanto, também de espaço livre para exercitar aqueles dons inerentes à sua natureza.

Não tendo este espaço livre dotado dos elementos estimulantes idas suas forças instintivas não poderá desenvolver-se e exercer a sua função em sua plenitude. Ele será um animal degenerado.

Que diremos era relação ao ser humano? Basta pensarmos um pouco sobre o processo do desenvolvimento da criança. Começemos por examinar a importância do sentido da visão nesse processo. É sabido que daquilo que nos interiorizamos como experiências pelos sentidos, mais ou menos 83% do material nos vem através da visão. A visão desempenha um papel proeminentíssimo, portanto, no nosso desenvolvimento. Este sentido necessita de objetos naturais e artificiais, mas que devem ser reais e concretos, os quais não são substituíveis por imagens impressas (fotografias, etc.) ou projetadas (cinema, televisão), pois estas imagens apresentam só duas dimensões: altura e comprimento, sendo, portanto, planos, não satisfazendo assim o sentido da visão, nem do ponto de vista fisiológico nem do ponto de vista psicológico, pois que o sentido da visão por assim dizer se alimenta de objetos tridimensionais.

Faltando no matinal estimulante da visão, os elementos característicos reais: tridimensionalidade, cores lívidas, formas e movimento real, é como se dêssemos ao organismo uma substância sintética com características semelhantes as da substância natural porém sem o teor nutritivo. Ele não realizará um verdadeiro processo de assimilação, não estando, por conseguinte alimentado. Não se desenvolverá e entrará em degenerescência.

Superconcentrações humanas residenciais e de trabalho geram neuroses

Parte III

A CRIANÇA, O JOVEM, O ADULTO E O VELHO NUM APARTAMENTO

A vida que uma criança leva em apartamento, priva-a dos elementos essenciais ao seu desenvolvimento orgânico e emocional, porque ela aprende, especialmente até aos sete anos, através dos seus 5 sentidos e como vimos, a visão oferece 13% dos estímulos. Restam somente 17% para tato, olfato, paladar e audição. Destes 4 últimos, a audição é que fornece maior variabilidade de percepção de estímulos.

Todavia, como os estímulos da vida confinada de um apartamento de um centro urbano de crescimento vertical são de reduzida variabilidade e de alta intensidade: ruído de veículos automotores, geladeira, televisão rádio, toca-fitas e outros eletrodomésticos, todos os produtores de sons artificiais com alto poder de irritabilidade e padronizados, a riqueza de percepção será parquíssima.

Esta pobreza de variabilidade dos estímulos cria uma conseqüente pobreza interior.

Como a personalidade se estrutura sobre os elementos:

1 — Constituição orgânica

2 — Nutrição

3 — Temperamento

4 — Educação, não sendo satisfeitas as necessidades dessas 4 variáveis, o desenvolvimento e estruturação da mesma, ficarão mais ou menos prejudicados, segundo a carência desses fatores.

Proporcionar as 4 variáveis adequadamente é a responsabilidade de todos nós, especialmente das autoridades, a quem cabe orientar o processo do desenvolvimento econômico e social, através de uma legislação que regule o crescimento, que não permita que ele se dê no sentido vertical como tem ocorrido nas cidades maiores e como já está ocorrendo aqui.

Não é justificável que pelo desejo de lucros imediatos se supervalorize áreas urbanas em prejuízo da saúde orgânica e mental das futuras gerações. Serão nossos próprios filhos e netos que receberão os frutos amargos da nossa falta de bom senso e do nosso desamor.

Nossos descendentes não nos louvarão porque lhes deixamos um patrimônio com o qual ele não conseguirá readquirir a possibilidade perdida, destruída por nós, de ter bem-estar e de ser feliz. Com dinheiro nenhum eles comprarão, ou reconstruirão aquilo que nós destruímos.

Para que o 4º fator — educação — possa cumprir sua missão, é necessário proporcionar os meios adequados.

Recebido estímulos padronizados a criança interioriza material pobre e dessa forma as bases experienciais para o desenvolvimento da personalidade serão pobres e em consequência o desenvolvimento não atingirá os níveis que poderia, caso recebesse rico material de experiência.

Devemos acentuar que a riqueza não depende da quantidade, mas da qualidade e variabilidade dos estímulos. Em outras palavras; que eles sejam belos, bons e verdadeiros.

A má qualidade dos estímulos, como vimos, conduz a uma pobreza interior esta a uma personalidade mal estruturada. A personalidade mal estruturada leva a comportamentos inadequados ante os estímulos que exigem respostas. Uma vez que as respostas não correspondem a natureza real dos estímulos, aí começa verdadeira cadeia de erros que agrava cada vez mais a situação externa e interna, caracterizando por fim um situação neurótica do indivíduo e neurotizante na sociedade.

Assim é, que pela falta de condições físico-ambientais a criança vem a ser prejudicada no seu desenvolvimento.

Considerando agora o assunto do ponto de vista das necessidades da juventude, vemos que este jovem já prejudicado como criança, continua sendo-o nesta etapa de sua vida, pois se havia falta de condições físico-ambientais para a criança ter experiências adequadas a sua idade e desenvolver atividades correspondentes as suas necessidades, agora ela continua com falta de ambiente. Daí o prejuízo agravar-se, pois é muito difícil criar condições de recreação sadia para tantos jovens. E como sabemos, a juventude necessita de espaço aberto para liberar suas energias. E se estas energias receberem uma liberação orientada tomará direções que via de regra não só acentuam

o processo neurotizante, mas conduzem aos desvios dificilmente sanáveis. Daí em grande parte decorre o comportamento perturbado e perturbador da juventude.

O adulto que cresceu neste processo, só pode apresentar um comportamento que não condiz com as aspirações de bem estar do ser humano... Ele já vem demasiadamente perturbado para poder ler reações adequadas. O homem neurótico em qualquer grau, tom sua capacidade de produção diminuída. Está sujeito n uma série de problemas de origem psicológica, que acabam por; afetar sua própria organização biológica. Resulta daí além da diminuição da capacidade produtiva, um desgaste físico e econômico consideravelmente grande. Assim, o homem vive um processo, que além de ser patológico, é anti-econômico, porque ele deixa de produzir e gasta mais do que seria conveniente.

O problema da velhice é simplesmente uma continuidade da gravação do que já vinha se processando. Os velhos acabam sendo um fardo pesado e incômodo aos demais membros da família e da sociedade, já pelo processo mesmo porque passaram já pela falta de ambiente adequado a idade aneiã. Eles tornam-se nervosos, doentios, e assim alimentam o desgaste orgânico, psíquico e econômico pessoal, familiar e social.

Eis aí uma sugestão para os leitores pensarem! Para meditar, discutir e amadurecer.

Voltaremos traindo de assuntos sobre Psicologia e Educação. Os leitores que desejarem podem escrever perguntando. Oportunamente responderemos.

1975

1º artigo publicado em Passo Fundo

Do Jornal

O Nacional

Data : 01/01/1975

Título : Superconcentrações humanas residenciais e de trabalho geram neuroses

Categoria: Artigos

Descrição: Uma das características muito significativas do ser humano é sua extraordinária capacidade de adaptação de diferentes situações

Superconcentrações humanas residenciais e de trabalho geram neuroses

Justificativa

Ao chegar em Passo Fundo para aqui radicar-me, residencial e profissionalmente, me senti desde logo como responsável pelo destino desta comunidade e , portanto, desejo de contribuir com minha parcela para o progresso e a solução de seus problemas.

Passo Fundo vive a euforia do progresso e por isso terá a tendência de enveredar pelos mesmos caminhos de outras cidades maiores, caminhos que levarão a problemas hoje de difícil solução.

Sem falar no aspecto predatório que dominou a economia da região e da poluição e da população aparentemente inevitável pelo uso de pesticidas e outros venenos utilizados na lavoura, notas-se no aspecto urbanista uma tendência muito perigosa.

Não pretendo ser palmatória do mundo. Mas penso que devo dar ao menos um alerta inicial às autoridades e a população em geral, especialmente aqueles que têm em suas mãos o poder de realizar e que podem, portanto evitar que as futuras gerações (seus filhos) recebam uma triste herança. Daí escrever sobre o tema.

Indicações científicas

Uma das características muito significativas do ser humano é sua extraordinária capacidade de adaptação de diferentes situações, quer físico-ambientais, quer sócio ou psico-ambientais. É tão grande essa capacidade que nós esquecemos quase nos esquecemos de ao menos perguntarmo-nos, se ela tem ou não um limite.

Estamos acostumados a ver o homem adaptar-se às condições mais estranhas e imagináveis, e, esse fato que nos faz talvez subconscientemente, julgar tal capacidade ilimitada.

Todavia, já de saída é cometido um engano que conduz a erros já perigosos e que serão muito mais ainda no futuro para nossa sobrevivência. O primeiro engano é confundir adaptação com acomodação.

A adaptação é um processo que não contraria nada na natureza do ser humano, permitindo-lhe novas formas de comportamento, formas estas concordantes com as exigências da nova condição. Mas esta, frisemos, não é nada, nada arbitraria, não contraria as leis internas do ser humano, nem fisiológicas nem as psicológicas. Ao contrario a nova condição funciona apenas como uma estimulação que solicita do ser humano um esforço, dentro dos limites de sua natureza e capacidade, que uma vez realizado lhe permite, galgar um degrau no processo evolutivo.

Já o processo de acomodação é algo que o ser humano realiza em seu próprio prejuízo, porque é uma reação a um fator contrario a sua natureza e as leis acima indicadas.

Ora, tudo aquilo que é discordante da natureza do ser humano, é destruidor dessa mesma natureza.

A acomodação é um processo que força o organismo e a vida psicoemocional a uma tensão. E esta se muito freqüente e de muita duração e intensidade, acaba por levar o organismo- sistema nervoso em especial- a exaustão e como conseqüência ao chamado esgotamento nervoso e, a vida emocional a uma saturação e desequilíbrio a que denominamos neurose.

Como o sistema nervoso é a base física para o funcionamento de nossa vida psicoemocional, esta não terá condições de realizar-se com a necessária plenitude quando saturado. Daí surgem discrepâncias entre os estímulos e as respostas e entre as exigências e da vida psicoemocional e as condições de incapacidade da base orgânico-fisiológica.

Data : 01/01/1981

Título : Psicólogo e psiquiatra

Categoria: Artigos

Descrição: Frequentemente sou interrogado sobre a diferença entre Psicólogo e Psiquiatra. Tantas vezes me foi feita esta pergunta que hoje resolvi escrever sobre o assunto, a guisa de esclarecimento.

Psicólogo e psiquiatra

Frequentemente sou interrogado sobre a diferença entre Psicólogo e Psiquiatra. Tantas vezes me foi feita esta pergunta que hoje resolvi escrever sobre o assunto, a guisa de esclarecimento.

Em primeiro lugar o Psicólogo é um especialista, cuja formação é feita em Cursos de Psicologia. Tais cursos são de nível superior e tem a duração de 5 anos.

Quanto às áreas de ação do psicólogo são 1)Psicologia Clínica; 2) Psicologia aplicada ao trabalho (diversas funções em empresas); 3) Psicologia aplicada à educação.

Dessas três áreas, a Psicologia Clínica é a que tem mais relação com a Psiquiatria. Ambas se dedicam ao tratamento e, à cura de pessoas, portadoras de problemas nervosos.

O Psiquiatra é um médico que além do curso de medicina deve ainda fazer a especialização em psiquiatria, enquanto o Psicólogo Clínico é um psicólogo que se especializa em Psicoterapia. Ele atua exclusivamente no campo dos distúrbios emocionais ou psicológicos (estados neuróticos).

O Psiquiatra exerce sua especialidade mais concentrada nas doenças mentais (com pacientes designados como psicóticos) e utiliza medicamentos e outras técnicas, como eletroterapia, etc. Entretanto, o Psiquiatra com formação em psicoterapia, também trata pacientes portadores de neuroses.

Como profissionais, o Psicólogo Clínico e o psiquiatra têm quanto às neuroses, um campo comum de trabalho.

Em muitos estados neuróticos graves, frequentemente o Psicólogo Clínico deve se entrosar com o Psiquiatra, sempre que houver necessidade de momentâneo apoio medicamentoso.

Também o Psiquiatra tem no Psicólogo Clínico um excelente colaborador, quer seja na elaboração de diagnóstico por meio de técnicas psicométricas, quer seja como continuador do tratamento após o paciente haver superado a crise psicótica.

Essencialmente falando: o Psicólogo Clínico trabalha somente com pacientes portadores de distúrbios psicológicos e usa exclusivamente técnicas psicológicas, enquanto o Psiquiatra centraliza sua ação mais nos pacientes psicóticos (doentes mentais) e utiliza medicamentos, servindo-se secundariamente de técnicas psicoterápicas.

Caberia aqui procurar esclarecer uma idéia totalmente errônea que ainda existe: há muitas pessoas que se negam consultar um Psicólogo Clínico ou um Psiquiatra pensando que quem o faz é louco. Nada mais errado do que pensar isso! Esses dois especialistas são portadores de conhecimentos extraordinariamente úteis às pessoas são emocional e mentalmente.

Muitos pequenos problemas poderiam ser facilmente resolvidos se fossem confiados a esses dois especialistas. Evitando o agravamento da situação e sua evolução para uma neurose ou psicose.

Por rejeitar o auxílio enquanto é cedo, pode a pessoa chegar a um estado em que a solução se torna difícil e muitas vezes impossível.

Do Jornal
O Nacional

Data : 01/01/1981

Título : FALA: FATOR DE COMPLETAÇÃO DA REALIDADE

Categoria: Artigos

Descrição: Ninguém põe em dúvida a importância do poder falar, isto é, de se ter a faculdade da fala e o poder de realizá-la.

FALA: FATOR DE COMPLETAÇÃO DA REALIDADE

Ninguém põe em dúvida a importância do poder falar, isto é, de se ter a faculdade da fala e o poder de realizá-la.

A fala é a maior, e sem dúvida, a mais perfeita, forma de expressão e comunicação entre os seres humanos. É tal essa importância, que o desenvolvimento das potencialidades psíquicas como, sentimento, pensamento e raciocínio só podem ser realizados com o auxílio da fala. Uma evidência disto é a necessidade de criar um sistema de sinais gestuais (linguagem) para a educação de indivíduos privados da audição e da fala. Sem esse sistema de sinais gestuais com os quais se procura compensar a ausência da audição e da fala, seria impossível se fazer entender com tais pessoas e, portanto impraticável a comunicação de conhecimentos.

Também sem a fala, ou um sistema compensatório, torna-se impossível levar a desenvolvimento as características psíquicas, particularmente as intelectivas.

Falar é um ato tão auto-compreensível que, se não dá importância ao fato como merecedor de uma reflexão mais ou menos profunda. No entanto, a faculdade da fala e seu desenvolvimento são de tal monta, que se poderia dizer que, sem eles o mundo não estaria completo e mesmo o ser humano seria incompleto. E se consideramos que o homem e o coroamento da criação, devemos pensar que é com a realização do homem integral que o mundo (a criação) vem a ser realizado em seu todo. A fala é fator decisivo nesse processo de realização do mundo.

Nas linhas seguintes pretendo apresentar em sua forma gerando os lances do desenvolvimento do processo psicológico da completação do mundo/homem através da fala.

Tomando a questão segundo o processo genésico, tanto no referente ao desenvolvimento da humanidade (filogenético), quanto ao individual (ontogenético) podemos constatar a seguinte ordem no desenvolvimento do processo do conhecer e importância da fala no mesmo.

Vejamos o esquema abaixo, o qual indica a respeito da ordem do processo do saber (formação do conhecimento) tomada de consciência, desde sua forma mais primordial (o sensorial) até ao nível mais elevado (o reconhecer) isto é, o estabelecimento das relações entre os fatores determinantes como, causa e efeito, no âmbito das ciências inorgânicas; comportamento, nas ciências orgânicas; relações, nas ciências do espírito (Filosofia Psicologia, Sociologia, História, etc.).

1. Sensacionamento 2. Observação

Intermundo – 3. Percepção – Estermundo

4. Nominação

5. Conhecimento

6. Descrição

7. Conceituação

9. Comunicação

Vamos definir cada uma das operações:

1. Sensacionamento: ato de sensacionar algo, isto é, sentir que há algo do qual não se tem uma consciência nítida. É uma operação intrapsíquica.
2. Observação – atitude da consciência ante algo que se faz presente e desperta o interesse e a atenção. É também uma operação intrapsíquica.
3. Percepção – é entendido como percepção o ato de tomar consciência de um fato tanto do mundo exterior (exterior mundo, mundo dos sentidos), quanto do intermundo (mundo interior intrapsíquico). Também designamos como percepção o próprio fato percebido. Operação Intrapsíquica.
4. Nominação – é um ato de identificação e de dar um nome ao fato. É o primeiro momento da intervenção da fala.
5. Conhecimento – é o ato em que a inteligência compreende o fato ou o processo. É uma operação intrapsíquica.
6. Descrição – ato pelo qual se fixa o conhecimento por meio de uma verbalização, tornando possível a comunicação do conhecimento. É a segunda intervenção da fala como complemento de um processo realizado pela inteligência.
7. Reconhecimento – o reconhecimento é uma operação que se realiza no interior da mente, pela inteligência (razão), através da qual são percebidas as relações de causa e efeito, contemporâneo a relação.
8. Conceituação – é a forma de expressão verbal pela qual é fixado o saber obtido pela reconhecimento, de tal modo que todos os fatos ou processos de mesma natureza podem ser percebidos e reconhecidos como tais. É a terceira e suprema intervenção da fala na completação da realidade.
9. Comunicação – última forma de intervenção da fala na completação da realidade. É o momento em que a inteligência reconhecente antepõe a reconhecimento a outra inteligência para que ela também reconheça.

No seu processo genético, o conhecimento, o saber, se realiza segundo as etapas assinaladas no esquema anterior. São oito etapas ou momentos, mais um nono, que é a comunicação, pois que um saber não comunicado não tem função.

No primeiro momento o indivíduo sensaciona vagamente a existência de algo. A seguir é despertada na consciência a atenção e surge o interesse espontâneo (pode vir a ser voluntário mais tarde) e ela passa a observar o processo. Em seguida o processo entra na consciência com nitidez. Temos a percepção.

Após o comparecimento do processo com nitidez na consciência o indivíduo então a necessidade de identificá-lo dando-lhe um nome (nominação). É como colocar um rótulo identificatório em algo. Temos então a primeira intervenção da fala. Se o homem não fosse capaz de nominar as coisas, ele não passaria do estágio animálico. A nominação é o quarto momento do desenvolvimento do indivíduo no processo do saber, da individuação e do complemento da realidade.

A individuação ou a realificação da individualidade, a completação da realidade, se dão por meio do saber do mundo como etapa suprema, através do saber de si mesmo, ou seja, nela auto-reconhecimento.

No momento seguinte, por não se satisfazer com a nomenclatura, o homem aprofunda a observação e aplica o pensar e se eleva ao nível do saber obtido por meio do raciocínio, obtendo o conhecimento do processo. Esta é uma operação interna da função intelectual.

Tendo atingido o nível do conhecimento, realiza-se a seguinte etapa, que é a descrição do processo, quando ele é delineado em todas as suas características, formando uma imagem (representação) nítida na consciência e em condições de ser expressa em uma comunicação.

É neste momento que, completando o processo do conhecer até a este nível, se dá a segunda intervenção da falta na completação da realidade.

A maioria dos seres humanos só chega ao nível da descrição dos processos. Daí em diante um rigorosa seleção científica do pensar.

Uma vez que tem através da descrição uma imagem bem nítida do processo, o homem sente a necessidade de ir mais a fundo na compreensão do mesmo processo em particular a sua relação com o restante do mundo. Ele procura descobrir as ligações: causa e efeito, para os fatos da ciência inorgânica, para a, ciência orgânica; e relações, para as ciências do espírito. Esta etapa só é atingida por pensadores e investigadores científicos. No futuro deverá ser uma possibilidade para todos os seres humanos. E assim é necessário que o seja, porque somente por meio desta última etapa, que é o RECONHECER, que o homem pode se realizar como homem na aceitação real da palavra.

A operação do reconhecimento também é uma operação intrapsíquica e como todas as operações desse gênero, só se completa pela intervenção da fala. A reconhecença também se realifica só por meio da conceituação, que é a suprema forma da intervenção da fala no processo de obtenção do saber.

A fala é o fator que vem completar o mundo e o homem.

Devemos ainda dizer que o supremo grau do saber é aquele que diz acerca do próprio homem, é a reconhecença de si mesmo (auto-conhecimento, ou melhor, auto-reconhecença) e a suprema intervenção da fala é quando ela revela o homem a si mesmo e ao outro.

Percebemos, portanto que, a fala é o fator essencial na caracterização do homem como homem.

De tudo que foi dito, fica clara a importância da fala no processo da psicoterapia. Pois é através da fala no processo de verbalização, que o paciente revela a si mesmo e ao terapeuta os seus conflitos interiores. Daí a importância de falar, e a importância de falar experimentando o significado, a repercussão da palavra no íntimo. É absolutamente necessário falar, mas só adianta se falar com a mais nítida e profunda consciência possível.

A fala completa o mundo e completa o homem através da RECONHECENÇA e do CONCEITO.

Data : 01/01/1999

Título : Metamorfoses da luz

Categoria: Artigos

Descrição: O pensar corresponde a um feixe de luz lançado sobre os acontecimentos em nossa consciência

Metamorfoses da luz

Saindo um pouco fora dos temas psicológicos e educacionais, gostaria de fazer algumas considerações sobre o tema proposto.

Elas poderão perceber, pelo menos em parte, fantasiosas, mas mesmo não sendo totalmente verdadeiras, servirão talvez, para desafio da imaginação, se não do leitor, pelo menos da minha.

Acredito os leitores, como sabentes de certas verdades básicas da Ciência, em especial da Botânica.

Os leitores sabem ser a nossa existência biológica completamente dependente das plantas.

Dependemos delas:

- 1- no oxigênio para nossa respiração;
- 2- nos elementos básicos para a nutrição, quer nossa, quer na dos animais utilizados na nossa alimentação.

Assim sendo, as plantas produzem o 'substratum' de todos os processos de nutrição.

Então vejamos! Elas produzem:

- 1- alimentos energéticos (amido, açúcares);
- 2- alimentos lipídicos (gorduras vegetais);
- 3- proteínas (alimentos plásticos);
- 4- vitaminas; 5- sais orgânicos;
- 6- princípios ativos, usados na medicina e tantas outras coisas mais.

A substância da nossa consideração de hoje é o AMIDO.

Pois bem! Sabemos: para formar-se o amido, são necessários basicamente os seguintes fatores:

- 1- clorofila (substância de coloração verde encontradas nas folhas e nos caules novos) contida nos corpúsculos denominados cloroplastos;

2- água, absorvida pelas raízes e conduzida às folhas através do caule;

3- gás carbônico (CO₂) absorvido pelas folhas, através de aberturas pequenas: os estômatos;

4- e finalmente a Luz.

Sem a presença da luz não se processa a formação do AMIDO, pois este é gerado no processo da fotossíntese.

Sabe-se: a fotossíntese é um processo bioquímico endo-ergônico, isto é, para se realizar necessita de calor e o absorve retendo-o nas moléculas da substância sintetizada.

No caso da síntese do amido este calor necessário deve ser obrigatoriamente oriundo da luz.

É aqui, onde desejamos iniciar nossa consideração sobre a metamorfose da luz (transformação).

Ora, nós sabemos ser a molécula de AMIDO portadora de energia absorvida da luz. No processo de digestão ela é desdobrada em moléculas menores, até chegar à molécula de glicose. A glicose penetra na corrente circulatória, indo ser metabolizada e catabolizada no interior das células. Ai, finalmente a glicose é desdobrada nas substâncias originais, água e gás carbônico, libertando a energia calorífica, nela retida.

Nosso interesse começa agora.

Qual o destino, ou emprego dessa energia no ser humano? Primeiro ela é empregada na forma de calor destinado à manutenção da temperatura corporal e funções biológicas; segundo: numa forma mais sutil, podemos pensar na atuação dessa energia para servir de base aos processos afetivos (emocionais), pois sabemos ser necessária a energia provinda da glicose para manter ou aumentar a boa disposição e entusiasmo para todas as atividades.

Uma pessoa com falta de glicose no organismo sente-se desanimada, incapaz de expressar e talvez mesmo de ter sentimentos positivos.

Assim, poderíamos pensar o entusiasmo como uma forma de manifestação da luz solar transformada em energia anímica.

Em terceiro lugar, sabemos não ser possível manter um processo de pensar normal, sem a base biológica, mantida pelo calor provindo da energia da luz aprisionada na molécula do amido. Ainda mais, sem entusiasmo também é impossível manter um pensar enérgico.

Daí percebermos o ato de pensar como um processo dependente da energia da luz.

Ora, o ato de pensar, pode ser comparado com aquele de iluminar coisas e processos se desenrolantes na escuridão ou no lusco-fusco da luz crepuscular.

O pensar corresponde a um feixe de luz lançado sobre os acontecimentos em nossa consciência, seja na consciência clara, na crepuscular ou inconsciente.

Afinal, com o pensar e só com ele, nós iluminamos os fatos a se tornarem SABER.

Assim poderíamos pensar na luz solar se metamorfoseando, primeiro em energia de calor dentro da molécula de amido; segundo, sendo libertada como calor orgânico, para manter a temperatura necessária aos processos biológicos; terceiro sendo base para entusiasmo necessário para sustentar os processos anímicos, ainda como calor; quarta, se alçando ao estado de luz, mais sublime, espiritual no PENSAR.

O Nacional

Ano : 2010

Título : O ultimo Guasca

Categoria: Artigos

Descrição: Vivendo sozinho há tanto tempo, levava uma vida eremita.

O ultimo Guasca

O velho rancho de pau-a-pique, coberto de capim rabo de burro defuntava há muitos anos á beira do corredor.

Próximo, há uns cem metros um resto de capão de mato testemunhava o que fora aquela região tempos atrás. Dentro uma vertente de água cristalina e não poluída, que ali não havia arribado a invasão dessa miséria que é a soja, com seu séquito de adubos, pesticidas, herbicidas..., que cria riqueza para uns poucos e fome para outros e mais doenças para todos. Pois não é que esse diabo de negócio veio emporcalhar os nossos rios que as tais indústrias já haviam emporcalhado bastante, que nem peixes existem mais e nem um vivente pode dar umas braceadas nesses rios que é capaz de sair só com o esqueleto limpito no más... Ali era só gado e ovelha. Coisa limpa, de gente limpa.

A vertente corria e formava logo mais a diante um filete de água, que a pouca distância se transformava em uma sanguinha.

Eu disse que o rancho defuntava, porque na verdade desde que fora erguido pelo velho Juvêncio, nunca recebera reparos. Ia se desgastando aos poucos pela ação inclemente do tempo.

O tempo não poupa nada de ninguém. Assim era que o rancho e o Juvêncio iam sendo corroídos impiedosamente corroídos por ele.

O rancho não ficava nas terras do corredor, não que naqueles dias não havia ainda dessas coisas. Estava dentro dos campos da Estância da Divina Providência, que pertencerá em outras épocas a um estancieiro à moda antiga, do tempo em que se pegavam as reses a unha.

Agora na verdade era uma Estância muito moderna, mas conservava ainda o mesmo nome. De antigamente, só restava mesmo o nome, o Juvêncio e o rancho, que os novos donos deixaram, em parte por relíquia em parte por bondade. O nome, o Juvêncio e o velho rancho era uma lembrança física do passado, que eles gostavam de exhibir aos amigos como uma verdadeira peça arqueológica. Mas era uma lembrança que só

existiria enquanto o tempo permitisse. Enfim, o Tempo é o Grande Senhor da nossa pobre existência. Quando resolve que as coisas devem acabar, elas acabam e pronto Juvêncio nem a pálida sombra do guasca que fora noutra era.

Eu não preciso descrever essa figura de quando jovem, nem suas façanhas porque o leitor conhece muito bem como deve ser o mais perfeito acabado tipo do clássico gaúcho do pampa rio-grandense.

Juvêncio fora isso!

Agora, desde que a última Estância deixara de ser o que fora em tempos de antanho, Juvêncio já era a última reminiscência de um passado já desaparecido. E se Juvêncio e seu rancho eram esse último traço de um tipo de homem e de uma forma de vida cuja lembrança já se apagava na memória dos últimos remanescentes de épocas mais antigas ele mesmo já era um ser que vivia quase só de reminiscências.

Talvez pela idade avançada, pela solidão que vivia a muito tempo, o fato é que sem sua alma consciente, habitavam só as lembranças do passado mais remoto. E quanto mais antigas mais vivas elas iam se achegando em sua consciência de guasca encanecido.

Não que ele fosse caduco. Nada disso! Era de uma rapidez exatidão para lembrar os fatos, que até o mais sofisticado computador o invejaria, se computador pudesse ter inveja.

O fato é que sua mente estava sempre povoada com imagens e sentimentos relativos aos acontecimentos passados. Somente as coisas relativas as necessidades imediatas é que ocupavam sua mente como fatos do presente. O presente, é como se não existisse, além de fechar e saborear um bom palheiro, cevar o mate, fazer o fogo, botar chicolateira e esquentar a água e depois sentar-se na frente do rancho velho, saboreando o crioulo e o mate, ouvindo o mugir do gado, ou o balir de algum cordeirinho procurando a mãe, ouvindo a algazarra do passaredo se recolhendo a copa das árvores ao entardecer. Mas tudo isso era apenas como pano de fundo para o ruminar das lembranças que vinham vivas, com mais força do que as emoções produzidas por fatos reais, quando aconteceram.

Sobre o futuro, nem falar. Isso não existia. Na verdade, Juvêncio já era um ser cuja existência acontecia, por assim dizer, fora do tempo.

Às vezes ouvia o relincho de um cavalo. Parecia ser do seu último pinga. Então, sem se dar por mais aquela, saía porta a fora e ia até a beira do mato buscá-lo. Só então se dava por conta de que há muito tempo não havia mais cavalos nessas paragens, que agora as campereadas eram feitas em jipes e até numas geringonças esquisitas chamadas helicópteros, muito menos o seu alazão, que era chamado Príncipe.

Nessas ocasiões retornava ao pé do fogo sentindo saudade danada do Príncipe, que lhe dava um aperto desgranhado no peito, que quase o fazia chorar, não tivesse aprendido de piá, que homem não chora, certamente choraria. Pensava que, “talvez esse negócio de que homem não chora fosse uma grande besteira, pois porque então o homem ia sentir vontade de chorar, se não pode, mas o que fazer? Meteram-me isso na cabeça quando guri. Se pudesse chorar talvez fosse bom. Então quem sabe aliviaria essa dor maldita no peito, que aperta como mão de ferro, até estrangular a garganta.! Mas agora era tarde demais para mudar”.

O velho Juvêncio era um homem rude, sem estudo, que escola pra pobre nem se falava nesse tempo. Religião, como dizia, ele não tinha “que não era homem de chaleirar padre”.

Era cristão, não só porque fora batizado, mas porque tinha índole.

A verdade é que aquele homem rude, vivia um espírito evoluído. Juvêncio, embora homem valente, jamais tivera encrencas em sua vida. Sempre fora pessoa estimada e respeitada por todos. Foi sempre dedicado ao trabalho e a ajudar qualquer vivente necessito. Era dotado de uma profunda religiosidade natural. Aprendera de guri a amar o Cristo e os Santos por ter ouvido contar suas historias, que só falavam de bondade e coragem como se encontram nesses cueras de agora.

Oração sim, ele sabia muitas. O Pai-Nosso, a Ave Maria, o Credo e muitas outras rezas para situações de perigo ou doenças. Mas o que ele, fazia mesmo, era “charlar com Deus, em suas próprias palavras”, como costumava dizer aos amigos.

De amores, não se sabia em sua vida, que não era de ficar se pacholeando. É possível que tenha amado alguma chinoca, mas casar, nunca casou, nem teve filhos espalhados por aí “que nem filhotes de perdiz como costumava fazer muito cuera irresponsável, que quem gera um filho, se é homem que se prese, não lhe nega proteção.”

Costumava dizer quando jovem, que todos os piazitos maltratados pelo destino eram como se fossem seus filhos. Sempre que podia ajudar algum que estivesse em necessidade, não perdia a ocasião.

Vivendo sozinho há tanto tempo, levava uma vida eremita.

Aconteceu que certa manhã, quando a barra do dia despontava no horizonte e o passaredo começava a despertar, Juvêncio acordou com o dia e com o passaredo. Normalmente Juvêncio acordava com apetite, mas antes de forrar o estomago, sempre sugava uma chicolateira bem cheia de chimarrão. Naquele dia ele acordou bem mais disposto e alegre que de costume. Sentia-se leve, feliz sem saber por quê. “também não vale a pena saber o porquê da felicidade. O bom é senti-la e pronto, que esse negócio de ficar matutando no proquê das coisas é mais pra quem não pode ou não sabe sentir” pensou consigo mesmo.

Tomando seu mate, não sentiu fome. Começou a cortar um amarelinho pra fechar um crioulo, “que cigarro de papel não é coisa de gaúcho que se prese”, quando lembrou que aquele era o Dia da Paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador da humanidade. Era Sexta-Feira Santa. Então pensou, “mas vem bem o propósito que não tenho fome. Assim já aproveito e faço um jejum, que além de ser uma penitencia que purifica sua alma, faz bem pro corpo”. E se assim pensou, assim fez. Passou o dia mateando de vez em quando. Fumar, não fumou durante todo o dia, que não apeteceu.

Chegada à noite, acendeu o fogo de chão e se deixou ficar horas a fio encantado a olhar as chamas. Somente quando era necessário atiçar o fogo é que saía daquele encantamento, para logo retornar a ele novamente.

Durante essas horas começou a repassar toda sua vida, que vinha surgindo em sua consciência nos menores detalhes.

Lá pelas tantas se recostou em sua tarimba, acomodou a cabeça sobre o velho serigote e dormiu profundamente.

Sábado de Aleluia foi para Juvêncio como o dia anterior, nada quis comer. Mateou apenas durante o dia. A diferença é que sentia mais leve. Era como se seu corpo tivesse perdido peso. Como se estivesse libertando-se da força da gravidade: Sentia-se como uma pluma flutuando estava muito mais feliz que no dia anterior. Dessa forma passou o sábado de Aleluia, um dia de céu, esplendorosamente azul, e um sol de ouro puro.

Chegou a noite e com ela recomeçou o mesmo processo do dia anterior. Continuou o seu encanto na labareda do fogo de chão. Somente agora suas lembranças eram suas representações mentais. Num dado momento a luz das chamas encheu todo o ambiente do acanhado rancho, como se o próprio Sol tivesse entrado ali, e Juvêncio mergulhado naquele mar de luz, que parecia ter feito desaparecerem paredes e teto, via sua própria vida de novo ante seus olhos.

Ficou assim até que o sono o recolheu a seu velho catre. Dormiu profundo sem sonhos. De manhã estava na mesma posição em que se deitara.

“Domingo de Páscoa”. Foi a exclamação ao acordar, desta feita uma pouco mais tarde que na manhã do dia anterior. Quando acordou, já o passaredo contava em plenos pulmões, como também quisesse saudar a Ressurreição do Nosso Senhor Jesus Cristo.

“Que alegria”, exclamou. Levantou-se de seu catre sentindo-se maravilhosamente bem. Feliz. Como em todos os dias de sua vida, cumpriu o seu ritual costumeiro. Lavou o rosto na sanga. Acendeu fogo. Aqueceu água na velha chicolateira. Cevou o mate e como se fosse uma manhã quente, foi sentar-se à frente do rancho ali deixou ficar mateando até que acabou a água.

O resto do dia passou revendo e arrumando alguns pertences que possuía. Caminhou pelas redondezas. Examinou detidamente cada lugar, cada árvore mais significativa. Observou animais silvestres e pássaros, que hoje chegavam tão perto dele, que até poderia pega-los com a mão. Eles pareciam não ter o mínimo receio e até mesmo ficavam olhando para Juvêncio como se quisessem anunciar-lhe alguma boa nova.

Tudo examinado, tudo revisado, chegou o entardecer. E como nada mais houvesse a fazer, pôs água aquecer, cevou o mate com a última cevadura de erva, fechou um crioulo, com o resto de fumo que havia e foi sentar-se a frente do rancho. Sorveu todo o mate. Fumou todo o palheiro, enquanto o sol ia descambando no horizonte. Limpou a cuia e a velha bomba e colocou nos velhos “pessuelos”, junto com outras “relíquias”, que conservara consigo dos tempos de moço. Olhou demoradamente para o velho serigote e os pelegos sobre o catre. Depois dependurou o trempe num gancho na parede, atirou os “pessuelos” sobre o ombro e saiu do rancho. Fechou a porta. Deu uma volta demorada ao redor do rancho examinando detalhe por detalhe como se desejasse fixar eternamente aquela imagem: o rancho que o abrigou tanto tempo, um palanque de cerne de guajuvira onde amarrava o pingo, dois cinamomos copados que ali estavam há anos como duas testemunhas silentes. Afastou-se do rancho e cruzou a cerca de arame. Entrou na estrada poeirenta e reta que seguia na direção do sol poente. Não olhou para traz. Seguiu estrada a fora em passo lento como quem não tem pressa e sabe o tempo exato que precisa chegar aonde tem o encontro marcado.

Ao longe a estrada se inclinava numa canhada, tinha-se a impressão, a essa hora, que ela terminava, não ali naquele lugar, mas era como se desembocasse exatamente dentro do sol, que no horizonte parecia muito aumentado de tamanho e envolto a imensas labaredas.

Juvêncio caminhou lentamente e sua silhueta envolta na poeira levantada por seus pés, que de tão velho já os arrastava ao andar, parecia um boi-tá-tá, ou talvez, melhor dizendo, Sarsa ardente que apareceu para Moises, aquele que recebeu Dez Promessas que os homens chamam de Mandamentos no deserto sabe a Sarsa envolta em chamas. Nesse momento Juvêncio chegava exatamente ao ponto em que a estrada começava a descer a canhada. Parou um instante e como se a abençoar a terra elevou os dois braços ao alto, ou então, como se quisesse abraçar aquele disco de ouro em chamas à sua

frente e assim todo ele se fundiu com a poeira e com o Sol formando uma unidade esplendorosa.

Um viajante que vinha logo atrás observou esse quadro e disse-me que nesse momento teve a impressão de que o velho Juvêncio havia penetrado no próprio sol. E como estivesse perto acelerou o seu carro na tentativa de alcançá-lo, pois ficara intrigado com a impressão que tivera, mas ao chegar no ponto onde Juvêncio havia parado, não encontrou nenhum sinal do velho guasca, nem de seus pertences. Por mais que procurasse, nada pode ver. Embora o terreno em volta fosse de campo muito limpo numa grande extensão.

Contou-me o viajante que ao retornar ao seu carro, teve a nítida impressão de ouvir uma canção que em coro dava as Boas-Vindas a Juvêncio e que parecia vir da direção do sol.

O viajante não podia lembrar exatamente das palavras, mas elas diziam mais ou menos isto:

“Nós te saudamos, ó velho Juvêncio,
Gaúcho taura, último da honrada estirpe
Que o pampa antigo habitou.
Nós te acolhemos em nosso seio
Com honras e com amor.
Tu soubeste honrar
O santo nome Gaúcho
Que dos antepassados herdou.

Recebe nossas Boas-Vindas
E vai te achegando, irmão.
Senta aqui nesta roda
Entre os que são teus iguais.
Logo virá o mate, que é seiva,
Que é vida, e que é nossa comunhão”

Em voz tonitroante
Disse-lhe o Pai-Grande do Céu:

“Tu és Juvêncio, meu último filho guasca
Há quem muito amei.
Eu tenho para sempre resgatado,
Tu, que sempre soubeste

Com tamanha dedicação
Cumprir tua tarefa
E dar testemunho da MINHA LEI,
Senta-se, pois, aqui ao Meu Lado!

Ano : 2010

Título : O Suicídio coletivo que salvou a humanidade

Categoria: Artigos

Descrição: Estamos no ano de 2023. Agora é o mês de janeiro. Os aparelhos de videocomunicação trazem uma noticia que agita a humanidade: REUNIÃO DOS GOVERNANTES DOS PAISES SUPERDESENVOLVIDOS.

O Suicídio coletivo que salvou a humanidade

Estamos no ano de 2023. Agora é o mês de janeiro. Os aparelhos de videocomunicação trazem uma noticia que agita a humanidade: REUNIÃO DOS GOVERNANTES DOS PAISES SUPERDESENVOLVIDOS.

Mas por que estes senhores resolveram reunir-se? Nem o motivo foi revelado, muito menos os temas a serem tratados. Tudo é segredo, pelo menos assim pensam os promotores e organizadores do conclave.

Esqueceram-se, no entanto, ou melhor, talvez não soubessem que um grupo de homens de todas as nacionalidades vinha desenvolvendo intensas pesquisas relativas ao desenvolvimento da consciência. Tais estudos já permitiam investigações sobre quaisquer acontecimentos sociais após 72 horas de sua ocorrência. E foi por meio desses recursos que ficamos sabendo do assunto que levará os presidentes e seus ministros a essa reunião.

A grande preocupação daqueles senhores era o fato assaz curioso. Não entendiam como poderia ter acontecido e era necessário que tomassem providencia imediatas. Caso contrario não poderiam continuar executando seus planos secretos.

Na verdade esses planos eram uma coisa muito obscura que eles mesmos não saberiam explicar as razões, mas de qualquer eram fiéis executores.

Aliás, isso não é nenhuma novidade, pois os governos dos países seguem orientações cujas origens mais profundas eles desconhecem. Também isso é verdade para a maioria dos homens. Eles desconhecem os motivos profundos do seu agir. Os homens em sua maioria são quase autômatos programados psiquicamente.

O fato é que os SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES dos ditos países constataram assombrados, ao verificarem os registros civis, que há 5 anos não ocorreria nenhum nascimento em parte alguma do mundo, dito civilizado.

O leitor se perguntará por que este fato teria provocado tanta apreensão nos governos dos países superdesenvolvidos. E por que tanto tempo para levarem tanto tempo para tomar providencias?

É que a principio os homens dos Sis imaginaram que talvez fosse por causa de um fenômeno atmosférico até então desconhecido e ordenaram aos seus cientistas que investigassem nesse sentido. Como ao cabo de quatro anos de investigação científica não houvessem encontrado nenhuma explicação, os governos resolveram tratar do assunto do ponto de vista da política transnacional e no que interessava aos objetivos por eles perseguidos.

Acontecem coisas estranhas nesta humanidade!

Há alguns anos antes, lá por 1920, circulou uma noticia que haveria um plano elaborado por um grupo de homens, os quais pretendiam dominar o mundo. Pouca gente deu importância a isso. Os poucos tomaram conhecimento desse plano nos anos que antecederam esta crônica notaram uma imensa coincidência entre estes supostos planos e os acontecimentos sociais.

Mas qual o interesse em dominar o mundo? Afinal se o tal plano fora de fato elaborado por alguém esse ou esses já não existiriam mais, já teriam virado comida dos vermes ou das traças. Porém havia um fato atual. Os governos estiveram reunidos e discutiram suas preocupações em não poderem levar à execução os planos, que haviam recebido. Mas recebido de quem? Era uma coisa curiosa. Eles mesmos não sabiam em sua consciência dizer de onde vinham as instruções. Era uma coisa assim de repente os Ministros da Defesa, do Planejamento, da Educação, das Comunicações, da Justiça, etc. estavam reunidos discutindo essas idéias, elaborando novos planos neste sentido. Parecia estarem sendo induzidos por sugestão hipnótica. Mas quando se tratava dos assuntos mais secretos, das diretrizes básicas serem reelaboradas, só os Super tomavam parte como era o caso de agora.

A preocupação central discutida na ultima reunião dos Super era perigo de não conseguirem manter o processo que até então vinham mantendo.

Alguns dos aspectos do plano poderiam ser levados a diante por mais alguns anos, até que todos fossem ficando velhos e morressem. Mas chegaria um tempo em que tudo teria que terminar.

A morte das pessoas em si não era o que os preocupava. Parece que o grande problema era não ter jovens para morrer. A morte das pessoas velhas não horrorizava. Era essa a preocupação dos senhores: que não houvesse jovens para permitir o sacrifício. Mas por que queriam jovens para morrer? Nada horrorizava mais que a morte jovem.

Lembro-me de uma passagem do Fausto de Goethe em que Mefistófelis dialoga com o senhor, no prólogo no céu. O senhor referindo-se a Fausto:

Senhor- Enquanto ele viver na vida terrena não te é proibido experimentá-lo. Está sujeito a errar enquanto luta O Homem.

Mefistófelis- Agradeço-vos, pois nunca soube haver-me com mortos. O meu gosto. São rubicundas e sadias faces. Cadáveres não quero: faço o mesmo que o gato com o rato.

Pois é tinham o mesmo gosto de Mefistófelis, esses senhores. E eles estavam assustados ante a perspectiva de não terem jovens rubicundas faces para o macabro sacrifício.

A humanidade boa já estava cansada do hediondo sacrifício.

Um dia na Assembléia dos sábios pesquisadores da vida de espírito alguém falou meio só por falar, sem acreditar que aquela frase poderia tomar tal sentido e proporção:... E se todas as mulheres do mundo, cansadas de conceber, gestar, amamentar, criar, educar com desvelo e amor para depois seus filhos servissem a fins tão bestiais, se elas se negassem a conceber? Será que isso não seria um meio eficaz para por fim a esse absurdo de guerras e mais guerras? Por que criar filhos com tanto carinho e amor e depois vê-los sendo sacrificados? Por que tanto esforço, tanto trabalho para depois tudo ser destruído junto com tão amadas criaturas? Não é um horror que 80% do trabalho humano seja destinado, direta ou indiretamente para fins destrutivos?

O fato é que essa frase dita assim sem maiores intenções penetrou em muitos corações e foi sendo passada de boca em boca para o ouvido e daí para o coração e para a razão de todas as mulheres do mundo. E o mundo inundou-se desse pensamento-sentimento.

E aconteceu para o desespero dos chefes de Estados, que todas as mulheres do mundo se negaram a conceber.

Os Presidentes e seus Ministros ficaram tão desesperados por não terem como executar seus planos que resolveram suicidar-se coletivamente.

Agiram como escorpiões quando atacados pelo fogo. E a partir de agora reinará a paz, o verdadeiro progresso da humanidade poderá acontecer, a Terra será transformada em um imenso jardim e nos homens serão felizes.

Data : 01/01/2010

Título : Um lugar no coração e um lugar na cidade

Categoria: Artigos

Descrição: Eu acredito que se as nossas crianças ainda não têm nada para elas, além das ruas perigosas e da televisão.

Um lugar no coração e um lugar na cidade

Há alguns dias li no jornal que um menino teve seu carrinho de lomba apreendido por um policial do trânsito.

Certo! O policial tinha que fazer isso mesmo, tanto para proteger o menino como as pessoas que andam na calçada. Não está certo ser atropelado por um carrinho de lomba. Calçada não foi feita para qualquer tipo de carro a não ser carrinho de bebê. Mas a rua também não foi feita para criança brincar. Rua hoje é para carros automotores.

Tudo certo! Mas a questão não é essa. A questão é: onde está o local onde a criança possa brincar?

Existe algum local planejado pelo menos para as crianças confinadas do centro da cidade? Se não existe, qual a atitude que deve ser tomada? A quem compete tomar o encargo de criar condições para que as crianças possam ter uma vida com um mínimo de normalidade?

Há meses atrás, escrevemos, neste jornal, uma série de artigos analisando as conseqüências funestas para a saúde física, emocional e mental das pessoas no futuro. Foram colocadas essas conseqüências sob o título: Superconcentrações habitacionais e de trabalho geram neurose. Não esgotamos ali o assunto de forma alguma, mas apontamos os perigos na esperança e na confiança que temos na capacidade dos homens e mulheres, dos pais e mães que vivem nesta cidade; sim, na capacidade de entendimento e de iniciativa que caracteriza homens e mulheres os responsáveis sensíveis e inteligentes de nossa cidade.

Eu acredito que se as nossas crianças ainda não têm nada para elas, além das ruas perigosas e da televisão com seus programas ridiculamente pobres, só pode ser por que ainda não estamos plenamente conscientes das necessidades das crianças e dos jovens, mas nunca por descaso ou desamor.

Fica, aqui, lançado um desafio ao povo, aos homens que dirigem a vida econômica, aos que orientam a vida política e cultural.

Nossos filhos merecem ou não, mais do que ruas perigosas feitas para a circulação de uma riqueza que esmaga e oprime os homens de amanhã?

7.1

Data : 01/01/2010

Título : A incomunicabilidade na era da comunicação

Categoria: Artigos

Descrição: Há uns 4 anos contaram-me uma anedota, que bem pode levar-nos a uma reflexão.

A incomunicabilidade na era da comunicação

Há uns 4 anos contaram-me uma anedota, que bem pode levar-nos a uma reflexão. Ao término da guerra de 1914-1918, um grupo de oficiais de dois países aliados envolvidos em conflito participavam de uma reunião. Nos intervalos dos assuntos militares e políticos, os oficiais de uma das nações deliciam-se falando das comidas gostosas, iguarias...

Num dado momento um oficial da outra nação explodiu: “Também vocês só sabem falar de comidas!” O outro o retrucou: “E vocês de que falam?”

Nós- disse o oficial que explodiu- nós falamos de cultura.

Perdão!- disse o segundo- cada um fala daquilo que mais lhe faz falta.

Pois parece ser mesmo! Hoje quando tanta se fala em comunicação e se teorisa sobre esse tema, é exatamente quando menos comunicabilidade existe.

Os teóricos da comunicação esqueceram-se de levar em conta em suas análises, o aspecto psico-afetivo profundo do processo.

A superficialidade e minuciosidade com que o tema vem sendo tratado são assombrosas. Têm esmiuçado o assunto de tal forma que nos leva a pensar num estado neurótico obsessivo compulsivo.

Tem sido esquecido o essencial na questão da comunicação e levado em conta só o seu aspecto exterior, mecânico: transmissor-receptor, isto é, alguém que por qualquer forma exterioriza e outro que recebe o impacto. É uma típica linguagem tecnológica, de telecomunicação.

A comunicação deve levar em conta os aspectos: 1) nível de consciência vivencial de quem exterioriza; 2) nível de conscientização mental de quem percebe a mensagem.

É portanto, necessário levar em conta os fatores cognitivos e afetivos das pessoas que participam do processo.

Dentro de uma educação e convivência em que a maior parte dos relacionamentos, ou melhor, contatos, não ultrapassam o nível verbalístico, em gestos e palavras tem significado meramente convencional, em que aquele que fala não diz o que esta sentindo e mesmo o que intenciona e o ouvinte não ultrapassa o nível da imagem emitida e vem ao encontro desta cobrindo-a com seu subjetivismo, realizando uma interpretação à sua moda, pode-se falar em comunicação?

O que existe de fato é um bombardeamento constante de nossos sentidos com ditas mensagens. E como o conteúdo oculto delas é, em geral, inconfessável e indesejável, o receptor talvez inconscientemente, como mecanismo de defesa, nega-se a ultrapassar o aspecto aparente, com medo de topar com a feia realidade. Usa a estratégia de avestruz: põe a cabeça em um buraco e deixa o corpo exposto ao perigo.

No caso do homem, ele nega-se à análise consciente e expõe seu inconsciente ao bombardeio psicológico.

Para haver comunicação verdadeira é necessário:

- 1) Consciência do que se quer comunicar;
- 2) que a expressão corresponda a intenção;
- 3) que o percebente esteja empenhado a perceber objetivamente o que está exposto;
- 4) que evite projetar o seu próprio conteúdo inconsciente;
- 5) que forme em sua consciência

uma imagem correspondente ao seu conteúdo, existente na consciência do comunicador; 6) que seja possível haver para o recebente um sentido real da coisa que se quer comunicar.

Em uma forma mais simples: comunicador e recebente devem ambos, ter consciência o mesmo conteúdo, a mesma ideia e estes devem ser plenos de sentido e ainda serem vivenciados com a máxima plenitude possível. O pensar deles deve ser COMO UM único pensar.

Todos os aspectos acima citados são necessários para que se possa falar de comunicação e que esta signifique um processo humano humanizador, nas relações interpessoais.

Não se dando assim, a própria natureza humana vem a ser frustrada e a neurotização tem lugar como acontecimento inexorável e trágico.

Um dos fatores, talvez o mais importante, da atual crise existencial e da neurotização, é exatamente a INCOMUNICABILIDADE, essa impermeabilidade psíquica, tanto de si para si, como de si para o outro.

Urge que cada homem que se considera responsável faça uma profunda reflexão sobre o tema, se não quer ser uma promotor inconsciente do cóis que se agiganta.

Data : 01/01/2010

Título : Feminismo! O despertar da consciência da mulher

Categoria: Artigos

Descrição: “A questão feminina não é algo a ser discutido em quaisquer rodas

Feminismo! O despertar da consciência da mulher

No início deste século, o talvez maior sábio que a humanidade já conheceu disse sobre a questão feminina. “A questão feminina não é algo a ser discutido em quaisquer rodas. Ela será resolvida pelas próprias mulheres que reconhecerão e demonstrarão do que a mulher é capaz”. Foram mais ou menos essas as palavras do sábio Rudolf Steiner.

A mim me parece exatamente isso. Porém, eu acrescento, seria saudável se o homem não prejudicasse, não opusesse impedimentos a esse despertar e crescer da mulher. Na verdade não precisa fazer nada. É só deixá-la agir, trabalhar. É o mesmo que o Brasil. No dia em que estivermos livres dos usurpadores, cresceremos naturalmente, porque a lei natural é o desenvolvimento, desde que ninguém atrapalhe.

Há, no entanto questões a serem consideradas nesse processo do despertar de consciência da mulher. Em primeiro lugar é que em como todo movimento social quando ele toma corpo há uma tendência a radicalizar, ir para o extremo oposto. É um natural oscilar, como o pendulo pela força da inércia. É, portanto nada peculiar do movimento de libertação feminino de libertação.

Outra questão é que na pressa e na necessidade não houve tempo de dar movimento, criar as características próprias do sexo feminino. Então foram adotados os padrões de comportamento masculino. Ora, o homem consciente ou inconscientemente, criou um padrão social de dominação e opressão que recaiu avassaladoramente sobre a mulher. Esta submetida a esse processo internalizou a ideologia machista e sem ter outra alternativa, passou a reproduzi-la na educação familiar primeiramente e escolar mais tarde. A sim veio a ser a matriz reprodutora da dita ideologia machista.

A estas alturas dos acontecimentos já é chegada a hora do movimento de libertação feminina fazer uma pausa para reavaliar os “princípios” que vem norteando-o.

O movimento de libertação de consciência da mulher deve ser reconhecido como absolutamente justo e necessário. E ainda mais como algo que deve somar-se e homogeneizar-se como o movimento mundial de libertação de consciência de toda a humanidade, portanto sem discriminações.

Penso não ser adequado criar uma ideologia feminista em oposição à ideologia machista. É também preciso reconhecer que todo movimento de libertação deve ser dirigido em favor dos seres humanos, no sentido de ajudar a cada um no despertar e criou forças interiores capazes de sustentarem atitudes que evidenciem liberdade, considerando-se liberto aquele que age conscientemente e sem determinações inconscientes.

No processo de despertar da consciência da mulher deve ser levado em conta de que ela como todo o ser humano tem seu psiquismo formado por impressões já milenares. Estas impressões formam o conteúdo motivador do ser humano em regra geral. Daí que o comportamento humano é determinado por fatores inconscientes. Estes fatores devem ser conscientizados para que não determinem um comportamento cego e contraditório. É importante frisar que não é adequado agir meramente como rebeldia contra o status quo (estado de coisas) existente. É necessário compreender os subgerundos da alma humana para harmonizar.

Em psicoterapia entendem que a solução vem somente após a compreensão do processo conflitivo. A mera rebeldia, negação, repressão ou agressão do ego ou superego contra o inconsciente só leva a aumento de tensão e desagregação da personalidade. Socialmente a rebelião, negação ou repressão conduzem ao estado de tensão social e a ruptura dos padrões de modo desordenado, produzindo o caos social.

No caso da libertação da mulher entende-se que nem sempre é possível na pratica muitas vezes que as coisas não aconteçam de forma um tanto violenta como também ocorre no aspecto social, nem sempre se pode evitar a reação violenta. Porém o desejável é que isso ocorra no mínimo possível. Daí que muitos exageros aconteçam é compreensível.

Um dos aspectos significativos no comportamento da mulher nesse processo é a questão da liberação com relação à vida sexual.

Ora não se pode pensar apenas em liberação. O que precisa acontecer é libertação. E libertação não é algo que possa acontecer nesse ou naquele aspecto. É um processo total. Toda a personalidade deve ser libertada. E para isso é necessário muito mais do que uma decisão voluntaria ao, adesão ao modismo, porque seguir algo porque esta na moda é pura submissão é massificação do ser humano. É exatamente o contrario daquilo que se pretende: a individualização. Individualização é processo de amadurecimento e crescimento, no qual cada ser humano vem a ser único singular. Para isso é necessário que se liberte do condicionamentos impostos ou mesmo auto-impostos.

A individualização é o processo de torna-se único. Uma personalidade livre de determinismos inconscientes e de influências esotéricas.

Liberdade sexual sem liberdade psíquica não existe. É pura fantasia. E a pessoa precisa chegar a ser livre em todos os aspectos, inclusive com relação ao sexo. Porém o ato só se torna livre quando plenamente consciente. Então não gera conflitos, arrependimento não deixa resíduo.

O comportamento sexual feminino mais do que o masculino foi determinado por ideia completamente absurdas porque se ignorou as exigências da vida sexual tanto no referente a fisiologia, quanto ou mais no que diz respeito a afetividade. Foi estabelecido um padrão comportamental de forma dogmática.

Agora é preciso que neste aspecto como nos demais que a mulher medite seriamente sobre que caminho tomar: seguir a moda cegamente ou esclarecer-se sobre sua natureza e a poder daí agir conscientemente, de tal maneira que seus atos sejam éticos ou individuais.

Data : 01/01/2010

Título : Neurose: uma crise de esvaziamento cultural

Categoria: Artigos

Descrição: Abordar o tema neurose sob este ângulo é quase uma temeridade

Neurose: uma crise de esvaziamento cultural

Abordar o tema neurose sob este ângulo é quase uma temeridade, na época atual. É época em que o materialismo prático alcançou níveis inacreditáveis de tão profundos e extensos e quando a concepção de espiritual também chegou a um insuportável nível de mistificação, confusão e descrédito.

Como profissional da Psicoterapia, que trata das neuroses, se está sujeito a ser mal entendido e taxado como místico quando se fala do espiritual e assim perder o crédito das pessoas que têm uma mente enraizada no materialismo e ser colocado, numa posição indevida pelos que se dizem espiritualistas.

No entanto, cumprindo um ditame da consciência: ética (moral) somos impelidos a tratar do assunto e correr o risco de ser mal entendidos. Em todo caso, é melhor correr esse risco do que ser uma consciência omissa (inconsciência).

Deve ser dita uma verdade: O homem não consegue viver sem fé. Não me refiro a uma fé cega, a uma crença: dogmática, embora até certo ponto esta possa ser para muitos, motivação suficiente.

Mas quando se esgotam as possibilidades do crer, é necessário que surja em seu: lugar, um saber, mas; um saber que tem suas raízes no Transcendente e este Transcendente precisa ser uma vivência autêntica.

Quando o homem acredita que sua vida tem um valor transcendental, mesmo que ele não creia em Deus, ainda, assim ele acredita ser sua vida, necessária e útil. Ele tira do fato de pensar, a força com a qual justifica sua existência, o que lhe dá força de viver.

O esvaziamento espiritual da humanidade se deu não porque o homem deixasse de acreditar em Deus, deuses ou espíritos. Ele deixou de ter fé porque a crença se esvaziou.

O crer ou não crerem Deus, em deuses, em espíritos, em um mundo invisível não é bastante e suficiente para justificar a vida, porque essas representações são abstratas, sem força real e realificadora.

A crise surgiu do fato de o homem perder ou não ter conquistado a confiança no PENSAR, esse órgão de perceber. interno, pois que o Pensar e o espírito e o espiritual no homem. Logo, não tendo adquirido a confiança na força, no Poder de Pensar e sendo o Pensar a força nuclear, o cerne do homem, o homem perdeu a confiança em si mesmo:

E não podendo mais confiar em Deus, que a esta altura é: algo abstrato, irreal, sem conteúdo, sem substância, perde assim o rumo e o élan de viver. i Dessa forma esse homem se torna um ser sem núcleo, um ser contraditório, confuso, numa palavra NEUROTICO.

A crença, por ter perdido ser conteúdo, sua força, ou melhor, porque a alma não pode mais crer, deixou de ser única força, motivadora de vida. Por isso deve surgir algo no seu lugar. Não necessariamente para todos, mas para aqueles cuja vacilação se tornou grave, a Psicoterapia (atividade da Psicologia Clínica) vem a ser, nesse sentido a porta e o caminho para levar o homem ao encontro com sua realidade interior transcendente. Digo transcendente, porque o interior do homem não é formado somente pelos complexos.

A Psicoterapia é atualmente o instrumento adequado para levar o homem, ou melhor, para o homem levar seja ao encontro consigo mesmo, com sua origem que é a força do PENSAR cósmico existente em cada um de nós como uma semente que deve ser germinada e cultivada.

A Psicoterapia é o instrumento que confere os meios para o homem libertar-se da neurose e melhor ainda, para evitá-la.

Data : 01/01/2010

Título : O menor abandonado, ainda uma vez

Categoria: Artigos

Descrição: No entanto o problema menor abandonado tem sido tratado com a mesma superficialidade com que são tratados outros problemas.

O menor abandonado, ainda uma vez

O tema tem sido tratado por muita gente boa. Muita coisa de prático já tem sido feita. Muitos especialistas de todas as áreas têm dado valiosa contribuição para compreender e tentar resolver esse angustiante problema que se agiganta a cada dia que passa.

No entanto o problema menor abandonado tem sido tratado com a mesma superficialidade com que são tratados outros problemas.

Existe entre nós, brasileiros, uma verdadeira fobia pela análise profunda, seja do que for. Somos superficiais em tudo e pretendemos solucionar os problemas em medidas paliativas. Agimos como morcegos hematófagos: sugamos o sangue depois sopramos na ferida para aliviar e vítima não sentir.

Temos como povo, até certo ponto, um pensamento mágico, coisa normal com crianças até 7 anos de idade.

Não nego que medidas paliativas podem ser úteis e até mesmo necessárias, mas jamais serão a solução.

É necessário que se faça uma análise corajosa e profunda das verdadeiras causas, mesmo que essa análise seja demorada e penosa.

Temos que partir do princípio, que nenhum problema será resolvido antes que seja compreendido em toda sua extensão e profundidade. Esse problema não exclusivamente do governo, como a criminalidade não é uma problema da polícia.

O menor abandonado é antes de tudo um problema de consciência. De consciência de quem gera filhos com menos responsabilidade do que os irracionais, pois eles só deixam de proteger seus filhos depois que estes têm condições de defesa e sobrevivência; de quem acumula bens materiais tirando o pão da boca de seu semelhante.

Infelizmente enganamos a nós mesmos e aos outros com campanhas de Natal! Como se isso tivesse o poder de abafar a nossa própria consciência e ludibriar para sempre aqueles a quem impedimos de serem homens.

O homem não precisa receber esmolas de ninguém! Basta que não lhe tire o que ele mesmo pode produzir, exceção feita a todos os indivíduos deficientes físicos, deficientes mentais e alienados.

Infortunadamente somos um povo com duas mentalidades: de senhor de escravos e de escravos que tudo esperam de beneplácito do senhor.

Somos um povo de costumes paternalistas. Haja vista que nenhuma modificação social que partiu do povo. Todas desde o início até hoje, partiram das elites, que sempre as adaptaram às suas conveniências.

Somos um povo sem cultura, onde o analfabetismo é um fato assustador. E assim tem que ser e será, enquanto o índice de deficientes mentais atingir cifras como hoje.

Até hoje no Brasil se tem feito uma assistência social de algibeira, isto é, dando esmolas para os mendigos.

Depois que alguém desceu tanto nada pode ser feito de substancial em seu favor.

É necessário que se faça em todas as comunidades, uma extra-ordinária comunhão de esforços junto com o governo, no sentido de compreender e erradicar as causas.

Temos que evitar que nasçam crianças cujos pais não tenham ao menos a capacidade dos irracionais.

É necessário que se esclareçam homens e mulheres, maduros ou jovens, da responsabilidade do ato procriador.

É preciso também que eles saibam que a prática de gerar filhos e entregá-los aos outros na maioria das vezes desconhecidos, acaba por minar e deteriorar os sentimentos morais, conduzindo à insensibilidade e irresponsabilidade maior.

O impulso sexual é uma força inegável e até mesmo incontrolável, mas é necessário que se tenha senso de responsabilidade.

Tenho ouvido em outras cidades, como Porto Alegre, por exemplo, comentários de gozação sobre a facilidade com que se consegue crianças para adotar, aqui em Passo Fundo, fato que em outros locais se reveste de inúmeras formalidades legais.

Será esta uma boa imagem de nossa cidade? Fica a pergunta para nossa população nesses dias que se avizinham da data de nascimento daquele que veio para salvar o mundo.

O menor abandonado não é o problema. O problema são aqueles que nada fazem para evitar isto e mais aqueles que contribuem para aumentar a miséria material e moral dos seus semelhantes.

Aço extremamente humano e meritório adotar crianças sem pais. Mas esta prática não deixa de ter conseqüências nefastas do ponto de vista psicológico, quando os pais são vivos e rejeitam a paternidade e maternidade, pois sabemos do sobejo que toda a criança rejeitada por seus pais sempre apresentara problemas.

Rejeitar filhos é um ato afetivo bárbaro e mau, capaz de penetrar na vida psíquica da criança mesmo inconscientemente, gerando sérios distúrbios da vida afetiva e, por conseguinte de comportamento.

Longe de mim querer pregar moral, mas o que me preocupa são as conseqüências psicológicas e sociais causadas pela rejeição dos filhos pelos pais.

Nada no mundo compensara a ausência do amor dos pais!

Mil vezes pior que o desquite, que o divórcio, que a separação dos pais é ser rejeitado por eles, pois que, separados, divorciados ou desquitados, os pais podem ainda amar, amparar, proteger e oferecer segurança material e afetiva a seus filhos. Já os pais, senhores muitas vezes respeitáveis ou mães desprotegidas, assustadas, renegadas pela família e pela sociedade, quando não assumem: afetiva, moral e materialmente a proteção dos filhos, criam a situação trágica do menor abandonado, futuro delinqüente, que como uma goela de lobo acabará por nos devorar.

Data : 01/01/2010

Título : Educação para competição ou para competência?

Categoria: Artigos

Descrição: tu devias ser como teu irmão! Ele é mais moço do que tu e já esta em tal série e tu estas estragado!

Educação para competição ou para competência?

É um hábito já muito velho esse de procurar obter maior rendimento na escola, “melhor” comportamento da criança comparando-a com outras crianças estimulando-as a serem “melhores”, mais espertas que as outras.

Quase todos os pais que tem mais de um filho, usam esse recurso como estimulação. Diante do baixo rendimento escolar, pode uma criança, por exemplo, eles dizem: tu devias ser como teu irmão! Ele é mais moço do que tu e já está em tal série e tu estás estragado!

As vezes essa frase produz efeitos. A criança faz um esforço muito grande e melhora quase sempre sem conseguir suplantar ou alcançar o irmão mais moço, que é citado pelos pais como “o exemplo”.

Apesar dessa melhora, os pais não sabem o mal que podem estar fazendo, não só para a criança que apresenta as dificuldades, mas também para seu irmão.

Esse tipo de estimulação, geralmente cria problemas. Ele leva a criança com dificuldades, a se colocar como um competidor do irmão. Se ele conseguisse superar o irmão criaria um sentimento de “superioridade” desnecessário. Não conseguindo criaria sentimento de inferioridade muito prejudicial, que pode afetar, dando-lhe o sentimento de desvalorização perante os pais. Ela ficará deprimida e piorará o seu relacionamento com os pais e com o irmão.

Esse sentimento frustrante de incapacidade e fracasso, geralmente o torna um tímido e ao mesmo tempo um revoltado.

Os pais não sabem muitas vezes que cada criança tem seu ritmo e modo próprio de aprender.

Outras vezes a criança tem mesmo a dificuldade em aprender. Esta pode ser por alguma insuficiência física ou emocional.

Em ambos os casos se obtém resultados adequados por meio de uma orientação ou reorientação dos pais. Outras vezes ainda é necessário um atendimento psicológico ou médico.

Em todos os casos de problema de comportamento ou aprendizagem é conveniente procurar o orientador educacional da escola, o qual deverá encaminhar a um psicólogo quando houver.

Data : 01/01/2010

Título : Higiene mental: uma necessidade da vida moderna

Categoria: Artigos

Descrição: Porque as condições complexas da vida moderna põem a ser humanas diante de muitíssimas exigências...?

Higiene mental: uma necessidade da vida moderna

Para termos uma idéia da evolução do problema, diremos somente que o homem primitivo enquanto vivia em estado selvagem e tinha hábito nômade de vida, nem podia sequer sonhar as necessidades que teriam seus descendentes.

Com o passar do tempo as condições de vida foram mudando os grupos humanos foram se fixando em determinados locais. Então aos poucos foram constatando a necessidade de organizar recursos para evitar que os detritos se acumulassem e viessem assim colocar em risco a saúde da população. Surgiram assim, as instalações sanitárias.

Foi necessário ainda mais: formação de hábitos de higiene, tais como nós os conhecemos hoje. Todos sabem uma porção de regras e nos acostumamos a executá-las todos os dias. Sabemos que se não formarmos esses bons hábitos, estaremos ameaçando a nossa saúde a e dos outros.

Mas ainda antes que todos soubessem o que e quanto precisam saber de higiene física e pudessem ter condições de higiene com é necessário, surge uma nova e enorme necessidade, tão necessária e tão grande quanto difícil de satisfazer: Aprender, Ensinar e Realizar Higiene Mental.

Por que é necessário isso? Porque as condições complexas da vida moderna põem a ser humanas diante de muitíssimas exigências e da necessidade de dar respostas adequadas as mesmas, sob pena de colocar em risco a sua própria saúde mental e emocional e a daqueles com quem convive.

Daí a necessidade de as comunidades se organizarem, criarem condições melhores e proteção da saúde emocional e mental. Essas condições têm que ser bem melhores do que as já alcançadas para proteção da saúde do corpo.

As comunidades terão de lançar mãos de todos os recursos materiais e humanos se não quiserem mergulhar cada vez mais no processo de degradação.

Higiene Mental deverá ser um programa prioritário ao lado de Educação, Saúde e Desenvolvimento.

Um programa de Higiene Mental é fator básico para que se atinjam bons níveis em outros programas, mesmo na educação, quer seja na escola ou na família.

Higiene mental é um meio preventivo para todos os tipos de anomalias comportamentais, tanto individuais como sociais (grupais). Ela é não somente prevenção às doenças nervosas e desajustes emocionais é também um formidável elemento na prevenção e terapêutica das toxicomanias e noutros desvios de conduta, mas também na prevenção de acidentes. Nós sabemos muito bem como os problemas psicoemocionais são responsáveis por a sorte de acidentes e desajustes de toda a ordem.

Hoje quando uns tanto se preocupam em defender medidas paliativas como divorcio, enquanto outros se concentram e combatê-las, melhor será unir as forças num programa de Higiene Mental, elaborado o melhor possível, em que muitos pudessem voltar-se para seu intimo e encontrar aí as causas de todas as misérias humanas e feito o diagnóstico, procurar no próprio interior do homem os recursos para superar a situação em que vivemos.

A Psicologia, em especial a Psicologia Clinica, conhece as causas e recursos para encaminhar um a solução definitiva. Porque não usarmos esses recursos da ciência?

De momento, para nossa comunidade, e talvez para o mundo penso que seria viável realizar um trabalho nas escolas, com os pais, professores e com os jovens.

Fica a sugestão: Os centros de Pais e Mestres (CPMs) que tratem de sacudir a poeira do desanimo, do comodismo, da timidez e da inércia e se organizem com recursos materiais e humanos e vamos começar a fazer algo pelos nossos jovens, do que ganhar para eles vestirem, comerem ou amealhar um patrimônio que talvez hão de maldizer junto com a lembrança de nós. Vamos criar condições melhores para o futuro de nossos filhos e educandos.

Bem poderia ser este um tema para meditação ou quem sabe para um sermão no Domingo de Páscoa.

Data : 01/01/2010

Título : A Integração Social do Cego e a questão da sua Ocupação Profissional

Categoria: Artigos

Descrição: O homem, entre outras coisas diferencia-se dos demais seres pela sua capacidade de exercer uma ação consciente sobre o restante mundo.

A Integração Social do Cego e a questão da sua Ocupação Profissional

1- Considerações gerais:

O homem, entre outras coisas diferencia-se dos demais seres pela sua capacidade de exercer uma ação consciente sobre o restante mundo. Por isso mesmo, esta ação é dirigida e planejada segundo escopo por ele determinado. Esta faculdade, essencial, é própria de sua natureza.

Destarte, só pode o homem promover sua realização por meio do trabalho, e para tanto é necessário que este não seja somente um esforço, mas é necessário que seja um esforço produtivo no sentido de que produz bens de utilidade, sejam estes bens materiais ou espirituais. E assim temos o trabalho dirigido sobre dois domínios: sobre o mundo físico e sobre o mundo do espírito.

Assim podemos afirmar que alguém que viva no ócio, jamais promovera sua realização num sentido superior, pois que não esta levando satisfação uma das suas mais essenciais instâncias.

Qualquer vida que não satisfaça essa exigência acaba por cair num vazio que o conduz aos vícios e por fim a destruição. Assim vemos o trabalho é importante para que um homem possa viver integralmente na sociedade dos homens.

2-Conceituação de integração social

Podemos considerar como personalidade socialmente integrada aquela que dentro da sociedade pode reconhecer que está crescendo e que sua atividade é produtiva, que está contribuindo para o bem-estar dos restantes homens.

Ela deve poder reconhecer-se como independente na medida em que se pode realmente não depender dos outros, isto é, deve ser capaz de prover os seus próprios meios de subsistência. Deve não ser um dependente econômica ou emocionalmente.

A primeira das independências se consegue pelo trabalho não se vem a ser uma sobrecarga para os outros, do ponto de vista econômico e pelo amadurecimento emocional, não se vem a ser também uma sobrecarga afetiva para os outros. Assim, a educação deve tratar de preparar o educando para solucionar ambos os problemas.

A personalidade que estiver satisfazendo estas duas exigências, esta promovendo a sua integração social, que é um processo dinâmico, sempre em atualização.

Compete, portanto à sociedade, promover as condições para que o educando possa desenvolver suas faculdades e capacidades, e depois o educando possa desenvolver essas capacidades sejam levadas ao exercício. Isto se faz na ocupação profissional de cada homem.

A personalidade assim integrada, ou melhor, em continuo processo de integração, não entra em conflito com seu meio, mas torna-se uma promotora de harmonia, harmonia esta que, segundo a natureza do homem e logo a natureza da comunidade de homens, é sempre nova.

Vamos, assim, como educação e trabalho, como ocupação profissional são necessários à integração do homem na sociedade.

Ora, o cego nada tem de diferente dos demais homens a não ser naquilo que a falta de visão lhe torna diferente dos demais homens que a possuem. Entretanto, esta deficiência em absoluto não lhe modifica a natureza de ser HOMEM. E se não lhe modifica a natureza, não modifica também as necessidades essenciais (wesenais) que são as mesmas para qualquer homem. Logo, é direito que se trata de criar também para o cego as condições por meio das quais ele possa atingir a sua realização como pessoa humana. E não direito que se renegue (lhe negue) tais condições por qualquer pretexto.

3-Etapas da integração social do cego:

A - Educação e instrução

A educação e instrução do cego só se diferencia dos demais educandos pela metodologia específica. Genericamente as exigências são as mesmas. Especificamente, temos que indicar o treinamento sensorial, escrita e leitura especiais Braille, correção da postura corporal, correção de “tics” característicos dos cegos, a aceitação da cegueira e superação das limitações psicológicas da deficiência.

Esta etapa não apresenta grandes problemas entre nós, já estamos bem desenvolvidos, possuindo boa base de experiência, restando apenas aperfeiçoamo-nos, o que será feito na medida em que as atividades se desenvolvem normalmente.

B- Orientação vocacional e profissional

Este tipo de auxílio é mesmo novo entre nós no Brasil, não tendo mais que vinte anos. Já no Rio Grande do Sul é ainda mais recente e somente nos últimos cinco anos vão assumindo caráter mais organizado. Este trabalho exigiu e está exigindo uma extensão quer seja na preparação, quer seja na validação das técnicas usadas em outros países, bem como a elaboração de novas técnicas desenvolvidas entre nós.

É compreensível que no domínio da orientação dos cegos o problema ainda se encontrando os primeiros passos. Em São Paulo, na Fundação para o livro do cego no Brasil, já possuem uma experiência apreciável.

De um modo geral, as pessoas crêem que o cego somente pode desempenhar umas poucas atividades, já clássicas, como fazer vassouras, escovas, selecionar peças, empacotar, etc. entretanto, a experiência vem mostrar a cada dia que passa, ser o cego capaz de executar com êxito cada vez maior um crescente número de atividades.

Torna-se necessário poder atender o campo de experiência para verificar e demonstrar a possibilidade de o cego desempenhá-las.

Evidentemente, a técnica na orientação do cego se apresenta um pouco diferenciada da dos jovens não cegos. Nós vimos nos empenhando no Instituto Santa Luzia já há dois anos na elaboração desses recursos para a orientação. Para tanto, temos que fazer uma análise das atividades e elaborar ou adaptar técnicas que nos permitam detectar a aptidão e interesse do orientado. Temos É da natureza do ser humano aperfeiçoar o mundo, seja o mundo entretanto, a esperança de vencermos essa batalha.

C- Treinamento profissional

O treinamento profissional, da mesma forma como para os demais jovens, é necessidade. Somente que neste caso deve ser mais específico, mais restrito, mais acentuado com relação à atividade que desempenhará.

Uma vez determinado o ramo de interesse e aptidões tornam-se necessário que o jovem receba treinamento adequado na especialidade que irá realizar. Como essas atividades são muito diversificadas, é impossível uma escola manter a todas, daí a necessidade de realizar um trabalho entrosado com as indústrias, no sentido de que estas ponham suas fábricas à disposição da escola para cegos. Esta, então, encaminharia seus alunos até o local do treinamento.

Não obstante, nas dificuldades, vem o nosso Instituto montando oficinas de formação profissional, tais como encadernação de livros, fabricação de telas, malharia, etc. Mas o nosso caso só é possível para treinamento de profissões mais completas, cuja execução pode ser levada a efeito por uma só pessoa.

Assim é que, para esta etapa, necessitamos da compreensão dos industriais, que abram as portas de suas empresas para esse trabalho.

4- Mercado de trabalho e colocação:

A solução deste problema depende da solução dos problemas acima referidos. Mas dos problemas acima, o mais difícil é o de abrir um mercado de trabalho para os cegos. E aqui vemos que o problema depende novamente da disposição dos empresários cooperarem, primeiramente, num impulso de humanidade, permitindo a experiência, experiência essa que iria, temos a certeza, derrubar a barreira do preconceito contra o cego. Preconceito, aliás, gratuito, uma vez que nunca nem se procurou demonstrar que o cego é incapaz, quanto mais procurar descobrir e desenvolver suas capacidades.

Não temos o direito de afirmar, sem antes termos comprovado. E para comprovar, é necessário criar condições e realizar a experiência. Assim, o treinamento e o mercado de trabalho são dois fatores. E os dois defendem que se processe uma abertura nos meios industriais, primeiramente, porque a maioria dos cegos ira das fileiras de operários e só uma pequena porcentagem atingirá níveis de estudo mais elevado, alias como é comum em todo o mundo e em particular, no Brasil.

Ainda quanto a colocação, deverá ser criado um serviço de colocação e acompanhamento, com o duplo objetivo de arranjar trabalho para o cego egresso da Escola, acompanhá-lo e assisti-lo na sua ambientação ao trabalho e coletar dados para a sistematização dos demais passos da integração.

5- Acompanhamento:

O acompanhamento visa, como dissemos acima, assistir o cego na sua ambientação e principalmente coletar dados para sistematizar os demais processos na integração social do cego, corrigir tudo aquilo que não esta de acordo com as reais necessidades.

É necessário, por exemplo, saber se as técnicas de orientação e treinamento satisfazem as exigências da função e isso só se pode fazer por meio da experiência.

6- A situação atual no Rio Grande do Sul:

Atualmente, a situação no Rio Grande do Sul só é apenas satisfatória, quanto ao item "1" "Educação e instrução", mas frisamos, apenas satisfatória, porque em verdade a muito o que fazer, já não digo quanto a qualidade da instrução, mas a quantidade desta, pois que uma grande porcentagem de cegos não chega até a escola. Quanto à

educação, é necessário que esta chegue a uma necessária adequação com a realidade. Aliás, a inadequação da educação não é apanágio da educação, mas escolas especiais, até pelo contrário, é nestas escolas, em função do amor com que os educadores se dedicam a sua tarefa, que a maior adequação.

Quanto às demais exigências, podemos afirmar que praticamente nada foi feito, pois não há ainda consciência do problema. E até mesmo, há certa descrença e má vontade.

Supõem, de modo geral, as pessoas que é suficiente contribuir para o Instituto Santa Luzia ou outra Escola qualquer, comparecer aos Chás das Cruzadas, oferecer uma ou outra coisa e que com isso o problema está resolvido.

É claro que este tipo de contribuição também é necessário. Mas, nós, educamos um cego, damos-lhe uma cultura apreciável, dissipamos as trevas de seu espírito, se que dos seus olhos dificilmente conseguirá, mas, e agora, que pode fazer este cego com sua cultura, com seu preparo todo?

-Este problema nos cabe resolver sozinhos.

Que fazer agora com o cego que já foi educado, com o cego possuidor de um alto e médio grau de preparo? Vamos permitir que eles sejam esmoleiros, um mendigo, um dependente, mas apenas um esmoleiro, um mendigo, um dependente culto?

Ou então vamos argumentar que neste caso seria melhor que o deixássemos ser um pária, um cego dos olhos e do espírito? Isso seria atribuirmo-nos o título, no caso bem merecido, de obscurantistas monstruosos,

É necessário desenvolver todas as condições indicadas anteriormente.

E isto não é um problema de afeto somente ao Instituto Santa Luzia ou às demais escolas de cegos. Este é um problema de cada homem, de cada instituição, seja ela pública ou privada. Queremos, pois, com nossa exposição, mostrar que sabemos o que é necessário fazer, mas para tal, necessitamos de auxílio e de que aqueles que não querem auxiliar, não dificultem o nosso trabalho.

É necessário que as pessoas não se comovam apenas com o cego, mas que se MOVAM em prol de uma solução cientificamente orientada para o problema da integração social do cego.

7- Uma posição filosófica com relação ao problema do cego e do excepcional em geral:

Nossa posição filosófica perante a vida e o mundo é que os problemas são postos ante nós para o resolvermos, as dificuldades para serem survencidas. Pensamos também que todos os problemas, exatamente pela sua natureza de problema, têm solução. Pensamos ainda que problemas e dificuldades são, acima de tudo, elementos sobre os quais exercitamo-nos aplicando nosso espírito energeticamente para compreendê-los e que com isso ganhamos novas forças.

Pensamos que é pelo exercício de nossas faculdades (às vezes germinais ainda) que as elevamos a um alto grau de eficiência.

Pensamos que o trabalho tem como primordial função o desenvolver estas faculdades, secundariamente prover o seu próprio meio ou recurso para sustentar a vida física, nosso corpo em condição de ser um bom e adequado instrumento para o exercício do espírito.

Constatamos, entretanto, que hoje na sociedade não se está seguindo este princípio e dessa forma aquilo que deveria ser apenas um meio passou a ser um fim ou então um meio para atingir fins que não coerem com a natureza do homem.

O trabalho, sendo coisa necessária no homem, é empresa organizada, deveria ser apenas o campo onde esse trabalho se desenvolve e assim a empresa, a instituição deveria servir ao homem para que ele, por meio dela, pudesse desenvolver e se realizar, realização esta que deve ser entendida no mais profundo significado humano espiritual. Não se pode querer entender aqui, por realização, levar à consecução de desejos e cobiças egoísticas.

É exatamente por causa dos desejos e cobiças dos homens, que houve a inversão de valores, vindo o homem a ser apenas um instrumento, uma peça dentro da instituição que paradoxalmente é usada por outros homens para satisfação do seu próprio egoísmo.

Somos da opinião que a existência de problemas da ordem deste, com a integração social ou o encontro de uma solução humana para a questão do excepcional é ao mesmo tempo um desafio à humanidade de cada homem e uma oportunidade para que saíamos do nosso egoísmo e comecemos a corrigir os erros que vêm sendo cometidos com essa inversão de valores.

O nosso lema é: “Recolocar a instituição a serviço do homem para que ele possa atingir os seus verdadeiros desígnios: a sua realização como um ser dentro do plano da evolução como homem espírito”.

33.I

Data : 01/01/2010

Título : Preparação psicológica do atleta

Categoria: Artigos

Descrição: O esporte é, poderia ser antes de qualquer coisa, algo que se realiza com prazer.

Preparação psicológica do atleta

O esporte é, poderia ser antes de qualquer coisa, algo que se realiza com prazer. Aliás, todas as atividades deveriam ser realizadas nessas mesmas condições. É claro que muitos fatores entram aí para modificar essa situação, mas não é possível analisá-los no espaço deste pequeno artigo.

No entanto a realidade atual é bem outra. Nós em geral, fomos ou estamos sendo condicionados ao DEVER e isso já leva uma ponta de dissabor. O correto seria que fossemos educados a fazer o que é necessário e bom com alegria.

O senso de Dever cria o da obrigatoriedade e este o sentimento de rejeição.

Aquilo que se faz por obrigação tem sempre o sentido de autoridade impositiva e até mesmo punitiva e quando isto é assim, cria tensões emocionais negativas.

As tensões emocionais negativas geram processos inibitórios da própria vida interior: afetiva e intelectiva, inibindo a iniciativa e a criatividade.

O atleta necessita estar tanto quanto possível livre de tensões emocionais negativas, pois estas além do processo inibitório psicológico, têm reflexos sobre a atividade fisiológica e daí diminuir a eficiência do trabalho muscular.

Temos assim, dois pontos negativos provocados pelas tensões emocionais negativas: 1) psicológica, diminuindo a eficiência mental; 2) fisiológica, diminuindo a eficiência muscular.

Eis porque o atleta ao participar do ato esportivo, deveria fazê-lo livre de tais tensões.

Mas o que gera as tensões? O medo. O medo do insucesso, da crítica.

Este medo se cria durante o processo educacional em que aprendemos a COMPETIR ao invés de PARTICIPAR.

O ato desportivo é eminentemente um ato de participação. Quem participa não desenvolve tensões emocionais mais negativas.

A preparação psicológica do atleta começa com todas as ações de sua educação, muito antes de começar a exercitar-se para ser atleta. Ele aprenderá que em esporte ou em qualquer outra atividade na vida, o importante é ser amanhã melhor do que se foi ontem e não melhor do que o outro, pois este pensamento seria anti-humano, anticristão.

Toda ação esportiva ou de qualquer outra natureza é centrada sobre si mesmo e assim a comparação é feita sobre si mesmo.

O ato desportivo não é uma luta, uma guerra onde deve haver um vencedor e um vencido, mas algo em que os atletas participam com fim de se estimularem mutuamente e serem melhores no futuro do que são hoje.

O ato desportivo é um ato de beleza e harmonia. É uma mútua doação entre os participantes e uma dádiva aos assistentes.

Podemos ainda dizer que ele é como um congresso de sábios, onde alguém pode saber mais do que o outro, mas ele não se empenha na conquista desse saber para superar os outros, mas para oferecer o fruto do seu empenho aos que podem e desejam apreciar o SABER.

O que se vê em geral está muito longe do verdadeiro espírito do esporte.

Atividade esportiva é congregamento, colaboração, comunhão de princípios. É um instrumento de união. É um ato essencialmente de CORDIALIDADE, RESPEITO e AMOR ao próximo.

Data : 01/01/2010

Título : A Cruz - Seu simbolismo transcendente

Categoria: Artigos

Descrição: Creio que quase toda a humanidade tem uma representação da cruz como um objeto de suplício.

A Cruz: Seu simbolismo transcendente

Creio que quase toda a humanidade tem uma representação da cruz como um objeto de suplício. Isso se deve ao fato de ser usada com essa finalidade pelo menos tanto quanto eu sei, pelos romanos. Mas essa prática não teria passado de uma referência insignificante no relato histórico, que não faria maior impressão nas consciências do que outros instrumentos de tortura usados durante a assim denominada "Santa inquisição". Teria sido esquecida ou ignorada pela humanidade posterior, não fosse o fato da crucificação de Jesus - Cristo.

Naturalmente, a crucificação em si, não teve para o povo daquela época, outro sentido, se não o de suplício, a não ser talvez para os discípulos e mais uns poucos, cuja consciência já havia evoluído tanto, a ponto de poder conhecer o significado esotérico da cruz e da crucificação do Messias.

Foi devido a esse fato que a cruz passou-a ter um simbolismo de instrumento de suplício, sofrimento, apenas.

Na verdade o significado da cruz é outro. Para quem tem acesso ao sentido oculto de qualquer fato ou fenômeno, em qualquer campo de saber, a compreensão é bem outra

do que daquele, que não tem acesso à causa dos mesmos. Senão, vejamos. Certa vez achava-me eu junto a colegas de trabalho durante à hora do descanso. Como eles sabiam-me formado em História Natural, curso que atualmente está desdobrado em ciências Biológicas e Geologia, então me inquiriram sobre a questão de movimento de rotação, translação e liberação da Terra em relação ao Sol.

Após uma circunstanciada explicação sobre os fatos reais e os aparentes, como o aparente caminho do Sol todos ficaram acordes com ela, menos um dos colegas de repartição (o encarregado da limpeza), semi-alfabetizado, que saiu-me com essa: “Doutor, isso que o senhor falou eu achei muito bonito, mas não acredito, pois eu vejo é o Sol andar!” E assim tantos e tantos fatos do mesmo gênero ocorreram comigo.

Voltando ao núcleo do tema, devo dizer que, o verdadeiro significado da cruz e da crucificação é a libertação. Libertação, não no sentido do fato material, mas no do espiritual.

Quando se tem um saber sobre a evolução da humanidade e do planeta Terra, toma-se conhecimento que os fatos não aconteceram bem como se representam ciência e religião. Muito antes do que a ciência pode decifrar, a história e as escrituras sagradas registram, houve acontecimentos que somente são acessíveis a uma consciência modificada com rigorosa metodologia.

Para uma tal consciência é possível saber que o homem (ser humano) até um determinado momento da evolução era dotado apenas de três membros em sua organização: corpo físico (mineral); forças plasmadoras (tornam a matéria um ser vivo); organização de sensações e sentimentos (que dá origem a uma vida anímica, psique).

Até aí o homem (ser humano) ainda não havia adotado a postura ereta. Sua postura assemelhava-se à dos antropóides, sua coluna vertebral tendia mais para linha horizontal. Nessa condição, se assim permanecesse, tornar-se-ia um ser completamente sujeito às leis da Natureza, como os seres animais, sem ter uma consciência de si mesmo.

É interessante observar que o primeiro investigador científico da alma humana, Sigmund Freud, ao criar sua técnica de tratamento das neuroses, escolheu a postura horizontal para o paciente. Isto porque nessa postura da coluna vertebral predomina a vida de sentimentos, reduzindo significativamente a capacidade de raciocínio e julgamento. O paciente fica mais ou menos dominado pela vida de sentimento, tendo sua liberdade escolha sensivelmente diminuída.

Antes que o HOMEM (ser humano) tivesse adotado a postura vertical da coluna vertebral, ele não tinha condição de receber o quarto membro de sua organização, o EU, e a partir desse momento desenvolver uma autoconsciência, consciência de si mesmo COIDO uma individualidade autônoma.

Somente a partir desse momento evolutivo é que o homem passou a desenvolver a faculdade de pensar. Esse é o momento em que a humanidade toda, não só um casal, deixou de viver uma vida paradisíaca, na qual ainda não possuía a capacidade de discernimento, não tinha condição de discernir entre b e m e m a l.

Essa capacidade, como também a de reconhecer a verdade não existente antes que o Eu lhe fosse, por assim dizer, inoculado nos três membros anteriores.

Com a faculdade de pensar, a qual vem se desenvolvendo lentamente, também paulatinamente, desenvolve-se a capacidade de reconhecer a verdade e, por conseguinte decidir-se pelo verdadeiro ou pelo o. Desenvolve-se daí em diante, primeiro o livre arbítrio e depois a liberdade.

No novo testamento há uma passagem em que Jesus Cristo diz: “A verdade nos tomará livres”.

Ora, para conhecer a verdade é necessária a faculdade de pensar. Esta só é existente porque o homem possui o EU. O Eu só pôde ingressar nos três membros anteriores porque o homem adotou a postura vertical.

Quando consideramos o homem na postura vertical com seus braços abertos na horizontal, temos uma cruz. Se consideramos que essa cruz, corpo físico, dotado de forças de vida e de sentimento (alma, psique), percebemos que o membro superior (Eu, Espírito) teve que ingressar nessa cruz, que carrega-la, como Cristo (que é o EU cósmico), que ingressou no corpo de Jesus, teve que ser pregado na cruz, para daí libertar-se e libertar humanidade.

Nestes fatos todos, que são na verdade uma parábola está a revelação do mistério da cruz. O eu humano teve que ingressar na cruz do corpo material para poder realizar a libertação da alma.

Na cruz, os braços (horizontais) representam a vida anímica (vida de sentimento) destituída do poder de reconhecer a verdade. Na coluna vertebral está representado o EU (espírito propriamente dito) que dá ao homem a faculdade do pensar, reconhecer a verdade, discernir entre falso e verdadeiro, b e m e m a l e livremente decidir o qual deles seguir.

Vida de pensamentos (EU)

|
|
|

_____ Vida de sentimentos (alma)

|
|
|

Naturalmente a humanidade ainda não atingiu a plena capacidade de reconhecença, mas a consciência hojena se encontra bem mais perto de realizá-la e então na medida em que essa capacidade vai sendo desenvolvida, a humanidade desenvolve também a sua libertação, pois, talvez a missão maior do ser humano seja criar a LIBERDADE. Então estará cada vez mais livre de injunções exteriores, de normas, ameaça de castigos imposta por alguma divindade ou por outros humanos e possa decidir pelo BEM, orientando-se por uma ética verdadeira, haurida da sua fonte original, do mundo espiritual.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Obs: O texto foi publicado na revista, sem o desenho, com o título A Cruz e seu simbolismo

Data : 01/01/2010

Título : A profissão: um meio de auto-realização ou auto-esvaziamento?

Categoria: Artigos

Descrição: Está necessidade de ação, no ser humano, denominamos trabalho.

A profissão: um meio de auto-realização ou auto-esvaziamento?

O trabalho é uma necessidade intrínseca da natureza humana. A atividade é uma característica ser vivo. Sem atividade não haveria vida, nem biológica, nem social. Todo o ser vivo necessita de atividade para manter-se sadio e até mesmo existente, pois as próprias funções biológicas são atividade, essencialmente.

Está necessidade de ação, no ser humano, denominamos trabalho.

Para o ser humano o trabalho é muito mais que uma necessidade biológica, é uma necessidade anímica e espiritual. O homem só realiza através do trabalho que executa. Mas para que isso aconteça, são necessárias determinadas condições, como por exemplo: 1) é preciso que se goste do seu trabalho; 2) aquilo que se faz deve ter significado, valor real e destinatário, isto é, deve ser feito para alguém; 3) devemos receber o reconhecimento dos outros, devemos ser valorizados, etc..

As formas específicas de trabalho chamamos: profissões.

A profissão, portanto, não é e não pode ser apenas a maneira de ganharmos a subsistência ou enriquecemos. Se no exercício da profissão tivermos aquelas condições e gratificações exigidas pela natureza humana, corremos o serio risco de esvaziamento anímico espiritual.

A obra que realizamos é uma extensão corpórea, anímico e espiritual do homem. Esta obra deve poder ser contemplada pelo seu realizador após concluída para que o ato criador seja total e a necessidade de criar seja satisfeita, pois a obra é como a imagem do nosso intimo e se não puder ser contemplada depois de pronta é como se nós nos olhássemos no espelho e não víssemos nossa imagem, como se andássemos á luz do sol e não pudéssemos ver nossa sombra. O leitor já imaginou isso?

Então imagine! Não levaria um susto? Não teria uma sensação de não existir?

Muito bem: Agora analisar algumas das exigências mais específicas da profissão de médico.

O médico no exercício de sua profissão, seja tratando do corpo ou da mente, tem necessidade bem determinadas. Em primeiro lugar ele precisa criar laços afetivos com seu paciente. Também o paciente precisa criar esses laços com o medico. Mas para isso é necessário convivência continuada. O médico precisa poder acompanhar o tratamento, o desenvolvimento da doença e da cura. Precisa no final contemplar a obra que realizou. Sentir-se gratificado e feliz quando o desfecho foi a recondução do paciente ao estado de saúde. E mesmo quando o desfecho não foi este, em que o paciente vem a morrer, apesar de todos os esforços e competência, lá esta a pessoa do médico com apoio a

família que assim é reconfortada, pois nem sempre se consegue afastar a morte, que no final das contas sempre um dia vai chegar.

Muitas outras coisas poderiam ser ditas, mas penso não ser necessário dizê-las para que o leitor entenda o que eu quero dizer. É isto: para que o médico tenha condições de auto-realização na profissão é necessário um sistema assistencial que possibilite o entendimento dessas necessidades básicas. Digo um sistema assistencial, porque hoje a medicina está quase totalmente socializada.

É claro que com seus pacientes de clínica particular o médico pode fazer isso, mas a maior parcela dos médicos trabalha em instituições assistenciais que funcionam dentro do sistema atual: consulta com médico disponível.

No final o médico não tem condições de realizar um atendimento como ele sabe fazer e sabe que deve ser feito. Ele sente-se frustrado. O paciente recebendo atendimento como seria necessário receber, também fica frustrado e revoltado, contra o médico, é claro, que no fundo é mais uma vítima do sistema desumano e anti-científico.

Assim da-se o esvaziamento do profissional, que pode ingressar, por meio desse processo de frustração, em um processo neurotizante, com serio prejuízos para sua personalidade, pacientes, para sua família e enfim para a própria nação.

Este é um problema que exige por parte daqueles que são os responsáveis pelo bem estar social.

Data : 01/01/2010

Título : O Monumento

Categoria: Artigos

Descrição: Eles queriam que os artistas descobrissem qual era o elemento mais característico da atual civilização.

O monumento

Há muitos anos numa cidade muito representativa na atual civilização, reuniu-se um grupo de intelectuais e homens de negócios, todas pessoas influentes na comunidade. Eles eram pessoas inteligentes e pensavam ser necessário estimular as artes, todas as artes. Agora era a vez da Arte Plástica. Estes artistas teriam sua oportunidade de exercitar e provar criatividade e perspicácia.

Essa missão de homens cultos desejava não apenas uma obra plástica. Eles queriam que os artistas descobrissem qual era o elemento mais característico da atual civilização.

Até hoje não ficou esclarecido se eles sabiam ou não qual era a característica da civilização presente.

O fato é que se fizeram os preparativos. Tudo quanto é necessário para tal realização. Inscreveram-se os artistas. Foi dado o prazo. Marcada a data do julgamento.

Dois aspectos eram os principais a serem levados em conta; 1) a ideia que deveria ser descoberta; 2) a concepção plástica. Uma verdadeira charada.

A concepção plástica deveria ser apresentada em forma de projeto com todas as concepções técnicas e vir acompanhada da justificativa da ideia.

Na data da entrega dos projetos, apenas um artista o fez. Os outros simplesmente desistiram do concurso ou declararam não terem conseguido descobrir esse elemento que caracteriza a civilização do presente.

Finalmente, reunida a comissão julgadora, com apenas um trabalho para ser julgado, era só verificar a adequação do projeto plástico a ideia e aspecto estético do mesmo.

Ao abrir o envelope que continha o projeto, notaram: o projeto plástico estava contido noutro envelope e ali no envelope aberto estava a justificativa que a seguir transcrevo.

“Digníssimos Senhores.

Promotores, organizadores e jurados do Concurso Monumento à Civilização.

Após ler as normas o concurso, passei a meditar e ver se descobria o elemento característico e, portanto principal da nossa civilização.

Examinei todos os aspectos mais importantes. Ao final decidi pelo que agora levo ao julgamento de V. Senhores.

Assim é que focalizei essa obra, que futuramente, tenho certeza, será edificada em todas as cidades e locais em que os homens se consideram civilizados. Eles sentir-se-ão honrados sobre maneira em ostentá-la. Nenhuma cidade no futuro deixará de erigir, não um mais muito, muitos mesmo, desses monumentos.

Eles poderão ter formas e tamanhos diferentes, mas todos serão a expressão da mesma ideia.

Poderá parecer-lhes exagero e pretensão da minha parte, mas é minha convicção, que serei o ganhador do concurso, pois eu minha obra será construída até mesmo em miniatura e será exposta nas salas de visita, nos quartos de dormir, nas salas de aula, nos gabinetes dos chefes, nas repartições públicas. Em toda parte haverá esses monumentos, até nas espaço naves mandadas para outros mundos haverá essa miniaturas. E mais ainda, quando alguém for tirar uma fotografia, terá como fundo um desses monumentos, todas as pinturas, todas as decorações em paredes terão reproduções desses monumentos.

Não! Não pensem que é exagero!

Senhores! Eu lhes apresento o Monumento à Agressividade, à Impaciência e a Falta de Consideração ao Ser Humano. A obra que é símbolo dos nossos impulsos mais hostis.

Arreda! Sai da frente, se não eu passo por cima!

Ei-lo! UM VIADUTO!

Data : 01/01/2010

Título : O homem e o automóvel

Categoria: Artigos

Descrição: Quase todas as pessoas que automóvel, já se deram conta de que se operam algumas modificações de comportamento

O homem e o automóvel

Quase todas as pessoas que automóvel, já se deram conta de que se operam algumas modificações de comportamento, nelas e nos outros, quando estão dentro e fora do automóvel e quase todos nós que não temos e não dirigimos veículos automotores, já ouvimos falar ou constatamos modificações em nossos amigos.

O fenômeno não é novo, tão pouco se relaciona só com veículos automotores. Essa atitude de “superioridade” comum nos condutores de veículos automotores sempre foi existente, pelo menos desde os tempos em a história nos revela. Iniciou quando o homem descobriu e começou a usar instrumentos.

Todo instrumento é vivenciado como prolongamento do nosso próprio corpo, como algo que aumenta nossa capacidade, nosso poder.

Desde o tacape às armas mais sofisticadas, do cavalo, do carro mais primitivo ao veículo mais atual, o comportamento de quem usa é fundamentalmente o mesmo e a sensação de aumento de poder pessoal ou coletivo são também os mesmos.

Até ai nada de mais. O problema começa quando este aumento de força e poder começa a ser usado como compensação de insuficiência, isto é, o homem sentindo-se minimizado, inferior, incapaz de competir com os recursos naturais e colocar-se ao menos em situação de igualdade, apela como instrumentos como recurso para se impor aos demais.

No mais profundo da nossa vida psíquica, nós não mudamos muito, não somos muito diferentes dos nossos antepassados primitivos. No inconsciente o homem moderno ainda preserva a primitividade dos impulsos. A vida dita civilizada ocupa uma finíssima capa de verniz que se rompe em geral ao menor estímulo que pareça ameaçar a integridade do indivíduo.

A causa fundamental dessa agressividade oculta e ostensiva é o desconhecimento de nossa vida psicológica. Esse desconhecimento já foi indicado do artigo de 2 do corrente Psicológica na Educação.

Fundamentalmente podemos dizer que a educação recalca o indivíduo, lhe conduz a tentar manter padrões de conduta aceitáveis, por meio de controle dinâmico, como se aprende pela psicoterapia, ou por educação adequadamente conduzida.

Quando o indivíduo introjeta (interioriza) conteúdos agressivos (e a nossa civilização é predominantemente agressiva) ele só pode externar conseqüentemente expressões de agressividade.

A frustração já se origina pela interiorização de conteúdos agressivos, contrários a própria natureza humana superior. Sendo agressivo, o homem já encontrará dificuldades no seu relacionamento, gera mais e maior frustração, mais agressividade, e as coisas cada vez se complicam mais criando um estado de desequilíbrio completo.

Basicamente temos dois tipos opostos de maneira a reagir o tipo depressivo, que geralmente se auto-agride para agredir os outros, e o tipo que volta sua agressividade para o exterior.

É este tipo o extroversivo que em geral procura uma compensação para sua frustração existencial na agressão ostensiva nos outros.

Diante da sensação (ou sentimento), muitas vezes subconsciente, de insuficiência ele lança mão do automóvel como meio de fuga de seu vazio existencial.

Como o automóvel ele se sente superior porque se identifica como poder da máquina e por momentos sente-se como sendo alguém. Enquanto usa a máquina, ele tece fantasias, com as quais se sanciona como sendo importante, mais forte, capaz, esquecendo seus conflitos e carências.

Então ele abusa da velocidade, porque esta lhe proporciona, momentaneamente, a sensação de fortaleza, de superioridade e lhe permite despistar o sentido do vazio, de falta de significado, de falta de valor.

Não é ma crítica depreciativa que estou fazendo as pessoas é uma radiografia, de um comportamento.

Quase toda a nossa educação é baseada no medo, na ameaça, no castigo, na repressão. Nesse tipo de educação, que esquece ou não quer valorizar e estimular o desenvolvimento de suas potencialidades do bem, do bom e do belo, que cada ser humano tem por natureza, só pode resultar esse sentimento de ser coisa nenhuma, daí a frustração, a agressividade, a neurose quase coletiva em que a humanidade mergulha.

Trata-se de valorizar os indivíduos que precedem bem, valorizar as boas maneiras, as boas ações, os bons sentimentos.

Acredito que uma orientação nesse sentido produza alguns resultados reais e duradouros. Pode ser uma sugestão para os pais, para os educadores, para as autoridades em geral e para as do Trânsito em particular, a ser empregada nas campanhas.

Está visto que a educação repressiva dá punição, não vem produzindo os resultados desejados.

Não é preciso temer que não havendo medo do castigo o homem não se comporte bem! É claro que é necessário encontrarmos o modo correto de educar, onde o homem faça o Bom, o Belo e o Verdadeiro porque ama essa qualidade e ama essas qualidades e ama seus semelhantes.

Para que isso aconteça é preciso que despertemos e procuremos os recursos para tal. Eles existem.

Na clinica psicoterápica ajudamos nossos pacientes a se libertar do medo e amar o certo porque é bom e verdadeiro e não a temer as más conseqüências dos maus sentimentos e dos maus atos.

Porque não será possível fazermos isso na educação de crianças e jovens? Será que é preciso primeiro o homem ser estragado para depois termos que endireitá-lo?

A educação repressiva da condenação, do medo, leva a pessoa a fazer mau juízo de si mesma e, por conseguinte, dos outros. Ela acaba valorizando os aspectos negativos para não se sentir sendo nada.

A solução do problema do mau uso do automóvel não será encontrada por meio de leis, de ameaças ou punições. Esse problema tem, como qualquer outro do comportamento humano, suas bases no Inconsciente, que manifestam como tendências e impulsos controláveis pela repressão.

A solução esta no auto conhecimento e na valorização dos aspectos positivos da personalidade, tal qual encontramos na Psicologia Clínica, cujos princípios e técnicas são suficientemente conhecidos pelos psicólogos e que se dedicam a esse ramo da terapêutica.

Data : 01/01/2010

Título : Algo deve ser feito pela criança e pelo jovem

Categoria: Artigos

Descrição: A Pátria e a Humanidade são mais no futuro do que agora, mas esse futuro depende do hoje e o hoje somos nós...

Algo deve ser feito pela
criança e pelo jovem.

Temos escrito algumas vezes e falado muitas sobre a necessidade de dar-se um melhor atendimento as crianças e aos jovens.

Hoje voltamos a bater na mesma tecla.

Nossa cidade cresce. Cresce horizontalmente e verticalmente. Talvez não se possa evitar que aqui se imitem os mesmos erros de outras cidades que já cresceram além daquilo que seria racional:

1-Crescem para cima amontoando arranha-céus; 2- crescem na horizontal além dos limites convenientes, pois uma cidade com mais de 500.00 habitantes já apresentam problemas que até hoje não apresentam soluções adequadas.

Está claro que nossa cidade ainda está muito longe desses limites. Mas olhando para as outras que já chegaram a esse ponto e contando o tempo que elas levaram para chegar ai, veremos que foi bem curto. Atualmente as coisas andam bem mais aceleradas.

Passo Fundo começará a sua industrialização e esta trará benefícios e problemas, os quais exigirão inteligência, sensibilidade e boa vontade de seus habitantes, administradores homens de negocio e dos trabalhadores da cultura.

É, pois chegada a hora de pensar em quem vive e em quem viverá aqui no futuro.

É preciso que se pense em criar parque de grandes dimensões para a recreação pública, tanto de adultos como de jovens e crianças; é necessário que se reservem áreas estrategicamente localizadas para outros futuros parques.

Devemos pensar que hoje, Passo Fundo como está, já apresenta uma população infanto-juvenil com comportamento neurótico, em número tão grande que não haveria especialistas em quantidades suficientes se devessem ser atendidos todos os que necessitassem. Imaginemos a situação dentro de 10 anos. E 10 anos é muito pouco para quem pensa com previdência, e passam muito depressa.

Estamos pensando na solução e prevenção desse problema e achamos que os clubes sociais poderiam fazer muito nesse sentido, quer através de realizações específicas, quer conscientizando.

Eles poderiam, por exemplo, promover conferência pelo menos para seus associados. Tais conferências conversariam temas como: dificuldades em educação de crianças e jovens frustrados e confinados em apartamentos, criar condições para atendimento de crianças e jovens filhos de associados, em suas sedes.

Esse atendimento poderá ser feito em 3 turnos, como são realizados nas associações Cristãs de Moços, que hoje prestam um trabalho excelente em várias cidades do mundo.

Os clubes poderiam contratar professores de Educação Física, mandá-los fazer cursos de especialização ou estágios de treinamento em centros que prestam esse tipo de atendimento em esportes variados e recreação infanto-juvenil.

Dessa forma os clubes estariam dando uma valiosíssima contribuição social e humanitária.

Não é justo que patrimônios materiais tão grandes sirvam só para atividades esporádicas, dando mau exemplo de desperdício, quando o próprio governo estimula a economia e o melhor aproveitamento dos recursos existentes.

Um clube deve ter vida dentro dele, pelo menos 12 horas por dia. Vida jovem que sabe palpitar e vibrar de entusiasmo sempre que se quer fazer algo de bom por ela.

A experiência dos clubes como entidades restritas, traria sem duvida, subsídios de inestimável valor para iniciativas publicas e populares.

Mais tarde, com um pouco de orientação, o povo, o operário se organizará, espelhando-se pelos modelos dado pelas classes culturais e economicamente mais favorecidas.

O povo, o operário brasileiro tem sede de fazer algo bom e sempre desejou se orientar pelas classes culturais mais desenvolvidas.

Eis, porque é nossa responsabilidade dar esse exemplo de iniciativa, de organização, de visão correta das coisas e, acima de tudo, de boa vontade.

Acredito ser iniciativas desse tipo, quer elas partam do poder publico, de entidades privadas, e principalmente destas, a maior lição de civismo que se poderia dar aos jovens. Isso seria civismo concreto e não mera doutrinação verbalística.

Querendo alguém fazer crer que ama sua Pátria, deve demonstrá-lo amando seu Povo. E se alguém diz amar seu Povo, demonstre pelo amor as crianças que serão e farão a pátria de amanhã.

Quem ama o faz por aqueles que estão por vir.

A Pátria e a Humanidade são mais no futuro do que agora, mas esse futuro depende do hoje e o hoje somos nós...

7.2

Data : 01/01/2010

Título : O Ciúme infantil

Categoria: Artigos

Descrição: Um filho é mais que algo nosso. É mais que um processo biológico. É uma criança confiada pelo Criador ao homem. Compete-nos

O Ciúme infantil

No atendimento clínico psicológico, ouvimos freqüentemente, expressões tais como: “desde que o nenê nasceu, notamos que nosso filho anterior mudou de comportamento. Isso está nos preocupando muito.”

Essa mudança de comportamento pode dar-se em vários aspectos, ao mesmo tempo, em um só, ou algumas vezes numa sequência.

É comum a criança voltar a chupar dedo, chupar bico, querer a mamadeira novamente, molhar a cama a noite, passar a falar mal, quando já havia atingido um bom nível de expressão verbal, torna-se agressivo, quando até então era uma criança dócil; apresentar ciúmes, etc..

São todos fenômenos de regressão, isto é a criança se sente deslocada de seu lugar, as atenções passaram repentinamente para o nenê. Ela se sente “abandonada”. Todo o seu comportamento funciona como um grito de socorro: “não me abandonem eu também preciso de vocês!”

Como ela não tem condições de expressar o que está sentindo, nem mesmo entende o que sente reage por “mecanismos” inconscientes na forma regressiva.

Embora ela nem se de conta nem dos motivos nem do processo psicológico, pois são inconscientes, ela reage adotando aquelas características do nenê que lhe são evidentes e que na sua fantasia inconsciente parecem ser as razões que motivam toda aquela atenção que o nenê recebe.

Adotando esse comportamento regressivo espera conseguir a mesma atenção que o nenê recebe.

Os pais, em geral, não estão orientados para dar o atendimento adequado, não sabem o que fazer. Tomam as atitudes mais variadas quase sempre inadequadas, que agravam ou prolongam o estado anormal da criança.

Quando esses problemas não podem ser evitados com uma orientação dos pais, antes do nascimento, esta deve ser procurada tão logo se note o comportamento anormal da criança.

Um psicólogo clínico um médico psiquiatra ou analista ou bom médico pediatra com alguma formação psicológica (que tenha realizado uma psicoterapia de desenvolvimento) darão orientação de como tratar a criança ou então encaminharão a algum colega especializado.

Em todo o caso é bom, sempre que se pode procurar resolver o problema, para evitar que fiquem marcas inconscientes, as quais abalarão a futura autoconfiança e criarão condições de hostilidade para com o irmão mais novo.

Muitas vezes umas poucas sessões de orientação psicológica poderão evitar preocupações e problemas futuros.

Uma boa prática seria os candidatos a pais realizarem um curso de preparação. Mas tal curso há de ser pratico e de forma vivencial.

A educação hoje apresenta exigências que até bem pouco tempo não eram tão prementes como agora.

Um filho é mais que algo nosso. É mais que um processo biológico. É uma criança confiada pelo Criador ao homem. Compete-nos fazer todo o empenho em corresponder à natureza do fato.

8.2

Data : 01/01/2010

Título : A consciência no ato de gerar

Categoria: Artigos

Descrição: ...qual a pessoa que estuda, que pensa, medita, observa, enfim se prepara se aprimora para gerar e educar uma criança? Você, caro leitor, conhece alguém assim?...

A consciência no ato de gerar

Há pessoas nascidas “dons Quixote”. Assim elas crescerão assim elas crescerão e talvez assim elas morrerão. Elas acreditam, não saberiam dizer por que, talvez por uma necessidade intrínseca, que poderão fazer alguma coisa pelos outros.

Muitos escritores escrevinhadores estão nesse caso.

Estive pensando qual sentido tem uma crônica, um artigo, um livro para o autor.

É mais um filho!

O leitor poderá ficar surpreso ante tal afirmação, eu sei.

Mas a questão é que pelo menos na atualidade, os filhos são mais um fruto do descuido, do que um ato conscientemente determinado, pois raramente um casal realizaria o ato sexual com intenção de gerar uma criança.

A concepção é quando muito um ato instintivo, como nos animais. Além disto, qual a pessoa que estuda, que pensa, medita, observa, enfim se prepara se aprimora para gerar e educar uma criança? Você, caro leitor, conhece alguém assim?

Um artigo, mesmo você julgue sem valor, e até mesmo que não possua valor, é sempre um ato elaborado, pensado, meditado; é fruto de anos e anos de preparo, experiência pesquisa, noites e noites de sono perdido, infinitas e privações e sofrimentos.

Um artigo, ou seja, o que for que escrevemos para o mundo, é mais que nosso sêmen, é infinitamente mais que um espermatozóide liberado num ato de prazer, mais que um óvulo que se perderia numa hemorragia menstrual. Ele é mais que o sangue que flui inconscientemente da mãe teria absolvido de qualquer modo.

Um artigo, caro leitor, é um pedaço da nossa dor, ou da nossa alegria, da nossa alma, e do nosso espírito. Ele é um filho do homem interior, daquele que não se dissolve com a transformação do corpo em pó.

O leitor poderá pensar que estou falando um absurdo, porque muitos artigos foram produzidos apenas por vaidade de seu autor.

Certo! Concordo que assim seja. Mas, nunca um ato inconsciente sem que o autor se tenha empenhado em preparar-se para gerá-lo. E quantos que geram filhos de carne e osso o fizeram com a mesma consciência e esforço de quem escreve? E quantos filhos são gerados apenas para satisfazer a vaidade, ou egoísmo, ou a busca de prazer dos pais?

No entanto, se o leitor é pai ou mãe e embora tenha gerado sem maior consciência do fato, certamente se encherá de apreensões ao pensar qual o destino, como será recebido seu filho quando entregue ao mundo.

Pois bem, quando escrevemos, o ato de geração não é um prazer. E na iminência deste filho da nossa dor, de nossa alma e de nosso espírito transpor os humbrais da casa natal e ganhar o mundo, nós ficamos torturados pela apreensão, pela dúvida de como ele será acolhido.

E pior de tudo é que raramente temos notícia de como foi essa acolhida.

Este drama, caro leitor, se desenrola com cada um destes nossos filhos, pois sem querer temos a certeza se eles chegaram ao seu destino.

E como “Quixotes” do espírito, continuamos a acreditar que existem dragões e magos que devem ser combatidos e homens que devemos defender. E assim, eis nós sempre em novos arremessos a percorrer o mundo. Talvez um mundo, talvez um mundo muito pouco povoado de CONSCIÊNCIAS.

9.2

Data : 01/01/2010

Título : A causa é a falta de amor

Categoria: Artigos

Descrição: Um dia a miséria ira nos engolirá todos, com sua goela negra. Então será a desgraça de todos nós.

A causa é a falta de amor

Meus amigos, pais no presente! Pais no futuro! Há poucos dias alguém chegou para mim e disse: O Senhor sabe qual a percentagem de crianças que sofrem de carência afetiva no mundo atual?

- Dados estatísticos, eu não tenho, mas a julgar pela minha experiência, deve ser cerca de 90%, eu disse.

- Exatamente - respondeu a pessoa.

- São dados obtidos e publicados na UNESCO.

- Certo! Respondi. Entre tantos problemas esse é o pior de todos. Nenhuma fome é mais terrível e cruel do que a fome de afeto. Essa é a fome que gera todos os males, inclusive entre as misérias, a miséria material, a falta de alimento e agasalho para todos.

- Não é concebível que haja falta de alimentos. Afinal onde esta a decantada inteligência que criou tanto progresso técnico, onde estão os benefícios da fantástica tecnologia criada por ela?

Alguns homens procuram acumular riquezas para saciar a fome de afeto que não receberam quando crianças e, ganhar a segurança e com isso só criam fome para os outros. Primeiro, a fome de afeto para seus próprios filhos; depois, fome de alimento para cada um e insegurança para todos. Criam medo para quem possui, cobiça para quem não tem.

Todos querem acumular bens materiais.

Um dia a miséria ira nos engolirá todos, com sua goela negra. Então será a desgraça de todos nós.

- Nesse momento, quando fazíamos essa reflexão, surge um menino e diz:

Um dia,/ quando o tempo não existia,/ eu quis nascer./ Quem serão meus pais?/ eu pensei./ Eu escolhi./ eu os deveria escolher.

Meu pai!/ Minha mãe!/ eu escolhi vocês dois,/ vocês foram eleitos por mim.

Eu vim a vocês cheio de esperança./ Lancei-me em seus braços/ sem receios, pleno de confiança./ Meus pais!/ Eu nasci como a semente,/ aquecida de germinada/ na ternura e no calor/ de vocês dois.

Minha mãe!/ Eu nasci como a flor/ em teu regaço,/ confiante no teu amor!

Meu pai!/ eu nasci do teu espírito,/ nasci para os teus braços/ como a planta para o sol!

Hoje, me parece, vocês fogem de mim./ Nunca têm tempo;/ sempre há algo mais importante/ do que eu/ para entender.

Meu pai, tu não percebes?/ Minha mãe, tu não vês/ Eu não quero o dinheiro ganho por vocês;/ não quero os bens com que não saberei o que fazer!/ Eu quero é o abraço, o beijo que ninguém me deu;/ eu quero é sentir se os teus braços têm calor;/ eu quero é saber se tuas mãos não sabem acariciar,/ se teu coração é capaz de amar,/ de me compreender/ e me consolar, EU QUERO É VOCÊS!

Depois disso, meu amigos, não soubemos o que mais dizer. Só ouvimos o silêncio. E o silêncio era profundo com o infinito.

11.2

Data : 01/01/2010

Título : Educação: Breve análise crítica

Categoria: Artigos

Descrição: A idéia hoje é sobre Educação. Não que eu queira trazer idéia sobre a Educação em si...

Educação: Breve análise crítica

Certa vez, não há muito, escrevi sobre um impulso, até certo ponto incontrolável que algumas pessoas possuem, é o impulso da comunicar a idéia, que, como uma explosão, entra na consciência. Ela nos incita até que cedemos à necessidade.

Perguntei-me também sobre a objetividade de falar, escrever, criar artisticamente. Enfim, quando se tem uma idéia na consciência, acaba por desaparecer a indagação de se haver leitores, ouvintes ou contempladores para a obra criada. Instintiva ou intuitivamente, parece haver a certeza de que aquela comunicação encontrará necessariamente outras consciências que como terra fértil e amanhada, estão prontas para receber a semente, germiná-la e fazê-la vir a ser frutos que lançará novas sementes em outros solos férteis. Ilusão? Talvez! Mas mesmo assim sigamos avante!

A idéia hoje é sobre Educação. Não que eu queira trazer idéia sobre a Educação em si, pois essa já existe no seu mais elevado grau de expressão: confronte-se João Comenius, Goethe no seu Wilhelm Münster Pestolazi e mais recentemente, a Pedagogia Walkdoir, criada pelo sábio austro-alemão Rudolf Steiner.

Esses homens deram tudo de essencial para a formulação de uma educação que atende a verdadeira natureza e necessidade do ser humano.

Eu quero falar, do descalabro, do sonho, embora eu admita com boa atenção do atual "Sistema Educacional".

Considerarei como desnecessário analisar todos os erros absurdos de tal “sistema”.

Em primeiro lugar, um sistema deve ser algo lógico. Antes ainda deve ter uma premissa verdadeira. E essas ambas as dualidades faltam. E assim sendo, percebemos o desperdício de tempo gasto em provar que o absurdo é absurdo.

Quem não pode atender, que em um País como o nosso, onde 30% da população sofre de variadas e gravíssimas carências, sendo a mais grave de todas, a de alimentos, acarretando com isso uma alta percentagem de perda de inteligência, quem não pode entender que essa tentativa da lei só poderia redundar em fracasso?

A idéia da habilitação profissional é boa, mas entre a idéia e a forma, é necessária inteligência prática, o que infelizmente faltou em nossos, técnicos, pedagogos e administradores.

Parece-nos que os técnicos e pedagogos só se ativeram ao interesse de manterem-se nos cargos ou funções para os quais foram convocados e assim só se empenharam em fazer parecer serem validas as fantasias dos administradores.

Antes da famigerada reforma, existiam algumas Escolas profissionais que apesar de não disporem dos mais modernos equipamentos e pessoal com formação (?) no estrangeiro, dispunham de professores com alto grau de idealismo e responsabilidade, resultando daí a preparação muito boa de jovens, todos os anos.

Estas escolas eram procuradas especialmente por jovens das classes econômicas menos favorecidas e por alguns de classes socioeconômicas alta, mas que estavam fortemente vocacionados para o exercício de uma profissão.

Aqueles jovens, de classe operária ou classe média inferior que buscavam estas Escolas, de lá saíam capacitados e eram solicitados no mercado de trabalho. Com melhores níveis salariais que seus próprios mestres.

Muitos deles ou teoricamente a maioria, (não disponho de dados estatísticos), prosseguiram com seus estudos e galgaram posições técnicas, científicas, culturais e econômicas que hoje pouquíssimos consigam através da formação dada no atual sistema educacional.

Hoje, o atual sistema nivelou todos, mas na incapacidade. E quem tiver dúvida sobre o que digo, procure saber quantos jovens se atrevem tentar ingresso na Universidade sem passar um ou dois anos gastando o que muitas vezes não tem, nos famigerados cursinhos pré-vestibulares.

Querem evidenciar maior de um sistema alienado? E se ainda pudéssemos dizer que os jovens que ingressam na Universidade dominassem alguma coisa em termos de conhecimento! Qual nada! Todo mundo sabe que ingressa na Universidade um batalhão de despreparados, desde a língua pátria, até os mais conhecidos conhecimentos.

Está claro que a juventude não é culpada por esse despreparo, mas por outro lado não deixa de ser responsável, quando procura tirar proveito, (mau proveito) desse caos.

Quem não ouviu, e não ouve constantemente, estudantes de todos os cursos e níveis comentarem que se não tivessem “colado” em tais provas não teriam “entrado pelo cano”.

Desse jeito quem vai entrar pelo cano somos nós, quando necessitarmos dos serviços desses “futuros profissionais”.

Parece claro também que a base para um aprendizado decente é que o estudante aprenda a PENSAR. Mas para aprender a pensar, é necessário liberdade de diálogo, de exame, de expressão.

No Brasil, me parece um milagre que haja inteligências lúcidas, pois desde sua descoberta vivemos sob o signo da censura e da repressão cultural.

Um esboço de democracia e liberdade tivemos no Brasil apenas no 2º governo Vargas e Kubistcheck. Antes e depois...

O governo tem como missão precípua defender os direitos de cada homem, promover o crescimento das instituições culturais, para que estas se tornem aptas de proporcionar cultura a todos os homens, cuja inteligência permita sua aquisição, para que cada um possa se tornar responsável ante ao direito do outro (veja Cartas para a Educação da Humanidade. De F. Schiller).

Em nome de nada é justificável amordaçar a inteligência.

Verdade é que a inteligência por si só não garante a ação moral, mas maior verdade ainda é que sem o exercício da inteligência e da liberdade não se chegara a uma verdadeira moral.

A capacidade de pensar tem como pressuposto a inteligência, desenvolvida. A de agir necessita ainda além dessa, sanidade emocional e mental.

A escola deve estar dotada material e humanamente com recursos para desenvolver a capacidade para observar, pensar analítica e sinteticamente, a fim de poder reconhecer as verdades científicas e morais, bases para a ação adequada à realidade humana, tanto quanto a sua natureza como reais necessidades, matérias, culturais e espirituais.

12.2

Data : 01/01/2010

Título : Poluição ambiental: suicídio coletivo

Categoria: Artigos

Descrição: quando se pressupunha que a Natureza existia para conveniência do homem...

Poluição ambiental: suicídio coletivo

“O ‘controle da Natureza’ é frase concebida em espírito de arrogância, nascida da idade ainda neandertalense da Biologia e da Filosofia, quando se pressupunha que a Natureza existia para conveniência do homem. Os conceitos e as práticas de entomologia aplicada datam, na sua maior parte, da Idade da Pedra da ciência. É nossa alarmante infelicidade

o fato de uma ciência tão primitiva se haver equipado com armas tão modernas e terríveis e de ao voltar tais armas contra os insetos, havê-las voltado também contra a Terra.”

Com este trecho, Rachel Carson encerra seu maravilhoso livro de divulgação científica, ao qual nós acrescentamos, ainda, para evidenciar o trágico da situação: ... E CONTRA O PRÓPRIO SER HUMANO.

PRIMAVERA SILENCIOSA é um livro de leitura inacreditavelmente agradável, mesmo contendo o suficiente de conteúdo científico e exatidão e revelando mais do que o necessário para deixar um 'DEMENTE' seriamente impressionado com o destino da humanidade, se continuar esse uso e abuso indiscriminado e criminoso dos 'defensivos' agrícolas e outros venenos produzidos e utilizados na indústria.

À página 27 encontramos: “O arsênico foi o primeiro carcinógeno elementar reconhecido como tal (isto é, como substância provocadora do aparecimento do câncer); ele foi identificado na fuligem das chaminés e relacionado ao câncer há cerca de dois séculos por um médico inglês”.

Não seria de suspeitar que o aumento da incidência de câncer esteja relacionado com o uso, não só do arsênico, mas também de outros venenos?

Não seria possível que o alto número de crianças excepcionais nesta região e também no mundo, tenha relação com os venenos usados na agricultura, na alimentação e na indústria em geral?

Não seria provável que o grande índice de câncer nesta região esteja relacionado com o uso abusivo de venenos na agricultura?

Não será possível que a água bebida por nós esteja contaminada pelos venenos chamados 'defensivos' agrícolas?

Quem já fez testes de análise química da água de nossas represas?

Afinal, quais são os rios que fornecem a água para a represa da CORSAN? Porventura não é a mesma água que escorre das lavouras?

Mesmo analisando e determinando as quantidades como muito abaixo do limite tolerado pelo ser humano, não devemos esquecer que essas substâncias se acumulam no organismo e aí vão chegar aos limites tóxicos.

Alguém poderia dizer que isto que escrevo despertaria pânico. Pois bem, você que defende e pensa que depende dos venenos (defensivos agrícolas), ou você que deseja

saber alguma coisa sobre o desastre que nos ameaça, você deveria ler o livro “Primavera Silenciosa”, para saber que a situação é mais grave do que na realidade se poderia dizer.

6.1

Ano : 2011

Título : O Monumento

Categoria: Artigos

Descrição: Há não, muitos anos, numa cidade reuniu representativa da atual civilização, reuniu-se um grupo de intelectuais e homens de negócios...

O Monumento

Há não, muitos anos, numa cidade reuniu representativa da atual civilização, reuniu-se um grupo de intelectuais e homens de negócios, todas pessoas influentes na comunidade. Eles eram pessoas inteligentes e pensavam ser necessário estimular as artes, todas as artes. Agora era a vez da Arte Plástica. Estes artistas teriam sua oportunidade de exercitar e provar sua capacidade criativa e perspicácia.

Essa comissão de homens cultos desejava, não apenas uma obra plástica. Eles queriam que os artistas descobrissem qual era o elemento mais característico da atual civilização.

Até hoje não ficou esclarecido se eles sabiam ou não qual era a característica da civilização presente.

O fato é que fizeram-se os preparativos. Tudo quanto é necessário para uma tal realização. Inscreveram-se os artistas. Foi dado o prazo. Marcada a data do julgamento.

Centenas de candidatem se inscreveram.

Dois aspectos eram os principais a serem levados em conta 1) a idéia, que deveria ser descoberta; 2) a concepção plástica. Uma verdadeira charada!!

A concepção plástica deveria ser apresentada na forma de projeto com todas as especificações técnicas e vir acompanhada da justificativa da idéia.

Na data da entrega dos projetos, apenas um artista o fez. Os outros, simplesmente desistiram do concurso ou declararam não ter podido descobrir esse elemento que caracteriza a civilização do presente.

Finalmente, reunida a Comissão julgadora, com apenas um trabalho para ser julgado, era, só verificar a adequação do projeto plástico à idéia e o aspecto estético do mesmo.

Ao abrirem o envelope que continha o projeto, notaram: o projeto plástico estava contido no outro envelope e ali no envelope aberto estava a justificativa, que a seguir transcrevo.

Digníssimos Senhores.

Promotores, Organizadores e Jurados do Concurso Monumento à Civilização.

Após lei as normas do Concurso, passei a meditar e ver se descobria o elemento característico e portanto principal da nossa civilização

Examinei todos os aspectos mais importantes. Ao final decidi pelo que agora levo ao julgamento de V. Sas.

Assim é que idealizei essa obra, que futuramente, tenho a certeza, será edificada em todas as cidades e locais em que os homens se consideram civilizados. Eles sentir-se-ão honrados sobre-maneira, em ostentá-la. Nenhuma cidade no futuro deixará de exigir não só um; mas muitos, muitos mesmo, desses monumentos.

Eles poderão ter fôrmas e tamanhos diferentes, mas todos serão a expressão da mesma idéia.

Poderá parecer-lhes exagero e pretensão de minha: parte, mas é minha convicção, que serei o ganhador do concurso, pois que minha obra será construída até mesmo em miniatura e será exposta nas salas de visitas, nos quartos de dormir, nas salas de aula, nós gabinetes dos chefes, nas repartições publicas.

Em toda parte haverá esses monumentos, até nas espaço-naves mandadas para outros mundos haverá essas miniaturas. E mais ainda, quando alguém for tirar uma fotografia, terá como fundo um desses monumentos; todas as pinturas, todas as decorações em paredes terão reproduções desses monumentos.

Não! Não pensem que é exagero!

Senhores! Eu lhes apresento o Monumento à Agressividade, à Impaciência e à Falta de Consideração ao Ser Humano. A obra que é simbolo dos nossos impulsos mais hostis.

A r r e d a ! ! ! Sai da frente, se não eu passo por cima !

Ei-lo: UM VIADUTO !

Dr. Getulio Vargas Zauza,

Psicólogo Clínico

Data : 01/01/2011

Título : A Psicologia na vida moderna

Categoria: Artigos

Descrição: A Psicologia na vida moderna, pelo Dr. Getulio Vargas Zauza, em três partes.

A Psicologia na vida moderna

A maioria das pessoas ainda não sabe qual a posição e importância que a Psicologia ocupa como conhecimento e como instrumento de trabalho.

Como instrumento de trabalho ela ocupa uma posição das de maior relevância em três campos fundamentais da atividade humana: 1) Psicologia Clínica, no campo da terapêutica, arte de curar; 2) Psicologia da Educação, como orientadora nos processos de aprendizagem; 3) Psicologia aplicada ao trabalho, quer seja como orientação vocacional e profissional ou como seleção profissional e treinamento de pessoal, especialmente em Relações Humanas.

Vamos hoje analisar o primeiro dos campos de atuação da Psicologia, isto é, a Psicologia Clínica, isto por ser ele que fornece os elementos mais importantes para os outros dois.

Pois foi por meio deste ramo da Psicologia que se chegou às formidáveis descobertas sobre

o processo de funcionamento de nossa vida psicológica. Pela Psicologia Clínica, foi que se descobriu a existência e importância dos níveis de nossa consciência: Consciente, Sub-consciente e Inconsciente.

A Psicologia Clínica abriu horizontes muitos amplos para a compreensão e tratamento de todas as doenças, tanto as de origem puramente psicológicas, como para as de origem fisiológica, microbianas e acidentais.

Foi pela Psicologia Clínica que se descobriu todo o maravilhoso processo de funcionamento de nossa vida psíquica, especialmente nos níveis subconsciente e inconsciente, bem como os mecanismos de influência da vida psíquica na nossa saúde ou doença e no nosso comportamento.

O processo terapêutico psicológico não utiliza medicamento. E isto é possível porque os sintomas que a pessoa sofre são de origem psicológica são devidos a problemas de ordem emocional, traumatismos, choques emocionais, geralmente de infância.

Essas vivências traumáticas ficaram esquecidas, mas continuaram no inconsciente e num dado momento, por razões as mais variadas, eles como que começam a se agitar, criando um estado de ansiedade, depressão ou outras formas de manifestação vulgarmente chamadas de NERVOSISMO. Muitas vezes são sintomas físicos. Em todos os casos eles não cedem à ação medicamentosa. São os estados neuróticos.

Mesmo a ação dos sedativos ou tranqüilizantes em geral não produzem a melhora desejada, pois uma vez cessada a ação do medicamento, retornam os mesmos sintomas ou então outros, fazendo com que a pessoa imagine que agora está sofrendo de outra coisa. Estas pessoas passam de médico em médico sem conseguirem uma cura. Por quê? Porque sua doença não se localiza no organismo e sim em sua vida psicológica, em sua alma.

O tratamento para tais pessoas só é efetivo se ela o realizar com um psicoterapeuta que é um Psicólogo Clínico, um Médico Psiquiatra que faça psicoterapia, ou um Médico Analista. Fora destes casos é pura perda de tempo e de dinheiro.

São estes especialistas que estão em condições de entender as causas da doença desse tipo de paciente e conduzir o tratamento para esses casos.

Para finalizar a nossa prosa de hoje devemos ainda dizer que a Psicologia Clínica tem condições de auxiliar as pessoas a evitarem de entrar em crise neurótica.

Hoje em dia uma pessoa que deseje aumentar o seu potencial de ação, que queira crescer no sentido de atingir uma maturidade maior, pode-se apoiar nas técnicas que um Psicólogo Clínico conhece.

Mesmo as pessoas normais deveriam buscar na Psicologia Clínica, através de uma psicoterapia de crescimento, elementos para atualizar a sua força criadora e produtiva.

Seria bom se cada um pudesse hoje, realizar uma psicoterapia de crescimento e amadurecimento.

A Psicologia, na forma em que está desenvolvida, já pode prestar um trabalho imenso em benefício da humanidade.

Seria ideal que não se esperasse a instalação de uma neurose para depois procurar o Psicólogo Clínico. Ele deveria ser procurado para uma terapia de orientação preventiva. Isto seria a melhor maneira de usufruir dos recursos que a Psicologia oferece.

Parte 2

No primeiro artigo desta serie apontamos os principais aspectos da Psicologia Clínica. Hoje indicaremos alguns aspectos da Psicologia Aplicada ao Trabalho.

Em primeiro lugar, a Psicologia descobriu e vem descobrindo sempre novos aspectos sobre a vida interior do ser humano e suas relações com as atividades que realizamos.

Por exemplo, devido ao alto grau competitivo e à grande variedade de atividades profissionais e de profissões; para que o homem as desempenhe com o máximo de rendimento e de satisfação pessoal, tornou-se necessário que sua profissão esteja adequada ao seu tipo biopsíquico. Quer dizer, é necessário que esteja vocacionado e além disso tenha aptidão, tanto com relação ao aspecto orgânico, como psicológico, isto é, quanto a temperamento e caráter.

Neste sentido a psicologia também progrediu muito. No Brasil este trabalho começou há mais de 25 anos com o Instituto de Seleção e Orientação Profissional¹ (ISOP), cujo primeiro Diretor foi o saudoso Prof. Dr. Emilio Mira y Lopes. Hoje o ISOP foi transformado na Fundação "Getulio Vargas", instituição modelar no ramo.

Sabemos que existe uma relação entre o tipo de personalidade e a função de trabalho.

Respeitar essa relação e proporcionar a adequação trabalho x homem é um ato que demonstra a inteligência de todo o empresário moderno que deseja aumentar a produtividade de sua empresa.

O indivíduo bem adaptado à sua função, rende mais, tem mais possibilidades de progredir e seu nível de auto-realização será satisfatório e daí seu desejo de colaborar será maior.

Naturalmente, não é suficiente que um funcionário produza, é necessário que seus superiores o reconheçam como eficiente e lhe proporcionem oportunidade de progredir.

Para possibilitar tudo isto, a Psicologia Aplicada ao trabalho dispõe de técnicas adequadas.

O problema do reconhecimento da capacidade e eficiência de um empregado é uma questão de chefia. E neste campo a Psicologia possui recursos formidáveis para treinamento de pessoal. Além de técnicas de liderança, dinâmica de grupo, relações humanas, etc., ainda temos o recurso da Psicologia Clínica, que permite ao homem de negócios ter uma visão mais profunda, especialmente no aspecto humano, isto é, por meio da remoção de preconceitos, barreiras e complexos, ele se torna mais apto para compreender o seu semelhante e tomar as atitudes adequadas que levam à harmonia as relações chefe-subordinado, evitando assim desgastes prejudiciais, inúteis e desnecessários. Muita coisa, neste sentido, poderia ser dita, mas não cabe no curto espaço de um artigo.

Um outro aspecto importantíssimo além da Seleção Profissional é a Orientação Vocacional e Profissional.

Todos nós sabemos que é na escolha da profissão que fazemos o nosso maior investimento. Na profissão nós investimos não só dinheiro e tempo, investimos propriamente nossa vida inteira, pois que o fracasso na profissão produz suas conseqüências em todos os aspectos de nossa vida, pessoal, familiar e social.

O candidato a uma habilitação profissional, especialmente a um curso superior deveria fazer sua opção somente após ter a certeza de que aquela profissão lhe é adequada.

No caso de não conseguir decidir-se sozinho, o candidato pode procurar um Psicólogo, o qual, mediante uma série de testes psicológicos e entrevistas e mais um exame médico orientando para o aspecto ergológico (do trabalho), fará uma investigação de suas aptidões e interesses profissionais.

Interesse e aptidão são os dois polos impulsores do indivíduo numa profissão e ambos devem existir em percentagem elevada para que ele se adapte e tenha sucesso na profissão.

A Psicologia dispõe de técnicas para avaliar esses dois elementos.

Além desses dois elementos deve ser levado em conta as condições de saúde, robustez e resistência física exigidas para o exercício das diversas profissões e atividades profissionais.

Em resumo, quer seja na Seleção Profissional para as empresas, no treinamento de pessoal, ou na Orientação Vocacional e Profissional, a Psicologia Aplicada ao Trabalho desempenha um papel de elevado caráter econômico, social e humanitário, pois a pessoa bem integrada em sua vida de trabalho tem mais chances de realizar-se na vida social, familiar e COMO PESSOA HUMANA, tornando-se portanto com condições de colaborar na solução dos problemas.

No artigo anterior abordamos o tema: Psicologia Aplicada ao Trabalho. Hoje trataremos: Psicologia na Educação.

Em primeiro lugar queremos esclarecer: ao falarmos de educação, estamos nos referindo tanto ao processo educacional realizado na Escola, como na Família, sendo que este último consideramos o mais importante.

É correto afirmar que, com tudo quanto a Psicologia descobriu sobre as leis do desenvolvimento psicológico, sua relação com o desenvolvimento físico e as leis da aprendizagem, hoje seria possível realizarmos uma educação modelo.

No entanto, quer do ponto de vista da educação propriamente dita, quer do ponto de vista do ensino, visto como técnica, ou didática, observamos que, em geral não estão sendo utilizados os conhecimentos que a Ciência psicológica já conseguiu. A Psicologia ainda continua sendo um patrimônio só de especialistas, quando já deveria ser de toda a humanidade.

A que se deverá este fato?

Ocorreu que toda a nossa Civilização Ocidental, que deriva da Civilização Arche-Persa, a qual cultuava o reino da Natura (o mundo dos sentidos) porém na forma correta, voltou-se de uma forma anormal para o mundo material, esquecendo-se quase completamente da vida anímica e espiritual como domínio a ser estudado e cultivado por todos os homens. Isto foi feito. Porém, num sentido oposto desenvolveu-se a Civilização Oriental que sofreu a influência da Civilização Arche-Indiana, a qual cultuava exclusivamente o mundo espiritual considerando o mundo dos sentidos como ilusão.

Daí a Civilização Oriental que se desenvolveu sob essa influência, ter também tomado uma decisão, um aspecto de misticismo, que afastou demasiado da realidade, permanecendo muito tempo nessa situação.

O fato de a Civilização Ocidental ter tomado esta direção incorreta fez com que deixássemos de procurar o conhecimento da nossa vida anímica e espiritual (psicológica) e na Civilização Oriental o fizessem numa forma inadequada ao estado de evolução da consciência humana, que sem dúvida se transforma, tanto na vida do homem como indivíduo, como da humanidade, no decorrer histórico.

Estas são as bases históricas do nosso processo educacional alienado da realidade.

Claro está, nós estamos citando os dois aspectos principais o mais facilmente percebíveis. As demais causas deste desleixo, não queremos analisá-las aqui.

O resultado visível disto tudo, é que o mundo atual se encontra num processo vertiginoso de crise em todos os aspectos, que só não deixa imensamente preocupados as pessoas que de algum modo parecem estar interessadas no caos, ou aquelas que estão adormecidas e por isso não conseguem perceber a direção que os fatos tomam.

A educação precisa ter como objetivo primordial, dar ao ser humano a capacidade para compreender (reconhecer) a si mesmo em sua totalidade, pois que somente isto lhe permitirá compreender o seu semelhante e o mundo. Este é o princípio socrático: "CONHECE-TE MESMO". E um dos, princípios cristãos: "A VERDADE VOS LIBERTARA". E qual verdade pode ser mais libertadora do que a verdade do homem total: corpo, alma e espírito?

Acredito que os amigos leitores também pensem que, o mais importante na vida é a felicidade. E que esta só pode ser alcançada quando temos um bom relacionamento

pessoal, familiar e com o mundo que nos cerca. Quantas pessoas dizem: “eu tenho tudo, tudo, não me falta nada, e, no entanto sou profundamente infeliz”.

É preciso pensarmos que toda a grandiosidade da nossa Civilização, que hoje, propriamente não é nem ocidental, nem oriental, só nos será útil e produzirá realmente o bem, se nós nos voltarmos para o conhecimento de nossa vida interior, dos processos, anímicos e espirituais.

A Psicologia, modernamente já possui os elementos necessários para conectarmos o trabalho de regeneração da nossa vida pessoal, familiar e social. Ela está aí não só com as leis, mas também com as técnicas, ao nosso dispor.

Utilizá-la, é, não só uma possibilidade, é mesmo um dever de cada homem, que ainda tem vida, inteligência, sensibilidade, fé e confiança em si mesmo e no Criador.

Todos deveriam poder beneficiar-se dessa Ciência, que é, em última instância, a atual esperança da humanidade.

Dizer que os professores deveriam ter maior acesso aos recursos da Psicologia, é afirmar o óbvio. Pois a eles cabe uma imensa parte da responsabilidade no destino das futuras gerações, mas tal como a Psicologia vem sendo posta a disposição dos futuros professores, é quase como dar um mapa a um homem que agoniza de sede num deserto, mapa este indicando onde poderá encontrar água, a uma distância que ele não poderá alcançar.

É preciso que as Universidades se dêem conta e tomem providências no sentido de equipar os futuros professores com conhecimentos dinâmicos da vida psíquica, como se consegue obter numa psicoterapia individual ou de grupo, porém completada com os necessários aspectos teóricos.

O conhecimento prático da dinâmica psicológica é o principal instrumento do educador, seja ele professor, pai, mãe ou simplesmente o adulto com quem a criança e o jovem convivam.

Dr. Getulio Vargas Zauza

Psicólogo Clínico

Do Jornal

O Nacional